



Universidad
Pontificia
Bolivariana

Acreditación Institucional
ALTA CALIDAD • MULTICAMPUS
Res. MEN No. 17228 del 24 de octubre de 2018 • 6 años

ALAIC

Asociación Latinoamericana de
Investigadores de la Comunicación.

Associação Latino-Americana de
Investigadores da Comunicação.



ALAIC 2020

Medellín-virtual • 9 - 13 de noviembre

DESAFÍOS Y PARADOJAS DE LA COMUNICACIÓN EN AMÉRICA LATINA: *las ciudadanías y el poder*

Memorias

ISSN 2179-7617

GT 9. Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación
GT9. Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação



ALAIC 2020
Medellín-virtual • 9 - 13 de noviembre

Desafíos y paradojas de la comunicación en América Latina: las ciudadanías y el poder

MEMORIAS (V.9/05/21)

GT 9. Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación

GT9. Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação

Coordinación de GT

Eva Da Porta (Argentina) evadaporta@gmail.com

Vicecoordinación

Marta Rizo (México) mrizog@gmail.com

Vilso Junior Santi (Brasil) vjrsanti@gmail.com

Profesora anfitriona UPB

Érika Jaillier Castrillón. erika.jaillier@upb.edu.co

Comité Directivo ALAIC 2018-2020

Presidencia: Gustavo Cimadevilla (Argentina)

Vicepresidencia: Gabriel Kaplún (Uruguay)

Dirección Científica: Tanius Karam Cárdenas (México)

Dirección Administrativa: Daniela Inés Monje (Argentina)

Dirección de Comunicaciones: Sandra Osses Rivera (Colombia)

ISSN: 2179-7617

Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación – ALAIC

Universidad Pontificia Bolivariana – UPB

2020

Nota: La publicación de las ponencias se hace con autorización de las y los autores de acuerdo con las condiciones publicadas en la convocatoria para la recepción de ponencias del XV Congreso ALAIC 2020. El contenido de los textos es responsabilidad única de quienes firman como autores.



Tabla de contenido

Saber comunicacional e a formação/manutenção de virtudes epistêmicas. Daiani Ludmila Barth.-----	5
Continuidades y rupturas en el pensamiento comunicacional latinoamericano: Eva Da Porta -----	16
La trayectoria del GT de Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación de ALAIC. datos para un análisis auto-reflexivo. Raúl Fuentes Navarro-----	33
El lado oscuro de la Comunicación. Oscar Bustamante -----	99
La investigación en Comunicación: un ejercicio inter y transdisciplinar para la constitución de un campo problemático. Eva Da Porta -----	109
Metodologia Antropofágica: problematizações sobre a experiência da crítica em pesquisas do campo da comunicação. Luan Correia Cunha Santos, Lisiane Machado Aguiar -----	125
Análisis de las metodologías y las fuentes de artículos científicos en revistas de comunicación. Antonio Castillo-Esparcia-----	138
Fundamentos teóricos e epistemológicos da compreensão como método. Dimas A. Künsch -----	158
Estrategia metodológica para el estudio del tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil. Sandra Poliszuk -----	170

Trayectorias de la investigación comparativa en Comunicación desde América Latina, 2000-2020.

Alexis Castellanos Escobar ----- 187

Comunicarse para movilizarse: teorización acerca de las prácticas etnocomunicativas del Consejo Indígena de Roraima (CIR).

Bryan Chrystian da Costa Araújo,, Vilso Junior Santi ----- 210

Estudios de audiencias en el marco del proceso de convergencia tecnológica. Problemas teórico metodológicos en torno a su abordaje.

Susana María Morales. ----- 231

Ficção e narrativas transmídia na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas de um estado da arte.

Anderson Lopes da Silva, Flavia Suzue de Mesquita Ikeda, Helen Emy Nochi Suzuki ----- 244

Mídias digitais independentes: percursos metodológicos de uma pesquisa.

Janaína Capobianco, Dimas A. Künsch ----- 259

Hacia una teoría cosmopolítica de la comunicación.

Verónica Araiza Díaz, Alejandra Araiza Díaz ----- 275

Cercanías y lejanías: Reflexiones sobre los aportes de Verón y Foucault para abordar la historia de los estudios en comunicación latinoamericanos.

María del Carmen Cabezas ----- 292

La comunicación como concepto transdisciplinar: la propuesta de la cibersemiótica.

Carlos Vidales Gonzáles ----- 302

Otra comunicación para otros humanos: una mirada epistemológica sobre la comunicación desde los pueblos indígenas.

Miguel Ángel Angulo Giraldo ----- 326

El cuerpo como objeto de estudio de la comunicación. Hacia una teoría de la comunicación con bases corpo-afectivas.

Marta Rizo García----- 345

La enseñanza de las teorías de la comunicación: aspectos críticos y desafíos para la formación de las carreras de grado.

Claudia Isabel Ortiz ----- 358

La articulación entre enseñanza e investigación en ámbitos interdisciplinarios: el caso de la Licenciatura en Comunicación en la FIC de Uruguay.

Mario Barité ----- 368

Cruces iberoamericanos: Latinoamérica y su contribución al campo académico de la Comunicación en España. Un análisis a partir de las tesis doctorales (2007-2018).

Rainer Rubira García, Carlos Lozano Ascencio ----- 396

Saber comunicacional e a formação/manutenção de virtudes epistêmicas

Saber comunicacional y la formación/manutención de virtudes epistémicas

Communicational knowledge and the formation/maintenance of epistemic virtues

Daiani Ludmila Barth¹

Resumo: O texto preconiza definir virtudes epistêmicas em sua relação com a construção do saber comunicacional. Busca explorar sua atuação na dinâmica de formação pesquisador/pesquisa o que repercute na esfera epistemológica comunicacional.

Palavras Chave: Saber comunicacional; Formação em pesquisa; Virtudes epistêmicas.

Abstract: The text seeks to define epistemic virtues concerning the construction of communicational knowledge. In this way, the formation research/researcher dynamics present problems that reverberate in the epistemological communicational sphere.

Key words: Communicational knowledge, Research formation, Epistemic virtues.

Introdução

Intenta-se, a partir do texto, articular o saber comunicacional e a formação/manutenção de virtudes

epistêmicas, recorrendo sobre o tema diante do processo de realização de pesquisa que caminha em contínuo, durante a experiência de vida da pessoa que se lança à pesquisa (MILLS, 1975; WILLIGES, 2018). Trata-se discutir teoricamente sua definição e

¹ Daiani Ludmila Barth, docente Univ. Federal Rondônia, doutora em Comunicação, Brasil, daiani.barth@unir.br

características (ABBAGNANO, 2007; PAUL, 2011) mediante postura de resgate da noção humanista, com vistas a buscar/apresentar elementos que aprofundem a questão nos estudos que envolvem o saber comunicacional. A entrada para o debate efetiva-se por meio da prática de pesquisa e da importância que a escolha de determinada concepção da ciência constrói ante a sociedade (FALS BORDA, 2009; WEBER, 2005).

As virtudes epistêmicas participam da construção epistemológica dos saberes, abrangem a ciência que se expressa via ordenamento quantitativo, hermenêutica ou ainda incursões interdisciplinares. Isso significa que a vertente teórica e o viés metodológico, implícitos em cada perspectiva, merecem consideração a respeito da conduta do sujeito pesquisador (KAPLAN, 1975). Aliado a isso, cabe a quem pesquisa garantir que a ciência seja neutra (KERLINGER, 2007) ao mesmo tempo em que, ao recordar Goffman (1985), tem-se a interpretação do papel social da pessoa que se lança a pesquisa, inserida no que intitula *modus vivendi* interacional, quando se reflete,

portanto, como se dá essa dinâmica diante da possibilidade de formação/manutenção de virtudes epistêmicas.

A caracterização das virtudes epistêmicas emerge como eixo de problematização, desde uma lógica apropriada da Filosofia e dos estudos sobre ética na comunicação (BARROS FILHO; LOPES; ISSLER, 2005). Alcança-se, assim, a efetivação de um caminho que permite entender desde que lugares se realiza a pesquisa como processo contínuo de construção do saber comunicacional. A formação na prática da pesquisa potencializa o debate, ou seja, busca-se teorizar a emergência formativa do pesquisador (BRAGA, 2016) ante o saber comunicacional. Nessa perspectiva, introduz-se a posição social e intelectual (GOFFMAN, 1985; BARTHES, 1975) de quem pesquisa, reunida ao modo de pensar criticamente (PEIRCE, 1877; RAMÓN Y CAJAL, 1979). O estímulo constante das virtudes epistêmicas, nessa instância, aciona o exercício metodológico para a vida acadêmica em uma dinâmica que busca efetivar-se constantemente, mas que também é falível.

Saber comunicacional e formação/manutenção de virtudes epistêmicas

A diversidade de temas que percorrem os estudos em torno do saber comunicacional² caracteriza um ambiente fértil de relações possíveis, onde emerge o desafio da especificidade. Em sua contradição, ou pelo fato de circular por entre os saberes, o que se constrói relativo à comunicação está em consonância com a Filosofia, na ausência de teoria dominante e na possibilidade de questionamento de outros saberes instituídos de áreas fechadas, universitárias ou profissionais (BOUGNOUX, 1999, p. 14). O cenário é o de divisão contínua, em um movimento de fragmentação e formação de especializações. Nesse contexto, as disputas por legitimidade científica demandam posições ideológicas de grupos, perspectivas ou modelos, que implicam na acumulação e distribuição de interesses alheios ao conhecimento dentro do campo (FUENTES NAVARRO, 2003, p. 27). Por isso, "em função da posição ocupada pelos pesquisadores no espaço social de posições universitárias"

(BARROS FILHO, 2005, p. 73), o fluxo de ideias paira na contramão da epistemologia viva.

A institucionalização, juntamente com a prática neoliberal, que monetiza o conhecimento e estimula o mesmo nas relações sociais, remete a uma conjuntura que também direciona a *práxis* da pesquisa a determinada finalidade e alcance de resultados, desde a hipótese lançada inicialmente. A experiência metodológica é a instância desconsiderada, onde se instala a conformidade (BARTH, 2019).

É esse contexto universitário, movido ao entendimento empresarial, capitalista e burocratizado (WEBER, 2005) que enseja a desvalorização da proposta formativa humanística das competências, onde prevaleça o valor da liberdade do pensamento. Essa discussão é essencial porque os incidentes ocorrem no tempo da pesquisa. Contudo, a tendência abrangente centra-se na competição, na busca pela eficácia e na aparente omissão quanto às atuações injustificadas. Essa perspectiva responde ao crescimento do pensamento unilateral, ideia criticada por Santos:

² Os estudos em torno do saber comunicacional no Brasil inserem-se na área Comunicação e Informação, mantidos por recursos de agências tais como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Como as técnicas hegemônicas atuais são, todas elas, filhas da ciência, e como sua utilização se dá ao serviço do mercado, esse amálgama produz um ideário da técnica e do mercado que é santificado pela ciência, considerada, ela própria, infalível. Essa, aliás, é uma das fontes do poder do pensamento único (2005, p. 53).

Há que se considerar que aquela pessoa que se lança a estudar algo passa por um processo transformador, quando emerge a criação e o estímulo às virtudes epistêmicas, em constante aprendizagem. A pesquisa pelo prazer de se fazer pesquisa é necessária. Isso indica a prática da ciência básica, sem necessariamente o uso ou a execução de produtos, bastando curiosidade e ideias. Com a curiosidade sobre o que se deseja estudar, a imaginação necessária atua para dar sua forma, um circunspecto, uma caracterização do que se pensa, uma maneira de resolver um enigma proposto. O intuito de encontrar uma resposta também traz a sensação de avançar, de percorrer o caminho, embora este esteja em processo.

No campo da Filosofia, as virtudes confundem-se com o próprio nascimento das questões filosóficas, desde Sócrates e a frase

“Conhece-te a ti mesmo”, englobando o questionamento moral cotidiano. No dicionário de Filosofia, define-se virtude como:

[...] termo que designa uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou o ser a que pertença. Seus significados específicos podem ser reduzidos a três: 1° capacidade ou potência em geral; 2° capacidade ou potência do homem; 3° capacidade ou potência moral do homem (ABBAGNANO, 2007, p. 1003).

Quando se especifica o terceiro significado, há que se considerar a continuidade hegeliana da capacidade moral “porque um ato moral não constitui virtude” (ABBAGNANO, 2007, p. 1003). No auge do Renascimento, e da centralidade teológica nesse quesito, Botticelli retrata em sua obra as sete virtudes plenas, entre os anos de 1469-70. As virtudes retratadas nas telas são: fortaleza (indicando força/coragem/valor); temperança (que se refere à moderação e a habilidade de controlar os instintos); fé (remete à crença); caridade; esperança; justiça e, por fim, a prudência.³ Justiça, juntamente com fortaleza, temperança e prudência eram consideradas virtudes cardinais, humanas,

3 A obra de Sandro Botticelli apresenta os títulos originais e tradução na língua inglesa, respectivamente: “La Fortezza/Fortitude”; “Temperanza/Temperance”; “Fede/Faith”; “Carità/Charity”; “Speranza/Hope”; “Giustizia/Justice”; “Prudenza/Prudence”. As telas que representam cada uma das virtudes constam no acervo digital da Galeria Uffizi, de Florença. Disponível em: <https://www.uffizi.it/> Acesso em: 29 jul. 20.

requeridas para viver uma vida regrada. Por outra perspectiva, fé, juntamente com esperança e caridade representam as virtudes teológicas cristãs, inspiradas por Deus na alma dos homens (ABBAGNANO, 2007).

As virtudes constituem objeto da ciência, requisito para sua fluidez, opção benéfica aos que se dedicam a procurá-las, integrando um conjunto moral, edificadas individualmente e entre pares. Assim, é possível a metáfora de caminhar na floresta, ao recordar-se da cognição moral de Thoreau⁴ e a imersão no presente, desviando-se de um processo reflexivo controlado e/ou extenuante, na possibilidade de abertura, de trilhar caminhos ainda não percorridos (WILLIGES, 2018).

Na prática da pesquisa, trabalha-se com a ideia de *illusio*, formulada por Bourdieu desde uma concepção, à princípio, operacional (OLIVEIRA, 2005). No âmbito da ação, encontra-se a *illusio*, que passa a ordem dos conceitos para entrar na ordem "(...) da rotina, das coisas que se faz, que fazemos porque todos fazem e sempre foram feitas" (BARROS FILHO, 2005, p. 47). Ao considerar a arte dos encontros, pessoas notáveis e reconhecidas demonstram determinada postura, trejeitos, modo de fala e estilo de texto, que ensejam condutas semelhantes entre os observadores.

A partir disso, permite-se a adesão ao jogo, às práticas consolidadas do fazer, e assim "(...) a aceitação plena de seus pressupostos: suas regras e troféus, é a crença indiscutível – porque nunca discutida – em sua importância" (BARROS FILHO, 2005, p. 48).

No que concerne à formação contínua, ocorre a atenção e honestidade com a prática da pesquisa, embora cobranças veladas ou diretas, a fim de seguir modelos teóricos e/ou metódicos, transformam-se em constante. A necessidade de reconhecimento, afinal, emerge, e determina-se em um panorama de disputa ideológica, citado anteriormente, na dinâmica entre pessoas que estão em início de suas pesquisas e aquelas que sustentam uma carreira estabelecida.

Tendo em vista essas ponderações, a discussão acerca das virtudes epistêmicas é precisa. Paul (2011) caracteriza-as em um conjunto universal de valores preconizados na prática cotidiana de quem pesquisa, também premissas básicas da epistemologia. Consoante o autor, os preceitos de honestidade, prudência, exatidão e equilíbrio compreendem o universo de habilidades, atitudes e virtudes que garantem a competência na atividade de pesquisa. Nem sempre, no entanto, é possível encontrar

⁴ Foi ensaísta, poeta, naturalista, filósofo e jornalista. autor do livro *Desobediência civil*

mecanismos que permitam seu pleno funcionamento, pois vícios baseados em sua ignorância incluem as crenças pessoais em território confuso e propenso a conflitos.

Na literatura especializada,⁵ bem como em Paul (2011), as virtudes epistêmicas distinguem-se a partir de dois grupos: *reliabilitye responsibility*. Essa distinção se dá ao primeiro grupo que indica as características de autenticidade que englobam visão, introspecção e memória, intrínsecas a quem pesquisa. As virtudes que provém do segundo grupo, compreendem a responsabilidade em torno da pesquisa e estão relacionadas ao que é próprio do intelecto, cuja aquisição ocorre ao longo da prática da pesquisa. Nesse conjunto, encontram-se a atenção, a imparcialidade, a abertura de espírito, a tenacidade intelectual e a coragem. Essas qualidades relacionam-se com as antigas virtudes do mundo clássico, sem muitas variações.

Arte de pesquisar e postura orientada pelo pensamento crítico

O contexto latino-americano emerge como indicador para pensar a construção do saber

A construção do saber comunicacional é também prática de leitura, do pensamento, da discussão e da escrita. O processo de disseminação de ideias se dá a partir da dinâmica proposta/vivida pela comunidade acadêmica, na qual se reforça o reconhecimento e legitimação do trabalho a partir do encontro entre pares. O artigo científico insere-se nesse quesito na medida em que, em leitura/lido, possibilita a desconstrução do paradigma que apresenta ou, ainda, a discussão do teor potencial do texto que fala, além de consolidar a socialização do ethos. Contudo, prospera a lógica de acúmulo de experiências que convergem para o enfoque em publicações com o intuito de atingir métricas e exigências de produção de conhecimento. Nesse panorama, emerge o cenário de (des)envolver-se da prática reflexiva e desviar-se das virtudes epistêmicas.

comunicacional, enquanto postura de investigação desde a prevalência do pensamento crítico. É necessário considerar desde que lugar se constrói a prática, no pertencimento a determinadas lógicas que atravessam as experiências e abarcam essa

5 Ver sua definição pormenorizada em Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/virtueep/>. Acesso em: 3 jul. 20

realidade, como exposto na passagem a seguir:

en nuestros países sub-desarrollados se acumulan en tasa geométrica los problemas por resolver, ya que tenemos por delante no sólo el deber de diseñar nuestras propias técnicas de investigación y manejo sino de estar al día con lo que ocurre en países avanzados, para controlar sus implicaciones en nuestro medio (FALS BORDA, 2009, p. 221).

O sentido protocolar normativo prevalece, no qual o sistema de tutelas (WEBER, 2005, p. 32) reproduz, de modo recorrente, a falta de estímulo no ingresso à conduta e ao empenho pessoal, construídos com base na autonomia, diálogo entre saberes e as pessoas que se dedicam à pesquisa. A representação da figura masculina, no modo de pensar dominante, é outro fator que corrobora esse sentido, cuja representação massiva repete-se pelo uso de jaleco branco, como ilustra Carvalho; Massarani (2017). Esse imaginário insere-se na linguagem cotidiana sem significar, de fato, aceitação passiva, pois o conhecimento genuíno interpreta, adapta-se e

é capaz de modificar normas. Essa conduta é fruto de elaboração metodológica, no decorrer da pesquisa e da vida da pessoa que se lança à pesquisa, lembrando Peirce: “Se existir alguém com uma dúvida viva sobre o assunto, deixem-no meditar sobre ela” (1877, p. 11).

As virtudes epistêmicas atuam nessa negociação de sentido, com esforços para a discussão e regulação de atuação ética.⁶ Ao considerar a construção da cultura epistêmica entre pares, há que atentar-se a Goffman (1985) e a definição projetada de uma situação. Reconhece-se, ainda, o processo espontâneo de busca pelo agir sustentável de pesquisa, cuja alternativa é reforçar o estímulo de aprendizagem dos estudantes (BRAGA, 2016), que propicie a construção de conhecimento considerando períodos de anomia, heteronomia, ou ainda, autonomia.⁷ Importa reforçar, contudo, que a experiência que consolida o papel social na ação da pesquisa significa também a capacidade de prestar contas para além de si mesmo (KAPLAN, 1975).

Compreende-se, de qualquer maneira, que a formação de virtudes é processo contínuo

⁶ Ilustra essa questão a iniciativa o Fórum das Associações de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas – FCHSSA, sobre a condução ética e de pesquisa que constitua comissão junto ao Ministério de Ciência e Tecnologia para a regulação e avaliação ética em pesquisas nesse âmbito para além da Biomedicina, na qual a discussão está atualmente situada. Disponível em: http://sociof.org.br/informativos/informativo57/05sociof_apoia/ (último acesso: 20/09/2020).

⁷ Anomia, heteronomia e autonomia têm origem grega. Etimologicamente, significam, respectivamente, “ausência de regras”, sujeitar-se a uma lei/vontade de outros, e capacidade de governar-se por si próprio (ABBAGNANO, 2007, p. 62; p. 97-98).

que se aprimora na prática da pesquisa, desde sua história de vida e desde que lugar se posiciona. Isto é, de fato, o que propõe Mills (1995), quando desenvolve a ideia de artesanato intelectual.

Nessa perspectiva, há que se considerar o acionamento do sistema de crenças de quem pesquisa, cujo processo é definido por Peirce como inquirição. O pensamento crítico forma-se a partir da dúvida ou, como inscreve o autor, a irritação dessa dúvida que promove um novo patamar de crença (1877, p. 5) em um exercício inesgotável.

Essa atividade, considerando Ramón y Cajal, enseja o descobrimento sem um talento especial, original, "(...) senão do senso comum melhorado e robustecido pela educação técnica e pelo hábito de meditar sobre os problemas científicos" (1979, p. 21). É interessante atentar para essa realidade, uma vez que o esforço coletivo em construir o imaginário que cola a ideia de ciência à inovação, também está presente na variedade de termos que se vinculam a determinados conceitos, como ilustra trabalho anterior acerca da compreensão do conceito metodologia desde o saber comunicacional (BARTH, 2019). Aliado a isso, a prática acadêmica que se produz nesse âmbito, concentra-se em torno da genialidade na

apresentação de resultados, na afluência que os meios exercem na visão instrumental da comunicação. As observações da vida cotidiana entram em consonância com esse cenário, na medida em que "(...) o indivíduo terá que agir de tal modo que, com ou sem intenção, *expresse* a si mesmo, e os outros por sua vez terão de ser de algum modo *impressionados* por ele" (GOFFMAN, 1985, p. 12). Weber, inclusive, aponta a necessidade de conservação do que chama *aristocracia espiritual*, "a mais árdua tarefa pedagógica", a ser cultivada nas universidades, a fim de se alcançar ideias autônomas (2005, p. 7).

A situação docente e o uso da fala compõem experiências onde a conscientização em torno das virtudes epistêmicas necessita atenção. Barthes, nesse sentido, examina: "(...) a linguagem é sempre poder, falar é exercer uma vontade de poder: no espaço da fala, nenhuma inocência, nenhuma segurança" (1975, p. 3). Aliado a isso, importa lembrar Kaplan e, nessa perspectiva, a necessidade do trabalho que abarque escutar outras vozes, outros saberes, afinal: "[...] o que se passa em determinada ciência é afetado não apenas pelo que se passa em outras, mas também pelo pensamento da época a respeito de questões religiosas, políticas, artísticas e outras mais"

(1975, p. 24). O saber comunicacional, desde o sentido interdisciplinar, está na centralidade desse contexto.

É interessante notar a recíproca atitude de benevolência no ato de reunir-se e assim, desviar-se da agressividade no uso da fala (BARTHES, 1975). Na contramão dessa premissa, atuam resistências de ordem cultural, imaginária e política, onde opera tentativas de cortesia (mentira humanista, segundo o autor) e o desejo pela fala que gere situações conflituosas, ou ainda, debates polêmicos, em que se salientem as contradições. Tendo em vista essa realidade, necessário se faz que o espaço da fala esteja fraccionado e submetido a vigilância.

Considerações finais

Os delineamentos expostos neste texto buscam trazer reflexões acerca da formação e manutenção de virtudes epistêmicas na construção do saber comunicacional. Procura expor sua definição e apresentar elementos que problematizam a dinâmica de formação de quem se dedica à pesquisa, que repercutem na esfera da cultura epistêmica.

Há que se considerar, por fim, que ocorrem tentativas nesse sentido, nos eventos e reuniões de grupos de pesquisa desde o saber comunicacional. Nessas oportunidades, a organização do uso da fala e tempo de cada pesquisador faz-se constante, sem a pretensão, todavia, de gerar a coesão e o entendimento ou, ainda, estimular, efetivamente, uma comunidade que compreenda que aquele espaço e uso da fala pode ser mais do que exposição oral, entrando na seara das interações face a face da atividade comunicativa⁸ e das ideias entre si. A fim de evitar iludir-se com esse imaginário, o pensamento crítico em torno das virtudes epistêmicas auxilia nessa conduta.

O apelo empresarial em que se centra o modelo de universidade interfere nas crenças internas construídas entre as pessoas envolvidas e altera, ao mesmo tempo que reduz, o sentimento comum em torno da ideia de comunidade, proveniente da concepção da universidade. O discurso da eficácia, todavia, paira de forma recorrente e alternativas quanto às condutas injustificadas suscitam

⁸ Em referência a palestra intitulada "O que é, afinal, Comunicação?", proferida pelo prof. dr. Adriano Duarte Rodrigues, professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, promovida pelo I Comunic-Ação: ensino, pesquisa e democracia, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia e pelo Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 10. Jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=crdlhkS5eTI>

debates em torno da integridade da pesquisa.⁹ A crítica quanto a esse panorama, que evita a manutenção desde a perspectiva humanista das virtudes, parte, sobretudo, na instância de diálogo entre os pares, o que configura a comunidade de encontro um meio profícuo nessa correspondência.

Importa ressaltar a oportunidade de diálogo, uma vez que, para construir/viver em prol de um conjunto de virtudes epistêmicas e sua ponderação crítica, faz-se necessária a dimensão comunitária, a vivência do encontro. Por isso, é necessário ressignificar os encontros/seminários/congressos em torno do saber comunicacional como potencializadores, oportunidade em que se exprime a socialização, de fato, da cultura epistêmica.

Ao buscar e relacionar-se com a produção de conhecimento, as interações favorecidas nesses momentos são a chave de oxigenação, participação e conversas em torno dos achados/temas de interesse comum. É preciso o tempo de maturação e a experiência de pesquisar que sempre é única. No âmbito da comunidade de encontro, compartilha-se o papel social da pesquisa, cujo retrato interativo permite o contato imediato de uns

com os outros e se trabalha a complexidade de discursos. O processo de problematização das questões para a construção consciente de espaços críticos é fundamental na formação e realização da vivência acadêmica. Para finalizar, recorda-se, todavia, que o conhecimento é expressão afetiva e requer empatia, na experiência formativa que as virtudes epistêmicas provocam, seus abreviadores, todavia, "(...) causam prejuízo ao conhecimento e ao amor" (DA VINCI, p. 16).

Referências

Abbagnano, N. (2007) Dicionário de Filosofia. Trad. (1ª ed.) Alfredo Bosi; rev. trad. Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Barros Filho, C.; Lopes, F.; Issler, B. (2005). Comunicação do eu: Ética e solidão. Petrópolis (RJ): Vozes.

Barth, D, L. (2019) Compreender metodologia desde textos científicos na comunicação. 1ª ed. Curitiba: Appris.

Barthes, R. (1975) Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios. Lisboa: Presença.

Braga, J. L. (2016) Aprender metodologia ensinando pesquisa: Incidências mútuas entre

9 A revista Pesquisa Fapesp aborda o assunto, em publicação recente sobre a promoção da integridade científica, intitulada "O papel decisivo das universidades". Disponível: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/09/22/o-papel-decisivo-das-universidades/> Acesso em: 10 out. 2017

metodologia pedagógica e metodologia científica. In: Moura, C. P.; Lopes, M. I. V. (Orgs.). Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 77-98.

Fals Borda, O. (2009) La crisis, el compromiso y la ciencia. In: BORDA FALS, O. Una sociología sentipensante para América Latina. Textos completos. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y CLACSO, p. 220-252. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/fborda/> (último acesso: 10/07/2019).

Goffman, E. (1985). A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis (RJ): Vozes.

Kaplan, A. (1975). A conduta na Pesquisa. Metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: EPU/EDUSP.

Kerlinger, F. N. (2007). Metodologia da pesquisa em ciências sociais: Um tratamento conceitual. São Paulo: EPU.

Weber, M. A ciência como vocação. [2005] Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf (último acesso: 10/07/2019).

Mills, C. W. (1975) Do Artesanato Intelectual. In: MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Trad.: Waltensir Dutra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 211-243.

Oliveira, P. P. Illusio: Aquém e além de Bourdieu (2005). Maná. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27457.pdf>

Paul, H. (2011). Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues. History and Theory, February, p. 1-19.

Peirce, C. S. (1877) A fixação da crença. Trad.: Anabela Gradim. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf (último acesso: 20/04/2019).

Ramón y Cajal, S. (1979) [1920] Regras e conselhos sobre a investigação científica. SP: USP, p. 9-23.

Santos, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Williges, F. (2018) O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza. Caderno IHU ideias. Ano 16, nº 271, vol.

Continuidades y rupturas en el pensamiento comunicacional latinoamericano

Continuidades e rupturas no pensamento comunicacional latino-americano

Continuities and ruptures in Latin American communicational thought

Zalazar, Oscar¹⁰

Molina Guiñazú, María Milagros¹¹

Zavala, María del Rosario¹²

Resumen:

Asistimos hoy día a la reemergencia de actores sociales que parecían olvidados después de la oscura noche de las dictaduras militares en América Latina. La aparición de fascismos de baja intensidad, el papel de los medios hegemónicos –que vuelve a ser el de encubrir las violaciones de los derechos humanos a nuestros pueblos- versus las demandas de justicia, participación y transformaciones

profundas de las sociedades marcadas por la egida del neoliberalismo, son los signos que nos imponen estudiar el pensamiento comunicacional latinoamericano desde nuestro sur. Ante estos síntomas crecientes y preocupantes, nuestra propuesta desde el campo de la comunicación, es hacer una relectura del corpus latinoamericano y de la tradición de la Escuela Latinoamericana de Comunicación Social (ELACOM) con el fin de

¹⁰ Oscar Zalazar. *Teoría de la Comunicación Social I, Licenciatura en Comunicación social, FCPyS-UNCuyo, Doctor en Filosofía, Argentina, grupozero07@gmail.com.*

¹¹ María Milagros Molina Guiñazú. *Teoría de la Comunicación Social I, Licenciatura en Comunicación social, FCPyS-UNCuyo, Doctora en Ciencias Sociales, Argentina, milagrosmolina@hotmail.com.*

¹² María del Rosario Zavala. *Teoría de la Comunicación Social I, Licenciatura en Comunicación social, FCPyS-UNCuyo, Doctora en Ciencias Sociales, Argentina, mrosarioza@gmail.com.*

preguntarnos por problemas propios e indagar en las diferentes respuestas que se dieron nuestros/as investigadores/as.

De la inicial comunicación horizontal a los mapas nocturnos propuestos en los 90 por Martín Barbero hasta las deconstrucciones del programa de modernidad, poscolonialidad, se han acumulado una serie de supuestas categorías *críticas* que es necesario revisar, sin abandonar las pretensiones de las tradiciones democráticas y emancipatorias de este pensamiento. En este sentido, consideramos que repensar la tradición latinoamericana de la ELACOM nos puede señalar caminos para abordar la construcción de la memoria necesaria y de la reposición de un futuro posible.

Palabras Clave: ELACOM, relectura, pensamiento crítico.

Abstract:

Today we are witnessing the re-emergence of social actors who seemed to be forgotten after the dark night of military dictatorships in Latin America. The emergence of low-intensity fascism, the role of the hegemonic media, which is once again to cover up human rights violations against our peoples, versus the demands for justice, The participation and profound transformations of the societies marked by neoliberalism are the signs that force us to study Latin American communicational thought from our south. In the face of these growing and worrying symptoms, our proposal from the field of communication is to reread the Latin American corpus and the tradition of the Latin American School of Social Communication (ELACOM) with in order to ask ourselves about our own problems and to investigate the different answers given by our researchers. From communication horizontal to the night maps proposed in the 1990s by Martín Barbero to the deconstructions of the program of modernity, postcoloniality, a series of supposed critical categories have accumulated that need to be revisited, without abandoning the pretensions of the democratic and emancipatory traditions of this thought. In this sense, we believe that rethinking the Latin American tradition of ELACOM can point out ways to address the construction of the necessary memory and the replenishment of a possible future.

Key words: ELACOM, rereading, critical thinking.

Texto principal

Es preciso despertar y organizar la solidaridad en tanto que necesidad biológica de mantenerse unidos contra la brutalidad y la explotación inhumanas. Esta es la tarea. Comienza con la educación de la conciencia, el saber, la observación y el sentimiento que aprehende lo que sucede: el crimen contra la humanidad. La justificación del trabajo intelectual reside en esta tarea, y hoy el trabajo intelectual necesita ser justificado.

(El hombre unidimensional, Herbert Marcuse, 1964)

Relectura, tradición e isegoría¹³

En la tradición latinoamericana, como tantas veces ha sucedido entre nosotros/as, el llamando a la tarea intelectual de organizar la solidaridad, el arma frente a la lógica darwinista del mercado, suscitó una ola de trabajos destinados a continuar, avanzar y profundizar una tradición, en principio universalizable, la del logon didonai, es decir, el de dar cuenta y razón de la crítica y la política, y específicamente la tradición de la isegoría en el campo de la investigación en comunicación social.

¿Cómo organizar esa solidaridad? Nuestra propuesta de relectura de la tradición latinoamericana en comunicación puede ser un camino fecundo. La lucha, varias veces

centenaria, de nuestros pueblos por sus derechos, siempre se ha vuelto a encender, a la luz de la defensa de la democracia, aun en los aciagos días del terrorismo de estado, otro episodio del genocidio con que se nos incluyó en la historia euronorteamericana. Hoy la expansión del orden de las transnacionales no puede ser detenida más que por medio de un contra-movimiento internacional y global. Y otra vez, es la solidaridad, de los ciudadanos/as de la patria grande, el arma y el factor decisivo.

Las innumerables crisis de deuda, fuga de capitales y destrucción de los procesos democráticos, los flujos y reflujos de nuestro proceso social, marcan saltos al vacío. Así,

¹³Isegoría procede de *ισος* (isos = todos) y *αγορα* (ágora=asamblea), y significa un sistema en el que todos hacen uso de la palabra de igual a igual.

estos fenómenos de destrucción social en el inicio del siglo XXI, parece que nos conducen, de nuevo, al siglo XIX.

Desigualdad, pérdida de derechos, desconexión, nos devuelven las imágenes de una sociedad reprimarizada. Imágenes de la indigencia, la marginación y la violencia pueblan nuestras vidas cotidianas y se multiplican en las pantallas. Emerge, por todos lados, la necesidad urgente de retomar el camino democrático.

En este escenario nos interesa la relectura de la tradición de la Escuela Latinoamericana de Comunicación Social (en adelante ELACOM).

Dicha tradición podemos caracterizarla en su doble vertiente, el de llevar a la reflexión académica los problemas de la comunicación en nuestras sociedades, y el de trabajar en pos de la democratización de la comunicación. La reflexión epistemológica y metodológica está asociada al interés ético político, organizado sobre el modelo de la isegoría. Hacer ciencia es pensar científicamente los problemas de la comunicación social, en el contexto de las sociedades latinoamericanas, cuando la hegemonía norteamericana organizaba comunicacionalmente el mundo.

Desde la década del sesenta, la preocupación de los/as académicos/as

latinoamericanos/as por revertir los flujos de la información, discutir la doctrina del libre flujo de los procesos de información en el marco de las teorías del difusionismo y del desarrollo, establecidos en la lógica de la Guerra Fría, se concretará en el programa, a largo plazo, de la comunicación horizontal. El derecho de ver y ser visto/a, de oír y ser oído/a y de escribir y ser leído/a, independientemente del poder que otorga el dinero, la clase, la raza o el género. Es decir, la democracia y la dialogicidad fueron las dos tareas de nuestros/as investigadores/as en el origen a esta tradición.

Releer supone retomar estas tareas desde el presente, es decir, los comienzos y recomienzos de esta misma tradición de la que venimos hablando. Se trata de un sujeto singular, complejo y heteróclito: nosotros/as mismos/as, los/as latinoamericanos/as.

¿Cómo pensar los actuales problemas de investigación en comunicación social? Desde nuestro punto de vista es imprescindible una historia de nuestros problemas en el espacio de la comunicación. Memorias de la lucha, combinadas a la idea de proyecto.

Las demandas por un pensamiento renovado surgen, entonces, como una necesidad de este panorama social, y el esfuerzo por construir una nueva caja de

herramientas parece imponerse en la escena contemporánea.

Así lo atestiguan las producciones surgidas bajo la égida de la crítica al eurocentrismo de corte wallensteiniano, refundidas en el proceso multiétnico del Ecuador y la República plurinacional de Bolivia, como son las posiciones decoloniales y posmodernas, sumadas a la comunicación de buen vivir, la comunicación intercultural constituye un campo riquísimo de nuevas reflexiones. Se suman a éste ciertas corrientes del pensamiento poscolonial, tanto las del portugués de Sousa Santos como las lecturas que retoman las tradiciones de la negritud y de la creolité. Sin olvidar los movimientos locales de comunicación colectiva, surgidas en los 70 desde las luchas de las radios mineras, de las radios campesinas, de las

Primera Generación de la ELACOM. La emergencia de la tradición

Nadie como el investigador brasileño José Marques de Melo puso tanto énfasis en la tarea de institucionalizar los estudios para rescatar el pensamiento comunicacional latinoamericano (Leon Duarte, 2007). Se trata de un saber, nos dice, mestizo, autóctono y

mujeres y los obreros, los favelados y los barrios populares.

Un camino adecuado para guiarnos en este nuevo laberinto, es retomar el sentido histórico, nunca destinado a rumiar el pasado, sino destinado a saber exactamente

cuanto es la fuerza plástica de un hombre, de un pueblo, de una cultura, me refiero a esa fuerza capaz de crecer originalmente a partir de sí misma, de transformar lo pasado y lo extraño, de curar heridas, de reemplazar lo perdido, de configurar de nuevo las formas quebradas" (Nietzsche, 1997, pág. 32)

Globalización, mundialización y recuperación de las iniciativas populares y democráticas de los espacios locales, nacionales y latinoamericanos, como así también la aspiración de una comunicación horizontal, entre los que habitamos el sur y sostenemos que el sur es nuestro norte.

popular. No la mera recepción de teorías críticas o instrumentales, ni tampoco de la aplicación de teorías al contexto (exótico) latinoamericano. Mestizo porque es el resultado del trabajo teórico, de una reflexión epistemológica sobre los problemas comunicacionales en el espacio latinoamericano y de un compromiso ético político articulado íntimamente a esa

reflexión. Autóctono porque se ocupa de nuestros problemas. Y, popular porque está articulado a la lucha de los ciudadanos/as de nuestra América. Desde esta perspectiva cuando nombramos tradición latinoamericana no nos referimos a esas apretadas y deshilachadas construcciones realizadas como un conjunto heterogéneo de trabajos de investigadores/as latinoamericanos/as sobre comunicación en América latina, como si aquellos se vincularan con un escenario y, en definitiva, no importaría a cuál, sino de afrontar los problemas donde el drama de investigar se juega el día a día, entre las fuerzas de la concentración y la hegemonía. Se trata más bien de entender la ELACOM como un proyecto académico y político destinado a poner(nos) como sujetos productores/as de mensajes, de bienes y cultura; como corriente de una investigación híbrida y mestiza que sin embargo mantiene una impronta de permanente renovación ético-política.

Con este trabajo nos interesamos por retomar, por nuestra cuenta y de ampliar, si es el caso, las preguntas sobre el proyecto político académico de la ELACOM. Tal como lo expresa Luis Ramiro Beltrán (2005) en el principio fue la práctica. Justamente, al final

de la década del cuarenta y al empezar la del cincuenta, nació una de las experiencias más fecundas en la tradición en comunicación en América Latina: las radios educativas; las cuales se identificaron como un movimiento de comunicación popular¹⁴, especialmente de carácter político-cultural. Entre las primeras radios educativas latinoamericanas, destacaron las experiencias de Colombia, Ecuador y Bolivia. En 1947, el sacerdote católico José Joaquín Salcedo inició en Colombia la que él mismo bautizó como la “Revolución de la Esperanza”, al comenzar la programación educativa de Radio Sutatenza, con un transmisor artesanal, en la zona de influencia de su parroquia. Dos años más tarde, obtuvo una licencia legal para transmitir, y sus programas culturales y educativos comenzaron a hacerlo en un área de más de mil kilómetros. Con el tiempo Radio Sutatenza se trasladó a Bogotá y la emisora pasó a formar parte de Acción Cultural Popular (ACPO), organización creada para expandir las actividades de educación a distancia y proporcionar, a ocho millones de adultos/as de las áreas rurales colombianas, los medios para asumir la responsabilidad de su propio desarrollo.

¹⁴También llamada comunicación educativa, comunitaria y alternativa.

Por otro lado, en Bolivia aparecieron las radios mineras, que cobraron notoriedad con el movimiento revolucionario de 1952. Éstas se caracterizaron por practicar la comunicación horizontal, participativa, dialógica y alternativa, además de constituirse en el eje de la convocatoria a las asambleas populares y a la lucha por la transformación social.

Estas experiencias *liberadoras* tempranas, constituyeron en la región, una experiencia de primer orden en la construcción del proyecto ético-político de la ELACOM (Beltrán, 2005).

Según Marques de Melo reponer la tradición latinoamericana es una tarea académica en común: se necesita de una reconstrucción de nuestra tradición moderna (Ortiz, 1987), una historia crítica, que abarque desde las primeras escuelas de periodismo, pasando por la creación de los centros de estudios superiores como el Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL), en el Ecuador, que entre los años 1950 y 1970 preparó la crítica a la *Mass Communication Research* con su funcionalismo, difusionismo y estructuralismo.

Antonio Pasquali publica en 1963 *Comunicación y cultura de masas*. A partir de esta obra introduce la teoría crítica o razón

negativa, destinada a revisar la crítica a la razón instrumental, determinante, según el autor, de la sociedad de masas en condiciones inhumanas o alienantes. La solución frente a la alienación es "fortalecer a cada individuo como perteneciente a una comunidad: como saber vivir en libertad, como respecto al sentido del valor, como recuperación de la capacidad para juzgar su realidad y aspirar a una mejor" (Torres Ugarte, de los Reyes, 2009, pág. 78). La visión trágica y apocalíptica de la Escuela de Frankfurt sirve de marco general a una poco flexible teoría de la manipulación de las masas.

Tal vez el investigador más brillante de esta generación sea Luis Ramiro Beltrán, quien afirma un posicionamiento epistemológico fundamental, desde nuestra perspectiva:

Parece que la mayoría de la investigación en comunicación continúa evitando encontrarse frente a frente con la sociedad como un todo.

¿Quién posee actualmente los medios de comunicación y a cuáles grupos de interés responden éstos? ¿Existen límites éticos respecto de la eficacia en persuasión? ¿Qué está haciendo la televisión a la gente y con ella? ¿Tienen las minorías acceso equitativo a los canales de comunicación no sólo como

receptores, sino como emisores? ¿Debe la retroalimentación permanecer indefinidamente sólo como un instrumento para asegurar la respuesta perseguida? ¿Están los periódicos norteamericanos y sudamericanos presentando a sus sociedades un panorama real de la situación mundial y del papel de su país en ella? ¿Cómo y por qué se comunican los problemas sobre raza, energía, drogas, ecología y religión a los pueblos? ¿Ejerce el Estado algún control sobre los intereses norteamericanos de comunicación en el extranjero? ¿Hasta dónde se debería permitir que la publicidad siga exacerbando al consumidor en una época de grave crisis económica? Estas son preguntas que no parecen despertar el interés de la mayoría de los investigadores en comunicación o atraer los recursos de la mayoría de las entidades que financian investigaciones. (2000, pág. 102)

Para nuestro autor cuestionar el modelo de investigación de difusión implica, en este caso, desafiar las hipótesis en las cuales éste parece afincarse en la comprensión de la comunicación como un acto unidireccional y destinado a modificar los comportamientos de los públicos masificados en forma mágica e instantánea.

Por otra parte, Eliseo Verón (1967) se caracteriza en esta primera generación, como un autor clave para interpretar las principales cuestiones y fuentes de una propuesta comunicacional precursora en América Latina. Desde sus inicios se ocupa de traducir y producir modelos teórico-metodológicos que enriquecen la investigación en comunicación hasta la actualidad (antropología estructural, semiología, comunicación transdisciplinar y la sociosemiótica). En efecto, Verón genera propuestas en los términos de investigaciones de base empírica de fuerte oposición a las concepciones y los procedimientos funcionalistas vigentes (Maldonado, 2009).

Sin embargo, como todo proyecto fecundo siempre está inacabado, todavía en la Declaración de Costa Rica de 1974, primera reunión de investigadores en la región en comunicación social, se reclaman las tareas por cumplir. No se ha construido un marco epistemológico propio y se sigue adoptando acríticamente metodologías extranjeras. Se debe mantener, como una constante, el compromiso ético-político del investigador. Hay que iniciar la necesaria sistematización y generalización de los datos obtenidos. Se mantiene el énfasis crítico en los estudios cuantitativos, centrados en la prensa. Se

espera la necesaria superación de estos aspectos, deseo que se repetirá a lo largo de los años.

Todos estos complejos planteos, propios del proyecto académico político de la ELACOM, se plasmaron fuertemente en la construcción del documento fundador del Nuevo Orden Mundial de la Información y la Comunicación (NOMIC) a finales de los setenta. El famoso Informe Mc Bride comprobó algo que se venía denunciando desde varios años antes en la región: la existencia de un profundo desequilibrio informativo y tecnológico entre los países del hemisferio norte y del sur en todos los planos, tanto en las infraestructuras materiales como en los flujos informativos, y relacionó estos hechos con las posibilidades de crecimiento y dependencia. Era la voz del Tercer mundo, el reclamo de un orden más justo.

Tal vez una de las tareas más destacada del informe fue la recomendación de crear sistemas nacionales de información, como base para constituir visiones propias desde la producción de contenidos noticiosos y contrarrestar así paulatinamente el control unidireccional de flujos informativos desde los

países del Norte. Igualmente se pensaba, como una especie de segundo paso estratégico, en el intercambio a partir de estos sistemas nacionales, la construcción de redes y agencias regionales lo cual podría ayudar a distribuir de manera más equitativa la información y promover un desarrollo más justo entre nuestros países.

Todavía en los 1990, a propósito de un aniversario del Informe Mc Bride, se reunieron en Lima varios/as investigadores/as, profesores/as y comunicadores/as populares, para producir el documento llamado la Declaración de Lima (Fuentes Navarro, 1991, pág. 58). En este evento se reafirmaron los ideales de esa Nueva Comunicación.¹⁵

Sin embargo, fueron los proyectos de concentración de multimedios los que lograron un aprovechamiento implosivo de la apertura del mercado y las sucesivas reformas de los estados neoliberales. Rafael Roncagliolo (1995) esforzadamente combate la integración en la economía global sin defensas. La tarea pendiente de convertirnos en productores/as de mensajes aún no ha tenido éxito en Latinoamérica, en su opinión, debe ser el Estado, el impulsor de las políticas

15 Plasmados en 5 puntos clave: a) la democratización plena y efectiva de la capacidad de generar, difundir y recibir mensajes y la obtención de legislaciones que garanticen niveles satisfactorios de pluralismo y participación en las comunicaciones; b) la libertad real y objetiva de todas esas fuentes de emisión y recepción, libertad concebida tanto en su acepción negativa (ausencia de constricciones y manipulaciones económicas y políticas) como en su acepción positiva (posibilidad efectiva de elegir canales, argumentos y audiencias); c) la diversidad y soberanía en la solución a los diferentes problemas internacionales, nacionales o grupales de la comunicación; d) la vital necesidad de convertir las sociedades básicamente receptoras y dependientes en sociedades productoras de noticias, mensajes y programas, sin lo cual nunca se alcanzarán metas mínimas de equilibrio, reciprocidad o integración; e) la calidad técnica y estética de los mensajes y la suficiencia de los recursos e infraestructuras de la comunicación. (Fuentes Navarro, 1991, pág. 60)

de comunicación y de integración. Todo campo público emergente, afirma

Segunda generación. La crítica a la ilustración

Sin exagerar, podríamos decir que una segunda generación de la ELACOM surge fuertemente alrededor de los trabajos de Jesús Martín Barbero (1991; 2002), sobre todo por su impulso para ampliar el campo de la comunicación superando el mediacentrismo, el análisis de contenidos y el paradigma de los efectos. Desde su perspectiva, el interés se desplaza hacia la perspectiva de las mediaciones y usos sociales de la comunicación; pero también a la hibridación cultural, propuesta por Néstor García Canclini (1982; 1990); a los procesos de globalización/mundialización de Renato Ortiz (1997). Es decir, una línea destinada a echar luz sobre los usos y prácticas culturales de las clases populares latinoamericanas. La pregunta que sintetiza el interés teórico es ¿Qué hace la gente con los mensajes?

Según Martín Barbero, la Ilustración, como movimiento cultural, toma la palabra en nombre del pueblo, pero a la vez, lo considera el lugar de las tradiciones oscurantistas, de la irracionalidad y la barbarie. La primera tarea para deconstruirla será superar el odio

Roncagliolo, tendrá que surgir de abajo, en el nivel de la producción local y comunal.

aristocrático a la cultura de masas, y sustituirlo por el descubrimiento del carácter de cultura de lo que viene del pueblo.

Sobre el alcance e interpretación de los/as espectadores/as, se desarrollan dos movimientos cruciales que han conformado el análisis comunicacional en América Latina que toman como objeto los medios, el estado y la cultura popular. Uno más bien destinado a dilucidar la propiedad y el funcionamiento de los medios de comunicación social, dentro de los cánones clásicos de una economía política de la comunicación; y, otro más relacionado con la cultura popular y el pensamiento latinoamericano.

En el trabajo de Armand Mattelart (1994) encontramos la formulación más elaborada de la primera tendencia. En su análisis de las audiencias encontramos un fuerte rechazo un análisis cultural separado de las estructuras clave del poder económico, mediático y cultural. El autor sostiene que una de las consecuencias conceptuales del pensamiento en términos de cultura es la eliminación de la disidencia. Así, la asunción de la libertad de expresión encarnada al menos en algunas formas de hibridación (concebida como

nuevas combinaciones de elementos culturales), autoexpresivas, es meramente la libertad de expresión comercial. El mercado libre está ligado al populismo, que es la base de una teoría de la audiencia activa, que en sus versiones más radicales tiende a igualar la adquisición de poder con el propio consumo. Tales planteamientos tienden a dejar a un lado cuestiones de subordinación cultural, determinismo económico y por supuesto, objetividad científica en la perspectiva del autor.

La segunda perspectiva se organiza sobre el análisis de los consumos culturales. Tanto en los planteamientos sobre las culturas híbridas de García Canclini, como el desplazamiento metodológico impulsado por Martín-Barbero. Se sostiene la necesidad de una nueva formulación teórica vinculada por el rechazo de la doble problemática del imperialismo cultural y la política nacional de comunicación, características del momento anterior.

García Canclini (1995) afirma que las sociedades globalizadas se caracterizan por dos procesos: En primer lugar, la descolección de bienes simbólicos, esto es, el reordenamiento individual de productos culturales en función del gusto personal y no de los cánones de consumo establecidos y

consagrados socialmente. El autor afirma, con esto, la importancia de analizar el consumo cultural como una actividad sociopolítica activa: "Consumir es participar en un escenario de disputas por aquello que la sociedad produce y por las maneras de usarlo" (1995, pág. 60). Junto con lo anterior se da un proceso de desterritorialización que implica "las pérdidas de la relación natural de la cultura con los territorios geográficos y sociales, y al mismo tiempo ciertas relocalizaciones parciales de producciones simbólicas antiguas y nuevas." (García Canclini, 1995, págs. 228-229)

Así, la globalización ha desplazado por completo las relaciones entre economía y cultura. Se invoca a la ciudadanía como posible contrapeso al impacto de las relaciones neoliberales de mercado. Sin embargo, no es esta la concepción habermasiana en la que se separa el/la consumidor/a irracional del/la actor/a político/a racional; en su lugar, se trata de un argumento para considerar conjuntamente consumo y ciudadanía y, por lo tanto, transformar nuestro pensamiento sobre ambos. Con arreglo a esta concepción, la ciudadanía cultural provoca un desplazamiento de la idea formal de la calidad de miembro de un estado a las prácticas

informalmente restringidas de pertenencia que se relacionan con grupos dados (García Canclini, 1995, pág. 19). La cultura popular y

¿Hacia una tercera generación?

Sin embargo, la globalización desplazó a la mundialización, y la sociedad se ha vuelto más líquida, más inestable, más impredecible, como el capitalismo financiero, pastiche y esquizofrenia. El diagnóstico es: las sociedades postfordistas; la mundialización como proyecto siempre aplazado; el neoliberalismo como retorno convulsivo de lo mismo; la preocupación por los cambios en el mundo de la comunicación y la información asociados a las clases populares. Así, se continúa con los frentes culturales e identidades complejas de hasta las experiencias de producción creativa de los/as espectadores/as. Internet ha contribuido a la formación de nuevos públicos, pero también a nuevas formas de manipulación. Si queremos retomar a tradición de la ELACOM, las nuevas preguntas debemos hacerlas de cara a los nuevos problemas de nuestras sociedades (Beltrán, 2007).

En este panorama el/la espectador/a se ha vuelto un/a actor/a empoderado/a de su propia experiencia de la cultura mediática, o

la ciudadanía en el espacio latinoamericano se incorporan al estudio de la comunicación como proceso social complejo.

un títere de las operaciones de los poderes hegemónicos.

De acuerdo con Ignacio Siles González (2004), este dilema se resuelve investigando en las tendencias a la diferencia, a la otredad, y a la diseminación ya que posibilitan nuevas subjetividades. Esta perspectiva se centra en "la creatividad cultural de las personas ordinarias" (pág. 79) porque se trata de estudiar las formas en que los/as usuarios/as de un producto lo utilizan de formas alternativas a aquellas esperadas por sus productores/as. En ese sentido,

En lugar de suponer un consumo pasivo de cualquier objeto, el investigador francés propone una noción de consumo como actividad creadora. En este sentido, toda cultura provee un conjunto de operaciones por medio de las cuales el usuario se separa de una racionalidad dominante de uso. (Siles González, 2004, pág. 79)

Estos usos alternativos pueden ser entendidos como formas disruptivas, transformadoras de las formas de vida cotidiana.

En esta dirección se establece la noción de ecología de los medios, entendida esta como

un sistema complejo que contempla diversos procesos interrelacionados de producción, distribución, consumo y apropiación de bienes y mensajes. Desde esta aproximación se puede dar cuenta de los cambios culturales y generacionales que están viviendo los/as jóvenes, no solo por los nuevos usos que estos le dan a las nuevas tecnologías (especialmente a Internet), sino porque sus relaciones sociales y procesos de identidad estarían también atravesados por experiencias mediatizadas (Orozco Gómez y Vasallo de López, 2010)

Trasladando las ideas anteriores al terreno de la cultura audiovisual contemporánea, algunos autores como Nicolás Bourriaud (2009) señalan que usar y consumir imágenes digitales implica apropiarse de ellas y es aquí donde los límites entre los procesos de consumo y producción audiovisual tienden a desaparecer. Cuando se habla de producción como parte de los procesos de consumo cultural, con relación al audiovisual, no se hace en un sentido solamente especializado, técnicamente depurado. Obviamente, se plantea la producción bajo la conciencia de que no todo/a usuario/a de Internet, en general, o de los productos audiovisuales que gracias a ella circulan es necesariamente partícipe de esa dinámica. Es decir, consumir,

por ejemplo, una película por Internet no necesariamente generará una producción de igual forma por parte de quien la ha consumido, pero sí la hará objeto de un uso que tendrá ciertas y diversas consecuencias. La película, siguiendo con el ejemplo, podrá ser descargada, vista y archivada únicamente, o bien, podrá generar ciertas acciones que suponen una forma específica de creatividad.

De acuerdo con Alonso (2010), esta forma de productividad va depender de las formas de apropiación del consumidor/usuario con respecto al medio. La apropiación aquí se plantea como

el proceso simbólico de construcción de sentidos personales y sociales que elaboran los actores socio históricamente situados, es decir, a partir de sus contextos socioculturales, y en cuya incorporación se transforman a sí mismos. Los usos de los medios se articulan de manera compleja y multidimensional a procesos, instancias y estructuras económicas, políticas y culturales. (Alonso Alonso, 2010, pág. 15)

Así, de un modo procesual e histórico, en la producción de pensamientos comunicacionales para América Latina confluye un saber teórico empírico que hoy en día encuentra propuestas y enfoques particulares respecto a los procedimientos metodológicos, configurador de teorías, experiencias y métodos que distinguen

concepciones comunicacionales no instrumentales ni lineales.

En esta escena, son de reciente aparición trabajos ocupados en la compilación, la difusión y el tratamiento de procedimientos metodológicos e investigaciones que abordan específicamente la teorización y problematización de los métodos de investigación comunicacional, para dar cuenta de problemas concretos a nivel regional. Es el caso de los trabajos del brasileño Alberto Efendy Maldonado (2011), quien junto al Grupo de Investigación Procesos comunicacionales: epistemología, mediatización, mediaciones y recepción (PROCESSOCOM; Universidad de Vale do Rio dos Sinos, Brasil), tiene en la problemática de los métodos la cuestión central de sus argumentaciones.

En igual tónica, otra obra actual clave para la revisión de procedimientos metodológicos es la Guillermo Orozco y Rodrigo González (2012), quienes en su "coartada metodológica" plantean la simplificación de algunos de los conceptos más espinosos y recargados para la comunicación social, a la vez que proponen una estrategia concreta para el desarrollo de una investigación científica en este campo. Tanto este trabajo, como los del PROCESSOCOM apuntan a una epistemología comunicacional de corte

regional, que toma como marco referencial la ELACOM, pero que, a la vez, no son propuestas aisladas e inconexas con las de otras latitudes, sino que más bien, se dan en consonancia con la perspectiva crítica de aquellas, a retroalimentarse con las perspectivas que se ocupan de la práctica investigativa (Bourdieu, 1999) y el pensamiento poscolonial (De Sousa Santos, 2009), entre otras.

Desde estos marcos de referencia, es la propuesta por una transmetodología que se vuelve de sumo interés en los términos de concepciones metodológicas transformadoras. Se trata de una postura heurística-interpretativa sobre los problemas y objetivos de la investigación, la construcción del objeto empírico y el desarrollo de la dimensión teórico-metodológica de ésta, de modo que, "La problemática comunicacional, pensada en sus vertientes educativa y multicultural, exige la presencia y estructuración de un conjunto de estrategias metodológicas que confluyan para la sistematización, comprensión y resolución de problemas concretos." (Maldonado A. E., 2013, pág. 30). Es decir que la transmetodología es una propuesta de entrecruzamiento de métodos, que reconfiguran categorías, diseños y teorías, que

confluye en la transdisciplinariedad como estrategia.

Cabe señalar entonces que la dialogicidad y confrontación, en tanto rupturas y continuidades, de métodos, lógicas y procedimientos apela a recuperar lo que fue aprendido en procesos anteriores, pero también, a la necesidad de conocer nuevas posibilidades para los nuevos conocimientos. De ahí que la alternativa transformadora de las metodologías en las investigaciones derive en (trans)formaciones en el mundo de la ciencia y en cierto sentido, en el mundo de la vida, para configurar la propia ciencia por la vía de la dislocación de la mirada y la crítica. Tarea que a largo plazo lleve a transformar a la propia ciencia, pues sus flujo y

dislocaciones son inevitables. En consecuencia, a esta altura de los desarrollos de la ELACOM lo que se intenta es poner en movimiento a los/as sujetos investigadores/as para, luego, mover la ciencia, desterritorializar y reterritorializarla con el compromiso solidario de las formas de conocer y los saberes que ésta produce.

Microfísica, desarticulación, pero también despolitización y re-individualización de las sociedades de masas, el neoliberalismo y la glorificación del individuo. Las imágenes de la globalización imaginadas por las formas más especulativas y parasitarias del capitalismo financiero nadan en el río de la desconstrucción.

A modo de conclusión

El proyecto de la ELACOM, político académico, de compromiso y de reflexión epistemológica, tal vez sea un hilo conductor de los esfuerzos de nosotros/as los/as latinoamericanos/as y desde el cual nos parece necesario retomar o reiniciar nuestras preguntas de frente a la sociedad.

Al arribar los estudios culturales a la región, la comunicación experimentó una suerte de vigorización que la llevó a abrirse a nuevos métodos y objetos. Al mismo tiempo,

el final del siglo XX cultural supuso un impacto a la tradición de la comunicación popular y alternativa; se tuvo que aceptar un vínculo con el marketing y la publicidad, además la comunicación organizacional adquirió un peso dentro de los estudios comunicativos, porque más allá de los medios, al menos para América Latina, las instituciones, organizaciones y grupos podían ser objeto de estudio. Ciudades, grupos sociales, minorías étnicas, jóvenes, mujeres pueblos originarios, afrodescendientes,

trabajadores/as fueron temas que formaron parte de esta dinamización, que abrió las posibilidades a quienes en los setenta tenían básicamente al estudio de la transnacionalización, la estructura de los medios, el imperialismo cultural y el análisis ideológico de los contenidos como temas centrales. Fueron desplazados, durante la última década, por los problemas referidos a la democratización y apropiación de medios y tecnologías de la información y la comunicación (TICs), por el análisis de los medios hegemónicos, las políticas y regulaciones, por el interés por la comunicación intercultural y los medios de pueblos originarios, culturas populares y por la comunicación de buen vivir.

Estos ideales y aspiraciones se presentan como la corriente fundamental de lo que ha sido y es el pensamiento en la región, son las preocupaciones no resueltas, las preguntas que una y otra vez asolan al campo académico sin que éste pueda decir que cabalmente las ha respondido. Repreguntar, por esta tradición, nos pone enfrente de los acuciantes problemas que nos aquejan.

Bibliografía

Alonso Alonso, M. M. (2010). Mediación y Construcción de Sentidos: notas en torno a su

articulación teórico-metodológica en el estudio de la apropiación de Internet. *Mediaciones Sociales*(6), 3-37.

Beltrán, L. R. (2000). Premisas, objetos y métodos foráneos en la investigación sobre comunicación en América Latina. En L. R. Beltrán, *Investigación sobre comunicación en Latinoamérica* (págs. 87-122). La Paz: Plural.

Beltrán, L. R. (2005). La comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: Un recuento de medio siglo. III Congreso Panamericano de La Comunicación (págs. 1-54). Buenos Aires: s.d.

Beltrán, L. R. (2007). Adiós Aristóteles. La comunicación horizontal. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, IV(7), 12-36.

Bourdieu, P. (1999). *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: EUDEBA.

Bourriaud, N. (2009). *Radicante*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo.

CIESPAL. (2011). *Chasqui*. Manuel Martín Serrano y sus aportes a la comunicación. Quito: CIESPAL.

De Sousa Santos, B. (2009). *Una epistemología del sur*. México: Siglo XXI.

Fuentes Navarro, R. (1991). *Un campo cargado de futuro. El estudio de la comunicación en América Latina*. México: FELAFACS.

García Canclini, N. (1982). Las culturas populares en el capitalismo. La Habana: Ediciones Casa de las Américas.

García Canclini, N. (1990). Culturas Híbridas. México: Grijalbo.

García Canclini, N. (1995). Consumidores y ciudadanos. Conflictos multiculturales de la globalización. México: Grijalbo.

Leon Duarte, G. (2007). ELACOM: referente histórico y conquista de la hegemonía en el pensamiento latinoamericano de la comunicación. Comunicación y Sociedad, 28(47), 115-158.

Maldonado, A. E. (2009). Transmetodología de la investigación teórica en comunicación. Análisis de la vertiente de Verón en América Latina. Quito: Quipus.

Maldonado, A. E. (2011). Metodologías de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina.

Maldonado, A. E. (2013). Procesos comunicacionales, recepción, educación y transmetodología. En A. Maldonado, Bonin y Martins Rosário, Metodologías de investigación en comunicación (págs. 17-38). Quito: Quipus.

Maldonado, Bonin y Martins do Rosário, A. (2013). Metodologías de investigación en comunicación: Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa. Quito: Quipus.

Maldonado, Bonin y Martins do Rosário, Alberto E, Jiani A y Migdalia; (2013). Perspectivas metodológicas em Comunicação: novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicacion social.

Martín Barbero, J. (1991). De los medios a las mediaciones. comunicación, cultura y hegemonía. México: Gustavo Gili.

Martín Barbero, J. (2002). Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Santiago de Chile: FCE.

Martins do Rosário, N. (2013). De la metodología transformadora a las transformaciones de la investigación. En A. Maldonado, Bonin y Martins do Rosário, Metodologías de investigación en comunicación. Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa (págs. 63-84). Quito: Quipus.

Matelart, A. (1994). La comunicación-mundo. Historia de las ideas y de las estrategias. Madrid: Fundesco.

Nietzsche, F. (1997). Sobre utilidad y prejuicio de la historia para la vida. Córdoba: Alción.

Orozco Gomez y Gonzáles, G. y. (2012). Una coartada metodológica: abordajes cualitativos

en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable.

Orozco Gómez y Vasallo de López, G. (2010). Observación de la ficción televisiva en ocho países iberoamericanos. *Comunicación y Sociedad*, 13-42.

Ortiz, R. (1987). *A moderna Tradição brasileira*. San Pablo: Brasilense.

Ortiz, R. (1997). *Mundialización y Cultura*. Buenos Aires: Alianza.

Pineda de Alcázar, M. (segundo semestre de 2007). Aportaciones del concepto de mediación social a la investigación de la comunicación en Venezuela: la vigencia del pensamiento de Martín Serrano 30 años después. *Mediaciones sociales*, 293-303.

Roncagliolo, R. (1995). De las políticas de comunicación a la incomunicación política. *Nueva Sociedad*(140), 102-111.

Siles Gonzáles, I. (2004). Sobre el uso de las tecnologías en la sociedad. Tres

perspectivas teóricas para el estudio de las tecnologías de la comunicación. *Reflexiones*, 2(83), 73-82.

Torres Ugarte, de los Reyes, J. (2009). *Rompecabezas de una obra: Antonio Pasquali y su utopía comunicacional*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello.

La trayectoria del GT de Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación de ALAIC: datos para un análisis auto-reflexivo.

A trajetória do GT de Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação da ALAIC: dados para uma análise auto-reflexiva.

The trajectory of the Theory and Methodology of Communication Research TG of ALAIC: data for a self-reflexive analysis.

Raúl Fuentes Navarro

Resumen: Como excoordinador de este GT, y único participante en todas sus reuniones (1996-2018), el autor propone un esfuerzo autorreflexivo y sistemático que distinga constantes y tendencias acerca de la investigación latinoamericana de la comunicación.

Palabras Clave: Investigación de la Comunicación; Latinoamérica; Metainvestigación.

Abstract: As former coordinator of this TG, and sole participant in all its meetings (1996-2018), the author proposes a self-reflective and systematic effort that distinguishes constants and trends about Latin American communication research.

Key words: Communication research; Latin America; Meta-research

Si bien la *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC) fue constituida originalmente en 1978, su actual estructura fue adoptada en 1989, cuando fue reconstituida a iniciativa de organizaciones académicas mexicanas y brasileñas del campo. Entre las innovaciones introducidas en esa reconstitución destaca la celebración de congresos bienales, el primero realizado en 1992 (Embu-Guaçu, SP, Brasil)¹⁶. También, en cuanto a la estrecha relación entre la celebración de congresos y la formación de redes o comunidades científicas multinacionales, la ALAIC decidió en 1994 la organización de Grupos Temáticos o de Trabajo (GT), que comenzaron su actividad en el III Congreso (Caracas, 1996)¹⁷.

A lo largo del tiempo, la estructura de GTs de ALAIC ha sido revisada, reglamentada y modificada para actualizar y optimizar su funcionamiento. Uno de los grupos que ha permanecido vigente, con ajustes mínimos, es el de “Teoría y Metodología de la Investigación

en Comunicación”¹⁸, cuya primera coordinadora fue Immacolata Vassallo de Lopes, de 1996 a 2010. En el X Congreso (Bogotá, 2010) se eligió como coordinador al autor de esta ponencia¹⁹, quien había participado activamente en los procesos de reconstitución de la asociación, de modificación de su Estatuto y de diseño de la estructura de GTs, y que a la fecha es el único participante que ha estado presente en todas las sesiones del GT, en todos sus congresos, aunque en los dos más recientes no presentó ponencia. El actual equipo de coordinación, formado por Eva Da Porta, Marta Rizo y Vilso Junior Santi, fue elegido en el XIV Congreso (Costa Rica, 2018).

Con base en la experiencia y la documentación acumuladas, que son ya abundantes y precisas, la intención de esta ponencia es proponer un marco analítico autorreflexivo y crítico, que facilite compartir interpretaciones fundadas sobre los avances, obstáculos, condiciones y proyecciones de los

¹⁶ Los congresos de ALAIC se han realizado en las siguientes sedes y fechas: I: Embu-Guaçu, SP, Brasil, agosto 1992; II: Guadalajara, México, junio 1994; III: Caracas, Venezuela, octubre 1996; IV: Recife, Brasil, septiembre 1998; V: Santiago de Chile, abril 2000; VI: Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, junio 2002; VII: La Plata, Argentina, octubre 2004; VIII: São Leopoldo, RGS, Brasil, julio 2006; IX: Naucalpan, Estado de México, México, octubre 2008; X: Bogotá, Colombia, septiembre 2010; XI: Montevideo, Uruguay, mayo 2012; XII: Lima, Perú, agosto 2014; XIII: Cuajimalpa, Ciudad de México, octubre 2016; XIV: San José, Costa Rica, julio 2018.

¹⁷ La figura “GT” fue inspirada por la correspondiente en la Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

¹⁸ Este GT, que tiene equivalentes en las asociaciones nacionales latinoamericanas, aunque no en las internacionales como la International Association for Media and Communication Research (IAMCR) y la International Communication Association (ICA), ha sido bien apreciado en la ALAIC, donde ha sido numerado como GT-7 (1994), GT-16 (2000), GT-17 (2002) y GT-9 (2012).

¹⁹ Además, a partir de entonces, se eligen dos vicecoordinadores, que fueron inicialmente Mabel Grillo y Óscar Bustamante.

fundamentos epistemológicos, teóricos y metodológicos de la investigación de la comunicación en América Latina, tal como han sido representados en las sesiones del GT durante las dos décadas más recientes²⁰.

Significativamente, la “meta-investigación” (que según se entiende abarca: historia del campo académico y disciplinario, análisis sistemático y crítico de tendencias, teorización, contextualización, metodologías), ha sido cultivada extensamente (en español y en portugués) durante al menos los últimos veinticinco (si no es que los últimos cuarenta) años en Iberoamérica (Fuentes, 2019). Instituciones latinoamericanas como CIESPAL (*Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina*) e ILET (*Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales*), y asociaciones académicas como FELAFACS (*Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social*), y sobre todo ALAIC, han contribuido a consolidar la que ha sido denominada una “internacionalización desintegrada” de escala regional, pero no global, del estudio de la comunicación (Fuentes, 2014).

Desde ese contexto interpretativo, se reconoce que hay tanto convergencias como divergencias en cuanto a los constitutivos y límites de un “pensamiento comunicacional latinoamericano” y que más que declaraciones voluntaristas, hace falta cooperación e información sistemática, como las que han estado disponibles en este GT (Fuentes, 2015). Un paso indispensable es recuperar y sistematizar lo que se ha producido en los congresos de ALAIC, y que ha servido de base a análisis como los que, entre otros, presentan las tesis de posgrado y artículos científicos señalados en la bibliografía.

En particular, el origen de esta propuesta es la existencia de al menos cuatro tesis de posgrado (una de maestría y tres de doctorado), presentadas en años recientes por estudiantes de diversas nacionalidades en programas asentados en distintos países, dedicadas explícitamente a analizar y explicar la producción latinoamericana en el campo de la comunicación y sus condiciones de institucionalización científica, sobre la base al menos parcial de las ponencias presentadas en el GT de Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación de ALAIC

²⁰ Lamentablemente, el autor no ha podido disponer de las ponencias aprobadas ni de la documentación correspondiente a las sesiones del GT en los congresos de Caracas, 1996 y Recife, 1998, aunque sí de un número suficiente de las aprobadas para todos los congresos sucesivos (2000-2018).

(León, 2006; Fraijo, 2016; Moyano, 2016; Barth, 2018). Dos de esas tesis (León, 2006 y Barth, 2018) fueron la fuente de respectivas ponencias de sus autores en el GT, expuestas en los congresos de 2008 y 2018.

Las diferencias de planteamiento, desarrollo y articulación de los hallazgos y marcos explicativos de las cuatro tesis, a pesar de estar todas ellas sustentadas en análisis empíricos sistemáticos y referidas a contextos equiparables, si no idénticos, suscitaron la curiosidad del autor de esta ponencia, cuyas contribuciones aparecen extensamente citadas en las cuatro tesis, tanto en cuanto material analizable por haber sido presentado en las sesiones del GT, como en cuanto referencias bibliográficas citadas y discutidas en todas ellas como interlocutor asumido para la fundamentación y la interpretación de sus resultados.

Cada uno de los corpus analizados en las tesis responde en su constitución a recortes diferentes²¹, y solamente el de la tesis de maestría de Fraijo (2016) incluye exclusivamente ponencias del GT de Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación de ALAIC (34). La tesis de León

(2006) incluye 54 ponencias del GT, más otros materiales contrastables con la iniciativa de la “Escuela Latinoamericana de Comunicación”; la tesis de Barth (2018) incorpora 62 ponencias del GT, además de otras presentadas en el ámbito de las asociaciones académicas brasileñas; y la tesis de Moyano (2016), que tiene el mayor corpus total, aunque incluye ponencias de distintos GT de ALAIC, y otras presentadas en los Encuentros de FELAFACS, considera solamente 16 del GT de Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación.

Por su parte, el corpus construido para esta revisión suma 235 ponencias en total, que cumplen rigurosamente dos condiciones: estar disponibles en texto completo para la consulta del investigador, y haber sido aprobadas para su presentación, aunque no hubieran sido expuestas en el congreso respectivo. De algunos de los congresos no se pudo recuperar más que una parte de las ponencias, pero todas las incluidas en el corpus cumplen las condiciones señaladas. En el Anexo No. 1 se presenta la lista completa de las ponencias analizadas y en el Cuadro No. 1 se expone la distribución

²¹ De los diez congresos considerados, sobre cinco coincidieron dos de los corpus de las tesis y sobre cuatro sólo uno; ninguna de las tesis analizó ponencias del congreso de 2018.

Cuadro No. 1: Corpus de análisis de este y otros estudios similares: ponencias de GT

numérica del corpus y su comparación con los de las cuatro tesis revisadas.

	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	TOTAL
CORPUS	30	20	20	22	11	16	34	29	32	21	235
FUENTES 2020	13%	8%	8%	9%	5%	7%	14%	13%	14%	9%	100%
LEÓN 2006	17	18	19	0	0	0	0	0	0	0	54
FRAIJO 2016	0	0	0	4	4	4	10	12	0	0	34
MOYANO 2016	7	0	7	2	0	0	0	0	0	0	16
BARTH 2018	0	0	0	0	0	0	26	20	16	0	62

El GT de Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación de ALAIC, prácticamente desde su constitución, se ha propuesto “como un espacio para el análisis, el debate y la reflexión epistemológica, teórica y metodológica sobre el campo de la comunicación. Por ello, los trabajos deberán estar orientados en un sentido reflexivo sobre la propia tarea de la investigación”. Y señala, “para ese fin”, cuatro ejes temáticos²²:

Revisión del estado de la cuestión en el campo de la comunicación desde una

perspectiva epistemológica, teórica o metodológica.

Profundización teórica a partir del análisis, reflexión y/o crítica sobre perspectivas, modelos, categorías o autores/as en el campo de la comunicación, o de otros campos de conocimiento pero con incidencia en el pensamiento comunicacional.

Reflexión metodológica a partir del análisis sobre perspectivas, modelos y técnicas de recolección y análisis de datos en el campo de la comunicación.

Debate epistemológico, a partir de la crítica al estatuto epistemológico de la investigación en comunicación; aportes

²² [https://www.alaic.org/site/grupos-de-trabalho/gt9-teoria-e-metodologia-da-pesquisa-em-comunicacao/], consulta el 26/02/2020.

sobre inter, trans o multidisciplina y análisis vinculados a la construcción de objetos de investigación, reflexiones en torno a la relación entre teoría y metodología, etc.

Esos cuatro ejes temáticos se identifican, respectivamente, con las categorías: "INSTITUCIONES", "TEORÍAS", "METODOLOGÍA" Y "EPISTEMOLOGÍA", que como puede verse en el Cuadro No. 2, han mantenido una distribución relativamente constante a lo largo del tiempo. Por otra parte, este sistema de categorías parece ser más

consistente y útil que un esfuerzo previo realizado por León (2006) en su tesis doctoral "con el objeto de conocer e identificar las características estructurales que definen a la producción de conocimiento en comunicación", esfuerzo que fue continuado por Fuentes (2015) para analizar, respectivamente, 59 ponencias presentadas de 1998 a 2004, y 147, provenientes de los congresos entre 1998 y 2012 (Fuentes, 2015, p.74-75)²³.

	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	TOTAL
PONENCIAS	30	20	20	22	11	16	34	29	32	21	235
INSTITUCIONES	0 0%	1 5%	2 10%	3 14%	2 18%	3 19%	2 6%	2 7%	2 6%	1 5%	18 7.6%
TEORÍAS	10 33%	6 30%	7 35%	8 36%	2 18%	4 25%	15 44%	10 35%	13 41%	7 33%	82 34.9%
METODOLOGÍA	11 37%	10 50%	7 35%	8 36%	5 46%	5 31%	13 38%	11 38%	15 47%	12 57%	97 41.4%
EPISTEMOLOGÍA	9	3	4	3	2	4	4	6	2	1	38

²³ Las categorías propuestas por León (2006) y la clasificación actualizada por Fuentes (2015, p.75) son: "Actualización disciplinar (teórica-metodológica) de la comunicación" 30 (20.4%); "Sentido y construcción de objetos de investigación en comunicación" 30 (20.4%); "Perspectivas, balances y retos de la comunicación" 25 (17%); "Institucionalización y crítica al estado de conocimiento" 23 (15.6%); "Relatos de experiencias metodológicas aplicadas a casos de estudio" 22 (15%); y "otros" 17 (11.6%).

	30%	15%	20%	14%	18%	25%	12%	20%	6%	5%	16.1%

Cuadro No. 2: Categorías analíticas por "ejes temáticos" del corpus

Un aspecto que era evidente desde la tesis de León (2006) o incluso antes, la concentración geográfica del origen de los investigadores participantes en el GT, se ha mantenido como una de sus "características

estructurales". En el Cuadro No. 3 se detalla la información sobre este factor, concentrado en un 80% en tres países: Brasil, México y Argentina.

	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	TOTAL
BRASIL	17	7	9	14	2	6	14	12	15	11	107 (45%)
MÉXICO	5	3	5	2	6	6	8	4	9	3	51 (22%)
ARGENTINA	5	4	2	1	1	2	7	4	2	2	30 (13%)

CHILE	1	1	2	1	1	0	0	2	2	2	12 (5%)
COLOMBIA	0	1	0	0	0	2	2	3	1	2	11 (5%)
VENEZUELA	1	2	1	1	1	0	0	0	0	0	6 (2%)

URUGUAY	1	0	0	0	0	0	3	1	0	0	5 (2%)
PERÚ	0	0	1	0	0	0	0	2	1	0	4 (2%)
BOLIVIA	0	1	0	1	0	0	0	1	1	0	4 (2%)
ESPAÑA	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	3 (1%)
ESTADOS UNIDOS	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1 (0.5%)
CANADÁ	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1 (0.5%)

Cuadro No. 3: Países de origen de los autores de las ponencias del GT

Como ya se señalaba en (Fuentes, 2015, p.75), por su propia constitución, al no contar el GT con una membresía fija o permanente (pues apenas 9 personas han participado como ponentes en 5 o más de los diez congresos analizados²⁴), “las constantes discursivas o las preocupaciones predominantes detectadas pueden, en todo caso, atribuirse al liderazgo de figuras que convocan” (León, 2006), o bien a condiciones interpretativas más generalizadas. Al igual que los datos analizados en 2006 en la tesis de León, los análisis bibliométricos y referenciales de las tesis de Moyano (2016) y de Barth (2018), con diferencias de método entre ellas pero coincidencias y convergencias en muchos de sus recuentos, permiten reconocer un “mapa” de influencias

y relaciones que aporta concreción al campo y ayuda a formular mejor ciertas cuestiones básicas.

El recuento simple de citas en la bibliografía de las 235 ponencias permite apreciar varias condiciones: primero, la fragmentación de las referencias, pues del total de 5157, que significa un promedio de 22 por ponencia, o incluso del subtotal de 4799, resultante de la exclusión de 358 auto-citas²⁵, lo que reduce el promedio a 20.5, la obra más citada (el libro *De los Medios a las Mediaciones* de Jesús Martín Barbero) aparece solamente en 27 de las ponencias, es decir, en el 11.5% de ellas. Además, es la única obra individual que supera las 20 citas y una de las ocho que superan las 10, es decir, el 4.2% de las ponencias. Como es de suponerse,

²⁴ Esos participantes más frecuentes como ponentes en el GT son: Raúl Fuentes Navarro (8); María Inmaculata Vassallo de Lopes (6); Alberto Efendy Maldonado G. de la Torre (6); Roselí Figaro (6); Carlos Vdales Gonzáles (6); Migdalia Pineda de Alcázar (5); Luiz C. Martino (5); Óscar Bustamante Fariás (5) y Marta Rizo García (5); cuatro brasileños, tres mexicanos, una venezolana y un chileno (estudiante en México).

²⁵ Son “auto-citas” las referencias citadas por el autor de una ponencia de otros trabajos de su propia autoría que, aunque se considera que pueden ser útiles para ampliar los planteamientos expuestos o sus fundamentos sin extender el “espacio” más allá de los límites propuestos por el congreso, no se justifica su inclusión en los números que se trata de interpretar como indicadores de “influencia” o “reconocimiento”.

esos ocho trabajos citados más frecuentemente, como se detalla en el Cuadro No. 4, son todos libros, y el de publicación más reciente es de 2002²⁶.

<i>Martín Barbero, Jesús (1987): De los Medios a las Mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía. (Diversas ediciones en español y portugués.)</i>	27
<i>Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (1990): Pesquisa em comunicação. Formulação de um modelo metodológico. (Ediciones en portugués y español.)</i>	19
<i>Mattelart, Armand y Michèle (1995): Historia de las Teorías de la Comunicación. Diversas ediciones en francés, español y portugués.)</i>	19
<i>Bourdieu, Pierre, Jean-Claude Chamboredon y Jean-Claude Passeron (1968): El oficio de sociólogo. Presupuestos epistemológicos. (Diversas ediciones en español y portugués.)</i>	10
<i>Castells, Manuel (1999): La era de la información. Economía, sociedad y cultura (3 volúmenes). (Diversas ediciones en inglés y español.)</i>	10
<i>Wallerstein, Immanuel (coord.) (1996): Abrir las ciencias sociales. informe de la comisión Gulbenkian para la reestructuración de las ciencias sociales. (Diversas ediciones en inglés, portugués y español.)</i>	10

²⁶ El libro mencionado en la última fila del Cuadro No. 4 es producto del propio GT, incluye una selección de las ponencias presentadas en el V Congreso (Santiago de Chile, 2000).

<i>Martín Barbero, Jesús (2002): Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. (Ediciones en portugués y español.)</i>	10
<i>Fuentes Navarro, Raúl y Maria Immacolata Vassallo de Lopes, coords. (2001): Comunicación, campo y objeto de estudio: perspectivas reflexivas latinoamericanas.</i>	10

Cuadro No. 4: Obras citadas en 10 o más ponencias del corpus

Una segunda condición tiene que ver con la diferente cantidad de referencias en ponencias que se clasificaron en cada uno de los cuatro "ejes temáticos" (Ver Cuadro No. 3). Ya excluidas las auto-citas, es decir, sobre 4799 referencias, las 18 ponencias (7.6% de las 235) clasificadas como "Instituciones", abarcan el 16.5% de las citas; y las 38 clasificadas como "Epistemología" (16.1%), el 21.6%. Es decir, en estas dos categorías la bibliografía es proporcionalmente más abundante (y eventualmente más dispersa) que en las otras dos categorías, en las que el porcentaje de las citas es menor que el promedio del número de ponencias: en "Teorías", (82, 34.9%), se cita el 22.6% de las referencias; mientras que en "Metodología", (97, 41.4%), la proporción de citas es de

apenas el 19.1%. No se podría afirmar que en estas dos categorías haya mayor consenso sobre las fuentes bibliográficas, ni por supuesto que haya menos materiales citables, pero podría comenzar a acumularse sustento para una hipótesis en ese sentido, que habría que probar en otros corpus.

Finalmente, una tercera condición que puede identificarse en los datos disponibles tiene que ver con lo que León ya formulaba en 2006 como "el liderazgo de figuras que convocan". 13 de los 25 autores más citados en el corpus (en múltiples obras, en todos los casos, lo que indica más sobre el reconocimiento al autor que a alguna de sus obras), son ubicados como "Iberoamericanos" (4 mexicanos, 4 brasileños, 3 españoles, 1 colombiano, 1 argentino²⁷), como puede verse

²⁷ Obviamente, esta "adscripción" de origen tiene que ver con el país de residencia y trabajo y no de nacimiento: el español Martín Barbero es considerado colombiano; el argentino García Canclini, mexicano. No obstante, a Verón se le sigue considerando argentino y a Castells, español, porque a ambos se les cita casi exclusivamente en español, y no en francés o en inglés, como podría ser.

en el Cuadro No. 5. Sumadas las citas a todos ellos, se acumula el 56.8% del total en el Cuadro²⁸. El otro grupo de origen que resalta es el de los “francófonos”, donde cinco autores (en dos casos autoría de dos personas) dan cuenta del 24.4% de las citas. En este segmento del corpus, el de los 25 autores más citados, aunque no tanto en el total, son claramente minoritarios los orígenes “anglosajón” (8.3%) y “otros” (para el

caso, europeos: un alemán, dos italianos y un danés) (10.5%).

En el corpus total, que incluye 5157 referencias (o 4799, excluyendo las auto-citas), las proporciones son diferentes, y estas dos últimas categorías están mucho más representadas, como sería de esperarse, pues son los autores anglosajones y europeos los que “normalmente” son los grupos históricamente dominantes, no solo en una muestra latinoamericana.

AUTORES IBEROAMERICANOS	AUTORES ANGLOSAJONES	AUTORES FRANCÓFONOS	AUTORES DE OTROS ORÍGENES
Raúl Fuentes Navarro (86)			
Ma. Immacolata V. de Lopes (82)			
Jesús Martín Barbero (82)			
		Pierre Bourdieu (72)	
		A. y M. Mattelart (63)	
		Michel Foucault (39)	
Eliseo Verón (37)			
			Jürgen Habermas (35)
Guillermo Orozco Gómez (34)			
Jesús Galindo Cáceres (32)			
Manuel Castells (30)			

²⁸ Vale hacer notar, adicionalmente, que los dos autores más citados son los sucesivos coordinadores del GT, y que otros dos de los autores iberoamericanos participaron en alguna ocasión al menos en el grupo. No obstante, no puede ignorarse que aun la frecuencia más alta de citas recibidas representa menos del 2% del total, por lo que “liderazgo” o “influencia” son en todo caso tendencias muy débiles.

Néstor García Canclini (30)			
	Immanuel Wallerstein (28)		
Antonio Fausto Neto (27)		G. Deleuze y F. Guattari (27)	
	Anthony Giddens (25)		
Miquel de Moragas i Spa (23)	Robert T. Craig (23)	Edgar Morin (23)	
			Mauro Wolf (22)
José Marques de Melo (20)			Umberto Eco (20)
Muniz Sodré (20)			Klaus Bruhn Jensen (20)
Manuel Martín Serrano (19)			

Cuadro No. 5: Autores más citados en el corpus y origen de su obra

De cualquier manera, el “hecho fuerte” es que el recuento de citas por el origen de los autores muestra, con variaciones según el eje temático y el año de presentación de la ponencia, un claro predominio de las fuentes iberoamericanas, que en el caso del eje de “instituciones”, llega al 85%, e incluso en la segunda mitad del periodo (2010-2018), hasta el 93.4%. Al mismo tiempo, la dispersión de estas referencias es mayor que los otros orígenes, y esa dispersión es todavía mayor en

los casos de los países de donde proviene la mayoría de las ponencias, especialmente Brasil, que concentra el 45% de estas participaciones, pero también México y Argentina (ver Cuadro No. 3).

Es evidente que el corpus proveniente de uno solo de los GTs de ALAIC no puede considerarse representativo de la producción latinoamericana o iberoamericana, ni siquiera de la que ha sido canalizada por esta asociación, y las tesis citadas que han

comparado esta fuente con otras (León, 2006; Moyano, 2016; Barth, 2018), lo han demostrado con claridad. Pero no es tan evidente un crecimiento de la preferencia por la bibliografía "propia" en los ejes más "abstractos" ("epistemología" y "teoría"),

como sí lo es en los ejes con referencia más concreta a casos de estudio situados en América Latina ("instituciones" y "metodología"), según se desglosa en el Cuadro No. 6.

	Citas a autores iberoamericanos ²⁹ , 2000 - 2008	Citas a autores iberoamericanos, 2010 – 2018	Citas a autores de otros orígenes, 2000 - 2008	Citas a autores de otros orígenes, 2010 - 2018	CITAS TOTALES
INSTITUCIONES	160 (80%)	142 (93.4%)	40 (20%)	10 (6.6%)	352
	302 (85.8%)		50 (14.5%)		
TEORÍAS	491 (49.5%)	425 (45.1%)	500 (50.5%)	518 (54.9%)	1934
	916 (47.4%)		1018 (52.6%)		
METODOLOGÍA	523 (55.6%)	510 (48.2%)	417 (44.4%)	549 (51.8)	1999
	1033 (51.7%)		966 (48.3%)		
EPISTEMOLOGÍA	186 (35.1%)	142 (41.4%)	343 (64.9%)	201 (58.6%)	872
	328 (37.6%)		544 (62.4%)		
CITAS TOTALES	2579 (50.0%)		2578 (50%)		5157

Cuadro No. 6: Proporción de las obras citadas por su origen, según "ejes temáticos"

De manera que sobre estos datos puede sustentarse mejor una interpretación más tendiente al reconocimiento "instrumental" de los aportes de la investigación iberoamericana en cuanto a los objetos predominantes de la reflexión académica sobre la comunicación, que de los marcos científicos fundamentales, donde el "pensamiento comunicacional

latinoamericano" está indudablemente presente, como parte pero no la principal, ni de manera excluyente de los diversos enfoques globalmente "dominantes", en la práctica y en la reflexión sobre la práctica de la investigación de la comunicación en América Latina. Los datos evidencian con cierta mayor claridad que otras la hipótesis de

²⁹ Se incluyen las auto-citas, pues son por definición referencias a autores iberoamericanos.

la “internacionalización desintegrada” (Fuentes, 2014), aunque es necesario extender y fortalecer la discusión al respecto.

Referencias:

Barth, D.L. (2018): *Por uma compreensão conceitual de metodologia: textos científicos em encontros referenciais na comunicação*. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, Brasil, 198pp.
[<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31875>]

Fraijo F., R.E. (2016): *La Meta-investigación en Comunicación. Análisis de la producción científica de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (2005-2015)*, Tesis de Maestría en Ciencias Sociales, Hermosillo: Universidad de Sonora, México, 239pp.
[www.repositorioinstitucional.uson.mx/bitstream/handle/unison/509/fraijofavaraulernestom.pdf?sequence=1&isAllowed=y]

Fuentes N., R. (2014) “Convergencias y fragmentaciones de la investigación de la comunicación en América Latina: una internacionalización desintegrada”, en *Oficios Terrestres* No. 31, La Plata: Universidad Nacional de La Plata, p.11-22.

Fuentes N., R. (2015) “Teoría y metodología de la investigación en comunicación en América Latina: ALAIC y el desafío de la fragmentación”, en C. Bolaño, D. Crovi y G. Cimadevilla (eds.), *La contribución de América Latina al campo de la comunicación. Historia, enfoques teóricos, epistemológicos y tendencias de la investigación*, Buenos Aires: Prometeo, p.55-81.

Fuentes N., R. (2019) “Pesquisa e meta-pesquisa sobre comunicação na América Latina”, em *MATRIZES* V.13 - Nº 1, São Paulo: PPG ECA Universidade de São Paulo, p.27-48.

León D., G. A. (2006): *Sobre la institucionalización del campo académico de la comunicación en América Latina*. Tesis doctoral, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, España, 646pp.
[<https://www.tdx.cat/handle/10803/4196>]

Moyano, R. (2016): *Procesos de estructuración de las prácticas teórico-metodológicas de la investigación académica de la comunicación en América Latina. ALAIC y FELAFACS 2000-2010*. Tesis doctoral, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, 443pp.

[<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/57>]

209]

ANEXO 1: CORPUS DE ANÁLISIS, 235 PONENCIAS (2000-2018)

AÑO	AUTOR - TÍTULO	INSTITUCIÓN - PAÍS	NIVEL
2000	Achmatowicz, Jerzy: "Hermenéutica como problema comunicacional – aproximación exploratoria"	(CHI)	MET
2014	Aguiar, Lisiane M. y Nísia Martins do Rosário: "A cultura metodológica da pesquisa qualitativa: desenvolvimento e critérios de cientificidade no campo da comunicação"	UFRGS (BRA)	MET
2014	Albistur, Gerardo: "La comunicación y su "especificidad" en contra de la heteronomía: riesgos para un desarrollo de la interdisciplinariedad"	UDELAR (URU)	EPI
2016	Alvim, Luíza & Rodrigo Carreiro: "Uma questão de método: apontamentos sobre a análise de som e música no cinema"	UFRJ - UFPE (BRA)	MET
2008	Amador Barreto, Bruno Augusto: "Técnica quali-quantitativa de análise de veículos: Uma proposta metodológica categorizando "Destaque, Alteridade e Agendamento"	UNIGRAN (BRA)	MET
2016	Andión Gamboa, Eduardo: "Escrituras fácticas y ficticias: el periodismo y la literatura"	UAM X (MEX)	MET
2016	Anunciação, Cristiano e Fernando Strongren: "Problemática metodológica na pesquisa em história do jornalismo"	UnB (BRA)	MET
2012	Araújo, Edimárcia Ramos de: "Os efeitos da imprensa de Gutenberg segundo McLuhan e Eisenstein".	UnB (BRA)	TEO
2018	Aubone, Claudia Beatriz; María Natalia Díaz y María Jimena Sancho: "Revisiones metodológicas de un Observatorio de Medios de Niñez y Adolescencia"	UNSJ (ARG)	MET
2006	Azevedo, Aline Fernandes de: "Os leitores dos semanários: entre a pesquisa quantitativa e o método qualitativo"	USP (BRA)	MET
2010	Azevedo, Luiza Elayne e Rosiel do Nascimento Mendonça: "O Perfil Socioeconômico e Cultural dos Acadêmicos de Comunicação da Ufam – 2007 a 2009"	UFAM (BRA)	INS

201 2	Baccega, Maria Aparecida e Marcia Perencin Tondato: "Mediação e midiatização: importância de suas características - aproximações e distanciamentos - no âmbito da produção de conhecimento no campo da comunicação"	ESPM (BRA)	TEO
201 6	Bailón, Jaime: "El poder/saber en la era de las redes"	UdeLima (PER)	TEO
200 0	Baptista, Maria Luiza Cardinale: "Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação: desafios e perspectivas metodológicas"	USP (BRA)	MET
200 2	Baptista, Maria Luiza Cardinale: "A cartografia do processo da escrita. Uma experiência com a metodologia da sensibilidade"	USP (BRA)	MET
200 4	Baptista, Maria Luiza Cardinale: "Comunicação, amorosidade e autopoiese"	USP (BRA)	TEO
200 0	Barbosa, Marialva: "Comunicação: consolidação de uma interdisciplinar como paradigma de construção do campo comunicacional"	UFF (BRA)	EPI
200 2	Barbosa, Marialva: "Conceitos, armadilhas, olhares: apontamentos metodológicos para a consolidação do um campo transdisciplinar"	UFF (BRA)	EPI
201 8	Barth, Daiani Ludmila: "O lugar de metodologia desde o contexto referencial de textos científicos na pesquisa em Comunicação"	UNIR (BRA)	MET
200 0	Bentz, Ione: "Um olhar e um caminho para a interpretação dos processos mediáticos"	UNISINOS (BRA)	TEO
200 0	Berger, Christa: "Totalitarismo midiático"	UFRGS (BRA)	EPI
201 4	Boaventura, Katrine Tokarski: "Qual o estatuto da Comunicação? – Aproximações a partir de um levantamento com pesquisadores brasileiros da área"	UnB (BRA)	EPI
201 6	Bravo Luis, Esaú Salvador: "Integración Interdisciplinaria en los estudios de Comunicación".	UNAM CEIICH (MEX)	TEO
200 6	Brondani, Lorena y María Victoria Luna: "Historia de la institucionalización académica de la comunicación en la Argentina. Un estudio de cuatro instituciones académicas"	UNC (ARG)	INS
200 8	Brondani, Lorena y Óscar Bustamante Farías: "El campo académico de la comunicación en Argentina y Chile. Algunas consideraciones sobre su institucionalización social en los niveles de pregrado y posgrado"	UNC - ITESO (ARG y MEX)	INS
201 0	Brondani, Lorena y Óscar Bustamante Farías: "La Institucionalización de los Estudios de Comunicación en Argentina y Chile en los Niveles de Pregrado y Posgrado: Evidencias y Preguntas"	UNC - ITESO (ARG y MEX)	INS

2006	Bustamante Farías, Óscar: "Posgrados de Comunicación en América Latina y el sentido de una formación para la democracia"	ULR (CHI)	INS
2012	Bustamante Farías, Óscar: "La intersección estructural de los posgrados de comunicación en el espacio académico iberoamericano. Caracterización y preguntas"	ITESO (MEX)	INS
2016	Bustamante Farías, Óscar: "La activación digital como modalidad de comunicación política"	ITESO (MEX)	MET
2016	Capella, Ana Cláudia Niedhardt; Felipe Gonçalves Brasil e Renan do Prado Alves: "Agenda-Setting e Políticas Públicas: em busca de conexões entre diferentes tradições de pesquisa".	UNESP - UFScar (BRA)	TEO
2000	Capparelli, Sérgio e Ida Regina C. Stumpf: "O campo da comunicação revisitado"	UFRGS (BRA)	EPI
2012	Casali, Caroline: "Da dupla ruptura epistemológica à noção de circulação: apontamentos sobre a produção de conhecimento em Ciências da Comunicação".	UFSM (BRA)	EPI
2014	Casallo Mesías, Víctor Francisco: "Habermas y la fundamentación comunicacional del psicoanálisis. Implicancias de la comprensión de la práctica terapéutica como restitución de capacidades comunicativas"	PUCP (PER)	TEO
2002	Cely Álvarez, Adriana: "Cibergrafía: propuesta teórico-metodológica para el estudio de los medios de comunicación social cibernéticos"	LUZ (VEN)	MET
2002	Cervantes Barba, Cecilia: "El grupo de discusión: de la mercadotecnia al estudio de la cultura y la comunicación"	UdeG (MEX)	MET
2008	Chihu Amparán, Aquiles: "El segundo debate presidencial de 2006 en México desde la perspectiva del análisis de los marcos"	UAM I (MEX)	MET
2000	Cornejo Portugal, Inés: "Plaza Universidad: ¿"estar" en un centro comercial es una manera de "hacer" ciudad?"	UIA (MEX)	MET
2000	Corona Berkin, Sarah: "El estudio de las formas comunicativas como disciplinas del cuerpo. Propuesta metodológica"	UdeG (MEX)	MET
2000	Costa, Maria Cristina Castilho: "A importância do método interpretativo nos estudos na comunicação"	USP (BRA)	MET
2002	Costa, Maria Cristina Castilho: "Temporalidade, interatividade e ficcionalidade na comunicação em rede"	USP (BRA)	TEO
2012	Cunha, Karenine Miracelly Rocha Da: "Sobretudo a comunicação: pressupostos para entender a Nova Teoria"	USP (BRA)	TEO

2016	Da Costa, Carlos Roberto y José Geraldo de Oliveira: "Ensayo, interfaz y comprensión. Una propuesta metodológica de la comprensión como método, la interfaz como herramienta y el ensayo como escritura"	FCL - UAB (BRA-ESP)	MET
2018	Da Costa, Carlos Roberto y José Geraldo de Oliveira: "Ramon Llull, interfaz y visualización del conocimiento"	FCL - UAB (BRA-ESP)	TEO
2014	Da Porta, Eva: "Mediatización y subjetividades contemporáneas. Aportes para su estudio"	UNC (ARG)	TEO
2016	Da Porta, Eva: "La experiencia de sí en tiempos mediatizados. Revisión teórico-metodológica."	UNC (ARG)	TEO
2018	Da Porta, Eva: "Aportes teórico-metodológicos para estudiar el espacio público mediatizado. Un estudio de las configuraciones discursivas sobre Educación"	UNC (ARG)	MET
2014	Dantas, Juliana Bulhões Alberto e Juciano de Sousa Lacerda: "Etnometodologia e entrevistas em profundidade: visões da realidade social a partir de combinação metodológica aplicada a pesquisa sobre ethos jornalístico"	UFRN (BRA)	MET
2016	David, Hadassa Ester e Pedro Russi: "Reflexões do pensamento de Chomsky sobre a Comunicação."	UnB (BRA)	TEO
2006	De Francisco, Alberto y Grace Stefanello: "Metodología de identificación de mitos y representaciones en Medios de Comunicación"	USPCEU-UCM (ESP)	MET
2012	De la Peza Casares, María del Carmen: "Retos de los estudios de comunicación para el nuevo milenio ¿disciplina o transdisciplina?"	UAM X (MEX)	TEO
2008	De la Rosa Ávila, Erick Nahum y César José Toledo: "Historias del silencio: una mirada a un convento de claustro desde la perspectiva fenomenológica y el análisis semiótico"	ULaSalle Bajío (MEX)	TEO
2004	Del Valle Rojas, Carlos: "Metainvestigación de la comunicación en Chile 1970-2003. Crítica y tendencias"	UFRO (CHI)	INS
2008	Del Valle Rojas, Carlos: "Análisis comparado, mediante software, del discurso de la prensa (noticias policiales) y del discurso jurídico-judicial (sentencias penales), en Temuco, Chile"	UFRO (CHI)	MET
2008	Durán Mendoza, Adriana y Juan Soto del Angel: "Las preferencias de la ciencia en el campo académico de la comunicación en México"	Uveracruzana (MEX)	EPI
2012	Echeverría, María de la Paz: "Vigilancia crítica en investigación: una revisión de los aspectos metodológicos de nuestros papers"	UNLP (ARG)	MET
2010	Echeverry Mejía, Jorge Andrés: "Epistemología de la Comunicación o la Necesidad de Pensar lo que Estudiamos y Hacemos"	Uantioquia (COL)	EPI

2000	Entel, Alicia: "El mundo en un detalle" Una antropología dialéctica para los estudios de comunicación y cultura.	UBA (ARG)	TEO
2000	Escostesguy, Ana Carolina: "Estudos culturais latino-americanos: uma narrativa possível"	PUCRS (BRA)	TEO
2006	Escostesguy, Ana Carolina: "Os Estudos Culturais em debate"	PUCRS (BRA)	TEO
2012	Escostesguy, Ana Carolina e Helen Garcez Braun: "Narrativas identitárias de mulheres: considerações teóricas e metodológicas"	PUCRS (BRA)	TEO
2004	Espinoza Espinoza, Pablo: "La enseñanza de la metodología y la formación de comunicadores. Sistematización de una experiencia de enseñanza-aprendizaje de la metodología cualitativa en una facultad de comunicación social"	PUCP (PER)	INS
2016	Falcão, Carolina Cavalcanti; Karla Regina M. Pereira Patriota; Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues: "Dispositivos de um Sujeito-Objeto: pensar a mediação como figura epistemológica de uma ciência do comum".	UFPE (BRA)	EPI
2006	Fausto Neto, Tiago Quiroga: "Epistemologia da Comunicação: três aspectos"	USP (BRA)	EPI
2010	Ferrara, Lucrécia D'Alessio: "A comunicação como espetáculo e dispositivo epistemológicos"	PUCSP (BRA)	EPI
2012	Ferrara, Lucrécia D'Alessio: "O objeto científico da comunicação entre mediações e interações"	PUCSP (BRA)	TEO
2006	Ferreira, Jairo: "Da comunicação aos dispositivos midiáticos"	UNISINOS (BRA)	TEO
2006	Fiegenbaum, Ricardo Zimmermann: "Midiatização do campo religioso: tensões e peculiaridades de uma relação de campos"	UNISINOS (BRA)	TEO
2000	Figaro, Roseli: "A centralidade da categoria trabalho para se refletir sobre o campo da comunicação"	USP (BRA)	TEO
2002	Figaro, Roseli: "Recepção da comunicação no mundo do trabalho: uma crítica à ação comunicativa"	USP (BRA)	TEO
2006	Figaro, Roseli: "Teoria e pesquisa sobre comunicação e trabalho: contribuições para formular políticas de comunicação e cultura"	USP (BRA)	TEO
2014	Figaro, Roseli: "Comunicação e trabalho uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa"	USP (BRA)	MET
2016	Figaro, Roseli e Rafael Grohmann: "Dispositivos comunicacionais no mundo do trabalho: revisão e aplicação".	USP (BRA)	MET

201 8	Figaro, Roseli: "Metodologia exploratória para conhecer os novos arranjos do trabalho do jornalista"	USP (BRA)	MET
201 6	Fonseca, Maria Gislene Carvalho: "A linguagem do cordel. Interação verbal a partir dos folhetos no campo da Comunicação"	UFMG (BRA)	MET
201 2	Forni Paysée, María: "Blogs, redes sociales y correo electrónico: conversaciones en el espacio virtual. Discusión de posibles aproximaciones teórico-metodológicas para su investigación".	ORT (URU)	TEO
200 0	Fuentes Navarro, Raúl: "Exploraciones teórico-metodológicas para la investigación sociocultural de los usos de internet"	ITESO (MEX)	MET
200 2	Fuentes Navarro, Raúl: "Investigación y postgrados en comunicación en México: Los desafíos del siglo XXI"	ITESO (MEX)	INS
200 4	Fuentes Navarro, Raúl: "La documentación académica y la producción de conocimiento en ciencias de la comunicación"	ITESO (MEX)	MET
200 6	Fuentes Navarro, Raúl: "Las dimensiones cognoscitiva y organizacional en la estructuración del campo académico de la comunicación"	ITESO (MEX)	INS
200 8	Fuentes Navarro, Raúl: "El campo académico de la comunicación: 25 años de fermentación"	ITESO (MEX)	INS
201 0	Fuentes Navarro, Raúl: "50 años de investigaciones de la comunicación en México: un recuento descriptivo de la producción publicada"	ITESO (MEX)	INS
201 2	Fuentes Navarro, Raúl: "La comunicación y la doble hermenéutica: convergencias entre disciplinas científicas y profesiones".	ITESO (MEX)	TEO
201 4	Fuentes Navarro, Raúl: "Convergencias y fragmentaciones de la investigación de la comunicación en América Latina: una internacionalización desintegrada"	ITESO (MEX)	INS
201 6	Fuentes, Marta y Ángel Badillo: "Tres metodologías de análisis de las Industrias Culturales y Creativas: MEC-2009, ESSnet-2012 y CAB-2015. Midiendo cultura y diversidad"	USAL (ESP)	MET
201 6	Gajardo León, Constanza y Tabita Moreno Becerra: "Jóvenes y consumo de noticias: propuesta metodológica para recolección de datos en contextos de movilidad y convergencia".	Uconcepción (CHI)	MET
200 4	Galindo Cáceres, Jesús: "Sobre Comunicología y Comunicometodología. Primera guía de apuntes sobre horizontes de lo posible"	Uveracruzana (MEX)	EPI
201 6	García Corredor, Claudia Pilar y Angela Marcela Castellanos Barbosa: "Los enfoques pedagógicos y los tipos de cursos empleados en la enseñanza de las teorías de comunicación".	PUJ (COL)	INS

2012	García Lucero, Dafne; Graciela Magallanes; Rodrigo García; Alejandro Roldán: "Desafíos metodológicos de la investigación en comunicación social en América Latina"	UNC (ARG)	MET
2010	Gayoso, Celso Francisco: "Reflexões da Crítica Pós-Colonial e a América Latina. A Proposta de pensamento Comunicacional de Eliseo Verón"	UFRJ (BRA)	TEO
2000	Gil, Gastón Julián: "La epistemología y estudios de comunicación: en busca de la constitución del campo"	UNMDP (ARG)	EPI
2016	Gonçalves, Ricardo Dantas e Emerson Urizzi Cervi: "Mapeando interações no Facebook: uma proposta de análise da dimensão geográfica do "like" e do voto".	UFPR (BRA)	MET
2018	González Tanco, Eva: "La minga de pensamiento, metodología indígena para la construcción colectiva de conocimiento"	U. Cauca (COL)	MET
2000	Grillo, Mabel: "Medios, conocidos y allegados. Circuitos de reconocimiento locales" "Estilos interactivos autoubicación espacial e identidades locales"	UNRC (ARG)	MET
2002	Grillo, Mabel: "Competencia interactiva: televisión, tiempo y espacio en la vida cotidiana"	UNRC (ARG)	MET
2010	Grillo, Mabel: "La mediatización de lo social: reflexiones teóricas y metodológicas producidas en el transcurso de una investigación sobre medios locales"	UNRC (ARG)	MET
2012	Grillo, Mabel: "Las trayectorias comunicativas y un enfoque integrado de los procesos comunicativos"	UNRC (ARG)	TEO
2000	Guadarrama Rico, Luis Alfonso: "Familia y medios de comunicación. Propuesta multimetodológica para acercarse al mundo doméstico y privado"	UAEMEX (MEX)	MET
2002	Guadarrama Rico, Luis Alfonso: "Familias y Medios de Comunicación. Bases teóricas para orientar la Investigación"	UAEMEX (MEX)	MET
2004	Guazina, Liziane: "O conceito de Mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares"	UFRGS (BRA)	TEO
2018	Guilardes Morales, Francisco Cristóbal; Felipe Gonzalo Matus Valenzuela y Bernardo Francisco Amigo Latorre: "Aplicación de un índice de pluralismo interno al debate sobre el sistema de pensiones y las AFP en medios digitales chilenos. Un proceso metodológico"	UCHILE (CHI)	MET
2012	Gutiérrez del Castillo, Jorge Andrés: "Reflexiones sobre los paradigmas de la investigación desde un observatorio de medios y de la ciudadanía"	UACaribe (COL)	MET
2016	Haussen, Doris Fagundes: "Revistas de Comunicação brasileiras preservam a memória da pesquisa sobre rádio (2002-2012)"	PUCRS (BRA)	INS

2018	Haussen, Doris Fagundes: "Revista da ALAIC (2010-2015): a comunicação e o rádio"	PUCRS (BRA)	INS
2014	Heram, Yamila: "La televisión y el campo académico"	UBA (ARG)	TEO
2006	Janotti Junior, Jeder: "Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais"	UFBA (BRA)	MET
2000	Kaplún, Gabriel: "Dibujar la comunicación"	UDELAR (URU)	TEO
2004	Karam, Tanius: "Para una sistematización de los Estudios del Discurso y el Análisis del Discurso en las ciencias de la comunicación"	UACM (MEX)	MET
2014	Kenbel, Claudia: "Hitos conflictuantes y tensiones de sentido. Una propuesta de abordaje comunicacional para el problema del orden social"	UNRC (ARG)	TEO
2006	Kilpp, Suzana: "Panoramas Especulares"	UNISINOS (BRA)	EPI
2004	Kilpp, Suzana: "Mundos imaginados em Muvuca"	UNISINOS (BRA)	MET
2010	Laurindo, Roseméri: "Documentos Eletrônicos Alteram Métodos das Referências em Dissertações de Diferentes Áreas"	FURB (BRA)	MET
2018	Lazcano-Peña, Daniela: "Investigación en Comunicación en Chile: un mapa de sus enfoques metodológicos y técnicas de investigación predominantes"	UCValparaíso (CHI)	MET
2000	Lenarduzzi, Víctor: "La prohibición de la imaginación" Recepción y usos de la Escuela de Frankfurt en los estudios latinoamericanos sobre la comunicación"	UNER (ARG)	TEO
2012	Lenarduzzi, Víctor: "No puedo tomar notas mientras bailo". Reflexiones para la investigación sobre el cuerpo, la música y el baile"	UBA (ARG)	MET
2008	León Duarte, Gustavo Adolfo: "Estrategias, posiciones y prácticas científicas en el pensamiento latinoamericano de la Comunicación"	UNISON (MEX)	EPI
2000	Lopes, Luis Carlos: "Ciências da Comunicação, possibilidades e problemas"	UFF (BRA)	EPI
2002	Lopes, Luis Carlos: "Percepção e comunicação: mitos e problemas contemporâneos"	UFF (BRA)	EPI
2004	Lopes, Luis Carlos: "Os paradigmas da comunicação"	UFF (BRA)	EPI

2000	Lopes, Maria Immacolata Vassallo de: "O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar"	USP (BRA)	EPI
2002	Lopes, Maria Immacolata Vassallo de: "Narrativas televisivas e interculturalidade"	USP (BRA)	TEO
2004	Lopes, Maria Immacolata Vassallo de: "Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação"	USP (BRA)	EPI
2006	Lopes, Maria Immacolata Vassallo de: "Notas para construir epistemologicamente a sociedade da comunicação"	USP (BRA)	EPI
2008	Lopes, Maria Immacolata Vassallo de: "A telenovela como narrativa da nação. Notas para uma experiência metodológica em comunidade virtual"	USP (BRA)	MET
2010	Lopes, Maria Immacolata Vassallo de: "Reflexividade e Relacionismo como Questões Epistemológicas na Pesquisa Empírica em Comunicação"	USP (BRA)	EPI
2012	López Veneroni, Felipe N.: "En busca del objeto de perdido: La construcción del problema de la comunicación y el cruce entre semiótica y hermenéutica"	UNAM FCPyS (MEX)	TEO
2002	Luján Coria, Dora y Sonia Sanahuja: "Construyendo significados con las metodologías"	UNCPBA (ARG)	MET
2000	Maldonado Gómez de la Torre, Alberto Efendy: "Reflexões sobre a pesquisa teórica em comunicação na América Latina"	UNISINOS (BRA)	EPI
2002	Maldonado Gómez de la Torre, Alberto Efendy: "Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica"	UNISINOS (BRA)	MET
2012	Maldonado Gómez de la Torre, Alberto Efendy: "La perspectiva transmetodológica para la investigación de prácticas comunicacionales"	UNISINOS (BRA)	MET
2014	Maldonado Gómez de la Torre, Alberto Efendy: "Configurações comunicacionais renovadoras, cidadania investigativa e desafios teóricos críticos"	UNISINOS (BRA)	TEO
2016	Maldonado Gómez de la Torre, Alberto Efendy: "Contribuciones transmetodológicas para el análisis de procesos comunicativos contemporáneos"	UNISINOS (BRA)	MET
2018	Maldonado Gómez de la Torre, Alberto Efendy: "El desafío epistemológico de la praxis teórica en la construcción de teorías de la comunicación."	UNISINOS (BRA)	TEO
2012	Mansilla, Héctor; Laura Bonfigli y Alejandra Meriles: "Relevamiento de la investigación en Comunicación de Córdoba 2010-2011"	UNC (ARG)	INS
2014	Martinez, Monica e Paulo Celso da Silva: "Fenomenologia: O uso do método em Comunicação"	UNISO (BRA)	MET

2000	Martino, Luiz C.: "Elementos para uma epistemologia da comunicação"	UnB (BRA)	EPI
2004	Martino, Luiz C.: "Ceticismo e interdisciplinariedade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação"	UnB (BRA)	TEO
2006	Martino, Luiz C.: "Marcos teóricos do estudo da Comunicação na América Latina"	UnB (BRA)	TEO
2010	Martino, Luiz C.: "Significação da Teoria em um Campo Diversificado"	UnB (BRA)	EPI
2014	Martino, Luiz C. e Rodrigo Miranda Barbosa: "Do Determinismo Tecnológico à Determinação Teórica"	UnB (BRA)	TEO
2016	Martins, Vera; Cleusa Jung, Maira Rauber, Luciane Volpatto Rodrigues: "A pesquisa em Comunicação no Brasil e seus encontros com o feminismo (2005/2014)"	UFSM (BRA)	TEO
2000	Mata, María Cristina: "Interrogaciones sobre el público"	UNC (ARG)	TEO
2016	Mateo, David: "En contra del presentismo y el reduccionismo contemporáneos. La promesa de la aproximación evolutiva a la comunicación de James Lull".	U. Finis Terrae (CHI)	TEO
2012	Medina Filho, Antonio Luiz de: "Interdisciplinariedade, novas abordagens metodológicas e compromisso social do pesquisador"	UERJ (BRA)	MET
2014	Melean, Marta Leonor: "Historias de vida, narrativas de la otredad. Inmigrantes cochabambinos en la ciudad de La Plata, Argentina"	UNLP (ARG)	MET
2010	Mendieta Ramírez, Angélica: "La Comunicación Política en Latinoamérica. Una propuesta de análisis"	BUAP (MEX)	MET
2016	Meneses, María Elena; Brandie Nonnecke; Alejandro Martín del Campo; Sanjay Krishnan; Jay Patel; Mo Zhou; Camille Crittenden; Ken Goldberg: "Plataformas digitales para la participación ciudadana. La experiencia de "México Participa"."	ITESM - UC Berkeley (MEX-USA)	MET
2010	Millán, Marco Antonio: "Pluralismo Ontológico para una Teoría de la Comunicación desde Gianni Vattimo"	UAM C (MEX)	TEO
2012	Millán, Marco Antonio: "El papel de la hermenéutica en la cultura digital contemporánea: un enfoque crítico de las TIC"	UAM C (MEX)	MET
2016	Millán, Marco Antonio: "Capitalismo cibernético, ausencia de demora y gestación de enjambres digitales para la indiferencia: una revisión a los postulados del Tiquun y de Byung-Chul Han."	UAM C (MEX)	TEO

2006	Mitsuishi, Yara: "Game Studies: a problemática metodológica"	ConcordiaU. (CAN)	MET
2014	Moreno Becerra, Tabita y Daniel Jiménez Chávez: "Diseños metodológicos en el estudio de prácticas comunicativas marcadas por la movilidad y mediación social."	UdeConcepción (CHI)	MET
2018	Müller, Karla Maria; Thaís Leobeth e Dulce Mazer: "Cartografia dos estudos de mídia e fronteiras no Brasil: contribuições epistemológicas do método"	UFRGS (BRA)	EPI
2016	Murillo Sandoval, Sandra Leticia; Isaías Badillo Piña e Ignacio Peón Escalante: "La comunicación como sistema emergente. Un enfoque desde la Ciencia de Sistemas"	IPN (MEX)	TEO
2014	Ochoa Sierra, María y José Leonardo Cataño: "Fricciones de la memoria y el olvido: un replanteamiento estético sobre el testimonio en una experiencia de antropología visual"	UAntioquia (COL)	MET
2012	Oliveira, Igor Silva e Íris de Araújo Jatene: "Comunicação e midiatização: reflexões metodológicas"	UFJF – UNISINOS (BRA)	MET
2018	Oliveros Fortiche, Diana Esperanza: "Aprender a mediar en comunicación: la experiencia transmetodológica de la Investigación Mediación Acción – IMA"	U Central (COL)	MET
2014	Ortega Gutiérrez, Enedina; Gustavo Adolfo Urbina y María Elena Meneses Rocha: "Enfoque metodológico mixto aplicado al diseño de encuestas para el estudio de la participación política y uso de redes sociales en jóvenes universitarios"	ITESM (MEX)	MET
2002	Papalini, Vanina: "La comunicación: espacio teórico para la ideología contemporánea y su crítica"	UNComahue (ARG)	EPI
2016	Parmeggiani, Brenda: "Ainda é possível falar em televisão na era da convergência? Um resgate do conceito de meio"	UnB (BRA)	TEO
2006	Penteado, Roberto: "Midiametria: Análise do desempenho de uma organização na mídia com metodologias e softwares bibliométricos"	EMBRAPA (BRA)	MET
2010	Pérez Mendoza, Araceli: "La teoría de las Representaciones Sociales para el análisis y explicación de objetos de estudio desde el campo de la comunicación"	UACM (MEX)	TEO
2000	Pineda de Alcázar, Migdalia: "Los procesos de la comunicación a la luz de los medios interactivos. Revisiones conceptuales y de tipologías"	LUZ (VEN)	TEO
2002	Pineda de Alcázar, Migdalia: "Sociedad de la Información y Ciencias de la Comunicación: modos de enseñanza e investigación"	LUZ (VEN)	TEO

2004	Pineda de Alcázar, Migdalia: "La investigación de la comunicación en América Latina: ¿cómo lo hacemos y hacia dónde vamos?"	LUZ (VEN)	MET
2006	Pineda de Alcázar, Migdalia: "Gobernabilidad, comunicación y exclusiones sociales en América Latina. Una agenda para investigar"	LUZ (VEN)	TEO
2008	Pineda de Alcázar, Migdalia: "Ciudadanía y observación mediática: entre lo público y lo privado en el panorama de las comunicaciones venezolanas"	LUZ (VEN)	MET
2002	Pitta, Esteban Geoffroy: "Estudio sobre la Calidad de la Programación Infantil en Televisión Abierta y por Cable en Chile: Proceso de construcción del instrumento y principales resultados"	CNTV (CHI)	MET
2012	Plottier, José Luis: "Teoría de redes y fenómenos de comunicación: problemas metodológicos"	UCU (URU)	MET
2014	Portugal Bernedo, Franz: "Primera ruptura epistemológica del pensamiento comunicacional latinoamericano"	UNMSM (PER)	EPI
2000	Prado, José Luiz Aidar: "Mediação ou articulação? Estudos metodológicos para uma teoria da comunicação no mundo globalizado"	PUCSP (BRA)	MET
2002	Ramírez Castro, Juana: "Imaginarios: instrumento de análisis de la mediación"	UManizales (COL)	MET
2012	Ramírez Castro, Juana: "Las teorías de la comunicación y su concepción del hombre".	UManizales (COL)	EPI
2000	Rebouças, Edgard: "Por uma perspectiva comparativa eficiente no estudo de políticas e sistemas nacionais e internacionais de comunicações"	UMESP (BRA)	MET
2004	Rizo García, Marta: "La dimensión de la interacción en la comunicología. Apuntes para una reflexión teórica y algunas propuestas pedagógicas"	UACM (MEX)	TEO
2012	Rizo García, Marta: "Las teorías de la comunicación en la construcción del campo académico de la comunicación: apuntes históricos, reflexiones epistemológicas y retos pedagógicos".	UACM (MEX)	TEO
2014	Rizo García, Marta: "Ser, comunicación y vida cotidiana. Algunas claves para una lectura ontoética de la comunicación"	UACM (MEX)	TEO
2016	Rizo García, Marta: "Recorridos de la investigación sobre comunicación interpersonal e intersubjetiva en México. Un mapa de temas, perspectivas y retos"	UACM (MEX)	TEO
2018	Rizo García, Marta: "Comunicación y emociones: aportes de la microsociología de Randall Collins a la teoría de la comunicación"	UACM (MEX)	TEO
2012	Rodríguez, Leandro y Giorgina Santángelo: "La investigación en comunicación social; una experiencia pedagógica"	UCU (URU)	MET

2012	Rosário, Nísia Martins do: "Comunicação e perspectivas metodológicas das multiplicidades"	UFRGS (BRA)	MET
2000	Rubim, Antonio Albino Canelas: "A contemporaneidade como Idade Mídia"	UFBA (BRA)	TEO
2004	Rubim, Antonio Albino Canelas: "Espetáculo, cultura e Idade Mídia"	UFBA (BRA)	TEO
2000	Rüdiger, Francisco: "Ciberespaço e metafísica da subjetividade. Nietzsche e as origens do sujeito comunicacional contemporâneo"	PUCRS (BRA)	TEO
2012	Rüdiger, Francisco: "John Hobson e a psicologia do jingoísmo - a metáfora da agulha hipodérmica e as origens da teoria crítica da propaganda".	PUCRS (BRA)	TEO
2010	Ruiz Jiménez, Claudia Adita: "Una 'ruta' comunicativa con destino a Facebook"	UNAM (MEX) FCPyS	MET
2000	Russi Alzaga, Bernardo: "La dimensión metodológica en un estudio de públicos de telenovelas en la ciudad de México: miradas de segundo orden para la creación"	UIC (MEX)	MET
2012	Saldanha, Ana Paula; João Vítor Teixeira C. Corrêa; Katiúcia Thamiris Alves dos Santos e Luiz Henrique M. Lopes: "Natureza e especificidade da Midiatização como Mediação"	UFAL (BRA)	TEO
2016	Salvatierra, Celina: "Del desafío del diseño metodológico para la investigación del periodismo literario en Internet"	UNLP (ARG)	MET
2018	Sánchez Reina, Jesús Roberto: "La construcción discursiva del cuerpo (no) saludable. Un modelo para investigar las representaciones de imagen corporal en los y las menores"	UPF (ESP)	MET
2014	Santi, Vilso Junior: "Mediação e midiatização: cartograma comparativo das armações teórico-metodológicas"	UFRR (BRA)	TEO
2016	Santi, Vilso Junior e Leila Adriana Baptaglin: "Os tipos de midiatização e seus ordenamentos".	UFRR (BRA)	TEO
2018	Santi, Vilso Junior e Leila Adriana Baptaglin: "Comunicação na Midiatização e Midiatização na Comunicação: digressões de uma mesma teoria"	UFRR (BRA)	TEO
2014	Santos, Goiamérico Felício Carneiro dos: "A Comunicação, o Acontecimento, o Objeto a Coisa"	UFG (BRA)	EPI
2012	Schleifer, Pablo: "Reflexión sobre la construcción de objeto. El diálogo entre la teoría y la empiria y la condición de objetivar al que objetiva"	UNComahue (ARG)	TEO
2004	Silva, Alexandre Rocha da: "Pós-Mídia: a comunicação das multidões"	UNISINOS (BRA)	TEO

2006	Silva, Alexandre Rocha da e Vinícius da Silva Pellenz: "Memória Audiovisual Brasileira"	UNISINOS (BRA)	MET
2014	Silva, Alexandre Rocha da e Cássio de Borba Lucas: "A atenção flutuante, a dispersão e as séries como estratégias metodológicas para estudos desconstrucionistas do audiovisual"	UFRGS (BRA)	MET
2016	Silva, Alexandre Rocha da; André Correa da Silva de Araujo; Luis Felipe Silveira de Abreu: "A desmontagem e o arranjo como princípios metodológicos na pesquisa em comunicação".	UFRGS (BRA)	MET
2018	Silva, André Campos: "O Uso da Emoção do Medo como Proposta Metodológica de Análise em Filmes de Terror"	UNILA (BRA)	MET
2006	Soares, Thiago: "Por uma metodologia de análise mediática dos videoclipes: Contribuições da Semiótica da Canção e dos Estudos Culturais"	UFBA (BRA)	MET
2000	Sodré, Muniz: "Um objeto em construção"	UFRJ (BRA)	EPI
2010	Sotelo Carreño, Andrea: "Apuntes metodológicos para abordar estudios de comunicación y desarrollo"	UNAD (COL)	MET
2018	Sousa, Lumarya Souza de: "Pesquisa-ação e modos de engajamento no fazer científico"	UFF (BRA)	MET
2012	Souza, Janara; Jesús O. Elizondo y Pedro Russi: "¿Qué es problematizar la investigación sobre la relación entre comunicación y tecnología?"	UnB - UAM C - UnB (BRA - MEX)	EPI
2002	Straubhaar, Joseph; Marta Fuentes, Christine Giraud, Consuelo Campbell: "Refocusing from global to regional homogenization of television: production and programming in the latino U.S. market, Mexico and Venezuela"	UTA (USA)	MET
2018	Strongren, Fernando Figueiredo: "O poder dos meios: uma análise do conceito de poder nas teorias da comunicação"	UnB (BRA)	TEO
2012	Tavares, Camilla Quesada; Michele Goulart Massuchin; Emerson Urizzi Cervi: "Metodologia quantitativa de análise de conteúdo: uma proposta aplicada para pesquisas sobre cobertura jornalística em jornais impressos"	UEPG - UFPR (BRA)	MET
2004	Tavares, Denise: "O jornalismo visto a través da pesquisa"	PUC Campinas (BRA)	TEO
2016	Torres Figueroa, Oneibys: "La teoría de la realidad social, de John R. Searle: nuevos horizontes para investigar en comunicación"	UIA (MEX)	TEO
2018	Torres Figueroa, Oneibys: "La noción de comunicación en la teoría de John Searle"	UIA (MEX)	TEO

200 2	Torrico Villanueva, Erick R.: "Las teorías en germen sobre la "nueva sociedad" y la comunicación: esbozo para una sistematización crítica"	UASB (BOL)	TEO
200 6	Torrico Villanueva, Erick R.: "Acercamiento a la Comunicación como cultura académica y a sus proposiciones teóricas generales"	UASB (BOL)	TEO
201 4	Torrico Villanueva, Erick R.: "A contracorriente: La teoría como condición de posibilidad de la Comunicación"	UASB (BOL)	TEO
201 6	Torrico Villanueva, Erick R.: La "comunicación occidental"	UASB (BOL)	EPI
201 6	Toussaint, Florence: "Reflexiones metodológicas sobre el concepto de industrias creativas".	UNAM FCPyS (MEX)	MET
201 2	Trimano, Luciana; Cecilia Ulla y Laura Lesta: "Ruralidad o nuevas ruralidades: la necesidad de repensar los estudios de comunicación en el marco de la globalización"	UNC (ARG)	TEO
200 4	Valentino, Alejandra: "El tratamiento de los datos en la investigación en comunicación. Aportes desde los estudios del discurso"	UNLP (ARG)	MET
201 4	Valle Florez, Mónica María: "Resultados preliminares del proyecto: "investigación en comunicación adelantada en Antioquia- Colombia (2010-2011). Hacia la implementación del Observatorio Antioqueño de la Investigación en comunicación".	PCJIsaza (COL)	INS
200 4	Varela, Sebastián; Diego Aguiar y Santiago Barandiarán: "Propedéutica para estudios comparados: la construcción social del miedo en las ciudades de La Plata, Guadalajara y San Juan"	UNLP (ARG)	MET
200 4	Vargas Carrillo, Soledad: "Estilos de vida, ética y estética en los suplementos dominicales de los diarios ABC, La Vanguardia y El País 1974-1999"	PUC Valparaíso (CHI)	MET
201 8	Vasconcellos, Renato Resende: "Stories TV? Os aspectos de atração um formato audiovisual efêmero"	UFF (BRA)	MET
201 0	Vega Montiel, Aimée: "Teoría Feminista y Comunicación"	UNAM CEIICH (MEX)	TEO
200 6	Vergueiro, Waldomiro e Roberto Elísio dos Santos: "A pesquisa sobre histórias em quadrinhos na Universidade de São Paulo: análise da produção de 1972 a 2005"	USP (BRA)	MET
200 4	Vidales Gonzáles, Carlos: "Hacia una reestructuración epistemológica de los modelos de comunicación"	ULA (MEX)	EPI
200 6	Vidales Gonzáles, Carlos: "La Semiótica como matriz de estudio de la Comunicación"	REDECOM (MEX)	TEO

2008	Vidales Gonzáles, Carlos: "Semiótica y teoría de la comunicación: los problemas conceptuales de la relación entre la semiótica y los estudios de la comunicación"	UdeG (MEX)	TEO
2012	Vidales Gonzáles, Carlos: "El relativismo teórico, la semiosis histórica y los sistemas conceptuales en los estudios de la comunicación"	UdeG (MEX)	EPI
2014	Vidales Gonzáles, Carlos: "El papel de la historia en el campo, la teoría y la investigación de la comunicación"	UdeG (MEX)	EPI
2018	Vidales Gonzáles, Carlos: "Construyendo teoría de la comunicación desde la Cibersemiótica"	UdeG (MEX)	TEO
2014	Vieira, André Richard Durante y Glaucia da Silva Brito: "Os desenhos animados na área da Comunicação: conteúdos e abordagens presentes nas teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2012 no Brasil"	UFPR (BRA)	MET
2014	Villa Montoya, María Isabel; Maricela Gómez Vargas y Marta Aida Palacio Correa: "Impacto de la producción académica sobre Comunicación Digital en español. Un estudio comparativo entre Scopus y Web of Science"	UPB (COL)	EPI
2002	Vizer, Eduardo: "La trama invisible de la vida social: comunicación, sentido y realidad"	UBA (ARG)	TEO
2012	Winocur, Rosalía: "Etnografía de un proceso de reconstrucción biográfica en Internet"	UAM X (MEX)	MET
2014	Wottrich, Laura Hastenpflug: "A etnografia virtual nos estudos de recepção: uma discussão metodológica"	UFRGS (BRA)	MET
2014	Yáñez Uribe, Leonel: "De las audiencias a la Audienciación como fenómeno de escucha en la Música Acusmática"	ARCIS (CHI)	TEO

Proyecto MapCom: diez años de Investigación financiada en Comunicación en las universidades españolas

Proyecto MapCom: diez años de Investigación financiada en Comunicación en las universidades españolas

Projeto MapCom: dez anos de pesquisa financiada em comunicação em universidades espanholas

MapCom Project: ten years of Communication Research in Spanish universities

Carlos Lozano Ascencio³⁰

Juan Antonio Gaitán Moya³¹

Carmen Caffarel Serra³²

José Luis Piñuel Raigada³³

Resumen: Se exponen datos y consideraciones relevantes desde un punto de vista metodológico que proceden del Proyecto MapCom a propósito del trayecto histórico de una década (2008-2018) de investigación académica en universidades españolas con titulaciones de grado y posgrado en campos de la Comunicación, fijando la atención en los objetos de estudio y los métodos empleados al desarrollar los Proyectos I+D financiados por convocatorias estatales. La elaboración y registro de estos datos se ha hecho a partir del análisis de los repertorios que la Administración del Estado nos ha facilitado a través del Ministerio correspondiente, ofreciendo el resumen que los propios Investigadores Principales de los Proyectos han facilitado en las memorias que dan cuenta de su tramitación. El universo de los textos analizados alcanza un total de 249 Proyectos I+D durante esta década y para el análisis de estos textos con los resúmenes del proyecto financiado, se elaboró un protocolo para registrar datos referidos a la universidad beneficiaria y a su equipo de

³⁰ Carlos Lozano Ascencio. Profesor Titular, Universidad Rey Juan Carlos. Doctor. España, carlos.lozano@urjc.es

³¹ Juan Antonio Gaitán Moya, Universidad Complutense Madrid, Doctor. España, jagamo@ucm.es

³² Carmen Caffarel Serra. Catedrática, Universidad Rey Juan Carlos. Doctora. España, carmen.caffarel@urjc.es

³³ José Luis Piñuel Raigada. Catedrático, Universidad Complutense Madrid, Doctor. España, pinuel@ucm.es

investigación, pero lo relevante para verse aportado a este congreso, es cómo se analizan los objetos de estudio, su campo de localización, sus objetivos y, finalmente, a las técnicas de registro y de procesamiento de los datos en los que se han basado los proyectos. Entre las conclusiones de este estudio destaca la tendencia sostenida a privilegiar como objetos de estudio los discursos mediáticos, y al empleo de técnicas apropiadas para el análisis de documentos.

Palabras Clave: Meta-investigación en Comunicación, Universidad, Open acces.

Resumo: Dados e considerações relevantes do ponto de vista metodológico são apresentados a partir do Projeto MapCom a respeito da trajetória histórica de uma década (2008-2018) de pesquisa acadêmica em universidades espanholas com graduação e pós-graduação nas áreas de comunicação, configurando o atenção aos objetos de estudo e aos métodos utilizados no desenvolvimento dos Projetos de P&D financiados por editais estaduais. A preparação e registro destes dados foram feitos a partir da análise dos repertórios que a Administração do Estado nos forneceu através do Ministério correspondente, oferecendo o resumo que os Investigadores Principais dos Projectos forneceram nos relatórios que respondem por do seu processamento. O universo de textos analisados atinge um total de 249 Projetos de P&D nesta década e para a análise desses textos com as sínteses do projeto financiado, foi desenvolvido um protocolo para registro de dados referentes à universidade beneficiária e sua equipe de pesquisa. Mas o que é relevante para você contribuir com este congreso é a forma como os objetos de estudo são analisados, seu campo de localização, seus objetivos e, por fim, as técnicas de registro e processamento de dados em que se baseiam os projetos. Entre as conclusões deste estudo, destaca-se a tendência sustentada de privilegiar os discursos da mídia como objetos de estudo e o uso de técnicas apropriadas para a análise de documentos.

Palavras-chave: Meta-pesquisa em Comunicação, Universidades espanholas, Acesso aberto.

Abstract: Relevant data and considerations from a methodological point of view are presented from the MapCom Project regarding the historical trajectory of a decade (2008-2018) of academic research in Spanish universities with undergraduate and postgraduate degrees in communication

fields, setting the attention to the objects of study and the methods used when developing the R&D Projects financed by state calls. The preparation and recording of these data has been done from the analysis of the repertoires that the State Administration has provided us through the corresponding Ministry, offering the summary that the Principal Researchers of the Projects have provided in the reports that account for of its processing. The universe of texts analyzed reaches a total of 249 R&D projects during this decade and for the analysis of these texts with the summaries of the funded project, a protocol was developed to record data referring to the beneficiary university and its research team, as well as the objects of study, their field of location, their objectives and, finally, the recording and data processing techniques on which the projects have been based. Among the conclusions of this study, the sustained tendency to privilege media discourses as objects of study, and the use of appropriate techniques for document analysis, stands out.

Key words: R&D Projects, Spanish Universities, Fields of Communication, Decade 2008-2018.

Introducción y antecedentes

En el año 2013 y con financiación de la convocatoria estatal española de Proyectos I+D, cuatro equipos coordinados, uno como equipo coordinador con sede en la U. Complutense (UCM) y los otros tres en la U. del País Vasco (EHU), la U. Jaume I (UJI) en Castellón, y la U. de Málaga (UMA) presentaron solicitud para realizar un estudio con el título “El sistema de investigación en

España sobre prácticas sociales de Comunicación. Mapa de Proyectos, Grupos, Líneas, Objetos de estudio y Métodos”, cuyo acrónimo adoptado fue MAPCOM (ref. CSO2013-47933-C4). El Proyecto MapCom, aspiraba a contribuir a la elaboración de un mapa capaz de representar el desarrollo del sistema de investigación en España sobre prácticas sociales de Comunicación,

estableciendo un banco de datos de acceso abierto sobre Proyectos, Grupos, Líneas, Objetos de estudio y Métodos de investigación, recopilando y analizando las memorias científicas de las solicitudes y de los informes de todos aquellos proyectos de investigación financiados desde 2007 por convocatorias nacionales, así como de las Tesis Doctorales aprobadas también desde 2007, en las universidades españolas con titulaciones de grado y postgrado en las áreas de la Comunicación .

Con posterioridad, en el año 2018, otro equipo de investigación, esta vez con sede en la U. Rey Juan Carlos, en Madrid, y dirigido por la Profesora Dra. Carmen Caffarel y el Profesor Dr. Carlos Lozano Ascencio, abordaron una segunda fase del proyecto MapCom añadiendo esta vez al repositorio y análisis de Proyecto I+D (PI+D) y de Tesis Doctorales (TD), los proyectos y tesis doctorales de los siguientes años hasta completar la década, y el universo de artículos científicos derivados de proyectos I+D, y publicados por las revistas fuente del campo de la Comunicación, así como las comunicaciones a los seis Congresos Internacionales de la AE-IC (Asociación

Española de Investigadores de la Comunicación) que es la asociación de referencia a nivel español semejante a las asociaciones de investigadores en las respectivas nacionalidades del ámbito latinoamericano, como por ejemplo en Colombia ACICOM. El análisis de estos productos de investigación se ha completado en su primera y en esta su segunda época fase, con la obtención de discursos de los propios investigadores, tanto por técnicas cualitativas de grupo (Phillips 66 y Delphi) como por técnicas cuantitativas de encuesta, a propósitos de sus experiencias de investigación³⁴.

En esta exposición, como se ha dicho, los datos de interés para ser expuestos y comentados se centran sobre los Objetos de estudio y Métodos en los Proyectos I+D de convocatorias estatales realizados en universidades españolas, públicas y privadas, con titulaciones de Grado y Posgrado en Comunicación. Es de tener en cuenta que los Proyectos I+D son la expresión de la excelencia investigadora que el Estado, a través del Ministerio correspondiente (ya sea, Ciencia e Innovación o Economía, Industria y Competitividad), concede mediante una

³⁴ Los informes de este estudio se pueden consultar en la web de MapCom <http://www.mapcom.es/investigacion/fase-1>, así como sus bases de datos en <http://www.mapcom.es/bases-de-datos>.

financiación temporal acorde con unos requisitos muy estrictos y una evaluación muy rigurosa. Por ello, además, adquiere relevancia fijar la atención en aquellos procesos de investigación que mejor pueden ofrecer perfiles significativos de comparación no solo entre universidades y territorios y/o estados autónomos, sino también entre países, pues los Proyectos I+D suponen el nivel competitivo más alto académicamente en su concesión, y por ello sus perfiles en la elección de objetos de estudio y metodologías pueden servir de marca para contrastar las políticas científicas por universidades, regiones y países. Y, en consecuencia, la posterior Cartografía de estos perfiles de la producción investigadora de mayor rango en comunicación servirá para construir una representación geomática a los discursos científicos legitimados por cuál sea la rendición de cuentas de la actividad investigadora de las universidades españolas con titulaciones en grado y postgrado en Comunicación. Conforme a este objetivo general, el proyecto persigue entonces adecuar los resultados de esta metainvestigación, relacionados con las orientaciones de política científica establecidas entre otras normativas, por la *Estrategia Española de Ciencia y Tecnología y*

de Innovación, y las europeas como *Horizonte 2020* y posteriores, dado que directamente MapCom aspira al Fomento de la Investigación Científica y Técnica de Excelencia en el campo de los estudios de Comunicación.

- Caracterización del estudio y metodología de abordaje. En esta exposición los datos que se van a ofrecer y comentar, exclusivamente referidos a Proyectos I+D., Derivan de analizar las memorias científicas relacionadas con la Comunicación de todos aquellos Proyectos I+D (PI+D) aprobados y financiados entre 2008 y 2018 inclusive, por convocatorias estatales; el número de documentos analizados han sido 249.

Una vez hecho el censo, posteriormente se ha realizado un análisis de su contenido. Para llegar a ello, solicitamos al MINECO (Ministerio de Economía y Competitividad) copia de los informes incluidos en las solicitudes de los Proyectos positivamente evaluados, y a los Vicerrectorados de Investigación de las universidades, el contacto con los IP de aquellos proyectos financiados. La recopilación de los informes incluidos en las solicitudes de los Proyectos fue imposible casi en su totalidad, pues con mucho retraso y dificultad el Ministerio proporcionó una base

de datos donde para cada proyecto se hacía constar sólo Código de Referencia, Organismo o Centro beneficiario, Importe concedido, Fecha de inicio y fin, Nombre y Apellidos del IP, Título, y Resumen del Proyecto. Y fueron los resúmenes de Proyecto los textos utilizados para repertoriar sus objetos de estudio y metodologías empleadas. Las ventajas de haber analizado los documentos descritos tienen que ver con las perspectivas que brindan los proyectos de investigación competitivos a nivel estatal. Las razones de haber dejado de lado los proyectos de investigación competitivos a nivel autonómico, municipal, y universitario está motivada por la disparidad de condiciones impuestas por las convocatorias, que impiden contrastes equiparables.

-Acotación del universo y metodología: El principal instrumento de análisis que nos ha servido en esta investigación es el diseño de un Protocolo que nos permitiese registrar en los documentos las variables elegidas para

ser tomadas en consideración en un análisis de contenido (Piñuel, J.L. 2001). El protocolo tiene varios niveles de análisis. En el más inmediato y genérico están las variables de identificación en donde se registra información básica de los proyectos, véase Cuadro 1. En el siguiente nivel de análisis se registra el perfil epistemológico de la investigación, es decir interesa sus objetivos, su objeto de estudio y el entorno donde se ubica dicho objeto de estudio. Las indagaciones sobre la metodología tienen que ver con el tercer nivel de análisis, donde se indagan las técnicas dominantes, las muestras y la naturaleza de los datos, etc.

En esta exposición nos vamos a centrar en el análisis de alguno de los datos procedentes de la identificación, como por ejemplo el año de solicitud para ver tendencias en la evolución de los proyectos, y el género sexual de los IP, pero sobre todo los datos derivados tanto del perfil epistemológico como de la metodología.

Cuadro 1. Niveles de análisis, variables y categorías del protocolo de análisis

Niveles de análisis	Variables y Categorías

<i>Identificación</i>	<i>Nº Registro, Documento, Código, Año de solicitud, Universidad, Acrónimo, Autonomía, Investigador Principal (IP), Género del IP, Título, Descriptores, Idioma</i>
<i>Perfil epistemológico</i>	<i>El objetivo de la investigación, Objeto material de estudio, la naturaleza del campo del que procede el objeto material de estudio, Escenario o entorno donde el objeto de estudio es localizado, Objeto formal de estudio</i>
<i>Metodología</i>	<i>Tipo de muestra seleccionada, la naturaleza de los datos elaborados y registrados en la investigación, las técnicas específicamente utilizadas y tipos de triangulación utilizados para establecer conclusiones.</i>

Para abordar la elaboración de datos al hilo del análisis de los resúmenes integrantes del corpus de nuestro estudio, y centrando el interés en los perfiles epistemológicos de los proyectos, la guía de variables y categorías se resumen en el Cuadro 2. Por su parte,

centrando el interés en los perfiles metodológicos de los proyectos, la guía de variables y categorías del protocolo, se resumen en el Cuadro 3.

Cuadro 2. Variables y categorías del Perfil epistemológico de los Proyectos

<i>Objetivos:</i>	<i>¿Qué persigue la investigación realizada? ¿</i>
<i>1. Describir</i>	<i>1. Si es describir, la investigación servirá para registrar, explorar, clasificar, presentar y/o definir prácticas de comunicación, p. e., medir audiencias, cuantificar resultados, etc.</i>
<i>2. Explicar</i>	<i>2. Si es explicar, la investigación establecerá relaciones entre resgos del objeto de estudio ofreciendo modelos de representación para proponer causas, efectos, correlaciones y evolución del objeto de estudio, recurriendo, p. e. a teorías conocidas, o planteando alguna nueva.</i>
<i>3. Evaluar</i>	
<i>4. Intervenir</i>	
<i>5. No se formulan</i>	

	3. Si es evaluar, la investigación buscará poner a prueba, contrastar o validar modelos teóricos y/o metodológicos. Así, p. e., refutar o confirmar la reducción de disonancias cognitivas cuando se estudian los cambios de actitudes, o evaluar la teoría o la metodología utilizadas. 4. Si es intervenir, la investigación recurrirá a utilizar modelos conocidos para cambiar conductas o procesos sociales. Así, p. e., se hace en la investigación aplicada o en la investigación-acción, como sucede si se llevan a cabo dinámicas de grupos para modificación de conducta. 5. Si no se formulan objetivos o no están claros, es que no están explícitas las metas a perseguir.
Campo predominante: ¿cuál es el campo predominante en la investigación analizada? 1. No programado / Natural 2. Programado / Experimental 3. Documental 4. Investigación/Acción 5. No consta	Es preciso identificar el campo que tenga mayor presencia, según la elaboración y el registro de datos. 1. El campo donde se sitúa el objeto de estudio lo establece la agenda social, no el equipo de investigación; p. e., una campaña electoral. 2. El campo donde se sitúa el objeto de estudio lo establece el equipo de investigación; p. e., fijando momento y lugar de una entrevista, una encuesta, un test, etc. 3. El ámbito donde se sitúa el objeto de estudio es documental, como resultado de una práctica social de comunicación. Por ejemplo, textos para análisis de contenido o archivos para catalogación bibliotecaria. 4. El campo donde se sitúa la investigación-acción combina las agendas del equipo y las agendas sociales, ajustando unas a otras.
Objeto material de estudio: 1. De masas 2. Organizacional 3. Interpersonal 4. Grupal. 5. Metainvestigación	De masas si se trata de prácticas de comunicación social a través de medios masivos, cualquiera sea su soporte y género (informativo, educativo o de entretenimiento) Organizacional si se trata de prácticas de comunicación social por las cuales una organización o Institución se relaciona con sus públicos internos lo externos, cualquiera sea el medio utilizado

	<i>Interpersonal si se trata de prácticas de comunicación social por las cuales individuos particulares se relacionan con otros, ya sea a través de medios masivos, o no, cualquiera sea su soporte y género.</i> <i>Grupal si se trata de prácticas de comunicación social condicionadas por la existencia de grupos de individuos que se relacionan con otros, ya sea a través de medios masivos, o no, cualquiera sea su soporte y género.</i> <i>Metainvestigación si se trata de una actividad investigadora sobre Comunicación que se describe, explica, o evalúa</i>
<i>Objeto formal de estudio</i> <i>1. Infraestructura socioeconómica</i> <i>2. Estructura discursiva</i> <i>3. Superestructura normativa</i> <i>4. Evolución histórica</i>	<i>1. Infraestructura socioeconómica si se enfoca una práctica de comunicación social por sus condiciones de producción, distribución o consumo de mercancías</i> <i>2 Estructura discursiva si se enfoca una práctica de comunicación social fijando la atención en los discursos que circulan para desvelar las condiciones de su uso comunicativo, informativo o simbólico</i> <i>3. Superestructura normativa si se trata de contemplar regulaciones concernientes a prácticas de comunicación social comprometiendo condiciones para llevarlas a cabo, ya sea a través de medios masivos, o no, cualquiera sea su soporte y género.</i> <i>4. Evolución histórica si se trata de estudiar transformaciones históricas de prácticas de comunicación social ya sea ocurridas a través de medios masivos, o no, cualquiera sea su soporte y género.</i>
<i>Escenario o Entorno:</i> <i>1. De masas</i> <i>2. Organizacional</i> <i>3. Interpersonal</i> <i>4. Grupal.</i> <i>5. Metainvestigación</i>	<i>Escenario o escenarios donde se ubica la práctica comunicativa que se contempla como el objeto material de estudio (Multirespuesta)</i> <i>Ejemplo 1:</i> <i>Objeto de estudio: Uso de WhatsApp por parte de los empleados de una compañía</i> <i>Clasificación objeto formal de estudio: estructura discursiva interpersonal en línea</i> <i>Entorno: organizacional presencial</i> <i>Ejemplo 2:</i>

	<i>Objeto de estudio: relaciones de género características en una agencia de publicidad, analizando los personajes de la serie Mad Men</i> <i>Clasificación objeto formal de estudio: estructura discursiva organizacional</i> <i>Entorno: de masas convencional</i>

Es de advertir que el perfil epistemológico cuyas variables y categorías se especifican en el Cuadro 2, viene constituido, en primer lugar, por la elección de alternativas para representar los objetos de estudio que se aspiran examinar según los objetivos del proyecto sean Describir, o bien Explicar, Evaluar, Intervenir o si no se formulan o se ocultan. En segundo lugar, el perfil epistemológico se completará por la selección de alternativas para representar los objetos de estudio según cuál sea el campo predominante del que arranca la investigación del proyecto, para concretamente efectuar la elaboración y el registro de datos. Y se propone que estos campos puedan ser consignados atendiendo a las situaciones de acceso o de la experiencia de acercamiento a los objetos de estudio: acceso No programado / Natural, o bien Programado / Experimental, o bien Documental, es decir de acceso a documentos, o bien si se trate de abordar un acercamiento de Investigación/Acción, caso de que este acercamiento al objeto de estudio se haga constar. En tercer lugar, el perfil

epistemológico también se completará por la selección de alternativas para representar el Objeto material de estudio según sean los marcos generales de la práctica de comunicación social sometida a examen, concretamente si ésta se enmarca en el ámbito de la comunicación De masas, Organizacional, Interpersonal, Grupal, o bien que se trate de investigaciones precedentes o en curso, es decir, de Metainvestigación. Ahora bien, sea cual sea este marco, el perfil epistemológico se completará además por la selección de alternativas para enfocar el objeto material de estudio, en función del aspecto que interesa conocer en el Objeto a estudiar. Dicho de otra manera, según sea el Objeto formal de estudio.

Según la tradición del materialismo dialéctico (Marx, K, 1968), la infraestructura socioeconómica contiene las relaciones de producción, en función de las cuales se desarrolla una estructura de poder y un discurso justificativo de la misma, denominado superestructura. Y consideradas las prácticas sociales de comunicación, las condiciones materiales de producción,

distribución y consumo de bienes y servicios comunicativos llevan a una estructura discursiva (conteniendo señales, mensajes, textos y discursos), por cuya circulación e interpretación se genera la dominación y el sometimiento en las relaciones sociales, que sólo podrían sostenerse por la fuerza física, y es la circulación e interpretación de discursos la que acompaña y frecuentemente sustituye a la fuerza física en las relaciones sociales gracias a la superestructura del discurso ideológico y normativo que las justifica. Por esto, ya se trate de haber elegido los objetos materiales de estudio en el marco de la comunicación de masas, la comunicación organizacional, la comunicación interpersonal o la comunicación grupal, el enfoque u objeto formal de estudio que puede orientar el interés de ser conocido, puede ser la Infraestructura socioeconómica, la Estructura discursiva, la Superestructura normativa, o bien la contemplación de su Evolución histórica. Finalmente, la configuración del perfil epistemológico también se completará, en cuarto lugar, por la selección de alternativas para acceder al Escenario o escenarios donde se ubica la práctica comunicativa que se contempla como objeto formal de estudio, y que en la última fila del Cuadro 2 se ilustra con ejemplos.

Para abordar, por su parte, la elaboración de datos al hilo del análisis de los textos de los resúmenes integrantes del corpus de nuestro estudio, y centrando el interés en los perfiles metodológicos de los proyectos, la guía de variables y categorías del protocolo, se resumen en el Cuadro 3. Lo primero es catalogar el tipo de muestra a que se recurre recabando datos de los objetos de estudio: si se trata de muestras Probabilísticas, Intencionales, Significativas de población, Estructurales, o si No hay muestra, o bien No consta / No procede. Lo segundo es saber la naturaleza de los datos que se elaboran: si son Cuantitativos o Paramétricos, Cualitativos o de atributo, Mixtos o de variación, Lógicos o argumentativos, o si por el contrario No consta / No procede consignar esta naturaleza. Lo tercero es anotar cuáles son las Técnicas de elaboración y registro de datos primarios: si a través de Observaciones, o bien de Conversaciones, de Encuestas, Experimentos, o de Documentos. Y, elegida una de éstas, de cuáles en concreto se trata en cada caso siguiendo los repertorios consignados y señalados en ese Cuadro 3. Finalmente, se termina la configuración de los perfiles metodológicos consignando si existe algún tipo Triangulación, de forma que, aún admitiendo multi-respuesta, la triangulación

efectuada ha sido de Fuentes documentales, de Discursos de observadores o expertos, de Modelos teóricos, de Métodos, que abarcan más de una técnica de investigación, o si por

el contrario o no hay triangulación o bien No consta / No procede.

Cuadro 3. Variables y categorías del Perfil metodológico de los Proyectos

Muestras 1. Probabilísticas 2. Intencionales 3. Significativas de población 4. Estructurales 5. No hay muestra 6. No consta / No procede	1. Probabilísticas, si la muestra es aleatoria y calculada estableciendo el margen de error, el nivel de confianza, etc., con relación al universo estudiado. 2. Intencionales, si se selecciona la muestra en función de criterios establecidos y justificados sólo por el investigador. 3. Significativas de población, si la muestra se selecciona por segmentación del universo según variables relevantes de la población en relación con el objeto de estudio. 4. Estructurales si la muestra se elige considerando alguna organización de variables o categorías derivadas de sus relaciones y posiciones dentro del universo. 5. No hay muestra porque se trabaja con el universo completo, o sólo se trata de un estudio de caso.
Datos: 1. Cuantitativos o Paramétricos 2. Cualitativos o de atributo 3. Mixtos o de variación 4. Lógicos o argumentativos 5. No consta / No procede	¿Sobre qué tipo de datos se elabora la información en la que el investigador se basa para las conclusiones del trabajo? 1. Paramétricos o Datos cuantitativos (Frecuencias, índices, medidas, calificaciones etc.; por ejemplo, brindando gráficos y tablas de frecuencias, simples y cruzadas, medidas de tendencia central y de dispersión, correlaciones, etc.) 2. De Atributo o de Datos cualitativos (expresados por categorías, enunciados y juicios de valor, en contraposición a los datos cuantitativos) 3. Mixtos o Mezcla de 1 y 2 4. Investigación centrada en las formas del tratamiento de discursos (p. e. proposiciones, argumentaciones, etc.)

<i>Técnicas de elaboración y registro de datos primarios</i> 1. Observaciones 2. Conversaciones 3. Encuestas 4. Experimentos 5. Documentos	<i>Debe elegirse a continuación aquella respuesta que mejor remita al tipo de práctica más utilizada para la elaboración y registro de los datos primarios de la investigación. (Multirespuesta)</i> <i>Nota: De las preguntas que aparecen a continuación, elegir "No consta" en el caso de que ese tipo de técnica no haya sido utilizado.</i>
<i>Tipo de Observación</i> <i>Técnicas más utilizadas mediante Observaciones</i> 1. Auto-observación 2. Observación sistemática 3. Observación participante 4. Varias 5. No consta	<i>Elegida la Técnica de Observación el analista debe seleccionar si el autor de la investigación basa la información con datos que proceden de observaciones en las que:</i> 1. Los sujetos investigados se observan a sí mismo. 2. El propio investigador elabora datos de la observación que realiza, desde el status de juez último, como un sistema observador externo al campo de observación (perspectiva etic), para elaborar las descripciones y registrar de forma estandarizada los datos. 3. El propio investigador forma parte del campo de observación o tiene cierta vinculación con los sujetos observados.
<i>Técnicas más utilizadas mediante conversaciones</i> 1. Entrevistas 2. Discusión de grupo 3. Grupo de discusión 4. Dinámica grupal de intervención 5. Phillips 66 6. Delphi 7. Varias	<i>Elegida la Técnica de Conversación el analista debe seleccionar si el autor de la investigación basa la información con datos que proceden de conversaciones:</i> 1. Abiertas, en profundidad y semi-estructuradas aplicadas a individuos 2. Debate que se produce en grupos previamente existentes de personas (grupos naturales). 3. Debate que se produce en grupos expresamente constituido de personas para la discusión (Socio análisis conversacional, Focus Group). 4. Actividad que se diseña para modificar comportamientos de los individuos aprovechando la influencia ejercida por la presión del mismo grupo, con fines terapéuticos, de aprendizaje, de creatividad (Brainstorming).

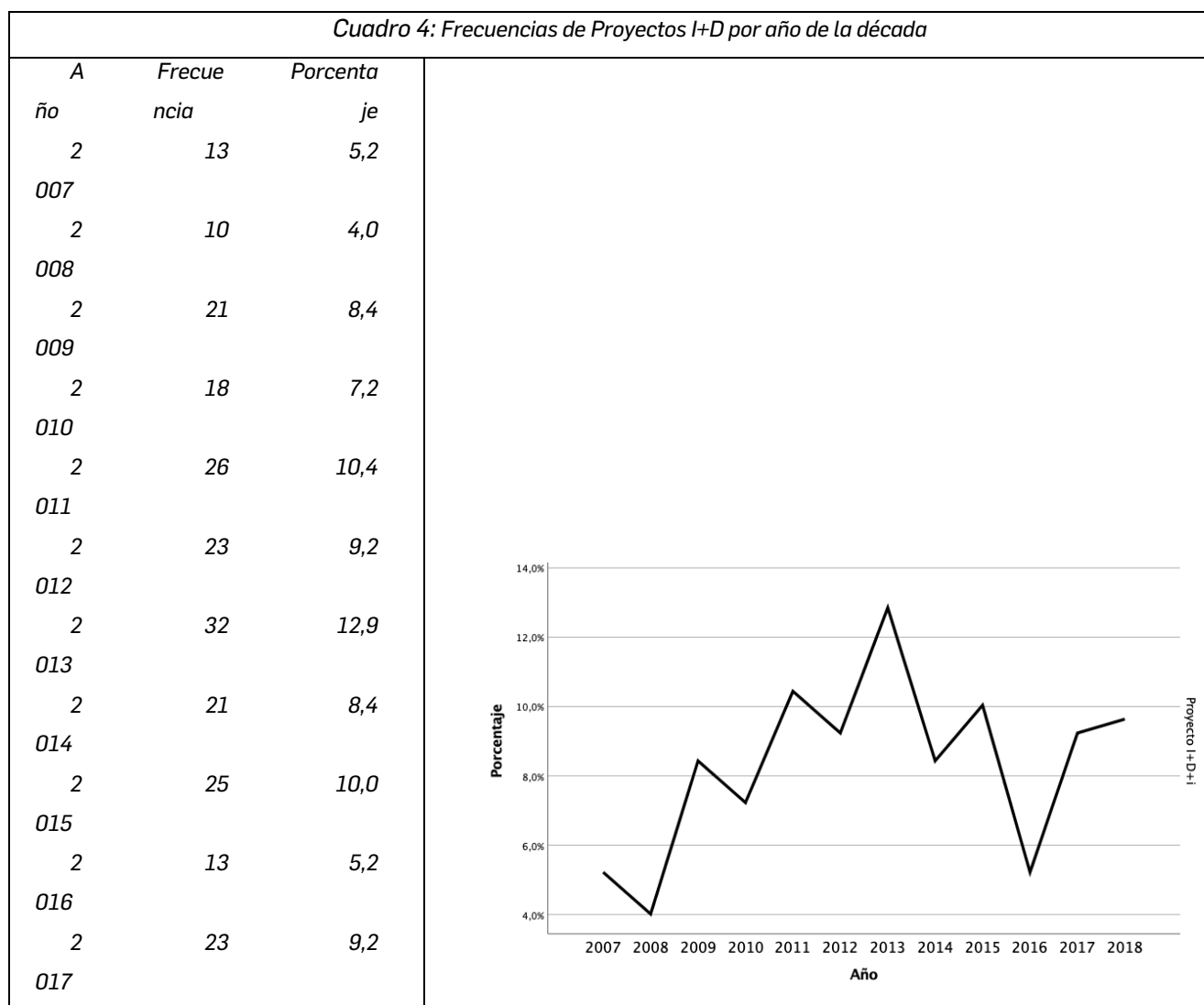
8. No consta	5. Técnica para grupos grandes que divididos en 6 subgrupos de 6 personas (de ahí el nombre) debaten sobre un problema concreto con sucesivas puestas en común y posteriores debates en el grupo general. 6. Sucesivas rondas de entrevistas por escrito, mantenidas con expertos que critican y aportan sus opiniones sin conocer la identidad del resto de participantes.
Técnicas más utilizadas mediante encuestas 1. Encuesta de opinión 2. Encuesta de actitudes 3. Varias 4. No consta	Elegida la Técnica de Encuesta el analista debe seleccionar si el autor de la investigación fundamenta la información con datos que proceden de encuestas basadas en: 1. Entrevistas personales, cerradas, reproducidas en serie a muchos sujetos con el objeto de conocer sus puntos de vista sobre determinados temas. 2. Entrevistas personales, cerradas, reproducidas en serie a muchos sujetos con el objeto de conocer sus actitudes y predisposiciones sobre determinados temas.
Técnicas más utilizadas mediante experimentos: 1. Experimentos de sujeto 2. Experimentos de grupo 3. Experimentos de campo 4. Varias 5. No consta	Elegida la Técnica de Experimentos el analista debe seleccionar si el autor de la investigación fundamenta la información con datos que proceden de experimentos basados en situaciones donde: 1. Se coloca a un sujeto ante un reactivo (palabras, frase o relatos incompletos, dibujos, hechos, conductas tareas) o variables estímulo. 2. Se coloca a un grupo de sujetos ante un reactivo (palabras, frase o relatos incompletos, dibujos, hechos, conductas tareas) o variables estímulo. 3. Se coloca a un sujeto o grupo en una situación o contexto controlable y observable: p.e. una semana sin televisión.
Técnicas más utilizadas mediante análisis de documentos:	Elegida la Técnica de Documentos el analista debe seleccionar si el autor de la investigación fundamenta la información con datos que proceden de análisis basados en productos comunicativos sobre los cuales se aplican:

1. <i>Análisis de contenido</i> 2. <i>Análisis del discurso</i> 3. <i>Análisis de documentación</i> 4. <i>Varias</i> 5. <i>No consta</i>	1. <i>Técnicas de investigación para la descripción, objetiva, sistemática y cuantitativa del contenido supuestamente manifiesto de los documentos analizados</i> 2. <i>Estudio de la interacción implicada en discursos comunicativos según contextos cognitivos, sociales, políticos, históricos, culturales, etc.</i> 3. <i>Estudio de productos comunicativos que se destina a la catalogación, archivo y gestión documental con objeto de facilitar su identificación, recuperación y uso posteriores.</i>
<i>Triangulación (se admite multi-respuesta):</i> 1. <i>Fuentes documentales</i> 2. <i>Discursos de observadores o expertos</i> 3. <i>Modelos teóricos</i> 4. <i>Métodos, que abarcan más de una técnica de investigación</i> 5. <i>Sin triangulación</i> 6. <i>No consta / No procede</i>	<i>La elaboración de las conclusiones está basada en la articulación y contraste de diferentes:</i> 1. <i>Orígenes o fuentes de los que proceden los datos</i> 2. <i>Aportaciones publicadas o discursos de otros autores o especialistas del campo de estudio</i> 3. <i>Modelos teóricos o Esquemas de representación de un objeto de estudio, propuestos por investigadores precedentes, que pueden ser confirmadas o no por la investigación.</i> 4. <i>Con técnicas complementarias, simultáneas o alternativas que abarcan la articulación de más de una técnica de investigación</i>

- Principales resultados, reflexiones y conclusiones. Aplicado el protocolo descrito al análisis de los textos de los resúmenes entregados por los IP en la tramitación de sus memorias, lo primero que merece la pena

destacar es la curva de frecuencia de Proyectos I+D financiados durante la década, tal como aparece en el Cuadro 4

Cuadro 4: Frecuencias de Proyectos I+D por año de la década

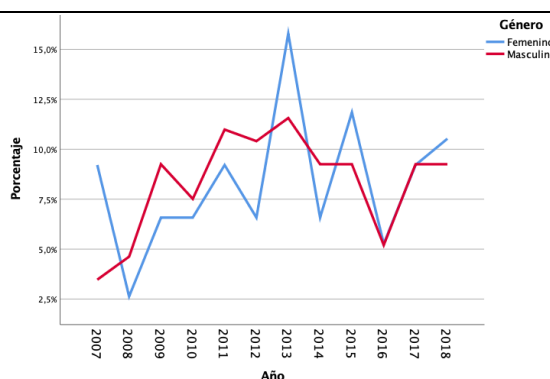


2018	24	9,6
Total	249	100,0

Si ahora aspiramos a contemplar la evolución por años del género por sexo de los IP que ganan proyectos en la década, el Cuadro 5 muestra la curva de los datos de frecuencias respectivas.

Cuadro 5: Frecuencias de Proyectos I+D por año y género de los IP

Género	Frecuencia	Porcentaje
Masculino	173	69,5
Femenino	76	30,5
Total	249	100,0



Según estos datos sobre las Frecuencias de Proyectos I+D por año y género de los IP, de 2008 a 2012 siempre los IP masculinos superan en número de proyectos a IPs

femeninas. Pero a partir de ese año, se invierte esta tendencia, con la única excepción de 2014. No obstante, con independencia de la evolución histórica, la desigualdad es muy

relevante: el 39,2% de los PI+D tienen a un IP masculino, frente al 30,8% de IP mujeres.

Obviamos presentar ahora los perfiles consiguientes a la distribución de los Proyectos I+D obtenidos por las universidades y sus Comunidades Autónomas españolas de referencia, por tratarse de datos domésticos del país. A partir de aquí, expondremos los resultados referidos al análisis epistemológico de sus objetos de estudio y sus metodologías de registro, procesamiento e interpretación. Si se consulta los perfiles tanto epistemológicos como metodológicos que se han indicado en el apartado anterior dedicado a metodología, pueden contemplarse los resultados que ahora conviene resaltar señalando que, por sus frecuencias, la selección de los objetivos asumidos durante esta década por los proyectos I+D el mayor porcentaje, del 55,8%, es el objetivo de describir. La tipología de los objetos de estudio que también sobresalen por ser mayoritarios, con el 54,2% es la aparición en proyectos, del objeto de estudio en el campo de Comunicación de masas, así como también con un 55,4% su escenario es también el de los Medios de Comunicación de Masas.

Ahora bien, si se fija la atención en cual es el objeto formal desde cuyo interés se abordan tales tipologías de objetos y escenarios, aparece que el objeto formal definido como estructura discursiva también es mayoritario, pero en un porcentaje de 36,9% y que otra tercera parte de los proyectos cuyo objeto formal alcanza una proporción similar, con un 30,9% es el objeto formal cuyo interés es la superestructura normativa. El interés de la infraestructura socioeconómica apenas alcanza una quinta parte de los Proyectos I+D y la historia apenas un 12,4%.

Si relacionamos estas frecuencias con sus respectivas combinaciones en función de cuales son los objetivos de investigación y su objeto formal, aparecen los siguientes datos que comentamos a continuación: Cuando el objetivo es describir (Gráfico 1) el objeto material prioritario pertenece a la tipología de comunicación de masas y su objeto formal el análisis de su estructura discursiva. Cuando el objetivo es describir y los objetos materiales son comunicación en organizaciones, interpersonal y grupal el objeto formal dominante es el de superestructura normativa.

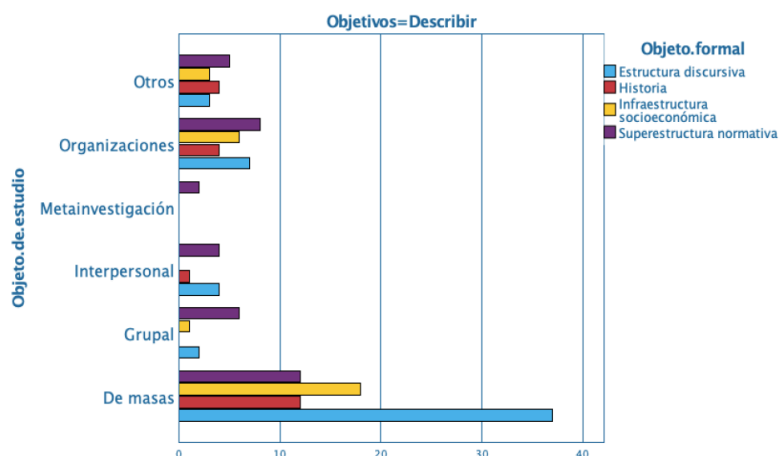


Gráfico 1 Objetivo Describir. Objeto de estudio y Objeto formal.

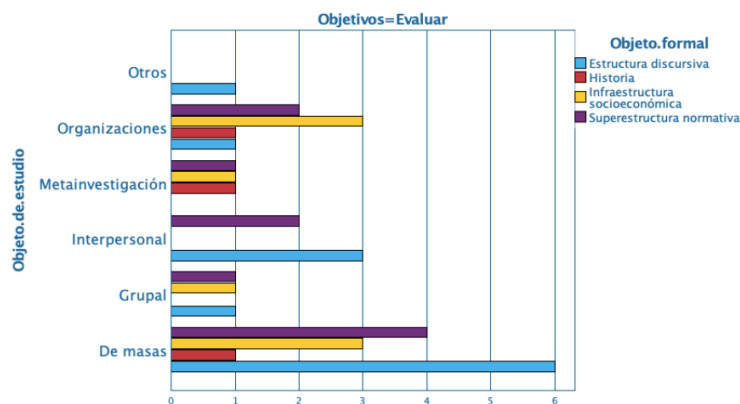
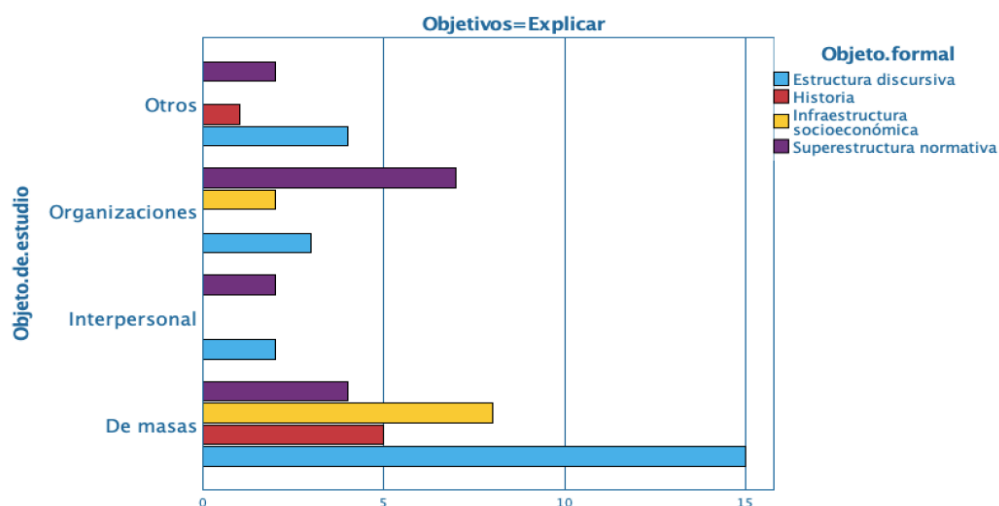


Gráfico 2. Objetivo Evaluar. Objeto de estudio y Objeto formal.

Si el objetivo de los PI+D es explicar (Gráfico2), el objeto material mayoritariamente abordado pertenece también a la comunicación de masas y los objetos formales predominantes son en primer lugar la estructura discursiva y la infraestructura económica. Y en cambio la superestructura normativa es la menos

elegida cuando el objeto material de estudio pertenece a la comunicación de masas, pero es el foco mayoritario de interés cuando el objeto material de estudio pertenece a organizaciones o a comunicación interpersonal, pero en proporción poco relevante. Cuando el objetivo del Proyecto I+D es evaluar (Gráfico3), si el objeto material de estudio pertenece a la tipología de

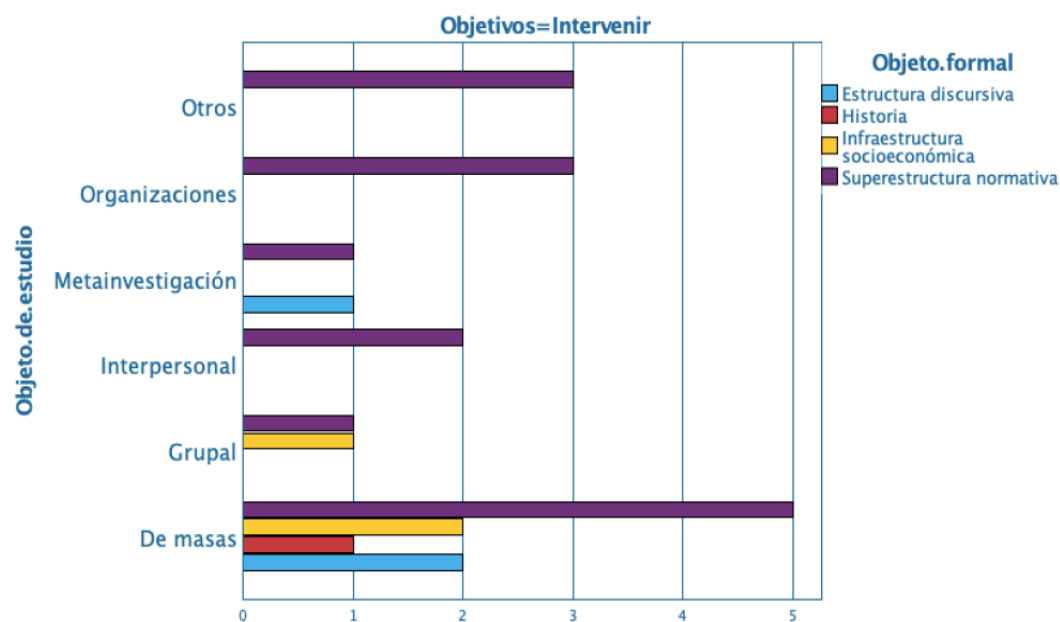


comunicación de masas, la estructura discursiva, como objeto formal, también es predominante, pero a muy poca distancia le sigue el interés por atender a la superestructura normativa seguida de examinar la infraestructura socioeconómica. Pero si el objeto material pertenece a comunicación en organizaciones el objeto formal más destacado es el estudio de su infraestructura económica seguido del interés por estudiar la superestructura normativa. La comunicación

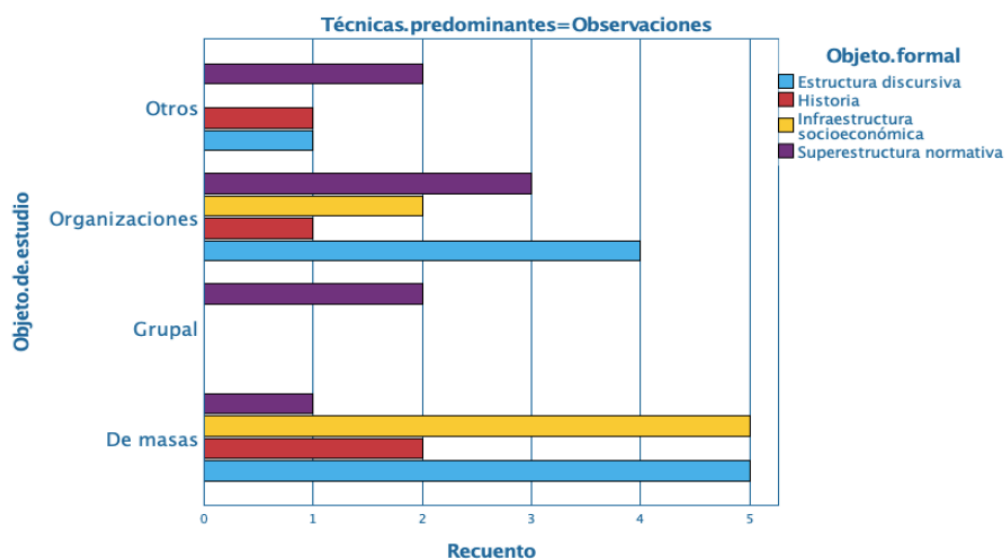
interpersonal finalmente, cuando el objetivo también es evaluar, la atención prestada a su objeto formal es primero la estructura discursiva y luego la superestructura normativa.

Gráfico 4: Objetivo intervenir. Objeto de estudio. Objeto formal

Gráfico 3:



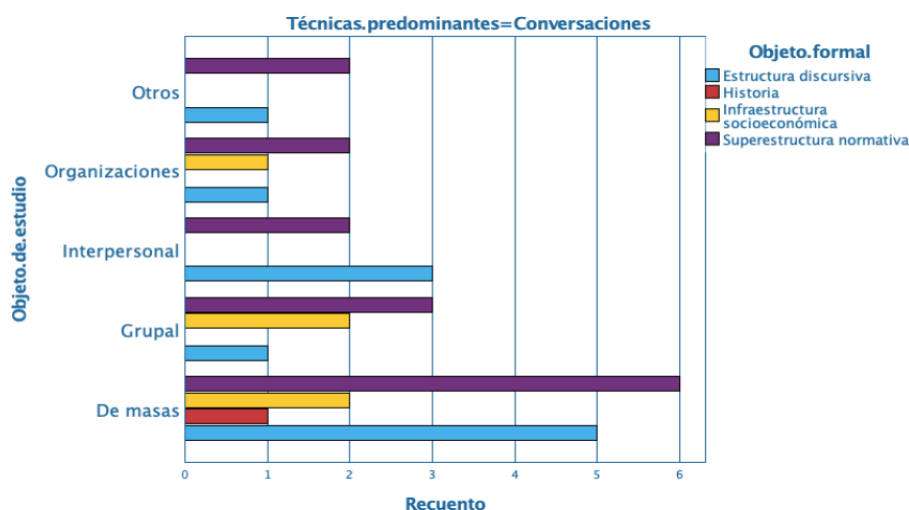
Objetivo explicar. Objeto de estudio. Objeto formal.



Finalmente, (Gráfico 4), cuando el objetivo es intervenir, y sea cual sea el objeto material de estudio, siempre domina como objeto formal la superestructura normativa. Tomando en consideración el perfil metodológico de los PI+D, fijamos la atención en cómo cada una de las técnicas predominantes se relacionan con los objetos materiales y formales de estudio. Si nos fijamos en primer lugar en el uso, como técnica predominante, de la observación empírica (Gráfico 5), si el objeto material de estudio pertenece a la comunicación de masas o a la comunicación de organizaciones,

el objeto formal que primero destaca por su frecuencia es el análisis de su estructura discursiva. Pero en el caso de que el objeto material pertenezca a la comunicación de masas, la infraestructura socioeconómica es el objeto formal que comparte la misma frecuencia de aparición que la atención prestada a la estructura discursiva, mientras que, si el objeto material pertenece a comunicación de organizaciones, el objeto formal que aparece en segundo lugar es el de la superestructura normativa, objeto formal que también es dominante cuando el objetivo material es de comunicación grupal.

Gráfico 5: Técnica de Observación. Objeto de estudio. Objeto formal



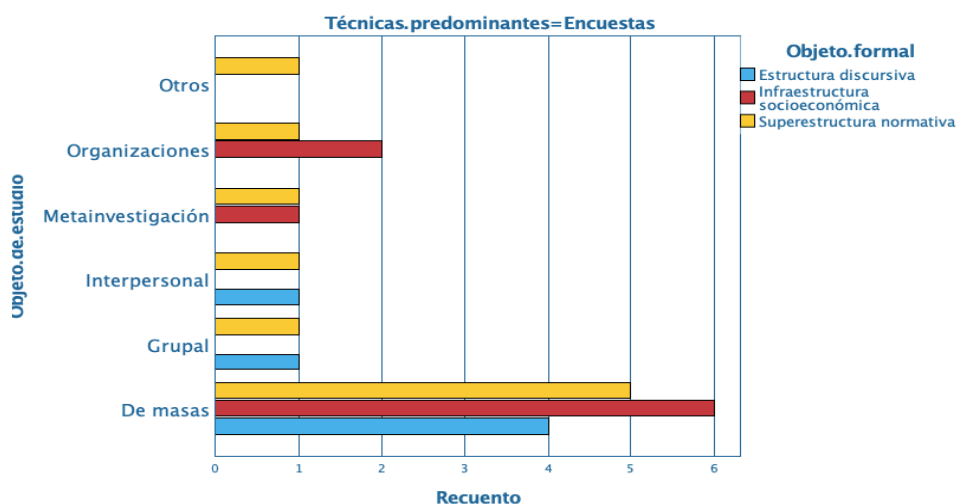


Gráfico 6: Técnica de Conversación. Objeto de estudio. Objeto formal

En el caso de que la técnica predominante en un proyecto I+D sea conversaciones (Gráfico 6), cualquiera sea también la tipología del objeto material de estudio, el objeto formal dominante es abordar la superestructura normativa y en segundo lugar la estructura discursiva. En este caso de que la técnica predominante sea el uso de

encuestas (Gráfico 7) vuelve a ser dominante para cualquiera sea la tipología del objeto material el interés que, como objeto formal, se le presta a la infraestructura socioeconómica, seguida de la superestructura normativa que es el objeto formal que es secundario cualquiera sea la tipología del objeto material de estudio.

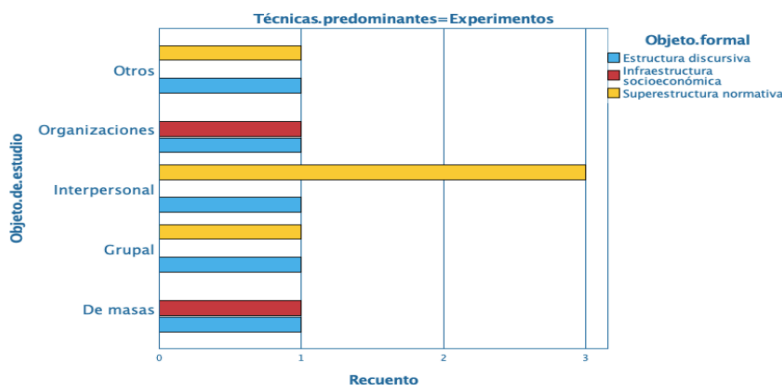


Gráfico 7: Técnica Encuesta. Objeto de estudio. Objeto formal.

El uso de experimentos como técnica predominante en PI+D es muy exiguo como ha podido comprobarse en las frecuencias simples. Todas las tipologías de objetos materiales comparten este rasgo a excepción

Por su parte la técnica predominante del uso de documentos para efectuar análisis de procesos comunicativos (Gráfico 9) se utiliza cualquiera sea la tipología del objeto material de estudio, si bien resalta esta técnica en la elaboración y registro de datos cuando la tipología del objeto material de estudio pertenece a la comunicación de masas en primer lugar y a las organizaciones en segundo lugar.

Pero si el objeto material pertenece a la tipología de comunicación de masas, el objeto formal que más destaca por su frecuencia es

de la tipología de comunicación interpersonal que predomina por el uso de experimentos, y ello desde el interés por examinar como objeto formal la superestructura normativa.

el examen de la estructura de sus discursos, pero si el objeto material pertenece a organizaciones el objeto formal dominante se aplica a la superestructura normativa. Entre 2007-2018, más de la mitad (54%) de los tópicos de investigación se vinculan a la Com. de Masas como objeto material de estudio. Mucho menos frecuentado (19%), pero, en segundo lugar, se elige la Com. en las Organizaciones, por encima de la Com. Interpersonal (8%), Grupal (5%) y, en último lugar, la metainvestigación (3%).

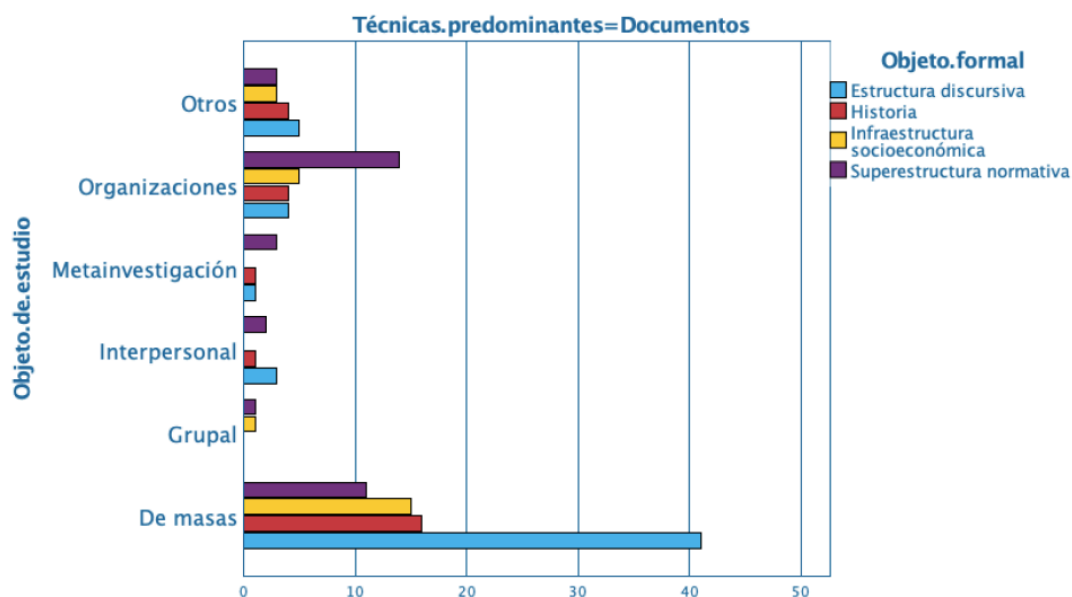


Gráfico 9: Técnica Documentos. Objeto de estudio. Objeto formal.

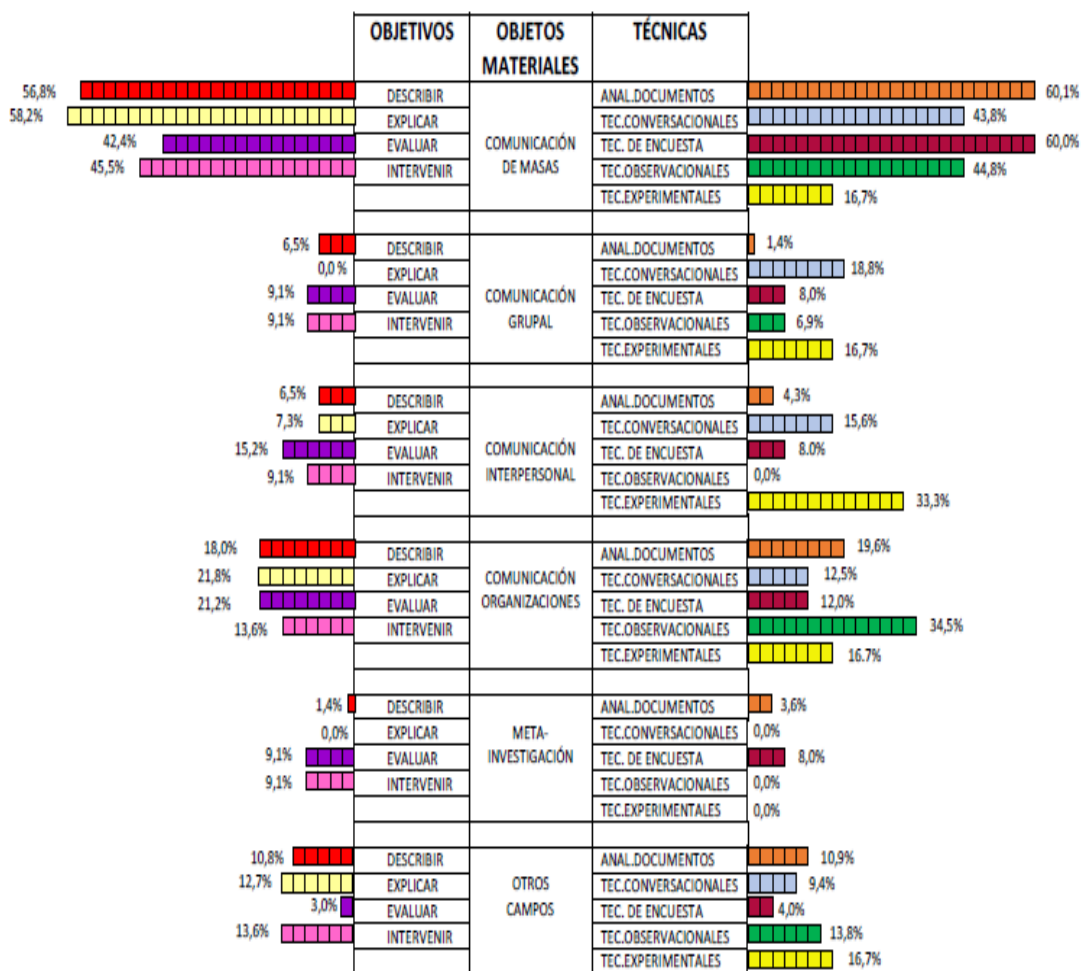
Tratando de contemplar el perfil del conjunto de los PI+D (Gráfico 10 y Gráfico 11) han predominado los PI+D que adoptan una perspectiva de estudio enfocada hacia el análisis del discurso que se encaja en las prácticas y rutinas profesionales. El análisis de la estructura de la producción y la recepción, pero también ha predominado el análisis de los contenidos que se vehiculan a través de la comunicación mediática (37%). En segundo lugar, la perspectiva dominante en el abordaje de los objetos materiales de estudio se ha centrado en el estudio de la superestructura normativa (31%), que reúne fundamentalmente las dimensiones

regulatorias de los objetos de estudio y de la reflexión teórica y metodológica. Los aspectos socioeconómicos de los fenómenos comunicacionales ocupan un tercer lugar (20%), mientras que la perspectiva histórica es relegada al último (12%). En conjunto, en estos gráficos se observa cómo se distribuye la presencia de los distintos objetivos y técnicas entre los distintos objetos de estudios, tanto materiales como formales. En el cuadro se observa cómo predominan por su presencia los objetos materiales de la Comunicación de Masas y de la Comunicación en las Organizaciones. En lo que se refiere a la Com. de Masas, se aprecia que la descripción

y la explicación son los objetivos predominantes y que para la investigación se utilizan distintas técnicas entre las que prevalecen las de análisis de documentos y la de encuesta, antes que las conversaciones y observaciones. En relación con la Comunicación Organizacional puede destacarse la presencia dominante de las técnicas observacionales que se anteponen aquí al análisis de documentos como tipo de técnica prioritaria. Por otra parte, tanto para

estudio de la Comunicación Grupal como para el estudio de la Com. Interpersonal se hace singular la presencia de las técnicas experimentales y conversacionales. Igualmente, por su peculiaridad, puede resaltarse que en la metainvestigación los objetivos sean evaluativos y/o de intervención más que descriptivos o explicativos y que se aplique en ella el testado y el meta-análisis de documentos y la consulta de expertos mediante encuesta.

Gráfico 10: Objetivos. Objetos materiales. Técnicas predominantes



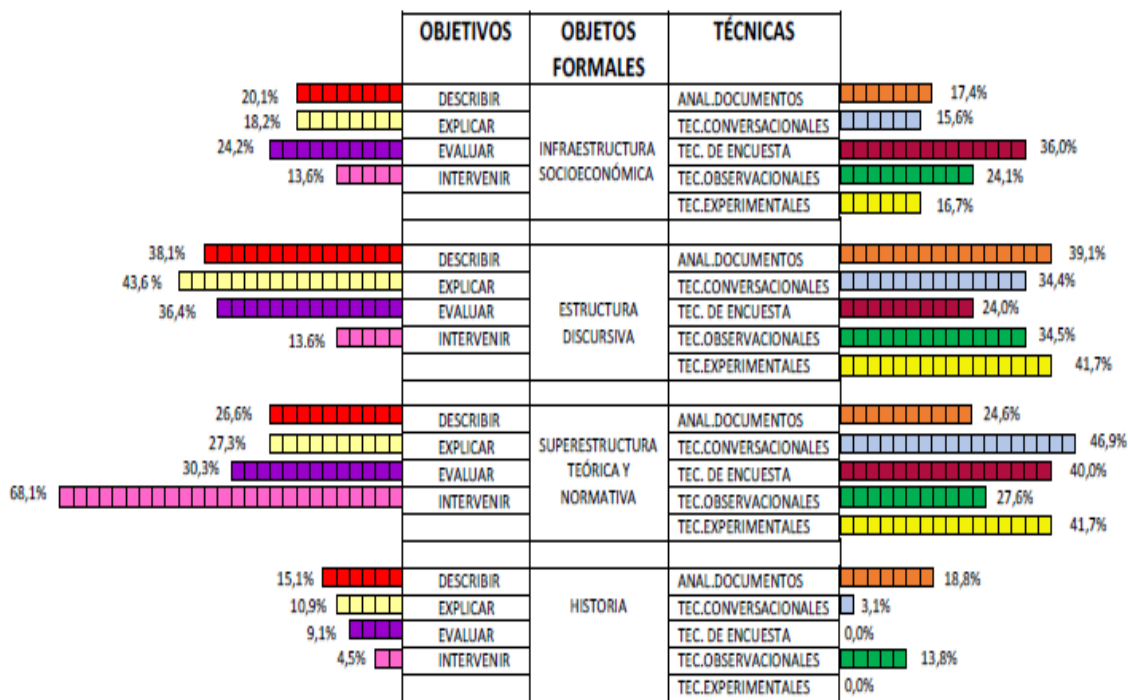
En conjunto, en estos gráficos se observa cómo se distribuye la presencia de los distintos objetivos y técnicas entre los distintos objetos de estudios, tanto materiales como formales. En el cuadro se observa cómo predominan por su presencia los objetos materiales de la Comunicación de Masas y de la Comunicación en las Organizaciones. En lo

que se refiere a la Com. de Masas, se aprecia que la descripción y la explicación son los objetivos predominantes y que para la investigación se utilizan distintas técnicas entre las que prevalecen las de análisis de documentos y la de encuesta, antes que las conversaciones y observaciones. En relación con la Comunicación Organizacional destaca

la presencia de las técnicas observacionales que se anteponen aquí al análisis de documentos como tipo de técnica prioritaria. Por otra parte, tanto para estudio de la Comunicación Grupal como para el estudio de la Com. Interpersonal resalta la presencia de las técnicas experimentales y conversacionales. Igualmente, por su

peculiaridad, puede resaltarse que en la metainvestigación los objetivos sean evaluativos y/o de intervención más que descriptivos o explicativos y que se aplique en ella el testado y el metaanálisis de documentos y la consulta de expertos mediante encuesta.

Gráfico 11: Objetivos. Objetos formales. Técnicas predominantes



-Conclusiones: Se han expuesto hasta aquí datos y apreciaciones que hemos considerado metodológicamente más

relevantes en su aplicación para el caso del trayecto histórico de 2008 a 2018 de investigación académica en universidades

españolas con titulaciones de grado y posgrado en campos de la Comunicación, fijando la atención en los objetos de estudio y los métodos empleados al desarrollar los PI+D financiados por convocatorias estatales, habiendo juzgado conveniente dejar de lado los proyectos de investigación competitivos a nivel autonómico, municipal y universitario habida cuenta de la disparidad de condiciones impuestas por las convocatorias, que impiden contrastes equiparables. Se ha expuesto también cómo la elaboración y registro de estos datos se ha efectuado a partir del análisis de los textos que la Administración del Estado nos ha facilitado a través del Ministerio correspondiente, ofreciendo el resumen que los propios Investigadores Principales de los PI+D han facilitado en las memorias que dan cuenta de su tramitación. Y debe reconocerse que esta es una limitación que debe ser manifestada, pues lo ideal sería haber realizado el análisis examinando las memorias finales de los PI+D, lo cual resulta inaccesible no sólo porque los PI+D finales siguen todavía en curso, sino por el respeto a la protección de datos, dado que las entidades convocantes y las entidades beneficiarias de las convocatorias de financiación, comprensiblemente no los facilitan.

Se ha descrito también cuál ha sido el repertorio de variables y categorías que han comprendido el protocolo de análisis y la guía para su interpretación, trabajo cuya convergencia ha sido rigurosamente revisada. Y tras el análisis, después, de estos resúmenes por proyecto financiado, se han expuesto y comentado datos referidos, primero, a la evolución histórica de 2007 a 2018, y esto contemplando además el género sexual de los IP que las han liderado. Entre las conclusiones más relevantes resalta la tendencia sostenida a privilegiar como objetos de estudio los discursos mediáticos, y al empleo de técnicas apropiadas para el análisis de documentos. Por su parte, la evolución por años entre 2008 y 2012 del género por sexo de los IP, muestra que los IP masculinos superan en número de PI+D a IPs femeninas. Pero a partir de ese año, se invierte esta tendencia, con la única excepción de 2014. No obstante, con independencia de la evolución histórica, la desigualdad es muy relevante: el 39,2% de los PI+D tienen a un IP masculino, frente al 30,8% de IP mujeres.

Después hemos examinado las frecuencias en la elección de objetivos de investigación, pero relacionándola con la selección de objetos de estudio materiales y formales, así como la correspondiente selección de

técnicas para la elaboración y procesamiento de datos. Y más allá de los comentarios pormenorizados que hemos ido exponiendo al ofrecer los resultados pormenorizados de las relaciones halladas entre las selección de objetos materiales y formales de estudio, con la selección y aplicación de técnicas para la elaboración y procesamiento de los datos, si finalmente nos preguntamos cómo el conjunto de los perfiles expuestos pueden ser explicados, las interpretaciones más plausibles se resumirían en confirmar la hipótesis de que la investigación de mayor rango financiada en las universidades con titulaciones de grado y posgrado en campos profesionales de la Comunicación es aquella que privilegia prestarle atención a objetos materiales de la comunicación mediática y de la comunicación en organizaciones en cuyos ámbitos se concentran las expectativas de empleo de sus egresados; y que el interés dominante por elegir estos objetos de estudio se orienta a examinar la estructura discursiva

de sus productos de mercado -bienes y servicios de comunicación- lo cual permite perseguir su control de calidad (circulación de señales, mensajes, textos y discursos), pero en detrimento de cuestionarse la superestructura normativa de su ejercicio (que se sitúa en segundo lugar de las preferencias) y la infraestructura socioeconómica de producción, distribución y consumo (que se sitúa en tercer lugar). Pero cuando los objetos materiales de estudio se concentran en el ámbito de la comunicación interpersonal y grupal, el interés de su estudio se vuelca más sobre la superestructura normativa (lo bueno/lo malo, lo sancionado/lo permitido, etc.) que sobre su estructura discursiva (circulación de señales, mensajes, textos y discursos) o su infraestructura económica de producción, distribución y consumo. Y esta cuestión merece ser abordada en posteriores estudios de Metainvestigación académica en Comunicación.

- Bibliografía.

Arcila, C.; Piñuel, J. L. & Calderin, M. (2013). The e-Research on Media & Communications: Attitudes, Tools and Practices in Latin America Researchers. [La e-investigación de la Comunicación: actitudes, herramientas y prácticas en investigadores iberoamericanos]. *Comunicar*, (40), 111-118. <https://doi.org/10.3916/C40-2013-03-01>

Bases de datos MapCom (2007/2013) disponibles en <http://www.mapcom.es/bases-de-datos>

Barranquero Carretero, A, & Limón Serrano, N. (2017). Objetos y métodos dominantes en comunicación para el desarrollo y el cambio social en las Tesis y Proyectos de Investigación en España (2007-2013). *Revista Latina de Comunicación Social*, (72), 1-25. DOI: [10.4185/RLCS-2017-1151](https://doi.org/10.4185/RLCS-2017-1151)

Blázquez, M. (2015): *Tesis Doctorales en las Universidades Españolas durante el periodo 1977-2014*. En: <http://mblazquez.es/tesis-doctorales-en-las-universidades-espanolas-durante-el-periodo-1977-2014/>.

Cáceres Zapatero, D. & Caffarel-Serra, C. (1993). La investigación en comunicación en España. Un balance cualitativo, *Telos Fundesco*, (32), 109-124

Caffarel-Serra, C. (2018). La metainvestigación en comunicación, una necesidad y una oportunidad. *adComunica*, (15), 293-295. DOI: <http://dx.doi.org/10.6035/2174-0992.2018.15.16>

Caffarel-Serra, C. Izquierdo Iranzo, P. & Núñez, S. (2018). ¿Cómo investiga la mujer cuando investiga sobre la mujer en comunicación? En: Martínez-Rodrigo, Estrella (Coord.) *Propuestas de investigación en áreas de vanguardia*, 73-86. Madrid: Tecnos.

Caffarel, C; Ortega, F & Gaitán, J.A. (2017) Investigación en Comunicación en la Universidad Española en el periodo 2007-2014. *El profesional de la información*, 26, (2), 218-227. DOI <https://doi.org/10.3145/epi.2017.mar.08>

Caffarel, C.; Ortega, F. & Gaitán, J.A. (2018): La Investigación en Comunicación en España: Debilidades, Amenazas, Fortalezas y

Oportunidades, *Comunicar*, (56), 61-70.
<https://doi.org/10.3916/C56-2018-06>

Caffarel, C.; Piñuel, J.L.; Lozano, Carlos & Gaitán, J.A. (2019). Base general de datos MapCom sobre Proyectos I+D y Tesis Doctorales realizados en España de 2007 a 2013, *e-cienciaDatos*, V1
<https://doi.org/10.21950/ZORFFA>

Caffarel, C.; Domínguez, M. & Romano, V. (1989). El estado de la investigación en comunicación en España (1978-1987). *Cuadernos de investigación en comunicación (Cinco)*, (3), 45-57.

Castillo, A. & Xifra, J. (2006). Investigación bibliométrica de las tesis doctorales españolas sobre relaciones públicas (1965-2005). *Anàlisi*, 34, 141-161.

Delgado-López-Cózar, E.; Torres-Salinas, D.; Jiménez-Contreras, E. & Ruiz-Pérez, R. (2006). Análisis bibliométrico y de redes sociales aplicado a las tesis bibliométricas defendidas en España (1976-2002): temas, escuelas científicas y redes académicas. *Revista española de documentación científica*, 29, (4), 493- 524.

Díaz Nosty, B. & de Frutos, R. (coord.) (2016). *Tendencias de la Investigación Universitaria Española en Comunicación*. Madrid: Thomson Reuters, ISBN: 978 84 9135 719 3

Fernández, D. & Masip, P. (2013). Tres décadas de investigación española en comunicación: hacia la mayoría de edad, [Three Decades of Spanish Communication Research: Towards Legal Age] *Comunicar*, 41, 15-24. doi: <http://dx.doi.org/10.3916/C41-2013-01>

Fuentes, E. & Arguimbau, L. (2010). Las tesis doctorales en España (1997-2008): análisis, estadísticas y repositorios cooperativos. *Revista Española de Documentación Científica*, 33(I), 63-89. doi: <http://dx.doi.org/10.3989/redc.2010.1.711>

Gaitán Moya, J.A.; Lozano Ascencio, C. & Piñuel Raigada, J.L. (2016). Prospectiva de la investigación sobre TV a partir de los Proyectos I+D y Tesis doctorales de 2007 a 2013 en las Facultades españolas de comunicación". *Revista Asociación Española de Comunicación*, 6, (3), 51-59.

Informes MapCom, disponibles en <http://www.mapcom.es/investigacion/fase-1>

Jones, D. E. (1998). Investigación sobre comunicación en España. Evolución y perspectivas. *Zer*, 5, 13-51.

Jones, D. E. (1994). Investigació sobre comunicació al'Espanya dels noranta. Centre d'Investigació de la Comunicació i U. Autònoma de Barcelona. Cultura y comunicación social: América Latina y Europa Ibérica. Barcelona: Generalitat de Catalunya.

López, P. & Vicente, M. (2011): Métodos y técnicas de investigación dominantes en las revistas científicas españolas sobre comunicación (2000-2009). En José-Luis Piñuel, Carlos Lozano & Alberto García (Eds.): Investigar la comunicación en España, Vol. I. Universidad Rey Juan Carlos. Fuenlabrada (Madrid), 665-679.

López-Escobar, E. & Martín Algarra, M. (2016). Communication teaching and research in Spain. *Publizistik*, 62, 83-105. DOI 10.1007/s11616-016-0306-4.

Lozano, C. & Gaitán, J. (2016), Vicisitudes de la investigación en comunicación en

España en el sexenio 2009-2015. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"*, 9(2), 139-162. DOI: dx.doi.org/10.12804/disertaciones

Lozano Ascencio, C & Piñuel Raigada, JL. (2015). *MAPIBERCOM. Una metodología para configurar un Mapa interactivo de Investigación en Iberoamérica sobre prácticas sociales de Comunicación*. IBERCOM 2015, XIV Congreso Internacional IBERCOM 2015, Sao Paulo, 29 marzo al 02 de abril de 2015.

Martín Algarra, M.; Serrano-Puche, J. & Rebolledo, M. (2018). La mujer en la investigación en comunicación en España: un análisis de la producción científica (2007-2013). *adComunica*, 15, 65-87. <http://dx.doi.org/10.6035/2174-0992.2018.15.5>

Martínez Nicolás, M. (2009). La investigación sobre comunicación en España. Evolución histórica y retos actuales. [The Communication Research in Spain. Historical evolution and current challenges]. *Revista Latina de Comunicación Social*, 64, 1-14. doi: <http://dx.doi.org/10.4185/RLCS-64-2009-800-01-14>

Martínez Nicolás, M. & Saperas, E. (2011). La investigación sobre Comunicación en España (1998-2007). Análisis de los artículos publicados en revistas científicas, *Revista Latina de Comunicación Social*, 66, 101-129. doi: <http://dx.doi.org/10.4185/RLCS-66-2011-926-101-29>

Marx, K. (1968) *Manuscritos*, Madrid, Alianza.

Ortega, F. (2016): MAPCOM, Communication Research in Spain and in the EU. Contesting Policies and Methods, Past Present and Future [online], <https://goo.gl/cgyX29>

Piñuel, J. L., Gaitán, J. A., Lozano, C. & Gallardo, L. (2017). Perfiles de la investigación en proyectos de i+d y tesis doctorales en área I de MapCom. en Nosty, B y Frutos, R (Coords.) *Tendencias de la Investigación Universitaria Española en Comunicación*. Ed. Thomson Reuters 35-58.

Piñuel, J. L., Lozano, C. & Gaitán, J. A. (2015). Propuesta de estudio para realizar un mapa de la investigación en comunicación en América Latina. *Revista Latinoamericana de*

Ciencias de la Comunicación (ALAIC), 22 (12), 44-54

Piñuel Raigada, J. L.; Lozano Ascencio, C. & García Jiménez, A. Eds. (2011) Investigar la comunicación en España, v I. Universidad Rey Juan Carlos. Fuenlabrada (Madrid)

Repiso, R.; Delgado, E. & Torres, D. (2011b). Análisis bibliométrico y de redes sociales en tesis doctorales españolas sobre televisión (1976/2007) [Bibliometric and Social Network Analysis Applied to Television Dissertations Presented in Spain (1976/2007)]. *Comunicar*, 37(XIX), 151-159. doi: <http://dx.doi.org/10.3916/C37-2011-03-07>

Rodrigo-Alsina, M. & García-Jiménez, L. (2010). Communication theory and research in Spain: A paradigmatic case of a socio-humanistic discipline. *European journal of communication*, 25, (3), 273-286.

Sánchez de Diego, M. (2015): En busca del arca perdida: solicitud de información de proyectos de investigación sobre Comunicación [online], <http://www.mapcom.es/produccion-cientifica/publicaciones>

Vicente, M. & Piñuel, J. L. (2016). *Studying audiences in Spain: theoretical and methodological considerations in scholarly current research practices*. Paper presented at the Annual IAMCR Conference, 29th July 2016, Leicester (United Kingdom).

Vicente, M. & Sánchez, P. (2016). *Challenges and Opportunities for Communication Research in Spain. Content Analysis of Research Projects and Phd Theses* [online], <http://www.mapcom.es/produccion-cientifica/publicaciones>.

El lado oscuro de la Comunicación

Oscar Bustamante³⁵

Introducción

Alguna vez, cuando cursaba la maestría en comunicación en el Iteso, le comenté a un profesor durante un *break* de emergencia: “me gustaría escribir un artículo sobre comunicación y soledad”. Él me quedó mirando con cara de asombro y eso bastó para hacerme desistir de mi idea y pasar a asuntos más importantes.

Lo que sospechaba entonces (albores del 2000) era algo que ha venido madurando ambientalmente pero que, ahora lo veo con mayor claridad, ha estado ausente de la reflexión comunicacional y, por qué no decirlo, también entre el sentido común: en qué medida la disponibilidad de un creciente y mejorado entorno tecnológico redunda en una “mejor comunicación”, que bien podríamos resumir en la definición ritualista de James Carey; es decir, la comunicación dentro del campo semántico de “comunió”, “comunidad”, “compartir” y “participación”.

Una lectura reciente, además (“Hablar al aire” de John Durham Peters), reavivó mi interés en el asunto y me estimuló a la escritura del anhelado artículo que, si bien no se titula “comunicación y soledad”, ronda las evocaciones de este aparente oxímoron. Para no dilatar más la introducción al texto, diré que, en primer término, examinaremos el lado luminoso de la comunicación según se promueve en los discursos gubernamentales y profesionales al alero de paradigmas como el de la “sociedad o era de la información”.

En segundo término, y a modo de reverso, examinaremos el lado oscuro de la comunicación propiamente tal, pasando revista a los argumentos que vienen a atemperar el optimismo

³⁵ Óscar Bustamante Farías, académico de la Escuela de Periodismo de la Universidad Mayor, Chile.

comunicacional, así como también a episodios de lo que podríamos llamar la “historia infame” de los estudios del campo.

Por último, propondremos algunas conclusiones que, esperamos, también puedan leerse como eventuales líneas de exploración y reflexión futuras.

Turn on o las promesas de la luz

Si bien el concepto de “sociedad de la información” podría rastrearse hasta el siglo XVIII, su antecedente más directo se encuentra en la década ‘70 del siglo XX dentro de lo que se denominó “el debate sociológico” (Mattelart, 2002). En 1973, Daniel Bell publica “El advenimiento de la sociedad postindustrial”, una obra en la que vincula su anterior tesis del “fin de la ideología” con el concepto de “sociedad postindustrial”. Bell demuestra que es previsor. Como lo explica el subtítulo de la obra –“un intento de pronóstico social”–, en ella extrapola tendencias estructurales observables en Estados Unidos y construye una sociedad-tipo ideal.

La sociedad postindustrial de Bell está sometida a una quintuple mutación: 1) el desplazamiento del principal componente económico: el paso de una economía de producción a una economía de servicio; 2) la oscilación en la estructura de los empleos: la preeminencia de la clase profesional y técnica; 3) la nueva centralidad adquirida por el conocimiento teórico como fuente de

innovación y de formulación de políticas públicas; 4) orientación futura: el control de la tecnología y de las contribuciones tecnológicas, y 5) el auge de una nueva “tecnología intelectual”, dirigida hacia la toma de decisiones. Esta sociedad, por lo demás, está desprovista de ideología (Bell, 1976).

¿Qué merece tenerse en cuenta en el tipo-ideal de “sociedad postindustrial”? En primer lugar, la visión de la historia que subyace en ella. Prisionera del cálculo de probabilidades y de la ideología del crecimiento, la historia se desarrolla según un modelo de evolución mecanicista. En segundo lugar, una visión difusionista del desarrollo. El progreso llegaría a los llamados países atrasados mediante la difusión de los llamados países adultos. Este recorrido tiene un nombre, acuñado por la sociología de la modernización: *westernization* (occidentalización).

En 1972 se difunde un primer informe del economista Yoneji Masuda, dirigido al gobierno japonés en el que se propone un plan para la adaptación estratégica de este país a la nueva era, a la sociedad de la información. Su propuesta y visión de futuro puede

resumirse en la siguiente idea básica: la innovación introducida por la tecnología no se refiere a la productividad de bienes materiales, sino a la productividad de la información. Para Masuda, en una posición casi redentorista, el espíritu de la sociedad de la información significaría una simbiosis entre hombre y naturaleza, en una nueva armonía.

Durante la década '70, se hablará también del consultor independiente Alvin Toffler, autor de los éxitos de venta "El shock del futuro" (1970) y "La tercera ola" (1979). Para evitar el traumatismo del "choque del futuro", hay que crear entre los ciudadanos el deseo del futuro en el marco de una "nueva teoría de la adaptación". Es misión de la estrategia de la "democracia prospectiva" la de permitir que todos los ciudadanos corrientes, y no sólo un puñado de élites, tomen el futuro en sus manos. El horizonte de expectativas que pronostica se caracteriza por la democracia interactiva, la desmasificación de los medios, el pluralismo, el pleno empleo, la flexibilidad (Mattelart, 2002).

Si bien hay otros hitos que se posicionan conceptualmente frente a la "sociedad de la información", preferimos saltarnos a un concepto influyente y puesto en circulación durante la segunda mitad de la década '90 por el sociólogo Manuel Castells: la "era de la

información". "En el nuevo modo de desarrollo informacional –señala Castells (2001)- la fuente de la productividad estriba en la tecnología de la generación del conocimiento, el procesamiento de la información y la comunicación de símbolos...lo que es específico del modo de desarrollo informacional es la acción del conocimiento sobre sí mismo como principal fuente de productividad...denomino informacional a este nuevo modo de desarrollo, constituido por el surgimiento de un nuevo paradigma tecnológico basado en la tecnología de la información".

Aquí, la noción de "red" es el nuevo proteo. La empresa-red se convierte en símbolo del fin de la contradicción entre trabajo y capital que ha condicionado la era industrial. Sólo permanecen vigentes los trabajadores en red erigidos en clase dirigente, por ser portadores del "espíritu del informacionalismo" (Mattelart, 2002).

Como se pregunta De Moragas (2011), si bien la información siempre ha sido un factor consustancial de la sociedad y la condición humana, ¿por qué ahora se hace tanto hincapié en ella para definir a nuestro tiempo? La principal razón se encuentra, sin duda, en el nuevo valor económico y estratégico que supone la información para el capitalismo

contemporáneo. La información se valora ahora como un recurso que viene a sustituir a otros recursos -las materias primas- que conformaron la economía de anteriores épocas históricas.

Por su parte, Frank Webster (2006) define cinco dimensiones alrededor de las cuales se han organizado las diferentes nociones referidas a la sociedad de la información:

dimensión tecnológica: las concepciones tecnológicas se centran en una serie de innovaciones que han aparecido desde finales de los años setenta. Las nuevas tecnologías son uno de los indicadores más visibles de los nuevos tiempos, y, en consecuencia, se utilizan para señalar la llegada de una sociedad de la información.

dimensión económica: este enfoque muestra el crecimiento en el valor económico de las actividades informativas.

dimensión ocupacional: la principal sugerencia aquí es que hemos logrado una sociedad de la información cuando la preponderancia de ocupaciones se encuentra en el trabajo de información.

dimensión espacial: esta concepción si bien se basa en la economía y la sociología, tiene en su núcleo el énfasis sobre el espacio. Aquí el acento se pone en las redes de información que conectan ubicaciones y, en consecuencia,

pueden tener profundos efectos en la organización del tiempo y el espacio.

dimensión cultural: habitamos una sociedad cargada de medios de comunicación, pero las características informativas de nuestro mundo son más penetrantes de lo que sugiere esta diversidad. Implica que las relaciones sociales hoy en día significan un mayor grado de contenido informativo que antes.

Como señala De Moragas (2011), fue en la década '80 cuando el concepto de sociedad de la información fue adaptado como política de Estado; en la década '90 como política de la Comunidad Europea y, a partir del nuevo milenio, fue asumido por las Naciones Unidas.

En los albores del nuevo milenio, la convocatoria a la Cumbre Mundial de la sociedad de la información (2003-2005 en Suiza y Túnez, respectivamente) significó la extensión de estos planteamientos a los distintos gobiernos internacionales. Este debate se extendió en América Latina a partir de la primera década del 2000 en la fase preparatoria de la mencionada cumbre. Para algunos autores, estos procesos de cambio tienen una lógica predominante: la lógica de la tecnología (De Moragas, 2011).

A lo anterior, podemos sumar lo que señala Peters (2014) a propósito del discurso

terapéutico: en la década de 1930 comenzó a desarrollarse la base para contrastar la comunicación de masas y la comunicación interpersonal; la comunicación empezó a separarse de las comunicaciones. En la efervescencia de la posguerra en torno al concepto “comunicación”, aparece este discurso acerca de la comunicación como cura y enfermedad.

Según esta visión, los obstáculos y problemas en el contacto humano se pueden resolver, ya sea con mejores tecnologías o mejores técnicas de relación y, por lo tanto, es

Turn off o el imperio de las sombras

“Comunicación” no sólo alude a una práctica constitutiva de lo humano y lo social sino que también lo hace a un campo académico que se ha venido institucionalizando desde la primera mitad del siglo XX. Es decir, este es un campo con historia y creemos que parte de ella es infame.

Cabe recordar, por ejemplo, la “Rebelión de 1935”, cuando surgen dos tendencias que van a enfrentarse en la Sociedad Americana de Sociología. Durante la reunión de ese año, se decide que la revista *American Journal of*

también heredera de los últimos días del sueño angelológico del alma mutua.

Como puede verse en este somero recorrido, la “sociedad o era de la información”, sumado al discurso terapéutico, se vienen proponiendo como una vasta promesa de evolución, desarrollo, modernización, bienestar, de carácter multidimensional, basada en las virtudes de la comunicación. Una comunicación que, así vista, adquiere connotaciones mesiánicas. O, para decirlo en otros términos, como un camino guiado por la luz.

Sociology, vocera de los trabajos de la Escuela de Chicago y editada por la Universidad, no va a ser la única publicación periódica de la sociedad pues se crea otra revista titulada *American Sociological Review*, que nace con una orientación positivista. Se suscita un duro enfrentamiento entre los defensores de las dos posiciones paradigmáticas. De un lado, una sociología positivista estándar y del otro una posición de corte interpretativo humanista. Como consecuencia de esta “rebelión” comienza a declinar la Escuela de Chicago que, según Everett Rogers, no ha tenido el reconocimiento en la historia del campo que merece.

Otro “botón de muestra” lo constituye el “paradigma de Laswell” que, basado en sus certezas respecto a la propaganda –en 1927 publicó *Propaganda techniques in the World War*- elaboró en 1948 un modelo funcionalista de la comunicación orientado al dominio y control de las masas, como bien lo habían demostrado, en la práctica, los totalitarismos durante las dos guerras mundiales. Lo anterior, sumado a las fundadas salvedades que De Moragas (2011) le propina a su modelo.

Un tercer hecho aciago en la historia del campo es el corazón de la crítica que subyace en la distinción entre “investigación administrativa y crítica”. Si bien, claro está, la sociología funcionalista es parte fundamental de nuestra historia y pueden reconocérsele diferentes aportaciones producto de una hegemonía de al menos dos décadas, lo cierto es que hay, por lo menos, dos reparos en los que podemos coincidir. El primero es lo señalado como objeción de fondo por los frankfurtianos: no puede existir investigación genuina; es decir, con algún grado de distanciamiento analítico veraz, si esta se haya peritada constantemente por los financistas. Financistas que, en su caso, se trataba de agencias gubernamentales, fundaciones conservadoras o grandes

consorcios mediáticos, y que no hizo distinción con al menos tres “padres fundadores”: Hovland, Lazarsfeld y Lewin, sin olvidar al propio Schramm quien los bautizó como tales.

Un segundo reparo, y en continuidad con el anterior, es el emitido por Charles Wright Mills quien denominó “sociología de burócrata” y de “funcionario de inteligencia” el trabajo de Lazarsfeld. Frente al predominio de una sociología que, desde el final de los años 30, se había desviado hacia la ingeniería social y a responder al domino del “triángulo del poder” -monopolios, ejército y Estado- él proponía la vuelta a la “imaginación sociológica”, título de su libro de 1959.

Por último, para finalizar con este recuento que podría extenderse todavía más, mencionemos el caso de la “difusión de innovaciones” implementada en América Latina durante la década ‘60. Para Mattelart y Mattelart (1997), el *two step flow* fue un sesgo que orientó la investigación hacia el establecimiento de estos dos escalones por los que debía pasar cualquier adopción de un nuevo producto, o nuevo comportamiento, y así fue el caso de las innovaciones propuestas por este enfoque.

Pasemos ahora a las críticas al concepto de “sociedad o era de la información” que vienen a opacar su excesivo fulgor. Para

Mattelart (2002), el paradigma tecnoinformacional se ha convertido en el pivote de un proyecto geopolítico cuya función es la de garantizar la reordenación geoeconómica del planeta en torno a los valores de la democracia de mercado y en un mundo unipolar. Y se pregunta: ¿cómo concebir y poner en marcha otros modelos de desarrollo?

Para Webster (2006), son dos las críticas principales. En primer lugar, una necesaria distinción entre cantidad y calidad. Al revisar las diversas definiciones de la sociedad de la información, lo que queda claro es que están subdesarrolladas, son imprecisas o ambas cosas. Conviene ser escéptico de la opinión de que la información se ha convertido en la principal distinción característica de nuestros tiempos. La mayoría de las definiciones de la sociedad de la información ofrecen una medida cuantitativa y suponen que, en algún punto no especificado, entramos en una sociedad de la información cuando esto comienza a predominar. El punto es que las medidas cuantitativas, simplemente más información disponible, no pueden identificar por sí mismas una ruptura con los sistemas previos, el cambio sistémico que está a la base de conceptos como “posindustrialismo” de Daniel Bell o “modo de desarrollo

informativo” de Manuel Castells. Lo que debe cuestionarse es la suposición de que los aumentos cuantitativos se transforman -de maneras no especificadas- en cambios cualitativos en el sistema social.

La segunda crítica de Webster dice relación con la definición misma de información. Las definiciones de la sociedad de la información perciben la información de manera no significativa. Es decir, buscando evidencia cuantitativa del crecimiento de la información, se la concibe en los términos clásicos de la teoría de la información de Claude Shannon y Warren Weaver; esto es, la información es una cantidad que se mide en bits y se define en términos de las probabilidades de circulación de símbolos. Este enfoque permite que el concepto de información sea matemáticamente tratable, pero esto supone el precio de excluir la cuestión, igualmente crucial, del significado y, por ende, la calidad de la información. Para cualquier apreciación genuina de cómo es una sociedad de la información, y qué tan diferente o similar es respecto a otros sistemas sociales, deberíamos examinar el significado y la calidad de la información. ¿Qué tipo de información ha aumentado? ¿quién ha generado qué tipo de información, para qué

finés y con qué consecuencias? son algunas de las preguntas relevantes en tal sentido.

Gran parte del lado oscuro de la comunicación, dice Peters (2014), no fue delineado por primera vez en las películas de Ingmar Bergman ni en las obras de Samuel Beckett, sino en la República de Weimar y por los escritores de la "generación perdida". En cualquier caso, el espectro de la individualidad claustrofóbica ha resonado a través del arte y el pensamiento social del siglo XX, junto con el temor a la imposibilidad de la comunicación.

El mensaje de su libro, agrega, es un poco más severo: los problemas son

fundamentalmente intratables. "Comunicación", lo que sea que signifique, no es cuestión de mejorar el cableado ni de más libre revelación del ser, sino que implica una retorcida permanente de la condición humana.

La comunicación, en el sentido más profundo de establecer formas para compartir el propio tiempo de manera significativa con los demás, es más una cuestión de fe y riesgo que de técnica y método. Al renunciar al sueño de "comunicación" no se afirma que el impulso de conectarse sea malo; más bien, se quiere decir que el sueño mismo inhibe el duro trabajo de la conexión.

Conclusiones

Han pasado cerca de 20 años desde la conversación aquella en el Iteso, he alcanzado la formación máxima en el campo académico, he investigado, he hecho docencia, me he desempeñado profesionalmente y creo tener una visión asentada sobre lo expuesto hasta aquí. Trataré ahora de expresarla en términos de conclusiones para esta ponencia.

En primer lugar, si he titulado este artículo como lo he hecho es porque me interesa destacar el lado sombrío de la comunicación

que, como bien dice Peters, es un término infestado de lugares comunes, en su mayoría asociados a ideas redentoristas. La comunicación, desde esta perspectiva, representa la solución, si no de todos, de buena parte de los problemas en las diferentes escalas en que se expresa: intraindividual, interpersonal, grupal, masiva y en red.

Por mi parte, creo más bien que aquellos discursos, como el de la sociedad (era) de la información y el terapéutico, no son más que la expresión políticamente correcta, y sobre todo pública, de una sociedad que,

íntimamente, expresa lo que en otro lugar denominé el “malestar en la comunicación” (Bustamante, 2007). Con esto quiero referir tanto a lo que Peters llama “una retorcadura permanente de la condición humana”, como a una circunstancia, más o menos habitual del ser humano, de necesidad, de carestía por significado, por producción de sentido.

En segundo lugar, reivindicó mi sospecha estudiantil y recupero la necesidad, hoy en día, de estudiar precisamente temas asociados al lado oscuro de la comunicación, como el ya citado por “comunicación y soledad” que, bien visto, no es más que la contracara de toda la investigación que actualmente se hace sobre sociabilidad y acción colectiva.

Creo, asimismo, relevante estudiar los procesos de mediatización social, en sus diferentes variantes teóricas y preguntarse, por ejemplo, qué tipo de subjetividades está produciendo el actual ecosistema mediático-comunicativo. Personalmente, no me interesa en esta línea una investigación plenamente

“integrada”, en los términos de Eco, como la alfabetización transmedia, sino fundamentalmente crítica, lo que no quiere decir necesariamente “apocalíptica”.

¿Es que acaso se volvió irrelevante la “educación para los medios” desde la irrupción de los “prosumidores”, me pregunto? ¿Es que acaso la formación de ciudadanos, justo ahora que en muchos colegios se elimina la “educación cívica”, no pasa también, y de manera fundamental, por un análisis crítico de los medios? ¿Es que acaso el horizonte ético de la investigación es parte de un paisaje que ya nadie visita, en tiempos de la “ciencia neoliberal”?

-¿comunicación y soledad? me preguntó el profesor en aquella tarde-noche de Guadalajara.

-ey, le respondí, sin caer en la cuenta que, hacía por lo menos un minuto, había parado de temblar.

Bibliografía

-Bell, Daniel (1976): *El advenimiento de la sociedad postindustrial. Un intento de prognosis social*. Alianza editorial, Barcelona, España.

-Bustamante, Óscar (2007): “El malestar en la comunicación en Chile. Imaginarios sociales de la transición democrática y formación de comunicadores”. Ponencia

presentada en el Panel “La investigación en comunicación hoy en Iberoamérica”. VI Biental Iberoamericana de la Comunicación. Córdoba, Argentina, 26 al 29 de septiembre.

-Carey, James W. (1989): “Part I: Communication as Culture”, en *Communication as Culture. Essays on Media and Society*. New York & London: Routledge. pp.13-110.

-Castells, Manuel (2001): *La era de la información. La sociedad red* (V.I). Siglo XXI, México DF, México.

-De Moragas, Miquel (2011): *Interpretar la comunicación. Estudios sobre medios en América y Europa*. Gedisa, Barcelona, España.

-Mattelart, Armand (2002): *Historia de la sociedad de la información*. Paidós, Barcelona, España.

-Mattelart, Armand y Michelle Mattelart (1997): *Historia de las teorías de la comunicación*. Paidós, Barcelona.

-Peters, John Durham (2014): *Hablar al aire. Una historia de la idea de comunicación*. Fondo de Cultura Económica, Santiago de Chile.

-Webster, Frank (2006): *Theories of the information society*. Routledge, New York, USA.

g

La investigación en Comunicación: un ejercicio inter y transdisciplinar para la constitución de un campo problemático

A pesquisa em comunicação: um exercício inter e transdisciplinar para a constituição de um campo problemático

Communication research: an inter and trans-discipline exercise exercise for the constitution of a problematic field

Eva Da Porta³⁶

Resumen: En este trabajo nos detendremos a analizar la indole inter y transdisciplinaria de la investigación en comunicación como una estrategia para formalizar y fortalecer el campo académico entendido como un campo problemático.

Palabras Clave: investigación 1, inter y transdisciplina 2, campo problemático 3.

Abstract: In this work we will stop to analyze the inter and trans-disciplinary identity of communication research as a strategy to formalize and strengthen the academic field, understood as a problematic field

Key words: research1, inter and transdisciplinary 2, problematic field3.

³⁶ Eva Da Porta, Centro de Estudios Avanzados, Facultad de Ciencias Sociales, UNC, Doctora en Comunicación.
evadaporta@gmail.com

Las ciencias de la información y la comunicación, en el interior de la estructura universitaria académica mundial, no tienen el estatuto que debería acordársele en función de la importancia de los temas que trata.

(Mattelart, A .2003:15)

Texto principal

A propósito de la cita de Armand Mattelart con que damos inicio a este trabajo y transcurridos varios años ya de su afirmación crítica, nos interesa explorar algo de ese estatuto académico de la comunicación preguntándonos en particular por la situación de la investigación, que es creemos un aspecto central en la valoración y reconocimiento de cualquier campo disciplinar.

En este trabajo nos interesa detenernos en la investigación en comunicación en América Latina entendida como el conjunto de prácticas y realizaciones cuyo propósito es generar conocimiento de carácter científico. Es decir que del, múltiple y heterogéneo, campo disciplinar de la comunicación nos vamos a detener en las particularidades de ese subcampo al que vamos a considerar desde la dimensión de las prácticas y procesos específicos que realiza de modo sistemático la comunidad científica y particularmente en los modos de producir y validar los conocimientos. Nos interesa revisar los modos en que investigamos, las prácticas que llevamos a cabo para tratar de

reconocer rasgos en común e inclusive algunos parámetros que nos puedan servir de delimitación y focalización para el intercambio académico. El campo de la investigación en Comunicación de América Latina tiene ya una historia y un desarrollo que permite y requiere este trabajo epistemológico desde adentro, no de forma endogámica, o autovalidante sino con la intención de ver cómo investigamos y de qué maneras, cuáles son las operaciones teóricas y metodológicas que realizamos, cuál es el rigor y la reflexión que esas prácticas cognitivas tienen y de qué modos se pueden desarrollar estrategias que fortalezcan nuestro campo científico. Por supuesto que esta tarea reflexiva no inicia aquí si no que reconoce a un conjunto diverso de autores que han marcado el camino como Raúl Fuentes Navarro (1999, 2014, 2016, 2017, 2018), María Immacolata Vassallo de López (1997, 200, 2005), Migdalia Pineda (2000, 2001, 2004) Carmen de La Peza (2011, 2013), Erick Torrico, 2009) entre otros nombres no menos destacados. Creemos que a 15 años de publicado el libro "Comunicación: campo y objeto de estudio" compilado por María Immacolata Vassallo de Lopes y Raul Fuentes

Navarro es oportuno el momento de retomar la apuesta reflexiva de ese texto cuyas preguntas y premisas aun hoy siguen siendo contemporáneas. Señalan los autores en la introducción que a pesar que “múltiples y diversas propuestas de reformulación teórica y práctica de los estudios de la comunicación manifiesta una insatisfacción generalizada con el estado actual del campo, y la urgencia de repensar sus fundamentos y de reorientar su ejercicio” la posibilidad de una convergencia de posiciones se ubica aun en un horizonte, muy lejano. Por eso, destacan al finalizar el texto que cabe alentar la discusión reflexiva y el trabajo sistemático de reconocimiento de las condiciones desde las que se practica la investigación científica de la comunicación (Vassallo de Lopes, 1999; Fuentes Navarro, 1999)

Desde allí es que quisiera retomar el debate por los modos de investigación en este campo, recuperando el espíritu reflexivo y crítico e intentando ofrecer algunos aportes para repensarnos.

Lo cierto es que con distintos énfasis y enfoques, a lo largo de las últimas décadas estas voces han marcado una preocupación reflexiva constante por los modos de constitución de la práctica de la investigación, identificando rasgos, criterios, debilidades y

estrategias a seguir para dar mayor solidez al campo académico. Esta producción notable creo, no ha sido recuperada con toda la contundencia necesaria por la práctica de la investigación, que con honrosas y destacadas excepciones asume rápidamente posicionamientos teóricos o metodológicos sin demasiado análisis o intento reflexivo. Es quizás el momento oportuno para una iniciativa regional que, como dice Fuentes Navarro, se empeñe nuevamente en “otro esfuerzo colectivo y sistemático de diagnóstico informado y de proyección compartida –como los emprendidos por CIESPAL en los años setenta, y por FELAFACS y por ALAIC en los ochenta y en los noventa:” (2014, p.20) Este trabajo alienta esa propuesta que debe ser colectiva y regional, reconociendo los condicionantes sociales, políticos y económicos en las que se desarrolla la tarea de investigar en comunicación y también las perspectivas consolidadas y las emergentes.

El tiempo transcurrido y fundamentalmente el crecimiento del campo de la investigación, su expansión, diversificación e institucionalización en espacios académicos y eventos científicos justifica una puesta al día, una cartografía que nos permita evaluar en dónde estamos,

cuáles son las convergencias, los condicionantes y los desafíos.

En ese marco es que se vuelve necesario un diálogo productivo entre quienes están pensando los modos de producción del conocimiento y quienes lo producen. Hay una verdadera escisión entre la mirada epistemológica y la producción de investigaciones situadas que se evidencia en congresos y publicaciones. Y esa es quizás la mayor debilidad del campo y no su pretendida falta de objeto o comportamiento (in)disciplinado. En esa línea va mi trabajo pues considero que en las circunstancias actuales la fortaleza epistemológica de un campo académico se define por dos estrategias: a) por el diálogo crítico entre quienes producen y quienes analizan esa producción al interior del campo y b) por los debates inter y transdisciplinarios que puedan darse al interior y fuera de las lábiles fronteras del campo. Ambas operaciones se requieren y esa es parte de la propuesta de este trabajo. En lo que sigue intentaremos desarrollarla, conscientes que dejamos de lado numerosos aspectos y condicionantes sociales, económicos y políticos que deben pensarse como contexto global desde el cual se hacen estos planteos y no al margen.

Fragmentación y convergencia. Abrir los espacios de diálogo

Raul Fuentes Navarro, hace unos años marcaba con claridad que el campo que nos ocupa se debate entre dos polos negativos: la fragmentación y la convergencia, entendida como

“disolución de las diferencias”. Asumiendo entonces ese diagnóstico proponemos un posicionamiento reflexivo generalizado que permita articular las partes dispersas sin dejar de poner en evidencia las tensiones y las diferencias. Asumiendo también que nos encontramos en una transición entre esos dos ejes proponemos partir desde allí, desde las movedizas aguas del presente y de la diversidad de realidades institucionales y políticas de la región donde si bien es posible identificar algunas tendencias lo que parece predominar es la multiplicación casi sin límites de las sub áreas temáticas de la investigación en comunicación. Sub áreas donde a veces un prefijo traza fronteras muy definidas como pasa con los estudios post o de coloniales de la comunicación o un signo gráfico como la barra marca profundas diferencias entre los estudios de Comunicación/educación y los de educomunicación. El exceso de especificidad en un campo como el nuestro debilita más que

enriquece pues se terminan haciendo comunidades de investigación muy segregadas y con lenguajes muy codificados que impiden el diálogo o los debates críticos que las enriquezcan.

Es necesario un trabajo al interior de las grandes áreas o subcampos problemáticos donde puedan encontrarse: a) el pensamiento crítico y de corte epistemológico que pone la pregunta en las categorías (teóricas y metodológicas) que se usan y en los modos de usarlas, en las perspectivas y posiciones asumidas y en los modos de generar nuevo conocimiento en esa subarea y

b) todas aquellas investigaciones que abordan desde distintas facetas ese núcleo problemático en común.

Por ello, es necesario creo, revisar el propio objeto disciplinar a la luz de la idea de campo problemático conformado por diversos núcleos que aglutinan en las diferencias las

Del objeto de estudio unificado al campo problemático como estructura del objeto de estudio

Sin embargo, aquello que ha sido achacado como una falta en el origen, tal el planteo del argentino Follari que aún resuena en los espacios de encuentro interdisciplinar, es quizás más que una falla, una marca, una

convergencias sin intentar desdibujarlas si no potenciando sus debates. He aquí la propuesta central de este trabajo.

La comunicación en las últimas décadas puede considerarse como un campo disciplinar profuso y difuso, con numerosas vertientes teóricas, intenso desarrollo académico institucional, numerosa producción científica y escasas categorías propias. Tiene quizás, una estructura transdisciplinar, compleja y ciertamente ecléctica, más que una estructura disciplinar ajustada y con un objeto preciso como ya lo vienen marcando desde hace tiempo ciertas miradas propositivas como es el caso de Vassallo de Lopez (2000) con la que nos identificamos y que más adelante recuperaremos, pero también numerosas miradas críticas que encuentran ahí su debilidad científica, allí nos detendremos.

huella, en el sentido de inscripción de Derrida (1997, 2000) o de marca del sistema productivo en términos de Verón (1987). Una marca que le ha dado forma a nuestro campo disciplinar en tanto espacio en proceso de transformación constante.

*Por eso remarcamos: una marca más que una falla de origen*³⁷.

Allá por el año 2000 en un texto ciertamente provocador Follari decía

El caso de la comunicología es una muestra de las confusiones a que puede llevar la desformalización cuando previamente no se ha pasado por períodos e instancias de formalización. (...) Disciplina nueva, de escasa trayectoria y tradición científica, con pocos posgrados establecidos en el subcontinente y un cúmulo de investigación teórica y empírica escasamente consolidada (...)" (2000, p.50)

Junto a ese listado de debilidades, que veinte años después creemos haber revertido en parte, lo que Follari marca con insistencia a lo largo del artículo es la escasa especificidad del objeto, la necesidad de construir un objeto específico. Dice el epistemólogo: "Rescate del objeto específico, una de las condiciones necesarias para la constitución de la científicidad en la disciplina" (Follari, 2000, p. 54)

En ese marco es que justamente proponemos una mirada no esencialista del objeto de estudio que permita recuperar en la fragmentación críticamente la convergencia y comprender que el desarrollo de la

comunicación como disciplina científica no se dio de manera aislada si no en el marco de una profunda transformación y crisis de las disciplinas tradicionales, cuyos objetos de estudio también comenzaron a debatirse, a ampliar sus horizontes igual que sus diálogos transdisciplinarios. En el propio argumento de Follari quizás se encuentra la clave y la salida a la vez de la imposibilidad científica que el autor prescribe para nuestra disciplina. Intentaremos desanudarla:

Entendemos -apelando a la Epistemología- que la comunicología trabaja sobre un "objeto empírico" propio, cuyos límites habrá que establecer (dentro de lo institucional, lo escolar, lo mediático); pero que lo hace desde los "objetos teóricos" propios de disciplinas diversas. Sería imposible hacer Comunicología autónoma, disociada de la explicación que sobre los procesos de interpretación, emisión, recepción, etc., se ofrecen a partir de la sociología, la psicología, la lingüística. Esto es indisputable: no hay "autonomía" de este campo disciplinar, pues su objeto no surge desde la peculiaridad de constitución de un nuevo campo teórico, sino desde la directa necesidad social de explicarse un espacio concreto de

³⁷ Aunque también sabemos que los orígenes tampoco son tan datables, ni honrosos, ni esenciales y que son mas azarosos y poco solemnes y hasta disparatados como nos recuerda Foucault a propósito de Nietzsche. (1992) aun para las ciencias mas formalizadas.

funcionamiento de ámbitos de lo real. (2000, p. 52)

Aquí la observación se sustenta en la oposición que el autor establece entre objeto empírico propio y objetos teóricos ajenos, señalando la incapacidad de la comunicación para constituir un nuevo campo teórico, lo que nos deja al margen de cualquier pretensión científica. Sin embargo, plantea la necesidad de explicarse un campo de influencia social fundamental y estratégico, "un espacio concreto de funcionamiento de ámbitos de lo real" que él designa como objeto empírico. Ahora bien, ¿Cómo pensar la existencia de un campo material, empírico si no es con conceptos, con teoría? ¿Es acaso posible pensar que existen problemas sociales al margen de su designación y problematización conceptual? Y si, como dice Follari, la comunicación pudo pensar esos problemas, es decir configurarlos conceptualmente a partir de conceptos producidos por disciplinas cercanas como la sociología, la psicología o la lingüística ¿eso la hace menos científica? ¿o es solo un rasgo inter y transdisciplinar de origen?, que por otra parte no parece

diferenciarse de los orígenes disciplinares de otras ciencias sociales de tipo dialógicas (Bajtín, 1998) y de la producción misma de todo conocimiento social, de toda posibilidad de producir un enunciado sea o no sea científico.³⁸

En ese punto, el surgimiento de una nueva episteme ya sabemos que implica la convergencia de numerosas series discursivas y no discursivas, y en ese sentido no pareciera que la Comunicación difiera de otros campos disciplinares. Quizás la diferencia o el rasgo diferencial sea que no pudo trazar rápidamente las fronteras disciplinares porque se fue configurando en un momento en el que las fronteras comenzaron a hacerse porosas. Quizás podría argumentarse que en lugar de constituirse según el modelo de la ciencia normal se fue constituyendo como un campo problemático, definido por la búsqueda de respuestas a problemas, a núcleos de problemas, a partir de una operatoria inter y transdisciplinaria.

Ahora bien, esto no implica que no deba redoblar los esfuerzos en la operación de nominación propia, en la producción o reinención de conceptos que permitan

38 . Es quizás la ausencia de un Adán bíblico, en el sentido que Bajtín le da a todo hablante, sea científico o no, lo que define el origen inter y trans disciplinario de la Comunicación. Nos dice Bajtín: "El hablante no es un Adán, por lo tanto el objeto mismo de su discurso se convierte inevitablemente en un foro donde se encuentran opiniones de los interlocutores directos o puntos de vista, visiones del mundo, tendencias teorías, etc." (1998, p.21)

nombrar de la mejor manera los fenómenos que se propone estudiar.

La noción de comunicación es una categoría que funciona claramente como un significante en torno al cual se movilizan múltiples significados y niveles de funcionamiento de lo social, pero esa amplitud no implica un abandono epistemológico o una ausencia de reflexividad. En su lugar la requiere, la demanda constantemente de trabajo teórico, metodológico, epistemológico, por eso creemos que el diálogo crítico al interior del campo y con otros espacios disciplinares afines es una marca disciplinar de origen que debe asumirse con mucha formalidad en las investigaciones. Schmucler (1997) señalaba hace más de veinte años algo similar al planteo de Follari pero que sin embargo difiere porque ofrece de algún modo una salida, un desafío quizás que debemos sostener a pesar de los avances que claramente se pueden señalar en ese aspecto. A propósito del libro de Sfes z decía Schmucler: "Raras veces se adjudicó a una palabra tanta capacidad explicativa. En la misma proporción, la frecuencia de su uso va acompañada de tal aplanamiento en su significado, que parece diluirse." (p. 168) Lo que queda frente al avance del aplanamiento,

de la banalidad es la problematización del significado, la explicitación de las operaciones de designación de ese concepto, el diálogo que lejos de buscar los consensos se anima al debate, que suscita justamente el ejercicio de la reflexividad sobre la propia disciplina al interior y al exterior de las porosas fronteras.

Las definiciones y redefiniciones acerca del objeto de la comunicación fueron transitando diversos rumbos según las articulaciones transdisciplinares, los modelos teóricos exportados de otras sedes, los contextos sociales de producción y circulación académica y las luchas hegemónicas intelectuales de cada país. Esta conformación ya histórica del campo produjo una refundación constante del objeto y de la mirada comunicacional sobre los fenómenos sociales y particularmente sobre los medios y tecnologías de la comunicación que fueron instaurándose como un núcleo temático constante, pero no el único. En las últimas décadas vemos una dispersión de temáticas y enfoques que requiere poder ser consideradas en su conjunto. Por eso adscribimos a la propuesta que Rossana Reguillo hacía por la misma época que Schmucler y que creemos permite asumir las dificultades del campo sin coartadas. La investigadora propone el abandono del paradigma de la unidad

disciplinar para replantear la apuesta "(...) desde un campo de problemas que, trabajados multidisciplinariamente y de manera articulada, rescaten la especificidad comunicativa de los procesos sociales." (1997: 132).

Es quizás momento de decirlo de manera explícita: es momento de abandonar también la búsqueda de un objeto de estudio unificado y de asumir que nuestra disciplina trabaja productivamente a partir de problemas, a veces de problemas coyunturales en el sentido que le dan Grossberg y Hall (2009) y

El campo problemático de la comunicación

En ese marco es que son oportunos algunos aportes de la epistemología crítica de Zemelman quien propone la categoría de campo problemático o campo de problemas para caracterizar esta operación analítica que intenta identificar aquellos puntos de condensación o problemas, como los llama el autor en el fluir constante del presente y en la complejidad de las multidimensiones que lo conforman. La perspectiva de Zemelman como opción epistemológica crítica es interesante y considero en algunos aspectos adecuada para comprender y caracterizar el proceder de los estudios de comunicación.

que desde allí, de la búsqueda inter y transdisciplinaria de respuestas es que se va constituyendo un campo problemático que aborda la dimensión comunicacional de los fenómenos y procesos sociales estudiados. Es esa quizás la disputa que debemos sostener al exterior, con las disciplinas afines, es ese el aporte a la comprensión de los fenómenos sociales en su dimensión comunicacional. No habrá pues ya una unidad de objeto de estudio si no una capacidad interpretativa que pueda abordar diversos nudos problemáticos emergentes en su dimensión comunicacional.

Esta propuesta asume el imperativo de comprender el presente a partir del postulado constructivista que el objeto de estudio no es dado si no que se construye y que esa construcción además no debe estar sobredeterminada por un aparato teórico estático, sino que la teoría adquiere una función crítica para poder dar cuenta de la realidad investigada en tanto campo problemático. Es este concepto el que creo más acertado que el de objeto de estudio para caracterizar el modo en que producimos conocimiento en el campo de la comunicación, al menos en la región en tanto describe una configuración de núcleos problemáticos vinculados entre sí por relaciones

conceptuales y en estrecha relación con los contextos empíricos investigados.

El autor propone una operatoria que reconoce el valor de la lectura crítica y teóricamente informada de lo empírico, pero poniendo el énfasis en la capacidad de quien investiga de identificar aquello que emerge como problemática social para luego categorizarla y no a la inversa. La operatoria sería: apertura o identificación de una configuración o problema, desarrollo de la problematización, conceptualización que permita conocer el problema contextualizado y la ubicación de ese problema en un campo ordenador que defina relaciones entre esos problemas identificados en áreas temáticas con contenidos ordenadores. Dice Zemelman: "Es una forma de razonamiento que se mueve desde un problema definido según un ordenamiento previo y que lo problematiza al buscar sus articulaciones, para lo cual el razonamiento debe seleccionar un cuerpo de conceptos capaces de organizar la delimitación cada vez más inclusiva de las posibles articulaciones del problema que nos interese." (en Andrade, L y Bedacarratx, V, 2013, p. 28)

Por eso la idea de campo, como un espacio de relaciones conceptuales que permita estudiar los problemas. Dice el autor esta

perspectiva apunta a que "la empiria sea transformada en universos de observables articulados que, en su conjunto, nos permiten configurar campos problemáticos" comprensibles a partir de conceptos y áreas temáticas articuladas. (Zemelman, 1992b, p. 152). Estos núcleos problemáticos serían los lugares de articulación de lógicas diversas que se pueden delimitar en el conjunto de universos de observables considerando las relaciones posibles e identificándolos a partir de conceptos ordenadores por áreas temáticas. (Zemelman, 1987, p. 84). Para ello, Zemelman propone interrogar la realidad como *una articulación de procesos*. "Estas relaciones no son predecibles por ninguna teoría, razón por la cual exigen siempre ser reconstruidas" (1987a: 39). Por eso propone definir áreas temáticas y conceptos ordenadores que permitan articular e incluir otros conceptos ordenadores para designar esos núcleos problemáticos.

Las consecuencias epistemológicas de esta perspectiva son numerosas, pero entre las más destacables se encuentra el reconocimiento de la posición activa en la toma de decisiones que cumplen quienes llevan a cabo las investigaciones. Al trabajar sobre la perspectiva del campo problemático, se pierden los amparos que brinda una

perspectiva fuertemente disciplinar y con una definición de objeto de estudio previamente constituida. Como señala Andrade y Bedacarratx a propósito de esta tarea: "(...) en todos los casos los componentes que se articulen (en el núcleo problemático) serán producto de una opción del sujeto que investiga, de ningún modo "están allí", esperando ser tomados en cuenta." (Andrade, L y Bedacarratx, V, 2013, p.29)

La otra consecuencia es el lugar que adquiere la producción conceptual en sentido amplio en el proceso de reconstrucción o de construcción de conceptos que permitan comprender los problemas identificados. Dice Zemelman (1987) "La esencia de la cuestión está en pensar los conceptos, ante todo, como organizadores de la relación con la realidad; y, una vez delimitada la realidad como campo de objetos posibles, proceder a destacar las opciones de explicaciones teóricas." (en Andrade y Bedacarratx, 2013, 28) La teoría adquiere un carácter abierto en tanto intenta comprender una configuración problemática

Campo problemático y operación transdisciplinaria

Esta operatoria es complementaria del trabajo transdisciplinar del que ya hemos hablado pues en la definición de los núcleos

que se sitúa en un tiempo y un lugar y por tanto no se cristaliza como un concepto trascendente si no que debe ser revisada en cada nueva investigación.

Creemos que esta perspectiva, al menos en los aspectos señalados es más acorde al modo en que investigamos en Comunicación y que, a su vez, si podemos asumirla como propia nos llevará a asumir un conjunto de procedimientos y operaciones de orden epistemológico en nuestros trabajos que fortalecerá el campo y nos permitirá enriquecer los debates. La idea de campo problemático implica revisar reflexivamente la posición de investigación, definir con claridad los modos de identificación de la problemática y no partir de su mera enunciación en tanto no está dada, ni asegurada por un objeto predefinido. Requiere de un ejercicio de conceptualización que también debe poder justificarse de igual modo que los procedimientos metodológicos definidos para producir el conocimiento.

problemáticos, por la complejidad de los fenómenos que estudiamos y fundamentalmente en el momento de la contextualización, recurrimos a conceptos, modelos y teorías producidas en otros campos. Sin embargo, esa tarea no puede

reducirse a una mera apropiación conceptual. Es necesaria la rearticulación entre conceptos y procesos sociales para poder identificar en esos núcleos problemáticos contemporáneos la dimensión comunicacional, quizás como categorías intermedias o como categorías transdisciplinares si entendemos este ejercicio como la producción de nuevo conocimiento para dar respuesta a un problema en contextos definidos (Gibbons, 1997). La producción transdisciplinar de conceptos y categorías no es una mera adaptación, al menos no debe serlo, es más una tensión, una recreación que una reproducción. Como dicen Bugnone et al, "no es un collage de citas desafiadas de sus respectivos contextos de marcación político-intelectual (Richard, 2012), sino la reinención de nuevas intersecciones y tránsitos." (2019, p. 23). En ese sentido creemos que los estudios de comunicación, más allá de su procedencia o perspectiva implican claramente una operatoria transdisciplinar en tanto buscan comprender una realidad que como bien dice Richard, es "crecientemente móvil y compleja" (2019). Sin embargo, esta operatoria lejos de actuar como justificativo nos pone en la tarea de reconocer esos límites disciplinarios que la mirada transdisciplinar tensiona e intenta atravesar en una amalgama

funcional que nos permite comprender y caracterizar esos núcleos problemáticos. Nos obliga a explicitar qué se deja y que se crea en el uso y apropiación de conceptos y perspectivas sobre lo social que, tomados de otras disciplinas nos permiten comprender el movimiento, la temporalidad y la multidimensionalidad (Zemelman y Valencia, 1990) de los procesos que intentamos comprender en clave comunicacional. Como tempranamente señalaba Vasallo de Lopes la perspectiva transdisciplinar implica "un movimiento para la superación de los límites entre especialidades cerradas y jerarquizadas, y el establecimiento de un campo de discurso y prácticas sociales cuya legitimidad académica y social va a depender cada vez más de la

profundidad, extensión, pertinencia y solidez de las explicaciones que produzca, que del prestigio institucional acumulado" (2000, p. 83)

Confrontar miradas en el marco de las porosas fronteras de los núcleos problemáticos es una deuda del campo y quizás una modalidad de trabajo desafiante pero productiva, pues se vuelve necesario aguzar los argumentos, definir con precisión los conceptos, focalizar en las decisiones metodológicas y desarrollar la escucha

atenta. En ese sentido una dinámica reflexiva de tipo dialógica bajtiniana sería una oportunidad de fortalecer nuestras investigaciones que, a veces en el fragor de la publicación, de la exposición en un congreso, no entran en una cadena dialógica, de debate intra e inter y transdisciplinar indispensable para dar rigor a la producción de conocimiento.

La creatividad o cierta postura ecléctica en términos teóricos o metodológicos no justifica la ausencia de reflexión epistemológica, es más la vuelve urgente y necesaria. Aquello que Bourdieu llamó como "vigilancia epistemológica" (Bourdieu, Chamboredon y Passeron, 2004: 11-24) y que hoy quizás podríamos denominar como *reflexividad crítica epistemológica*, es una dimensión necesaria que toda investigación en comunicación debe implicar en tanto nuestros paradigmas, modelos y dispositivos de intelección que usamos no nos permiten eludir esta operación, la requieren. En ese punto sostenemos que parte de la fortaleza de un campo académico hoy se logra abriendo las discusiones, explicitando las decisiones, justificando las operaciones teóricas y metodológicas y fundamentalmente en el debate inter y transdisciplinario en que pueda vincularse. Por ello quizás sea necesario partir

de esa fragmentación como bien la caracteriza Fuentes Navarro, de esa desintegración de los procesos de internacionalización para asumir que la dinámica y redefinición son quizás las operaciones dominantes y características de nuestro trabajo.

Ubicamos la mirada en América Latina porque creemos que se vuelve necesario contribuir al debate de esta temática en el marco de nuestras condiciones de posibilidad, que más allá de las diferencias presenta ciertos rasgos propios y distintivos que deberían reconocerse, debatirse, analizarse como un modo de fortalecer un campo que se muestra siempre inestable y productivo. Es tiempo de renovar un estado de la cuestión, de abrir el diálogo.

Bibliografía

- Andrade, L y Bedacarratx, V (2013) La construcción del objeto de estudio en la obra de Hugo Zemelman: apuntes introductorios" en FOLIOS • Segunda época, Nro 38, Segundo semestre.
- Bajtín, M (1998) Estética de la creación verbal. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Bourdieu, P; Chamboredon, J. C, y Passeron, J.C. (2004) El oficio del sociólogo.

Presupuestos epistemológicos. 1ª Edición. 1º Reimpresión. Buenos Aires: Siglo XXI.

De La Peza, C. (2011). "Los estudios de comunicación/cultura. Su potencialidad crítica y política". En I. Cornejo & M. A. Guerrero (Coords.), Investigar la comunicación en el México de hoy (pp. 21- 55). México:UIA.

----- (2013) Los estudios de comunicación: disciplina o indisciplina. Nueva época, núm. 20, julio-diciembre, 2013, pp. 11-32.

Derrida, J (1997) Mal de archivo. Una impresión freudiana, Madrid, Editorial Trotta, 1997.

Follari, A (2000) Estudios sobre postmodernidad y estudios culturales: ¿sinónimos? Revista Latina de Comunicación Social 35 – noviembre de 2000

Foucault, M. (1992) Nietzsche, la Genealogía, la Historia. Editorial: PRETEXTOS

Fuentes Navarro, R. (1999). #La investigación de la comunicación en América Latina: condiciones y perspectivas para el siglo XXI#. Diálogos de la Comunicación (N.º 56)

----- (2014). "La investigación de la comunicación en América Latina: una internacionalización desintegrada". Oficios Terrestres, 1(31), 11-22. Recuperado a partir

de

https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/oficios_terrestres/article/view/2424

----- (2016). "Implicaciones de una 'nueva' historia (internacional) de la institucionalización de los estudios de la comunicación en América Latina" en Comunicación, campo(s), teorías y problemas: una perspectiva internacional, Vizer, E y Vidales, C 101-124. Salamanca: Comunicación Social.

----- (2017 y 2015). Centralidad y marginalidad de la comunicación y su estudio. Salamanca: Comunicación Social. / Guadalajara: ITESO. 89-1.

----- (2018). "Tendencias regionales y transnacionales de la investigación de la comunicación en América Latina" en Tejiendo nuestra historia: investigación de la comunicación en América Latina Crovi Druetta, D y Raúl Trejo Delarbre, R (coords) 295-315. Ciudad de México: UNAM

Gibbons, M. et al.(1997) La nueva producción del conocimiento, Barcelona: Pomares-Corredor, Barcelona,

Grossberg, L. (2009) "El corazón de los estudios culturales". Tabula rasa , nro.10 (enero-julio)

Martín Barbero, J. (1987) De los medios a las mediaciones. G Gili. México

Ortiz, R (1999). "Ciencias sociales, globalización y paradigmas", en Reguillo,

y Fuentes Navarro, R (coords.), Pensar las ciencias sociales hoy. Reflexiones desde la cultura, ITESO, Guadalajara

Pineda, M (2004) Las ciencias de la comunicación a la luz del siglo XXI. Colombia: Universidad del Zulia, Vicerrectorado Administrativo.

----- (2001) Las teorías clásicas de la comunicación: Balance de sus aportes y limitaciones a la luz del siglo XXI. Opción: revista de Ciencias Humanas y Sociales. Nro 36

----- (2000) "Los paradigmas de la comunicación: nuevos enfoques teórico-metodológicos". Revista Diálogos nro. 59.

Reguillo, R. (1997) "Más allá de los medios. Diez años después". Comunicación y Sociedad. DECS: Universidad de Guadalajara, nro. 30, mayo-agosto 1997:127-147.

Richard, N (18998) "Antidisciplina, transdisciplina y redisciplinamientos del saber"

Revista de Estudios Sociales. Nro 1.

Schmucler, H (1997) Memoria de la Comunicación. Buenos Aires: Ed. Biblos,

Torrico, E. (2000) La disciplina comunicacional a la conquista del siglo XXI. Santa Cruz de la Sierra

----- (2004) Abordajes y períodos de la teoría de la comunicación. Ed. Norma

Vasallo de Lopes, M. I. (1999) "La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas". Diálogos de la Comunicación. Volumen 56: (12-27).

----- (2000). "El campo de la Comunicación: reflexiones sobre su estatuto disciplinar". Oficios Terrestres. Volumen 7, N° 8: (75-83).

----- (1998). "Por un paradigma transdisciplinar para o campo da comunicacáo", V Ibercom, Porto.

Vasallo de Lopes, M. I. & Fuentes Navarro, R. (2005). Comunicación, campo y objeto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas. Guadalajara: ITESO/ UA. de Aguascalientes/ U. de Colima/ U. de Guadalajara

Verón, E (1987) La semiosis social. Buenos Aires: Gedisa.

Zemelman, H. (1987). Conocimiento y sujetos sociales. Contribución al estudio del presente. Ciudad de México: El Colegio de México.

Zemelman, H. y Valencia, G. (1990). "Los sujetos sociales, una propuesta de análisis".

Acta Sociológica. Vol.3, n° 2, pp. 89-104. México.

Metodologia Antropofágica: problematizações sobre a experiência da crítica em pesquisas do campo da comunicação

Anthropophagic Methodology: problematizations about the experience of criticism in research in the field of communication

Luan Correia Cunha Santos³⁹

Lisiane Machado Aguiar⁴⁰

Resumo:

O objetivo desse trabalho é problematizar a perspectiva antropofágica para as pesquisas no campo da comunicação a partir da estética das comunicações, os sujeitos comunicantes, as relações de saber e poder. Deste modo, propomos uma perspectiva ética, estética e política no campo científico, uma vez que a antropofagia propõe “devorar” a cultura estrangeira, degluti-la com os chamados elementos primitivos locais, dando resultado a uma produção híbrida. Busca-se então transgredi-la através de um posicionamento crítico que não apenas aceite ou rejeite um modelo metodológico, mas que trabalhe o “entre-lugar” latino-americano, que se expressa como um “espaço” de ressignificação e recriação. O movimento se configura, também como uma perspectiva

³⁹ Mestrando em comunicação social no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social na Universidade Federal de Roraima, Brasil. E-mail: luanjack@gmail.com

⁴⁰ Doutora em Comunicação pela UFRGS. Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Roraima, Brasil. E-mail: lisiaguiar@gmail.com

crítica latino-americana sobre nossa posição em relação a uma postura colonial, e sobretudo, as formas de subverter uma lógica que marginaliza nosso fazer antes de sua existência.

Palavras-chave: Antropofagia, Metodologia, Crítica, Genealogia.

Abstract:

The objective of this work is to problematize the anthropophagy within researches in the field of communication, following the aesthetics of communications, the communicating subjects and the relations of knowledge and power. Thus, we propose an ethical, aesthetic and political perspective for the scientific field, since anthropophagy proposes to "devour" foreign culture, swallowing it with the so-called local primitive elements, resulting in a hybrid production. It is then sought to transgress it via a critical stance that not only accepts or rejects a methodological model. It is also supposed to work on the Latin American "inter-place", which expresses itself as a "space" of resignification and recreation. The movement is also a critical Latin American perspective on our position in relation to a colonial stance. Above all, it examines the ways to subvert a logic that marginalizes our own actions already before their existence.

Key words: Anthropophagy, Methodology, Criticism, Genealogy

Introdução

Que possibilidades de caminhos metodológicos latino-americanos podemos desenhar ao pensar nossa ética, estética e política tão específica? Se pensarmos nosso espaço como um lugar de ressignificações, transculturações e desvios intencionais e provocativos da norma, podemos problematizar os processos metodológicos de

nosso fazer? Podemos pensar uma transculturação crítica aos modelos europeus e americanos tendo como base características latinas? Que contribuições o movimento antropofágico pode nos oferecer quando o conectamos com o criar metodológico de uma pesquisa?

Neste trabalho falamos sobre *podcast*, Macunaíma (a obra de Mário de Andrade),

Movimento Antropofágico e a linguagem sonora. Tais elementos se unem a partir da proposta de uma metodologia antropofágica, capaz de conectar e deglutir diversas áreas de conhecimento distintas e ao digeri-las, criar um elemento híbrido, atualizando as virtualidades de cada traço consumido. Trabalhamos com a proposta de criação e análise de uma série em formato de *podcast*, adaptando a obra de Mário de Andrade “Macunaíma: herói sem nenhum caráter” a este formato híbrido.

Nosso percurso começou com a iniciativa de transformar a obra literária em *podcast*. Aos nos depararmos com estudos sobre contextualização, logo compreendemos a rapsódia “Macunaíma” como um dos livros que melhor sintetizam o movimento antropofágico. Esta informação acrescentou um outro elemento a caminhada até que compreendêssemos a empreitada modernista de Oswald de Andrade e outros autores. Então, nos surgiu a inquietação: se o livro de Mário de Andrade, em sua linguagem é o que melhor reflete o movimento antropofágico, ao realizarmos uma adaptação da obra, estaríamos criando um *podcast* antropofágico? Como esta conexão pode acontecer? Que traços próprios ela evoca?

Acionando a antropofagia nos processos metodológicos de produção sonora e a utilizando como teoria para embasar a análise crítica, entramos em um campo de posicionamento político decolonial através da estética. Considerando que a vanguarda inaugurou uma perspectiva política no campo científico, uma vez que delimita uma postura colonial da relação Brasil-exterior e, assim fazendo, a transgride.

Pensar antropofagia como metodologia para construção de *podcast* problematiza as estruturas de um modelo importado para produções sonoras. Qual o padrão estético sonoro hoje vigente na podosfera? A estética antropofágica, nesse sentido, traz uma perspectiva para se pensar experiências metodológicas na produção de comunicações sonoras subversivas as normatizações, além de expandir o âmbito das discussões sobre *podcast* no campo comunicacional. Começamos a pensar possíveis atualizações antropofágicas a partir de múltiplas conexões de linguagens.

Quando falamos sobre atualização estamos tratando de transformações de um elemento que passa do seu modo virtual para seu modo atual, ou seja, a forma como ganha concretude em determinado espaço temporal (BERGSON, 1999). A atualização passa pelas

mudanças efetivas pelas quais todo corpo físico ou teórico está submetido a partir de seu movimento de criar e modificar o que já existe. Para pensar atualização da antropofagia, tomamos seus traços norteadores: adesão ao primitivismo; constante consumo de identidades; o “entre-lugar” da América Latina e; exaltação do nacional.

Este recorte da pesquisa, expresso nessas páginas, leva em consideração os trânsitos

Crítica e Genealogia

Nosso desenho metodológico tem como uma de suas bases o pensamento de Suely Rolnik (1987), que fala sobre a importância de uma metodologia inventiva, flexível e que assim pudesse dar conta dos movimentos de pesquisa enquanto adaptávamos Mário de Andrade e seu livro de 1928, para um *podcast* em 2019. Rolnik (1987) defende a importância do pesquisador ser um verdadeiro antropófago, apropriando, devorando e deglutindo metodologias capazes de dar conta de seus objetos de estudo, também dinâmicos. Esse processo mediado pelas escolhas, aquilo que nos fortalece (ou no caso, a pesquisa) é incorporado ao *corpus*. E o resultado da deglutição é um outro conhecimento, diferente do elemento balizador e do deglutido.

entre pesquisar, adaptar, atualizar, devorar e deglutir os elementos que a fizeram e cercaram e que, por tratar de movimentos, não buscam por uma compreensão final nem totalizante, mas sim indicam outras possibilidades científicas para abordar os arranjos aqui evocados.

Braga (2016) também nos auxilia a compreender como o processo metodológico se dá nas escolhas que tomamos, os caminhos que, com base em critérios, realizamos para seguir a pesquisa. Cada escolha nos leva a um resultado, e por isso, cada pesquisador, sujeito de suas escolhas, construiria desenhos próprios em movimentos de experienciar e produzir conhecimentos.

A metáfora da antropofagia nos parecia suficiente até que seguimos nossa caminhada e tomamos como um dos objetivos produzir uma adaptação antropofágica do livro “Macunaíma: Herói sem caráter” para um *podcast*. Neste ponto, delimitamos o local de fala deste trabalho. Partimos e dialogamos dos movimentos e processos que formataram

a construção dessa adaptação e, por consequência, da atualização. O que significa que o elemento mediador desta pesquisa é o processo ritualístico de criação metodológica para o desenvolvimento de um *podcast*.

O exercício começou quando montamos o primeiro piloto da série. O episódio tinha mais de meia hora, contava com 205 arquivos de áudio compactados e editados, o que levou, entre gravações e edições, três semanas para ficar pronto. Dois meses depois o projeto fora descartado por não ser considerado antropofágico em nossas primeiras análises. Esse processo do refazer aconteceu mais três vezes.

Tal experiência nos possibilitou pensar que somente a adaptação dos textos contidos em "Macunaíma" fielmente pronunciados no formato do podcast não nos possibilitaria pensar um podcast antropofágico assim como uma metodologia inventiva. Era necessário um olhar sobre as estéticas e as subjetividades.

A primeira etapa necessária para pensar uma atualização estética antropofágica, foi conhecer os platôs de conhecimentos que estávamos explorando, construindo e atualizando. Este processo denominamos de Crítica e Genealogia.

Partimos da crítica como um exercício de buscar pontos conectivos entre dois campos que nunca se construíram em um arranjo científico. *Podcast* e Antropofagia se encontram em um exercício prático e epistemológico ao construírem delimitações do que se era institucionalizado, através de um processo genealógico de seu próprio ser, e se estendendo posteriormente a uma transfusão na forma, transgredindo o padrão.

Nos inspiramos em dois autores para fundamentar essa visão crítica, Michel Foucault (1990) e Judith Butler (2000). Pensar um *podcast* antropofágico, em seus vários trânsitos plásticos e formas de existir, também é pensar um *podcast* crítico ou uma antropofagia capaz de produzir críticas sobre comunicação e *podcast*. Tal produção é necessariamente crítica, se pensarmos na forma como esta oferece outros caminhos, baseando-se nos traços da vanguarda modernista.

Butler (2000) nos auxilia a compreender a crítica como prática direcionada a algo institucionalizado. Seu exercício existe apenas como referente a alguma outra coisa que não ele mesmo, desempenhando um papel de policiamento das estruturas de poder ao tempo que não é capaz de, por si só, alterar alicerces.

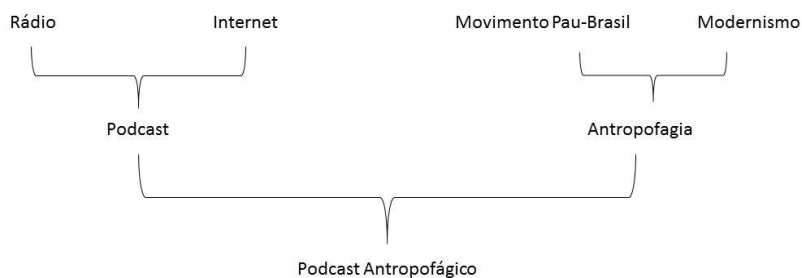
A crítica não refaz as leis, as morais, mas esta consegue delimitar e apresentar novas possibilidades de ser, ao criticar o que institucionaliza determinadas práticas e marginaliza (e em alguns pontos até criminaliza) outras (FOUCAULT, 1990).

Para dar limite, encontrar as medidas que fundam os alicerces e posteriormente ampliá-los em outras possibilidades de ser, é necessário conhecer o que se é. Neste ponto, propomos uma genealogia. Apropriamos dos conceitos genealógicos, buscando assim uma exposição cronológica que visa a origem dessas estruturas. No nosso caso, essa genealogia se dá em duas partes. A primeira a partir do *podcast* buscando as origens deste. E a segunda, do próprio movimento antropofágico.

Entendemos, então o *podcast* como uma mídia híbrida, resultado da deglutição de duas linguagens distintas, porém complementares, o rádio e a *web*, que em um processo de transculturação, convergem em uma mídia híbrida em que conteúdos de matriz sonora serão acessados, produzidos e veiculados a partir das lógicas da internet. E dessa mistura de vozes (radiofônicas e digitais) nasce o *podcast*.

Já a antropofagia tem sua genealogia marcada por processos de rupturas e continuidades mais intensas, uma vez que nasce dentro do movimento modernista propondo uma adesão ao primitivo e valorização do nacional, traços herdados do manifesto pau-brasil. Ao mesmo tempo em que permite influências estrangeiras do cubismo, expressionismo, dadaísmo.

Genealogia do Podcast Antropofágico



Fonte: Os autores.

Mas como chegar a essa genealogia? Constituimos alguns passos metodológicos nessa pesquisa. Partimos de uma adaptação das diversas fases de leitura que constituem uma pesquisa bibliográfica. No geral, esta etapa foi elaborada a partir de material já publicado e organizado em modelos científicos, tais como, dissertações, teses, artigos e livros, além da inclusão de novos formatos de fontes, como o caso de materiais disponibilizados na internet e até mesmo *podcasts* que auxiliam no processo de compreensão sobre ele mesmo.

Cartografia e experiência

Optamos por uma proposta cartografica por entender como necessário desenhar o processo inédito de adaptação da obra de Mário de Andrade "Macunaíma: Herói sem nenhum caráter" para um *podcast*, assim como cartografar os movimentos da pesquisa que possibilitaram pensar atualizações da antropofagia para linguagem sonora.

Tomamos como inspiração estudos de Deleuze e Guattari (1995), que descrevem o processo como capaz de problematizar o caminho da pesquisa no percurso de cartografar as etapas constituintes da viagem, as situações encontradas e propostas teóricas

Esses processos que desenvolvemos nos permitiu traçar o mapa genealógico anteriormente apresentado. A partir dele, partimos para uma leitura crítica da antropofagia, do *podcast* e do arranjo que nomeamos como *podcast* antropofágico, compreendendo este como uma atitude crítica. Um *podcast* antropofágico (que é necessariamente crítico), só se pode constituir a partir de uma genealogia dos alicerces que o fundaram e possibilitaram rupturas e de um processo ético de quem o produz.

e práticas percorridas. O método se vale da concepção de mapa em aberto que segue a partir da experiência e visão particular do pesquisador sobre um território, tateando suas opacidades, e acompanha as transformações tanto da antropofagia quanto as matrizes de linguagem sonora em seus processos de atualização, a medida que se é produzida a atualização de ambos. Não buscando, nesse trabalho representar ou criar um caminho definitivo entre elas, mas sim repensar conceitos fixos e imutáveis destes campos de conhecimento e abrir

possibilidades de se construir conexões entre os campos propostos.

A construção de movimentos (e da cartografia destes) que deem conta de permitir a conexão entre a antropofagia e a linguagem sonora busca compreender as multiplicidades de cada uma dessas áreas e seus pontos de conexão. Podemos formular este método a partir da problematização: Como estamos trilhando o caminho percorrido no processo de atualização do movimento antropofágico para a linguagem sonora?

Baseado na concepção de Mills (1982) de que nenhuma metodologia deve ser inflexível e fechada, pois poderiam ser assim prejudicadas se vinculadas a um dogmatismo metodológico. Defendemos que cada pesquisador seja seu próprio metodologista, e constitua seu artesanato intelectual a partir de suas propostas de investigação.

Para tecer essa cartografia, foi necessário tatear, no platô de conhecimentos sobre a linguagem sonora, pontos conectáveis, para que a atualização se pudesse sustentar. Tivemos de partir da linguagem sonora e suas características o pensar dos traços antropofágicos. Delimitamos então os quatro

traços fundamentais para o movimento antropofágico, e deles buscamos reinterpretções na matriz sonora. Sendo: adesão do primitivismo; constante consumo de identidade; exaltação do nacional e; o "entre-lugar" da América Latina.

Esta pesquisa busca, para além de seus objetivos, unir a prática técnica da criação de um produto comunicacional com pesquisas teóricas sobre o campo. Para isso, a cartografia como metodologia aberta foi fundamental. O processo (*podcasting*) de adaptação da obra de Mário de Andrade para a linguagem sonora se vale do que chamamos de cartografias antropofágicas⁴¹ que fora desenvolvida como processo de desenhar tais explorações e aproximações entre a matriz sonora e os traços antropofágicos, criando um desenho único para a pesquisa, ao mesmo tempo que não limitando-a.

Uma metodologia antropofágica não pode ser, sem tentar, mesmo que minimamente, quantificar experiências que são paralelas à pesquisa, mas que também são complementares. Sobre uma perspectiva antropofágica, um pesquisador está em constante devorar e deglutir e produção de pesquisa, o que habilita suas experiências a

⁴¹ Mais detalhes sobre esse arranjo antropofágico e seu processo metodológico específico podem ser encontrados em Santos (et al., 2018).

serem parte integrante do processo. Desta forma, sujeito e ciência unem-se em torno de uma produção híbrida na constituição desta pesquisa a perspectiva da experiência para pensar o papel do sujeito pesquisador. Tendo essa base, relato a minha experiência de sujeito-pesquisador em primeira pessoa.

E o que seria a experiência? Se considerarmos Larrosa, "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (2002, p. 21). O autor ainda nos indica que não é aquilo que *se* passa. É o que acontece com a gente, de forma a transformar nossa constituição enquanto sujeitos. Não posso falar sobre a experiência de produzir um *podcast* antropofágico, se não tiver passado eu mesmo por essa experiência. Me colocando na primeira pessoa. Essa perspectiva nos ajuda a compreender a importância de colocar

os sujeitos pesquisadores no processo de descrição e formulação da pesquisa.

A informação é fundamental para a constituição de uma pesquisa, mas somente ela, sem a experiência da pesquisa, não é capaz de pensar práticas emancipadoras a partir de seu próprio exercício (LARROSA, 2002). E a experiência de pesquisar, por muitas vezes, se constitui de vivências que não constam nos manuais de metodologia, mas que nos oferecem uma perspectiva crítica capaz de impulsionar a pesquisa.

De acordo com Larrosa (2002) é necessário fazer ciência a partir da experiência e sentido. Ou seja, o que experienciamos e como damos sentido a esta experiência. A própria antropofagia resulta de experiências de deslocamento.

Conexões Rizomáticas e Atualização

A conexão rizomática é a parte metodológica que explicamos as múltiplas conexões nesse trabalho. Para compreendê-las, evocamos Deleuze e Guattari (1995) e acionamos o conceito de rizoma, pois é através deste que podemos problematizar os movimentos de pesquisa enquanto capazes

de infinitas conexões. Este conceito tem origem na biologia, e define rizoma como um sistema capaz de conectar um ponto a qualquer outro, fazendo múltiplas conexões.

No rizoma qualquer ponto pode ser conectado, e essas conexões têm a possibilidade de criar múltiplos arranjos de naturezas diversas. Esse sistema também é capaz de ser interrompido e continuado a partir de qualquer ponto, sendo todos

interligados (AGUIAR, 2008). Desta forma, não há uma noção de começo, meio e fim, e sim diferentes tomadas de decisão neste percurso de construir ou ler a pesquisa.

Pensamos, a partir destas noções, que podemos criar conexões entre qualquer parte desta pesquisa. Qualquer zona de seu conhecimento está interligada antropofagicamente em um rizoma infinito, que também possibilita outras formas de fazer, diferentes desta aqui exposta. Muito provavelmente, se convidados a refazer os movimentos dessa pesquisa, trilharíamos outros caminhos, buscando outras atualizações. E de forma alguma isso invalida o primeiro estudo, mas sim o fortalece, quando comprova as múltiplas capacidades de atualização da antropofagia como metodologia para pensar a comunicação.

O resultado desta conexão (e dos demais processos) é a atualização. Esta pode ser definida como um movimento de trânsito entre um elemento do seu modo virtual para o modo atual. O objeto passa a ser aquilo que se materializa, que ganha forma no mundo. E tudo o que pode ser materializado, pode ser encontrado em seu estado virtual (BERGSON, 1999).

Segundo Deleuze (1999), esse processo de atualização passa por acessar o objeto de

estudo em seu estado virtual – enquanto algo passível de ser colocado em prática, mas que só se expressa em campo teórico, para o ponto em que o autor denomina de “viravolta”, em que ocorre a inflexão do objeto, que transita entre o virtual e o atual – seu estado materializado.

Tratar de uma atualização é falar sobre trânsito, não pensar o ser, mas o estar. Dar ênfase nas temporalidades expressas nesse processo. Ou seja, realiza-se ao buscar o movimento antropofágico, bem como a linguagem sonora, em seus estados virtuais e assim flexioná-los onde tomam forma, o *Podcast Antropofágico*. O ritual antropofágico assim, pode ser encarado como a própria “vira-volta”.

É a partir do passado e seu posicionamento temporal que as virtualidades estão armazenadas, este é o que denominamos memória, que está sempre em vias de ser atualizado. Esse processo ocorre com base na diferenciação, pois é onde podemos perceber as diferenças de natureza temporais de um objeto. O virtual é sempre um passado estabelecido a partir de sua relação com o presente, com enorme potencial de atualização a qualquer momento e que, nesse processo, pode-se unir a outras virtualidades.

Compreender a atualização do movimento antropofágico, a partir de sua virtualidade, para a linguagem sonora, possibilita diferentes interpretações e trajetórias no processo antropofágico da pesquisa. A atualização não encerra o objeto de pesquisa em uma simples questão de “ser” ou “não ser”, ou seja, não limitamos o *podcast* a constatações em torno de suas construções, assim como não restringimos o espaço do movimento antropofágico para literaturas e obras de artes que ficaram no século passado, ignorando com isso seus devires.

Bergson (1999) define o conceito de devires justamente como a potencialidade de atualização que está presente em todas as coisas, a capacidade de se modificar e diferenciar de um passado, deixando de ser o que era, mas ao mesmo tempo preservando algo de sua origem. A própria antropofagia já

nos remete ao conceito quando propõem rupturas e continuidades dentro do modernismo.

Desta forma, a partir do momento que também ganha materialidade, o podcast antropofágico também torna-se memória, essas palavras, o ritual antropofágico como metodologia, todo esse nosso platô de conhecimento, elaborado de forma crítica, constituído de genealogias, cartografia e experiência, torna-se virtual (ainda que exista materialmente). E ao ser revisitado, é capaz de ser novamente atualizado, em uma infinita conexão que não se resume em ser, mas estar. Se Oswald de Andrade fez uma releitura de Shakespeare “Tupi or not tupi, Thats the question”, aqui ofereço outra atualização: “Estar ou não estar antropofágico, eis à questão”.

Considerações

A partir da experiência de produção do “*Podcasting Macunaíma*”, podemos relatar que a perspectiva antropofágica possibilitou um posicionamento político e uma metodologia de pesquisa em comunicação que nos permitiu problematizar uma mídia híbrida com uma estética tão multifacetada.

Pensar por metáfora nos serviu como óculos para perceber o outro, e a partir desse exercício de alteridade pensar a nossa construção enquanto sujeitos comunicantes. A vanguarda modernista serve como um posicionamento crítico latino-americano sobre nossa posição em relação à uma

postura colonial, e sobretudo, as formas de subverter uma lógica que já marginaliza nosso fazer antes de sua existência. Com o desafio de pensar um primitivismo estético sonoro, fomos além do padrão delimitado. E em uma perspectiva otimista, nossa experiência de produção pode servir para atualizar tanto as estéticas que constroem um padrão sonoro narrativo, quanto para pensar características da internet e que se expressam de múltiplas maneiras.

O que nos faz querer falar de antropofagia como um posicionamento político, muito além de escolhas estéticas subversivas, é a experiência de produção a partir dela. Para a execução desse recorte de pesquisa, foram dois anos de experiência planejando, roteirizando, gravando, regravando e editando o "Podcasting Macunaíma", até que o resultado fosse satisfatório. Até que a antropofagia fosse sentida, além de estudada. Como parte mais recente de pesquisa antropofagicamente, analisar a experiência de produção nos faz repensar todo um sistema de comunicação ao qual estamos inseridos.

Senão houvesse a possibilidade de produzir o podcast, não teríamos as possibilidades de pensar as estruturas e normas que são acionadas nestes determinados tipos de comunicação. Sem isso

não teríamos questionado os modelos, não teríamos a postura ética em relação à norma e estética vigente. Não pensaríamos propostas para uma comunicação decolonial. O que nos faz problematizar: Como as experiências de produção possibilitadas pela podosfera estão agenciando novas interpretações do mundo, outras formas de comunicação? E como os sujeitos comunicantes estão utilizando desse processo para uma pedagogia comunicacional que permita pensar uma comunicação como ferramenta de emancipação social?

Com a proposta de traçar uma genealogia estética do podcast, temos um estudo sobre os processos de sociabilidade, as relações de poder e acesso em torno da cibercultura que envolvem a consolidação da podosfera. Estudos como este proposto e seus semelhantes, culminam em um coletivo de experiências científicas e metodológicas para se pensar as tecnologias de comunicação em um processo de amadurecimento dessas com a consolidação da internet. Metodologias estéticas subversivas para podcast quando analisadas e compreendidas, amadurecem discussões acerca das comunicações e dos sujeitos em um movimento de questionar determinadas governanças e buscar igualdades sociais por meio da comunicação.

Referências:

- AGUIAR, Lisiane Machado. Cartografia: Deriva Metodológica. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.
- ATHIAS, Renato. 2007. A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira. Recife: Ed. UFPE.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRAGA, José Luiz. Metodologia da pesquisa em comunicação: Estudo bibliográfico em disciplinas de pós-graduação. In: Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas. Org. Cláudio Peixoto de Moura e Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Edipurcs. porto Alegre. 2016.
- BUTLER, Judith. O que é crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault In: INGRAM, David (ed.). The Political: Readings in Continental Philosophy. Londres: Basil Backwell, 2000.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. Bergsionismo. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung Bulletin de la société française de philosophie, Vol. 82, nº2, pp.35-65. Tradução de Gabriela Latefá Borges. 1990.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. I Seminário Internacioanl de Educação de Campinas. Revista brasileira de educação. N19. Campinas. 2002.
- MILLS, C. Wright.. A Imaginação Sociológica, Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1982.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, 1987.
- SANTOS, Luan Correia Cunha. ARAÚJO, Bryan Chrystian da Costa. LIMA, Ariene dos Santos. AGUIAR, Lisiane Machado. *Podcast Antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação.*

ANAIS 41º Congresso Brasileiro de Ciências
da Comunicação. Joinville, SC. 2018.

Análisis de las metodologías y las fuentes de artículos científicos en revistas de comunicación

Análise das metodologias e fontes de artigos científicos em revistas de comunicação.

Analysis of methodologies and sources of scientific articles in communication journals.

Antonio Castillo-Esparcia⁴²

Elizabet Castellero-Ostio⁴³

Resumen: Esta investigación muestra el estado de la cuestión y la evolución de la investigación en comunicación, gracias al análisis de los artículos en las revistas de comunicación mejores posicionadas, centrando la atención en la metodología y las fuentes. Se trata de un estudio longitudinal que analiza y compara 268 artículos publicados en los periodos de 2006-2007 y 2016-2017.

⁴²Antonio Castillo-Esparcia. Catedrático del departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad de la Universidad de Málaga, doctor en Comunicación, España, acastilloe@uma.es.

⁴³Elizabet Castellero-Ostio. Profesora del departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad de la Universidad de Málaga, doctora en Comunicación, España, ecastillero@uma.es.

Palabras Clave: Investigación, Comunicación, Metodología.

Abstract: This research shows the state of matter and the evolution of communication research, thanks to the analysis of articles in the best positioned communication journals, focusing on the methodology and sources. It is a longitudinal study that analyzes and compares 268 articles published in the periods 2006-2007 and 2016-2017.

Key words: Research, Communication, Methodology.

Tema central

Los textos científicos son contribuciones de los investigadores e investigadoras en las que se comunican los hallazgos que han realizado en sus estudios (Castillo, 2011) y para la comunidad científica, las revistas se han convertido en los principales soportes que permiten vehicular este conocimiento. Dichos autores y autoras cada vez utilizan más este tipo de publicaciones periódicas, ya que les permiten una mayor actividad investigadora, dada la considerable periodicidad y el

prestigio académico que supone publicar en ciertas revistas.

En el campo de la comunicación las contribuciones se han visto incrementadas notablemente en los últimos años. Este aumento justifica la necesidad de estudios que analicen los artículos publicados en revistas científicas para tener conocimiento del estado de la cuestión de la investigación en comunicación, objeto primordial de la presente contribución.

Objetivos

Este estudio es una investigación bibliométrica que persigue como objetivos:

1. Tener conocimiento de la actual actividad científica en el ámbito de la comunicación y de su evolución.

2. Descubrir las principales metodologías empleadas en los artículos analizados en el campo de la comunicación.

3. Analizar la tipología de fuentes referenciadas, así como las autocitas en estos artículos científicos.

3. Caracterización del estudio o discusión teórica propuesta

3.1. La publicación en revistas científicas

Los estudios bibliométricos permiten conocer los ámbitos en los que se desarrollan las temáticas de un campo científico, saber las tendencias de las investigaciones (Jiménez-Contreras, De-Moya-Anegón y Delgado-López-Cózar, 2003), identificar a los grupos de investigación (investigadores e investigadoras) que se encuentran activos, verificar el grado de interconexiones internacionales entre investigaciones (Glänzel y Moed, 2002), el género de los investigadores, los sistemas de citas de otras publicaciones, las citas de las publicaciones donde se está publicando (Waltman, 2016), las autocitas de los propios investigadores e investigadoras (Andrade, González-Jonte, y Campanario, 2009), los centros de investigación-educativos, profesionales o investigadores en los que se llevan a cabo los estudios, etc. En definitiva, todo un conjunto de parámetros que permiten exhibir el panorama del estudio de la investigación en

un campo concreto. Estos análisis permiten conocer el estado de un campo científico en cuestión y son expresión de las dinámicas investigadoras (Castillo-Esparcia y Carretón, 2010; Costas, Van Leeuwen y Bordons, 2010; Moed, 2005).

El ámbito de la comunicación ha sido uno de los que mayor crecimiento ha experimentado en las revistas científicas debido a que el papel esencial de la información en las sociedades contemporáneas les hace ser objeto de análisis (Van Leeuwen, Moed, Tijssen y Visser, 2001). Así, también la inserción de la comunicación en los procesos de gestión de las organizaciones sociales ha motivado que el interés sobre los efectos (no sólo políticos o sociales) empresariales sea una línea esencial. Este incremento significativo en la cantidad y calidad de las revistas científicas también se debe a que desde instancias educativas se demandan resultados de investigaciones, que son medidos por el tipo de revista en la que se publican los resultados de los estudios (Castillo, Peña y Mañas, 2014).

Enfoque y/o metodología de abordaje

Se trata de un estudio longitudinal en el que se analizan los artículos de las diez

revistas mejor posicionadas en el campo de la comunicación en el *Journal Citation Reports*

(JCR) de *Web of Science* (Wos) durante los periodos 2016-2017 y además, conservando la misma muestra diez años antes, en 2006-2007. Se han analizado la totalidad de los textos de investigación de los primeros números publicados por cada revista en los años citados, como muestra representativa; lo

n Communication Research, Journal of Health Communication, Research on Language and Social Interaction, Public Understanding of Science, Communication Theory, Political Communication y Health Communication.

Mediante la metodología empírica-analítica de naturaleza cuantitativa y cualitativa, utilizando como método el análisis de contenido, se ha centrado en determinar

que resulta la cantidad de 268 artículos examinados.

La muestra de estudio está compuesta por las siguientes revistas: *Journal of Communication, Public Opinion Quarterly, Communication Research, Huma*

las diversas metodologías empleadas, así como las tipologías de fuentes recurridas en los artículos como apoyo teórico. Para ello, se han elaborado plantillas de análisis que contenían como variables el tipo de estudio o la técnica de investigación, la tipología de las fuentes citadas (artículos, libros, otras fuentes), así como el análisis de las referencias y las citas a los propios autores y autoras y a la propia revista donde se publica.

Resultados

Datos de aspectos metodológicos

En relación a la variable metodológica se ha procedido a una clasificación de la técnica empleada en 10 métodos diferentes.

En los artículos analizados en 2006 es el análisis de contenido la técnica metodológica empleada en un mayor número de estudios

con un 27,87% y presente en el 70% de las revistas analizadas. Le sigue, con un 26,23% la investigación experimental combinada con cuestionarios, empleada también en el 70% de los artículos. En tercer lugar nos encontramos con la revisión bibliográfica (18,04%) utilizada en la mitad de las revistas estudiadas.

Observando los datos arrojados en 2007, se detecta cómo se invierte el orden en el caso de la revisión bibliográfica, que se posiciona como la metodología más recurrida con un 27,69%, aunque solo está presente en el 50%

de las revistas. Le siguen, igualando en porcentajes (23,07%), la investigación experimental acompañada de las encuestas y el análisis de contenido, presentes en el 60% y 70% de las revistas respectivamente. Los cuestionarios (20%) son la siguiente técnica

más empleada, recurrida en el 70% de las publicaciones periódicas.

Tanto en 2006 como en 2007, no son técnicas recurridas en los manuscritos ni el panel de medición de audiencia, el metaanálisis o la observación participante.

METODOLOGÍA ARTÍCULOS REVISTAS	Revisión bibliográfica	Inv. Experimental + cuestionario	Encuesta/ Cuestionario	Estudio longitudinal de casos	Análisis de contenido %	Entrevista %	Observación	Metaanálisis %	Focus group (%)	Panel medición de audiencia
Comparativa años 2006/2007	06/ 07	06/ 07	06/ 07	06/07	06/ 07	06/ 07	06/ 07	06/ 07	06/ 07	06/ 07
Journal of Communication	9,09/ 63,6 3	63,63 /18,1 9	0/ 9,0 9		27,2 8/9, 09					
Public Opinion Quarterly	33,33 /0	33,33 /60	33, 33/ 0		0/40					
Communication Research		33,33 /80	33, 33/ 20		33,3 3/0					
Human Communication Research		75/ 66,6 6	25/ 16, 67		0/ 16,6 7					

<i>Journal of Health Communication</i>	50/0	0/14,29	0/42,85		50/28,57				0/14,29	
<i>Research on Language and Social Interaction</i>					100/80	0/20				
<i>Public Understanding of Science</i>	57,14/57,14		28,57/14,29		14,29/0	0/28,57				
<i>Communication Theory</i>	28,58/100	14,28/0	28,58/0	14,28/0		14,28/0				
<i>Political Communication</i>	0/20	16,66/0	0/40	16,66/0	50,02/40				16,66/	
<i>Health Communication</i>	0/11,11	12,5/111,11	25/44,44		25/33,34	25/0			12,5/0	
TOTAL	18,04/27,69	26,23/23,07	16,40/20	3,27/0	27,87/23,07	4,92/4,62	0/0	0/0	3,27/1,55	0/0

Cuadro 1: Comparativa metodología empleada en los artículos (2006/2007)
Fuente: Elaboración propia

En los números analizados de 2016, la metodología mayormente utilizada es la encuesta con un 24,9% y presente en el 80% de las revistas. Le sigue muy de cerca, con un 23,7%, la investigación experimental acompañada del cumplimiento de un cuestionario, empleada en el 90% de las revistas. En tercer lugar encontramos el análisis de contenido, representado con un 19,4% y presente también en el 90% de las revistas. La observación participante junto al metaanálisis, al focus group y al panel de medición de audiencia son los métodos de investigación menos recurrentes.

Si pasamos a 2017, se invierte el orden de las metodologías más utilizadas, siendo en

primer lugar la investigación experimental con cuestionario la más empleada (29,5%) y aplicada en 9 de las 10 revistas y en segundo lugar el cuestionario o encuesta (22,5%) y presente en un 80% de las revistas. En este caso, el tercer lugar lo ocupa la revisión bibliográfica (15,4%) utilizada en 6 de las revistas. Además encontramos muy cerca al análisis de contenido, con un 14%, pero empleado en el 90% de las publicaciones científicas. Siguen siendo el metaanálisis y el focus group los métodos menos utilizados, desapareciendo la observación participante y el panel de medición de audiencia.

METODOLOGÍA ARTÍCULOS REVISTAS	Revisión bibliográfica	Inv. Experimental +cuestionario	Encuesta/ Cuestionario	Estudio longitudinal	Análisis de contenido %	Entrevista %	Observación	Metaanálisis %	Focus group (%)	Panel medición
Comparativa años 2016/2017	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/ 17
Journal of Communication	20/0	13,3/ 16,6	6,7/ 33, 6	0/ 16,6	26,6 / 16,6	20/ 0	6,7 /0	0/16 ,6		6,7 /0

Public Opinion Quarterly		16,7/0	66,6/20	0/60	16,7/20					
Communication Research		28,6/50	57,14/33,3	0/16,7	14,2/0					
Human Communication Research		50/75	12,5/0	12,5/12,5	12,5/12,5			12,5/0		
Journal of Health Communication		33,3/50	46,6/30		6,7/10	13,4/10				
Research on Language and Social Interaction	16,6/40	0/40			83,4/20					
Public Understanding of Science	22,2/33,6	22,2/16,6	22,2/0		11,1/16,6	11,1/16,6			11,1/16,6	
Communication Theory	100/100									
Political Communication	0/33,4	33,4/0	22,2/50	22,2/16,6	11,1/0	11,1/0				
Health Communication	15,5/0	23/21,5	15,5/35,7		23/28,5	23/14,3				

TOTAL	13,9/ 15,4	23,7/ 29,5	24, 9/ 22, 5	3,3/ 9,9	19,4 / 14	10,8 / 5,7	1/0	1/ 1,5	1/ 1,5	1/ 0

Cuadro 2: Comparativa metodología empleada en los artículos (2016/2017)
Fuente: Elaboración propia

Datos sobre referencias

En este apartado nos centramos en las fuentes referenciadas por las revistas estudiadas, analizando la tipología.

Tanto en 2006 como 2007, son las revistas, con un margen de diferencia importante, las fuentes más referenciadas en los artículos examinados, suponiendo en 2006 el 61,44% de las referencias recogidas por las revistas en los números estudiados en ese año y el 55,49% en 2007. Le

siguen en ambos casos los libros como apoyo teórico más recurrido con un 33,65% en 2006 y un 38,08% en 2007. Igualmente, coincide como tercera fuente más recurrida las publicaciones en Internet, recogidas en páginas webs o blogs, con un 1,45% en 2006, incrementándose la cifra en un 2,36% en 2007.

FUENTES ARTÍCULOS REVISTAS	Libros	Revistas	Publicaciones en página	Publicaciones en	Informes/ estudios	Encuentros: Congresos/ Docu.	Tesis	TFM	Manuscritos pendientes de Legislación/ documentos	Software para	Otros proyectos de investigación	Transcripción Cartas/
Comparativa años 2006/2007	06/ 07	06/0 7	06/0 7	06/0 7	06/0 7	06/ 07	06/ 07	06/ 07	06/0 7	06/0 7	06/0 7	06/0 7
Journal of Communication	238/ 226	432/ 276	7/4	2/2	5/0	7/5	0/1		2/1			

Public Opinion Quarterly	38/38	73/70	1/3	1/0	1/10	2/3		0/2		2/1		0/1		
Communication Research	84/90	144/174	3/4	0/7	3/2	3/6				2/1		1/0		
Human Communication Research	118/81	152/153	6/1	3/0	5/0	5/3		3/1	2/0	2/1				
Journal of Health Communication	92/47	481/131	1/22	2/1	2/3	2/3				3/3				
Research on Language and Social Interaction	70/54	110/60	1/0	0/2	2/1	3/3		1/0		0/1				2/0
Public Understanding of Science	137/157	99/31	22/12	2/2	5/7	4/5		0/1		2/5			1/0	
Communication Theory	162/78	222/87	1/5	0/4	3/0	3/1		3/1		3/0		1/0		
Political Communication	119/143	131/98	1/5	10/1	4/0	4/2		1/1		0/2				
Health Communication	96/123	263/331	7/8	0/4	0/2	3/6		0/1	1/0	0/2				

TOTAL	1.15 4/1. 037	2.10 7/1.5 11	50/6 4	20/2 3	30/2 5	36/3 7	0/0	8/8	3/0	16/1 7	0/0	2/1	1/0	2/0
TOTAL (%)	33,6 5/38 ,08	61,4 4/55 ,49	1,45 / 2,36	0,58 / 0,85	0,87 / 0,92	1,04 / 1,35	0/0	0,2 3/ 0,2 9	0,0 8/0	0,46 / 0,63	0/0	0,0 5/ 0,0 3	0,02 /0	0,05 /0

Cuadro 3: Comparativa fuentes de las referencias de los artículos (2006/2007)
Fuente: Elaboración propia

En ambos años, 2016 y 2017, también son las revistas las más referenciadas en los artículos analizados con una significativa diferencia con la siguiente fuente que más ha sido recurrida, los libros. Las referencias a las revistas en 2016 suponen el 63,35% de las referencias recogidas en ese año, incrementándose la cifra hasta alcanzar el 68,45% en 2017. En el caso de los libros, en 2016 suponen el 28,39% y en 2017 bajan al

23,07%. El tercer lugar en 2016 lo ocupan las publicaciones en el medio digital, páginas web o blogs (2,70% de las referencias de ese año), y en 2017 los informes y estudios publicados por investigadores e investigadoras que forman parte de centros de investigación (2,88% del total de referencias recogidas en ese año).

FUENTES ARTÍCULOS REVISTAS	Libros	Revistas	Publicaciones en página	Publicaciones en	Informes/ estudios	Encuentros: Congresos/	Docu.	Tesis	TFM	Manuscritos pendientes de	Legislación/ documentos	Software para	Otros proyectos de investigación	Transcripción Cartas/
Comparativa años 2016/2017	16/ 17	16/1 7	16/1 7	16/1 7	16/1 7	16/1 7	16/ 17	16/ 17	16/ 17	16/1 7	16/1 7	16/ 17	16/1 7	16/1 7

<i>Journal of Communication</i>	210/152	258/229	20/6	10/4	19/4	5/8	11/0			4/2	1/3	1/1	5/0	
<i>Public Opinion Quarterly</i>	67/37	165/176	2/0	0/2	10/13	1/6	1/0	1/1			0/2	2/0		
<i>Communication Research</i>	124/77	270/294	6/9	0/1	10/10	6/0								
<i>Human Communication Research</i>	87/54	366/304	4/9	0/2	6/6	4/9				1/1		1/0		
<i>Journal of Health Communication</i>	74/58	589/383	14/14	1/0	17/22	3/6					1/2	1/3		
<i>Research on Language and Social Interaction</i>	109/148	124/291	3/2	1/0		4/2	1/0	1/0	0/2	4/1		0/3		
<i>Public Understanding of Science</i>	137/93	168/228	19/17	0/7	7/30	8/0		0/3	0/1					3/0
<i>Communication Theory</i>	165/150	123/194	9/1	7/4	5/1	3/1	4/0	1/2	1/0					
<i>Political Communication</i>	133/72	313/266	4/2	5/8	5/7	2/2	1/0			1/0		1/0	1/0	

Health Communica tion	110/ 134	337/ 528	35/1 3	6/64	36/2 9	4/6		0/2	0/2	1/0	2/0			
TOTAL	1.21 6/ 975	2.71 3/ 2.89 3	116/ 73	30/9 2	115/ 122	40/4 0	18/ 0	3/8	1/5	11/4	4/7	6/7	6/0	3/0
TOTAL (%)	28,3 9/ 23,0 7	63,3 5/ 68,4 5	2,70 / 1,73	0,70 / 2,17	2,68 / 2,88	0,93 / 0,95	0,4 2/ 0	0,0 7/ 0,1 9	0,0 3/ 0,1 2	0,25 / 0,10	0,10 / 0,17	0,1 5/ 0,1 7	0,15 / 0	0,08 / 0

Cuadro 4: Comparativa fuentes de las referencias de los artículos (2016/2017) Fuente: Elaboración propia

Siguiendo con el análisis de otros aspectos relacionados con las fuentes referenciadas en los artículos, nos centramos en la detección de las autocitas que los propios investigadores e investigadoras hacen de sus trabajos y a las referencias que hacen en los trabajos presentados de las propias revistas en las que están publicando.

Comenzando por las citas que los propios autores y autoras realizan de sus trabajos en los artículos presentados en estas revistas analizadas, en 2006 supone el 7,84% de las referencias totales recogidas en estas publicaciones periódicas, ascendiendo esta cifra a 8,55% en 2007. Deteniéndonos en las revistas en las que más se ha empleado esta práctica, en 2006 es *Human Communication*

Research y le siguen *Communication Research* y *Communication Theory*. En 2007 es la revista *Research on Language and Social Interaction* la que con diferencia con el resto (26,44% de las referencias de esta revista) encabeza la lista de las autocitas de los autores y autoras en sus artículos. Le siguen *Public Understanding of Science* y *Public Opinion Quarterly*.

En el caso de las que menos autocitas de autores y autoras se detectan, en 2006 es *Journal of Health Communication* y en 2007 *Political Communication*.

Ha sido comprobado que tanto autores como autoras recurren con asiduidad a la autocita en sus trabajos, presentando un 87,93% los casos en los que se recurre a la

autocita en 2006. En 2007 esta cifra se ve ligeramente mermada, aunque sigue siendo alta, un 79,03% de los firmantes de artículos lo hace en sus trabajos.

Si nos detenemos en la cita de las propias revistas en los artículos publicados en ellas, observamos que en 2006 supone un 3,64% de las referencias recogidas en estas publicaciones científicas, doblándose casi la cifra en 2007 con un 6,35%. En 2006 las revistas que mayor número de citas recogen en los artículos publicados en ellas son *Journal of Health Communication* y *Public Opinion Quarterly*. En 2007 repite *Public Opinion Quarterly*, siguiéndole *Public Understanding of Science*.

La publicación en la que menos se lleva a cabo esta práctica es en 2006, invirtiéndose el orden visto en 2007, *Public Understanding of Science* y en 2007 *Communication Theory*.

Finalmente, uniendo los datos de autocitas de los investigadores e investigadoras con las citas a las propias revistas donde se publican, queda patente que no es tan frecuente como por separado. En 2006 supuso el 0,29% de las referencias recogidas en ese año y en 2007 ascendió hasta el 1,65%.

Las revistas en las que más se ha empleado la autocita de autores conjunta con la cita de la revista en la que se estaba publicando son en 2006 *Communication Research* y en 2007 *Research on Language and Social Interaction*. Las publicaciones en las que no se ha dado esta práctica son en 2006 *Journal of Communication*, *Public Opinion Quarterly*, *Research on Language and Social Interaction*, *Public Understanding of Science* y *Communication Theory*. En 2007, en cambio, solo en una revista no se dio esta circunstancia, *Political Communication*.

REFERENCIAS ARTÍCULOS REVISTAS	Autocita autores/ as %	Cita esta revista %	Autocita+ci ta revista %
Comparativa años 2006/2007	06/07	06/07	06/07

<i>Journal of Communication</i>	4,18/8,93	4,32/7,76	0/0,77
<i>Public Opinion Quarterly</i>	5,93/11,71	5,08/12,5	0/3,90
<i>Communication Research</i>	14,16/6,69	4,58/7,39	1,25/2,46
<i>Human Communication Research</i>	17,22/7,5	1,35/6,25	0,33/1,66
<i>Journal of Health Communication</i>	2,91/7,61	7,89/2,38	0,17/0,95
<i>Research on Language and Social Interaction</i>	5,29/26,44	4,23/1,65	0/4,95
<i>Public Understanding of Science</i>	9,19/12,5	0,73/10,62	0/2,5
<i>Communication Theory</i>	12,06/5,68	1,75/0,56	0/0,56
<i>Political Communication</i>	7,40/3,17	1,48/2,77	0,37/0
<i>Health Communication</i>	7,79/6,07	1,94/2,93	1,11/1,67

TOTAL (%)	7,84/8,55	3,64/6,35	0,29/1,65

Cuadro 5: Comparativa referencias de los artículos (2006/2007)
Fuente: Elaboración propia

Las autocitas que los propios autores y autoras hacen de sus trabajos en los artículos publicados en estas 10 revistas de comunicación alcanzan en 2016 un 5,81% de las referencias totales recogidas en estas publicaciones científicas. En 2017 esta cifra asciende a un 7,45%. La revista en la que los investigadores e investigadoras citan con mayor frecuencia sus trabajos en 2016 es *Journal of Communication*. Le sigue *Human Communication Research* y las revistas sobre comunicación de la salud (*Journal of Health Communication* y *Health Communication*). En 2017 las revistas que lideran este ranking son *Health Communication*, *Human Communication Research* y *Research on Language and Social Interaction*.

En el lado opuesto, como revistas en las que menos autocitas se recogen, encontramos en 2016 a *Public Opinion Quarterly* y *Communication Theory* en 2017.

Son sumamente frecuentes los casos en los que los autores y autoras se autocitan en los artículos propios. En 2016 supone un

84,61% y en 2017 la cifra incluso asciende a un 88,57%.

En el caso en el que se citan a las propias revistas en los artículos publicados en ellas, en 2016 esta cifra alcanza el 5,23% de las referencias recogidas en las revistas, bajando hasta el 4,59% en 2017. En 2016 la revista que mayor número de citas recoge de la propia revista en la que se está publicando los artículos es *Journal of Health Communication*. Le sigue *Health Communication*. En 2017 son *Public Understanding of Science* e igualmente *Journal of Health Communication* y *Health Communication*.

Las publicaciones sobre comunicación en las que menos se citan a las propias revistas en las que se está escribiendo son en 2016 *Human Communication Research* y en 2017 *Political Communication*.

Por último, si aunamos las autocitas de los investigadores e investigadoras junto con las citas a las propias revistas en las que publican, se puede apreciar que los casos son menos frecuentes. En 2016 esta circunstancia

se dio en un 0,58% del total de las referencias recogidas en este año, bajando en 2017 a solo un 0,42% de las referencias totales en este año.

Como revistas en las que más se han llevado a cabo esta práctica están *Journal of Communication* y *Journal of Health Communication*. En 2017 la que resalta es *Health Communication*.

Las publicaciones científicas en las que no se han dado esta condición en las referencias son en 2016 *Public Opinion Quarterly* y *Communication Theory*. Y en 2017 son las citadas anteriormente junto a *Public Understanding of Science* y *Political Communication*.

REFERENCIAS ARTÍCULOS REVISTAS	Autocita autores/as %	Cita a esta revista %	Autocita+cit a revista %
Comparativa años 2016/2017	16/17	16/17	16/17
<i>Journal of Communication</i>	7,53/9,0 6	4,22/3,1 8	0,9/0,73
<i>Public Opinion Quarterly</i>	3,21/5,0 6	3,61/3,7 9	0/0
<i>Communication Research</i>	2,40/5,1 1	7,45/3,3 2	0,48/0,51
<i>Human Communication Research</i>	8,52/11, 68	1,7/3,63	0,42/0,77
<i>Journal of Health Communication</i>	5,28/6,9 6	5,42/5,5 3	0,71/0,61
<i>Research on Language and Social Interaction</i>	10,93/8, 90	6,07/4,6 7	0,80/0,22
<i>Public Understanding of Science</i>	2,92/7,1 2	7,01/14, 77	0,87/0
<i>Communication Theory</i>	3,77/1,6 9	4,71/3,3 9	0/0
<i>Political Communication</i>	5,79/9,8 0	6,22/1,9 6	0,85/0

Health Communication	6,96/7,5 8	6,02/2,8 2	0,37/0,77
TOTAL (%)	5,81/7,4 5	5,23/4,5 9	0,58/0,42

Cuadro 6: Comparativa referencias de los artículos (2016/2017)

Fuente: Elaboración propia

Reflexiones y conclusiones

Tras la obtención de los datos, y haciendo una comparativa entre los dos periodos de años analizados, se puede determinar que en cuanto a aspectos metodológicos, la técnica más empleada para el desarrollo de los artículos publicados es la investigación experimental acompañada de la cumplimentación de un cuestionario; ya que se sitúa siempre entre el primer y segundo puesto del ranking de las técnicas metodológicas más utilizadas en los artículos de los años analizados y presente en un porcentaje alto de revistas.

Los datos concernientes a la tipología de las fuentes referenciadas en los artículos revelan que las revistas son, en todos los años examinados, las fuentes más referenciadas con clara distancia de los libros como segunda fuente más recurrida; siendo esta tendencia al alza. Además, observamos que es más frecuente que transcurra menos tiempo desde que se publica un artículo hasta que se cita, que en el caso de los libros.

En referencia a las autocitas a los propios trabajos, son bastante frecuentes los casos en los que autores y autoras lo hacen en ambos periodos analizados; además se constata que, aunque en 2016 existe una rebaja de esta práctica, la inclinación por esta forma de proceder ha estado presente casi de igual forma en 2006 y 2017. Pero si comparamos los dos últimos años investigados, cada vez se llevan más a la práctica con el objeto de dar una mayor visibilización del fruto de los trabajos de los propios investigadores e investigadoras. Las citas a las propias revistas no son tan habituales y la tendencia, según los datos de los últimos años estudiados, es a bajar. Igualmente es el caso en el que se aúna la autocita de autores y autoras con las citas a las propias revistas en las que publican, en los que tienden a ir disminuyendo.

Finalmente, sería necesario puntualizar que esta investigación se centra en las 10 primeras revistas de comunicación que lideran el ranking JCR proporcionado por WoS, además de analizar, a modo de muestra representativa, todos los

artículos de los primeros números publicados por estas revistas en los años 2006, 2007, 2016 y 2017. Por lo que resultaría interesante, en futuras investigaciones, tanto la ampliación de la muestra de las publicaciones científicas para analizar, como los números de las

publicaciones de las revistas en los años estudiados y el número de variables de análisis. De esta manera se podría complementar los datos obtenidos y constatar si las conclusiones a las que se han llegado en este estudio siguen la misma línea expuesta.

Bibliografía

Andrade, A., González-Jonte, R. y Campanario, J. M. (2009): Journals that increase their impact factor at least fourfold in a few years: the role of journal self-citations. *Scientometrics*, 80 (2), 515-528. doi:10.1007/s11192-008-2085-9

Castillo, A. y Carretón, M.C. (2010). Investigación en Comunicación. Estudio bibliométrico de las Revistas de Comunicación en España. *Comunicación y Sociedad*, XXIII (2), 289-327. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10045/22678>

Castillo, A. (2011). El rol de las publicaciones científicas en Comunicación en el EEES: indexación e impacto. *Revista Internacional de Relaciones Públicas*, 1 (1), 135-154. doi: <http://dx.doi.org/10.5783/RIRP-1-2011-07-135-154>

Castillo, A., Peña, V. y Mañas, S. (2014). Revistas de comunicación en España. Una

aproximación histórica. *Historia y Comunicación social*, (19), 621-630. Recuperado de <https://revistas.ucm.es/index.php/>

Costas, R., Van Leeuwen, T. N. y Bordons, M. (2010). A bibliometric classificatory approach for the study and assessment of research performance at the individual level: the effects of age on productivity and impact. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 61 (8), 1564-1581. doi.org/10.1002/asi.21348

Glänzel, W., y Moed, H. F. (2002): Journal impact measures in bibliometric research. *Scientometrics*, 53 (2), 171-193. doi:10.1023/A:1014848323806

Jiménez-Contreras, E., De-Moya-Anegón, F. y Delgado-López-Cózar, E. (2003). The evolution of research activity in Spain: The impact of the National Commission for the Evaluation of Research Activity (Cneai). *Research policy*, 32 (1), 123-

142.doi.org/10.1016/S0048-7333(02)00008-2

Moed, H. F. (2005). *Citation analysis in research evaluation*. Dordrecht, Netherlands: Springer

Van Leeuwen, T., Moed, H., Tijssen, R. y Visser, M. (2001). Language biases in the coverage of the Science Citation Index and its consequences for international comparisons of national research performance.

Scientometrics, 51 (1), 335-346. doi: <http://dx.doi.org/10.1023/A:1010549719484>

Waltman, L. (2016). A review of the literature on citation impact indicators. *Journal of informetrics*, 10 (2), 365-391.

Recuperado de <https://arxiv.org/abs/1507.02099>

Fundamentos teóricos e epistemológicos da compreensão como método

Fundamentos teóricos y epistemológicos de la comprensión como método

Theoretical and epistemological foundations of comprehension as a method

Dimas A. Künsch⁴⁴

Resumo: Que princípios, percepções e apostas é possível considerar que estabelecem uma plataforma importante de discussão sobre as bases teórico-epistemológicas da compreensão como método tal como vêm sendo formuladas no interior do grupo de pesquisa brasileiro de mesmo nome ao longo de seus doze anos de história? E em que sentidos esses princípios, percepções e apostas, em renunciando os interlocutores ao estatuto de certeza e a toda forma de determinismo, podem contribuir para uma compreensão mais refinada do pensamento e método da compreensão, tanto no terreno da produção acadêmico-científica quanto das múltiplas outras formas de produção e reprodução de saberes, de práticas sociais e de vida? A disposição de espírito que acompanha o propósito hermenêutico da compreensão elege o ensaio como forma de expressão do pensamento, e o faz na consciência de afirmar a natureza conversacional de uma possibilidade de se pensar os conhecimentos e as práticas a eles associadas para além do espectro do reducionismo e da unilateralidade científico-positivista.

Palavras-chave: Comunicação, Teoria, Metodologia.

Abstract: An essay on the method of comprehension and on the theoretical and epistemological principles on which it is based.

⁴⁴ Dimas Antônio Künsch é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, SP, Brasil. E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

Key words: Communication, Theory, Methodology.

Tema central

A pergunta inicial aponta em direção do alcance possível deste ensaio, que trata dos fundamentos teóricos e epistemológicos da compreensão como método, a saber: que princípios, percepções e apostas estabelecem uma plataforma de discussão e diálogo sobre a compreensão como método tal como esse tema vem sendo formuladas no interior do grupo de pesquisa brasileiro de mesmo nome desde as suas origens, em 2008?

A segunda pergunta inspira-nos a pensar os contornos desejáveis desse diálogo, no âmbito de uma experiência espiritual de renúncia deliberada, mas nem por isso garantida como ato de pura vontade, à ideia de certeza, ao determinismo causal e à confusa equiparação, por parte do cientificismo reinante em amplas esferas da academia, entre "conhecimento" e "ciência organizada"

(Adorno, 1986, p. 167): em que sentidos esses princípios, percepções e apostas podem contribuir para uma compreensão mais refinada do pensamento e do método da compreensão, tanto no terreno da produção acadêmico-científica quanto das múltiplas outras formas de produção e reprodução de saberes, de práticas sociais e de vida?

Bem no contexto da proposta-aposta no pensamento e método da compreensão, elegemos o ensaio como forma de expressão do pensamento, e o fazemos no sentido de reafirmar a intenção conversacional deste texto, como marca de um modo de se pensar os conhecimentos e as práticas que, embora tateante, se entende num nível que se encontra além do projeto do reducionismo e unilateralidade científico-positivista, com o qual o método da compreensão assume por outro lado o dever intelectual, ético e moral de dialogar.

Objetivos

Um pensamento que se faz e se refaz, que se ajusta e renova como resultado dos esforços de reflexão, de aproximação e

distanciamento em relação a distintas formulações teóricas e epistemológicas, de tentativas e erros na percepção e no delineamento de práticas acadêmicas e de

vida, o pensamento da compreensão está neste ensaio se interrogando sobre as suas bases teóricas, epistemológicas e metodológicas, na perspectiva da breve história do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, como um passo importante no caminho interminável e sem garantias de se compreender a compreensão, essa espécie de “acordo” com a realidade e com o mundo em que nos é dado viver (Arendt, 2008, p. 330).⁴⁵

Esse objetivo principal se deixa conduzir e alimentar por outros objetivos, que, secundários, longe se encontram da intenção de se vê-los como menos importantes. Na perspectiva da compreensão, a distinção entre objetivo principal e objetivos secundários não se deixa entender no horizonte de uma hierarquia de valores, e muito menos de um dualismo inconveniente,

porque nocivo, para se afirmar tão-somente no universo de uma preocupação metodológica no processo de escrita de um texto.

O propósito de afirmar o lugar e a importância do pensamento compreensivo nos campos das teorias, das epistemologias e das metodologias se adequa bem ao objetivo social e político de defesa do pensamento democrático, da luta muitas vezes inglória, mas não perdida, contra toda forma de opressão, de assimetria de direitos, de justiça e de paz. Contrarrestando-se à ideia de que “se vis pacem para bellum”, o pensamento da compreensão ousa, como um de seus objetivos permanentes, levantar a bandeira da utopia e da esperança, como energias positivas no embate com os conflitos e as sombras de cada um de nós e em nosso viver social.

Caracterização do estudo

Um texto apresentado originalmente no Núcleo de Pesquisa “Teorias da Comunicação” do XXXI Congresso Brasileiro

de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, em Natal, RN, com o título de “Teoria compreensiva da comunicação: saber científico, comunicação e dialogia de saberes”, acrescido dos ajustes que se fizeram

45 NOTA SOBRE O GRUPO, O SITE, AS PUBLICAÇÕES, OS EVENTOS....

necessários, serviu naquele mesmo ano como plataforma de lançamento do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, então registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq com o nome inicial de “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão” (Künsch, 2008).

A ementa do grupo de pesquisa estipulava o seu objetivo de articular dinamicamente (a) “significados cognitivos, racionais, objetivos (ou seja, de inteligência, explicação e interpretação, no sentido original de *comprehendere*, que é juntar, abraçar, integrar” e (b) “significados intersubjetivos, que têm em conta as relações de diversa ordem entre sujeitos e grupos, a dialogia ou a ausência dela, a comunicação e a incomunicação” (Künsch, 2008, p. 174).

A conversa com um Francis Bacon entusiasmado ao extremo, em pleno século XVI, com a ciência empírica nascente e que se sente ao mesmo tempo com a obrigação de afirmar a sabedoria dos “tempos recuados” dos conhecimentos míticos (Bacon, 2002); a chamada de atenção para a existência de algo assim como um “cogito compreensivo cartesiano” por detrás da armadura das evidências, da verdade e da certeza que o método promete deslindar (Descartes, 2003); a contemplação do “inteligível e o sensível na

filosofia antiga”, a partir da obra “A Escola de Atenas”, de Rafael; o comércio com a *coincidentia oppositorum* no embate dialético entre o Heráclito do devir e o Parmênides das ideias imutáveis, entre o Platão das ideias eternas e o Aristóteles do “nada existe na inteligência que não tenha passado antes pelos sentidos”; a crítica ao reducionismo cientificista; a afirmação de um modo de se perceber e praticar o conhecimento dinâmica, complexa e holisticamente, sem o dissociar da exigência de uma “saúde do espírito”, como em Epicuro (2002); a crítica contundente à irreverência arrogante do Signo da Explicação e o convite à tessitura de um diálogo possível (Medina, 1990) entre a Explicação e a Compreensão; e, por fim, a defesa generosa do ensaio nos ambientes de um pensamento compreensivo, tudo isso que compunha naquele momento um conjunto ousado de enunciados teóricos, desejos e propósitos, passaria a traçar, a partir dali, os amplos horizontes de uma trajetória de pesquisa que chega a 2020 com alguma história para contar, mas, compreensivamente, sem nenhum ponto final naquelas questões que se apresentam como vitais para a compreensão

da compreensão em suas perspectivas teóricas e epistemológicas.⁴⁶

Um primeiro e “breve balanço”

Em “Um breve balanço” sobre o tema da comunicação e pensamento compreensivo seria registrado, dois anos depois, como aquilo que então eu chamava de “referenciais teóricos”, “uma lista aberta, sem a pretensão de ser completa”, também porque, com o tempo, “novos problemas, novos autores e novas teorias passam a frequentar as conversas e os trabalhos dos pesquisadores” (Künsch; Martino, 2010, p. 16). Sete foram na ocasião os componentes desse verdadeiro plano, mais do que projeto de pesquisa, ali apontados, como intenções, na tentativa de dar de alguma forma um rosto ao grupo de pesquisa e de traçar o perfil de sua busca intelectual. São eles:

1. O princípio da “complexidade” (Morin, 1999, 2003, 2015) evoca ideias como a de multicausalidades para os fenômenos, ou de “rede de forças” (Nietzsche, 2003); de tecer e entretecer sentidos; de polifonia e de polissemia.

2. “Crítica ao positivismo (cientificismo), à racionalização, à absolutização do conceito”, a

partir da ideia de que o pior serviço que se pode prestar à razão e à ciência é pensá-las em termos universais e absolutos. O pensamento compreensivo se revolta contra o que Maffesoli (2009) e Muniz Sodré (2006) chamam de “ditadura do conceito”. Santos (1989) contribui nessa linha com a ideia de “desdogmatização” da ciência, esse tipo de conhecimento que Morin (1999) qualifica como “mutilado” de ciência, o qual, traindo de diferentes modos o espírito dialógico inerente à razão, causa “mutilações” de toda espécie.

3. “Menos ‘portanto’ e mais ‘talvez’: a nobreza da noção e do ensaio”: um pensamento que se pretende compreensivo assume a condição irrevogável de renúncia a uma ideia redutora de conhecimento, à crença na certeza e na verdade universais e absolutas, para afirmar “a moleza da noção” (Maffesoli, 2007), o “menos ‘portanto’ (conclusões, explicações) e mais ‘talvez’ (sentido da busca, da incompletude, da necessidade de diálogo)” (Künsch, 2010, p. 19), dando ao ensaio “suas cartas de nobreza” (Maffesoli, 2007), com rigor, mas também

46 O tema da compreensão frequentou o horizonte de preocupações deste autor tanto no Mestrado em Integração da América Latina, entre 1995 e 1999, quanto no Doutorado em Ciências da Comunicação, entre 2000 e 2004, na Universidade de São Paulo.

vigor, sem medo de “metáforas, analogias ou outras figuras de retórica”, como forma de fugir ao “discurso desencantado, triste e sem imaginação” da ciência dogmática (Santos, 1989, pp. 34-35).

4. “Signo da compreensão vs. signo da explicação”:

O Signo da Compreensão, compreensivamente, não condena nem renuncia a toda explicação. Inclusive porque sem explicações não se vive. Rejeita, isso sim - aliás, como um tributo de respeito ao melhor de todo esforço explicativo -, a vã ideia de que tudo se explica, de que os sentidos se fecham, de que o mundo *é*, de que a vida *é*. Nas sendas da compreensão, há lugar também para o inefável, o mistério, as entrelinhas e as dobras que ajudam a tecer e a entretecer os sentidos reais e presumidos das coisas. Há um lugar de honra reservado ao princípio da incerteza (Künsch, 2010, pp. 20-21).

5. “Narrativas (re)construtoras do cosmos”: preferir o modo de expressão do ensaio e o ancestral esforço humano de tecer a vida e o mundo em narrativas, num diálogo que pode ser fértil e aberto com a força de expressão do argumento e da lógica, constituiu desde as origens do grupo de

pesquisa parte integrante do pensamento e método da compreensão. Walter Benjamin (1994, p. 203) chama a atenção nesse contexto para o déficit enorme de narrativas, “e a razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”. Triste isso, porque “metade da arte narrativa está em evitar explicações”.

6. “Pensamento mítico”: Iluminismo, Positivismo e Historicismo hegeliano, esses sustentáculos do pensamento filosófico-científico moderno, desprezam, rejeitam o mito - ao contrário do pensamento e método da compreensão, que, avesso a hierarquias cognitivas, o acolhe como uma forma digna e relevante de conhecimento, junto com outras, como podem ser a Arte, a Filosofia, os Saberes Cotidianos, os Saberes Místico-transcendentais etc. “A mitologia, da mesma forma que a ciência e a tecnologia, nos leva a viver mais intensamente neste mundo, e não a nos afastarmos dele” (Armstrong, 2005, p. 9). “A ‘esquize’ do racionalismo não fornece senão uma épura do homem e do mundo. Produz um esquema que apresenta características importantes, mas ao qual falta o essencial: a vida” (Maffesoli, 1998, p. 31).

7. “Pensamento comunicacional”: inserido no universo em constante movimento da área de Comunicação, mas sem se reduzir a ele, o

pensamento e método da compreensão entendem essa mesma compreensão no sentido mais original, e sempre válido e atual, da comunicação como prática humana, em primeiro e mais importante lugar. A comunicação se apresenta nesse contexto vocacionada a tecer laços, vínculos e relações de múltiplas formas e sentidos entre saberes distintos; entre formas sistemáticas e não sistemáticas de conhecimento; entre áreas de conhecimento, teorias e epistemologias, com vínculos estreitos com o mundo das distintas práticas que conformam o viver social. “Resulta daí a noção de um saber comunicacional indissociável de uma ética cognitiva, que propõe uma reflexão sobre os sentidos humanos de todo conhecimento e assume a passagem do Signo da Explicação, dominante, para o Signo da Compreensão” (Künsch, 2008, p. 174).

Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, da Compós

Em junho de 2009, portanto, no ano anterior ao do lançamento da coletânea Comunicação, jornalismo e compreensão (Künsch; Martino, 2010, p. 16), o grupo de pesquisa se fazia representar pela primeira vez no ambiente erudito do Encontro Nacional da Compós, a Associação de Programas de

Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, no Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, com o texto “Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão” (Künsch, 2009).

Ali, em conversa, a modo de ensaio, com trabalhos anteriores do mesmo GT da Compós, e movimentando-me no campo de significados e propósitos teórico-epistemológicos esboçados no item anterior, em “Considerações finais”, era resumido, nos seguintes termos, o que então se apresentava como um primeiro esboço de um “pensamento de matriz compreensiva”:

Um pensamento que não exclui, mas junta; que não descarta o que não cabe nos limites de uma disciplina a se fazer doutrina mas que chama para a conversa e o diálogo; que sabe ver o ser e o não-ser em sua dialogia, a complementaridade dos opostos, a lógica não lógica do paradoxo.

Um pensamento, em semelhante medida, humanamente compreensivo, de respeito e afeto para com quantos estão a caminho. Um pensamento que jamais imagina poder começar algo do zero, mas que entende sua existência e possibilidade de avanço na mesma medida em que se reconhece na intertextualidade dos sentidos

e vozes plurais. Um pensamento que não sendo dualista, não se pretende único.

Um pensamento, mais que sistemático, ecossistemático. De interações de várias ordens, na desafiante tarefa de compreensão do mundo - e não de explicação, que o tempo não é de pontos finais. Um pensamento dado ao abraço, ao afeto, à cordialidade, bem além do que propõe a expressão "debate de ideias" (Künsch, 2009, pp. 12-13).

No ano seguinte, no mesmo GT da Compós, em "Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam" (Künsch, 2010), e tentando mais uma vez manter acesa a conversa com os trabalhos ali apresentados, este autor, sempre no espírito do ensaio como gênero de expressão do pensamento, apresentaria, no final do texto, o que então chamaria de "Notas para um pensamento compreensivo", uma nova elaboração, com acentos novos, das noções que vinham se articulando nas pesquisas do grupo. Tratava-se de "hipóteses de trabalho", ou "sugestões para um pensamento epistemológico que, responsável, com certificado de idoneidade científica e ética, se move, um pouco por toda parte, no território da complexidade e da compreensão [...], da conversação, da democracia cognitiva" (Künsch, 2010, p. 12).

Voltava-se, nessas "Notas", ao tema (1) da "nobreza do ensaio", não no sentido de "eliminar nem substituir procedimentos, mas de configurar a dimensão dialógica sem a qual nenhuma linguagem tem sentido" (Machado, 2008, p. 6); formulava-se com destaque a perspectiva (2) "inter, trans-, multidisciplinar" do pensamento compreensivo, uma vez que "a transdisciplina, além de quebrar as disciplinas, também as transborda", na expressão de Lopes (2007, p. 14), e o faz na medida do estabelecimento de "relações cada vez mais densas não somente entre ciências humanas e sociais", mas, também, compreensivamente, "das ciências com as artes, com a literatura, com a experiência comum, com a intuição, com a imaginação social".

O objeto da Comunicação era visto como (3) "um objeto em movimento", como resultado de uma "radical indeterminação" (Ferrara, 2008), o que exige uma matriz epistemológica "em constante revisão e radicalização dos seus paradigmas" (Ferrara, 2008a, p. 40); uma epistemologia compreensiva entende ser preciso (4) "diferenciar sem opor" -- e neste ponto o princípio da *coincidentia oppositorum* refaz novamente o percurso do diálogo entre Heráclito e Parmênides; entre o Descartes das

certezas fundadas nas evidências e o mesmo Descartes tentando legitimar a narrativa que ele mesmo tece, convidando outros viajantes a contar a história de suas próprias tentativas; entre Platão e Aristóteles; entre rigor e vigor, teoria e prática, pensamento e vida.

Um pensamento compreensivo contenta-se com (5) a ideia da “pertinência do conhecimento” como “noção balizadora das pesquisas em comunicação” (Carvalho; Lage, 2012, p. 1), uma noção que se estende para domínios mais amplos do conhecimento, ancorada na ideia do “rigor da indisciplina”, aberta à diversidade. Volta-se à proposição da

Metodologia de abordagem

Por meio do estudo e da reflexão, da conversa entre amorosa e crítica com distintas teorias e posições epistemológicas, da interpretação contínua, da orientação de pesquisas em nível de mestrado e doutorado em Comunicação e, ainda, por meio da produção de textos para distintos eventos científicos da área de Comunicação, avançou-se, no período, para novas percepções e descobertas teóricas e epistemológicas. Precisa ser mencionado, nesse contexto, o importante trabalho desenvolvido em cursos de graduação em Jornalismo e de pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação,

(6) “douta ignorância”, entendida, em sua riqueza, não como concessão ao negativismo e ao ceticismo, e, sim, como recuperação do sentido mais profundo do filosofar: “O fato de não ser possível atingir a verdade com precisão não nos dispensa de a buscar” (Santos, 2008, p. 26). E, ainda com Santos (2008), trabalhava-se com a ideia de que, no ambiente da incerteza geral que acompanha todo processo de conhecimento, tal como o ato supremo e incerto do viver, é melhor apostar que não apostar, na linha do que propõe Pascal.

especificamente, nos campos das teorias, das metodologias científicas e das correntes teóricas em Comunicação.

Em princípio, a aplicação do método da compreensão não afasta o pesquisador da tarefa de manter essa mesma conversa teórico-epistemológica com um corpo amplo de métodos e técnicas de trabalho científico, mas, antes, o compromete a pensar a questão do método numa acepção multiangular e multiperspectiva. Também no campo das metodologias, o método da compreensão evoca e exige uma atitude espiritual não dualista, uma embocadura apta a unir mais que a separar, a pôr em conversação mais que

a estabelecer juízos de certo e errado, de melhor e pior. Não sendo a alma pequena, como diz o poeta (Fernando Pessoa), tudo vale a pena. Pensar o método de forma também plural, tanto quanto as teorias e as epistemologias -- esta é a proposta -- representa, como mínimo, mais ganhos que perdas, mais avanços que retrocessos, ainda que sob o Signo da Compreensão e não da

Resultados, reflexões e conclusões

Novos caminhos de pesquisa e novos temas se apresentam ao pesquisador como desafios nessa trajetória. São vários, e cada um deles mereceria um tratamento à parte. Menciono apenas três dentre eles, a modo de exemplo. Sem pontos finais.

Com Boaventura de Sousa Santos (1989, 2008, 2018) é possível (1) estabelecer um fértil e promissor diálogo em torno das chamadas epistemologias do Sul, da crítica ao que o autor denomina "fascismo epistemológico", das promessas que o tema da "ecologia dos saberes" anuncia.

Com uma tradição que nos vêm de autores como Wilhelm Dilthey (2010) e Max Weber (1995, 1995a) pode ser útil aprofundar (2) os conceitos de *Verstehen* e *Erklären* no campo

Explicação avassaladora e o mais das vezes reducionista, da pertinência mais que da certeza e da verdade entendidas como a colocação de pontos finais em momentos da conversa em que o bom senso, a ética na pesquisa e o respeito aos pares convidam os navegantes a continuar a viagem em mar aberto.

das chamadas *Geisteswissenschaften*, para distinguir entre os significados antigos dessa busca de natureza teórica, epistemológica e metodológica e os significados atuais e mais amplos de um método da compreensão, para além do campo estritamente científico e na direção de uma "ecologia dos saberes", como apontado.

Ainda há muito a ser estudado e explorado no mundo evocado pelos princípios (3) da incerteza e da complementaridade dos opostos (Santos, 2008, 2018; Morin, 1999, 2003, 2015). Pensar a contrapelo da certeza e da lógica nos afasta do reducionismo de sentidos que a absolutização da ciência e do seu método provoca, para visitar e habitar territórios tão importantes e vastos como os do pensamento simbólico, os imaginários, as artes, a própria cultura humana sob a perspectiva da produção incessante, infindável e às vezes inebriante de sentidos.

Referências

Adorno, T. (1986). O ensaio como forma. In: Cohn, G. (Org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, pp. 166-187.

Arendt, H. (2008). *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG.

Armstrong, K. (2005). *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bacon, F. (2002). *A sabedoria dos tempos antigos*. São Paulo: Editora Unesp.

Benjamin, W. (1987). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

Descartes, R. (2003). *Discurso do método*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Dilthey, W. (2010) *Introdução às ciências humanas*. Rio de Janeiro: Gen.

Epicuro (2002). *Carta sobre a felicidade (A Meneceu)*. São Paulo: Editora Unesp.

FERRARA, L. D'A. (2008). Rad;cal indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação. In: *XVII Encontro Nacional da Compós*. Brasília: Compós, 2008. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_349.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

FERRARA, L. D'A. (2008a). Questão central do objeto da comunicação. In: Künsch, D. A.; Barros, L. M. (Orgs.). *Comunicação: saber, arte ou ciência?* São Paulo: Plêiade, p. 35-43.

Künsch, D. A. (2008). Teoria compreensiva da comunicação. In: K., D. A. & Laan, M. B. (Orgs.). *Comunicação: saber, arte ou ciência?* São Paulo: Plêiade, p. 173-195.

Künsch, D. A. Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão. In: XVIII Encontro Nacional da Compós, 2009, Belo Horizonte. Anais do XVIII Encontro Nacional da Compós. Brasília: Compós, 2009. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1109.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

Künsch, D. A. & Martino, L. M. S. (Orgs.) (2010). *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Plêiade.

Künsch, D. A. (2010a). Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam: comunicação, epistemologia e compreensão. In: XIX Encontro Nacional da Compós, Rio de Janeiro, RJ, 2010. *Anais do XIX Encontro Nacional da Compós*. Brasília: Compós. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1504.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

Lopes, I. V. (2007). Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. In: XVI Encontro Nacional da Compós, Curitiba, PR, 2007. *Anais do XVII Encontro Nacional da Compós*. Brasília: Compós, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_221.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

Machado, I. (2008). Controvérsias sobre a cientificidade da linguagem. In. XVII Encontro Nacional da Compós, 2008, São Paulo, SP. *Anais do XVII Encontro Nacional da Compós*. Brasília: Cmp[s, 2008. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_346.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. 3. ed. Petrópolis: Vozes.

Maffesoli, M. (2007). *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina.

Maffesoli, M. (2009). *A república dos bons sentimentos*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural.

Medina, C. (1990). *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática.

Morin, E. (1999). *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.

Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Morin, E. (2015). *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina.

Nietzsche, F.(2003). *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.

Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal.

Santos, B. S. (2008). A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, p. 11-43, mar. 2008. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/A_filosofia_a_venda_RCCS80_Marco2008.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

Santos, B. S. (2018). *Na oficina do sociólogo artesão*. São Paulo: Cortez.

Sodré, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Weber, M. (1995). *Economia e sociedade*. Brasília: Editora UnB.

Weber, M. (1995a). *Metodologia das ciências sociais*. V. 2. São Paulo: Cortez; Campinas: Unica

Estrategia metodológica para el estudio del tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil

Estratégia metodológica para o estudo do tratamento midiático da ação coletiva dos jovens

Methodological strategy for the study of media treatment of youth collective action

Sandra Poliszuk

Resumen: Esta ponencia tiene como finalidad presentar los lineamientos generales de la estrategia metodológica de una investigación sobre el tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil y las relaciones que se establecen entre movimientos juveniles y medios de comunicación en la Norpatagonia. Para esta investigación se ha optado por el estudio de casos múltiples con integración combinada de métodos cualitativo y cualitativo como estrategia, abordaje que implica

una determinada postura acerca de la posibilidad de coexistencia paradigmática y de pluralismo metodológico.

Palabras Clave: estrategia metodológica, estudio de casos múltiples, integración de métodos.

Abstract: This paper aims to present the general guidelines of the methodological strategy of an investigation on the media treatment of youth collective action and the relationships established between youth movements and the media in North Patagonia. For this research, we have opted for the study of multiple cases with combined integration of qualitative and qualitative methods as a strategy, an approach that implies a certain position about the possibility of paradigmatic coexistence and methodological pluralism.

Key words: methodological strategy, study of multiple cases, integration of methods

Introducción:

Esta ponencia tiene como finalidad presentar los lineamientos generales de la estrategia metodológica de una investigación sobre el tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil y las relaciones que se establecen entre medios y movimientos juveniles de la Norpatagonia.

La investigación forma parte de los desarrollos de mi tesis doctoral⁴⁷ en la que me propongo analizar el tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil en sitios web de noticias de la Norpatagonia, entre 2016 y 2018, y las relaciones que se establecen entre los encuadres noticiosos predominantes y los marcos interpretativos promovidos por las

⁴⁷ El presente trabajo presenta algunos desarrollos de mi tesis doctoral "Encuadres noticiosos y marcos de la acción colectiva juvenil en la Norpatagonia" que se encuentra en etapa final de elaboración. La mencionada tesis se inscribe en el Doctorado en Comunicación de la Universidad Nacional de La Plata. La investigación ha contado con el apoyo económico de la Universidad Nacional del Comahue y de la Universidad Nacional de Río Negro. Parte de los resultados de este trabajo se desarrollaron en el marco del proyecto de investigación: "Jóvenes, agendas mediáticas y espacio público en Viedma" de la UNRN (40-V-578) y otra parte en el proyecto "Políticas de visibilidad y agendas de lo juvenil en Viedma", de la UNComahue (V095).

agregaciones juveniles (estudiantiles y de género) en la ciudad de Viedma, Río Negro, a los efectos de constatar el crédito que logran los actores sociales objeto de este estudio en las coberturas mediáticas.

La investigación se nutre, por un lado, de los aportes del campo de estudios en juventudes, específicamente, aquellos que abordan las relaciones entre participación juvenil y medios de comunicación, y por otro, los que provienen de la perspectiva teórico-metodológica del *Framing*.

Como estrategia metodológica se ha optado por el estudio de casos múltiples con integración combinada de métodos cuantitativo y cualitativo, lo cual supone asumir la posibilidad de coexistencia paradigmática y de pluralismo metodológico. El abordaje del *Framing* como un programa multiparadigmático de investigación integral de la comunicación y las reflexiones en torno a la integración metodológica (Sautu, 2003), el pluralismo metodológico (Beltrán, 1985) o

multimetodología (Vassallo de Lopes, 1999) fundamentan este posicionamiento.

La investigación se estructuró en dos dimensiones: una de ellas se centró en el estudio de la cobertura mediática de la acción colectiva juvenil en los sitios de noticias *Río Negro*, *NoticiasNet* y *Encuentro* de la Norpatagonia; la otra, se orientó al estudio de los marcos de la acción colectiva de las principales agregaciones estudiantiles y de género de la ciudad de Viedma.

En esta ponencia se presentará, en primer lugar, una síntesis de la estrategia metodológica de la investigación. Luego, se plantearán algunos supuestos y reflexiones de orden epistemológico que sustentan la tesis. Se hará especial hincapié en el abordaje del *Framing* o encuadre, como un programa multiparadigmático de investigación integral de la comunicación. Finalmente, se abordarán algunos resultados provisionales en esta etapa del proceso.

Breve presentación del tema-problema de la investigación

El siglo XXI arrancó, en sus primeras dos décadas, con nuevos movimientos de protesta, tanto en América Latina como en otras latitudes del planeta, en los que jóvenes

y adolescentes alcanzaron un gran protagonismo. Los movimientos estudiantiles y de género en la Norpatagonia, en consonancia con el resto del continente, alcanzaron una amplia visibilidad, en jornadas de protesta multitudinarias como las de

#NiUnaMenos, el 8M “Día Internacional de la Mujer” y las marchas en defensa de la educación pública que produjeron renovadas formas de manifestación, sensibilidad y vinculación.

La comunicación se constituyó en una cuestión clave de los movimientos juveniles, en un momento en el cual los cambios del escenario mediático y las complejas mutaciones en el periodismo, han puesto en cuestión la capacidad de los medios tradicionales de instalar temas en la agenda pública. Junto con la expansión de la comunicación digital, la aparente amplitud en el acceso de los ciudadanos a informaciones variadas y la multiplicidad de fuentes informativas, surgieron nuevos actores y fuerzas en la instalación de algunos temas de interés público-mediático; los agrupamientos juveniles acrecentaron su capacidad de interlocución, haciendo valer sus saberes en el manejo de redes y soportes digitales, pero también se profundizaron los procesos de convergencia económica, tecnológica e informativa en los actuales ecosistemas hipermediáticos.

En el juego de la producción informativa, los actores sociales movilizan diferentes capitales (económicos, políticos, culturales y simbólicos) que están repartidos de manera

desigual y, por eso mismo, se fueron renovando al finalizar la segunda década del siglo actual, los administradores privilegiados de la conversación pública (Poliszuk, Barbieri, 2020). Si bien la producción y circulación de la información en las redes sociodigitales es diferente a la de los medios tradicionales y se muestra más accesible y democrática, comparten con éstos, una materialidad económica, concentrada y globalizada.

No obstante, la producción y circulación de contenidos informativos en las redes digitales y los nuevos medios se complejiza y la presencia creciente de organizaciones y movimientos sociales en los procesos de construcción noticiosa da lugar a nuevos interrogantes: ¿qué capacidad tienen los movimientos juveniles y los movimientos sociales, con protagonismo juvenil, de hacerse visibles en los escenarios mediáticos digitales? y ¿cuál es el acceso y el alcance de las voces juveniles en esos escenarios frente a otros actores tradicionalmente reconocidos por brindar versiones legitimadas de la actualidad? Preguntas que giran en torno a las posibilidades de interlocución de los movimientos juveniles en los procesos de construcción de la realidad social.

Estrategia metodológica

El propósito de este apartado es explicitar la estrategia metodológica de la tesis, entendiéndola como un proceso creativo-reflexivo para enfrentar las exigencias de un problema, en el cual el investigador va tomando decisiones, que deben ser revisadas constantemente, en función de la problematización que realiza y los obstáculos que presenta su práctica investigativa; este proceso no se ajusta a recetas preestablecidas, formuladas y validadas previamente, sino que está abierto a las particularidades propias de la problemática investigada. Como sostiene Vassallo de Lopes (1999): "toda investigación es una verdadera «aventura metodológica», donde hay necesidad de exploración, de creatividad y de rigor. Me parece que el término estrategia metodológica resume bien este concepto de investigación" (p.23).

La estrategia metodológica es una construcción progresiva del objeto de estudio puesta al servicio de los interrogantes y objetivos que guían la investigación y de los aportes que se proyectan realizar. Es decir, es el objeto, sus problemáticas y particularidades, lo que le da sentido a la construcción de diseños metodológicos propios.

En ese sentido, esta tesis se propuso, como objetivo general, analizar el tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil en tres (3) sitios web de noticias de la

Norpatagonia, entre 2016 y 2018, y las relaciones que se establecen entre los encuadres noticiosos predominantes y los marcos de la acción colectiva (Gamson, 1999) promovidos por las agregaciones juveniles (estudiantiles y de género) en Viedma, a los efectos de constatar el crédito que logran los actores sociales objeto de este estudio en las coberturas mediáticas.

Para conocer en profundidad las *relaciones* entre los encuadres noticiosos de las acciones colectivas juveniles y los marcos interpretativos de las agregaciones y analizar el crédito que las fuentes estudiantiles y de género logran en las coberturas mediáticas, la investigación se orientó a conocer dos instancias o fases del proceso comunicacional (Reese, 2007). Por un lado, el estudio de los marcos de la acción colectiva de las agregaciones estudiantiles y de género en la ciudad de Viedma, sus trayectorias grupales y experiencias de vinculación con los medios locales, atendiendo principalmente a su rol de fuentes informativas para la cobertura noticiosa de dichos medios. Por otro, el análisis de los textos noticiosos sobre las acciones colectivas de las agregaciones mencionadas, en 2 sitios comerciales y 1 medio comunitario (sin fines de lucro) que aportó elementos clave tanto para la

comprensión de la visibilidad y credibilidad de dichas agregaciones como así también para el conocimiento de los encuadres noticiosos de las acciones colectivas estudiantiles y de género. Abordar ambas dimensiones significó un desafío importante para el desarrollo de esta Tesis; principalmente, al buscar trazar líneas de diálogo entre el *Framing* y las investigaciones sobre la acción colectiva juvenil.

Los lineamientos planteados parten de asumir a la construcción y enmarcamiento de la realidad social como un proceso dinámico, interactivo e integral que, analíticamente, requiere ser abordado en sus distintas fases.

Teniendo en cuenta estos desafíos, la estrategia metodológica dispuesta para esta tesis se enmarca como un *estudio de casos* (Sautu, 2003) *con integración de métodos cuantitativo y cualitativo por complementación en etapas y por combinación* (Bericat, 1998).

Un “estudio de casos múltiples”, como denomina Yin (2003), o simplemente como “estudio de casos”, según Sautu (2003), es la indagación intensiva de varios casos, cuya selección no se hace en virtud de su representatividad respecto de otros o de una generalidad sino, por el contrario, en función de las particularidades del caso. A estas

características, Yin (2003) agrega que un estudio de caso o casos “investiga un fenómeno contemporáneo dentro de su contexto de vida real, sobre todo cuando los límites entre el fenómeno y contexto no son claramente evidentes” (p.9).

Como “caso” se puede entender tanto una persona, como un grupo, como una institución, un “caso” es una unidad de análisis y puede tener sub unidades. El estudio de casos permite analizar los datos con profundidad, contextualizados en un ambiente o entorno concreto, reconociendo los detalles y experiencias únicas que se suceden y dan explicación al fenómeno mismo. Puede definirse como un proceso de indagación caracterizado por el examen comprehensivo del objeto de estudio o unidad social (Borobia, 2012)

Aunque buena parte de los trabajos encuadran los estudios de caso dentro los enfoques puramente cualitativos, estos pueden combinar distintos tipos de datos a fin de llevar a cabo abordajes complementarios del objeto bajo análisis. En efecto, “la versatilidad del estudio de caso permite construir la evidencia empírica asociada a una variedad de enfoques teóricos y temas” (Sautu, 2003, p. 42).

Yin (2003) establece una definición que atiende a cuestiones de alcance, recopilación de datos y estrategias de análisis (Duff, 2008). Para

Yin (2003: 10), los estudios de casos “pueden estar basados en cualquier mezcla de evidencia cuantitativa y cualitativa. Además, no siempre necesitan incluir las observaciones directas y detalladas como una fuente de evidencia”.

La selección de los dos casos para este estudio, el movimiento estudiantil y de género, se definió a partir del protagonismo creciente que han tenido en la ciudad de Viedma entre 2016 y 2018 y que se manifestó, entre otras dimensiones, en la creación de nuevos centros de estudiantes y de frentes y organizaciones de género vinculadas principalmente con el debate por la despenalización del aborto y en la percepción de los protagonistas en las entrevistas realizadas para esta tesis; por otro lado, la relevancia, el alcance de sus intervenciones públicas y la mayor presencia de ambos movimientos en los medios de comunicación fueron tenidas en cuenta al momento de su selección para esta investigación. Un lugar destacado en este estudio es el abordaje de la superficie textual mediática para aportar elementos de relevancia a la comprensión de la visibilidad de los casos estudiados como así también al tratamiento de las noticias de importantes medios digitales de la región norpatagónica.

Por otra parte, para la selección de casos en un estudio de casos múltiples, se

establecieron inicialmente condiciones o atributos básicos que deben tener todas las subunidades e inmediatamente se buscan unidades que reúnan esos atributos: en este estudio, cada agrupación estudiantil que participe formalmente en los centros de estudiantes de instituciones educativas de Nivel Medio y Universitario conformó una subunidad del movimiento estudiantil viedmense; a su vez, cada grupo u organización autoproclamada feminista o LGBTI+ constituyó una subunidad del movimiento de género de la ciudad. En una segunda etapa de selección se establecieron condiciones de riqueza informativa, viabilidad, variedad y equilibrio. En esta etapa, se seleccionó a aquellas subunidades, de género o estudiantiles, que se autopercibieran como organizaciones juveniles o con protagonismo juvenil. De todas ellas, solamente una agregación feminista no se autopercibió bajo esta modalidad. De esta manera se consideró atender al posible efecto de las características particulares de cada uno de los grupos en la producción de los marcos interpretativos que se intentan reconstruir.

En relación con la integración de metodologías (Bericat, 1998), esta estrategia remite a la posibilidad de complementar métodos cualitativo y cuantitativo dentro de

una misma investigación y combinar conceptos en el proceso de operacionalización de variables. Pensar la construcción de un objeto de estudio, desde la mirada comunicacional, es reafirmar un espacio de conocimiento particular, desde el cual se problematiza con sentido disciplinar, aunque ello implique utilizar conceptos, métodos y técnicas de recolección de datos surgidos y aplicados en otros campos. El sentido asignado a esas técnicas, conceptos y métodos es el de la mirada comunicacional.

La integración metodológica implica reconocer la necesidad de pensar operativamente desde diversos modos de aproximación a un objeto de estudio, con el fin de abordarlo desde técnicas, conceptos y métodos complementarios. Asimismo, “el método consiste esencialmente en el arte de elegir las técnicas más apropiadas para enfrentar un problema cognoscitivo” (Marradi, 2002, p. 122), mientras que la integración de métodos es la combinación de esas técnicas, o su comparación o sus modificaciones como solución para enfrentar un problema cognoscitivo.

Vassallo de Lopes (1999), sostiene que la mayoría de los estudiosos reconoce actualmente la complementariedad entre la cuantificación y la cualificación de los datos,

señalando como un error la opción metodológica a priori entre hacer una investigación cualitativa o cuantitativa: “Antes hay necesidad de reflexionar sobre la elección y la aplicación de uno u otro método de análisis a determinado problema, lo que implica reconocer metodológicamente las ventajas y desventajas de un método sobre otro en función de un objeto de estudio o hasta de un aspecto de él” (p.25).

La estrategia metodológica diseñada opta por combinar técnicas cualitativas de recolección de datos —como las entrevistas semiestructuradas y el buceo de perfiles de las organizaciones feministas/LGBTI+ y estudiantiles en las redes sociales digitales— con una técnica cuantitativa: el análisis de contenido. Teniendo en cuenta los objetivos planteados, el análisis de contenido cobra centralidad en esta tesis para el abordaje del tratamiento mediático de la acción colectiva juvenil. Su ventaja es que permite extraer, examinar y comparar los núcleos temáticos contenidos en grandes cantidades de piezas periodísticas extraídas de los medios analizados. Mientras que para el estudio de los marcos interpretativos de la acción colectiva promovidos por las agregaciones juveniles (estudiantiles y de género) se optó, principalmente, por un trabajo de

identificación y categorización temática de los componentes de los “marcos de acción colectiva” a partir del análisis de las entrevistas semiestructuradas realizadas a informantes⁴⁸ clave de las distintas agregaciones.

Tal como se mencionó previamente, la integración metodológica, implicó en esta tesis, no solamente la complementación de técnicas apropiadas para abordar sus objetivos, sino la redefinición de algunas variables en la construcción de la matriz de análisis para el abordaje de los encuadres noticiosos, que se vio enriquecida por los enfoques conceptuales de las investigaciones sobre movimientos juveniles y acción colectiva del campo de estudios en juventudes. La combinación conceptual para esa matriz significó, inicialmente, un uso

complementario de algunos conceptos de una teoría en un determinado momento de la investigación y otros, de otras teorías, para otro momento. Pero además, en el proceso fueron surgiendo las categorías para el análisis de la acción colectiva que permitieron redefinir algunas variables de abordaje del tratamiento mediático de los actores estudiados. A su vez, los aportes de los estudios del *framing* aplicados a la comunicación mediática constituyeron aportes valiosos para la construcción de variables de análisis de la acción colectiva juvenil. Esta combinación, permitió el armado de una matriz con sus singularidades, principalmente, respecto de las categorías clásicas de análisis del *framing* para el tratamiento mediático.

El Framing como un programa multiparadigmático

Las discusiones epistemológicas sobre el *framing* de las que dan cuenta distintas investigaciones (Koziner, 2009, 2012, 2015; Aruguete, 2012; D'Angelo, 2002, 2012; Marín

Albaladejo & Zamora Medina, 2014, entre otros) permitieron construir, con mayor grado de fundamentación, la estrategia metodológica de la tesis. Los diferentes paradigmas desde los cuales se sustentan las numerosas investigaciones encuadradas dentro de esta perspectiva, sus diversas formas de conceptualizar al *framing* y

⁴⁸ Las entrevistas a los referentes individuales de las agregaciones estudiadas interesan a este estudio en la medida que los individuos hacen referencia a los sujetos colectivos: atribuyen significados a su acción, se reconocen en los otros y con los otros y llevan a cabo actos intencionados como parte de las agregaciones estudiantiles o de género (Zibechi, 2010).

abordarlo metodológicamente, son cuestiones que han generado un sinnúmero de debates dentro de este campo de estudios, con distintos posicionamientos, en torno a si esta perspectiva permite investigar el fenómeno comunicacional de manera integral. La definición de una perspectiva integral, en la doble acepción que encierra este término -integral alude tanto a la aptitud de "reunir" como a la de "encajar"- implica dos modelos de integralidad distintos que admiten matices diferenciales en los posicionamientos teórico-metodológicos del *framing* aunque no incompatibles: por un lado, la perspectiva integral que busca "elaborar un cuerpo teórico coherente lo suficientemente concentrado y amplio a la vez como para abarcar todas las etapas de la comunicación y detener la proliferación de definiciones conceptuales y operacionales de *frame* y *framing*" (Koziner, 2009: 40). Este posicionamiento otorga centralidad a la unidad paradigmática de los estudios y señala la existencia de una fractura en las líneas de investigación del *framing* en comunicación, característica que debilita su estatus científico. La postura de Entman, en ese sentido, es la más conocida quien ha caracterizado a los estudios del *framing* como

un "paradigma fracturado" que adolece de conceptualizaciones inequívocas (Entman, 1993); al mismo tiempo, se esgrime "la necesidad de una postura unificada y totalizadora del proceso de encuadre, que estandarice las múltiples definiciones, modelos teóricos y modos de medir los *frames* existentes" (Koziner, 2009: 40).

Por otro lado, la concepción de integralidad que considera deseable la diversidad y coexistencia, en el campo académico, de una variedad de definiciones sobre qué son los *frames* y el *framing*. Investigadores como D'Angelo (D'Angelo, 2002, Marín Albaladejo & Zamora Medina, 2014) sostienen que esta particularidad del *framing* la convierte en una meta-teoría que abarca los distintos paradigmas de la comunicación: el cognitivo, el constructivista y el crítico⁴⁹, cada uno de ellos con sus propios posicionamientos epistemológicos y teórico-metodológicos.

"A nivel práctico, esta postura teórica habilita al investigador a reunir significativamente aquellos conceptos y procedimientos metodológicos que necesita para producir una pieza sólida de investigación sobre una porción del proceso

⁴⁹ Una síntesis de las características y premisas de cada uno de estos paradigmas puede encontrarse en Albaladejo & Zamora Medina (2014).

de encuadre" (D'Angelo, 2012; En Koziner, 2012: 40).

Desde esta visión de la integralidad, resulta apropiado entender al *framing* como un programa de investigación multiparadigmático (D'Angelo, 2002, 2012; Marín Albaladejo & Zamora Medina, 2014; Matthes, 2012). El carácter multiparadigmático del *framing* significa que existen múltiples modos de conceptualizarlo, multiplicidad que afecta no sólo a las posiciones epistemológicas, o a los enunciados conceptuales sino también a los métodos y técnicas de recolección de datos y análisis, y sus posibles combinaciones. El abordaje multiparadigmático del *framing* supone reconocer el valor explicativo de todos los paradigmas de investigación. En ese sentido, afirma D'Angelo (2002, p. 871):

No hay, ni debe haber, un único paradigma del *framing*. Más bien, el conocimiento sobre el *framing* se ha ido acumulando porque el programa de investigación alienta a los investigadores a emplear y refinar muchas teorías sobre el proceso de encuadre bajo la guía de distintas perspectivas paradigmáticas (...). La diversidad teórica y paradigmática ha conducido a una visión comprensiva del proceso de encuadre, no a descubrimientos

fragmentados en agendas de investigación aisladas.

Asimismo, el concepto de programa de investigación adoptado, adhiere al sentido propuesto por Lakatos (1974) como un paraguas de conjeturas comunes, lo suficientemente amplio como para que los investigadores usen diferentes teorías para generar descubrimientos y reexaminar resultados. Desde este programa es posible abordar los fenómenos desde distintas perspectivas, pero con la continuidad que imponen los objetivos que persigue un programa de investigación y que se reúnen en un núcleo duro, común a todas las investigaciones (Marín Albaladejo & Zamora Medina, 2014).

La comprensión del *Framing* como un programa multiparadigmático de investigación que aborda la comunicación desde una perspectiva integral implica no solamente reconocer que cada paradigma ha desarrollado aportes teórico-metodológicos relevantes sino también sostener que, para algunos investigadores de esta perspectiva, las diferencias entre los paradigmas no son insoslayables y es posible incorporar elementos provenientes de distintos paradigmas en un mismo estudio, estrategia a la que algunos investigadores (Marín

Albaladejo & Zamora Medina, 2014) denominan *síntesis paradigmática*. Así, Reese (2010) propone para su investigación una mirada crítico-constructivista del *framing*. La aceptación de ciertas “compatibilidades” entre los distintos paradigmas, ha permitido que, en los últimos años, haya florecido una cantidad de trabajos que ponen a dialogar elementos de diferentes paradigmas (Lewis & Reese, 2009; Matthes, 2012; Reese, 2007, 2010). La síntesis de distintas aproximaciones se puede encontrar tanto en el plano metodológico como en el conceptual (D'Angelo 2002, 2012). En ese sentido, el trabajo de Marín Albaladejo & Zamora Medina (2014) plantea las dificultades para unificar los fundamentos teóricos y metodológicos de un fenómeno multidimensional como es el proceso de encuadre. Dentro del plano teórico, frente a la diversidad de conceptos de *frame* y *framing* y como propuesta de coherencia teórica del programa se ha planteado un núcleo duro (D'Angelo, 2002; Matthes, 2012) de proposiciones teóricas esenciales compartidas por todos los investigadores del *Framing*, que guían las propuestas teórico – metodológicas de las investigaciones y que no pueden ser descartadas aunque sí enriquecidas desde enfoques conceptuales o elementos de otros

paradigmas que puedan articularse o complementarse.

En el plano metodológico, la perspectiva multiparadigmática del *framing*, también enfrenta desafíos frente a la construcción de una práctica de la investigación que implique la integración metodológica. La aceptación de la perspectiva multiparadigmática del *framing*, habilita, en el nivel práctico, “al investigador a reunir significativamente aquellos conceptos y procedimientos metodológicos que necesita para producir una pieza sólida de investigación sobre una porción del proceso de encuadre” (D'Angelo, 2012; En Koziner, 2012: 40).

La integración metodológica implica el reto de conseguir conectar de forma coherente los modelos teóricos propuestos con diseños metodológicos que permitan un alto grado de validez y fiabilidad a los resultados de investigación (Marín Albaladejo & Zamora Medina, 2014). Los abordajes mixtos se utilizan crecientemente en las investigaciones sobre el framing, combinando la categorización clásica del análisis de contenido (Igartua, 2006) con el análisis cualitativo, teniendo en cuenta “la naturaleza fuertemente abstracta de los marcos” (Van Gorp, 2007 En: Mercado-Sáez y otros, 2019: p.311).

Algunos resultados

Un aspecto que adquirió importancia en la investigación es el análisis de la visibilidad que adquirieron las acciones colectivas juveniles en la producción de contenidos informativos que circulan en el ecosistema mediático regional.

La visibilidad, puede ser abordada desde diversos paradigmas y niveles de análisis:

Desde la dimensión de los contenidos informativos en los sitios web de la región que fueron seleccionados para este estudio; la visibilidad fue abordada siguiendo la propuesta de Tankard et al. (1991) sobre los aspectos formales de la información, desde la noción de *dispositivos de relevancia* (Koziner, 2009, Amadeo, 2008) que refiere a los rasgos formales heterogéneos que inciden en la visibilidad de los acontecimientos (Amadeo, 2008; Tankard, Hendrickson, Silberman, Bliss, & Ghanem, 1991) entre los que se destacan: la frecuencia de publicación de la información, la ubicación de la misma, los modos en que está dispuesta y el espacio que se les asigna en la superficie textual. Desde la perspectiva del *framing*, estos rasgos formales *no operan aisladamente*: el concepto de dispositivo se refiere a un modo de funcionamiento conjunto

que ordena y jerarquiza la narrativa de una noticia (Entman, 1991).

La visibilidad también fue abordada desde los estudios de *standing* o crédito, y comprendida como la capacidad de un actor — individual o colectivo— de tener voz en los medios de comunicación y plasmar los propios argumentos de los acontecimientos sin que sean desacreditados o impugnados (Koziner, 2018). El estudio del crédito de las fuentes fue operacionalizado siguiendo la propuesta conceptual desarrollada por Ferree, Gamson, Gerhards & Rucht (2002) y recuperada, en Argentina, por la investigadora Nadia Koziner (2018), quienes abordan la visibilidad como uno de sus niveles de análisis.

Desde la mirada de las agregaciones estudiadas, la producción de visibilidad fue entendida como "(...) el acceso al espacio público en condiciones equitativas de enunciación de los propios movimientos sociales" (Reguillo: 2005, p.55) y, desde esa perspectiva, la comunicación mediática puede ser comprendida como uno de los principales campos de interlocución, donde los medios ponen en valor la palabra y la imagen de los actores que participan en sus relatos.

Los resultados obtenidos permiten afirmar que la oportunidad de hacerse visibles, de

hacer oír la propia voz y de protagonizar los hechos que se relatan en las noticias, no fue la misma para las agregaciones estudiantiles y de género en los distintos medios digitales estudiados. No todos los actores que se constituyen en fuentes informativas tienen la misma capacidad de interlocución ni interacción con los medios estudiados y, por otro lado, las particularidades de cada sitio de noticias ejercieron distintos pesos y contrapesos en la visibilidad y accesibilidad pública de los movimientos juveniles.

Las voces gubernamentales y aquellas más cercanos al poder suelen acceder a la agenda de los medios comerciales con mayor estabilidad; en cambio, los más vulnerables, deslegitimados o sin amparo institucional son objeto de una exposición descuidada (Aruguete, 2010).

Si bien, la tendencia general observada en las piezas periodísticas es no desvalorizar a las fuentes ni contradecir sus dichos, la evaluación de las manifestaciones y las propuestas, y la inclusión de paquetes lingüístico-ideológicos varía según los medios estudiados y son recursos de obtención de crédito y legitimidad de las fuentes.

Por otro lado, los referentes de los movimientos juveniles locales también fueron definiendo diversos grados de crédito hacia los medios locales y su producción informativa. La visibilidad que promovieron las agregaciones estudiantiles y de género de sus acciones no fue independiente de la actividad modeladora que ejercieron los medios y los escenarios de las redes digitales sobre sus prácticas comunicacionales, al incidir en parte en los modos que debieron mostrar sus acciones y organizarlas para tener cobertura periodística; asimismo, los propios periodistas al fomentar la difusión de aquellas acciones colectivas que por sus aspectos dramáticos y conflictivos se ajustaban a la lógica mediática y/o por formar parte de las coberturas nacionales, terminaron siendo parte necesaria de la visibilidad de estos movimientos. En otras palabras, una parte importante de la visibilidad del movimiento de género y estudiantil local, fue generada en los medios, por los medios y es inimaginable sin los medios (Gitlin, 2018).

Bibliografía

Aruguete, N., (2015) *El poder de la agenda. Política, medios y público*. Editorial Biblos. Buenos Aires. ISBN 978-987-691-391-1.

Aruguete, N., (2013) "La narración del espectáculo político: pensar la relación entre sistema de medios y poder político". En: Revista Austral Comunicación, Volumen 2 número 2 ISSN 2313-9129 205.

Aruguete, N., (2011) *Los Medios y la Privatización de Entel. El tratamiento noticioso del servicio telefónico argentino en el contexto de su privatización*. Editorial Académica Española (EAE)- Alemania. ISBN 978-3-8454-8187-6.

Aruguete, N. (2011) "Framing. La perspectiva de las noticias" En: *La Trama de la Comunicación*, Volumen 15. UNR Editora.

Arrueta, C. (2012) *Rutinas de producción y calidad periodística en diarios de referencia dominante. El caso Jujuy, una provincia periférica argentina* (tesis doctoral). Universidad Austral.

Entman, R. M. (1991). Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. *Journal of Communication*, 4(41), 6-27.

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.

Koziner, N. y Aruguete, N. (2018) "Pluralismo en la prensa chilena. Propuesta metodológica para el estudio de la cobertura del tema mapuche". En: Del Valle, C. y Valdivia, P., *Leyendo el tejido social. Análisis Discursivo y Retórica Cultural en el Sur Global*. Universidad de La Frontera y Universidad de Groningen.

Koziner, N. S. (2018). La prensa económica y el debate sobre los medios. Análisis de la cobertura informativa del proceso de discusión de la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual en Ámbito Financiero y El Cronista Comercial (marzo octubre de 2009). (Tesis de posgrado). Bernal, Argentina : Universidad Nacional de Quilmes.

Koziner, N. (2015b). El *Framing*: un programa de investigación para el estudio de las comunicaciones mediáticas. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 14(28), 22-45.

Koziner, N., & Aruguete, N. (2016). El 7D en los diarios económicos argentinos.

Aplicación de encuadres noticiosos genéricos a la cobertura de la

controversia judicial
entre el Gobierno y el Grupo Clarín.
Comunicación y Medios, 33, 7–34.

Marín Albaladejo, J. A., & Zamora Medina, R. (2014). Aproximación integradora en la investigación sobre la teoría del *framing* desde su condición multiparadigmática.

Disertaciones. Anuario electrónico en Comunicación Social, 7(1), 6–40.

Reese, S. (2001) "Prólogo—Framing public life: A bridging model for media research". En: Reese, S.; Gandy, O; Grant, A. (Eds.). *Framing public life. Perspectives on media and our understanding of the social world*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. p. 7-31.

Reese, S. (2007) (2007): "The Framing Project: A Bridging Model for Media Research Revisited". *Journal of Communication*, 57(1): 148-154.

Reese, S. D. (2010). Finding Frames in a Web of Culture: The Case of the War on Terror. (P. D'Angelo & J. Kuypers, Eds.), *Doing News Framing Analysis: Empirical, Theoretical, and Normative Perspectives*. New York: Routledge.

Reguillo Cruz, Rossana (2000) Estrategias del desencanto. Emergencias de culturas juveniles. Buenos Aires: Norma.

Reguillo, Rossana (2007) "Formas de saber. Narrativas y poderes diferenciales en el paisaje neoliberal" en Grimson, A. Cultura y neoliberalismo Bs. As., CLACSO.

Reguillo, Rossana (2002) "El otro antropológico: Poder y representación en una contemporaneidad sobresaltada" en *Análisis* 29, pp. 63-79.

Sádaba, M. T. (2001). Origen, aplicación y límites de la teoría del encuadre (*Framing*) en comunicación. *Comunicación y Sociedad*, 14(2), 143–175.

Sautu, R. (2003). *Todo es teoría*. Buenos Aires: Lumiere S.A

Tankard, J., Hendrickson, L., Silberman, J., Bliss, K., & Ghanem, S. (1991). Media Frames: Approaches to Conceptualization and Measurement. En *Annual Convention of the Association for Education in Journalism and Mass Communication*. Boston: Association for Education in Journalism & Mass Communication.

Vasallo de Lopes, M. I. (2012). La investigación de la comunicación:

cuestiones
epistemológicas, teóricas y
metodológicas. *Revista Diálogos de la
comunicación*, (56), 12–27.

Yin, R. K. (2003). *Case Study
Research. Design and Methods. Applied*

*Social Research
Methods Series Volume 5* (3° , Vol. 5).
Thousand Oaks, California: Sage
Publications.

Trayectorias de la investigación comparativa en Comunicación desde América Latina, 2000-2020⁵⁰

Alexis Castellanos Escobar⁵¹

Resumen

La ponencia realiza un ejercicio descriptivo, analítico y crítico de los estudios comparativos en Comunicación desarrollados de y en América Latina, a partir de la producción científica de los últimos 20 años en esta área de trabajo, poco visible en las agendas de investigación de la región. De acuerdo con la revisión de 50 artículos recuperados en revistas científicas a través de bases de datos se encontró que la investigación comparada durante el período 2000-2020 se concentra en áreas como Periodismo, Publicidad, Comunicación audiovisual, Economía política de la Comunicación, Comunicación organizacional y las reflexiones sobre la producción académica del campo. En la muestra se evidencia la preferencia por las comparaciones macro, principalmente entre países con unidades analíticas equiparables desde un enfoque culturalista. Metodológicamente fueron comunes los análisis de contenido (por la inevitable necesidad de tener volumen estadístico y justificar la exhaustividad investigativa) y los análisis documentales (por costos y factibilidad). No obstante, los resultados de esta exploración meta-metodológica revelan

50 Esta ponencia es producto del interés por fundamentar y sustentar el trabajo metodológico para la tesis doctoral "Cultura gráfica transnacional. Análisis visual comparado en libros escolares de Argentina, Colombia y México -1900 a 1950-", en el marco del Doctorado en Estudios Sociales de América Latina de la Universidad Nacional de Córdoba bajo la dirección de la Dra. Eva Da Porta.

51 Profesor Asistente del Departamento de Comunicación en la Pontificia Universidad Javeriana donde coordina el Énfasis de Producción Editorial y Multimedial en la Carrera de Comunicación Social. Doctorando en Estudios Sociales de América Latina de la Universidad Nacional de Córdoba en Argentina. Magíster en Comunicación de la Pontificia Universidad Javeriana. Diseñador Gráfico de la Universidad Nacional de Colombia. Correo: alexis.castellanos@javeriana.edu.co

que los esfuerzos en el desarrollo de abordajes comparativos han permanecido tímidamente delineados y marginales en la investigación en Comunicación.

Palabras claves:

Investigación en Comunicación en América Latina, balance meta-metodológico, análisis comparativos.

Introducción

El "Giro comparativo" en el ámbito científico sostiene como principio identificar, cotejar y explicar sistemáticamente similitudes y diferencias de un fenómeno a través de diferentes niveles de análisis (maso, meso, micro). Tradicionalmente, la comparación tiene raíces de varios campos de conocimiento –entre los que se encuentran la Psicología, la Sociología, la Historia y las Ciencias Políticas–, contribuyendo a la formulación de preguntas a partir de analogías, equivalentes, supuestos y procesos convergentes/divergentes dentro del amplio repertorio de estrategias de contraste en la investigación social. Esto explica la diversidad de aproximaciones y discusiones en cuanto a reglas, condiciones y contextos de aplicación que se han desarrollado desde la segunda mitad del siglo XX.

La investigación en Comunicación no ha sido ajena a estas iniciativas comparadas con estrategias extendidas y extensibles, donde el liderazgo se concentra principalmente en países de Europa y Estados Unidos. Desde allí, se ha construido un espacio de diálogo bastante fértil que ha permitido la formulación de agendas y orientaciones teórico-metodológicas entre comparativistas en el análisis de sistemas, culturas y mercados. Así las cosas, en el año 2012 la International Communication Association - ICA en asocio con la editorial Routledge publicaron el seminal texto *The Handbook of Comparative Communication Research* en el cual se recopilan sistemáticamente un número considerable de reflexiones y trabajos académicos sobre la investigación comparativa, sus perspectivas y problemas,

del mismo modo que sus aplicaciones en subcampos cruciales de la Comunicación.

Mientras tanto, los esfuerzos comparativos de y en América Latina⁵² son marginales, frente a grandes temas que han ocupado las agendas de investigación interpeladas por la realidad social y las preocupaciones del contexto marcado por violencia, inseguridad, corrupción, desigualdad, pobreza e inestabilidad política. De esta forma, la producción académica en Comunicación es fragmentada como consecuencia de las particularidades económicas y socioculturales en la región (Torrice, 2016) donde la comparación resulta ser un ejercicio implícito más no explícito, lo que deja entrever las dificultades en la recuperación y sistematización de sus contribuciones.

Pero, resulta paradójico que la perspectiva comparativa hoy no tenga mayor visibilidad en la investigación del campo comunicacional en la región –como espacio político y cultural–, pues fue una de las preocupaciones y un sentipensar transversal de los padres fundadores de la Comunicación en América Latina quienes tenían interés por el diálogo y

la mirada compartida (y comparada) en clave de un posicionamiento desde el Sur⁵³. El mismo Luis Ramiro Beltrán (1976) desarrolló esfuerzos por documentar la producción de los Estudios de Comunicación, sin embargo en términos generales los proyectos comparativos internos y externos escasean en Latinoamérica (Fuentes-Navarro, 2015).

Aún más exiguos son los análisis sobre la investigación comparativa, lo que deja de lado la posibilidad metareflexiva de repensar los objetos que investigamos, los temas, las teorías, metodologías, las técnicas y los instrumentos en esta línea de trabajo. Por lo que la ponencia se ocupa de documentar descriptiva, analítica y críticamente los estudios comparativos en Comunicación en la región tomando como referencia la producción científica de los últimos veinte años a partir de artículos resultados de investigación que se encuentran en bases de datos. Así, los objetivos que se desarrollaron fueron:

Analizar los ejercicios investigativos de tipo comparativo realizados en el campo de la

⁵² Retomo esta última expresión de Erick Torrice (2016) quien desarrolla una antología del pensamiento comunicacional latinoamericano, donde establece un ACPT (Análisis Crítico del Pensamiento Teórico) del mismo.

⁵³ Sin embargo, el compromiso académico y político de estudiosos latinoamericanos sufre de una triple marginalidad (política, intelectual y bibliográfica) en los diferentes escenarios de discusión sobre el campo de la Comunicación a nivel mundial.

Comunicación de y en América Latina que se encuentren publicados en revistas científicas en las últimas dos décadas.

Comparar críticamente sus bases epistémicas, temáticas, unidades de análisis, diseños metodológicos, técnicas, instrumentos y herramientas de software empleadas en estos esfuerzos investigativos.

Por lo tanto, en este texto se distinguen los enfoques teóricos, objetos de estudio y abordajes metodológicos al emprender análisis comparativos en el campo comunicacional. Posteriormente, se describen las estrategias y decisiones que se tomaron para recuperar la información y los criterios de selección de la muestra compuesta por 50 artículos científicos. Finalmente, se resaltan los resultados y conclusiones más potentes, luego de cotejar los datos recabados de las investigaciones comparadas en Comunicación desde América Latina.

Discusión teórica

Comparar como principio constitutivo de la ciencia moderna tiene sus antecedentes en el trabajo desarrollado por Durkheim publicado en el año 1897 sobre el suicidio, y quien ya advertía desde 1895 que *"el método comparativo es el único que conviene a la sociología"* (1986, p. 181). Sin embargo, es

hasta la Segunda Guerra Mundial que la investigación comparativa comienza a expandirse con rapidez. De acuerdo con Charles Ragin (2007) la comparación examina *"patrones de parecidos y diferencias entre un número moderado de casos"* (p. 177), siendo sus finalidades: a) explorar la diversidad, b) interpretar la relevancia cultural sistemática de un hecho y c) desarrollar la teoría. Ya en la práctica es fundamental seleccionar materiales estableciendo un límite espacial y temporal (conjunto de casos coherentes), usar marcos analíticos similares clarificando los conceptos y categorías empleados, y analizar los patrones (estrategias de contraste en la investigación social).

La investigación comparativa motiva a investigadoras e investigadores a reflexionar sobre sus fundamentos culturales y su campo académico, evitando la mirada localista y naturalizada, pues supone el cuestionamiento de los utillajes teóricos que empleamos al estudiar los fenómenos comunicativos propendiendo por una visión supranacional. Asimismo, cuestiona determinadas categorías y marcos de referencia que usamos en investigación académica entre los que se encuentran el universalismo, el logocentrismo, el etnocentrismo y el

eurocentrismo. Por lo que se presenta como una oportunidad para superar el eclecticismo y la hipertrofia de los trabajos latinoamericanos en Comunicación señalados por ser carentes de consistencia epistemológica (Fuentes-Navarro, 2014). De allí que los reiterados señalamientos de Vidales (2011) sobre el relativismo teórico y la falta de rigurosidad conceptual ratifiquen la inestabilidad del campo de la Comunicación⁵⁴.

En el estado del arte que realizan Esser y Hanitzsch (2012) sobre la investigación comparada en Comunicación señala que sus cuerpos teóricos responden a tres escuelas de pensamiento: a) el enfoque centrado en el actor o comportamiento; b) el enfoque estructuralista o institucionalista; y c) el enfoque culturalista o interpretativista. A riesgo de simplificar la complejidad teórica de la investigación comparativa, las teorías centradas en el actor se preocupan por el estudio del individuo como grupo o colectivo, especialmente de comunicadores y periodistas en las áreas de la comunicación política, el periodismo, las relaciones públicas, los negocios de la comunicación y las

campañas de comunicación. Por su parte, el enfoque estructuralista o institucionalista trabaja con sistemas o instituciones, de allí que se ocupe de las condiciones –en un sentido amplio– y las estructuras organizacionales predominantes en los sistemas mediáticos y mercados de medios. Mientras el enfoque culturalista revisa prácticas, identidades e intercambios simbólicos y culturales, los cuales se amparan bajo abordajes interpretativos.

Los objetos de estudio más frecuentes en la investigación comparativa desde la Comunicación son: a) naciones, países, regiones, b) sistemas mediáticos, c) sistemas de comunicación política, d) mercados mediáticos, e) culturas comunicativas organizacionales, f) culturas mediáticas y g) culturas periodísticas (Esser y Hanitzsch, 2012, pp. 15-17).

De esta manera, el estudio y comparación de países permite investigar fenómenos comunicativos en el ámbito regional, transnacional y/o transcultural. Aquí, se establecen discusiones sobre las

⁵⁴ Para ampliar esta noción de “campo inestable” recomiendo revisar las posturas de Nan y Faber (2004), así como los planteamientos de Omar Rincón en la conferencia inaugural del congreso internacional IAMCR 2017 donde enfatizó en el carácter “bastardo” de la Comunicación. Adicionalmente, puede consultarse mi trabajo: “Encuentros y desencuentros sobre las teorías de la Comunicación, el Diseño, la Publicidad y el Mercadeo” (Castellanos, 2015).

complejidades de la investigación alrededor de lo “artificial” de lo nacional y abre posibilidades de contemplar las dinámicas supranacionales que encarnan la comunicación. De allí que la dimensión transnacional rebase el “nacionalismo metodológico” –que contempla la noción de nación como espacio autónomo, autocontenido y principio organizador de la Modernidad– invitándonos a reflexionar de forma relacional los procesos culturales (Wimmer y Schiller, 2002). Los sistemas mediáticos (Hallin y Mancini, 2004) son unidades comparativas frecuentes en estudios mediocéntricos que se interesan por la institucionalidad, flujos de información, intercambios, particularidades étnicas y lingüísticas. Mientras, los sistemas de comunicación política compuestos por estructuras y actores, son estudiados desde la perspectiva de las interacciones entre medios, mensajes, efectos y sujetos sociales.

Por su parte, los mercados mediáticos se estudian bajo una óptica económica en la cual se revisan cómo los productos y servicios se encuentran disponibles para los consumidores, en donde la creciente digitalización permite consumos desterritorializados y expandidos. Las

culturas comunicativas analizan el ámbito interpersonal e intercultural de las organizaciones comprendiendo la diversidad cultural. Las culturas mediáticas son macro unidades de análisis que incluyen “*el culto a las celebridades, cultura fan, culturas mediáticas migrantes*” (Esser y Hanitzsch, 2012, p. 16). Asimismo, las culturas periodísticas que se observan en patrones de pensamiento (ideas), patrones de práctica (acciones y rutinas) y patrones discursivos (mentefactos y artefactos).

Los enfoques metodológicos pueden ser: a) cuantitativo, b) cualitativo, c) investigación-creación d) investigación acción y e) mixto (Leavy, 2017). Sin embargo, para indagar por estos posibles objetos de estudio y sus correspondientes unidades de análisis las técnicas más recurrentes a la hora de realizar investigación comparada son:

Encuestas.

Entrevistas.

Grupos focales.

Etnografía.

Análisis de contenido (desde sus dos entradas, tanto cuantitativa como cualitativa).

Análisis semiológico/semiótico/sociosemiótico.

Análisis (crítico) de discurso.

Análisis iconográfico/iconológico.

Análisis mixtos (en los cuales se triangulan las potencias y capacidades de mezclar dos o más técnicas en función del problema de investigación).

En Alemania, Suiza y Estados Unidos existe una trayectoria considerable en este tipo de investigaciones, la cual incluye una significativa producción en temas como comunicación visual; comunicación política (campañas políticas y cobertura noticiosa); violencia, conflicto y guerra; y publicidad centrándose principalmente en los estereotipos de género, las diferencias culturales, distancias de poder y masculinidades (Griffin y Müller, 2012, pp. 103-109). Finalmente, los retos y desafíos de la investigación comparativa en Comunicación se podrían organizar en los siguientes niveles:

a) Epistemológicos: dadas las preguntas por el sentido de la comparación y el lugar desde dónde se realiza la acción comparativa.

Metodología

A través de un ejercicio documental se revisaron artículos provenientes de investigaciones comparativas en Comunicación publicados entre el 2000 y

b) Teóricos: definir líneas de indagación teórica y niveles de análisis, evitando los relativismos, fragmentaciones y opacidades.

c) Conceptuales: urge la necesidad de construir terminologías comunes y compartir conceptos a través de una agenda estratégica de temas regionales. Adicionalmente, se requiere reforzar la conceptualización sobre lo “comparable” en el campo de la Comunicación.

d) Tipológicos: establecer los tipos de comparación y unidades de análisis posibles, teniendo en cuenta lo eclético del campo de estudios.

e) Metodológicos: diseño de metodologías que permitan la comparación aplicando técnicas e instrumentos que potencien la rigurosidad y replicabilidad a un rango más amplio de muestras.

f) Tecnológicos: implementar herramientas digitales y computacionales a los procesos de investigación comparativa en Comunicación.

2020⁵⁵. El material fue recuperado de revistas científicas del campo que se encuentran en bases de datos y/o plataformas de acceso abierto reconocidas por sus indexaciones⁵⁶, usando las entradas “investigación comparativa/comparada”, “análisis comparativo/comparado”. Los criterios de búsqueda privilegiaron materiales donde la comparación fuera explícita y parte constitutiva de la metodología del trabajo, los autores académicos requerían ser de origen latinoamericano pese a que la producción estuviera en idiomas como español, inglés y portugués, el área de investigación debía ser Comunicación con resultados basados en evidencias.

Así las cosas, la muestra quedó compuesta por 50 artículos de diferentes países de la región, sobre la cual se compararon sistemáticamente las siguientes variables: bases epistémicas, tipos de comparación,

temáticas, unidades de análisis, diseños metodológicos, técnicas, instrumentos y herramientas de software utilizadas en estos esfuerzos investigativos. Se excluyeron en el *corpus* la producción de investigaciones comparadas de América Latina realizada por autores extranjeros, principalmente españoles y ensayos reflexivos que no brindaban datos empíricos, teniendo en cuenta el sesgo temporal de la ventana de observación de 20 años.

Posteriormente, se construyó un instrumento para realizar la sistematización del material recuperado y poder organizar la información. Ver: *Tabla 1. Matriz de sistematización de la información*. Esto permitió tener un set de datos que fue clave en las lecturas analíticas, inferencias y validación de hipótesis.

Título	Nombre del trabajo científico.

⁵⁵ Incluí el año 2020 dadas las actuales posibilidades de recuperar información, gracias a las dinámicas editoriales contemporáneas de la producción científica donde las revistas permiten revisar una versión “preprint” o en español “prepublicación”.

⁵⁶ Tomé como referencia el ranking propuesto por el Scimago Journal & Country Rank y las publicaciones con mayor tradición-reputación en las comunidades investigativas en América Latina.

<i>Autor(es)</i>	<i>Investigador(es) que realizaron la investigación y/o publicación.</i>
<i>País</i>	<i>Lugar(es) de origen del equipo de investigadores de la publicación.</i>
<i>Tema</i>	<i>Área(s) de trabajo o temática(s) que se aborda(n) en la investigación.</i>
<i>Base epistémica</i>	<i>Fundamentación conceptual que se toma como referencia para la realización de la comparación.</i>
<i>Tipos de comparación</i>	<i>Niveles y tipologías de comparación que se llevaron a cabo.</i>
<i>Unidades de análisis</i>	<i>Objeto(s) de estudio que se somete(n) al escrutinio comparativo.</i>
<i>Enfoque metodológico</i>	<i>Aproximación metodológica que se desarrolla en la investigación.</i>
<i>Técnicas</i>	<i>Conjunto de procedimientos empleados para el ejercicio comparativo.</i>
<i>Instrumentos</i>	<i>Herramientas utilizadas para recuperar, tratar y trabajar los datos de la investigación.</i>
<i>Software y aplicaciones digitales</i>	<i>Refiere a aquellos apoyos que permiten la captura, procesamiento y visualización de información para la investigación comparada.</i>

Tabla 1. Matriz de sistematización de la información. Fuente: elaboración propia.

Principales resultados, reflexiones y conclusiones

A partir de la revisión de 50 artículos que se clasifican como derivados de procesos de investigación en Comunicación en y desde América Latina se evidencia un aumento significativo de producción con este abordaje en el año 2009 y un número importante de

textos publicados en el 2017. No obstante, basta tener en cuenta las actuales políticas de producción científica, sumado a las fases editoriales que dilatan de uno a cuatro años la publicación de investigaciones. Ver: *Figura 1. Año de publicación.*

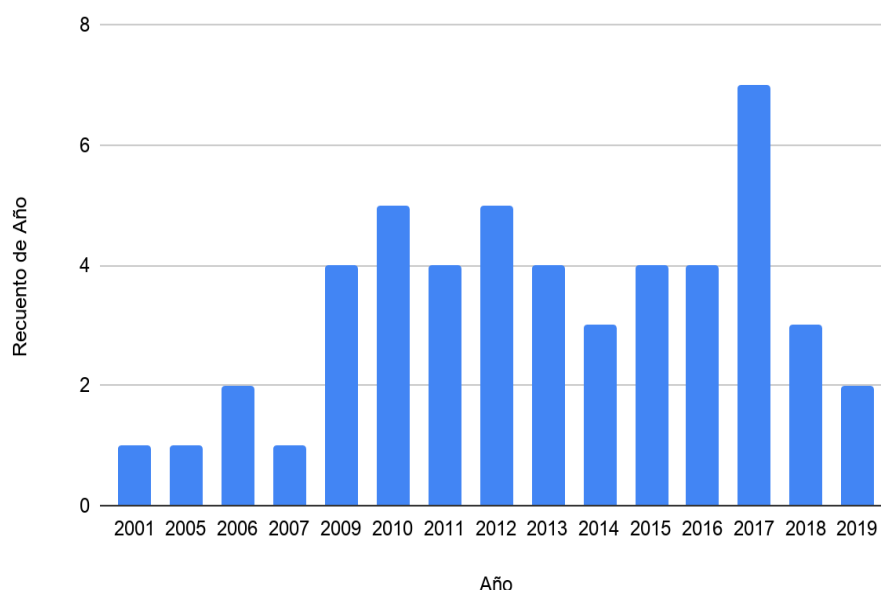


Figura 1. Año de publicación. Fuente: elaboración propia.

Asimismo, se observa que sus bases epistemológicas recaen en el relativismo teórico (Vidales, 2011) reflejo de la inestabilidad del área de conocimiento y la baja capacidad de autorreflexión (Fuentes-Navarro, 1991 y Mellado, 2010). Donde, la

mayor concentración de trabajos se presenta en los Estudios de Periodismo –muchos de ellos realizados bajo la dirección de la investigadora chilena Claudia Mellado–, Publicidad, Comunicación audiovisual, Economía política de la comunicación y la

información, Comunicación organizacional y reflexiones sobre la producción académica del campo desarrolladas en su mayoría por el mexicano Raúl Fuentes-Navarro. Ver: *Figura 2. Base epistémica.*

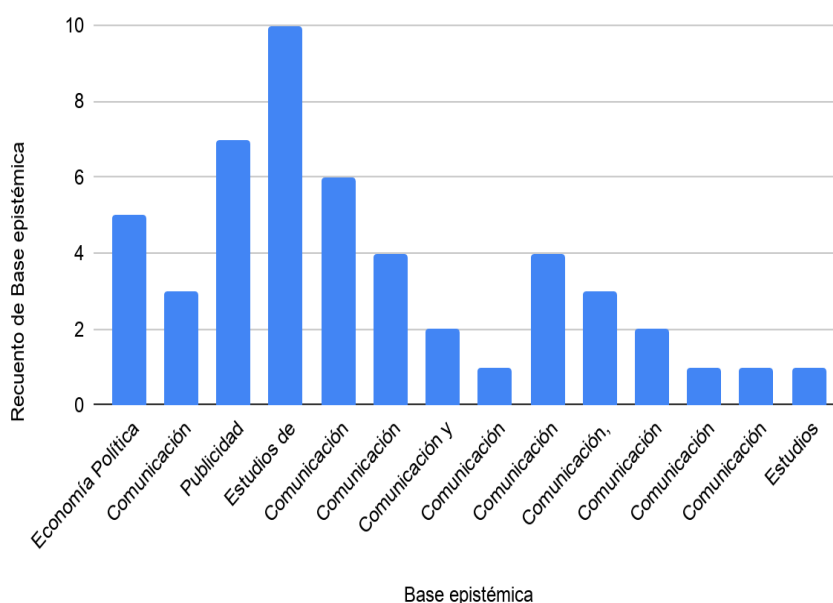


Figura 2. Base epistémica. Fuente: elaboración propia.

Se encuentra que el enfoque teórico privilegiado es el culturalista o interpretativista, seguido del enfoque estructuralista o institucionalista y finalizando con el enfoque centrado en el actor. Las aproximaciones metodológicas de comparación privilegiados por los

investigadores en América Latina son los cualitativos por el interés de la observación de prácticas y procesos, pero también por una inclinación hacia el ejercicio interpretativo y hermenéutico del sentido. Ver: *Figura 3. Enfoques metodológicos.*

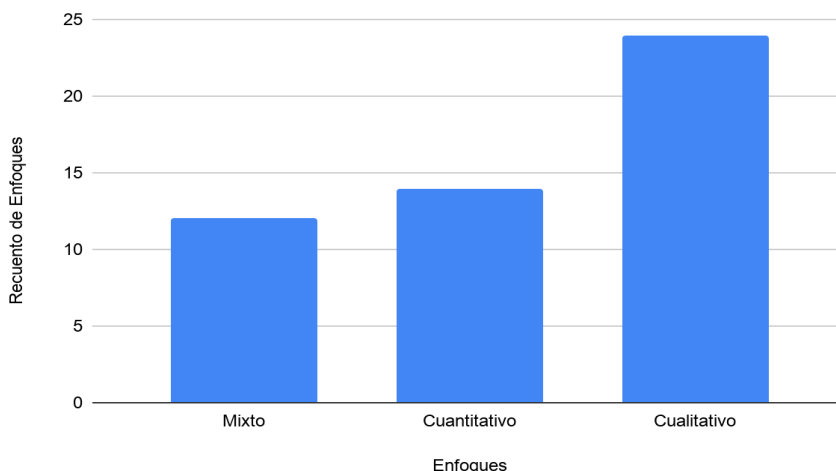


Figura 3. Enfoques metodológicos. Fuente: elaboración propia.

Los tipos de comparación más recurrentes son de nivel macro en un 60%, meso 30% y micro 10%, lo que llama la atención dada la enorme gestión simbólica que implica esta apuesta, especialmente por el acceso a los materiales, costos y retos en la conformación de equipos de investigación de distintas nacionalidades, así como la definición de unidades comparativas equiparables en cada uno de ellos. Por lo que una forma muy común de investigar comparativamente en

Comunicación tiene que ver con la selección de un fenómeno de interés y la articulación de académicos procedentes de diferentes universidades, ciudades y países, quienes definen orientaciones teóricas, metodológicas y procedimentales para la recolección de la información y posterior análisis. La crítica que emerge de este tipo de apuestas, es la reducción de una parte del cuerpo de investigadores a meros recolectores de datos. Ver *Figura 4. Tipos de comparación*.

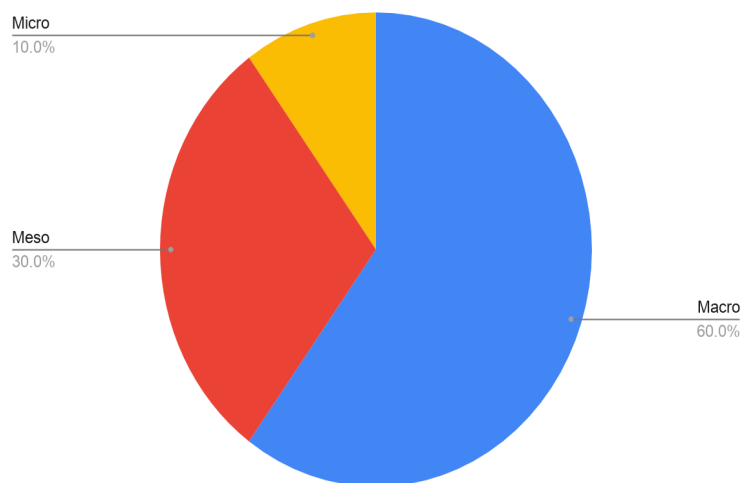


Figura 4. Tipos de comparación
Fuente: elaboración propia.

Metodológicamente, las técnicas de investigación que se destacan son los análisis de contenido (por la inevitable necesidad de tener volumen estadístico y justificar la exhaustividad investigativa) y análisis documentales-bibliográficos (por costos y factibilidad). Asimismo, la encuesta sigue siendo por excelencia la técnica cuantitativa

más empleada en los proyectos de investigación comparada, que permite de una forma muy rápida la aplicación, recolección y procesamiento de los datos. El desafío que presenta, se encuentra en la construcción y diseño del instrumento. Ver: *Figura 5. Técnicas.*

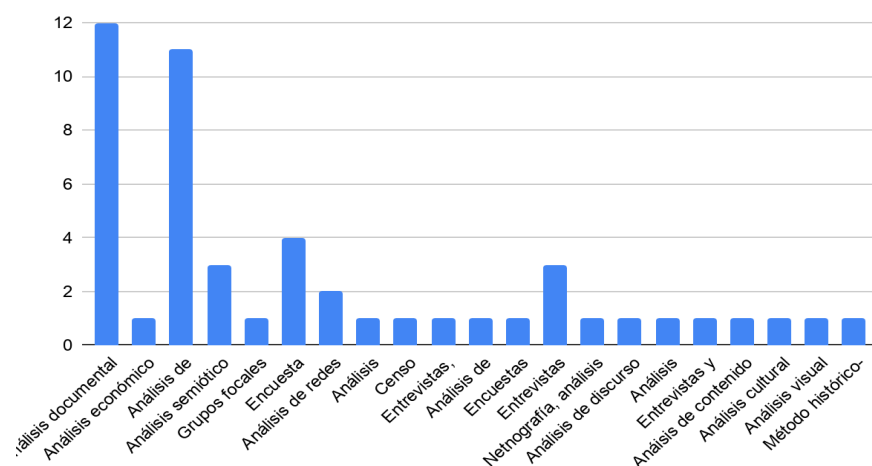


Figura 5. Técnicas
Fuente: elaboración propia.

Los instrumentos y herramientas utilizadas fueron normalmente libros de códigos, matrices de sistematización de información y cuestionarios lo cual tiene correlación con las técnicas de investigación

empleadas. Todas ellas, permiten un trabajo ágil a la hora de realizar la consecución y el procesamiento de los datos. Ver: *Figura 6. Instrumentos*.

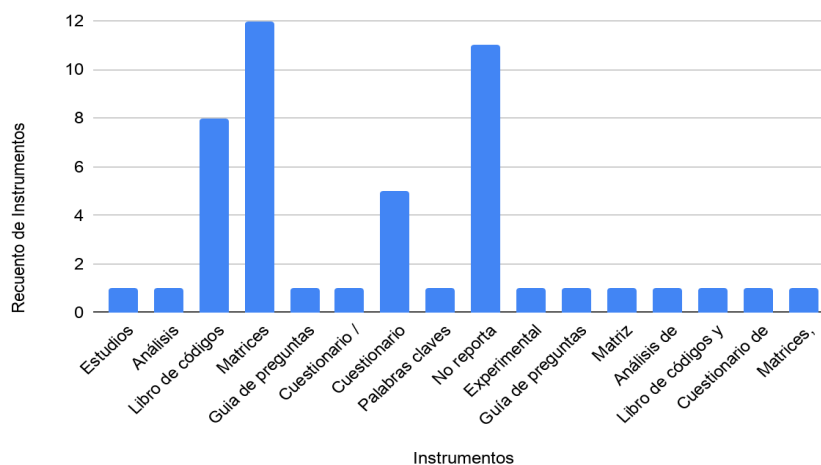


Figura 6. Instrumentos. Fuente: elaboración propia.

Finalmente, pese al optimismo que existe frente al uso de herramientas digitales en la investigación, el uso de software se reduce a un trabajo instrumental y tradicional como es el caso de Microsoft Excel, o la mínima aparición de otro tipo de aplicativos de Google que permiten la recuperación, visualización y analítica de datos. Se extrañan el empleo de

SPSS Atlas.ti y Nvivo en los equipos de investigación, pero se intuye cuyo uso no es extendido por falta de dominio, largas curvas de aprendizaje y alto costos de licencias, manifestando la limitación de recursos para la investigación en Comunicación en Latinoamérica. Ver: *Figura 7. Software y aplicaciones digitales.*

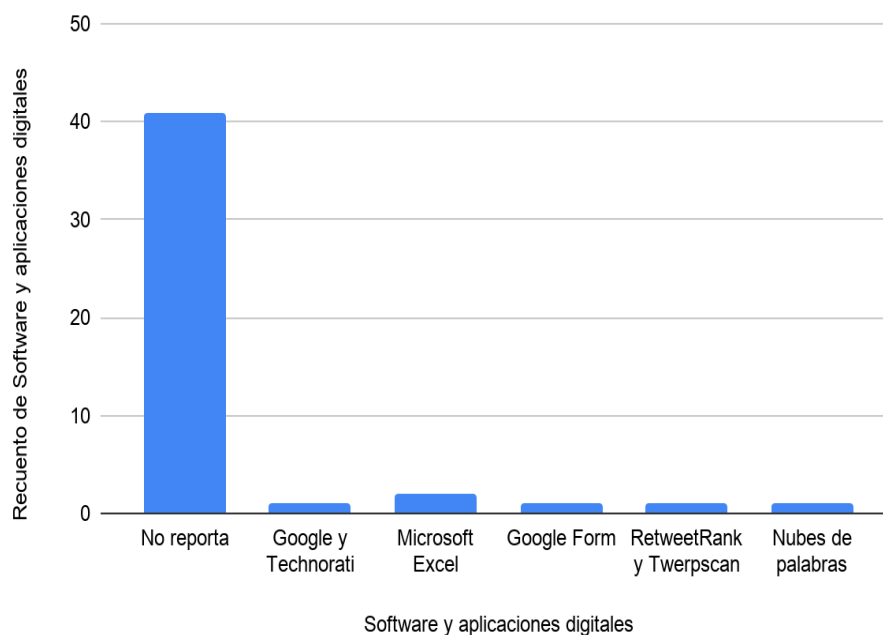


Figura 7. Software y aplicaciones digitales. Fuente: elaboración propia.

Lo anterior evidencia un número considerable de retos y desafíos en la

investigación comparativa desde la Comunicación en América Latina como la a)

ausencia de reflexiones sobre lo que implica comparar, sus alcances y limitaciones. La b) obligación de aplicar métodos rigurosos a un rango amplio de muestras, de la misma manera que c) construir una agenda estratégica de temas para los ejercicios comparados con intereses y articulaciones a las problemáticas de la región. También, se requiere d) fortalecer las apuestas teóricas y trabajar en el e) diseño de metodologías que permitan ir más allá de los abordajes geográficos, mediáticos y científicos. Finalmente, f) urge la necesidad de emplear herramientas computacionales y aplicaciones de software que facilitan un procesamiento mayor de datos teniendo en cuenta las transformaciones tecnológicas que atraviesan el quehacer investigativo.

Fuentes primarias

- Abdala, K. y Andacht, F. (2019). *Representações culturais no reality show gastronômico*. São Paulo. Vol. 16 No. 46, pp. 226-251. DOI:

<http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v16i46.1984>

- Ackerley, M. (2010). *La ética y los medios de comunicación. Un estudio comparativo entre la legislación de Brasil y Argentina*. Eikasía. Revista de Filosofía, año V, Vol. 32.

La ausencia de sistematizaciones documentales de la investigación en Comunicación, se convierte en una oportunidad de trabajo en cuanto a temas, preguntas y materiales lo que permite cotejar información y producción discursiva teniendo en cuenta la abundancia de ecosistemas mediáticos y de contenidos. No obstante, esto también trae consigo desafíos teóricos y metodológicos, dado que el uso de aplicaciones digitales que permiten el ejercicio comparativo con grandes volúmenes de datos, invitándonos a pensar/hacer de otras maneras, y desde otros lugares. Finalmente, vale insistir que este tipo de estudios facilita la conformación de redes investigativas entre países que contribuyen al desarrollo regional teórico, metodológico y social del campo comunicacional.

- Arcila-Calderón, C., Piñuel-Raigada, J. y Calderín-Cruz, M. (2013). *La e-investigación de la Comunicación: actitudes, herramientas y prácticas en investigadores iberoamericanos*. Comunicar, Vol. XX, Núm. 40, Scientific Journal of Media Education. ISSN: 1134-3478; pp. 111-118.

- Arroyave, J., Gill, J. H. and Blanco, I. (2007). *Latin American Journalists Perceptions of the Profession: Between Exhaustion and Fascination*. Florida

Communication Journal, Vol. 36, Núm. 2, pp. 67-76.

- Arroyo Almaraz, I. y Martín Nieto, R. (2011). *La utilización de Internet en la comunicación expresiva de las ONG: Estudio exploratorio comparativo entre Argentina y España*. ZER - Revista de Estudios de Comunicación. Vol. 16 - Núm. 31, ISSN: 1137-1102 pp. 243-263.

- Arzuaga-Williams, M. (2019). *Perspectivas latinoamericanas sobre el rol de los profesionales de la comunicación organizacional y las relaciones públicas*. Anagramas Rumbos y sentidos de la comunicación, 17 (34), pp. 135-154. <https://dx.doi.org/10.22395/angr.v17n34a7>

- Azevedo, D. y Guimarães, D. (2010). *Cinema em cartazes: um passeio pelo percurso da escrita verbovisual*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo. Vol. 7 Núm. 20, pp. 275-298. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v7i20.285>

- Barranquero, A., y Ángel, A. (2015). *La producción académica sobre Comunicación, Desarrollo y Cambio Social en las revistas científicas de América Latina*. Signo Y Pensamiento, 34 (67), pp. 30-57. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.syp34-67.pacd>

- Cárdenas, A., Ballesteros, C. & Jara, R. (2017). *Redes sociales y campañas electorales en Iberoamérica. Un análisis comparativo de los casos de España, México y Chile*. Cuadernos.info, (41), pp. 19-40. <https://doi.org/10.7764/cdi.41.1259>

- Carme Ferré Pavia (2014): *El uso de las redes sociales: ciudadanía, política y comunicación. La investigación en España y Brasil*. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona.

- Díaz, M. y Mellado, C. (2017). *Agenda y uso de fuentes en los titulares y noticias centrales de los medios informativos chilenos. Un estudio de la prensa impresa, online, radio y televisión*. Cuadernos.info, (40), pp. 107-121. <https://doi.org/10.7764/cdi.40.1106>

- Donoso Munita, J. y Penafiel Durruty, M. (2017). *Transmedial transduction in the spider-verse*. Palabra Clave, 20 (3), pp. 763-787. DOI: 10.5294/pacla.2017.20.3.8

- Etchegaray, N. y Matus, A. (2015). *Evolución de la cobertura de la pobreza entre 2005 y 2014: qué ha cambiado y qué no en los noticiarios de televisión abierta en Chile*. Cuadernos.info, (36), pp. 53-69. DOI: 10.7764/cdi.36.727

- Fachel de Medeiros, R. y Fachel de Medeiros, R. (2018). *Os super-heróis também envelhecem? Corpos e masculinidades nos*

desenhos animados. São Paulo. Vol. 15 Núm. 42, pp. 97-117. DOI:

<http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v15i42.1324>

- Fastoso, F., Whitelock, J., Manzur, E., Uribe, R., Hidalgo, P., Olavarrieta, S. and Farías, P. (2012). *Comparative advertising effectiveness in Latin America: evidence from Chile*. International Marketing Review, Vol. 29 Núm. 3, pp. 277-298.

- Fondevila Gascón, J. y Segura, H. (2012). *El peso de la hipertextualidad en el periodismo digital: estudio comparativo*. Cuadernos de Información, Núm. 30, enero-junio, 2012, pp. 31-40. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile. Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=97124309004>

- Fuentes-Navarro, R. (2014). *Postgrados e investigación en comunicación en México: ¿estancamiento o evolución de la desarticulación múltiple?* Comunicación y sociedad, (22), pp. 13-51. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2014000200002&lng=es&tlng=es

- Fuentes-Navarro, R. (2011). *50 años de investigaciones de la Comunicación en México: un recuento descriptivo de la producción publicada*. Intercom – Revista

Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, Vol. 34, Núm. 1, pp. 213-231.

- Fuentes-Navarro, R. (2010). *Maestrías en Comunicación en México: análisis comparativo de sus perfiles de producción y reproducción académica*. Comunicación y sociedad, (14), pp. 13-48. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2010000200002&lng=es&tlng=es

- Freire, M. y Soares, R. (2013). *Historia y narrativas audiovisuales: de hecho y de ficción*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo. Vol. 10 Núm. 28, pp. 71-86. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v10i28>

- Gámez Gastélum, R. (2007). *Comunicación y cultura organizacional en empresas chinas y japonesas*. Edición electrónica gratuita. Disponible en: www.eumed.net/libros/2007a/221/

- Gammarano, I., Arruda Filho, E., y Farias Filho, M. (2012). *Inovação tecnológica e preferência de consumo: uma Análise Cross-Cultural na América Latina*. Informação & Sociedade: Estudos, 22 (1). Disponible en: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/articloe/view/12267>

- Godinho Santarelli, C. (2006). *De Manet a Yves Saint-Laurent: uma análise semiótica*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo.

Vol. 3 Núm. 6, pp. 159-177. DOI:
<http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v3i6.65>

- Koiti Sato, S. (2015). *Telefonia móvel e seus significados para os consumidores: uma análise comparativa entre angolanos e brasileiros*. São Paulo. Vol. 12 Núm. 35, pp. 71-88.

DOI:
<http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v12i35.1032>

- Mastrini, G., y Becerra, M. (2009). *Estructura y dimensión de las industrias infocomunicacionales en América Latina*. Palabra Clave, 12. Disponible en:
<https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1438>

- Mellado, C. (2010). *Análisis estructural de la investigación empírica sobre el periodista latinoamericano*. Nueva época, Núm. 13, enero-junio, 2010, pp. 125-147. ISSN 0188-252

- Mellado, C. y Lagos, C. (2013). *Redefining comparative analyses of media systems from the perspective of new democracies*. Communication & Society/Comunicación y Sociedad, Vol. 26, Núm. 4, pp. 1-24.

- Mellado, C., Márquez-Ramírez, M., Mick, J., Oller Alonso, M., y Olivera, D. (2017). *Journalistic performance in Latin America: A comparative study of professional roles in news content*. Journalism, 18 (9), pp. 1087-

1106.

<https://doi.org/10.1177/1464884916657509>

- Palau-Sampio, D. y Cuartero-Naranjo, A. (2018). *El periodismo narrativo español y latinoamericano: influencias, temáticas, publicaciones y puntos de vista de una generación de autores*. Revista Latina de Comunicación Social, 73, pp. 961- 979. Disponible en:

<http://www.revistalatinacs.org/073paper/1291/50es.html> DOI: 10.4185/RLCS-2018-1291

- Portella Montardo, S. y Carvalho, C. (2009). *Reputação e Web Semântica: estudo comparativo de buscas aplicado a blogs*. São Paulo. Vol. 6 Núm. 16, pp. 149-171. DOI:
<http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v6i16.161>

- Preciado-Hoyos A. Guzmán-Ramírez H. (2012). *Gestión de la comunicación estratégica en los sectores empresarial, de desarrollo y público. Estudio comparativo*. Palabra Clave 15 (1), 128-159.

- Ramon Vegas, X., Mauri De los Ríos, M. y Alcalá Anguiano, F. (2016). *Transparencia informativa, autorregulación y participación del público: Mural.com, Rue89.com y TexasTribune.org*. Comunicación y sociedad, (25), pp. 101-125. Disponible en:
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=s>

[ci_arttext&pid=S0188-](#)

[252X2016000100005&lng=es&tlng=es](#)

- Rodrigues Rezende, L. y Rodrigues de Lima, M. (2016). *Governança na internet: um estudo sobre o Marco Civil brasileiro*. Palavra Clave, 19 (1), pp. 133-155.

<https://dx.doi.org/10.5294/pacla.2016.19.1.6>

- Said-Hung, E. y Arcila-Calderón, C. (2013). *Online opinion leaders in Latin America and the Middle East: the case of the top 20 most-viewed twitter users*. Informação & Sociedade: Estudos, Vol. 23, Núm. 3. Disponible en:

<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93073>

- Santos, J., Fernández Molina, J. y Guimarães, J. (2017). *Direito de Acesso à Informação: uma análise a partir das realidades espanhola e brasileira*. Informação & Sociedade: Estudos, 27 (2).

<https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2017v27n2.31196>

- Sant'Anna, Francisco. (2009). *¿Quién hace la noticia en el Parlamento brasileño?: Análisis comparativo de las rutinas de los newsmakers del Senado federal*. Comunicación y sociedad. (12), pp. 119-148. Disponible en:

<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=s>

[ci_arttext&pid=S0188-](#)

[252X2009000200006&lng=pt&tlng=es](#)

- Sinclair, J. (2009). *The Advertising Industry in Latin America: A Comparative Study*. International Communication Gazette, 71 (8), pp. 713-733.

<https://doi.org/10.1177/1748048509345065>

- Smerling, T. (2013). *La concentración de la propiedad de los medios de comunicación en la Argentina. Un estudio comparativo entre las ciudades del interior: Córdoba, Rosario y Mendoza*. 1990 – 2010. Revista Eptic Online Vol.15 Núm.1, pp.77-86.

- Tejedor S.; Carniel Bugs R. y Giraldo Luque S. (2018). *Los estudiantes de Comunicación en las redes sociales: estudio comparativo entre Brasil, Colombia y España*. Transinformação, Vol. 30, Núm. 2, pp. 267-276

<http://dx.doi.org/10.1590/2318-08892018000200010>

- Túñez-López, M., Valarezo-González, K. y Marín-Gutiérrez, I. (2014). *Impacto de la investigación y de los investigadores en comunicación en Latinoamérica: el índice h de las revistas científicas*. Palavra Clave 17 (3), pp. 895-919. DOI: 10.5294/pacla.2014.17.3.14

- Tur Viñes, V., & Zacipa Infante, I. (2013). *Representaciones infantiles de género en los comerciales de televisión (2011) del sector juguetes. Análisis comparativo Colombia-*

España. En A. López Gómez, & J. Soares Bezerra, Memórias do 3º Encontro de Investigadores em Publicidade – RELAIP, pp. 228-244. Sociedade potiguar de educação e cultura.

- Uribe-Jongbloed, E. (2011). *Estudios de medios de comunicación en idiomas minoritarios y la comunicación para el cambio social: diálogo entre Europa y América Latina*. Investigación y Desarrollo, 19 (1), pp. 2-25. ISSN: 0121-3261. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=268/26820752004>

- Vaz Cabral Filho, A. (2016). *Perspectiva comparada entre iniciativas de comunicación comunitaria de TV en Brasil y España: primeros apuntes*. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, 0 (132),

pp. 385 - 398. DOI: <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i132.2464>

- Vergara, E., Vergara, A. y Chávez, P. (2014). *Televisión e infancia. Una aproximación comparativa y etnográfica al consumo televisivo en niños chilenos de estratos socioeconómicos medio-alto y bajo*. Cuadernos.info, 35, 177-187. DOI: 10.7764/cdi.35.637

- Villegas, Érika Areli. (2006). *La redefinición editorial de los medios de comunicación mexicanos después de 2000. El caso de la cobertura de la Marcha Zapatista*. Comunicación y sociedad, (5), pp. 35-57. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2006000100035&lng=en&tlng=es

Referencias

- Beltrán, L. (1976). *La investigación en comunicación en Latinoamérica. ¿Indagación con anteojeras?* Caracas: Tercer Encuentro Nacional de Investigadores de la Comunicación.

- Castellanos, A. (2015). *Encuentros y desencuentros sobre las teorías de la Comunicación, el Diseño, la Publicidad y el Mercadeo*. En: Memorias del 1er Encuentro de Investigación en Comunicación: Experiencia

de Investigación en Comunicación, Diseño Gráfico, Publicidad y Mercadeo. Bogotá: Fundación Universitaria Los Libertadores.

- Durkheim, É. (1986). *Las reglas del método sociológico*. México: Fondo de Cultura Económica.

- Esser, F. y Hanitzsch, T. (2012). *Handbook of Comparative Communication Research*. New York: Routledge.

- Fuentes-Navarro, R. (2015). *Centralidad y marginalidad de la comunicación y su estudio*. Guadalajara: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente.
- Fuentes-Navarro, R. (2014). *Postgrados e investigación en comunicación en México: ¿estancamiento o evolución de la desarticulación múltiple?* Comunicación y sociedad, (22), pp. 13-51. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2014000200002&lng=es&tlng=es
- Fuentes-Navarro, R. (1991). *La comunidad desapercibida. Investigación e investigadores de la comunicación en México*. México: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente.
- Griffin, M. y Müller, M. (2012). *Comparing Visual Communication*. En: *Handbook of Comparative Communication Research*. New York: Routledge.
- Hallin, D. y Mancini, P. (2004). *Comparing media systems: Three models of media and politics*. New York: Cambridge University Press.
- Leavy, P. (2017). *Research Design: Quantitative, Qualitative, Mixed Methods, Arts-Based, and Community-Based Participatory Research Approaches*. New York: Guilford Press.
- Mellado, C. (2010). *Análisis estructural de la investigación empírica sobre el periodista latinoamericano*. Comunicación y sociedad, (13), pp. 125-147. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2010000100006&lng=es&tlng=es
- Nan, X. y Faber, R. (2004). *Advertising Theory: Reconceptualizing the Building Blocks*. Marketing Theory, 4(1-2), pp. 7-30. <https://doi.org/10.1177/1470593104044085>
- Ragin, C. (2007). *La construcción de la investigación social. Introducción a los métodos y su diversidad*. Bogotá: Siglo del Hombre.
- Torrico, E. (2016). *La comunicación pensada desde América Latina (1960-2009)*. Salamanca: Comunicación Social.
- Vidales, C. (2011). *El relativismo teórico en comunicación. Entre la comunicación como principio explicativo y la comunicación como disciplina práctica*. Comunicación y sociedad, (16), pp. 11-45. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2011000200002&lng=es&tlng=es
- Wimmer, A. y Schiller, N. (2002). *Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social*

sciences. Global Networks, 2: pp. 301-334.

DOI: 10.1111/1471-0374.00043

Comunicarse para movilizarse: teorización acerca de las prácticas etnocomunicativas del Consejo Indígena de Roraima (CIR)

Comunicar para mobilizar: ensaio teórico sobre as práticas etnocomunicativas do Conselho Indígena de Roraima (CIR)

Communicate to mobilize: theoretical essay on ethnocommunicative practices of the Indigenous Council of Roraima (CIR)

Bryan Chrystian da Costa Araújo⁵⁷

Vilso Junior Santi⁵⁸

Resumen: Con esta investigación buscamos acercarnos de las prácticas etnocomunicativas llevadas a cabo por el Consejo Indígena Roraima (CIR), para teorizarlas e identificar su lugar en el sistema local de producción del discurso. Con este fin, primero nos ocupamos de la estructuración de los movimientos sociales en Brasil y luego presentamos el llamado Movimiento de los Pueblos Indígenas. A continuación, discutimos teóricamente sobre los principios de la etno-comunicación indígena: a) La etnicidad como componente esencial; b) La territorialidad como elemento regulador; y c) Reconocimiento como fin (primero y último) - y señalamos el propio Consejo Indígena de Roraima (CIR), sus Asambleas de Tuxauas (primero) y sus Asambleas Generales (después), como

⁵⁷ Acadêmico Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), Brasil, bryancca@hotmail.com.

⁵⁸ Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), Brasil, vjrsanti@gmail.com.

cuerpos complejos de dispositivos etnocomunicativos, nos cuales los principios de la etnocomunicación indígena florecen en el sistema de discursos a nivel local.

Palabras Clave: 1. Etnocomunicación; 2. Movimiento de los Pueblos Indígenas; 3.

Consejo Indígena de Roraima.

Abstract: We seek with this research to approach the ethno-communicative practices carried out by the Roraima Indigenous Council (CIR), in order to identify the place occupied by them in the local system of speech production. In order to do so, we first deal with the structuring of Social Movements and Social Movements in Brazil, in order to present the so-called Indigenous Peoples Movement. In the sequence we identify the principles of Indigenous Ethno-communication - a) Ethnicity as an essential component; b) Territoriality as a regulatory element; and c) Recognition as an end (first and last) - and we point to the Roraima Indigenous Council (CIR), its Assemblies of the Tuxauas (first) and its General Assemblies (afterwards) as complex ethno-communication devices in which the principles of indigenous ethnocommunication flourish at the local level.

Keywords: 1. *Ethnocommunication*; 2. *Indigenous Peoples' Movement*; 3. *Indigenous Council of Roraima*.

Introducción

Desde los datos del censo de 2010 publicados por el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE), Roraima ha sido reconocido como el estado con, proporcionalmente, el mayor número de indígenas en el país, alrededor del 11% de población. El número de habitantes en el

estado al momento de la encuesta era de 450.479 personas. De estos, un total de 55.922 se declararon indígenas, siendo 28.763 hombres (51,4%) y 27.159 mujeres (48,6%).⁵⁹

El gran contingente de residentes nativos auto declarados en el estado nos proporciona pistas valiosas sobre la importancia de los indígenas y sus movimientos para la región y, en consecuencia, sobre la importancia de la

⁵⁹ Distribuição Espacial da População Indígena. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/verso_mapa_web.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2018.

promoción de estudios referentes a los espacios culturales, las cuestiones sociales, políticas y económicas que contemplan el tema.

En el contexto específico de esta investigación, discutimos las prácticas comunicativas llevadas a cabo por el Consejo Indígena de Roraima (CIR) para identificar su espacio en el sistema de producción del discurso. En el ámbito de la comunicación, la identificación del espacio de tales prácticas (de resistencia y enfrentamiento) y su teorización es sumamente pertinente, ya que se percibe (a priori) que, las discusiones relacionados con el Movimiento Indígena en los principales medios de comunicación y en la academia son mínimos o irrelevantes.

Por conformar un movimiento de extrema relevancia cultural y política (el Movimiento de los Pueblos Indígena), el Consejo Indígena de Roraima - y sus prácticas etnocomunicativas - son de grande importancia para los pueblos originarios de la región y para las discusiones de comunicación en nivel local. Pues, tales prácticas etnocomunicacionales acaban por rescatar un concepto ampliado de la comunicación, trabajando con la idea de comunicación en movimiento y tratando de dar visibilidad a

formas de comunicación no convencionales, pero consagradas en estos espacios.

Metodología

Nuestra problemática de estudio tiene complejidades que implican en la convergencia de diferentes disciplinas teóricas para hacer enfoques sólidos sobre el problema de investigación. Basado en eso, la arquitectura metodológica del estudio ubica la comunicación en el campo de las prácticas culturales y se apropia de los principios teórico-metodológicos estructurados por Santi (2014) - da Historización (primero) e Praxeológico (después) - con la expectativa de establecer un camino que ayude a comprender las relaciones entre los campos social y mediático-comunicacional.

En la primera parte del estudio, utilizamos el principio de la Historización para entender los conceptos y la relación entre los significados estructurados en lo que ya se ha publicado (y lo que se encuentra a través de la investigación bibliográfica). Este principio autorizo una reorganización de los conceptos accionados; una otra organización que intento localizar social, cultural e históricamente los aportes de la investigación.

En la segunda parte utilizamos el principio Praxilógico para entender las articulaciones

entre la teoría y las prácticas etnocomunicativas gestionadas por el Consejo Indígena de Roraima (CIR). Relacionamos esta fase de la pesquisa con la organización e interpretación de los datos obtenidos en la investigación, a partir de las Asambleas de Tuxauas y de las Asambleas

El Movimiento de los Pueblos Indígenas

Los pueblos indígenas han reaccionado históricamente a la ocupación de sus territorios tradicionales y se han articulado en la defensa de sus culturas. Los nativos tienen una historia de resistencia y luchas que se distinguen por la situación social y económica del país: inicialmente lucharon contra la colonización europea y más tarde contra las oligarquías agrarias brasileñas y sus reivindicaciones de avance económico sobre las tierras indígenas.

En su nacimiento, las movilizaciones de estos pueblos fueron aisladas y puntuales, limitadas a la confrontación de desafíos inmediatos y a las defensas particulares de comunidades y grupos étnicos específicos. Desde el período de la colonización europea hasta mediados de 1889 con la institución de la República en el Brasil, los Pueblos Indígenas sirvieron a los intereses de los que

Generales, ya que el principio praxiológico está vinculado a la búsqueda de una construcción que aproxima los diferentes contenidos de tales prácticas, con los diversos materiales significativos que aparecen en su concepción y actuación (SANTI, 2014).

controlaban el poder: sea como una herramienta de trabajo esclavo; una barrera viviente ya que impedían la penetración de enemigos en las fronteras; un contingente estratégico para la ocupación del territorio; o, mano de obra barata para los agricultores y ganaderos invasores (PERRONE-MOISÉS, 1992).

En la República, una nueva postura (aún más capitalista) orientada tanto a la expansión del comercio y la industria como al avance de la economía agrícola, favoreció la aceleración de la ocupación económica de las tierras indígenas por invasores y los recurrentes (y violentos) enfrentamientos entre indígenas y no indígenas.

Según Stauffer (1959: 165), este contexto no comenzó a cambiar hasta 1908. En este año, durante el XVI Congreso de Americanistas celebrado en Viena, el Brasil fue acusado públicamente de masacrar indios. Con la premisa de resolver el

“problema indígena” convirtiendo a los nativos en trabajadores nacionales a través de un proceso civilizatorio, el 20 de junio de 1910 se creó el Servicio de Protección de Indios y Localización de Trabajadores Nacionales (SPILTN) - a partir de 1918 sólo SPI.

Como afirman Nötzold y Bringmann (2013), la idea de la tutela, consolidada por el SPI, no estaba relacionada con la defensa de los Pueblos Indígenas y sus territorios tradicionales o el mantenimiento de sus culturas y etnias, sino que estaba vinculada a una lógica de avance del capital y de los intereses políticos y económicos de la burguesía nacional. En resumen, la intención del SPI era concluir, aunque de manera menos violenta, el proceso de poner a disposición amplios territorios indígenas para su adecuada ocupación económica por parte de los blancos.

A mediados de la década de 1960, bajo cargos de violencia, genocidio e ineficiencia, el SPI fue investigado por una Comisión Parlamentaria de Investigación (CPI). El proceso dio espacio a la destitución de varios funcionarios y personal de todas las categorías, incluidos los antiguos directores. Las investigaciones del SPI coinciden en el tiempo con la reformulación estatal llevada a

cabo por la Dictadura Militar en Brasil (después de 1964).

Conforme Freire e Oliveira (2006), durante este período se fortaleció la propuesta de crear un nuevo órgano de tutela encargado de los Pueblos Indígenas, con el deber de viabilizar la aculturación de los nativos y acelerar su integración económica. En 1967, se suprimió el Servicio de Protección al Indio (SPI) y en su espacio se creó la Fundación Nacional del Indio (FUNAI).

Según Baines (2012), aunque a su manera, los organismos indígenas federales son los precursores de una nueva postura política de trato con los pueblos e individuos nativos, más respetuosa y preocupada por el destino de las comunidades contactadas. Además, los nuevos frentes de contacto interétnico promovidos por ellos, al tiempo que antagonizaban las culturas tradicionales de los nativos, permitieron a los líderes y sujetos indígenas entrar en contacto con las lógicas de confrontación de la sociedad externa.

Paralelamente a la FUNAI, la Iglesia Católica creó en 1972 el CIMI (Consejo Misionero Indígena) que comenzó a trabajar con los indígenas de diversas regiones del país, en las reivindicaciones de su derecho a la tierra y el reconocimiento de seguir siendo indígenas. La Iglesia Católica también se

encargó de convocar y organizar las primeras Asambleas Indígenas para debatir las demandas relacionadas con la demarcación de las tierras y la participación efectiva de los sujetos indígenas en las políticas públicas para su pueblo.

Fueron estas reuniones las que permitieron el conocimiento de los diferentes grupos étnicos del país y su reconocimiento en la lucha por una causa común. Estas acciones fortalecieron sus causas, creando el camino que estructuraría el actual Movimiento de los Pueblos Indígena. La fundación de la Unión de Naciones Indígenas (UNI) en 1979 es el primer resultado de estas articulaciones realizadas durante las reuniones. La UNI buscó consolidar las demandas de los diferentes grupos étnicos y hacer alianzas con los movimientos de apoyo a los indios del país (SANTOS, 2016).

Después de la creación de la primera organización de representación nacional, el Movimiento de los Pueblos indígenas recurren a la consolidación de las entidades locales y regionales. Así es como en 1984, en Roraima, se creó el Consejo Indígena del Territorio de

Roraima (CINTERR), que en agosto de 1990 se convertiría en el actual Consejo Indígena de Roraima (CIR).

En Brasil, la Constitución Federal de 1988, llamada Constitución Ciudadana, también representó una importante victoria para los movimientos sociales indigenistas. La Carta Magna estableció el reconocimiento de los Pueblos Indígenas y el derecho sobre sus tierras como derechos originales⁶⁰ - antes de la creación de lo estado nacional. Además, la constitución aseguró a los nativos el derecho a seguir siendo indios y a preservar sus etnias, culturas, idiomas y formas tradicionales de organización diezmadas por siglos de contactos interétnicos e intentos de aculturación.⁶¹

Hoy, junto con la pandemia de Covid-19, los Pueblos indígenas de Roraima ten de enfrentar una nova olla de invasión de sus territorios. Este comportamiento ilegal es incluso incentivado pela FUNAI e pelo presidente extremista Jair Messias Bolsonaro. Según los datos de la FUNAI⁶² y del Instituto Socioambiental (ISA),⁶³ en el Brasil hay unas 300 aldeas en 721 territorios

60 Parágrafo 1º. do artigo 231 da Constituição. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 de jun. de 2018.

61 Caput do artigo 231 da Constituição: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 de jun. de 2018.

62 Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/terras-roraima>>. Acessado em 15 de nov de 2019.

63 Disponível em <<https://terrasindigenas.org.br/>>. Acessado em 15 de nov de 2019.

indígenas en diferentes etapas del proceso de demarcación. Hay 118 TI en estudio; 43 TI identificadas; 74 TI homologadas y declaradas por el Ministro de Justicia; y 486 TI homologadas y reservadas por la Presidencia de la República.

En Roraima, la población indígena pertenece a nueve grupos étnicos principales: las comunidades Macuxi, Wapichana, Wai-Wai, Taurepang, Patamona, Saporá, Yanomamy, Ingaricó y Y'ekuana, distribuidas en 33 Tierras Indígenas demarcadas. La mayoría de las TIs homologas en Roraima

Las Prácticas Etnocomunicativas del CIR

El Consejo Indígena de Roraima (CIR), en conformidad con los términos del Artículo 232 de la Constitución Federal Brasileña, es una organización indígena de la sociedad civil, sin fines de lucro o lazos políticos y religiosos, creada para actuar en defensa de los derechos indígenas garantizados por la ley, en el fortalecimiento de los pueblos y en la toma de decisiones políticas en busca de autonomía cultural y económica.

El Movimiento se reúne en torno a acciones colectivas en busca de oportunidades políticas que normalmente no los tiene (TARROW, 1997). Estas oportunidades en

están demarcados en formas de isla. Sólo las TIs São Marcos, Yanomami y Raposa Serra do Sol están demarcados continuamente (BETHONICO, 2015).

Según Cunha (1985) es en este contexto belicoso que los pueblos indígenas de Roraima y el país empiezan a reclamar más respeto por sus culturas y etnias. Es a partir de este proceso de conocimiento y reconocimiento que el Movimiento de los Pueblos Indígena se configura como un movimiento étnico, distinto de otros movimientos sociales nacionales.

este caso están relacionadas principalmente con los derechos originarios a las Tierras Indígenas (TI), hoy garantizados por la Constitución Federal, a individuos étnicamente distintos que ocupan el territorio brasileño desde antes de la formación de la Federación.

En Roraima, a partir de la década de 1970, los nativos del noreste del estado comenzaron a organizarse políticamente a través de las Asambleas de Tuxauas (como se les llamó las primeras Asambleas Indígenas de la región). Es en su décima reunión, celebrada en 1987 en la Misión Surumu, que se crea el Consejo Indígena del Territorio de Roraima (CINTER), que, desde el 30 de agosto

de 1990, pasa a ser llamado Consejo Indígena de Roraima (CIR).

La organización de estas instituciones tiene un gran valor, ya que fueron creados para establecer una articulación con el poder político y con la sociedad nacional, asegurando una mayor legitimidad para los líderes del Movimiento Indígena frente a las presas al Estado. La creación del CIR, hoy la mayor entidad representativa de los nativos en Roraima, fue resultado de una estrategia política de los pueblos indígenas (especialmente los Macuxi, Wapichana y Taurepang) para hacer frente a los abusos y la violencia sufridos durante años por aquellos que insistieron en ocupar ilegalmente su territorio.

En su origen, el CIR estuvo directamente relacionado con la lucha por la demarcación continua de las Tierras Indígenas en Roraima y, como resultado, su trayectoria histórica tiende a alinearse con la demarcación de la TI Raposa Serra do Sol. Esto se debe a que el CIR es responsable de muchas de las acciones de ocupación del territorio, como el proyecto ganadero que tenía como objetivo mejorar la disponibilidad de alimentos en las

comunidades indígenas y ocupar permanentemente los TIs.

Otro logro del CIR como representante del Movimiento Indígena en Roraima es el derecho a una educación diferenciada, que respeta sus culturas tradicionales, garantizada por la Constitución de 1988, que fue implantada en escuelas ubicadas en sus comunidades. En 2001, el Núcleo Insikiran, más tarde el Instituto Insikiran, también fue inaugurado en la Universidad Federal de Roraima (UFRR), con el fin de permitir la formación profesional de maestros indígenas capaces de contribuir a la educación de sus comunidades⁶⁴.

Como institución, el CIR desempeña un papel indispensable en el mantenimiento del Movimiento de los Pueblos Indígenas en Roraima, ya que organiza movilizaciones y acciones colectivas y ayuda en la integración de las comunidades y grupos étnicos del Estado. La entidad tiene un papel central en la toma de decisiones frente a la sociedad nacional, además de contar con una estructura básica para defender las reivindicaciones indígenas.

Santilli (2001) explica que debido a que es una organización sin fines de lucro, el Consejo

⁶⁴ En la actualidad, el Instituto cuenta con tres cursos de pregrado en educación superior para pueblos indígenas: Grado Licenciatura Intercultural; en Gestión Territorial Indígena, y en Gestión de la Salud Indígena. Disponible en <<http://ufr.br/insikiran/>>. Acessado em 15 de nov de 2019.

Indígena depende del apoyo de organizaciones externas, la mayoría de las veces vinculadas a la Iglesia Católica, financiamiento internacional, o incluso el apoyo de agencias gubernamentales como la FUNAI. Su actuación está garantizada en los 33 Tierras Indígenas y en las 465 comunidades indígenas de Roraima de los grupos étnicos: Macuxi, Wapichana, Wai-Wai, Taurepang, Patamona, Sapará, Yanomamy, Ingaricó y Yekuana.

La gestión territorial y organizativa del Consejo Indígena de Roraima está constituida por cinco órganos de deliberación: Asamblea General; Consejeros Regionales; Consejo Fiscal; Coordinación Ampliada; y, Coordinación General⁶⁵. Desde estas áreas es importante destacar la organización continua de las Asambleas Generales (antigua Asamblea de Tuxauas) que se dirige a su 50a edición y sigue siendo la primera instancia de la toma de decisiones.

Las Asambleas de los Tuxauas (primero) y las Asambleas Generales del CIR (después), además de ser fundamentales para la creación y consolidación de los diversos órganos de representación indígena en Roraima, han funcionado a lo largo de los años como complejos dispositivos de etnocomunicación donde florecen los

principios de la etnocomunicación indígena a nivel local. Esto se debe a la importancia política, organizativa y deliberativa de este órgano para las causas del movimiento indígena en el Estado.

Por consiguiente, las asambleas son complejos dispositivos de etnocomunicación y funcionan en sentido contrario a los movimientos de aculturación y se ocupan de la actualización de las afiliaciones étnicas y de los nuevos regímenes de visibilidad y reconocimiento de la identidad y el territorio, combinando acciones políticas en una configuración social distinta.

En esta estructura organizativa observamos la prevalencia del modelo político indígena para la toma final de medidas y la constitución de un estándar de la sociedad nacional para el diálogo con entidades externas. Sobre el patrón de organización de los pueblos indígenas Santilli (2001) observa la constitución de una nueva representación política que pasa de los formatos de las comunidades a una jerarquía vertical.

En relación con su infraestructura operativa, el Consejo Indígena de Roraima tiene su propia sede en Boa Vista - Roraima. Su sede en la capital está justificada debido a la facilidad para articular acciones junto con

⁶⁵ Disponível em <<http://www.cir.org.br/>>. Acessado em 15 de nov de 2019.

el gobierno y otras entidades. Actualmente el CIR cuenta con los siguientes departamentos en funcionamiento: Departamento Jurídico; Departamento de Mujeres Indígenas; Departamento del Medio Ambiente; Departamento Administrativo y Financiero; y, el Departamento de Comunicación.

Más que una institución autóctona, el Consejo Indígena de Roraima actúa como elemento indispensable para la organización y estructuración del Movimiento de Pueblos Indígenas de Roraima, siendo la principal entidad representativa de sus acciones colectivas. A través de sus actividades, el CIR demuestra ser una herramienta para contactar y movilizar a los grupos étnicos y comunidades del Estado y lo responsable de comunicarse con los frentes de las actividades del movimiento a nivel nacional, garantizando su singularidad e integralidad.

En Roraima, el CIR ha sido el principal frente de acción del Movimiento de los Pueblos Indígenas, dinamizando los principios de la etnocomunicación, organizando y movilizando acciones colectivas contra sus

antagonistas sociales, asegurando la permanencia de los derechos de las comunidades y personas nativas y la reivindicación de nuevas solicitudes conjeturales.

Dicho esto, las prácticas etnocomunicativas ejecutadas por el CIR surgen y se fortalecen a partir de un contexto histórico marcado por la lucha y la resistencia, estando localizadas geográficamente y orientadas ideológicamente. Así, no podemos dejar de señalar que, en la demanda de nuevos procesos de representación, las prácticas etnocomunicativas indígenas relacionan el contexto sociocultural específico de los nativos americanos y sus pretensiones políticas en un arreglo comunicacional específico que utiliza la etnicidad como elemento indispensable que beneficia la solidaridad de los grupos que tienen una lucha en común, marcada, en este caso, por la demarcación y homologación de las tierras indígenas.

Los Principios de la Etnocomunicación Indígena

Estas postulaciones históricas, según informa Roberto Oliveira (2005),

establecieron las bases para la creación del movimiento étnico. Para el, fueran las reivindicaciones de reconocimiento afirmadas en este tiempo lo que pasó a ser conocido

conoció como el Movimiento de los Pueblos Indígenas a escala nacional. Este movimiento surge en el país, marcado por las demandas políticas, territoriales y económicas; así como para la lucha por el respeto de la identidad étnica de las naciones indígenas.

Estas ponderaciones, junto con las observaciones de las prácticas comunicativas del Consejo Indígena de Roraima (CIR), sus Asambleas de Tuxauas (primero) y sus Asambleas Generales (después), también nos permitirán señalar lo que teóricamente llamamos los principios generales de la etnocomunicación, practicados por el CIR y pelo Movimiento de los Pueblos Indígenas en Brasil: a) La etnicidad como componente esencial; b) La territorialidad como elemento regulador; y c) El reconocimiento como la finalidad (primera y última).

Según Bartolomé (2006), son los procesos de etnicidad, basados en fenómenos de etnogénesis, los que atribuyen originalidad al Movimiento de los Pueblos Indígenas y sus prácticas. El autor (2006, p. 40) se refiere a la etnogénesis como "[...] un proceso histórico constante que refleja la dinámica cultural y política de las sociedades anteriores o exteriores al desarrollo de los estados nacionales actuales". Este es el caso de los Pueblos Indígenas: un grupo previo a la

formación de sociedades de inspiración nacional en el continente americano.

Conforme Rocha (2011) el término etnogénesis se adopta para dar cuenta de los procesos históricos de configuración de las colectividades étnicas. Más recientemente, se ha utilizado para dar cuenta de los procesos de emergencia social y política de grupos tradicionalmente sometidos a la dominación. Es, por lo tanto, un término conceptualmente controvertido utilizado para describir la constitución de los (nuevos) grupos étnicos.

A partir de la década de 1970, a través de las Asambleas y la constitución de organizaciones indígenas, la población nativa de Brasil comenzó a reconocerse como un pasado común de lucha y resistencia. Desde entonces, el Movimiento de los Pueblos Indígenas empezó a trabajar de manera más articulada e integrada con los diferentes grupos étnicos en el país, utilizando la etnia como "[...] lenguaje que favorece la solidaridad grupal, más de una manera que no oculta los intereses comunes específicos por los cuales la lucha es conducida" (POUTIGNAT y STREIFF-FENART, 1998: 96).

De acuerdo con Bartolomé (2006: 43), la etnogénesis, en esta perspectiva, "[...] se presenta como un proceso de construcción de una identificación compartida, basada en una

tradición cultural preexistente o construida que puede sostener la acción colectiva".

Para Miguel Bartolomé (2006), la incomodidad ante la etnicidad (y los Movimientos Indígenas) radica en la objetivación de un estado nación en el que prevalece una estrategia de homogeneización cultural, según la cual la defensa de un grupo étnico puede ser percibida como una traición al estado. La etnogénesis trata, por tanto, de "[...] la dinamización y actualización de las antiguas afiliaciones étnicas a las que sus portadores habían sido inducidos u obligados a renunciar" (BARTOLOMÉ, 2006: 45).

Para Bartolomé (2006), esta recuperación étnica reclamada por lo Movimiento de los Pueblos Indígenas es la clave para ganar oportunidades políticas colectivas en sus respectivas comunidades, o que atesta la centralidad de la etnicidad como componente esencial de las prácticas etnocomunicativas del Movimiento de los Pueblos indígenas y del Consejo Indígena de Roraima.

Desde este ángulo, la etnogénesis revela que los procesos socioculturales encabezados por los grupos étnicos son generalmente seguidos por la aspiración a la agregación política que implica, conjuntamente, la búsqueda del fortalecimiento de la configuración social a la

que se pertenece para hacerla viable y proyectarla más allá de un determinado momento.

Desde esta perspectiva, la etnia, según Cunha (1985) y Fredrick Barth (1969), puede entenderse como una forma de organización sociopolítica y de cultura utilizada por los grupos sociales para los que es pertinente. Según los autores, la cultura y la identidad no son elementos fijos, sino que están en constante mutación, resignificándose según las necesidades del grupo, provocando acciones y reacciones en estos grupos (y en otros), apoyados por una organización social que no deja de evolucionar. De esta manera, la lucha por el respeto de una identidad étnica colectiva distinta asume "una nueva función, esencial y añadida a las demás, al tiempo que se convierte en una cultura del contraste" (CUNHA, 1985: 101).

Urban y Sherzer (1991), por su vez, añaden que las comunidades étnicas pueden entenderse como grupos de interés común que compiten por los recursos y que movilizan con este fin los aspectos etnoculturales y los procesos etnocomunicacionales (lenguas, danzas, rituales, vestimenta). Basándose en esta lógica, Cunha (1987) señala que la etnia es utilizada por los grupos de interés como un lenguaje y una forma de organización política,

sobre todo porque permite la comunicación y porque tiene una retórica propia e invoca una cultura, unos objetivos y un origen comunes para delimitar los límites del grupo.

La etnia actúa, en este marco, como elemento de movilización política y cultural y utiliza los procesos etnocomunicativos y culturales como estructura del proceso de identificación y diferenciación (HALL, 2009) basado en tradiciones preexistentes o esenciales para la alimentación de acciones colectivas.

El segundo principio general de las prácticas etnocomunicativas indígenas que identificamos en la agencia del Consejo Indígena de Roraima es la territorialidad, que funciona como su elemento regulador. Pues, según Bartolomé (2006), en el caso del Movimiento Indígena, la territorialización es la base del movimiento étnico y de sus obras.

Conforme Zuñiga Navarro (1998) la cuestión de la territorialidad en las reivindicaciones del Movimiento Indígena contiene básicamente dos dimensiones: la del espacio y la de los procesos. La primera dimensión (del espacio) se expresa en una demanda directa por el uso de recursos de determinado territorio natural. Ya la segunda dimensión se expresa, por una parte, en el reclamo por el control sobre los procesos de

orden político, económico, social y cultural (por los cuales se asegura la reproducción y continuidad material y cultural del grupo en cuestión), y, de otra parte, en el reclamo de que tales procesos estén regidos y se lleven a cabo según la normatividad propia de los pueblos indígenas.

El espacio considera el territorio como un sistema continente de recursos y elementos espaciales, naturales y transformados. La segunda dimensión, en tanto, considera el territorio como un espacio jurisdiccional en el contexto del cual tienen vigencia un conjunto de derechos colectivos cuyo titular es el pueblo indígena. Es, por tanto, en la dimensión de los procesos que se basan las prácticas etnocomunicativas indígenas y su activación en el Consejo Indígena de Roraima.

Saquet (2010), al enumerar teóricos y paradigmas que hablan sobre la territorialidad, indica que ellos siempre la asocian a las discusiones de identidad y, para el caso en cuestión, también con el origen étnico y las prácticas comunicativas indígenas. Becker (1998), por otro lado, afirma que la territorialidad en el caso de la Amazonía establece límites a la acción de las institucionalidades tradicionales y por esta razón abre espacios para la constitución de

otras territorialidades, fundamentales para la configuración espacial de la región.

Creemos que este conjunto de intereses contradictorios que, por un lado, presta fragmentación a la noción de territorialidad amazónica, por otro lado, da fuerza a la diversidad geográfica espacial regional. Pues es a partir de la idea de la diversidad geográfica espacial regional que la noción de territorialidad gana la fuerza que presta a las prácticas etnocomunicativas indígenas en este contexto a las que se hace referencia territorialmente.

Utilizando la historia de la ocupación regional, Vieira (2007) recuerda que la noción de territorialidad también emula la idea de conflicto (principalmente entre religiosos, agricultores, mineros de oro y los pueblos indígenas). Estas tensiones permanecen hasta hoy y prestan las prácticas etnocomunicativas indígenas del Consejo Indígena de Roraima y los discursos que transmiten, su tono característico de confrontación, expresado tanto en sus reuniones y asambleas generales, como en su material informativo (ya sean noticias, boletines, informes, notas de repudio, etc.).

Para Souza (2003), los territorios son el resultado de las relaciones de poder proyectadas en un espacio determinado,

configurando así la territorialidad. Para él, en el singular, la territorialidad expresa las relaciones de poder delimitadas en un espacio (territorio) determinado. Las territorialidades, en plural, expresan, por lo tanto, las relaciones dinámicas y flexibles de la sociedad con un espacio determinado. Los territorios de los pueblos indígenas de Roraima, por ejemplo, son el resultado de las relaciones de ocupación (poder) proyectadas en un espacio determinado. Es decir, la territorialidad indígena representa la ocupación de estos territorios originales.

Por su vez, Rogério Haesbaert (2002) no propone la discusión del concepto de territorio como punto de partida de su análisis, sino que trabaja sobre la concepción de la territorialización, entendida por él como las múltiples formas de apropiación concreta y/o simbólica del territorio, que interactúan con elementos económicos, culturales, sociales y ecológicos. Trabajando en el proceso de desterritorialización de las sociedades, Haesbaert (2004) analiza el papel de la identidad territorial frente a la globalización, descrita por él como un proceso de desarraigo y homogeneización.

La reivindicación de territorios tradicionales por parte de las poblaciones indígenas puede ser un ejemplo de este

proceso de desarraigo del mundo global. En vista de ello, el autor señala que la identidad territorial de los grupos étnicos se construye a través de las territorialidades, descritas por Raffestin (1993) como el reflejo de las relaciones multidimensionales entre lo social y el territorio. Oliveira (2004) se apropió de este concepto en su análisis etnológico de los grupos indígenas que viven en el noreste del Brasil, tomando como punto de partida las contribuciones de Barth (1969) en sus estudios de las fronteras étnicas.

En este sentido, la territorialización llega a involucrar un proceso de reorganización social que implica:

1) la creación de una nueva unidad sociocultural mediante el establecimiento de una identidad étnica distintiva; 2) la constitución de mecanismos políticos especializados; 3) la redefinición del control social sobre los recursos ambientales; 4) la reelaboración de la cultura y la relación con el pasado (OLIVERIA, 2004: 55).

En resumen, el proceso de territorialización descrito por el autor estaría asociado a el movimiento a través del cual las comunidades indígenas se están convirtiendo en una colectividad organizada, engendrando su propia identidad étnica, estableciendo procedimientos de representación y

(re)elaborando sus afinidades culturales, lingüísticas y comunicacionales, así como los vínculos históricos existentes entre los miembros de esta unidad (OLIVEIRA, 2004).

Así pues, esta pesquisa apunta que las prácticas etnocomunicativas indígenas actúan en sintonía con el un proceso de territorialización simbólica de los territorios tradicionales, utilizando la territorialidad como elemento regulador para expresar las relaciones de poder en un espacio y un tiempo determinados.

Las practicas etnocomunicativas del Movimiento de los Pueblos indígenas, también están aliñadas según Bartolomé (2006), a los procesos de reconocimiento como su finalidad (primera y última). Ellas están en línea con el reconocimiento de derechos anteriormente denegados, como el derecho a la demarcación y homologación de las tierras, y, principalmente a el desarrollo de un nuevo individuo político dispuesto a manifestarse como indio y a ser reconocido como tal.

Bartolomé (2006) insinúa que este nuevo sujeto indígena se inserta en los movimientos sociales y en la competencia por los recursos, aprovechando las ventajas del discurso étnico y sus derechos constitucionales. Por esto hablamos aquí, en acurdo con Lizondo (2018) de prácticas etnocomunicativas como

aquellas prácticas de “comunicación con identidad” relacionadas as actividades comunicativas ejercidas por los pueblos originarios, representados en este caso por el Consejo Indígena de Roraima.

Tales prácticas de comunicación con identidad, segundo Grimson (2001: 39), podrían ser caracterizadas a partir de tres aspectos principales: pela conformación de un campo de interlocución propio; pela movilización de cajas de herramientas identitarias y pela búsqueda de emprestar sentido a las categorías manejadas en la interlocución.

Conforme Grimson (2001) un campo de interlocución es un marco dentro del cual ciertos modos de identificación y su distribución desigual del poder son posibles (mientras otros quedan excluidos). Ya la creación y manejo de categorías, pueden ser definidas como “caja de herramientas identitarias” que pueden ser accionadas en los diferentes contextos y que cobran fuerza en algunos momentos y en otros la pierden. Grimson (2001: 45) alerta sin embargo que “los sentidos de cada una de las categorías son uno de los principales objetos de disputa en la lucha social”.

Son tales categorías, tomadas como herramientas y su accionamiento como

prácticas que conforman la llamada “comunicación con identidad” – una forma de comunicación que diferencia para prácticas de comunicación del Movimiento de los Pueblos Indígenas y del CIR de otras prácticas comunicativas similares.

En su investigación sobre el tema Oliveira (2011) trabaja sobre la identidad étnica asociada a la idea moral de reconocimiento, considerando ésta última como la instancia de expresión del respeto (o falta de respeto) a las minorías étnicas en relación con las sociedades nacionales. Esta discusión se basa también en la digresión de Honneth (2004:140) sobre la diferencia entre los conceptos de conocimiento y reconocimiento. Según el autor el conocimiento de una persona sería un acto mental y no necesariamente público, mientras que el reconocimiento necesita medios de comunicación que declaren el hecho de que la otra persona es vista como poseedora de un “valor” social.

Oliveira (2011) señala que la identidad étnica de los pueblos indígenas de Brasil se destaca por la gran distancia cultural entre los pueblos nativos y la sociedad nacional. Aunque reflexiona que, desde el decenio de 1970, los indígenas han exigido el respeto de sus formas de ser, asumiendo lo que el autor

denomina "ideología de creciente autoestima", caracterizada principalmente por la demanda de reconocimiento de las identidades étnicas y el derecho a la plena ciudadanía. En resumen, el autor afirma que el reconocimiento de las identidades étnicas es utilizado por los pueblos indígenas para sostener la lucha por los derechos y la ciudadanía.

Desde este punto de vista, reconocemos a la etnocomunicación indígena como una de las formas en que los pueblos indígenas expresan el reconocimiento de sus identidades étnicas y se declaran poseedores de valor social. El reconocimiento étnico es, por lo tanto, el propósito (primero y último) del movimiento de los pueblos indígenas y, por lo tanto, la razón de sus prácticas etnocomunicativas. La etnocomunicación, en esta perspectiva, se presenta entonces como la base del proceso de la construcción, no sólo de una identidad, sino de una matriz de identificación compartida, basado en tradiciones culturales preexistentes o (re)construidas - fundamental para sostener las acciones de clase.

La comunicación practicada por los Pueblos Indígenas y su Movimiento es, por lo tanto, filosóficamente orientada, ubicada geográficamente y políticamente útil, para el

establecimiento de un nuevo individuo, dispuesto a demostrarse como indio y ser reconocido como tal. Esta comunicación va en la dirección opuesta a los movimientos de aculturación y trata muy bien con la actualización de las afiliaciones étnicas, a las que sus titulares a menudo se vieron obligados a renunciar. Se trata, por lo tanto, de los nuevos regímenes de visibilidad política del sujeto indígena y sus movimientos en la sociedad.

La etnocomunicación indígena combina procesos socioculturales, aspiraciones políticas en una configuración social específica, previamente eliminada de la estructura macro social, para hacerla visible y proyectarla más allá de las sociedades anteriores, posteriores o exteriores, causando incomodidad.

La etnocomunicación indígena es, por lo tanto, comunicación de contraste; comunicación transfronteriza; comunicación de diferencias; y, comunicación intemporal, porque se basa tanto en el presente como en el pasado y el futuro. Funciona en contra de la objetivación (y homogeneización) de lo comunicativo y para comunicar utiliza las ventajas del discurso étnico, en un lenguaje que favorece el intercambio y la solidaridad universal.

Consideraciones finales

Este estudio demuestra la relevancia de los movimientos sociales organizados por los pueblos indígenas para la conquista del espacio político, cultural y social en la región amazónica brasileña. Contrariamente a lo que muchos piensan fuera de la región, este espacio no está todavía dado, ni garantizado. Sin embargo, el gran número de residentes nativos en el Estado de Roraima y la región más septentrional de Brasil no significa una mayor o mejor fidelidad en el enfoque del Movimiento de los Pueblos Indígenas en el discurso que circula a nivel local.

La mayoría de las representaciones de la cultura y la vida cotidiana de las poblaciones autóctonas son construcciones idealizadas por personas u organizaciones inmersas en contextos socioculturales específicos y distintas de las que experimentan las comunidades. Por consiguiente, la exactitud de estas representaciones y su relación con los representados está sujeta a incertidumbre.

Es en este escenario donde las prácticas etnocomunicativas indígenas emergen y se consolidan – orientadas filosóficamente, localizadas geográficamente y políticamente útiles. En la búsqueda de nuevos regímenes

de visibilidad, la etnocomunicación indígena combina así procesos socioculturales y aspiraciones políticas en una configuración comunicacional específica y para ello utiliza de la etnicidad como componente esencial; de la territorialidad como elemento regulador; y del reconocimiento como fin (primero y último). Por lo tanto, acciona lo que llamamos principios generales de etnocomunicación indígena.

Constatamos, a partir de la investigación, que en la práctica el propio Consejo Indígena de Roraima (CIR), sus Asambleas de Tuxauas (primero) y sus Asambleas Generales (después), funcionan como complejos dispositivos etnocomunicacionales, en que los principios de la etnocomunicación indígena florecen a nivel local. La investigación de tales asambleas es así, importante tarea para secuenciar el trabajo de investigación que nos propusimos.

Por último, debemos destacar que la etnocomunicación indígena es, por lo tanto, comunicación de contraste; comunicación a través de las fronteras (étnicas por lo menos); comunicación de las diferencias; y comunicación atemporal (con otra forma de contabilizar el tiempo). Ella trabaja en contra de la objetivación de comunicativo y utiliza las

ventajas del discurso étnico en un idioma que favorece el compartir y la solidaridad universal.

Bibliografía

Araújo, B.; Santi, V. (2019). *Comunicar para mobilizar: as práticas etnocomunicativas do Conselho Indígena de Roraima*. Trabalho apresentado no XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

Baines, S. G. (2012). *O movimento político indígena em Roraima: identidades indígenas e nacionais na fronteira Brasil-Guiana*. Caderno CRH, 25(64), 33-44.

Barth, F. (1969). *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Waveland Press.

Bartolomé, M. A. (2006). *As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político*. Mana, 12(1), 39-68.

Becker, B. K. (1998) *Amazônia*. São Paulo: Ed. Ática.

Bethonico, M. (2015). *A gestão dos territórios indígenas em ilha de Roraima: algumas reflexões sobre a realidade socioespacial*. in: XV Encontro de Geógrafos de América Latina, Havana.

Cunha, M. M. L. C. D. (1985). *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense.

Freire, C. A. D. R., & Oliveira, J. P. D. (2006). *A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*.

Grimson, A. (2001). *Interculturalidad y comunicación*. Colombia: Norma.

Haesbaert, R. (2004). *O Mito da Dessertorialização: Do Fim dos Territórios à*

Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand.

Haesbaert, R. (2002). *Territórios alternativos*. Editora Contexto.

HALL, S. (2009). Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*, 103-133.

Lizondo, N. L. (2018). *La comunicación con identidad. Regulaciones y un estudio de caso*. Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones", 11(2), 50-65. Doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.5745>

Nötzold, A. L. V., & Bringmann, S. F. (2013). *O Serviço de Proteção aos Índios e os projetos de desenvolvimento dos Postos Indígenas: o Programa Pecuário e a Campanha do Trigo entre os Kaingang da IR7*. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 5(10).

Oliveira, R. C. (2011). *Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral*. *Revista Antropológicas*, 16(2).

OLIVEIRA, J. P. D. (2004). *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa/LACED.

Perrone-Moisés, B. Índios (VI a XVIII) In: Cunha, M. C. (Org) (1992). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 115-132.

Pontignat, P., & Streiff-Fenart, J. (2011). *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de E. Fernandes. São Paulo: UNESP.

Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática.

Rocha, L. M. (2011). *Processos de Etnogênese no Brasil Contemporâneo: etnicidade e identidades*. In: *Etnicidade, identidade e fronteiras políticas: processos de etnogênese no Brasil contemporâneo*. (Org). José Maria Rodrigues. Centro de Postgrado e invesgación Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción Centro Cult, 2011, v, 1, p. 59- 80.

Sauffer, D. H (1959). *Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios*. *Revista de*

História (RH): Revista de História, 18(37), 73-96.

Santi, V. (2014). *Princípios teórico-metodológicos para entrever Mediação e Midiatização*. Seminário Internacional de Metodologías Transformadoras de la Red AMLAT, Caracas – Venezuela.

Santilli, P. (2000). *Pemongon Patá: território Macuxi, rotas de conflito*. Unesp.

Santos, R. M. R. (2016). Reflexões de lideranças Macuxi e Wapichana sobre as contribuições das TICs para os projetos indígenas locais.

Saquet, M. A. (2010). *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular.

Souza, M. J. L. D. (2003). O território: sobre espaço e poder, autonomia e

desenvolvimento. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 353, 77-116.

Tarrow, S. (1997). *El poder en movimiento: los movimientos sociales, la acción colectiva y la política*. Madrid: Alianza. 2009 [1998]. O poder em movimento.

Urban, G., & Sherzer, J. (1991). Introduction: Indians, nation-states, and culture. *Nation-States and Indians in Latin America*, 1-18.

Vieira, J. G. (2007). *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra – 1777 a 1980*. Boa Vista: Editora UFRR.

Zuñiga Navarro, G. (1998). *Los procesos de constitución de Territorios Indígenas en América Latina*. Nueva Sociedad Nro. 153 Enero-Febrero 1998, pp. 141-15

Estudios de audiencias en el marco del proceso de convergencia tecnológica. Problemas teórico metodológicos en torno a su abordaje

Audience studies in the framework of the technological convergence process. Theoretical methodological problems around its approach

Susana María Morales⁶⁶

Resumen: Esta ponencia aborda un conjunto de problemas teórico metodológicos en torno a la investigación sobre audiencias audiovisuales en el marco de procesos de convergencia tecnológica. Tiene como objetivo poner en debate tanto los principales modos en que se conceptualiza el proceso de transformaciones de las prácticas de consumo audiovisual vinculado a la convergencia, como a las implicancias que ello tiene para la construcción de abordajes metodológicos para investigarlas. Para ello, la ponencia va a presentar los principales abordajes teórico metodológicos sobre audiencias y convergencia tecnológica: la noción de audiencias convergentes (Jenkins, 2006; Orozco Gómez 2013), los abordajes sobre audiencia social (González Neyra y Quintas Proufe, 2014) y los análisis sobre consumos audiovisuales vinculados a la dataficación (Livingstone, 2019). Y luego, a partir de algunos datos propios, se va a plantear dificultades teóricas y metodológicas para conocer los procesos de construcción de audiencias en las actuales sociedades mediatizadas.

Palabras Clave: Audiencias, Convergencia Tecnológica, Abordajes teórico metodológicos

⁶⁶ Susana María Morales. Centro de Estudios Avanzados de la Facultad de Cs. Sociales de la UNC. Magíster. Argentina. Correo electrónico: susanamoralesar@gmail.com

Abstract: This presentation addresses a set of theoretical methodological problems around research on audiovisual audiences in the framework of technological convergence processes. Its objective is to debate both the main ways in which the process of transformation of audiovisual consumption practices linked to convergence is conceptualized, as well as the implications that this has for the construction of methodological approaches to investigate them. For this, the presentation will present the main theoretical-methodological approaches on audiences and technological convergence: the notion of convergent audiences (Jenkins, 2006; Orozco Gómez 2013), the approaches on social audience (González Neyra and Quintas Proufe, 2014) and the analysis on audiovisual consumption linked to datafication (Livingstone, 2019). And then, based on some of his own data, theoretical and methodological difficulties will be raised in order to understand the processes of audience construction in current mediated societies.

Key words: *Audiences, Technological Convergence, Methodological theoretical approaches*

En esta ponencia, pretendemos abordar un conjunto de problemas teórico metodológicos en torno a la investigación sobre audiencias audiovisuales en el marco de procesos de mediatización, considerando a los procesos de convergencia tecnológica como un nudo fundamental de este proceso en la actualidad. Tiene como objetivo poner en debate tanto los principales modos en que se conceptualiza el proceso de transformaciones de las prácticas de consumo audiovisual vinculado a la convergencia tecnológica, como a las implicancias que ello tiene para la construcción de abordajes metodológicos para investigarlas.

Para ello, vamos a reconstruir los procesos que se nombran con la noción de mediatización, noción que permite dar cuenta de las características que cobra la lógica de producción cultural del capitalismo tardío, articulada en torno a una estructura tecnológica fuertemente concentrada, que redefine tanto el entorno tecnológico alrededor del cual se producen significaciones, como las relaciones con ese entorno.

Abordar la cuestión de las audiencias en sociedades mediatizadas (Silverstone, 2014) permite reconocer un conjunto de tensiones y preocupaciones que de manera sistemática se

actualizan frente a cada nueva tecnología de la comunicación y la información. Lo que Livingstone (2019) ha denominado como un nuevo pánico moral que se intensifica en el debate social y académico con cada nueva tecnología de la comunicación en clave de determinismo tecnológico, hoy se problematiza en clave de fake news (falsas noticias que podrían transformar percepciones y voluntades) o big data (como esta capacidad inédita de producir información sobre la actividad de los usuarios de internet de modo tal de producir una oferta hipersegmentada que permitiría también moldear sus acciones). Este tipo de preocupaciones, amplificadas por un entorno tecnológico mucho más complejo y concentrado, tienden a tematizarse en clave conductista respecto de los comportamientos, gustos y hábitos de las audiencias, que aparecen de manera deshistorizada, naturalizándolas y autonomizándolas de procesos socioculturales.

Desde este punto de vista, nos distanciamos tanto de las perspectivas empiristas, que consideran que existen audiencias que preexisten y se configuran por fuera de la trama histórica y sociocultural de relación con los medios y la vida cotidiana, así

como de aquellas que consideran que se estructuran sólo como un efecto de las tecnologías existentes. Lo que nos interesa destacar es que entendemos a la dinámica de constitución de las audiencias en su relación comunicativa con unos medios que, a su vez, se estructuran en el marco de determinados escenarios mediáticos locales y nacionales e internacionales históricamente constituidos con específicas y determinadas características. Sin embargo, no solo debe ser comprendida desde dicho vínculo. Las audiencias también se construyen en el marco de la vida cotidiana, de la relación de esos individuos con la cultura de la que ellos mismos y los medios forman parte y de su historia. Sólo en esta trama cultural, materialmente densa y compleja, cobra sentido conocer qué canales o programas son vistos, quiénes escuchan qué radios, qué dispositivos son utilizados para acceder a determinados contenidos, pero además, cómo y porqué, las demandas, deseos y el modo en que eso se relaciona con las distintas formas de socialidad, así como las transformaciones en esas prácticas.

En este sentido, la ponencia va a recuperar algunos debates en torno a cómo la noción de audiencias contiene de distintas maneras de articulación sobre la cuestión del poder de los

medios, y en particular, lo que ello supone en el actual contexto de mediatización.

Los cambios vinculados a los procesos de mediatización.

En un texto muy clarificador, Sonia Livingstone (2019) realiza un recorrido histórico por el modo en que distintas perspectivas han articulado de diferentes maneras la relación comunicativa que supone la noción de audiencias, preocupada por los vaivenes que se articulan en ella concepciones en torno al poder de los medios de comunicación en nuestras sociedades. Desde aquellas ligadas a las teorías de los efectos de los medios en las que aparece de manera homogénea y manipulable, se fue complejizando en modelos que incorporaban variables que iban diluyendo ese poder monolítico y lineal en función de contextos y audiencias específicas hasta diluir al mínimo los efectos de los medios; del determinismo económico y tecnológico de ciertas variantes de la economía política en los que se diluían la pluralidad, así como el carácter local y reflexivo de esas audiencias, y en las que llegan a asumir el carácter de mercancía de la industria de los medios; de perspectivas frankfurtianas en las que el acento se coloca en esas audiencias como producto de la

industria cultural, y- podríamos agregar, ya que Livingstone no lo hace- una semiótica estructuralista en la que la centralidad otorgada a los procesos de interpelación reducía a los sujetos a la operación de los mensajes mediáticos, a la puerta que abre la escuela de Birmingham y la búsqueda expresada en la fórmula coding – decoding de comprender la vida cotidiana, incluida la experiencia de ser audiencias, dentro de una trama cultural más amplia cuando se pasa a reconocer su actividad interpretativa, aún la resistencia. Del reconocimiento de esa actividad y las inesperadas formas en que se incorporan esas tecnologías junto con los discursos que producen en la vida cotidiana, se pasa a lo que se ha denominado como democracia semiótica en la que la actividad del receptor pareciera ser libre frente a la producción de los medios de comunicación. Estos vaivenes, para Livingstone (2009) dan cuenta de al menos, tres aprendizajes: reconocer el carácter discursivo – y por ende, abierto a múltiples lecturas también atravesadas históricamente por los debates teóricos que le dan forma- tanto de aquello que las audiencias plantean como de lo que se

dice sobre ellas; luego, reconocer su carácter reflexivo y heterogéneo, y finalmente (y creo que es lo más importante) la necesidad de terminar con la formulación binaria que enfrenta el poder de los medios contra el de la audiencia, en vez de reconocer que la circulación de significados incluye no sólo la actividad de codificación, y la decodificación, sino también una recodificación por parte de la audiencia que implica dar cuenta de lo desigual en términos estructurales pero también de los procesos de circulación de la cultura que son abiertos. (Livingstone, 2009)

En este marco, la noción de mediatización organizó el debate en torno a las características de la producción cultural en el capitalismo tardío desde fines del siglo XX. Una noción cuya productividad es necesario revisar dado que no sólo redefinió el modo de pensar el poder de los medios y las tecnologías de la comunicación y la información, y con ello las maneras en que se entiende el vínculo por el cual se constituyen las audiencias como tales. Pero a su vez, es necesario repensar si las transformaciones sociales, culturales y tecnológicas en las que esas que se conforman esas audiencias no se transformaron lo suficiente como para ameritar otros marcos comprensivos.

Como toda noción que cobra cierta centralidad para intentar comprender un proceso tan amplio y complejo, ha sido objeto de debates, simplificaciones, reduccionismos varios. Lo que parecía que podía convertirse en un nuevo principio explicativo de las lógicas de producción cultural del capitalismo tardío, también funcionó como noción fetiche, como señalara María Cristina Mata (1999) en su momento: la actualización de viejos determinismos tecnológicos y de lecturas totalizantes en un nuevo contexto que requería no sólo dar cuenta de las transformaciones culturales y de las articulaciones institucionales específicas en que se desplegaban esos procesos, como de los puntos de vista teóricos, políticos y metodológicos sobre ellos.

Todo ello, reavivó los debates en torno al poder de las tecnologías de la comunicación y la información, en un contexto que además se caracteriza por una fuerte y creciente concentración de la propiedad de esas tecnologías y de ámbitos de producción de significación. La reorganización de la experiencia, de las modalidades de interacción a través de formas mediadas que redefinen la relación entre tiempo y espacio, y las distintas dinámicas de construcción de identidades individuales y colectivas (Giddens,

2000) atravesadas por la técnica fueron las coordenadas que permitieron trazar las líneas de discusión sobre este proceso. Reconocer las tecnologías de la comunicación y la información como articuladoras de los procesos de significación, permitió dar cuenta de las implicancias para la redefinición de su estatuto ontológico sobre lo real como ámbito intrínseco de la producción social de sentido (Sodré, 1998), de las formas de socialidad y comunidad, así como de las formas hegemónicas de visibilidad públicas (Córdoba, 2013), todo ello, en el marco de una multiplicación exponencial de la circulación discursiva de la sociedad.

Esta matriz de producción de sentidos no opera de manera homogénea y unívoca, sino que se actualiza en diferentes instancias de la vida social en función de articulaciones particulares entre tecnologías y medios con prácticas e instituciones, que son fruto de racionalidades y afectividades específicas y con desigual permeabilidad a la modelación técnica (Mata, 2013; Sodré, 2004; Silverstone, 2004). Junto con ello, es necesario destacar que las perspectivas de la mediatización que nos interesan son aquellas que mientras reconocen el papel estructurante de las tecnologías, también permiten dar cuenta de las distintas maneras en que los sujetos

intervienen y reconfiguran esa racionalidad de producción de sentido.

En este sentido, se establece un tipo de experiencia de la vida cotidiana en la que es difícil trazar distinciones tajantes entre la experiencia mediatizada y aquella que no lo está, dado el carácter matricial de esta lógica de producción de sentido y el carácter ubicuo en la vida cotidiana por el cual se convierten en la "textura general de la experiencia" (Silverstone, 2004: 25) y estructurante de la dimensión simbólica de la vida en comunidad.

Todo ello, nos plantea una serie de desafíos teóricos y metodológicos que habilitan preguntarnos por la operatividad de esta noción para abordar las dinámicas de conformación de las audiencias como parte de esta matriz de experiencia, así como para reconocer los procesos de mutua reconfiguración entre audiencias y medios. Entonces, cabe preguntarse una vez más cuál es la potencialidad teórica y metodológica de esta noción, reconociendo las transformaciones tecnológicas, sociales, culturales e institucionales que operan más de veinticinco años después de haber sido formulada. Por un lado, podemos reconocer una clara profundización de algunas de las tendencias que esa noción propone: la cada vez mayor centralidad de tecnologías de la

información y la comunicación en la estructura del espacio de lo público, en la que no sólo se multiplican los tradicionales medios analógicos punto – masa, sino que además se articulan de diferentes maneras con tecnologías digitales en las que se complejiza la circulación discursiva así como se multiplican los actores que participan de la conversación pública y las relaciones y jerarquías entre ellos. Por el otro, podemos observar transformaciones tecnológicas que modifican las lógicas de producción audiovisual, y con ello, las prácticas de consumo. Sin embargo, no existen acuerdos firmes sobre el carácter de esas transformaciones que nos permitan avanzar en abordajes teórico metodológicos fuertes sobre los procesos de estructuración de

audiencias. En particular, el proceso de convergencia tecnológica entendido como la digitalización de los servicios de comunicación audiovisual, tradicionalmente ofrecidos en soportes analógicos, comienza a estar disponibles en plataformas digitales, bajo nuevos modelos de prestación y negocio (Monje, 2018), pareciera funcionar a modo de espejo sobre las prácticas de consumo audiovisual. Entonces, ¿Cómo se abordan las audiencias en este contexto? ¿Cuáles son las nociones y perspectivas que se ponen en juego? ¿Qué implicancias tienen a la hora de reconocer el poder de los medios y las tecnologías de la información y la comunicación?

Audiencias convergentes: la convergencia como práctica de las audiencias

La ampliamente difundida noción de “audiencias convergentes”, opera como deslizamiento de la idea de “consumos convergentes”. Henry Jenkins en *“Convergence Culture. La cultura de los medios de comunicación”* (2006), reconoce un conjunto de transformaciones vinculadas a lo que denomina como cultura convergente, un

modo de producción cultural diferente a la previamente existente, la cultura digital que estaría centrada en una supuesta deriva de los distintos medios hacia un escenario en el que se combinarían todos los anteriores. Para él, ello supone lo que denomina como falacia de la caja negra, es decir, la idea por la cual la convergencia es un proceso alrededor de un dispositivo tecnológico particular, como la televisión, en el que se articulan funciones y aparatos diversos en una única tecnología.

Para Jenkins, la cultura convergente “representa un cambio en nuestros modos de pensar sobre nuestras relaciones con los medios, que estamos efectuando ese cambio en primer lugar mediante nuestras relaciones con la cultura popular” (2006: 26). Supone el flujo de contenido a través de plataformas mediáticas múltiples, en el que cooperan diferentes industrias mediáticas y “el comportamiento migratorio de las audiencias mediáticas, dispuestas a ir casi a cualquier parte en busca del tipo deseado de experiencias de entretenimiento.” (2006: 12). Como es evidente, este tipo de circulación de contenidos depende de una participación activa de los consumidores: en este sentido, más que un proceso tecnológico, supone una transformación cultural ligada a las prácticas de los consumidores que logran modificar sus lógicas de consumo, buscan nueva información y establecen conexiones entre contenidos mediáticos dispersos, con una interacción entre productores y consumidores en la que se redefinen sus reglas. Una nueva dinámica en la que ambos participan de manera desigual.

La convergencia, en este sentido, “se produce en el cerebro de los consumidores individuales y mediante sus interacciones sociales con otros. Cada uno de nosotros

construye su propia mitología personal a partir de fragmentos de información extraídos del flujo mediático y transformados en recursos mediante los cuales conferimos sentido a nuestra vida cotidiana” (Jenkins, 2006: 21). Luego, el eje conceptual estaría depositado en la conversación que se produce, en el consumo como un proceso colectivo capaz de enfrentar el poder mediático, sin desplazar a los viejos medios, sino asumiendo diferentes y complejas formas de interacción entre esos medios tradicionales y los de nuevo tipo.

En este sentido, Jenkins va a sostener que “la convergencia mediática es más que un mero cambio tecnológico. La convergencia altera la relación entre las tecnologías existentes, las industrias, los mercados, los géneros y el público. La convergencia altera la lógica con la que operan las industrias mediáticas y con la que procesan la información y el entretenimiento los consumidores de los medios. Tengan bien presente que la convergencia se refiere a un proceso, no a un punto final.” (2006: 28) en el que el entorno tecnológico genera expectativas de un flujo más libre de contenidos e ideas, en las que los consumidores tienen mayores posibilidades de disputar su participación en la cultura.

La recepción transmediática

Siguiendo algunos conceptos de Jenkins, Guillermo Orozco Gómez los articula con los aportes de Manuel Castells (2009) y su concepto de "autocomunicación masiva": una combinación entre la reacción a los medios masivos, la interacción con sus productos, la actividad con ellos en otros canales de interlocución y la eventual producción de comunicación propia difundida a muchos otros. Fundamentalmente, esta mirada supone otros modos de ser audiencia vinculada a una mayor capacidad de interlocución en el diálogo social. En este sentido, para el autor, esta transformación habilitaría abordar "las acciones, reacciones e intercambios pasivos o activos, críticos o ingenuos, oportunos o a destiempo, directos o diferidos que diferentes audiencias tienen con productos audiovisuales específicos" (2013:10). Así, reconoce en la interacción / recepción transmediática un creciente fenómeno ligado tanto con las respuestas de las audiencias a un producto mediático, como a las conversaciones múltiples entre pares en redes sociales. En este marco, reconoce una nueva condición comunicacional en la cual, la mediación técnica como mediación cultural,

habilita una transformación sustantiva de las audiencias en las sociedades actuales, en función de la cual dejarían de ser reconocidas por su estatus esencialmente ligado a procesos de recepción y a una actividad manifiesta escasa como interlocutores con el poder, para pasar a estar caracterizadas por "estar y ser activos, cada vez más creativos, en la producción y emisión comunicacional" (2010: 6).

Aquí, lo que parece estar condicionando la conceptualización sobre las transformaciones de las prácticas de consumo audiovisual en los procesos de convergencia, sería la posibilidad de abordar lo que aparece como una participación manifiesta en la conversación social, en diferentes modalidades y escalas, pero siempre mediadas e impulsadas tecnológicamente. En este sentido, la idea de unas audiencias "pasivas" ligadas a los grandes medios de comunicación de masas, funciona como contrapunto para dar cuenta de la novedad que habilita el nuevo entorno tecno comunicacional.

Sin embargo, desde nuestra perspectiva, dicha pasividad no es tanto una condición de las audiencias como una dificultad analítica de estos enfoques para reconocer tanto los

vínculos en los que se articula la relación medios / audiencias, como las modalidades de participación en el diálogo social vinculada a la interacción con los medios de comunicación

La audiencia social

Otro abordaje sobre la relación entre medios tradicionales y redes sociales, es el de la audiencia social. Desde la perspectiva de los usos y gratificaciones (Mcquail, 1991) se pregunta por las razones y usos de redes sociales en torno a contenidos audiovisuales. Esta interacción permite un intercambio rápido de información para conocer opiniones y reacciones respecto de productos emitidos,

La dataficación de la sociedad

Los análisis de big data permiten acceder a un enorme volumen de datos sobre aquello que las personas hacen en las distintas redes sociales y plataformas y las huellas que dejan a partir de su actividad en distintos dispositivos. Así, cuando la atención académica se centra en el reconocimiento y denuncia de la manipulación de los algoritmos, se vuelve sobre un empirismo que –con la renovada fascinación que ejerce el

en la que la dinámica de esa participación no se expresa de manera manifiesta ni necesariamente mediada por las tecnologías de la comunicación y la información.

habilitando a los realizadores a tomar decisiones sobre esos productos, sobre condiciones publicitarias (Gonzalez Neira y Quintas Froufe, 2014). Este tipo de estudios, también considera la actividad de las audiencias en las redes sociales, aunque no ve en ello una transformación de las audiencias sino más bien posibilidades de conocer un enorme volumen de información vinculado a la interacción en torno a propuestas audiovisuales específicas.

acceso a esta cantidad de datos- reduce a los sujetos a operaciones abstractas, a la observación de comportamientos incorpóreos (social, cultural, históricamente) pero agregadas de manera singular, y reducidas a la interfaz digital.

De este modo, otra vez, obtura la comprensión sobre porqué se consumen determinados productos, qué relaciones se establecen con ellos y cómo eso se vincula con la vida cotidiana y el sentido que adquiere para la vida en comunidad.

Entonces, ¿qué nos queda a la hora de estudiar las audiencias en este nuevo contexto? Observamos, por un lado, la profundización de aquellas tendencias del proceso de mediatización vinculadas tanto a la multiplicación exponencial de la circulación discursiva de la sociedad, como a lo que Silverstone denominó como ubicuidad (2004) a través del proceso de convergencia tecnológica que habilita una relación permanente y abrumadora con la producción mediática.

Sin embargo, también tenemos cierta percepción respecto de que nuestros abordajes teóricos y metodológicos no alcanzan para dar cuenta de la complejidad del proceso al que asistimos a la hora de comprender las transformaciones de las audiencias contemporáneas (Balsas, 2019) y las lógicas en torno a las cuales se articulan. Tenemos, por un lado, ciertas imágenes de este proceso en las que se tiende a desplazar a los medios tradicionales como la radio y la TV por nuevos medios y tecnologías digitales (Martínez Luque y Morales, 2020), así como afirmaciones en torno al abandono sectorial de este tipo de medios, imágenes que se naturalizan mientras los datos no hacen más que cuestionarlas y complejizarlas. Mientras diversos estudios nos permiten reconocer lo

que hemos caracterizado como consumos múltiples y coexistentes entre medios tradicionales y digitales, simultáneo entre diferentes tipos de medios, pero ordenado y jerarquizado alrededor de la producción de los medios concentrados (Martínez Luque y Morales, 2020). Podemos reconocer las transformaciones de lugares, tiempos y rituales de consumo vinculadas a transformaciones tecnológicas, normativas y del entorno mediático, junto con una diversidad de prácticas de consumo que se articulan en torno a historias y trayectorias particulares, en la que es posible dar cuenta tanto de una larga modelación cultural respecto a medios, formatos, rutinas y narrativas consumidas, como a las condiciones y posibilidades que habilitan las nuevas tecnologías de la comunicación y la información.

Y sin embargo, como dice Silverstone "Es todo sobre el poder, por supuesto. En definitiva" (1999; 292). Las nociones que actualmente se están utilizando para abordar los procesos de constitución de audiencias, vuelven sobre viejas historias de determinismo, empirismo, o falta de reconocimiento de las estructuras sociales y simbólicas sobre las que se montan. Entonces, de lo que se trata es de volver a

mirar los datos y leerlos con la incomodidad de hacernos cargo de aquello que se nos escapa a la hora de estudiar los procesos de construcción de audiencias y dar cuenta de la

complejidad de entender hoy, en este contexto, qué decimos cuando hablamos de modelación cultural de los procesos de mediatización.

Bibliografía

Balsas, S. (2019). " La investigación empírica sobre audiencias de televisión en la Argentina: ¿dónde estamos y hacia dónde vamos?" Ponencia Congreso MESO Desarrollos Contemporáneos Sobre Medios, Cultura y Sociedad: Argentina y América Latina. Centro de Estudios sobre Medios y Sociedad - Universidad de San Andrés.

Córdoba, L. (2013) "Espacio público y mediatización: aportes para un abordaje sociopolítico" en ALAIC Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación. ALAIC, Año 12, Nº 14, PP 58-68

Giddens, A. (2000) Modernidad e identidad del yo. Península, Barcelona.

González Neira, A. y Quintas Frouefe, N. (2014). Audiencia tradicional frente a audiencia social: un análisis comparativo en el prime-time televisivo. Revista Mediterránea de Comunicación, vol. 5(1), 105-121. Disponible en <http://mediterranea->

comunicacion.org/. DOI
10.14198/MEDCOM2014.5.1.02

Jenkins, H. (2006): Convergence culture. La cultura de la convergencia de los medios de comunicación, Paidós: Barcelona,

Livingstone, S (2019) Audiences in an Age of Datafication: Critical Questions for Media Research. En Television & New Media 2019, Vol. 20(2) 170– 183, SAGE: London.

Martínez Luque, S. y Morales, SM (AAVV). Aportes al debate sobre convergencia tecnológica en las prácticas de consumo audiovisual EN prensa. En REVCOM, Revista de la Red de Carreras de Comunicación. Bs. As.

Mata, M. (1995) "Interrogaciones sobre el consumo mediático", en Nueva Sociedad Nº 140 (pp. 90-101).

Mata, M. (1997) Medios masivos: lo que nombra el consumo en Revista Estudios Nº 7, CEA- Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba.

Mata, M. (1999) "De la cultura masiva a la cultura mediática", en Diálogos de la

Comunicación N°56 (Pág.80-91). Felafacs, Lima.

McQuail, D. (1991). Introducción a la teoría de la comunicación de masas. Barcelona,

Monje, D. (comp.) (2018). Consumos audiovisuales en la comunidad educativa de la unvm: caso Uniteve. Ed. unvm.

Orozco y Franco (2019) Las Audiencias Convergentes y su Investigación: Análisis de Recepción Transmedial de la Serie El Equipo (PP 7-37). En Derecho a comunicar. Revista científica de la Asociación Mexicana de Derecho a la Información N°5. Asociación Mexicana de Derecho a la Información: Mexico.

Silverstone, R (2004) Por qué estudiar los medios? Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Silverstone, R (2010). La moral de los medios de comunicación. Sobre el nacimiento de la polis de los medios. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Thompson, J. (1998) Los media y la modernidad. Paidós, Barcelona.

Verón, E. (1992) "Interfaces. Sobre la democracia audiovisual evolucionada", en Ferry W y otros, El nuevo espacio público (Pág. 124-139). Gedisa, Barcelona.

Ficção e narrativas transmídia na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas de um estado da arte

Ficción y narrativas transmedia en Latinoamérica: perspectivas teórico-metodológicas de un estado del arte

Fiction and transmedia narratives in Latin America: theoretical-methodological perspectives of a state-of-the-art

Anderson Lopes da Silva⁶⁷

Flavia Suzue de Mesquita Ikeda⁶⁸

Helen Emy Nochi Suzuki⁶⁹

RESUMO: O artigo traz uma visão geral dos trabalhos apresentados no Grupo de Interesse "Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia" desde sua inclusão no Congresso ALAIC (2014, 2016 e 2018). O objetivo é compreender as pesquisas científicas da América Latina sob a perspectiva teórico-metodológica do Estado da Arte.

67 Anderson Lopes da Silva. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP). Membro do GELiDis (Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação), da USP/CNPq, e do NEFICS (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades), da UFPR/CNPq. Bolsista da Capes. E-mail: anderlopps@gmail.com.

68 Flavia Suzue de Mesquita Ikeda. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP). Membro do GELiDis (Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação), da USP/CNPq. E-mail: flaviasuzue@usp.br.

69 Helen Emy Nochi Suzuki. Doutora em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP). Membro do GELiDis (Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação), da USP/CNPq. E-mail: helenochis@gmail.com.

Palavras-chave: Investigações internacionais; Estudos televisivos; Ficção televisiva.

ABSTRACT: An overview of the papers presented in Interest Group "Television Fiction and Transmedia Narrative" since its release at ALAIC (2014, 2016 and 2018). The aim is to understand the scientific researches of Latin America under the theoretical-methodological perspective of state-of-the-art.

Keywords: International research; Television Studies; Television Fiction.

RESUMEN: Un panorama de las investigaciones del Grupo de Interés "Ficción Televisiva y Narrativa Transmedia" en el Congreso ALAIC (2014, 2016 y 2018). El trabajo fue elaborado con el objetivo de comprender el escenario científico de la región en la perspectiva teórica-metodológica del Estado del Arte.

Palabras clave: Investigaciones internacionales; Estudios Televisivos; Ficción Televisiva.

Introdução

A Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação (ALAIC) foi criada em novembro de 1978, na cidade de Caracas (Venezuela) com objetivo de reunir a pesquisa latino-americana (de língua espanhola e língua portuguesa) em um espaço de aglutinação das mais diversas linhas de investigação científica da região. O primeiro evento da ALAIC foi realizado em

1992, na cidade do Guarujá (Brasil), e, desde então, o congresso acontece bianualmente em diferentes países.

É nesse espaço de investigação científica que o artigo trata das pesquisas apresentadas no GI (Grupo de Interesse⁷⁰) de Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia nos Congressos ALAIC em 2014 (Lima, Peru)⁷¹, 2016 (Cidade do México, México)⁷² e 2018 (San

⁷⁰ Um Grupo de Interesse (GI), segundo o Estatuto ALAIC, contém atividades de reflexão e confrontação de perspectivas sobre temáticas emergentes ou relevantes para o país ou região sede de cada congresso ALAIC.

⁷¹ 6, 7 e 8 de agosto de 2014 (Pontificia Universidad Católica del Perú).

⁷² 5, 6 e 7 de outubro de 2016 (Universidad Autónoma Metropolitana).

José, Costa Rica)⁷³, visando compreender o cenário das pesquisas da região no período, reconhecendo-as como material de investigação e memória das transformações no circuito de produção, difusão e recepção de produtos audiovisuais na América Latina. Além disso, o olhar analítico sobre os dados

Os estudos de televisão e das narrativas transmídias como campos de pesquisa

As pesquisas centradas nos estudos de televisão possuem uma tradição muito forte em países anglófonos, especialmente, mas não exclusivamente, após o *boom* de trabalhos da área transdisciplinar dos *Cultural Studies* no decorrer dos anos de 1960 e 70.

No caso latino-americano o interesse pelo campo é prolífico: há um considerável número de autores, pesquisas e obras que tratam do assunto sob a ótica do hemisfério Sul em relação aos seus objetos, discursos, textos e produções audiovisuais da emissão televisiva. Pesquisas voltadas à televisão e às teorias das mediações e multimediasções que envolvem autores como Martín-Barbero (2009) e Orozco Gómez (1994) são

coletados volta-se à identificação dos autores participantes e verifica, também, os gêneros/formatos abordados nos artigos, assim como os principais autores citados nas bibliografias de cada trabalho nas três edições.

demonstrativos da força de uma escola regional relevante. E, tal qual no hemisfério Norte, os estudos voltados à cultura (Estudos Culturais Latino-Americanos, pesquisas de cunho sócio-antropológico e estudos de recepção) são também um forte propulsor, principalmente a partir dos anos de 1980, do desenvolvimento do campo teórico televisivo no continente (Jacks, Menezes, & Piedras, 2008).

Dessa forma, como os estudos de televisão são um campo sólido de pesquisa na América Latina, mas que continua ainda em construção e em busca de legitimação há algumas décadas, faz-se importante pensar que, metodologicamente, o estudo da televisão e de suas materialidades imagéticas, discursivas e narrativas também tem um caráter de especificidade. Por isso, Casetti e Chio (1999, p. 31) distinguem as orientações teóricas (voltadas ao caráter do

73 30 e 31 de julho e 1 de agosto de 2018 (Universidad de Costa Rica).

meio, caráter do texto, caráter central do espectador, caráter central do contexto e caráter central da recepção) como direcionadores dos saberes e as técnicas de apreensão dos objetos empíricos.

Os autores ainda categorizam em pelo menos três grandes núcleos temáticos que dimensionam os trabalhos televisivos, são

eles: o âmbito da produção, o âmbito da oferta televisiva (ou da difusão, distribuição e exibição) e, por fim, o âmbito do consumo (Casetti & Chio, 1999, p. 20-21). Assim, é possível perceber como são múltiplas as possibilidades de análises metodológicas 14 abordagens demonstradas a seguir:

NÚCLEOS TEMÁTICOS (ÂMBITOS)	TIPOS DE ANÁLISES (ABORDAGENS)
PRODUÇÃO	1. Análise dos aspectos tecnológicos 2. Análise dos aspectos econômicos-empresariais 3. Análise dos aspectos culturais e sociais 4. Análise dos aspectos políticos-institucionais
OFERTA	5. Análise dos programas 6. Análise da programação 7. Análise de mercado
CONSUMO	8. Análise dos índices de audiência 9. Análise das escolhas de consumo 10. Análise dos modos de ver 11. Análise dos processos de compreensão 12. Análise dos processos de duração do consumo 13. Análise dos efeitos 14. Análise das relações entrecruzadas do consumo

Tabela 1. Adaptação (traduzida) do quadro "Objetos de Estudio" Nota. Adaptado de Casetti e Chio (1999, p. 23).

Por sua vez, e mais recentemente, o campo dos estudos voltados às narrativas transmídias têm em Ryan (2018), Jenkins (2009), Scolari (2009), Freeman e Gambarato (2018), Campalans, Renó e Gosciola (2012) grandes representantes teóricos de

referência (tanto em nível regional de lusoparlantes e *hispanohablantes*, quanto em um circuito exterior ao continente latino-americano). Em especial, porque, seguindo à evolução constante dos meios digitais, as narrativas encontram nas práticas de

transmidialidade, de convergência (de produtos e mercados) e na figura do prosumidor⁷⁴ fortes elementos de continuidade, ruptura, transformação e inovação nos formatos e gêneros audiovisuais que circulam no ecossistema midiático das redes. Com igual importância, Campalans, Renó e Gosciola (2012, p. 1) compreendem as narrativas transmídias não somente como uma estratégia, mas como uma forma de linguagem surgida no desenvolvimento tecnológico contemporâneo.

As possibilidades abertas para o estudo de objetos midiáticos no campo da narrativa transmídia estendem-se para além do estudo do discurso ficcional, porém é a ficção que envolve, majoritariamente, os trabalhos apresentados no GI das três edições dos Congressos ALAIC. Isso mostra a prevalência

do discurso ficcional como forma de imbricamento das pesquisas em ambos os campos, além de pôr o cenário latino-americano em conjunção com as pesquisas de fora do continente que, ao seu modo, também transitam pelas da ficção e a transmidialidade de Evans (2008), Hills (2012) e Mittell (2015).

Assim, em termos de continuidade de um pensamento autóctone, o campo de pesquisa teórica e metodológica acerca dos estudos televisivos e das narrativas transmídias tem se mostrado um espaço de muita vitalidade e atualização ao longo dos anos na América Latina, como relembram Lozano e Frankenberg (2008), Moragas, Terrón, Rincón (2017), Orozco Gómez (2020) e Bustamante (2020).

Notas conceituais sobre gêneros e formatos televisuais

A ideia de gêneros na televisão se refere tanto às estruturas internas das peças quanto à relação delas com o contexto de sua comunicação. Conforme pontua Machado

(1999), alinhado à perspectiva bakhtiniana de que as naturezas e contextos de cada tipo de enunciado, considerando o conteúdo e as condições de enunciação, determinam os gêneros do discurso (Bakhtin, 2018), o gênero figura como “força aglutinadora e estabilizadora” que prescreve os modos de organização e expressão de ideias, garantindo

⁷⁴ A palavra *prosumidor* (tradução do anglicismo *prosumer*) diz respeito à união “produtor” e “consumidor”. *Prosumer* é, ao mesmo tempo, o consumidor de produtos/serviços/conteúdos que, em instâncias e intensidades distintas, pode interferir na forma de produção, interação e customização.

a comunicabilidade e a continuidade dos próprios gêneros. Orienta, a depender do meio, os usos da linguagem, expondo as reincidências ao longo do tempo (Machado, 1999).

Para Martín-Barbero (2009), o gênero é uma instância da mediação cultural, estratégia de comunicabilidade que serve como modelo prescritivo e interpretativo, configurando mediação entre as lógicas de produção, as do formato e as de uso. Gomes (2011) destaca a perspectiva de Martín-Barbero como fundamental tratar dos gêneros televisivos no tempo atual pensando na totalidade do processo comunicativo, no gênero como estratégia de comunicabilidade e como transitório e contingente. “Além do mais, ele investiga a televisão, toma o gênero televisivo como uma categoria cultural, adota uma abordagem fortemente historicizada e nos oferece pistas para pensar os vínculos entre comunicação, cultura, política e sociedade” (Gomes, 2011, p.113).

Para pensar a televisão como forma cultural, Williams (1974) trata da fragmentação de programas para pensar na sequência em fluxo, onde se seguem diferentes tipos de peças relacionadas entre si por mecanismos variados. Em relação aos formatos de teleficção seriada, são

considerados três tipos clássicos: a que perpassa todos os episódios (*serial*); a que se encerra a cada episódio, mantendo um eixo básico (*serie*); e a configurada por um fio temático geral, variando as histórias, personagens e até autores. Especialmente depois da década de 1990, a hibridização dos dois primeiros modelos marca grande parte das séries (Machado, 2014; Mungoli & Pelegrini, 2013; Mittell, 2012). Pallotini (2012) define como seriado toda ficção serializada diferente da telenovela por duração, quantidade de episódios ou capítulos. Nos últimos anos, a nomenclatura “supersérie” tem sido usada para definir um formato entre a novela e a série, ficções com enredo único, do tipo serial e com duração mais curta que a telenovela, estratégia usada pela Telemundo, nos Estados Unidos, e identificada em países da América Latina (Piñón et al., 2015), inclusive no Brasil, onde a TV Globo chegou a classificar como “superséries” poucas produções, exibidas em 2017 e 2018.

As novas possibilidades de produção e consumo televisual advindas da internet, como a disponibilização via *streaming*, e o contexto de comunicação transmidiática (Jenkins, 2009; Mittell, 2015) instigaram experimentações formais de produção de conteúdo e, assim, novas classificações de

gênero e formato. Além disso, fórmulas consagradas dos canais de televisão são replicadas nas produções originais de serviços como *Netflix* e *Hulu*. Complementarmente, no que concerne à uma classificação por

temática, ressalte-se que a ficção televisual na América Latina tem sido marcada pelo sucesso das tramas que têm como tema o universo do narcotráfico, chamadas de narconovelas e narcosséries.

Metodologia de Pesquisa em Estado da Arte

Os autores Romanowski e Ens (2006) consideram o Estado da Arte uma investigação de um campo ou área de conhecimento. Segundo as autoras, os estudos que “objetivam a sistematização da produção numa determinada área do conhecimento já se tornaram imprescindíveis para apreender a amplitude do que vem sendo produzido”. (Romanowski, & Ens, 2006, p. 39). Tradicionalmente o estudo do Estado da Arte mapeia uma área ou campo de estudo realizando buscas em teses, dissertações, produção de artigos e estudos de publicação em periódicos da área.

Silvia Maria Nóbrega-Therrien e Jacques Therrien (2004), explicam o Estado da Arte e a diferencia dos estudos de Revisão da literatura, e do Estado da questão. Segundo os autores, cada uma dessas abordagens possui objetivos e aplicações diferentes. Enquanto a Revisão da Literatura procura dar sustentação teórica para a análise ou

investigação, o Estado da questão ajuda a delimitar a objeto específico para o estudo. Já o Estado da Arte mapeia e discute certa produção científica/acadêmica de determinada área de conhecimento. (Nóbrega-Therrien & Therrien, 2004).

Ferreira (2002) entende o estudo do Estado da Arte como uma investigação de caráter bibliográfico necessária no processo de evolução da própria ciência que possui em comum a “opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema” (Ferreira, 2002, p. 259). Além disso: “[Os estudos do Estado da Arte] também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar [...]” (Ferreira, 2002, p. 258).

Investigamos aqui o Estado da Arte dos anais bienais do Congresso da Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação – ALAIC dos anos 2014, 2016 e

2018, salientando elementos que pudessem dar aporte para a compreensão de alguns indicativos importantes no mapeamento das produções desse período. Neste caso, como a investigação recai sobre a produção de determinado grupo, com um tema específico (Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia), as publicações apresentadas nesse grupo já são resultantes de um filtro temático próprio.

Esses artigos já são resultado de um agrupamento temático do GI de Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia, logo os títulos não foram analisados como descritores⁷⁵ para identificar o tema do assunto. E, a materialidade do *corpus* foi utilizada relacionando com as investigações encontradas no estudo:

- 1) resumos – para a identificação sobre gêneros/formatos;
- 2) palavras-chave – para a identificação dos gêneros/formatos;
- 3) referências bibliográficas – para a identificação dos autores mais citados;
- 4) informações sobre os autores – para a identificação da instituição (país);
- 5) o material textual (não o conteúdo) – para a identificação do idioma.

É preciso entender alguns desafios nesse tipo de trabalho metodológico, em que se depende dos dados fornecidos pelos próprios pesquisadores, que muitas vezes não estão em conformidade para o levantamento dos dados. Em alguns artigos, faltam informações como, por exemplo: a instituição, a titulação ou o país. Ferreira (2002) aponta algumas dificuldades dos pesquisadores ao escrutinar os resumos como *corpus* de análise: “É verdade que nem todo resumo traz em si mesmo e de idêntica maneira todas as convenções previstas pelo gênero: em alguns falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo” (Ferreira, 2002, p. 268).

No artigo aqui apresentado, ressalta-se, foram encontradas algumas dificuldades para compreender as categorias que expressam gêneros/formatos que foram utilizados em algumas pesquisas. Pois, segundo o escopo do trabalho, os resumos e as palavras-chave analisados, nem sempre identificavam claramente essa informação. É preciso atentar para o fato de que a metodologia utilizada não incluiu a leitura dos textos na íntegra, o texto foi considerado em sua materialidade linguística, apenas para a

⁷⁵ Conforme Romanowski e Ens (2006), esses descritores “são palavras-chave que servem para indicar a essência da pesquisa”.

verificação do idioma utilizado. “Mas, ao mesmo tempo, a leitura de cada resumo é ‘freada’ pelas pistas, indícios deixados nele pelo autor, que conduzem a uma e não outra compreensão de todo e qualquer resumo”

(Ferreira, 2002, p. 269). Logo, os dados coletados foram considerados a partir da classificação que o próprio autor/pesquisador realizou e estabeleceu.

Panorama analítico do G.I Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia nos anos de 2014, 2016 e 2018

A partir dos anais digitais do GI Ficção Televisiva e Narrativas Transmídia (dos Congressos ALAIC em 2014, 2016 e 2018), que somam 86 textos de 142 autores, foram observados dados relativos aos autores, aos gêneros e as referências citadas nos artigos. Conforme os vínculos institucionais individuais declarados pelos próprios autores, houve a participação de pesquisadores de dez países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia,

Estados Unidos, México, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela. Brasil, Peru e Uruguai comparecem nas três edições, sendo, em todos os casos, a maioria dos autores brasileiros (101 participantes) significativamente maior do que a de investigadores de outras nove nacionalidades (41 participantes), predominância que reflete no idioma dos artigos (Figura 1).

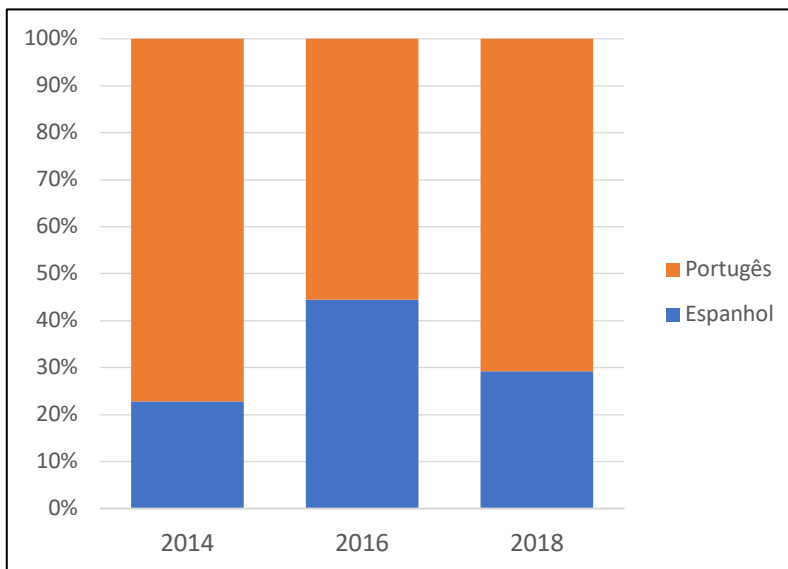


Figura 1. Evolução bianual da proporção dos artigos por idioma.

Com relação à titularidade dos pesquisadores, a ampla maioria é formada por doutores (53), mestres (25) ou pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) (54). Quanto à composição de autoria, mais da metade dos artigos é individual (55%), seguido em número pelos de coautoria entre dois

(27%) e três autores (17%), e apenas um dentre todos os artigos consta com quatro autores. Outro dado considerado no levantamento foi o gênero dos participantes, a partir do nome declarado, sendo constatada a prevalência de autoras (61% ou 87 mulheres) em relação aos pesquisadores (55 homens).

Gêneros/formatos abordados

Com base nas palavras-chave, resumos e referências bibliográficas observados nos artigos, foram anotados os gêneros/formatos e autores mais citados. O levantamento de

gêneros/formatos tratados reflete exclusivamente a classificação dos próprios autores dos artigos. Dessa forma, não havendo um consenso a respeito da compreensão epistemológica sobre diferenciação de gênero e formato que

impusesse um padrão nos dados, quaisquer indicações que pudessem ser lidos como gêneros, subgêneros ou formatos foram cotejados.

As pesquisas desenvolvidas nas três edições dos congressos da ALAIC transitam por expressões designadoras de gênero/formato que passeiam tanto pelo universo das ficções televisivas, quanto pelo das narrativas transmídias e, em momentos mais pontuais, pelo imbricamento desses dois campos. É importante frisar, dado que as informações coletadas baseiam-se nos termos escritos pelos pesquisadores e encontrados nos descritores, que os termos foram anotados em sua materialidade original, isto é, mesmo que direta ou

indiretamente (por uma leitura interpretativa dos descritores) eles tratem de um mesmo gênero/formato, preferiu-se por guardar a pluralidade de expressões observadas. Dessa forma, ainda que os termos “novela” e “telenovela”, por exemplo, refiram-se a um elemento tipológico que é possível ser lido como uma mesma expressão de gênero/formato, optou-se metodologicamente por colocá-los tal qual elas aparecem. Assim, a nuvem de *tags* representa visualmente o quanto as expressões de gênero/formato são diversas no ambiente da pesquisa produzida no GI estudado.



Figura 2. Nuvem de tags com as expressões de gênero/formato

Como uma expressão designadora de gênero/formato estudada por excelência no contexto latino-americano, o termo “telenovela” ilustra bem a primazia dos estudos do GI centrada nesse produto da indústria televisiva do continente. Algo que confirma a tese de Martín-Barbero de que a telenovela é a “fórmula comercial ganhadora” no mercado audiovisual da região e que, por conseguinte, também se mantém há anos como o maior interesse de pesquisa no GI. Em outra ótica complementar é possível observar

Autores mais citados e suas obras mais citadas

Foi feita a triagem dos cinco autores citados em mais artigos no conjunto dos anais

que o discurso ficcional, com foco na lógica serial, é o objeto de análise que mais se sobressai como demonstram os termos “série”, “minissérie” e “seriado” citados ao lado de “telenovela”. Por fim, é importante notar também como as obras, estratégias, projetos e produtos adjetivados como “transmídia” e “transmidiático” se destacaram nos descritores analisados, mostrando, assim, que este tema de interesse proposto pelo GI é também significativamente pesquisado.

de 2014, 2016 e 2018 e, de cada autor, a obra mais citada. Nesse aspecto, são relacionados apenas os títulos das obras, independente da edição ou ano de lançamento, conforme Tabela 2:

Posição	Autor	Artigos distintos em que são citados	Obra mais citada
1	Maria Immacolata Vassalo. Lopes	29	Telenovela como recurso comunicativo.
2	Henry Jenkins	26	Cultura da convergência
3	Jesús Martín-Barbero	24	Dos medios a las mediaciones: comunicación, cultura e hegemonía.
4	Carlos Scolari	14	Narrativas transmedia : cuando todos los medios cuentan.
5	Guillermo Orozco Gómez	13	Transnacionalización de la ficción televisiva en los países Ibero-Americanos: Anuario Obitel 2012

Tabela 2. Os cinco mais citados autores por artigo e suas obras

É interessante observar o equilíbrio entre autores dedicados às duas áreas de interesse do GI de Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia. Em outros termos, Lopes, Martín-Barbero e Orozco Gómez são reconhecidos

especialmente pelas pesquisas em ficção televisiva, enquanto Jenkins e Scolari são referências em questões sobre convergência digital e narrativas transmídia. Outro aspecto que chamou a atenção foi que, dessa lista,

apenas um autor é anglófono, sendo todos os outros latino-americanos (em uma leitura breve, pode-se perceber que isso denota a busca de uma epistemologia do Sul Global para compreender fenômenos, estéticas,

Considerações finais

A pesquisa latino-americana no universo da ficção televisiva e da narrativa transmídia representa uma busca relevante para compreender o estudo dos produtos e processos comunicacionais em circulação e debater em que circunstâncias e de que maneiras as materialidades audiovisuais televisivas e transmidiáticas são conformadas na região. A utilização metodológica do Estado da Arte permitiu delimitar a abordagem e a realização da investigação em si e possibilitou apontar para os resultados que responderam aos objetivos deste trabalho.

Foi aferida uma presença maior de pesquisadores brasileiro assim como foi possível perceber um número superior de pesquisadoras mulheres. Também é interessante observar que a predominância de autoras mulheres nos artigos não se reflete nas referências utilizadas e, apesar de Maria Immacolata Vassalo de Lopes estar em primeiro lugar na classificação, trata-se da única mulher a constar entre as mais citadas.

discursos, produtos e meios peculiares que nem sempre são encontrados ou lidos da mesma forma por pesquisadores do Norte Global).

Alguns metadados básicos como titulação e vínculo institucional e mesmo descritores essenciais como resumo e palavras-chave nem sempre estavam dispostos nos artigos analisados, dificultando a coleta. Assim, cabe uma reflexão a respeito de como os pesquisadores do campo percebem a relevância dessas informações (em tese, fundamentais a todo artigo científico) e a necessidade da inclusão das mesmas.

Finalmente, as marcações culturais de cada país e do investigador moldam as nomenclaturas que descrevem gênero/formato a ponto de criar categorias específicas como “narcosséries”, “séries criminais” e “narconovela”, o que demonstra a pluralidade de termos referenciados. A classificação “telenovela” despontou como a mais abordada nas três edições e, mesmo no cenário da convergência midiática, a “telenovela” se faz presente nas discussões sobre as estratégias, produtos e projetos transmidiáticos. Ficou, então, nítida a importância do enfoque dado à pesquisa em “telenovela” justamente em uma

ambientação geográfica (América Latina) na qual as muitas matrizes culturais constituintes de cada país permeiam os

formatos industriais provenientes das emissoras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (2018). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BUSTAMANTE, E. (Org.). (2020). *Iberoamérica: la cooperación cultura-comunicación en la era digital*. Madrid: Facultad de Humanidades, Comunicación y Documentación.

CAMPALANS, C., RENÓ, D., & GOSCIOLA, V. (Orgs.). (2012). *Narrativas transmedia: entre teorías y prácticas*. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario.

CASETTI, F., & CHIO, F. D. (1999). *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Paidós: Barcelona.

EVANS, E. (2008). Character, audience agency and transmedia drama. *Media, Culture & Society*, 30(2), 197-213.

FERREIRA, N. S. de A. (2002). As pesquisas denominadas "Estado da Arte". *Educação & Sociedade*, ano XXIII, (79), 257-272.

FREEMAN, M., & GAMBARATO, R. (2018). *The Routledge Companion to Transmedia Studies*. New York and Oxford: Routledge.

GOMES, I. M. M. (2011). Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, 18(1), 111-130.

HILLS, M. (2012). Torchwood's trans-media: media tie-ins and brand 'fanagement'. *Participations*, 9 (2), 409-428.

JACKS, N., MENEZES, D., & PIEDRAS, E. (Orgs.). (2008). *Meios e Audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Sulina.

JENKINS, H. (2009). *Cultura da Convergência* (2a ed.). São Paulo: Aleph.

LIMA, C. A., MOREIRA, D. G., & CALAZANS, J. C. (2015). Netflix e a manutenção de gêneros televisivos fora do fluxo. *Matrizes*, 9 (2), 237-256.

LOZANO, J. C., & FRANKENBERG, L. (2008). Enfoques teóricos y estrategias metodológicas en la investigación empírica de audiencias televisivas en América Latina: 1992-2007. *Comunicación y sociedad*, (10), 81-110.

MARTÍN-BARBERO, J. (2009). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

MACHADO, A. (2014). *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac São Paulo.

MACHADO, A. (1999). Pode-se falar em gêneros na televisão? *Revista FAMECOS*, Porto Alegre. (10).

MITTELL, J. (2012). Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. *Matrizes*, São Paulo, 5 (2), 29-52.

MITTEL, J. (2015). *Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling*. New York: New York University Press.

MORAGAS, M., TERRÓN, J. L., & RINCÓN, O. (Ed.). (2017). (*De los medios a las mediaciones de Jesús Martín Barbero, 30 años después*. Barcelona: InCom-UAB Publicacions.

MUNGIOLI, M. C. P., & PELEGRINI, C. (2013). Narrativas Complexas na Ficção Televisiva. *Revista Contracampo*, 26 (1), 21-37.

NÓBREGA-THERRIEN, S. M., & THERRIEN, J. (2004). Trabalhos científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas. *Estudos em Avaliação Educacional*, 15 (30), 5-16.

OROZCO GÓMEZ, G. (1994). *Televisión y Producción de Significados: Tres Ensayos*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara.

OROZCO GÓMEZ, G. (Org.). (2020). *Televisión en tiempos de Netflix: una nueva oferta mediática*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara.

PALLOTITNI, R. (2012). *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Perspectiva.

PIÑÓN, J., FLORES, M., & CORNEJO, T. (2015). Estados Unidos: a indústria de televisão hispânica em uma encruzilhada. In LOPES, M. I. V., & OROZCO GÓMEZ, G. (coord.). *Relações de gênero na ficção televisiva*: anuário Obitel 2015. Porto Alegre: Sulina.

ROMANWASKI, J. P., ENS, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em educação, *Diálogo Educação*, Curitiba, 6 (19), 37-50.

RYAN, M.-L. (2018). Narratologia transmedia e transmedia storytelling. *Mediapolis - Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (6), 9-25.

SCOLARI, C. A. (2009). *Transmedia storytelling*: Implicit consumers, narrative worlds, and branding in contemporary media production.

WILLIAMS, R. (1974). *Television: Technology and Cultural Form* London: Fontana.

Mídias digitais independentes: percursos metodológicos de uma pesquisa

Medios digitales independientes: caminos metodológicos de investigación

Independent digital media: methodological paths of research

Janaína Capobianco⁷⁶

⁷⁶ Janaína Cristina Marques Capobianco é doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, SP, Brasil. E-mail: janacapobianco@gmail.com.

Dimas A. Künsch⁷⁷

Resumo: O artigo traz para a discussão o tema da metodologia e também alguns dos mais importantes resultados de uma pesquisa de doutorado sobre as mídias independentes digitais. O debate em torno das noções que trazemos tem como principal objetivo favorecer o sentido compreensivo da construção social da pesquisa em Comunicação. O ponto de vista teórico da compreensão forma a base do trabalho em si e emoldura o convite a uma aproximação plural a este como a outros objetos de estudo, dentro do Jornalismo e nas bricolagens que o Jornalismo tece com outros saberes. Metodologicamente, um conjunto de formulações teóricas sobre o objeto de estudo e sobre o método se complementa com a descrição, a reflexão e a interpretação dos passos que conformam a metodologia empregada na realização da pesquisa, incluindo a apresentação de alguns dos resultados alcançados. Espera-se com isso contribuir para a valorização, a prática e os estudos sobre a produção da notícia na atualidade.

Palavras-chave: Jornalismo, método, compreensão, mídia independente.

Abstract: Comprehension as a method leads us in the study of what we call "independent digital media" as an invitation to a plural approach to this subject as well as to other subjects in order to favor a comprehensive sense of the scientific research as a whole.

Keywords: Journalism. Methodology. Comprehension. Independent media.

⁷⁷ Dimas Antônio Künsch é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, SP, Brasil. E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

Tema central e objetivos

Apresentamos neste artigo, a modo fundamentalmente de uma conversa sobre o tema, o caminho trilhado no desenvolvimento de uma pesquisa de Doutorado em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), intitulada "O fazer jornalístico em transformação: a produção da notícia em mídias independentes digitais", de autoria de Janaína Capobianco, sob a orientação de Dimas A. Künsch. Os objetivos do texto, escrito a quatro mãos por orientanda e orientador, são dois. O primeiro é o de os próprios autores explicitarem as escolhas teóricas e metodológicas feitas e também trazer alguns dos resultados alcançados. O segundo inclui os pares no terreno do amplo e complexo processo da construção social da ciência e, particularmente, do Jornalismo, de suas teorias e metodologias. A ideia geradora do convite para essa conversa situa-se no ambiente daquilo que, em nossas buscas teóricas e epistemológicas, temos denominado, de forma geral, pensamento compreensivo ou, no interior dele, método da compreensão.⁷⁸ Este é, com efeito, se podemos dizer assim, uma espécie de grande guarda-chuva que abriga distintos lados e pormenores da pesquisa, sob o ponto de vista teórico-epistemológico e também do método.

⁷⁸ Para uma compreensão do pensamento e/ou do método da compreensão, como aqui propostos, recomendamos a quem possa interessar um conjunto de textos em livros e edições especiais de revistas disponíveis no site do grupo de pesquisa Da Compreensão como Método, <www.dacompreensao.com.br>. Ou os textos apresentados ao GT Epistemologia da Comunicação (em 2009 e 2010) e ao GT Comunicação e Cultura (em 2016, 2017, 2018 e 2019), também disponíveis no site do grupo de pesquisa, hoje sediado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

A perspectiva compreensiva dos fenômenos orienta mais para uma aproximação ao modo como esses fenômenos ocorrem, como eles se dão e se mostram, do que propriamente pela busca de alguma explicação que se pretenda definitiva (KAUFMANN, 2013). Tem de se reconhecer em primeiro lugar, no fenômeno investigado, o seu estatuto de nobreza. Aliás, o que consideramos valer em geral para qualquer tipo de fenômeno – a renúncia ao domínio acachapante de lógicas explicativas redutoras da complexidade da *ordo rerum* e de sua ilusória resolução no mundo de raras evidências da *ordo idearum* – o vale de forma particularmente viva e decisiva para o caso em estudo, o das mídias independentes digitais, dada a sua natureza cambiante e incerta.

Com efeito, o que estamos chamando aqui de “mídias digitais independentes” configura um território de transformação e busca, e não de definições e certezas, já pelo movimento próprio que é o processo da produção jornalística nesses novos ambientes. Mas há também o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas das próprias plataformas e dispositivos em que essa produção jornalística se dá, o que não atenua em nada a dificuldade do gesto compreensivo, num ambiente que pode ser talvez melhor compreendido em suas múltiplas significações como aquilo que propõe Henri Jenkins, em seu *Cultura da convergência* (2009): o élan técnico está longe de representar o único e/ou o mais importante fator nesse mundo em que, de diferentes modos, nós os humanos criamos a técnica e ela a seu modo também nos cria, para o bem e para o mal.

Discussão teórica

Um pesquisador, como se sabe, não pode jamais ir a campo como na história daquele repórter que já levava as aspas prontas consigo, só necessitando de uma fonte para confirmar o seu conteúdo. Deve-se ir com mais dúvidas que certezas – que nem certezas costumam existir tantas neste nosso território de ciências humanas e sociais, como em outros territórios do saber, particularmente no da História (MORIN, 2001; 2011) –, de tal modo que o campo “deixe de ser abordado majoritariamente como uma instância de verificação da teoria, para se tornar o lócus de seu nascedouro, o ponto de partida da problematização teórica sugerida pelos fatos” (KAUFMANN, 2013, p. 19).

Um conhecimento compreensivo se propõe a abraçar e a dialogar com o seu objeto, deixando que ele “se mostre”, para recordarmos a origem etimológica da palavra grega *phainomenon*. O diálogo

se estende nessa mesma conversa tanto às metodologias quanto às teorias, que, na sua qualidade de teorias, constituem ferramentas que podem trazer à luz aspectos, lados, recortes específicos do objeto de estudo, sem por isso perder o seu caráter nem a força de teoria. Nada mais nocivo, nessa busca, do que instituir algo que, no limite extremo, pode ser confundido com uma verdadeira ditadura do método ou das teorias. Nunca é demais repetir que teorias são mapas, não territórios. Os conceitos também são mapas, no embate com a ordem real das coisas.

Essa recusa a se estabelecer verdades que colocam pontos finais, lá onde o bom da conversa é que ela continue, abre o espírito do pesquisador para compreender que “saber como e por que as coisas acontecem é, muitas vezes, mais útil do que obter precisão sobre o que está ocorrendo” (DUARTE, 2006, p. 64). Fazeres humanos mediados pela técnica e aparatos tecnológicos, nenhuma razão relevante pode haver para não abraçar os fenômenos estudados por meio de uma abordagem compreensiva, pondo em relação antes de tudo sujeitos, como indicaremos na terceira parte deste artigo.

O objetivo maior da tese⁷⁹ de doutorado que perfaz a base deste artigo consistiu em compreender os processos e rotinas produtivas jornalísticas em mídias independentes digitais, com um olhar para mudanças e permanências com relação ao jornalismo tradicional, no contexto das novas tecnologias e dispositivos da comunicação móvel e convergente. Por jornalismo tradicional, só para nos situarmos no básico, evitando assim uma discussão que neste momento não se coloca, entendemos a produção jornalística como ela se veio configurando na história da sociedade urbana e industrial (MEDINA, 1978), um modelo de negócio associado ao fenômeno da comunicação de massa, sustentado basicamente por receitas publicitárias.

Já o nome de mídias independentes nós o utilizamos para nos referir a um universo de novas organizações de mídias digitais nas redes (internet) e em redes (mídias sociais e processos colaborativos), no contexto do chamado jornalismo pós-industrial (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013), com um conjunto de fatores e dinâmicas que as caracterizam e em alguma medida as diferenciam das mídias tradicionais e de suas práticas (mesmo em relação aos veículos tradicionais que migraram ou que surgiram na internet).

⁷⁹ Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1985/2/Janaina%20Cristina%20Marques%20Capobianco2.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2020.

Conscientes dos limites que toda tentativa de explicação ou de formulação de conceito ou definição carrega consigo, sublinhamos que essa denominação vai ao encontro da forma como essas mesmas mídias se autodenominam ou de como elas se apropriam do termo. De novo, nossa opção por esse nome não esconde a percepção de sua incompletude, de seus limites, tanto quando do uso recorrente que a expressão vem tendo, o que pode inclusive levar a seu esvaziamento ou a um grau maior ou menor de confusão dos sentidos construídos ao redor da expressão. Para nós, tanto a ideia de jornalismo tradicional quanto a de mídias digitais independentes assumem, num primeiro momento, um caráter predominantemente auxiliar para a compreensão dos termos da pesquisa. No mais, o próprio desenrolar da pesquisa se encarrega em mais de um momento de afirmar se e até que ponto essas expressões podem ser consideradas pertinentes (CAPOBIANCO, 2019).

Aliás, quando se fala de “independência” é preciso se estar atento a uma característica do jornalismo que é afirmada desde sempre, não importam os modos como esse jornalismo constrói sua identidade em diferentes contextos sociais e tecnológicos. Assis, Camasão, Silva e Christofoleti (2017, p. 6) entendem que “a independência no jornalismo pode ter diferentes significados em distintos contextos, ou ainda, ser apropriada em nome de determinados interesses”. Karppinen e Moe (2016, p. 106) afirmam que a independência diz respeito à autonomia, ao autogoverno ou ao direito de uma instituição criar suas próprias regras e administrar seu próprio negócio.

Com um olhar para as práticas dessas mídias mais que para sua proclamada independência, no ato da seleção do *corpus* da pesquisa foram levados primeiramente em conta dois levantamentos, um deles gerado no universo dessas mesmas mídias e o outro, originário da academia. A Agência Pública⁸⁰ realiza um trabalho de mapeamento dessas iniciativas no país, intitulado “Mapa do Jornalismo Independente” (2016, online),⁸¹ em um momento, de acordo com a agência, de “ruptura e renascimento” vivido pelo jornalismo. Trata-se, segundo a Pública, de organizações que “nasceram na rede, fruto de projetos coletivos e não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas”, e que também não sejam blogs, avaliados geralmente como iniciativas individuais. Dados compilados pela Pública entre novembro de 2015 e fevereiro de 2016 revelam a existência, no período, de 79 coletivos no Brasil, 36 em São Paulo.

⁸⁰ Agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos, afirma em seu site – <<http://apublica.org>> – ser uma fomentadora do jornalismo independente, com mentorias para jornalistas, concursos de microbolsas de reportagem, eventos de discussão sobre jornalismo e programas de apoio a projetos inovadores. Outro viés que remete à independência jornalística promovida e executada pela Agência Pública está no ineditismo do seu Mapa do Jornalismo Independente, criado em 2016.

⁸¹ Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

O segundo levantamento, coordenado pela pesquisadora Roseli Figaro (2018), do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP), tem como objetivo analisar as relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas no que a Figaro denomina “novos arranjos de mídia”, além de olhar essas mídias na relação com suas formas de sustentação e incorporação de novas tecnologias em suas práticas. Figaro também utiliza como referência o Mapa da Agência Pública, mas vai além. Com um trabalho de catalogação, a partir das mídias apontadas pelo Mapa e de outras indicações e métodos, o estudo levanta 170 mídias independentes no Brasil e 10 com endereços internacionais (FIGARO, 2018, p. 38).

No caso da nossa pesquisa, o processo de seleção das mídias para o estudo acerca de suas dinâmicas produtivas foi construído na caminhada, durante o desenvolvimento da mesma pesquisa, entre as negativas de algumas mídias em se abrirem para o estudo e a inviabilidade de se abordar outras. Ao fim e ao cabo, encontramos oito jornalistas fundadores/e ou editores dispostos a falar em profundidade para a pesquisa. Com a conclusão da oitava entrevista consideramos que tínhamos um material farto e suficiente para análise. As mídias que compuseram a análise foram o Estúdio Fluxo, Nexo Jornal, Repórter Brasil, Mídia Ninja, Jota, Congresso em Foco e The Intercept Brasil, organizadas pelo critério de aproximação, que compreende o contato feito e o retorno do jornalista manifestando seu interesse e disposição de participar do estudo.

As mídias selecionadas possuem em comum os seguintes aspectos: a) posicionam-se como jornalísticas, tendo profissionais, formados ou não na área, e produtores de conteúdos jornalísticos; b) orientam-se pela perspectiva de oferecer um jornalismo que se diferencie, se contraponha, em alguma medida e/ou aspecto, ao modelo de organização jornalística e de jornalismo praticado pela mídia tradicional; c) constam no Mapa da Mídia Independente no Brasil produzido pela Agência Pública; d) declaram-se independentes, ou possuem como perspectiva editorial o jornalismo independente, em seus portais na internet e/ou nos espaços públicos; e) sua distribuição se dá exclusiva ou predominantemente pela internet; f) adotam formas colaborativas e ou alternativas para seu financiamento; g) adotam formas diferentes de organização (de casas e caixas coletivos, como a Mídia Ninja; às que se assemelham a *startups*, como o Jota).

Para se compreender um mapa, é preciso adentrar os seus territórios. É ali, nos territórios, onde a vida circula e as relações acontecem, que semelhanças e diferenças emergem e se deixam ver ao olhar atento e compreensivo. Nesse movimento, partindo de uma visão geral e seguindo para uma

aproximação e adentramento dos territórios das mídias selecionadas, percebemos a pluralidade e diversidade de pensamentos e práticas jornalísticas. Essas práticas vão de forte engajamento político – geral (caso do The Intercept Brasil) ou em determinadas áreas (como a Repórter Brasil), chegando às vezes ao ativismo (como é o caso da Mídia Ninja) – até *startups*⁸² e novos modelos de negócios (a exemplo do Nexo Jornal e do Jota).

Com base nesse conjunto de informações sobre essas mídias e numa tentativa de síntese dos aspectos que as aproximam e diferenciam, no melhor estilo da análise de conteúdo (BARDIN, 1977; MORAES, 1999; BAUER, 2015), criamos um conjunto de categorias que nos ajudam na compreensão de suas identidades, a saber: a) engajamento social e político; b) cobertura temática; c) uso de voz autoral; d) jornalismo de profundidade. As mídias são diversas ainda com relação ao seu posicionamento editorial (o que pode ser visto em parte no marcador “posição engajada”), nos processos produtivos e nas narrativas e formatos jornalísticos que dispõem ao público.

As sete mídias possuem trabalho jornalístico expressivo na sociedade brasileira e reconhecimento no meio jornalístico nacional e internacional, tendo inclusive sido agraciadas com diversas premiações.⁸³ Elas abrangem diferentes práticas jornalísticas e segmentos da sociedade, em um universo representativo do jornalismo independente brasileiro.

Percurso metodológico

A fundamentação teórica da pesquisa abrange estudos acerca do jornalismo contemporâneo, suas transformações diante dos avanços tecnológicos⁸⁴; do jornalismo móvel, convergente e em

⁸² Bertocchi (2017, p. 112) afirma que o jornalismo de startup brasileiro está ainda em um estágio experimental e de caráter probatório. A autora compreende o jornalismo de startup como “um tipo de jornalismo empreendedor pós-industrial, se destacando por adotar uma visão sistêmica da comunicação que ultrapassa a monotonia das empresas informativas tradicionais. São empreendimentos jornalísticos que buscam inaugurar um modelo singular, inédito e visionário de negócio, promovendo rupturas em suas diversas camadas: equipes, estratégias, processos, formatos narrativos, audiências e tecnologias”.

⁸³ Retomamos aqui o caso da Pública (<<http://apublica.org>>), que produz o Mapa da Mídia Independente, visto por nós como expressivo no contexto em discussão. A Pública, de acordo com informações prestadas em seu site, apresenta-se como uma mídia que aposta em um modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência e promove “a defesa intransigente dos direitos humanos e do discurso democrático”. Fundada em 2011, funciona como uma agência com reportagens, disponibilizando conteúdo sem fins lucrativos que distribui reportagens investigativas gratuitamente, sob a licença Creative Commons CC BY-ND.

⁸⁴ Se valendo de autores como Jean Charron e Jean de Bonville; Zélia Leal Adghirni e Fábio Henrique Pereira; Steen Steensen; C. W. Anderson, Emily Bell, Clay Shirky, entre outros.

redes⁸⁵; da emergência de novas mídias, entre elas e mídia alternativa/independente.⁸⁶ As principais referências teóricas para pensar a produção da notícia percorrem autores conhecidos no campo de estudos de *newsmaking*⁸⁷ além de Manuel Carlos Chaparro e sua compreensão teórico-metodológica acerca da pragmática do jornalismo e do rastreamento da produção. O pensamento de Zygmunt Bauman (2001, 2007) sobre o que ele chama de sociedade líquido-moderna aciona mecanismos de compreensão do mundo social, político e econômico onde as mídias digitais independentes nascem e operam.⁸⁸

Todo o percurso da pesquisa foi marcado por um levantamento e análise de documentos, disponíveis em fontes diversas da internet e redes sociais, para a caracterização dos grupos de mídias independentes, suas histórias e práticas, o que muito ajudou na escolha dos entrevistados.⁸⁹ A análise de conteúdo aparece também em outro momento do trabalho, com um olhar para um conjunto de quatro reportagens dessas diferentes mídias estudadas.⁹⁰

Para a análise de conteúdos utilizamos referenciais teóricos tradicionalmente colocados acerca do método (BARDIN, 1977; BAUER, 2015; MORAES, 1999) e, no tocante às reportagens seguimos por um percurso que incorpora ferramentas do próprio jornalismo à definição das categorias que o método da análise de conteúdo demanda (LIMA, 2009; KLAUTAU; KÜNSCH; CARRARO, 2018), procurando nessa análise específica ressaltar os elementos e aspectos técnicos, estéticos e éticos da produção jornalística.⁹¹

Para a análise de conteúdo, propusemos as seguintes categorias de análise, levando-se em conta que as mídias independentes em foco produzem para a internet: a) uso da multimídia na construção narrativa; b) hipertextualidade do texto jornalístico, de acordo com classificação de

⁸⁵ Entre eles: Henry Jenkins; Manuel Castells; Marcos Palacios; João Canavilhas.

⁸⁶ Autores como: Kari Karppinen e Hallvard Moe; Chris Atton; John Downing; Elizabeth Lorenzotti; Ivana Bentes; Fábio Malini e Henrique Antoun.

⁸⁷ Como Miguel Rodrigo Alsina; Nelson Traquina; Gaye Tuchman; Michael Schudson; Mauro Wolf; Jorge Pedro Sousa.

⁸⁸ OS AUTORES NÃO APARECEM NAS REFERÊNCIAS DESTA TAREFA, POR QUESTÃO DE ESPAÇO, MAS SÃO DEVIDAMENTE CITADOS E REFERENCIADOS NA TESE.

⁸⁹ ESSES DOCUMENTOS ENCONTRAM-SE DISPONÍVEIS EM FORMATOS DIVERSOS DE PLATAFORMAS – TEXTOS, ÁUDIOS, VÍDEOS OU STREAMING – E DE GÊNEROS – NOTÍCIAS, REPORTAGENS, DEPOIMENTOS, OPINIÕES ETC. FAZ PARTE DESTA TAREFA A ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DOS PORTAIS DAS MÍDIAS NA INTERNET, COMEÇANDO POR DESCREVÊ-LOS EM SUAS CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS.

⁹⁰ AS REPORTAGENS SE ENQUADRAM NO QUE AS MÍDIAS CHAMAM DE “ESPECIAIS”, MAIS ANALÍTICAS DO QUE AS PRATICADAS NO COTIDIANO, TENDO SIDO TODAS ELAS REFERIDAS COMO EXEMPLOS NAS ENTREVISTAS QUE REALIZAMOS COM OS JORNALISTAS.

⁹¹ COMO MOSTRAM KLAUTAU, KÜNSCH E CARRARO (2018, P. 81), “ELEMENTOS DA PRÓPRIA TEORIA DA REPORTAGEM NOS SERVEM DE AUXÍLIO NA TAREFA DE MOSTRAR, MAIS QUE DEMONSTRAR, AS VIRTUALIDADES DESSE GÊNERO JORNALÍSTICO, ONTEM COMO HOJE, QUE PODEM SER POTENCIALIZADAS COM OS RECURSOS GERADOS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS”.

fases do jornalismo online, formulada por Mielniczuk (2000; 2003) ; c) diversidade de fontes utilizadas; d) profundidade; e) imersão; f) engajamento; g) voz autoral.

Um dos pontos altos do trabalho são as entrevistas em profundidade com os jornalistas das mídias independentes em foco. Os oito entrevistados são profissionais de jornalismo que exercem um cargo de responsabilidade editorial e/ou foram (co)fundadores de uma mídia independente específica. Dos 8 jornalistas entrevistados (6 mulheres e 2 homens, um de cada mídia selecionada, com exceção da Mídia Ninja, caso em que falamos com 2 jornalistas),⁹² 6 têm passagem por grandes jornais brasileiros. Isso corrobora nossa hipótese de que a prática jornalística nessas mídias está impregnada do que está sendo chamado de metajornalismo, como apontam estudos na área.⁹³

As entrevistas foram presenciais, com encontros que duraram de 1h a 2h30, sendo realizadas em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, com exceção da entrevista com Raíssa Galvão, da Mídia Ninja, feita por Skype. Compreendemos que o encontro face a face, a modo de Cremilda Medina em *Entrevista: o diálogo possível* (1990), pode favorecer o aprofundamento, talvez seja mesmo fundamental para ele. Possibilita que se estabeleça uma relação efetiva/afetiva, além de ter permitido a observação direta (em alguma medida participante, pelo menos numa visão compreensiva da própria observação participante) das expressões dos jornalistas, do entorno, dos sonhos e utopias, dos entraves e das dinâmicas do ambiente de trabalho.⁹⁴

Fomos a campo para as conversas tendo como âncora a perspectiva da entrevista compreensiva (KAUFMANN, 2013) e da entrevista como diálogo (MEDINA, 1990). *O signo da relação* (MEDINA, 2006) serviu o tempo todo como baliza e suporte do exercício (também possível) da compreensão. Aceitamos, assim, as subjetividades em curso, e saímos modificados de nossos encontros em que o diálogo se apresenta como uma possibilidade viva.

92 A ENTREVISTA COM A JORNALISTA MARIELLE RAMIRES, UMA DOS FUNDADORES DA MÍDIA NINJA, NOS LEVOU À ENTREVISTA COM RAÍSSA GALVÃO, UMA JORNALISTA MAIS JOVEM QUE NOS FOI INDICADA PARA, NAS PALAVRAS DE MARIELLE RAMIRES, DESCREVER COM MAIS DOMÍNIO AS DINÂMICAS PRODUTIVAS DO GRUPO ATUALMENTE. COMPREENDEMOS QUE HOUVE NESTE CASO, UM APROFUNDAMENTO VERTICAL, DE ACORDO COM A COMPREENSÃO DE LIMA (2009), QUE DESCREVE, NO CASO DOS LIVRO-REPORTAGEM, DOIS FATORES DE APROFUNDAMENTO. UM EM TERMOS DE HORIZONTALIZAÇÃO (ABORDAGEM EXTENSIVA EM TERMOS DE DETALHES) E OUTRO EM ÂMBITO DE VERTICALIZAÇÃO (EM BUSCA DE IMPLICAÇÕES, DESDOBRAMENTOS). AS ENTREVISTAS FORAM TODAS TRANSCRITAS MANTENDO-SE FIDELIDADE AO QUE FOI DITO E COMO FOI DITO, COM MÍNIMA EDIÇÃO. TODAS ELAS FORAM DISPONIBILIZADAS NA ÍNTEGRA NOS APÊNDICES DA TESE, COM UMA CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL.

93 VIDE ARTIGO PUBLICADO PELO JORNALISTA E PESQUISADOR IVAN SATUF, INTITULADO "O DISCURSO DA MÍDIA INDEPENDENTE COMO PRÁTICA METAJORNALÍSTICA". DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.REVISTACOMUNICANDO.SOPCOM.PT/FICHEIROS/20160706-ARTIGO1.PDF](http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20160706-ARTIGO1.PDF)>. ACESSO EM: 29 JUN. 2019.

94 OS AMBIENTES VARIARAM, DE ACORDO COM A PREFERÊNCIA DOS ENTREVISTADOS. TRÊS CONVERSAS SE DERAM NAS REDAÇÕES DAS MÍDIAS (JORNAL JOTA, REPÓRTER BRASIL, MÍDIA NINJA), UMA NO APARTAMENTO DO JORNALISTA ENTREVISTADO, DE ONDE PRODUZ HOJE PARA O ESTÚDIO FLUXO (BRUNO TORTURRA), DUAS EM UM MESMO RESTAURANTE, POR COINCIDÊNCIA (ANA MAGALHÃES, DA REPÓRTER BRASIL, CUJA ENTREVISTA COMEÇOU NA SEDE DA AGÊNCIA E TERMINOU EM UM ALMOÇO, E TATIANA DIAS, DO SITE THE INTERCEPT BRASIL), DUAS EM CAFÉS (ÉDISON SARDINHA, DO CONGRESSO EM FOCO, E OLÍVIA FRAGA, DO NEXO JORNAL).

Partimos da compreensão de roteiros semi-estruturados de entrevista, com questões-guia que abrangem os interesses da pesquisa e se desenrolam em outras questões no decorrer da conversação. Elaboramos um roteiro norteador, composto por 4 eixos temáticos, que davam origem às questões relacionadas aos seguintes tópicos: a) vida, história, motivações; b) a mídia independente; c) a grande mídia; d) modos de fazer. Conduzidos por esse roteiro, buscamos um olhar atento, que perpassou todo o diálogo, aos aspectos a) do uso de tecnologias; b) das relações humanas; e c) das remediações (CANAVILHAS, 2012), nos processos jornalísticos.

A observação direta (MINAYO, 1992), em alguma medida, participante,⁹⁵ fez parte do arsenal metodológico nos encontros que tivemos com os jornalistas, sobretudo nos casos em que fomos aos seus territórios. Nesses momentos, a observação se dava por meio de nossa participação no ambiente e interação com o jornalista e o entorno. Esse mesmo sentido de observação esteve também presente nos encontros para as conversas, seja nas redações das mídias, como nos demais ambientes escolhidos pelos entrevistados. Nestes encontros para diálogos em profundidade, pudemos observar expressões de alegria, espanto, preocupação, envolvimento, mal-estar, e para nossa surpresa, momentos de reflexão profunda.

Mais especificamente, nos quatro casos em que fomos às redações – embora elas não estejam em um único local físico e aconteçam ainda em ambientes virtuais (Estúdio Fluxo, Jota, Repórter Brasil e Mídia Ninja), pudemos ver as próprias dinâmicas de trabalho em equipe, as interrupções dos profissionais – e/ou do WhatsApp – ao entrevistado, o ambiente, fragmentos da rotina. Tanto a proposta teórico-metodológica do rastreamento por observação direta (CHAPARRO, 2007), como o próprio nome já diz, quanto a do *Newsmaking* (WOLF, 1995) se valem da observação. Em tempos de rotinas fluidas e desterritorializadas, foram essas as observações possíveis, nos encontros presenciais com os entrevistados e, também quando possível, nos ambientes das redações – sem menosprezar o modo de observação possível por vias indiretas, como apontado, como é o caso, por exemplo, da observação por via de textos analíticos, de documentos vários.

Com o material coletado com as entrevistas, discutimos as percepções e as práticas jornalísticas dos oito entrevistados, por meio de um texto de nossa autoria, em que mediamos nossos olhares em uma costura das falas dos jornalistas que ouvimos, buscando seus pontos de encontro e de

⁹⁵ AQUI EMPREGAMOS O TERMO PARTICIPANTE EM UMA CONTRAPOSIÇÃO À COMPREENSÃO DO OBSERVADOR NÃO-PARTICIPANTE, ALHEIO EM DIFERENTES GRAUS POSSÍVEIS AO FENÔMENO OBSERVADO.

dissidência relativos às temáticas discutidas, numa reflexão acerca do jornalismo contemporâneo independente e seus (des)encontros com o jornalismo tradicional.⁹⁶

Considerações finais

Os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa de campo foram construídos, em parte, no próprio campo e, ainda, algumas vezes, no decorrer dos fenômenos. Isso nos levou a uma postura permanentemente reflexiva com relação aos procedimentos empregados, na perspectiva de que o objeto escolhe o método, e não o contrário. Analisou-se um *continuum* multimídia, das práticas metajornalísticas dos profissionais à sua atuação como produtores de conteúdos nas mídias independentes, em um processo articulado.

As mídias se posicionam em direção a um jornalismo que podemos chamar de interpretativo, em um aprofundamento da narrativa (seja horizontal – no 'jornalismo de contexto' praticado pelo Nexo Jornal, ou vertical, no caso dos mais investigativos, como o The Intercept e a Repórter Brasil), em narrativas reconfiguradas e mais potentes, mais livres e autorais que o comum das mídias tradicionais. Temos no universo observado, posicionamentos engajados, desde a militância da Mídia Ninja ao alinhamento com causas e horizontes (como é o caso do The Intercept Brasil e da Repórter Brasil) e cobertura com um foco temático (no caso da Repórter Brasil, o combate ao trabalho escravo; no do Congresso em Foco, a política e o Congresso Nacional; e do Jota, o universo jurídico). Assim, essas práticas jornalísticas rompem com a pretensão da dita neutralidade jornalística, em uma compreensão do jornalismo enquanto fazer intencionado, assumindo suas subjetividades, mas, também intencionalmente, com o horizonte da ética e com a referência do interesse público posta sobre a mesa, ora como prato principal, ora como sobremesa.

A multiplicidade de formas e de conteúdos narrativos produzidos pelas mídias nos permite apontar para uma reconfiguração das narrativas jornalísticas, que em alguma medida expressa as reconfigurações que vimos nos processos e rotinas produtivas jornalísticas. Essas mídias têm se

96 ESSA REFLEXÃO ESTÁ ORGANIZADA EM SEIS TÓPICOS TEMÁTICOS: A) METAJORNALISMO E A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA; B) ENGAJAMENTO E USO DA VOZ AUTORAL; C) ESTRUTURAS RECOMPOSTAS, GANHOS E PERDAS; D) MOBILIDADE, CONVERGÊNCIA E TRABALHO EM REDES E) RELAÇÕES HORIZONTALIZADAS E NOVOS PRODUTORES; E F) NOVAS TEMPORALIDADES, MAIS APROFUNDAMENTO. OS SEIS TÓPICOS ESTÃO EM SINTONIA, AINDA, COM AS CATEGORIAS DE ANÁLISE QUE UTILIZAMOS NA CARACTERIZAÇÃO DAS MÍDIAS NAS QUAIS OS JORNALISTAS ATUAM E COM AS CATEGORIAS DE ANÁLISE EMPREGADAS NAS ANÁLISES DAS NARRATIVAS QUE ELES PRODUZEM.

mostrado lugar de experimentações e rupturas com os modelos jornalísticos tradicionais. E se isso está nos modos de fazer, na identidade profissional dos jornalistas (pelo menos nos vínculos identificatórios que percebemos na relação com os ideais de independência e liberdade dessas mídias), é justo supor que também estaria nas narrativas, expressão máxima de suas práticas.

Assim, a ação jornalística com as potencialidades da web, em contextos de convergência e mobilidade acentuada, nos cenários de experimentação das mídias independentes, culminam (por vezes) em narrativas mais complexas, compreensivas, vigorosas. Isso pelo aspecto potencializador do ambiente multimídia, mas, sobretudo quando aliado à intenção do aprofundamento, que é a da maioria da nossa amostra de mídias. Há ainda outros aspectos potencializados das narrativas, próprios do ambiente e das dinâmicas produtivas da mídia independente, como o trabalho em redes sociais colaborativas, das pessoas que estão em movimento, conectadas pela internet; o envolvimento do repórter, em um processo de engajamento e/ou posicionamento dele ou da mídia, com narrativas autorais, com envolvimento, e com uma diversidade de vozes e de pontos de vista.

No tocante ao método da compreensão e aos diálogos que busca o tempo todo tecer com as mais diferentes propostas metodológicas, qualitativas e quantitativas – uma possibilidade que não se fecha e nem de longe se contenta com essa espécie de lição de casa operada pela tese que está na base deste artigo –, é justo dizer que esse experimento cognitivo mostra – mais do que prova – as possibilidades de um conhecimento pertinente, de noções mais que de conceitos, de compreensão mais que de explicação. Um modo conversacional de produção de conhecimento, que namora o tempo todo, mesmo lá onde isso não se faz explicitamente, com princípios tão valiosos hoje para toda e qualquer epistemologia, como os da incerteza e da complementaridade dos opostos.

Não por último, desejamos manifestar a crença e a aposta num modo de pensar o conhecimento que até onde possível promova a democracia cognitiva, a recusa a toda forma de violência, miúda ou grande, física ou moral. Agora finalizando: trata-se, no caso do método da compreensão, numa crença e numa aposta no lugar e urgência da produção de informação de atualidade na esfera pública e na área científica e também prática da Comunicação na promoção e no estudo – rigoroso tanto quanto vigoroso – desses diálogos possíveis.

Referências

AGÊNCIA PÚBLICA. O mapa do jornalismo independente. 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. Trad. Ada Felix. Revista de Jornalismo da ESPM. São Paulo: ESPM, abril, maio, junho/2013. Disponível em: <http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

ASSIS, Evandro de; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana da Rosa; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. Pauta Geral: Estudos em Jornalismo, v. 4 n. 1, p. 3-20.

Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899>. Acesso em: 17 dez. 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERTOCCHI, Daniela. Startups de jornalismo: desafios e possibilidades de inovação. Revista Contemporânea, v.15, n.01. p. 101-117, 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21901/14436>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

CANAVILHAS, João. Da remediação à convergência: um olhar sob os media portugueses. *Brazilian Journalism Research*, 8, 1, 7-21, 2012. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/369/362>. Acesso em: 17 dez. 2019.

CAPOBIANCO, Janaína C. M. O fazer jornalístico em transformação: a produção da notícia em mídias independentes digitais. 2019. 373 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1985/2/Janaina%20Cristina%20Marques%20Capobianco2.pdf> >. Acesso em: 30 out. 2020.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3. ed. São Paulo: Editora Summus, 2x007.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FIGARO, Roseli. (Org.). As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. São Paulo: ECA-USP, 2018.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KARPPINEN, Kari; MOE, Hallvard. What we talk about when talk about “media Independence”. 2016 Disponível em: <http://bora.uib.no/bitstream/handle/1956/12265/What+We+Talk+About+When+Talk+About+Media+Independence.pdf?sequence=6> >. Acesso em: 17 dez. 2019.

KAUFMANN, Jean-Claude. Entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KLAUTAU, Carolina Moura; KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. A reportagem jornalística e a compreensão como método: um estudo da série 'Um mundo de muros', da Folha de S.Paulo. Folios, v. 2, p. 6, 2018.

KÜNSCH, Dimas A. [*et al.*]. Princípios inspiradores da compreensão como método. In: Produção de conhecimento e compreensão. São Paulo: UNI, 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo-SP: Paulus, 2006.

_____. A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

_____. Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na Web. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001. Disponível em: <https://facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

_____. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias, PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1000.PDF>. Acesso: 13 jul. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Educação, v. 22, n.37. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.7-31. Disponível em: <https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: Unesco, 2011.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

Hacia una teoría cosmopolítica de la comunicación

Rumo a uma teoria cosmopolítica da comunicação

Towards a cosmopolitical communication theory

Verónica Araiza Díaz⁹⁷

⁹⁷ Becaria Posdoctoral en Centro Peninsular en Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional Autónoma de México. Mérida, Yucatán, México. araizadgb@hotmail.com

Alejandra Araiza Díaz⁹⁸

Introducción

En los últimos años las ciencias sociales y las humanidades han puesto más atención a las cuestiones ambientales de lo que lo habían hecho con anterioridad. Ello no es de sorprender debido a lo que ha representado para la ciencia en general el estudio del cambio climático y la sexta extinción masiva de especies, lo cual se ha interpretado como un momento límite en la historia de la humanidad.

Sörlin (2014) describe el “giro ambiental” que se ha producido en las humanidades, disciplinas que han abierto líneas de investigación en todo el mundo relacionadas con el tema y cuyo término referencial es el de Antropoceno, que si bien fue propuesto en el ámbito de las ciencias duras por Crutzen y Stoermer (2000) para dar cuenta de una supuesta nueva era geológica en razón de la influencia antropogénica, es sobre todo un concepto cultural que ha sido abrazado en las ciencias humanas para recoger múltiples y complejos análisis sobre la relación naturaleza-cultura.

Desde finales de los años ochenta, Guattari (1996) en su idea de “ecosofía” había señalado el carácter tecnocrático del abordaje de las cuestiones ambientales y la necesidad de un análisis complejo de las prácticas humanas en distintos ámbitos, para lo cual propuso tres dimensiones ecológicas: la del medio ambiente, la de las relaciones sociales y la de la subjetividad humana.

La crisis ambiental no se puede explicar sin el desarrollo del capitalismo y -de manera muy especial- sin el despliegue tecnocientífico de la era contemporánea. Por esta razón los estudios sociales de la ciencia y la tecnología son uno de los campos que más ha impulsado el giro ambiental en las humanidades y las ciencias sociales, al hacer evidente las complejas relaciones entre ciencia y política, que ha abordado -por ejemplo- Bruno Latour. En este ámbito surgió la cosmopolítica (Stengers, 2002; Latour, 2013; Haraway, 2016), que no es el cosmopolitismo ingenuo y bien intencionado, sino la idea de una política del cosmos en la

⁹⁸ Profesora-Investigadora de tiempo completo del Área Académica de Ciencias de la Comunicación de la Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México, araizale@yahoo.es

que sea incluido lo no humano (los animales, la naturaleza e, incluso, las máquinas).

Nos parece que la revolución tecnológica de la información, que abrió las posibilidades de un mundo *cyborg*, al estilo disruptivo de Donna Haraway, una hibridación ser humano-máquina sin precedentes y una reconfiguración de la vida, al poner en duda los principales preceptos de la modernidad, es también elemento fundamental de otro giro en el pensamiento. Braidotti habla de lo posthumano (2015) como una crítica al humanismo y antropocentrismo modernos, así como de la convergencia posthumana (Braidotti, 2019) que supone el empalme entre la revolución digital y la crisis ambiental que implica una paradoja utópico-distópica (celebratoria de las tecnologías y pesimista respecto al cambio climático).

De igual manera, los feminismos, y más precisamente, el ecofeminismo ha sido fundamental en el mencionado giro teórico de nuestras disciplinas, al resaltar la importancia del *oikos* -lo doméstico/la familia- en el análisis social, de la noción ético-política del cuidado y la necesidad de ensamblajes multiespecie (Haraway, 2016) para revertir el problema ambiental.

Finalmente, en América Latina se ha producido un cambio radical en la academia a

partir de los años noventa con el giro decolonial y la consiguiente recuperación de la filosofía indígena de varias latitudes de nuestro subcontinente, pero sobretudo del pensamiento andino. En general, el conocimiento local, de los pueblos originarios es profundamente ecofilosófico o cosmopolítico, en sus preceptos se identifica una relación distinta a la occidental entre el ser y su entorno, en donde "a diferencia de las construcciones modernas con su estricta separación entre el mundo biofísico, el humano y el supernatural, se entiende comúnmente que los modelos locales, en muchos contextos no occidentales, son concebidos como sustentados sobre vínculos de continuidad entre las tres esferas" (Escobar, 2000, p. 119).

Esta breve introducción nos sirve como punto de partida para pensar lo que puede significar el giro ambiental en la ciencia de la comunicación, y para jugar con la idea de una comunicación cosmopolítica, ecofeminista y posthumana. Consideramos que el principio básico de la comunicación, como *communicare*, compartir o poner en común, es pertinente para analizar el mundo a partir de su esencia comunitaria en términos bioculturales.

2. Todo comunica o el principio de relacionalidad

Cuando hablamos de la esencia comunitaria de la comunicación, apelamos a la idea de que en el mundo “todo comunica”, que el vínculo o relación es la condición *sinequa non* de la vida, tanto en sentido cultural como biológico. En el mundo moderno, al análisis de la relacionalidad como fundamento filosófico fue abordado por Spinoza y siglos después por Whitehead. En el pensamiento de ambos no hay una dicotomía entre mente y materia, el ser es producto de la relación, por lo que es más bien un devenir, un proceso, una transformación constante que resulta de la potencia creativa.

Específicamente, en la teoría de la información/comunicación, la cuestión de la relacionalidad no se puede entender sin la cibernética de Norbert Wiener (1948), quien -a diferencia de Shannon-, propuso no un modelo lineal sino circular de comunicación, en el que la información fue definida como aquello que es objeto de intercambio. La cibernética, como teoría transdisciplinaria de la comunicación, tendría como objeto de estudio las relaciones informativas entre entidades múltiples (orgánicas y artificiales), entendidas todas ellas como esencialmente informativas;

es decir que son porque intercambian información.

La cibernética, que a nuestro modo de ver no ha tenido el suficiente reconocimiento en las ciencias sociales, constituyó una verdadera revolución en el pensamiento contemporáneo al conformarse como la piedra angular de lo que posteriormente sería la complejidad, cuya condición de posibilidad es la interdisciplina. La cibernética fue el punto de partida para el desmontaje de la dicotomía ciencias duras/ciencias humanas, que en el contexto actual es una necesidad para poder abordar los problemas que nos aquejan, como lo es la crisis ambiental.

Para el campo de las ciencias sociales, la cibernética ha sido indispensable en el estudio de la sociedad de la información y la cultura digital. Mejor dicho, los atributos de la comunicación digital se explican bajo los principios de la cibernética: descentralización, apertura, transparencia, colaboración, retroalimentación, auto-organización, procomún. A nuestro modo de ver, éstos deben ser comprendidos en su dimensión política y no solo técnica (informática). Desde la mirada utilitarista del capital estos atributos han resultado altamente rentables, han sido aprovechados para un sinfín de productos y servicios de info-comunicación.

En su contra-parte, ellos también han sido cruciales en una democratización de la información sin precedentes. Sirva lo anterior para hacer ver que todo comunica, pero en qué sentido, bajo qué códigos, cómo comunica, a quién beneficia, cómo se gestiona, etc.; todas éstas son preguntas que debemos hacernos para entender hasta dónde abarca la teoría de la comunicación “como ciencia general de las interacciones” (Rizo, 2011, p. 331).

Del lado de las ciencias duras, en particular la biología, la cibernética ha influido en la teoría de los sistemas autopoieticos (Varela, Maturana y Uribe, 1974), que abordan la vida como autorregulación a partir del intercambio de información en los organismos. Pero la biosemiótica, que también estudia la vida desde la info-comunicación, como un asunto de códigos, refiere no sólo el intercambio sino la interpretación que hacen de las señales los organismos en el proceso de readaptación; en esta línea, la idea de Weber (2011) de “hermenéutica encarnada” abona a las perspectivas que insisten en la agencia de lo no humano en la configuración del mundo, lo que constituye una de los principios fundamentales de la cosmopolítica como veremos más adelante.

En suma, hablamos de “el cosmos ordenado y organizado, moviéndose por procesos que pueden calificarse de comunicación, en su complejidad, en su manera de conectar todo, de unir, de relacionar” (Galindo Cáceres, 2011, p. 28). La idea es apuntar el principio de relación/interacción en comunicación, con todo lo que ello comporta, no sólo en el ámbito humano sino como principio universal, para luego incluir la cuestión política -que entenderemos como no exclusivamente humana- por lo que la propia ciencia de la comunicación sería una transdisciplina. Nos parece que la propuesta ampliamente desarrollada en México desde hace varios años en el proyecto Gucom, coordinado por Jesús Galindo Cáceres, encaminado a desarrollar la comunicología, como una teoría general, alternativa y crítica de la comunicación va en esta línea que pretende salirse de la teoría hegemónica de esta disciplina, centrada en los medios de comunicación masiva, para ofrecer un cuerpo teórico para este campo que esté en condiciones de participar de los grandes debates en las ciencias sociales y humanidades en los albores del siglo XXI.

Comunicación y política

Como bien señala John Durham Peters (1999), nos ha hecho daño pensar que podemos comunicarnos “como los ángeles”, o lo que es lo mismo: la comunicación perfecta no existe. No se trata de buscar la transmisión precisa para la recepción exacta de los mensajes, porque finalmente lo que usamos para comunicar son signos y “la transmisión de señales es una metáfora inadecuada para la interpretación de signos” (Durham Peters, 1999, p. 52).

En ese sentido, la teoría de la comunicación se nutre de la semiótica de Peirce, que más que pretender una relación entre significante-significado (como quería Saussure), plantea que hay una relación entre objeto-signo-interpretante. Aparece en su modelo ternario la noción de producción de sentido y de, alguna forma, el elemento hermenéutico (del Valle, 2015). No por casualidad, Carlos Vidales (2010) plantea que la teoría de la comunicación se nutre tanto de la semiótica como de la cibernética.

De cualquier forma, es innegable que el estructuralismo de Saussure sentó las bases para lo que se conoce como giro lingüístico, que luego fue trabajado en los años sesenta por Roland Barthes, Julia Kristeva o Umberto Eco en una versión de la semiología más próxima a cualquier tipo de signo, con lo cual

los procesos sociales pudieron analizarse como lenguaje. La relevancia de esta apropiación de los años sesenta, la segunda fundación de la semiología -en palabras de del Valle (2015)-, es que, a diferencia de la propia de Saussure que tenía importantes tintes positivistas, tuvo una mayor incisión en el análisis del poder.

Y esto fue más fuertemente trabajado por el post-estructuralismo, propio de Foucault, Derrida, Deleuze, Braidotti e, incluso, Butler. Ya con Foucault (1973) se sentaron las bases para hablar de la ciencia como un discurso y del saber asociado al poder. A partir de su trabajo, se empezó a hablar del discurso como una instancia que dicta lo que se puede considerar como racional y verdadero frente a lo que no. Pareciera que el lenguaje (desde el punto de vista lingüístico) dejó de tener interés y el foco se puso en el discurso, que bien podría considerarse como la materialidad del lenguaje. Y, en ese sentido, como algo mucho más próximo a la comunicación. Y si el discurso y la comunicación están relacionadas con el poder, no puede obviarse su vínculo con lo político, pues como dice Durham Peters:

Demasiado a menudo, el concepto de “comunicación” nos complica la tarea de construir mundos conjuntos; nos invita a un

mundo de comunidades sin política, de entendimientos sin lenguaje y de almas sin cuerpo, sólo para provocar que la política, el lenguaje y los cuerpos vuelvan a aparecer como obstáculo en vez de bendiciones (Durham Peters, 1999, p. 53).

Parece ser que toda comunicación es política y corporeizada. No es sólo que los signos tienen un correlato material, sino que producen una materialidad al momento de ser emitidos y, a su vez, tienen efectos variables en función de las múltiples interpretaciones que puedan existir. Y, en ese proceso complejo y circular de agentes diversos, es la alteridad la que trae consigo el conflicto, pero también es la diferencia la que enriquece la vinculación. Hacia allá queremos encaminar nuestra propuesta de comunicación cosmopolítica.

Ahora bien, la era digital nos ha hecho repensar la relación tecnología-sociedad y la antigua discusión sobre cuál de ellas determina a la otra. La revolución tecnológica de la información da cuenta de la relación dialéctica, de mutuo impacto entre tecnología y sociedad, como señala Castells (2008), pues el contexto histórico fue fundamental en el desarrollo de Internet y -a su vez- esta tecnología ha definido nuestra actual forma de vida. En general, en los análisis de cultura

digital existen posiciones tecnofóbicas y tecnofílicas, las que nos advierten de los grandes peligros (vigilancia y afianzamiento del capitalismo) y las que celebran la emergencia de una tecnología descentralizada de información que promete una mayor democratización de la sociedad.

Desde la perspectiva de los estudios sociales/culturales de la ciencia, es necesario abandonar ambas posturas y dar cuenta, con Haraway y Latour, de la tecnociencia moderna como una articulación entre distintos actores (humanos y no humanos) que explica tanto nuestro mundo material como simbólico. Es decir, la tecnociencia ha definido las formas de vida (a partir de ciertos artefactos) y los imaginarios, pero ella misma es producto de un acoplamiento complejo, en donde la comunicación tiene un papel preponderante.

Asimismo, los estudios de la ciencia han dado cuenta de la relación entre tecnología y política, como contraposición a la narrativa científica dominante que asegura estar más allá de la cultura y por lo tanto ser neutral, no responder a intereses de grupos. Para los estudiosos de la ciencia esto no es así, pues ésta no está separada de la sociedad y sus estructuras, por lo que siempre tiene implicaciones políticas y -de hecho- en el

contexto actual se hace necesaria una mayor incidencia ciudadana en la política científica para poder enfrentar la crisis ecológica.

En este tenor, surgió la noción de cosmopolítica (Stengers, 2002; Latour, 2013; Haraway, 2016), no como un cosmopolitismo renovado por la cultura digital, sino una política (posicionamientos, decisiones, implicaciones) del cosmos, es decir, amplia (planetaria, multiespecie y *cyborg*), de la que lo no humano forma parte. Se trata de una política cuyo punto de partida es que los humanos no estamos solos en este mundo, sino que lo compartimos con otros seres y la interdependencia es condición de vida. Es una política de vida, no una biopolítica, sino zoopolítica (Braidotti, 2015), pues la vida como *zoe* refiere su carácter dinámico, generativo y más que humano. Esta política exige nuestra co-implicación en los derroteros de la tecnociencia, pues ha quedado

demostrado que el impacto de ésta precisamente pone en riesgo la vida, por lo que nos afecta a todos y todas, aunque de maneras diferentes, como se ha analizado críticamente en la noción de Antropoceno en las ciencias humanas.

La comunicación, desde esta perspectiva cosmológica, es la "comunicología posible" del proyecto Gucom, que "saca a la comunicación de lo sólo humano y social hacia otras dimensiones de la vida y del cosmos" (Galindo Cáceres, 2011, p. 31). Nos parece que la comunicación del siglo XXI tiene que ir forzosamente en esta línea, para superar los lastres funcionalistas y antropocentristas, y para ofrecer marcos de análisis críticos para los problemas actuales, atravesados indiscutiblemente por la cuestión ambiental.

Comunicación post-humana

La era digital ha supuesto un límite en la historia humana en razón no de un mayor y más intensivo uso de aparatos tecnológicos, sino de la incorporación de tecnologías (prótesis) de procesamiento de información que permiten capacidades aumentadas del ser humano. La idea de lo post-humano suele

evocar un sujeto *cyborg*, en tanto ser humano mejorado capaz de sobrevivir en entornos extraterrestres como lo imaginaron Kline y Clynes en el contexto de la carrera espacial en los años sesenta; pero el posthumanismo como filosofía es mucho más que eso, es nada más y nada menos que la puesta en cuestión

del humanismo moderno y la apuesta de superación del antropocentrismo (Braidotti, 2015).

El universo teórico posmoderno (postestructuralismo, feminismos, teorías pos/de-coloniales, digitalidad), entendido como crítica al pensamiento moderno, ha supuesto el cuestionamiento del humanismo como principio rector de la filosofía de la modernidad, la pregunta por quién es finalmente ese individuo que representa los ideales de la razón y la libertad, es respondida desde el orden simbólico del poder (Foucault) y donde la subjetividad -por tanto- es producida (Guattari), desde la posición de los sujetos subalternos y racializados (feminismos y anticolonialismo) y finalmente desde una condición *cyborg* (Haraway) que supera las dicotomías ser humano-animal y ser humano-máquina, con lo que lo no humano es reconocido como parte de las relaciones sociales.

De tal suerte que cuando hablamos de una comunicación posthumana no nos referimos a la mediación tecnológica digital, sino a una comunicación crítica, contrahegemónica y emancipatoria, en donde distintos actores (humanos y no humanos) tienen agencia y, por lo tanto, articulan el

mundo de manera compleja. Es decir, aquí la comunicación es entendida no de manera técnica o exclusivamente humana y discursiva, sino de forma semiótico-material, en la línea de Haraway (2016), en donde distintas entidades emiten y reciben mensajes que son interpretados como parte del proceso de re-adaptación y con la única finalidad de seguir adelante, de preservar la vida, no la vida en sí, sino los ensamblajes entre entidades.

A nuestro modo de ver, la comunicación no es simplemente la técnica o capacidad de emisión/recepción de mensajes, sino la habilidad de “hacer el común” de mantener dichos ensamblajes, lo cual es difícil en el capitalismo tardío en razón del modo de vida hiperconsumista que demanda una producción acelerada y donde la forma extractivista se implementa en distintas actividades económicas, todo lo cual nos ha llevado a la crisis ambiental actual.

La comunicación posthumana por la que apostamos es una comunicación compleja y relacional, compuesta por significados y acciones, es decir que es semiótico-material. Al ser compleja y relacional está atravesada por la política, por la filosofía (ontología y ética), por la psicología (pensamiento, lenguaje y afectividad) e incluso por la

biología. Por eso, no se trata sólo de los humanos y cómo se relacionan entre sí, sino que incluye otras vidas.

Comunicación para otras vidas

Rosi Braidotti (2013) defiende una postura anti/post-humanista desde una mirada post-estructuralista que critica el humanismo falogocentrista propio de la modernidad, y en clave feminista anti-universalista que reconoce la multiplicidad del sujeto; y desde una posición anti-colonial fenomenológica como la propia de Fanon. Todas estas pistas teóricas (deleuzianas, feministas, post/de-coloniales) le ayudan en su apuesta por una mirada post-antropocéntrica, que se enfoque en la vida en lugar de en lo humano como universal y medida de todas las cosas.

Para nosotras es muy importante rescatar las teorizaciones que se han hecho desde el movimiento feminista a través de uno de sus principales reclamos: poner la vida y el cuidado en el centro. En ese sentido, el ecofeminismo ha intentado conjugar la vida de los seres humanos con la de otros seres vivos. Es un enfoque que ha buscado recuperar la idea de naturaleza y la ha abordado desde una noción de cuidado. Comparaciones entre los cuerpos femeninos -dadores de vida- y la naturaleza han sido

hasta cierto punto una constante de ciertos discursos ecofeministas. De acuerdo con Yayo Herrero (2013), "el ecofeminismo denuncia cómo la inmanencia de la vida humana y los límites ecológicos quedan fuera de las preocupaciones de la economía y del desarrollo" (Herrero, 2013, p. 8). De esta manera -prosigue- el ecofeminismo cuestiona profundamente el paradigma económico capitalista y deja en evidencia que su lógica es incompatible con la de un mundo sostenible y justo.

Por su parte, Haraway (1991) participa del ecofeminismo en cuanto a la capacidad de agencia que concede a la naturaleza, a diferencia del socioconstruccionismo que sólo la concibe como discurso. Haraway (1991) usa la metáfora del coyote -como un guiño a la mitología indígena de América del Norte- para referirse a la naturaleza como un ser con deseos, pasiones y afectos que a veces puede ser escurridiza (como el Correcaminos). Esta naturaleza no podría ser totalmente controlada por los seres humanos e incluso buscaría escapar de dicho control -como se ha

demostrado cada vez más-. En líneas muy similares, Iris Van der Tuin (2011) aboga por un neo-materialismo que vaya más allá de la dicotomía naturaleza/cultura. Nos invita a reconocer que la cultura es siempre natural y que los significados son siempre materiales, sin que ello comporte que la materia y la naturaleza vuelvan a ser concebidas como fundaciones pasivas disponibles para los seres humanos. Tanto esta autora como Braidotti coinciden con Haraway y hacen una lectura de filósofos como Bergson, Deleuze y Guattari, a partir de la cual apuestan por una filosofía vitalista que pone la vida en el centro, la vida más allá de los seres humanos y que la reconoce en su diferencia y complejidad. Ello nos lleva necesariamente a pensar en esas otras formas de comunicación cosmopolítica - tal y como lo proponemos en este texto- que van más allá de los humanos como los únicos agentes posibles. El común desde esta perspectiva sería algo diferente. No involucraría sólo a los seres humanos, asumiría las diferencias (de género, etnia, clase social, etc.); reconocería la interdependencia, lo relacional y la complejidad desde la cual nos vinculamos.

Entre los paradigmas que buscan otras maneras de vivir, están los generados desde Abya Yala (este otro nombre con el que se

conoce a América Latina). Según Alejandra Aquino (2013), las críticas al colonialismo han dejado importantes huellas en distintos ámbitos: la política, la economía, la subjetividad, entre otros. Desde su lectura de Boaventura de Sousa Santos, las epistemologías del sur son una teoría que no busca "rechazar a la ciencia sino criticar que se haya impuesto a costa de menospreciar, descalificar e, incluso exterminar las otras formas de conocimiento, lo que el portugués denomina un epistemicidio" (en Aquino, 2013, p. 7).

De acuerdo con esta autora, la noción de comunalidad existente en México y en América Latina bien puede considerarse dentro del ámbito de las epistemologías del sur, pues ofrece instrumentos analíticos para comprender la opresión de los pueblos, cuestionar la hegemonía, proponer relaciones no coloniales alternativas al capitalismo y continuar con la producción de conocimientos desde nuestra realidad inmediata.

Para Floriberto Díaz (1995), el intelectual mixe-oaxaqueño y uno de los principales teóricos de la comunalidad, las comunidades indígenas comprenden, por un lado, un espacio territorial, demarcado y definido por la posesión, al cual le asocian una historia común, que circula de boca en boca y de una

generación a otra. Asimismo, tienen una variante de la lengua del pueblo, a partir de la cual se identifica un idioma común. Tienen una organización que define lo político, cultural, social, civil, económico y religioso, además de un sistema comunitario de procuración y administración de justicia. Y, aunque el propio Díaz (1995) aseguraba que se trata de un tipo de organización que no dista mucho del Estado-Nación occidental; más allá de esto, la comunidad tiene una inmanencia.

A dicha inmanencia, Díaz la llamó comunalidad, la cual se asocia a lo colectivo, la complementariedad o la integralidad. Desde el enfoque de Díaz (1995), no podría entenderse la comunalidad sin otra serie de elementos propios de la organización comunal de los pueblos originarios, que van más allá de una mera forma de organización social.

Desde su perspectiva, percibir la tierra como madre y como territorio revela esta comunalidad. La relación entre madres e hijos no puede ser de propiedad, sino de mutualidad y acaso de interdependencia. Otro elemento de la comunalidad sería el consenso en asamblea para la toma de decisiones, una herramienta de búsqueda del bien común muy particular que hasta hace poco tiempo tomó la forma de una mesa que da los turnos para que

se participe individualmente. Anteriormente, hablaban todas las personas a la vez y cuando el debate se había agotado se sabía que se había hallado en consenso. Lo que se adoptó de la tradición occidental se parece un poco más a la democracia participativa, pero no exactamente al consenso como se concebía desde tradiciones más nosótircas, tal como las ha estudiado Lenkersdorf para el mundo maya (en Ruiz, 2011). Por su parte, el servicio gratuito como ejercicio de autoridad es otro elemento de comunalidad. Nos referimos al trabajo desinteresado o tequio -como le llaman en algunas partes de México- y que suele ser un trabajo para el bien de la comunidad y no de una familia o individuo en particular. El trabajo colectivo también podría ser percibido como un acto de recreación (para esparcimiento y búsqueda del bien común). Y, finalmente, estarían los ritos y ceremonias como expresión del don comunal, en los cuales estribaría la vivencia espiritual de la comunalidad (Díaz, 1995).

Si la comunalidad es, en efecto, una epistemología del sur, ello querría decir que se trata de un saber en constante construcción. En ese sentido, coincidimos con Gladys Tzul (2015) -socióloga maya quiché- quien rechaza una concepción esencialista de lo comunal indígena. Para ella, no se trata de

una forma arcaica o de una concepción romántica que deba mantenerse intacta para que no se contamine con formas externas de organización. Por el contrario, nos propone pensar lo comunal indígena como el funcionamiento de las estrategias que hombres y mujeres desarrollan cotidianamente para gestionar, autorregular y defender sus territorios. Pero -cuidado- estas tramas comunales no estarían -como aclara Tzul (2015)- exentas de contradicciones y jerarquías políticas. Poner en común, en el fondo, es siempre estar expuestos al conflicto y a la necesidad de gestionarlo.

Pero volviendo al tema de la búsqueda de otras formas de vida y en consonancia con el pensamiento decolonial, nos parece pertinente rescatar otra noción desde *Abya Yala*, esta vez originada en el contexto quechua. Nos referimos al *Sumak Kawsay* o buen vivir. Esta noción -en palabras de Barranquero (2013)- ofrece una ruptura epistemológica con las nociones (incluso ecologistas) pensadas desde Occidente, tales como el decrecimiento económico. El buen vivir rompe con el paradigma del desarrollo, pues lo que está en juego es la vida misma (humana y natural). Desde el buen vivir, se revaloriza lo natural -considerado como la *Pachamama*- y se respeta su existencia. El

buen vivir ofrece una cosmovisión de diálogo y cooperación entre humanos y naturaleza (Barranquero, 2013).

Por todo lo anterior, entendemos la comunicación de manera general, como principio cósmico podríamos decir, por su relevancia para la vida. Defendemos una concepción creativa y no técnica de la comunicación. Marta Rizo la describe como “el fundamento de la construcción de los mundos de la vida” [...] “constituye el conjunto de asociaciones entre procesos de la experiencia, tanto individuales como colectivos, que permite la construcción de mundos compartidos” (2011, p. 326). De acuerdo con la cosmopolítica y el ecofeminismo, esos mundos compartidos son más que humanos, y las relaciones son multiespecie. En esta línea, la comunicación sería la condición para hacer/configurar mundos, lo que en la teoría contemporánea se denomina *worlding* y que es difícil traducir al español, pero da cuenta del mundo como proceso ontológico activo (Palmer y Hunter, 2018). En términos de Haraway (2016), *worlding* sería el mundo como articulación, como efecto de múltiples interacciones entre diversos actores (humanos, no humanos, máquinas y la naturaleza misma).

Desde esta perspectiva, el mundo no es algo predeterminado, sino algo que está en constante devenir y en cuya articulación cada entidad participa. De ahí el carácter

creativo/generativo de la comunicación, que es lo que determina su potencial político, al ser el instrumento de configuración de otros mundos posibles, de futuros más vivibles.

Apuntes finales: comunicación cosmopolítica

La comunicación y la política son campos tan íntimamente vinculados, que es difícil argumentar una clara diferencia entre ellas. Ambas abordan la relación, interacción o vínculo, ambas se preguntan por el poder y el discurso, pero -sobre todo- ambas buscan transformar el mundo, por lo que analizarlas de manera separada es un despropósito, especialmente ahora que ambas muestran el potencial de abrir un horizonte radicalmente post-antropocéntrico.

En este sentido, una teoría de la comunicación cosmopolítica sería aquella que entiende el carácter esencialmente comunicativo del mundo, lo que da posibilidad y sostenibilidad a la vida, en sentido naturocultural (Haraway, 1991). Que éste sea el fundamento de la vida no significa que no haya política (poder, intereses, decisiones, posiciones), o que no haya semiótica (interpretación y significados). En efecto, la dicotomía naturaleza-cultura fue una trampa

más de la modernidad que revela la arrogancia del ser humano, misma que impactó negativamente a la teoría clásica de la comunicación y minó la capacidad crítica y creativa de la comunicología posible.

Por esta razón, la comunicación como cosmopolítica implica analizar los vínculos, las articulaciones semiótico-materiales -como las entiende Haraway (2016)- que han configurado el mundo hasta ahora, pero -sobre todo- pensar en nuevos ensamblajes para un mundo más vivible, "se tratará de reconstruir literalmente el conjunto de las modalidades del ser-en-grupo. Y no sólo mediante intervenciones «comunicacionales», sino mediante mutaciones existenciales que tienen por objeto la esencia de la subjetividad" (Guattari, 1996, p. 20). Es por ello que las teorías que hemos recogido en este texto nos parecen indispensables. La cibernética nos ayuda a concebir la comunicación como algo complejo y relacional que requiere transdisciplinariedad. La teoría posthumanista

nos permite entender no sólo la hibridación tecnológica propia del contexto actual, sino la necesidad de replantear la noción de humano en oposición a la mirada universalista moderna que definió la teoría social en general y la de la comunicación en particular. Del ecofeminismo, rescatamos la necesidad de con-vivir, comunicarnos con la naturaleza desde la ética del cuidado. Las nociones desde Abya Yala de comunalidad y buen vivir nos ayudan a pensar la vinculación mucho más allá de las nociones humanistas e individualistas propias de Occidente, y nos

invitan a buscar el bien común siempre en armonía con la naturaleza.

Finalmente, la idea de cosmopolítica, extraída de los estudios sociales de la ciencia, también hace referencia a un mundo más que humano y al reconocimiento de la agencia de la naturaleza, pero sobre todo es una mirada crítica hacia la ciencia, entendida como un dispositivo de producción de verdad que nos ha desconectado a los unos de los otros. La comunicación cosmopolítica apostaría por el vínculo planetario, multiespecie y vitalista.

Obras consultadas

Aquino, A. (2013). La comunalidad como Epistemología del Sur. *Cuaderno del sur*. 18 (34), 7-17.

Barranquero, A. (2013). La comunicación para el cambio en el desafío de la crisis sistémica. *Perspectivas desde América Latina. Disertaciones*, 6(1), 8-28. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5112103>

Braidotti, R. (2013). Posthuman humanities. *European Educational Research Journal*, 12(1), 1-19.

____ (2015). *Lo posthumano*. Barcelona: Gedisa.

Butler, J. (2009). Introducción. Vida precaria, vida digna de duelo. En *Marcos de guerra. Las vidas lloradas* (13-56). Barcelona: Paidós, 2017.

Crutzen, P. J. y Stoermer, E. F. (2000). The 'Anthropocene'. *Global Change Newsletter*, 41, pp. 17-18.

Del Valle Prado, M. (2015). La Semiótica, una ciencia humana. Propuesta para superar algunas ciénagas epistemológicas. *Razón y Palabra*, 19(91). Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199541387036>

Díaz, F. (1995). Comunidad y comunalidad. *Diálogos en la acción*, segunda etapa, 2004365-373. Recuperado de

<http://rusredire.lautre.net/wp-content/uploads/Comunidad.-y-Ocomunalidad.pdf>

Durham Peters, J. (1999). *Hablar al aire. Una historia de la idea de comunicación*. México: FCE, 2014.

Escobar, A. (2000). El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o posdesarrollo? En Lander, E, (comp.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO.

Foucault, M. (1973), *El orden del discurso*, Tusquets, Barcelona, 2005.

Galindo Cáceres, J. (2011). Primera parte. Comunicología y su espacio de posibilidad. Hacia una propuesta general. En Galindo Cáceres, J. (coord.). *Comunicología posible. Hacia una ciencia de la comunicación*. México: Ediciones Universidad Intercontinental.

Gómez Fernández, A. (2010). Conocimiento y proceso en la filosofía orgánica de Whitehead. *Pensamiento* 66(250). 687-717 p.

Guattari, F. (1996). *Las tres ecologías*. Valencia: Pre-Textos.

Haraway, D. (1991). Conocimientos situados: la cuestión científica en el feminismo y la perspectiva parcial. En Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza (313-

346). Madrid: Cátedra/Universitat de València.

____ (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.

Herrero, Y. (2013). Prólogo a la edición española: ecofeminismo, más necesario que nunca. En Mies, M. y Vandana, S. (Coords.), *Ecofeminismo. Teoría, crítica y perspectivas* (7-37). Barcelona: Icaria.

Latour, B. (2013). *Facing Gaia. Six lectures on the political theology of nature*. Being the Gifford Lectures on Natural Religion Edinburgh, 18th-28th of February 2013.

Picas Contreras, J. (2010). Cosmopolítica como 'cosmoética': del universalismo occidental a las políticas de un mundo común. *ISEGORÍA. Revista de Filosofía Moral y Política*, 42: 55-72.

Rizo, M. (2011). Sexta parte. Comunicología como ciencia general de las relaciones e interacciones sociales. En Galindo Cáceres, J. (coord.). *Comunicología posible. Hacia una ciencia de la comunicación*. México: Ediciones Universidad Intercontinental.

Ruiz, J. J. (2011) La educación autónoma zapatista: un proceso de formalización del saber nosótrico. (Tesis inédita de doctorado en pedagogía) Universidad Nacional Autónoma de México, México

Sörlin, S. (2014). Environmental Turn in the Human Sciences. Will it become decisive enough?. Documento electrónico. Recuperado de <https://www.ias.edu/ideas/2014/sorlin-environment>.

Stengers, I. (2002). Un engagement pour le possible. *Cosmopolitiques. Cahiers théoriques pour l'écologie politique*, 1, pp.27-36.

____ (2013). Whitehead and science: from philosophy of nature to speculative cosmology. *Journal of Political Criticism*, 13: 179-204.

____ (2014). La propuesta cosmopolítica. *Revista Pléyade*, 14. p. 17-41.

Tzul, G. (2015). Sistemas de gobierno comunal indígena: la organización de la reproducción de la vida. *El Apantle. Revista de estudios comunitarios*, 1, 125-140. Recuperado de <https://horizontescomunitarios.files.wordpress.com/2017/01/elapantle.pdf>

Van der Tuin, I. (2011). The New Materialist 'Always Already': On an A-Human Humanities. *NORA: Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 19(4), 285-290.

Vidales, C. (2010). Semiótica y teoría de la comunicación: una propuesta de un punto de vista comunicológico. *Razón y palabra*, 79, 1-25. Recuperado de http://www.razonypalabra.org.mx/N/N72/Monotematico/4_Vidales_72.pdf

Weber, A. (2011). The Book of Desire: Toward a Biological Poetics. *Biosemiotics*, 4: 149-170.

Wiener, N. (1948). *Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine*. Paris: Hermann & Cie.

Cercanías y lejanías: Reflexiones sobre los aportes de Verón y Foucault para abordar la historia de los estudios en comunicación latinoamericanos

Periferia e distâncias: reflexões sobre as contribuições de Verón e Foucault para abordar a história das teorias da comunicação na América Latina

Outskirts and distances: Reflections on the contributions of Verón and Foucault to board the history of communication theories in Latin America

María del Carmen Cabezas ⁹⁹

Resumen: Esta ponencia forma parte de un proyecto de investigación más amplio, mi tesis de doctorado en comunicación social. En dicho trabajo, nos abocamos a la arqueología de las teorías y/o estudios de comunicación latinoamericanos en tres unidades académicas de Argentina. Nuestra pregunta radica en cómo las prácticas académicas han estratificado sentidos en torno a la selección de algunas teorías y/o estudios de comunicación latinoamericanos.

⁹⁹ María del Carmen Cabezas. Facultad de Ciencias de la Comunicación — Secretaría de Ciencia y Tecnología, Universidad Nacional de Córdoba. Magíster en Comunicación y Cultura Contemporánea. Argentina. carmen.cabezas@unc.edu.ar

Motiva el presente el escrito la sugerencia —justamente del lado de la formación académica doctoral en comunicación—, de reflexionar sobre la productividad que tendría la teoría de las fundaciones de Eliseo Verón para abordar la historia del campo comunicacional. Es así que, en esta ponencia, nos planteamos analizar la propuesta de Verón en diálogo con la perspectiva arqueológica de Michel de Foucault, a los fines de identificar qué nos permite abordar cada una de esas dos propuestas teóricas, en vinculación a una reconstrucción del conocimiento comunicacional latinoamericano.

Palabras Clave: historia de las ciencias; análisis comparativo; teorías de la comunicación

Abstract: This expanded summary is part of a larger research project, the doctoral thesis. In this work, we focus on the archeology of Latin American theories or communication studies in three academic units of Argentina (National University of La Plata, National University of Córdoba and University of Buenos Aires). There we wonder how academic practices have stratified senses around what to understand by Latin American communication studies.

The present one motivates the suggestion precisely on the side of the doctoral academic training in communication, reflecting on the productivity that the theory of the foundations of Eliseo Verón would have to address the history of the communicational field. So that, in this paper we consider analyzing Verón's proposal in dialogue with the archaeological perspective of Michel de Foucault, in order to identify what allows us to approach each of these two theoretical proposals, in connection with a reconstruction of communicational knowledge Latin American.

Key words: history of science; comparative analysis; communication theories.

Introducción

Suele considerarse que el campo de la comunicación carece de bases sólidas para

ser valorada como una disciplina, por lo cual a los fines de consolidarla se plantea la necesidad de una historización (Galindo

Cáceres, 2005; Fuentes Navarro y Vidales, 2011). Nuestra tesis de doctorado en comunicación social más que enfocarse en la disciplinarización de los estudios de la comunicación, se pregunta por las prácticas académicas que configuran perspectivas. Esto es, trabajamos sobre la hipótesis de que, al reconstruir la memoria disciplinar del campo de los estudios de la comunicación a partir de la praxis de tres unidades académicas de Argentina, conoceremos las condiciones de posibilidad que habilitaron temáticas, autores y teorías relevantes.

Consideramos que la propuesta arqueológica de Michel Foucault nos permite abordar la configuración de los saberes en relación a la academia, e identificar allí la especificidad —en términos del autor, “la condición misma de la clasificación” (Foucault, [1966]2014, p. 34)— de los estudios de comunicación latinoamericanos. Asimismo, entendemos que las prácticas académicas que hicieron visibles algunos estudios de comunicación latinoamericanos, suponen la construcción de un *archivo*¹⁰⁰. Un archivo que, por un lado, permite otorgar sentido a una gran cantidad de datos, a través

de la selección y jerarquización; y, por otro, selección que supone, a su vez, un acto de violencia, ya que para ser seleccionado debe cumplir ciertos requisitos. En ese sentido, Boaventura de Sousa Santos (2009) nos ayuda a tener presente el proceder de la razón occidental, que denomina razón indolente, la cual legitima saberes a partir de la lógica del rigor científico, descartando otros saberes y, en definitiva, invisibilizándolos.

Si bien como comunicadoras, se nos suele sugerir la perspectiva de Eliseo Verón para llevar a cabo el análisis que nos proponemos, en esta ponencia estudiaremos los enunciados de Verón a la par de la propuesta de Foucault, con el objetivo de entender qué perspectiva resulta más pertinente para abordar la configuración de los estudios de comunicación latinoamericanos.

Para llevar a cabo dicha tarea, realizamos un análisis bibliográfico. De Verón consideramos *La semiosis social* ([1987]1993), y de Foucault *Las palabras y las cosas* ([1966]2014), y *Arqueología del saber* ([1969]2018). A partir de la lectura de los libros que tomamos como núcleo central, identificamos tres ejes a partir de los cuales

¹⁰⁰ La noción de archivo con la que estamos trabajando es la de Michel Foucault. El autor en su libro *Arqueología del saber* ([1969]2002) plantea otra noción de archivo, muy distinta a la del sentido común, aquella que refiere como el resguardo de documentos. Foucault con archivo hace referencia a las prácticas discursivas que habilitaron que determinado material sea guardado y otro no, así como la jerarquización de dichos elementos. Foucault con la noción de archivo no refiere a un archivero, a una biblioteca o un museo, sino a las dinámicas sociales que otorgan sentido a los discursos y los habilitan.

realizar la comparación, a saber: la noción de discurso, la noción de condiciones de

posibilidad y condiciones de producción, y la propuesta metodológica.

Supuestos de partida en Verón y Foucault: discurso, condiciones de posibilidad y de producción

A priori, la narración de la historia parece consistir en el análisis de documentos del pasado. Sin embargo, esta tarea provoca numerosas preguntas: qué debe entenderse por pasado, qué es lo que puede considerarse un documento, qué y cómo interpretar ese pasado y documentos, entre tantas. En este escrito, como anticipamos, solo nos

concentramos en la propuesta de análisis de dos autores, Eliseo Verón¹⁰¹ y Michel Foucault¹⁰² para considerar su mirada sobre la historia y su abordaje. Un punto fundamental para comprender y comparar sus propuestas teóricas es considerar qué noción de discurso plantean. Esto permite identificar, por un lado, cómo hacen inteligible la realidad y, por otro, cómo delimitan la o las unidades de análisis que la componen.

Eliseo Verón: discurso y condiciones de producción

Verón propone realizar una teoría de los discursos sociales, esto es, recuperar elementos que la lingüística saussureana¹⁰³ había dejado olvidados: "la materialidad del sentido y la construcción de lo real en la red de semiosis" (Verón, 1993, p.123). El autor al

interrogarse por la significación de los signos, explica que la perspectiva que le parece más pertinente para abordar la problemática del sentido es la de Charles Peirce¹⁰⁴, ya que —a diferencia del análisis de Saussure— la construcción de sentido no se limita a representaciones individuales y subjetivas,

101 ELISEO VERÓN 1935-2014. SE LICENCIÓ EN FILOSOFÍA EN 1961, EN LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. REALIZÓ UNA ESTANCIA DE INVESTIGACIÓN EN FRANCIA, DONDE FUE DISCÍPULO DE CLAUDE LEVI-STRAUSS, ENTRE LOS AÑOS 1962-66; TRABAJÓ EN DISTINTAS UNIVERSIDADES Y OBTUVO SU DOCTORADO DE ESTADO EN LINGÜÍSTICA EN LA UNIVERSIDAD PARÍS VIII EN 1987.

102 MICHEL FOUCAULT 1926-1984. ESTUDIÓ FILOSOFÍA EN ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE, EN PARÍS, FRANCIA, SE RECIBIÓ EN 1946, TRES AÑOS DESPUÉS OBTUVO UNA LICENCIATURA EN PSICOLOGÍA; MIENTRAS DIRIGÍA EL CENTRE DE CIVILIZATION FRANCAISE EN VARSOVIA ESCRIBIÓ SU TESIS PRINCIPAL DE DOCTORADO, AÑO 1958 Y, AL AÑO SIGUIENTE, ESCRIBIÓ SU TESIS SECUNDARIA DE DOCTORADO, QUE LA DEFENDIÓ FINALMENTE EN PARÍS EN 1961.

103 FERDINAND DE SAUSSURE, DE NACIONALIDAD SUIZA, VIVIÓ ENTRE 1857 HASTA 1913. FUE PROFESOR EN LA ESCUELA DE ESTUDIOS SUPERIORES DE PARÍS, DURANTE DIEZ AÑOS, LUEGO FUE NOMBRADO COMO PROFESOR DE GRAMÁTICA COMPARADA EN LA UNIVERSIDAD DE GINEBRA. SU OBRA MÁS RECONOCIDA, CURSO DE LA LINGÜÍSTICA COMPARADA, SE PUBLICÓ DE MANERA PÓSTUMA. EN DICHO LIBRO EL AUTOR EXPONE SU ESTUDIO DE LA LENGUA, CENTRÁNDOSE EN AQUELLOS ASPECTOS QUE SON INALTERABLES.

104 CHARLES PEIRCE, DE NACIONALIDAD NORTEAMERICANA, VIVIÓ ENTRE 1839 Y 1914. SE GRADUÓ EN QUÍMICA EN LA UNIVERSIDAD DE HARVARD. TRABAJÓ COAST AND GEODETIC SURVEY. TAMBIÉN SE INTERESÓ POR LA FILOSOFÍA Y LA LÓGICA.

sino que es una práctica de sujetos en relación con la sociedad.

Saussure, interpreta Verón, presenta una concepción de signo que quita la materialidad del sentido, limitándolo a lo individual y a la estructura donde se encuentra inserto. En cambio, el análisis de Peirce sobre la significación supone una relación triádica (representamen, objeto e interpretante¹⁰⁵), que a los ojos de Verón permite enraizar el significado del signo en la vida material. Lo que Verón resalta de Peirce es que el sentido, a nivel analítico, se presenta en un aquí y ahora (es real), compuesto por tres categorías: primeridad, segundidad y terceridad¹⁰⁶. Verón se concentra en la terceridad, esto es, aquel momento en que un signo adquiere sentido social en un tiempo y espacio específico; en otros términos, se detiene en el *funcionamiento social* de un signo.

Sobre Peirce Verón explica que el pensamiento —en tanto capacidad de utilizar

signos para hacer inteligible la realidad— puede conocerse por actos, o fenómenos, que manifiestan las personas. Asimismo, el autor agrega que “...el mundo no funciona solo por el pensamiento de nosotros, la ‘realidad’ no depende de nuestras representaciones, la ‘realidad’ es inseparable de su producción en el interior de la semiosis, es decir que, sin semiosis no habría ‘real’ ni ‘existentes” (1993, p. 116).

De este modo, Verón parte del supuesto de que los fenómenos de sentido se presentan en conglomerados de materias significantes, dentro de una red semiótica social (Verón, 1997). Asimismo, el acceso a esas significaciones se realiza a través de *pedazos de tejido* de semiosis. Es así que, para poder estudiar las significaciones, no basta con considerar el signo aislado, sino que deben considerarse además las *condiciones de producción*, ya que la semiosis social modela y deja huellas en los enunciados¹⁰⁷.

¹⁰⁵ El signo está compuesto por tres elementos, representamen, objeto e interpretante. El representamen es algo que está en lugar de alguna otra cosa para alguien, lo que de ordinario denominaríamos signo. El objeto es lo representado por el representamen, y el interpretante, la interpretación del representamen a través de su correlación con el objeto. El proceso semiótico se da cuando un objeto es representado —en algún aspecto— por el representamen, y el significado de ese representamen puede ser traducido o generado por un interpretante, que se convierte en otro representamen; el representamen pone en relación al interpretante con el objeto, que corresponde a su propia relación con el objeto, el interpretante establece una mediación entre el representamen y el objeto, lo que da lugar a una nueva relación de significación, proceso que se conoce como semiosis ilimitada.

¹⁰⁶ La primeridad, segundidad y terceridad no son elementos separados, sino que es un conjunto; forman parte del fenómeno. La primeridad se corresponde al representamen, “es algo que, para alguien, representa o se refiere a algo en algún aspecto” (Viale, 2004, p.11).

¹⁰⁷ Es conveniente aclarar un aspecto de los postulados de Eliseo Verón. Así como explicita que estudia el signo desde la perspectiva de Peirce, es necesario explicar también que la noción de condiciones de producción, en tanto reglas de producción de mensaje, se vincula a posiciones teóricas de Karl Marx. Torres Castaño (2011) explica que Verón al haber sido discípulo de Claude

Hasta aquí podemos advertir que Verón se focaliza en las significaciones, y en ese marco la noción de discurso incorpora al proceso de significación el elemento social en tanto instancia de modelación de los sentidos, como articulación entre la capacidad de significación individual con lo social. Abordaremos a continuación la interpretación de *discurso* que Foucault plantea en la *Arqueología del saber*, la cual se presenta más precisamente como *formación discursiva*.

Michel Foucault: formación discursiva y posibilidades de decir

Podemos afirmar que, al igual que Verón, Foucault también interpreta que la construcción del sentido es social, que no se limita a la inmanencia de las palabras ni a la subjetividad de los individuos. No obstante, cuando Foucault refiere a discurso entiende que debemos considerar la singularidad de su acontecimiento, en relación a la convivencia con otros discursos, y las interrelaciones entre ellos (Foucault, [1969]2002). Entendemos con ello que no basta con concentrarse en la cristalización de un sentido, sino que es necesario considerar las

dinámicas sociales contingentes que lo hicieron posible.

Entonces, hablar de “discurso” supone considerar que: a) en un discurso se encuentra también enunciado “lo obvio”, lo “jamás dicho”; esto es, en un determinado tiempo y espacio existen conocimientos, eventos o situaciones obvias, porque es por todos conocido, y por lo tanto no se enuncia ya que se “sobreentiende”; b) más que un momento original —génesis— del discurso, existe una coexistencia entre discursos, ya sean anteriores o contemporáneos, que van modelando su funcionamiento; c) la dispersión de los diversos discursos presenta una interrelación, que va planteando dinámicas entre ellos —o reglas— que habilitan sentidos. En otros términos, un discurso no es el resultado de una coherencia temática, esto no implica la no existencia de un objeto en sí, sino que emplea un conjunto de reglas que, de acuerdo a un momento dado, posibilitan que dichos problemas/objetos aparezcan.

A partir de lo enumerado podemos advertir un punto central en el planteo de Foucault sobre discurso, este no solo contiene una cristalización de sentido, sino que se vincula

Lévi-Strauss, reconoce para su modelo de análisis algunos aspectos de la analítica del marxismo. Esto implica que los discursos no tienen un significado inmanente, sino que son el resultado de construcciones sociales.

con prácticas contingentes de los sujetos, las cuales *habilitan posibilidades de decir*.

Podemos asociar dichas *condiciones de posibilidades de decir*, al proceso a través del cual los discursos se van definiendo, que se procesa por la coexistencia de textos que se encuentran dispersos —que además son heterogéneos—, en un tiempo y espacio en particular, y que se encuentran en relación entre ellos, configurando un juego de reglas que permiten que se problematicen

determinados hechos, y con lo cual cada uno de esos discursos adquiere una forma particular.

El análisis de una *formación discursiva* no busca dar cuenta de la historia del referente, sino de la relación entre discursos diversos que permite su propia formación y diferenciación, habilitando que se hagan visibles ciertos problemas y/o temas; que se construya el referente. Aspecto que lo diferencia radicalmente de Verón.

Puesta en acto

En este apartado nos interesa observar el análisis que plantea Verón cuando reconstruye discursos del pasado. Explica que el análisis de los discursos sociales puede aplicarse a diferentes dominios de investigación. En ese sentido, en el capítulo “Fundaciones” de *La semiosis social* (1993), el autor se propone describir la construcción social de sentido del conocimiento científico. En uno de los subapartados estudia la construcción de sentido sin un fundador, sino fundadores.

En su análisis, Verón toma como discurso de referencia el *Course de linguistique générale* de Saussure. El autor explica que

una teoría de las fundaciones busca desarmar las condiciones de producción de un discurso. Esto supone reconstruir aquellos elementos contextuales (lo económico, política y social) que se inscriben en el discurso al momento de la producción discursiva, y que son observables a través de huellas discursivas. Verón explica que, una vez producido un texto en determinadas condiciones, “...éstas permanecen siempre las mismas” (Verón, 2004, p. 21).

El analista argentino considera que los planteos de Augusto Comte ocupan el lugar de las condiciones textuales de producción de Saussure, pues el *Course* es una continuación y una respuesta a lo que Comte planteara en relación al lenguaje. En esa línea, Comte es

ineludible porque monta el positivismo en estrecho vínculo con una razón a favor de la industrialización. Un punto intermedio entre Saussure y Comte es Emile Durkheim, en dos sentidos: como un continuador del proyecto de Comte, y porque delinea un campo de estudio sistemático y que se puede corroborar, distinguiéndose de otros dominios de saber.

Verón aclara que, en su análisis, selecciona un fragmento discursivo, para lo cual toma un discurso de referencia (el Course), y estudia sus condiciones de producción; un discurso que se encuentra presente en Saussure es el de Comte. Verón explica que hace referencia a la filosofía comtiana específicamente porque, si bien existieron otros textos contemporáneos a Saussure que contribuyeron a la lingüística, "los vínculos entre esos textos y el Cours es estrecho, donde el mismo Saussure se refiere a ellos de manera polémica" (2004, p.61); y porque esos textos se encuentran en el mismo nivel de análisis que el Cours.

El análisis del discurso de las condiciones de producción del Cours de Saussure que lleva a cabo Verón, permite situar esos postulados en una red de significaciones. No obstante, esa red de significaciones presenta dificultades teóricas al momento de su

abordaje histórico, especialmente si tenemos en mente la perspectiva de Foucault.

En primer lugar, el análisis de Verón sobre la obra de Saussure plantea un punto de inflexión en la lingüística; esboza una hipótesis de lectura que elimina de manera explícita los textos con los que efectivamente Saussure se encontraba dialogando o de los cuales tomaba distancia. La dificultad de ello es, siguiendo a Foucault aunque también al propio Verón, la delimitación de un "antes" y/o un "después" de Saussure; la definición de un límite y con ello una fundación.

En segundo lugar, más que reconstruir el sentido en su tiempo y espacio, el punto de regularidad entre Comte-Saussure, Durkheim-Saussure que analiza Verón, indiferencia el momento de producción de Comte, Durkheim y Saussure. Podría argumentarse que justamente el trabajo de Verón consiste en encontrar la regularidad entre esos autores, el modo en que se fue construyendo la ley —terceridad. Pero también es conveniente hacer notar que la unión de esos diversos focos de producción de sentido contribuye a una lectura teleológica de la historia, no distinguiendo las condiciones de producción de cada uno de los autores (Comte, Durkheim y Saussure), y trasladando

sus postulados teóricos a otro tiempo sin ningún tipo de advertencia.

En tercer lugar, es posible advertir que la selección de obras que plantea Verón como condiciones de producción de Saussure, aparecen como libros que “hablan por sí solos”, cuando es el analista quien los “hace hablar”, y quien los vincula con Saussure.

Palabras finales

En este trabajo nos interesó poder advertir las diferencias conceptuales entre Verón y Foucault, a los fines de identificar cuál de esas perspectivas nos es funcional para reconstruir la historia de los estudios de comunicación latinoamericanos. También es necesario mencionar que es un ejercicio para reflexionar sobre el *a priori* de la formación en comunicación, en un doble sentido: detenernos a pensar en la sugerencia clásica —desde la formación doctoral— de emplear la perspectiva de Verón al abordaje de la historia, y de la propia formación de grado, a través de la cual la perspectiva veroniana del análisis de los discursos sociales es *naturalmente* pertinente.

Luego del recorrido que planteamos de la noción de discurso, condiciones de producción, condiciones de posibilidad y la metodología, es posible entender que Verón

Finalmente, al plantear un punto de origen y su devenir progresivo y lineal, el análisis de Verón también contribuye a una historia estática, donde la contingencia y la disputa del sentido quedan diluidas. Esto a su vez favorece a la consagración y/o exaltación de nombres, quitando la posibilidad de considerar otras voces/perspectivas.

nos permite pensar sobre la relación entre el discurso, ya sea un texto, una imagen, etc., y sus condiciones particulares de producción. No obstante, y siguiendo a Foucault, encontramos que Verón se focaliza principalmente en la cristalización del sentido, del referente, dejando en segundo plano las relaciones contingentes de los discursos; el juego de relaciones entre los discursos. En otros términos, el planteo de Verón no considera las relaciones que habilitaron que se cristalice el sentido.

En la reconstrucción histórica del conocimiento, justamente lo relevantes es entender cómo se fueron configurando las miradas que habilitaron a la ponderación de teorías, autores y libros. En ese sentido, la propuesta arqueológica de Foucault nos permite estudiar la memoria disciplinar considerando el proceso de significación que los sujetos en la academia realizaron,

resultando en lo que hoy entendemos como teorías y/o estudios de comunicación latinoamericanos.

Bibliografía

Foucault, M. ([1966]2014) Las palabras y las cosas. Una arqueología de las ciencias humanas. Ed. Siglo Veintiuno. Bs. As.

Foucault, M. ([1966]2005) Arqueología del saber. Siglo XXI Editores. Bs. As.

Fuentes Navarro, Raúl y Vidales Gonzáles, Carlos (2011): Fundaciones y fundamentos del estudio de la comunicación. CECyTE NL-CAEIP. México

Galindo Cáceres, Jesús; Karam Cárdenas, Tanius y Rizo García, Marta (2005) Cien libros hacia una Comunicología posible. Ensayos, reseñas y sistemas de información. Universidad Autónoma de la Ciudad de México, México.

Santos, Boaventura de Sousa (2009) Una epistemología del sur: la reinención del conocimiento y la emancipación. Clacso. Bs. As.

Torres Castaño, Esteban (2011) "La cuestión del poder en Eliseo Verón: exámenes desde la teoría social". En Revista mexicana de ciencias políticas y sociales. Vol. 56, N°12, pp.13-29.
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-19182011000200002>

Visitada 1/7/2020

Verón, E. (2004) Fragmentos de un tejido. Ed. Gedisa. España

-----([1987]2004) La semiosis social. Ed. Gedisa. México

La comunicación como concepto transdisciplinar: la propuesta de la cibersemiótica

Communication as a transdisciplinary concept: the cybersemiotic proposal

Carlos Vidales Gonzáles¹⁰⁸

Resumen: La presente ponencia centra su atención en la propuesta de la comunicación como concepto transdisciplinar desde el marco conceptual de la cibersemiótica. Se argumenta la necesidad de pensar a la comunicación como concepto transdisciplinar, sobre la transdisciplinariedad y finalmente se delinea la propuesta de la cibersemiótica como marco teórico general para pensar a la comunicación. Se trata básicamente de una trabajo conceptual sobre la comunicación.

Palabras Clave: Cibersemiótica, Semiótica, Transdisciplinariedad.

Abstract: The present paper focuses its attention in the proposal of communication as a transdisciplinary concept from the point of view of cybersemiotics. It is argued about the need of the proposal of communication as a transdisciplinary concept, about the nature of transdisciplinarity, and in the end cybersemiotics is explained and considered as a theoretical framework to build communication as a transdisciplinary concept. To sump up, this is a conceptual work about communication.

Key words: Cybersemiotics, Semiotics, Transdisciplinarity.

¹⁰⁸ Dr. Carlos Emiliano Vidales Gonzáles. Departamento de Estudios de la Comunicación Social. Universidad de Guadalajara. México. Email: morocoi@yahoo.com. Insertar aquí el nombre del autor. vínculo institucional, último grado de estudios, país, e-mail.

De la teoría y la metateoría a la mirada transdisciplinar en el campo de la comunicación

Para Eduardo Vizer (2003), hoy en día la comunicación esta en boga, se usa para definir muchas cosas y ninguna a la vez, su objeto, definición o campo de estudio se esconde detrás de la imposibilidad de nombrar una teoría fundamental (paradigma en la concepción de Kuhn) en torno a la cual se articulen las distintas nociones que hay de ella, por lo que el enfoque o fundamento teórico parece depender del objeto de estudio. Por ejemplo, se puede pensar a la comunicación desde el lenguaje, los signos y las transmisión de mensajes, como el estudio de las “conversaciones” en el seno de la vida cotidiana, como interesada en la producción, circulación y reconocimiento de los discursos en las instituciones políticas, económicas y en las relaciones interpersonales o, se puede pensar en la comunicación en su forma más general y desarrollada: el estudio de los medios de comunicación o las nuevas tecnologías. Lo importante en este punto es que dependiendo de la ruta o concepción que se quiera seguir, será el fundamento teórico que funcione como base dada la imposibilidad de una única base conceptual de la

comunicación en general. La comunicación pasa entonces a ser únicamente un descriptor institucional y no un principio explicativo, constructivo o interpretativo de la realidad (social). Por lo tanto, se pregunta el autor, “¿qué hay de ‘comunicacional’ en el campo de la comunicación?” (Vizer, 2003, p. 21).

Para Vizer (2016), la pregunta anterior supone una dimensión ontológica de la comunicación, la cual tendrá enormes consecuencias para cualquier trabajo de investigación en lo que a su dimensión fenomenológica se refiere. Si la ontología intenta explicar por qué y cómo lo que es posible es posible, la pregunta entonces sería cómo y por qué la comunicación es posible. ¿Pero qué es la comunicación y cómo podemos decir que es posible? De acuerdo con Vizer, el espacio ontológico es el campo de estudio de la ontología general en la que se pueden reconocer tres abordajes: relacional, cualitativo y de la Teoría General de Análisis y Síntesis. En el caso del enfoque relacional las nociones centrales son las de configuración y estructura, mientras que para el enfoque cualitativo las dos nociones centrales son las de forma y cualidad (descriptiva y determinante que alude a la idea de causalidad). El asunto es que “cuando nos preguntamos por las ‘cualidades’ de un

proceso de comunicación nos preguntamos por su 'configuración y su estructura', por sus 'formas y cualidades' y en la literatura comunicacional vemos casi siempre interés teórico y práctico por las cualidades descriptivas y no por las determinaciones" (Vizer, 2016, p. 22). Las razones que se identifican para estas diferencias epistemológicas se encuentran precisamente en la concepción ontológica que se tiene de base sobre la comunicación, la cual es normalmente una concepción que la entiende como un proceso que puede ser analizado, descrito e interpretado, pero muy raramente 'explicado' científicamente.

Casi siempre se introducen en la explicación hipótesis de naturaleza exterior a los procesos de la propia discursividad — entendida como lenguaje en un sentido restringido— introduciendo implícitamente en los análisis de la comunicación hipótesis sobre procesos originarios de la psicología, la biología, la cultura, etc. No tanto sucede con la información, sobre la que siempre existe una impronta ingenieril como sustento epistemológico, ya sea que se la proyecte y aplique hacia procesos de la física o la biología de los seres vivos. Estas distinciones a la vez ontológicas y epistemológicas no se hallan prácticamente en ninguna literatura sobre la comunicación

en un sentido estricto, ni de manera explícita ni implícita (Vizer, 2016, p. 22).

El punto es que en la investigación académica de la comunicación, revestida de los más diversos temas, este tipo de preocupaciones son sumamente marginales, por lo que la reflexión por la realidad ontológica de la comunicación ha sido fragmentada en áreas de estudio particulares en las que se le ha dado mucho mayor importancia a las inquietudes metodológicas que a las propiamente epistemológicas. La comunicación funciona entonces mayormente como un descriptor institucional o como la justificación de la pertenencia a un campo de estudios pero no como un principio explicativo. Cuando se habla de comunicación y jóvenes, comunicación y salud, comunicación y nuevas tecnologías, etc., en realidad lo que se estudia son a los jóvenes, la salud o las nuevas tecnologías, pero no el fenómeno comunicativo subyacente, su configuración fenomenológica, sus bases epistemológicas o por lo menos su tradición intelectual. Esto es lo que Craig (1999) ha llamado el eclecticismo estéril, una suerte de apertura temática del campo hacia virtualmente todo tipo de temas y que nos condujo en su momento a celebrar la diversidad intelectual como síntoma de la consolidación de un campo, pero que en la

actualidad nos impide saber con certeza, “¿de qué clase de comunicación estamos hablando cuando teorizamos e investigamos sobre ella?” (Vizer, 2016, p. 23). La comunicación se desvanece poco a poco hasta desaparecer por completo en esa actividad investigativa que se supone la tiene al centro de su preocupación intelectual y de sus procesos de construcción de conocimiento.

Para Vizer (2016), la construcción de un campo de conocimiento científico requiere de ciertos núcleos conceptuales, reglas y/o convenciones asumidas implícitamente por una comunidad de personas que se encuentran interesadas en un conjunto de cuestiones y problemas compartidos, situación que todavía no es el caso en los estudios de la comunicación. A esto se le puede añadir los varios niveles de realidad en donde se ubican las investigaciones y, por ende, el fenómeno comunicativo que suponemos está siendo estudiado y que van desde los procesos mentales y lingüísticos hasta los procesos sociales, políticos históricos, tecnológicos y económicos, claro, pasando por todos los lugares intermedios de interacciones, relaciones recíprocas entre personas y formas micro de organización social. Si a esto se le suman las demandas sociales que devienen del mercado y los

campos de desarrollo profesional, el resultado que tenemos es que la comunicación es más un campo de prácticas sociales que un campo propiamente intelectual. Por lo tanto, para Vizer (2016), lo que ha predominado es el desarrollo de teorías estrechamente asociadas a esas demandas sociales por un lado y el desarrollo de teorías de alto nivel de abstracción pero insuficiente productividad científica por otro lado. La dimensión teórica muchas veces tiende a ser abordada como un problema de selección entre diferentes teorías de acuerdo al objetivo del investigador, es decir, se convierte en una cuestión de “esta o aquella teoría”. Al final se escoge la que parece mejor sin reflexionar sobre su dimensión epistemológica y menos sobre sus implicaciones para el campo de la comunicación. El resultado es que hay mucha investigación de la comunicación en donde la comunicación nunca aparece claramente, ni como fenómeno ni como teoría.

Este asunto nos lleva de regreso a la dimensión ontológica de la comunicación, ¿qué es y cómo puede ser definida la comunicación? En este sentido, quizá uno de los aportes más importantes del metamodelo constitutivo de la comunicación de comunicación de Robert T. Craig (1999) no es

la propuesta de las siete tradiciones intelectuales del campo de las teorías de la comunicación, sino precisamente la definición conceptual y ontológica que se hace de la comunicación desde cada una de las fuentes: a) en la tradición retórica la comunicación es entendida como el arte práctico del discurso, b) desde la tradición semiótica se entiende a la comunicación como la mediación intersubjetiva de los signos, c) desde la tradición fenomenológica se considera a la comunicación como la experimentación del otro, d) desde la tradición cibernética se piensa a la comunicación como el procesamiento de información, e) desde la tradición sociopsicológica se define a la comunicación como expresión, interacción e influencia, f) desde la tradición sociocultural la comunicación es entendida como la (re)producción del orden social y, g) desde la tradición crítica se define a la comunicación como reflexión discursiva. Siete tradiciones desde donde se construyen siete objetos comunicativos diferentes.

Por lo anterior, el problema de la organización conceptual de la teoría y las tradiciones intelectuales en el campo de la

comunicación se hace sumamente problemático, principalmente porque cada una de las reconstrucciones y organizaciones metateóricas responden a criterios diferentes, por lo que las teorías incluidas dentro de cada recuento terminan siendo igualmente diferentes. Es decir, que son diferentes las teorías como los principios metateóricos que se han seguido para organizarlas o estudiarlas críticamente. Por lo tanto, la propuesta que aquí se delinea camina en un sentido diferente, en el paso de la consideración de la comunicación como campo a la consideración de la comunicación como un concepto transdisciplinar. Esta propuesta no resuelve el problema de la organización conceptual del campo, sino que lo hace irrelevante bajo esta mirada al tiempo que abre la reflexión sobre la comunicación a campos científicos diversos, permite el reconocimiento de la producción teórica contemporánea devenida de otros campos científicos y coloca a la comunicación en los varios niveles de realidad posible. En algunos trabajos previos (Vidales 2019, 2017a, 2017b, 2016, 2015) ya he desarrollado esta idea de la cual retomo ahora algunos puntos fundamentales.

La propuesta de la comunicación como concepto transdisciplinar

En esta propuesta, lo que tomo como base es la definición que proporciona de "Transdisciplinariedad" la *International Encyclopedia of Systems and Cybernetics* (François, 2004), la cual la define como "la característica de conceptos cibernéticos y sistémicos que proveen a los especialistas con un metalenguaje para el estudio en común de situaciones complejas en los sistemas" (François, 2004, p. 632). En este punto, me interesa resaltar dos condiciones que aquí se mencionan. Primero, que la transdisciplinariedad desde este punto de vista no tiene que ver específicamente con el diálogo entre disciplinas, sino con un metalenguaje capaz de trascender las fronteras disciplinares. Basarab Nicolescu (2010) hablará incluso de la posibilidad de pensar a la transdisciplina como esa mirada entre, a través y "más allá" de las disciplinas, es decir, se trata de visiones unificadoras o integrativas que buscan producir una nueva forma de construcción de conocimiento basado en lenguajes que trasciendan las propias barreras disciplinares y temáticas particulares. En su trabajo, Nicolescu (2010) reconoce las discusiones previas sobre la

transdisciplinariedad que realizaran Jean Piaget, Erich Jantsch y André Lichnerowicz. Para el primero, se trataba de un estadio superior de la interdisciplina que no se encontraría limitado a reconocer las interacciones y/o reciprocidades entre los investigadores especializados, sino que localizaría estos puentes dentro de un sistema total sin fronteras estables entre las disciplinas. Aunque para Nicolescu esta era una definición vaga, por lo menos abría la posibilidad de un nuevo espacio de conocimiento en las "barreras no estables entre las disciplinas", al tiempo que reconocía la dimensión "entre" y "a través" en los procesos de construcción de conocimiento, aunque dejaba fuera la noción de "más allá" del pensamiento disciplinar. Por su parte, Erich Jantsch caía en la trampa de definir a la transdisciplina como una hiperdisciplina, al definirla como la coordinación de todas las disciplinas e interdisciplinas del sistema educativo y la innovación sobre la base de un acercamiento axiomático, lo que terminaba situando a la transdisciplina en el ámbito de lo disciplinar. Finalmente, André Lichnerowicz confinaba a la transdisciplina al ámbito matemático al definirla como un juego transversal para describir la homogeneidad de la actividad teórica en diferentes ciencias y

técnicas, independientemente del campo en el que esta actividad es efectuada, actividad teórica que únicamente puede ser formulada, claro está, en lenguaje matemático (Nicolescu, 2010).

Es por lo anterior que Nicolescu (2010) propone incluir la noción de “más allá de las disciplinas” [beyond disciplines] al pensamiento transdisciplinar, una visión que contempla varias particularidades que vale la pena retomar brevemente y que se encuentran fundamentadas en su amplio trabajo en la física cuántica, disciplina donde el estatus del sujeto se convierte en un punto crucial de análisis. De acuerdo con Nicolescu (2010), en la ciencia moderna se da una ruptura fundamental entre el sujeto cognoscente y la realidad, la cual fue asumida como completamente independiente del sujeto que la observa. Desde este punto de vista,

el único conocimiento digno de este nombre debe de ser, por tanto, científico, objetivo; la única realidad digna de este nombre debe ser, claro está, la realidad objetiva regida por leyes objetivas. Todo el conocimiento distinto del conocimiento científico es así arrojado al infierno de la subjetividad, tolerado a lo sumo como un adorno sin sentido o rechazado con desprecio como una fantasía, una ilusión, o como producto de la imaginación... La

objetividad, establecida como el criterio último de la Verdad, tiene una consecuencia inevitable: la transformación del Sujeto en un Objeto. La muerte del Sujeto es el precio que pagamos por el conocimiento objetivo” (Nicolescu, 2010, p. 21).

Sin embargo, para Nicolescu (2010) la revolución cuántica cambió radicalmente esta situación al introducir nuevas nociones como el principio de la superposición de los estados cuánticos de “sí” y “no”, la discontinuidad, la no-separabilidad, la causalidad global o el indeterminismo cuántico, todas nociones que llevaron a repensar seriamente la separación que se había supuesto entre Objeto y Sujeto. Así, desde su punto de vista, “más allá de las disciplinas” es una noción que intenta precisamente resarcir esta separación y entender la interacción entre ambos. La trascendencia inherente a la transdisciplinariedad es la trascendencia del Sujeto, por lo que esta visión nos lleva a un inmenso espacio nuevo de conocimiento. La transdisciplinariedad se refiere, por tanto, a lo que está a la vez entre las disciplinas, a través de las diferentes disciplinas y más allá de todas las disciplinas, puesto que su objetivo es la comprensión del mundo actual en el cual uno de los imperativos fundamentales es la unidad del conocimiento, lo que supone que no

hay una oposición entre lo disciplinar y lo transdisciplinar, por el contrario, entre ambos hay una complementariedad muy fértil. Incluso se podría argumentar que no hay transdisciplinariedad sin disciplinariedad. Lo anterior lleva a Nicolescu (2010) a sostener que la formulación propuesta de la transdisciplinariedad es tanto diversa como unificada (en el sentido de la unificación de diferentes acercamientos transdisciplinarios): “unidad en la diversidad y diversidad a través de la unidad es inherente a la transdisciplinariedad” (Nicolescu, 2010, p. 23). Sin embargo, el autor también llama la atención sobre las varias confusiones que emergen al no reconocer que hay una transdisciplinariedad teórica, una transdisciplinariedad fenomenológica y una transdisciplinariedad experimental.

La palabra teoría implica una definición general de la transdisciplinariedad una metodología bien definida (la cual tiene que ser distinguida de los “métodos”, una sola metodología corresponde a un gran número de métodos diferentes). La palabra fenomenología implica la construcción de modelos que conectan los principios teóricos con los datos ya observados experimentalmente con el fin de predecir resultados posteriores. La palabra experimental implica la realización de experimentos que siguen un procedimiento

bien definido, permitiendo a cualquier investigador obtener los mismos resultados cuando se realicen los mismos experimentos (Nicolescu, 2010, p. 23).

La reducción de la transdisciplinariedad a solo uno de sus aspectos es muy pernicioso dado que terminará por convertirla únicamente en una moda que tenderá naturalmente a desvanecerse, por el contrario, el gran potencial que la transdisciplinariedad tiene nunca será alcanzado y logrado si no se acepta la simultaneidad y la consideración rigurosa de los tres aspectos: la dimensión teórica, la dimensión fenomenológica y la dimensión experimental. La consideración simultánea de estos tres aspectos permitirán un tratamiento unificado y no dogmático de la práctica y la teoría de la transdisciplinariedad en la que será posible que coexistan incluso una pluralidad de modelos transdisciplinarios (Nicolescu, 2010). Esta visión que propone Basarab Nicolescu está en concordancia con la definición que ya he apuntado con anterioridad que presenta la *International Encyclopedia of Systems and Cybernetics* (François, 2004), la cual define a la transdisciplinariedad como “la característica de conceptos cibernéticos y sistémicos que proveen a los especialistas con un

metalenguaje para el estudio en común de situaciones complejas en los sistemas" (François, 2004, p. 632).

En este mismo sentido, para Rafael Rodríguez, la transdisciplina es una percepción global de la conexión entre muchas disciplinas. Desde esta perspectiva, no solamente la ciencia, sino todas las actividades humanas aparecen como un "todo" unitario, parte y parcela del universo en el que la unidad y la diversidad no son conceptos opuestos, sino perspectivas complementarias (Rodríguez en François, 2004). De manera más específica, Peter Checkland propone que no necesitamos equipos interdisciplinarios sino, por el contrario, «conceptos transdisciplinarios», conceptos que sirvan para unificar el conocimiento al ser aplicables a distintas áreas que trazan las propias fronteras disciplinares (Checkland en François, 2004). Como se puede observar, esta visión plantea un cambio radical en la concepción de la investigación en general y de la investigación de la comunicación en particular, puesto que supone el paso del estudio de temas diversos con enfoques diversos asociados débilmente a una mirada comunicativa, hacia el establecimiento de metalenguajes y la construcción de la comunicación como un

concepto transdisciplinar. Y esa es precisamente la propuesta, la adopción de metalenguajes para navegar entre, a través y más allá de las disciplinas a partir de la consideración de la comunicación como un concepto transdisciplinar, situación que abre por lo menos dos posibilidades: a) la posibilidad de una integración conceptual y, b) la superación de las barreras disciplinares.

Un ejemplo de la mirada transdisciplinar y de la forma en que puede expandir el horizonte conceptual en la teoría de la comunicación es la propuesta de la cibersemiótica, la cual ha sido un proyecto intelectual que se ha propuesto explícitamente la tarea de construir una teoría transdisciplinar de la comunicación. Ya en trabajos previos he intentado sintetizar los fundamentos de la cibersemiótica mostrando la relevancia que tiene como mirada teórica para el estudio de la comunicación y los diversos temas que la rodean, por lo que ahora únicamente recuperaré algunos elementos centrales de esos apuntes previos (Vidales, 2019, 2016, 2017a, 2017b, 2015). Lo importante a comentar en este punto es que la cibersemiótica es una propuesta teórica transdisciplinar que intenta integrar distintos marcos en un nivel meta-teórico, lo que posibilita la emergencia de una mirada

diferente no sólo de la vida y los procesos cognitivos, sino de la comunicación y su construcción conceptual: se trata entonces de un proyecto que busca las rutas biológicas, psíquicas y sociales de la necesidad humana y biológica del significado y la auto-organización en sus procesos de conocer/observar el mundo, y en la formulación de las explicaciones que sobre él se hacen (Brier, 2008). Tomando como base la fenomenología, la semiótica, la cibernética, la sistémica y la biosemiótica, la cibersemiótica se presenta a sí misma como una nueva visión no reduccionista de la cognición y la comunicación que intenta resolver la paradoja dualista de las ciencias naturales, las ciencias exactas y las humanidades al comenzar en un punto medio con la cognición semiótica y la comunicación como fuentes básicas de la realidad en la que todo nuestro conocimiento es creado y por lo tanto sugiere que el conocimiento se desarrolla en cuatro aspectos de la realidad humana: nuestro entorno natural descrito por las ciencias naturales físicas y químicas, nuestra corporalidad descrita por las ciencias de la vida, nuestro mundo interno de experiencias subjetivas descritas por la fenomenología y, nuestro mundo social descrito por las ciencias sociales (Brier, 2013).

Al plantear como objetivo central una ciencia integral de la información, la cognición y la comunicación, la cibersemiótica se plantea como una visión transdisciplinar que integra distintos marcos en un nivel meta-teórico que le da nacimiento a una visión diferente no sólo de la vida y los procesos cognitivos, sino de la comunicación y su construcción epistemológica. Se trata entonces de un proyecto que busca de manera general las rutas biológicas, psíquicas y sociales de la necesidad humana y biológica del significado y la auto-organización en sus procesos de conocer/observar el mundo y en la formulación de las explicaciones que sobre él se hacen (Brier, 2008). Tomando como base a la fenomenología, la semiótica, la cibernética, la sistémica y la biosemiótica, la cibersemiótica busca ser un paso adelante en la integración de las ciencias y en el estudio y comprensión de fenómenos complejos como los caracterizados por los organismos vivos en todas sus formas.

Para Søren Brier (2008), la debilidad de los estudios comunicativos e informacionales tradicionales basados en teorías sobre los flujos de información o los datos en sí, han hecho emerger problemas en lo que respecta a la forma en que los sistemas de conocimiento son construidos y organizados,

es decir, han hecho emerger problemas al nivel epistemológico propiamente que no se resuelven cambiando nuevamente la discusión como lo hiciera Schramm cincuenta años atrás, sino haciendo frente en el mismo nivel. De esta forma, el mismo Søren Brier, basado en la propuesta de la cibernética y la semiótica, plantea que es posible desarrollar nuevos conceptos que ayuden a entender y desarrollar sistemas sociales como redes auto-organizadas y auto-reproducidas, por lo tanto, en vez de hablar en términos de "comunicación de información" la propuesta es hablar en términos de "significados conjuntamente actualizados" (Brier, 2008). Por otro lado, para Brier las ciencias de la información, en lo que respecta a los sistemas vivos y a los sistemas humanos, no son capaces de explicar aspectos vitales del fenómeno de la comunicación y la cognición como lo es la emergencia del significado en los ámbitos limitados de los contextos sociales y en los ámbitos generales de la reproducción y supervivencia de los seres vivos.

Aparece entonces el problema del significado en el marco del punto de vista mecanicista que brinda la teoría de la información y la cibernética en el marco general de las ciencias de la información, dado

que dicha visión se extiende a la comprensión del conocimiento, la naturaleza, el lenguaje y, finalmente, a la conciencia humana. En consecuencia, para Brier (2008), el paradigma del procesamiento de información nunca tendrá éxito en describir los problemas fundamentales en la mediación semántica del contenido de un mensaje de un productor a un usuario, dado que es incapaz de tomar en consideración los aspectos fenomenológicos y sociales de la cognición. Por lo tanto, la idea de unir a la semiótica peirceana con la cibernética de segundo orden no sólo responde a un problema epistemológico, sino a una oportunidad de expandir los horizontes de observación, tanto de lo que se observa como del sistema que lo hace y al mismo tiempo, de convierte en una propuesta teórica que pone al centro a la comunicación y su propio proceso de construcción teórica.

Ahora bien, más que profundizar en la propuesta cibersemiótica, lo importante a señalar son los alcances de la mirada transdisciplinar, las posibilidades de pensar a la comunicación más allá del campo de la comunicación y, sobre todo, la importancia de tener siempre presente los procesos formales de construcción conceptual en la investigación de la comunicación. El escenario entonces presenta más un reto que una

solución: pasar de la teoría a la metateoría, entender a la comunicación desde la comunicación y, centralmente, definir ontológicamente eso que parece estar al centro de un campo científico pero que no

La propuesta conceptual de la cibersemiótica: información, comunicación, significación y cognición

La cibersemiótica se presenta a sí misma como una propuesta conceptual que se opone a la visión mecanicista de la ciencia o en específico, a una metafísica mecanicista en oposición a un punto de vista básicamente evolucionista (Brier, 2008), dado que propone ver al ser humano no sólo como el producto de la evolución sino particularmente como un observador dentro del universo, lo que obliga a concebir a las ciencias sociales y naturales, así como a las humanidades, juntas en un marco teórico irrestricto donde la conciencia y la cultura son parte de la naturaleza. Ya la fenomenología y la hermenéutica habían mostrado a las ciencias que sus prerequisites son seres vivos conscientes y corporeizados, imbuidos con un lenguaje significativo y con una cultura, por lo que una visión puramente mecanicista no sólo dejaba fuera esta

hemos logrado nombrar con claridad desde el punto de vista transdisciplinar. Profundizaré sobre estos temas en los siguientes apartados.

condición, sino que la negaba de inicio. De acuerdo con Brier (2013), si consideramos la visión del mundo que emerge de la reconstrucción histórica que ha hecho la ciencia clásica, nos damos cuenta que es un recuento que nos lleva de regreso al tiempo de nuestro presente ecológico y de nuestro auto-entendimiento evolutivo como criaturas semióticas, históricas, culturales y con conciencia intersubjetiva. El problema es que esta forma de reconstrucción no puede lidiar con el aspecto del sentido y la toma de conciencia, por lo que es incapaz de sostenerse fuera de la historia misma. La cibersemiótica propone entonces una salida a esta paradoja dualista al comenzar desde un punto medio entre las dos visiones, la mecanicista y la evolucionista, al asumir que nuestro conocimiento se desarrolla en cuatro aspectos de la realidad humana: “nuestro entorno natural descrito por las ciencias naturales físicas y químicas; nuestra corporalidad descrita por las ciencias de la vida como la biología y la medicina; nuestro mundo interno de experiencias subjetivas

descritas por investigaciones fundamentadas fenomenológicamente y, nuestro mundo social descrito por las ciencias sociales" (p. 220).

De manera correlativa, es posible identificar cuatro formas de explicación histórica que emanan de los cuatro aspectos de la realidad humana: la nomológica, la biológica evolucionista, la socio-histórica y la subjetiva-personal. Cuatro aspectos que no pueden ser reducidos uno dentro de otros y que ninguno explica por sí mismo el dominio de realidad que explica el otro, aunque cada uno intenta explicar la realidad en su conjunto desde su propia perspectiva temporal. El problema y el gran reto, como se puede observar, es cómo crear una nueva fundación paradigmática que nos permita integrar el conocimiento del estudio de la conciencia corporeizada producido en las ciencias exactas así como en las ciencias de la vida, las ciencias sociales y las humanidades, sin reducir el conjunto de resultados de un aspecto de la realidad a los otros. La idea es evitar cualquier tipo de reduccionismo, tanto el reduccionismo cientificista como el reduccionismo del constructivismo radical y, en cierto sentido, el reduccionismo semiótico o fenomenológico. La pregunta es, por tanto, cómo desarrollar un marco transdisciplinar

donde una teoría científica de la naturaleza y una teoría fenomenológica-hermenéutica de la interpretación y el significado puedan ser integradas con una teoría evolutiva de los niveles de semiosis (Brier, 2009). En cierto sentido, esto se refiere a las condiciones de posibilidad materiales, energéticas, informacionales y semióticas de la emergencia de la semiosis o una respuesta tentativa a la pregunta por la emergencia de la significación que realizará tiempo atrás Jesper Hoffmeyer (1996).

En este sentido, es la biosemiótica peirceana, la ruta conceptual que hemos seguido en este recorrido, la que quizá pueda contribuir a un nuevo marco transdisciplinar del entendimiento del conocimiento, la conciencia, el sentido y la comunicación en y a través de los cuatro aspectos de la realidad mencionados, un paso que implicará la integración de nuevos elementos para poder unir los acercamiento funcionalistas a la información y la comunicación provenientes de la cibernética y las ciencias computacionales con los acercamientos semánticos-pragmáticos provenientes del giro lingüístico y la semiótica. De esta integración devienen lo que Brier (2003, 2008 y 2009) considera son los conceptos y niveles ontológicos básicos de la cibersemiótica a

partir de la filosofía semiótica de Peirce y que en cierto sentido le hace eco a la propuesta que Sebeok hiciera de los niveles de la semiosis fundamentado en el trabajo de Thure von Uexküll y sus colegas ya mostrado con anterioridad. Así, el primer nivel es un nivel de existencia física y contempla los campos del vacío cuántico de los que deviene causalidad, sin embargo, no es un nivel que se considere físicamente muerto como se podría suponer desde una mirada fisicalista, sino que concuerda con una versión del principio antrópico¹⁰⁹ al compartir las bases sinequistas¹¹⁰ y faneroscópicas de Peirce, desde donde la producción de significado (sentido) es incorporado dentro de lo que el mecanicismo ve como naturaleza “muerta” por los conceptos de Primeridad y Sinequismo combinados con el Hilozoísmo¹¹¹. La cibersemiótica concibe este nivel como una parte de la Primeridad, nivel que también contempla las cualidades y el sentimiento puro. Si bien para Brier (2003) el entendimiento metafísico de este nivel de la realidad podrá molestar a muchos físicos, es

uno de los niveles más misteriosos que ha estudiado la física cuántica pero que sin duda tiene un papel central en la emergencia de la semiosis y la comunicación.

Para Brier (2003), el segundo nivel de causa eficiente es lo que Peirce describe como Segundidad y se encuentra constituido ontológicamente por la física, en particular por la cinemática clásica y la termodinámica. Pero para Peirce es también el lugar para la fuerza de voluntad de la mente, y en la ciencia de la información moderna se trata de las diferencias, las cuales, al ser interpretadas, pueden convertirse en importantes y significativas. Por su parte, el tercer nivel es considerado un nivel proto-semiótico y es en donde se encuentra la información objetiva por lo que se encuentra definido ontológicamente por las ciencias químicas y los conceptos de ajustes de patrones. Para Brier (2003), esta diferencia en el carácter ontológico puede ser una de las claves para entender las diferencias entre la química y la física, dado que no sólo es cuestión de complejidad sino también de organización y

¹⁰⁹ “El mundo es necesariamente como es porque hay seres que se preguntan por qué es así”.

¹¹⁰ Peirce propone el término sinequismo para definir la tendencia a considerar todo como continuo (Peirce, 1998). El sinequismo “es esa tendencia del pensamiento filosófico que insiste en la idea de la continuidad como fundamental en la filosofía y, en particular sobre la idea de la necesidad de hipótesis que involucren continuidad verdadera” (CP 6.169).

¹¹¹ El hilozoísmo es un concepto filosófico que puede ser rastreado hasta los filósofos pre-socráticos, que considera que la materia se encuentra en cierto sentido “viva”, es decir, que hay una especie de “animación” en la materia o que la materia está animada. Se le atribuye a Ralph Cudworth (1617-1688), teólogo y filósofo inglés, la introducción de este término a la filosofía en el idioma inglés a mediados del siglo XVII.

del tipo predominante de causalidad. Por lo tanto, en el cuarto nivel emerge la vida auto-organizada y es el nivel de la Terceridad donde también emergen las interacciones semióticas, primero en los niveles que ya han sido descritos de la endosemiosis y después en lo que Sebeok llamó la exosemiosis. Finalmente, en el quinto nivel emerge la auto-conciencia humana a través de juegos sintáticos, con lo que también deviene la racionalidad, el pensamitno lógico y las inferencias creativas (inteligencia).

Como se puede observar, para Brier (2009), la propuesta semiótica filosófica de Peirce parece ser la única viable si uno quiere incluir la consciencia humana en la fundación teórica de una teoría evolucionista que también contenga un mundo material, sistemas vivos así como al lenguaje y al mundo socio-cultural de la comunicación lingüística intersubjetiva. De acuerdo con el autor, en la biosemiótica de base Peirceana, la significación, la comunicación y el sentido así como las "cualidades" [qualia] son parte de la fundación de la filosofía de la significación desde el comienzo, puesto que desde la fenomenología semiótica de Peirce -a la que él llama *phaneroscopia*-, "un flujo ilimitado y continuo de experiencias (Primeridad) es la fuerza que hace emerger a la semiosis,

cuando los aspectos momentáneos de la consciencia (Segundidad) se encuentran relacionados unos a otros a través de la auto-organización (Terceridad)" (p.32). Habrá que recordar que para Peirce los sentimientos son primeridades inexplicables y únicamente cuando son manifiestos en la mente como expresiones individuales (Segundidad) pueden ser relacionados entre sí y hacer emerger el sentido a través de la regularidad de esta conexión (Terceridad) como semiosis. "Un fenómeno tiene que emerger del caos y el ruido como una regularidad (a la que llamó "hábito") para poder ser interpretado como un signo de algo más" (p. 32). Lo que Peirce asume es que no podemos contemplar ese flujo inmenso y constante de consciencia que es el "ahora", al cual únicamente podemos acceder a través de acoplarle signos posteriormente, lo que implica que no hay experiencias manifiestas que tengan un carácter sígnico a priori dado que combinan las cualidades no manifiestas de la Primeridad con la existencia dual manifiesta de la Segundidad (objetos) y los hábitos, las regularidades y el sentido (Terceridad). Por otro lado, al ser sinequista vinculado al continuum, Peirce considera que la materia y la conciencia son precisamente los dos extremos de ese continuum. El sinequismo es

la tendencia de concebir todo como un continuum, lo que incluye la mente y la materia así como al individuo corporeizado y la mente social, por lo que la materia y la mente se encuentran dobladas una dentro de la otra en lo que se conoce como Hilozoísmo, descrito ya con anterioridad. Esta base sinequista tiene enormes similitudes con el proyecto biosemiótico en general que aquí se ha desarrollado y es uno de los fundamentos para pensar en la posibilidad de la continuidad entre los niveles ontológicos antes descritos.

Por lo tanto, para Brier (2009), la producción de significado (sentido) es incorporado dentro de lo que el mecanicismo ve como naturaleza "muerta" por los conceptos de Primeridad y Sinequismo combinados con el Hilozoísmo a partir de los tres tipos de evolución desarrollados por Peirce: a) la evolución tiquista (tiquismo) (variaciones libres o aleatorias, a veces llamadas fortuitas) como la selección natural de Darwin, b) la evolución anaquista (anaquismo) (interacciones dinámicas diádicas, una necesidad más mecánica) y, c) la evolución agapista o amor evolutivo (agapismo) (combinando las variaciones libres y las interacciones diádicas a través de la formación de hábitos por la habilidad mediática de la Terceridad). Los tres modos

de evolución planteados por Brier son retomados de los tres modos de evolución que planteara Peirce, es decir, la evolución por variación fortuita o evolución tiquista, la evolución por necesidad mecánica o evolución anaquista y el amor creativo o la evolución agapista. En correspondencia, las doctrinas dedicadas al estudio de cada uno de estos modos evolutivos serían el tiquismo, el anaquismo y el agapismo (Peirce CP. 6.302). Para Brier, este marco evolutivo de entendimiento conecta muy bien con la visión de la epistemología evolutiva y puede permitir también el entendimiento de lo que sucede entre y a través de cada uno de los niveles planteados en una suerte de lo que denomina "los niveles jerárquicos de la emergencia evolutiva cibersemiótica" (Brier, 2009, p. 253).

Para Brier (2009), el asunto es que las acciones y el comportamiento con propósito de muchos sistemas vivos no son experimentados de forma auto-consciente, por lo que esta visión de los propósitos en los sistemas vivos puede servir para suplementar la visión de Lakoff y Johnson sobre el cuerpo, sobre todo porque sus propuestas del "realismo corporeizado" no puede lidiar con la conciencia animal o una conexión evolucionista entre eso y la cognición humana. Un acercamiento biosemiótico a estos

asuntos parece entonces más prometedor. Desde el punto de vista de la biosemiótica (Brier, 2009), los seres humanos y los animales se encuentra siempre anticipando contextos significativos conectados con sus formas-de-vida. Es la imposibilidad de extraer a la persona de su corporeización lo que termina anclando el significado en nuestro ser psico-biológico como algo a ser clasificado y desarrollado en el lenguaje y la cultura. Por lo tanto, lo biológico es muy importante, sin embargo, la visión mecanicista de la biología molecular no tiene una fundamentación filosófica y sobre todo ontológica capaz de explicar la experiencia interna de los sistemas biológicos, su cognición a través de la significación y desde ahí hacia las formas en que se involucra en la comunicación que lo guía a través de la evaluación hacia la fundación del lenguaje humano. Por eso la biosemiótica es necesaria pero no suficiente. Por lo tanto, para Brier (2008),

Las implicaciones del método y la filosofía de Peirce es que las cualidades y la "vida interna" existen potencialmente desde el comienzo, pero requieren de un sistema nervioso con el fin de lograr su completa manifestación. Los organismos y sus sistemas nerviosos no crean la mente y las cualidades como tal. La cualidad de la mente emerge del sistema nervioso que los cuerpos vivos desarrollan, creando así

formas manifiestas aún más auto-organizadas. El punto de Peirce es que la manifestación ocurre a través de la semiosis triádica. De acuerdo con la nueva visión de la cibersemiótica, podemos agregar que nosotros nos volvemos concientes a través del desarrollo semiótico de sistemas vivos y sus semiosferas autopoiéticas en la forma de juegos de signos para la comunicación compartida, la cual eventualmente evoluciona hacia los juegos del lenguaje humano. Esta es la nueva fundación que yo sugiero, y es una que permite a la biosemiótica y la epistemología evolucionista integrar los desarrollos recientes de la etología, la cibernética de segundo orden, la semántica cognitiva y la lingüística pragmática de una forma fructífera para forjar una nueva visión transdisciplinaria de la cognición y la comunicación" (p. 276. Traducción propia).

Tenemos entonces una visión que intenta integrar la endosemiosis con la exosemiosis a partir del establecimiento de niveles jerárquicos de la emergencia de la cognición y la comunicación en la que cada uno termina por definir una realidad ontológica que puede ser considerada en sí misma un dominio de realidad distinto. La comunicación es, entonces, antes que un proceso de significación, una operación de cada nivel y entre cada nivel, es un principio lógico que tenderá a manifestarse de distintas maneras

dependiendo el nivel y el dominio de realidad en el que se exprese, pero su operación será siempre la misma. Pasaré entonces al último

Una mirada a la comunicación desde la cibersemiótica

Para establecer una mirada más clara a la comunicación desde la cibersemiótica será necesario regresar nuevamente a Peirce para entender su conceptualización de la comunicación, una idea sobre la que ya he profundizado en trabajos previos (Vidales, 2013a) y que se fundamenta en el trabajo de Charbel El-Hani, Joao Queiroz y Claus Emmeche (2009), específicamente su propuesta de un acercamiento multi-nivel a la emergencia de la semiosis en Sistemas Semióticos en la que relacionan los conceptos de información, significado y semiosis desde la semiótica Peirceana. En este sentido, lo primero que hay que apuntar es que Peirce definió la información como la conexión entre la forma y la materia y, lógicamente, como el producto de la extensión e intención de un concepto. Desde este punto de vista, *la información es entendida como la comunicación de una forma del Objeto (O) al*

punto de este texto, al acercamiento cibersemiótico de la comunicación.

Interpretante (I) a través del Signo (S). Esto es consistente con la noción de hábito descrita anteriormente, dado que los autores sugieren que la información puede ser vista como un hábito particular y, por lo tanto, la información es conceptualizada como la comunicación de un hábito encarnado en el Objeto hacia el Interpretante que limita (en general) al Interpretante como Signo o, en el caso de los sistemas biológicos, el comportamiento del intérprete. Desde este punto de vista, la comunicación supone la transmisión de una forma del Objeto al Interpretante por la mediación del signo, lo que implica un entendimiento particular de qué es eso que se transmite y cuál es su efecto. La forma para Peirce es un predicado que está pragmáticamente formulado como una "proposición condicional" que afirma que ciertas cosas pueden pasar bajo determinadas circunstancias. No es una "cosa" sino algo que está inserto en el objeto como un *hábito*, una "regla de acción", una "disposición" un "potencial real" o simplemente, la "permanencia de alguna

relación" (El-Hani, Quieroz y Emmeche, 2009), lo cual permite suponer que la forma es en realidad la materialización de un hábito.

Es particularmente importante hacer notar que la forma comunicada del Objeto al Interpretante a través del Signo no es una cosa, la figura particular de una cosa o algo parecido, sino una regularidad, un hábito que permite a un determinado sistema interpretar esa forma como indicativa de una clase particular de entidades, procesos, fenómenos y, por lo tanto, responder de manera legal, similar y regularmente a ella. De otra manera, el sistema no sería realmente capaz de interpretar el Objeto de acuerdo a sus efectos sobre el Interpretante mediado por el Signo [...] Peirce define un signo, según lo expresado, como "el Medio para la comunicación de una Forma" y como algo que se encuentra "en una relación triádica con el Objeto por el que es determinado y con su Interpretante al que él mismo determina". Si consideramos ambas definiciones del signo, podemos decir entonces, que la semiosis es un procesos triádico de la comunicación de una *forma* del Objeto al Interpretante por la mediación del Signo (El-Hani, Quieroz y Emmeche, 2009, p. 93).

Ahora bien, el segundo componente del aspecto comunicativo de los sistemas en general y de los sistemas vivos y concientes en particular deviene de la perspectiva de Niklas Luhmann, un acercamiento que Brier

ha desarrollado en varios de sus trabajos (Brier 2017, 2009, 2008, 2003 y 2002). Desde el punto de vista del autor (Brier, 2003), Luhmann extendió el modelo autopoietico propuesto por Maturana y Varela (1980) tanto al nivel psicológico como al nivel socio-comunicativo, y propuso un modelo triple de la autopoiesis compuesto por tres sistemas: los sistemas biológico y psíquico, que son silenciosos, y el sistema "socio-comunicativo" que es el único que puede comunicar. La autopoiesis biológica funciona en el medio de la vida y la psique, y la autopoiesis socio-comunicativa funciona en el medio del sentido [*meaning*]. Se entiende entonces que lo que es transferido o comunicado entre nosotros está constituido principalmente de signos, no de información, sin embargo, esos signos tienen que ser interpretados, lo que sucede principalmente en los tres niveles descritos por Luhmann como tres tipos de autopoiesis, un proceso que va de la autopoiesis biológica y que pasa por la autopoiesis psíquica hasta llegar a la autopoiesis social. Por lo tanto, el centro de la definición de la comunicación desde este punto de vista se fundamenta en la noción de "forma", un *hábito*, una "regla de acción", una "disposición" un "potencial real" o simplemente, la "permanencia de alguna relación". La comunicación no es el sentido ni

la significación misma, es la regla de acción para la significación en cualquier dominio de realidad en el que se exprese. De esta propuesta deviene un sistema de niveles cognitivos en el organismo, así como un sistema interno de tipos biosemióticos de semiosis. Brier (2003) propone la existencia de tres niveles de semiosis interna más un cuarto nivel interactivo (la intra semiosis) que se organizan de la siguiente manera: a) Semiosis del *pensamiento* lingüístico [linguistic *thought* semiosis], b) *Feno*-semiosis psicológica [Psychological *pheno*-semiosis], c) *Endosemiosis* somática [somatic *endosemiosis*] y, d) *intra*-semiosis psico-somática [psycho-somatic *intra*-semiosis]. En todos ellos hay comunicación, información y significación, pero cada uno de ellos se encuentra en un estado diferente y se manifiesta de acuerdo a las propiedades sistémicas de cada nivel, de ahí su confusión en muchas ocasiones.

Existen entonces procesos *endosemióticos* (procesos semióticos que toman lugar dentro del organismo) y *exosemióticos* (procesos semióticos que toman lugar fuera del organismo) previstos previamente por Sebeok (2001) y los cuales se encuentran determinados por los niveles jerárquicos de la emergencia evolutiva cibersemiótica

compuestos todos por materia, energía, información y comunicación, tres componentes ontológicos y un último componente procesual. Queda entonces la tarea de una argumentación más fina de cómo se da el paso entre niveles puramente exosemióticos y endosemióticos y cómo es que se establece la relación entre ambos y con los macro niveles ontológicos descritos con anterioridad. La idea central es que la comunicación es un componente central de cada uno de los sistemas descritos, lo que explica por qué se encuentra definida y presente en la explicación que de cada uno de ellos ha hecho sobre su propio dominio de realidad. El asunto es que la comunicación “se materializa” u objetiva de manera diferente dependiendo del nivel de realidad que se esté observando, pasando por los niveles físicos y materiales hasta llegar a los complejos niveles de la conciencia humana. Es por esto que la biosemiótica se ha convertido en una de las líneas más importantes seguidas para realizar semejante tarea.

Para Brier (2009), la biosemiótica es el estudio científico de los signos, los códigos biológicos y la semiosis en los sistemas vivos, compatible con la teoría triádica semiótica de Peirce, lo que implica que la cognición y la comunicación entre todos los seres vivos

involucra signos. Trasciende la descripción puramente química de la biología molecular al mismo tiempo que trasciende la idea de que la semiótica estudia únicamente los signos en la cultura y el lenguaje de los seres humanos. La vida y la semiosis son vistas como coextensivas, la vida y el significado como inmanente en el mundo natural, por lo que se centra más en sistemas de signos y códigos y no tanto en leyes. Aquí la idea de código es muy importante y es entendido como un conjunto de reglas y procesos o hábitos que conectan elementos de un área con otra área en un contexto de significado específico, lo que le provee significado a las diferencias o la información en contextos determinados. Por ejemplo, la secuencia de diferencias como la base de pares en el ADN puede ser información para la codificación, pero no es un código en sí mismo. La biosemiótica periceana sostiene que los códigos son parte de procesos sígnicos triádicos donde un interpretante realiza la conexión motivada entre objetos y representamens. "Los sistemas vivos funcionan sobre la base de códigos auto-construidos" (p. 40). En este sentido, la estructura de los sistemas vivos, su organización y sus procesos se encuentran determinados por códigos internos y son, en cierta medida, "artificiales", lo que modifica la

frontera entre lo natural y lo cultural para ahora colocarla entre los sistemas vivos y el resto de la naturaleza, de lo "no-vivo": la cultura comienza con la biosemiótica. "Los sistemas biológicos son entonces entendidos como estructuras comunicativas o signos-cyborgs [sign-syborg] porque se encuentran hechos de moléculas codificadas y organizadas comunicativamente por procesos semióticos. El comportamiento de los organismos no representan "organización" interna y tampoco "información" externa, sino interpretaciones del primero en términos del segundo en el fenotipo así como en el genotipo" (p. 40-41).

Finalmente, únicamente queda por apuntar que todavía son muchos los cuestionamientos que quedan por resolver en la apuesta cibersemiótica, y quizá uno de los más importantes es sobre la definición conceptual que la comunicación tendría que tener, lo que nos acerca inexorablemente a la consideración de la comunicación no como un proceso únicamente social, sino sobre todo, como un concepto transdisciplinar (Vidales, 2017a y 2017b), una propuesta de la que todavía queda mucho por discutir pero que nos acerca a un diálogo sin precedentes desde el campo de la comunicación hacia el resto de campos científicos contemporáneas. El reto y

la invitación, es a discutir con más detalle esta propuesta que aún se encuentra en construcción.

Referencias bibliográficas

Anderson, J. A. (1996). *Communication Theory. Epistemological foundations*. New York: The Guilford Press.

Brier, S. (2013). Cybersemiotics: a new foundation for transdisciplinary theory of information, cognition, meaningful communication and the Interaction Between Nature and Culture en *Integral Review*, 9 (2), pp. 220-263.

Brier, S. (2010). Cybersemiotics: an evolutionary World view going beyond entropy and information into the question of meaning en *Entropy*, 12, pp. 1902-1920.

Brier, S. (2008). *Cybersemiotics. Why information is not enough*. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press.

Brier, S. (2003). "The integration of second order cybernetics, autopoiesis and biosemiotics" en *Cybernetics and Human Knowing a journal of second-order*

cybernetics, autopoiesis and cyber-semiotics, 10 (1), pp. 106-109.

Chaffee, S. H. (1991). *Communication Concepts 1: Explication*. Newbury Park, CA: Sage.

Craig, R. T. (2016a). "El metamodelo constitutivo: una revisión a dieciséis años" en Vizer, E. y C. Vidales. *Comunicación, campo(s), teorías y problemas. Una perspectiva internacional* (pp. 307-336). Salamanca: Comunicación Social.

Craig, R. T. (2016b). "Metacommunication" en Jensen, K. B. y R. T. Craig (Eds.). *International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*. Boston: John Wiley & Sons. doi: 10.1002/9781118766804.wbiect232.

Craig, R. (2013). "Constructing theories in communication research" en Cobley, P. y P. J. Schulz (Eds.). *Theories and models of*

communication. Berlin and Boston: De Gruyter Mouton, pp. 39-57.

Craig, R. T. (2008). Communication in the conversation of disciplines, en *Russian Journal of Communication* Vol. 1 No. 1, pp. 7-23.

Craig, R. T. (1999). Communication theory as a field en *Communication Theory*, 9, 119-161.

El-Hani, C. N., J. Queiroz and C. Emmeche (2009). *Genes, Information, and Semiosis*. Tartu, Estonia: University of Tartu Press.

François, C. (Editor) (2004). *International Encyclopedia of Systems and Cybernetics*. 2 Volumen. München: K. G. Saur GMBH.

Griffin, E. [1991] (2009). *A first look at communication theory*. Seventh Edition. New York: McGraw Hill.

Hoffmeyer, J. (2008). *Biosemiotics. An examination into the signs of life and the life of signs*. Scranton and London: University of Scranton Press.

Hoffmeyer, J. [1993] (1996). *Signs of meaning in the universe*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press.

Littlejohn, S. y K. Foss (Editores) (2009). *Encyclopedia of communication theory*. Los Angeles, United Kindom, New Delhi: Sage.

Littlejohn, S. y K. A. Foss (2008). *Theories of human communication*. Ninth Edition. Belmont, CA: Thompson Wadsworth.

Nicolescu, B. (2010). "A methodology of transdisciplinary – Levels of reality, logic of the included middle and complexity" en *Journal of Engineering & Sciences* 1(1), pp. 19-38.

Pavitt, C. (2016). *Scientific Communication Theory*. New York: Peter Lang Publishing.

Peters, J. D. (1986). "Institutional sources of intellectual Poverty in communication research" en *Communication Research*, Vol. 13 No. 4, pp. 527-559.

Sebeok, T. (2001). *Global semiotics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

Vidales, C. (2019). "Definiendo a la comunicación desde la cibersemiótica" en *Revista Iberoamericana de Comunicación* 36(1), pp. 81-117.

Vidales, C. (2017a). "Building communication theory from cybersemiotics" en *Cybernetics and Human Knowing*, 4 (1), pp. 9-32.

Vidales, C. (2017b). "Construyendo teoría de la comunicación desde la cibersemiótica: una ruta hacia la transdisciplina" en *Revista Iberoamericana de Comunicación*, 33, pp. 35-64.

Vidales, C. (2016). "Hacia una teoría cibersemiótica de la comunicación: fundamentos epistemológicos" en Vizer, E. y C. Vidales. *Comunicación, campo(s), teorías y problemas. Una perspectiva internacional*. Salamanca: Comunicación Social, pp. 255-292.

Vidales, C. (2015). "Historia, teoría e investigación de la comunicación" en *Comunicación y Sociedad*, Nueva Época Núm. 23. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, pp. 11-43.

Vidales, C. (2013). *Comunicación, semiosis y sentido. El relativismo teórico en la investigación de la comunicación*. Salamanca: Comunicación Social.

Vizer, E. A. (2003). *La trama (in)visible de la vida social. Comunicación, sentido y realidad*. Buenos Aires: La Crujía Ediciones.

Vizer, E. A. (2016). Notas para una ontología de la comunicación, en Vizer, E. y C. Vidales (coords.). *Comunicación, campo(s), teorías y problemas. Una perspectiva internacional*. Salamanca: Comunicación Social, pp. 21-67.

West, R. and L. H. Turner (2010). *Introducing communication theory. Analysis and Application*. Fourth Edition. New York: McGraw Hill.

Otra comunicación para otros humanos: una mirada epistemológica sobre la comunicación desde los pueblos indígenas

Outra comunicação para os outros humanos: um olhar epistemológico sobre a comunicação desde os povos indígenas

Other communication for other humans: an epistemological view on communication from indigenous peoples

Miguel Ángel Angulo Giraldo ¹¹²

Resumen: El presente estudio sugiere un abordaje epistemológico sobre los procesos comunicativos indígenas a partir de las ontologías presentes en las cosmologías de los pueblos indígenas Kukama Kukamiria de Perú, Brasil y Colombia.

Palabras Clave: Epistemología, pueblos indígenas, ontologías, cosmologías amazónicas.

Abstract: This study suggests an epistemological approach to indigenous communicative processes from the ontologies present in the cosmologies of indigenous peoples Kukama Kukamiria of Peru, Brazil and Colombia.

¹¹² Miguel Ángel Angulo Giraldo. Universidad Científica del Sur, Magíster en Estudios Latinoamericanos, Perú, angulo.runa@gmail.com.

Key words: Epistemology, indigenous peoples, ontologies, Amazonian cosmologies.

Texto principal

1. Tema central

El 8% de la población de América Latina pertenece a un pueblo indígena, según refiere Correa (2019, p. 8). Estos pueblos indígenas han asumido, en muchos casos, una importante presencia mediática a través de las nuevas tecnologías de la información: aparecen en Youtube con música, crean sus radios, comparten información por Facebook, entre otros.

La comunicación, entendida como un proceso, pasa a ser mediada en nuevos espacios de difusión; sin embargo, en el origen del proceso comunicativo, los pueblos indígenas latinoamericanos encuentran otras formas de comunicación que nos han sido reconocidas desde una tradición occidental.

La literatura reciente muestra una tendencia a evaluar la presencia de los pueblos indígenas en las investigaciones sobre comunicación. Porto (2017) observa las teorías y metodologías utilizadas en los estudios sobre mediatizaciones indígenas en

Brasil. En este sentido, encuentra 23 estudios presentes en los portales de Intercom en los cuales halló un 78% de estudios conectados a algún contexto indígena. Pese a ello, su investigación halla que existe una “baixa incidència de pesquisa acerca de configuracoes de processos dígitos-comunicacionais em territórios indígenas” (Porto, 2017, p. 59).

El interés por estudiar la producción de los pueblos indígenas en entornos digitales, así como por observar sus propias prácticas comunicativas invita a problematizar en nuevas interrogantes: ¿Es posible una interacción comunicativa entre un ser que habita debajo del agua y un humano? ¿Puede un chamán comunicarse con la madre de los peces? ¿Cómo es posible la comunicación en este contexto? La presente investigación busca responder a estas interrogantes, de manera que su objetivo general es construir una aproximación epistemológica para pensar los procesos comunicativos desde las cosmologías amazónicas.

2. Aproximación teórica

2.1. El debate sobre la epistemología

La epistemología pasa a ser definida como el estudio de “los procesos epistémicos y metodológicos que ayudan a generar el conocimiento, además del cuestionamiento ontológico que se hace a un campo del saber o de una disciplina, es decir, una mirada de los mismos como objeto de conocimiento” (Krohling, 2019, p. 191). Así, la epistemología intenta comprender la génesis del proceso que genera conocimiento.

Para identificar la génesis epistemológica, Krohling (2019) —citando a García (2002)— determina la existencia de tres vertientes epistemológicas: en el caso de la apriorista, esta le otorga mayor relevancia al sujeto cognoscente en relación con el objeto; en el caso de la vertiente empirista, la premisa central es que el conocimiento parte de los propios objetos como realidades materiales; finalmente, la vertiente constructivista está centrada en el interés por contribuir al entendimiento de las problemáticas puestas por la vida en sociedad y ayudar a cambiarlas, asume una posición subjetiva del investigador hacia lo investigado.

Pero ¿qué se construye en el conocimiento? Para García (2006, p. 119), lo

que se construye es la manera en la cual se organizan las interacciones de los sujetos con el espacio externo a sí mismo, este es el punto clave para comprender como una realidad material es asumida, comprendida y ordenada por el conocimiento.

En la línea del constructivismo, Piaget y García (2011) dan cuenta de la epistemología genética cuyo aporte principal guarda relación con “la constatación empírica de que la realidad ni es inventada así nomás, ni surge de la pura experiencia sensorial: los objetos que conocemos se construyen permanentemente, al modificar los esquemas de organización de los elementos a conocer” (González, 2015, p. 333).

Un elemento clave en la lógica de Piaget y García (2011) está en las tres categorías que plantean para entender la “psicogénesis del conocimiento”: asimilación, proceso y mecanismos de conjunto. La primera incide en “la búsqueda de las razones que justifican las abstracciones y las generalizaciones” (Krohling, 2019, p. 198). La segunda analiza el papel del investigador o sujeto que investiga en el acto mismo de pesquisar, y en la relación entre la asimilación y acomodación en la cual se establecen integraciones y diferenciaciones (Piaget y García, 2011). Finalmente, la tercera categoría se entiende

como las intersecciones entre tres características de todo objeto de estudio: lo

2.1.1. Una mirada crítica y política: las epistemologías del sur

Una mirada crítica sobre la propia constitución histórica de la idea de epistemología es propiciada por las epistemologías del sur, un movimiento político, social y académico que considera que las epistemologías provenientes del norte global y de la tradición occidental no son epistemologías en un sentido ahistórico y sin intereses, por el contrario, hacen parte de una política del conocimiento fundamental para la consolidación de la modernidad y su impacto en los espacios coloniales (Meneses y Bidaseca, 2018, p. 13). Desde esta plataforma crítica, voltear la mirada sobre las realidades del sur no es únicamente una forma de reconstituir los esquemas, las sensibilidades y los conocimientos de aquellos espacios dejados de lado; sino que ratifica la propuesta de una “sociología de la ausencia” como la denomina De Sousa (2018, p. 26). Así, el objetivo de las Epistemologías del Sur es “posibilitar que los grupos sociales oprimidos representen al mundo como propio y en sus propios términos, pues solo así podrán cambiarlo según sus propias aspiraciones” (De Sousa, 2018, p. 29).

intra —las propiedades locales—, lo inter —razones— y lo trans —estructuras.

Desde esta mirada, las epistemologías del sur resignifican y se apropian del concepto de epistemología para alejarla de la búsqueda por la determinación del binomio válido/inválido del conocimiento científico y acercarla a la realidad de las luchas, las resistencias y el saber—hacer que ocurre en los espacios que se rebelan contra la opresión. Se asume, además, que en los espacios de producción del conocimiento epistemológico existe también una opresión epistemológica. El giro propuesto valida, por tanto, las “epistemologías experienciales” (De Sousa, 2018, p. 29) cuyo fin es, parafraseando a Foucault, “la arqueología de la arqueología del saber” (De Sousa, 2018, p. 32), y que busca finalmente un “cosmopolitismo subalterno desde abajo” (De Sousa, 2018, p. 35) en el que la pluralidad esté presente no solo desde un pensamiento decolonial, sino desde un mestizaje intercultural.

Si la epistemología, en su vertiente tradicional, se centra en la crítica al conocimiento científico, la posición de las epistemologías del sur la desafían desde 2 niveles, como indica De Sousa (2018, p. 30—31). Primero, a partir del reconocimiento de las experiencias de los oprimidos que es

fundamental para otorgarle validez a su conocimiento, es decir, la identificación es el antecedente necesario para la valoración cognoscitiva. Segundo, en el quiebre del esquema sujeto investigador—objeto de estudio, que perpetúa la separación individuo—comunidad y que desvincula el

saber del conocimiento, se retoma el valor vinculante de la experiencia de los oprimidos que producen saberes en su acción diaria, de esta forma, se le otorga valor al saber que ocurre en la acción de los propios grupos oprimidos.

2.2. El giro ontológico en la antropología: un debate inconcluso

Según Gonzáles y Carro (2016), los aportes más significativos de la antropología ontológica a esta disciplina guardan relación con 4 lineamientos: la noción de alteridad radical; el animismo de Descola y Viveiros de Castro; las redes de actantes de Latour; y la ontografía, recursividad y equivocación controlada. Para este trabajo, se pondrá énfasis únicamente en los dos primeros aportes.

a. La noción de alteridad radical

El elemento clave de las antropologías ontológicas está en la noción de alteridad “radical”, es decir, con la existencia de otra ontología. El llamado ontológico a aceptar lo otro como “real” implica tomar en cuenta hasta las últimas consecuencias las premisas bases de las ontologías de los otros en el propio contexto en el que son y hacen

“evitando someterlas a puntos de referencia externos a ellas mismas, o a consideraciones semánticas que las reduzcan a meras representaciones, y por tanto neutralicen su potencialidad para generar no sólo conocimiento sino también mundos” (González y Carro, 2016, p. 104)

La apertura ontológica será resignificada y manifestada como propuesta antropológica radical por Eduardo Viveiros de Castro. Como reflexionan Gonzáles y Carro (2016), Viveiros construye en su perspectiva teórica la aceptación plena de una ontología que parte de esas premisas ajenas a nuestra realidad, que se corresponden con una alteridad radical en la cual las premisas no se reducen a simples “representaciones” (p. 104,) sino que “las concepciones nativas se colocarían al mismo nivel que las teorías filosóficas” (p. 105). En esta línea, si “la realidad es conceptual [...] los conceptos no serían meramente discurso, sino que se encontrarían

'contenidos' en la materia, de hecho, serían las cosas en sí, en una suerte de esencialismo radical" (p. 106).

b. El animismo

En 1992, Philippe Descola postula que el animismo es la simétrica inversión del totemismo, ya que mientras este último otorga orden al conjunto social a través de las discontinuidades observables en el mundo natural, el primero confiere disposiciones humanas y atributos sociales a los seres naturales con intención de regular las relaciones con ellos. Para Descola (1992, p. 113), "los seres que la tradición filosófica occidental encuadraba en la naturaleza (animales, plantas...) estaban en el universo amazónico dotados de características sociales".

El animismo es llevado a una versión radical en el perspectivismo de Viveiros (2004) quien menciona dos escenarios relevantes: primero, en las cosmologías occidentales la separación naturaleza/cultura determina que todos posean naturaleza —la unicidad de la naturaleza— mientras que únicamente los humanos desarrollan cultura —lo cual genera una multiplicidad de cultura—

; segundo, en las cosmologías amazónicas existe una unidad de espíritu —cultura— y la diferencia estará en el punto de vista, en las perspectivas cambiantes, es decir en las multinaturalezas.

A partir de ello, el perspectivismo evidenciará que el modo como los seres humanos se ven a sí mismos, a los animales y a otros seres, así como la forma en la que estos últimos se ven a ellos y a los humanos, es completamente diferente. Así, los humanos se ven a ellos como humanos, como sujetos —tal como nos vemos nosotros mismos—, y ven a los animales y a los espíritus como tales; mientras que los animales depredadores y los espíritus distinguen que los humanos son animales de presa; y estos últimos observan a los humanos como espíritus o animales depredadores (Viveiros, 2004).

El punto de quiebre, así, no está en la existencia de múltiples culturas; ella radica en la existencia de un conjunto de múltiples naturalezas corpóreas (multinaturalismo) que son las que permiten constituir la alteridad: existen, por tanto, una sola cultura humana, pero diferentes formas corporales de ser vista, expresada y asumida.

Si bien este artículo toma en cuenta la base del giro ontológico para la problematización

2.2.1. La crítica al giro ontológico

sobre las epistemologías de la comunicación indígena; es importante incidir en la crítica realizada a esta postura para ser críticos al asumir esta postura.

Gonzáles y Carro (2016, p. 116) plantean un primer problema derivado de la posibilidad de la existencia de los multinaturalismos. La interrogante presentada versa sobre el límite de esta pluralidad en el sentido de que la aplicación de una categoría tal como “multinaturalismo” para todas las sociedades indígenas podría implicar un “etnocentrismo al revés”. Para González Varela (2015, p. 54), el “multinaturalismo de ciertos cazadores amazónicos no es necesariamente extensible a todos los grupos amerindios”.

¿Realmente existe una infinidad de formas y naturalezas, una pluralidad de multinaturalismos? Bessire y Bond (2014, p. 444) destacan que los procesos históricos muestran la relevancia de los relacionamientos sociales y culturales entre los grupos poblacionales del planeta, lo cual garantiza los contactos e intercambios entre ellos (“casi siempre asimétricos, como son los casos de conquista, colonialismo o en el de la globalización”). Para Gonzáles y Carro (2016), más que la búsqueda por la pluralidad infinita e inmedible, la propuesta estaría en lo

contingente y relacional, aquello que puede ser común a todos los grupos.

Un segundo problema derivado del planteamiento del giro ontológico radica en la identificación de la alteridad, es decir, determinar quiénes ejercen una lógica multinaturalista en su proceso social y quiénes no. Gonzáles y Carro (2016, p. 120) destacan que en la propuesta de Viveiros, existe un conjunto de grupos que sí pueden ejercer el multinaturalismo —legítimamente— y otros que no —es decir, el resto—. Esta división que distingue un nosotros/otros, parece resumirse en que sólo determinados grupos específicos tienen una ontología (“un pueblo=una ontología”). Sin embargo, esta idea entra en conflicto con lo expuesto anteriormente acerca del contacto entre los pueblos, de manera que la existencia de una burbuja conceptual que “determina su realidad” genera nuevas interrogantes: ¿Cómo se determinan las fronteras ontológicas de un grupo específico? ¿Quiénes están dentro y, por ende, quiénes fuera de ella?

Finalmente, existe una confusión entre lo textual, lo simbólico y lo “real”. ¿En qué medida todo lo dicho es literalmente una realidad? ¿Existe la posibilidad de una metáfora, de un discurso que justamente no

sea “real”? Cuando los conceptos en su vertiente más óptica —entendida como “la existencia en sí de las cosas”— se entienden como los auténticos constructores de la realidad —e incluso del mundo en sí— se puede caer en la literalidad, un fenómeno por el cual se toman todas las proposiciones como antirepresentacionales y, por tanto, reales. Ello niega implícitamente “la ausencia de disensión interna con respecto a los conceptos, de contradicciones, de dudas, como si los conceptos fueran una y sólo una cosa unánime para cada grupo, y además permanecieran estables en el tiempo” (González y Carro, 2016, p. 120).

2.3. Desde la epistemología de la comunicación hacia el giro ontológico

Para definir la comunicación como una disciplina científica o no, debemos considerar el término disciplina como tal. Así, según Edgar Morín (s.f.), una disciplina es “una categoría organizacional [...] [que] tiene naturalmente a la autonomía, por la delimitación de sus fronteras, la lengua que ella se constituye, las técnicas a utilizar, y eventualmente por las teorías que le son propias”.

Una disciplina posee un sistema metodológico de estudio de su objeto de estudio, campo de estudio y demás. Como

parcela de la realidad, una disciplina será solo una porción del todo universal, por tanto, “no puede existir una disciplina que no haya identificado su propio objeto y su propio método” (López, 1989, p. 25 — 26).

Según Karam (2005, p. 255), existe una pregunta clave en los estudios epistemológicos sobre comunicación: ¿Posee la comunicación el carácter de un saber sobre algo general que concierne a otras ciencias? Ante ello, existen dos respuestas posibles: quienes la ven como un “saber integrador” que actúa como un “macrosistema para la organización del saber” y explica “el funcionamiento de la naturaleza y a la vez del mundo social”; y quienes notan en la comunicación un saber de la generalidad, de “aquello que aparece en cualquier fenómeno [...] natural o social” (Karam, 2005, p. 255). Esta función articuladora de saber genérico de la comunicación, derivada de la información como elemento central, debe poder responder por sí solo a su función articuladora de todas las ciencias naturales y sociales.

Fuentes (2015) sugiere partir del debate sobre la comunicación a partir de dos consideraciones: la dimensión ontológica de la comunicación (¿qué es la comunicación?) y la dimensión epistemológica (¿cómo conocer la comunicación?) para tener una consistencia

metodológica de la investigación. Esto implica que la comunicación, como objeto de conocimiento, es el resultado de una construcción de sentido, es decir, la realidad comunicativa se construye desde los principios epistemológicos propios y no a partir de la realidad objetiva en sí misma.

No obstante, López (1999) recuerda la necesidad de pensar la epistemología de la comunicación en relación con dos criterios importantes: primero, una crítica interna y científica de la propia epistemología desde la práctica metodológica; y segundo, considerar las condiciones sociopolíticas —desde la sociología de la ciencia— que influyen en la producción del conocimiento científico. De esta forma, “la práctica de la investigación es

2.3.1. ¿Cómo explicar la comunicación?

Sin embargo, el acto esencial comunicativo —más allá del acto biológico— es un elemento social en tanto se constituye como un proceso de interacción de informaciones y conocimientos. Para Martín (2014, p. 11), la Teoría de la Comunicación estudia la “capacidad que poseen algunos seres vivos de relacionarse con otros seres vivos intercambiando información”. De esta manera, un actor de comunicación es “cualquier ser vivo que interactúa con otro u

concebida como un campo de fuerzas, sometida a determinados flujos y exigencias internas y externas” (p. 13).

Así, el campo académico de la comunicación es visto como un espacio de luchas y tensiones, así como de inercias y acumulaciones inscrito siempre en las dinámicas socioculturales e históricas en la que se inscribe, el campo de la comunicación se debe comprender desde los discursos que “en él y sobre él circulan” (Fuentes, 1992, p. 3), a la vez que a partir de las “prácticas, institucionalizados o no, mediante las cuales los actores sociales ‘académicos’ constituyen el campo y son provistos por él de una identidad y de una ‘posición’ específicas”.

otros seres vivos de su misma especie o de especies diferentes recurriendo a la información”. Para que exista el proceso comunicativo como tal, la existencia de al menos 2 de estos actores es imprescindible, los mismos que pueden compartir información y que tienen la capacidad de relacionarse con otro ser vivo mediante un comportamiento comunicativo.

A través del texto, Serrano propone como pregunta fundacional de la Teoría de la Comunicación: ¿Cómo es (a veces) posible que la comunicación sea posible? O

alternativamente ¿cómo es posible (a veces) que la comunicación no sea posible? Para facilitar su análisis cabe desarrollarla en cuestiones más concretas como: la condición de actor, sustancia expresiva, expresiones comunicativas, instrumento, uso de representaciones, condición de objeto, necesidades y expectativas, autonomía y control.

Sin embargo, para este estudio, es pertinente no dejar de lado la diferenciación clave entre el propio proceso comunicativo y la problematización académica acerca de esa cuestión. Fuentes (2015, p. 18) incide en que desde una mirada académica, la comunicación es definida como “la producción social de sentido sobre la producción social de sentido”. Así, si la pregunta inicial está

2.3.2. ¿Es posible la existencia de otra comunicación entre humanos y no humanos?

Fuentes (2015, p. 17) distingue que una definición de la comunicación debe ir más allá de la agencia humana, debe considerar en esencia la existencia de “una experiencia, una práctica cotidiana, algo que hacemos continuamente, permanentemente, porque si no lo hiciéramos no podríamos hacer la pregunta”.

centrada en ¿cuándo es posible la comunicación?, la interrogante acerca del campo académico de la comunicación estaría definida por ¿qué producción social de sentido se ha construido acerca de la comunicación que se consideró posible?

El abordaje aquí propuesta parte de la consideración de la existencia de procesos comunicativos entre sujetos humanos que no necesariamente poseen una corporalidad humana; es decir, se sugiere observar en los pueblos indígenas la existencia de procesos relacionales comunicativos entre otras ontologías. La consideración de la existencia de otras ontologías problematiza la propia concepción académica que construye y valida una producción social de sentido acerca del propio fenómeno comunicativo.

Para Piñuel y Lozano (2006), la comunicación tal como la entendemos no es patrimonio necesariamente de la especie humana. Así, para que una especie tenga garantizada su permanencia y evolución, debe de integrar un sistema de comunicación: la teleinteracción comunicativa se podría expresar en el acto reproductivo de la especie. Los humanos constituyen un progreso comunicativo en la medida en que construyen una relación en la que no solo son conscientes del entorno (dominio de existencia), sino que

lo representan y construyen objetos específicos para expresar esa actividad expresa, de manera que el lenguaje simbólico se materializa.

La propuesta de Lemos (2020, p. 57) incide en mirar el fenómeno digital contemporáneo y las distintas ontologías desde una perspectiva neomaterialista. Para el autor, un abordaje que, desde la comunicación, resuelve el escenario de agenciamientos diversos (humanos y no humanos) se da mediante el concepto de mediación, el cual “absorbe ações de humanos e não humanos, valorizando a materialidade dos objetos envolvidos em processos sociocomunicacionais”. En esa

3. Enfoque y/o metodología de abordaje.

En la idea de Lemos (2020), la forma metodológica de abordar estos estudios parte de la descripción, es decir, del análisis de la red en su propia materialidad no esencialista. Esta metodología es reforzada por Gonzáles y Carro (2016), quienes destacan que mediante la descripción se garantiza la no imposición de categorías externas o equivalentes; sino el acercamiento a la narración plural: “es en la descripción cuando hacemos posible que las cosas en sí mismas dicten una pluralidad de ontologías” (p. 114). En ese sentido, este estudio es de tipo básico, observacional—

línea, una vertiente de la mediación radical apuesta por pensar en la comunicación como un “processo associal”, es decir, que va más allá de las relaciones sociales interpersonales para englobar a las consciencias no humanas.

Antes de poner el límite sobre aquello que sí es comunicación en los “humanos” o en los “no humanos” —aceptando una imposibilidad de relacionamiento—, convendría preguntarnos ¿cómo es posible una comunicación entre ontologías humanas y no humanas a partir de la consideración de múltiples ontologías humanas que habitan corporalidades no siempre humanas?

descriptivo (no experimental), bibliográfico, transversal y de enfoque cualitativo.

El universo está conformado por los 72 videos (al 25/09/2020) presentes en la plataforma de Youtube de Radio Ucamara. Para este estudio, únicamente se toman en cuenta 5 canciones: Parana, Omagua, Coquita ampiri y Aparecimos y Kamatia.

Acorde a los instrumentos a utilizar, el estudio se sirve del análisis textual—discursivo de los mencionado en los videos, además sigue las 2 primeras fases para el análisis de las otras ontologías propuestas por Lemos (2020, p. 61):

identificação do modo, da preposição, da controvérsia; 2. identificar todos os atores envolvidos e como eles se expressam (interfaces, documentos, patentes, formas de ação etc.); 3. mapear as formas de mediação

4. Principales resultados y reflexiones

4.1. Los “modos” o los escenarios de disputa

A partir del análisis de las 4 canciones citadas en la anterior sección, se identificaron un conjunto de escenarios donde las ontologías indígenas se relacionan con los espacios sociales. Estos escenarios fueron clasificados en dos tipos: los que son citados, mencionados o verbalizados durante la canción; y los lugares que aparecen en el propio video —que pueden ser vistos—.

ou transdução, entendendo que ações, sentidos e forças são produzidos; 4. Reagregar o problema criando mais um elemento que possa ser instituído na construção da verdade.

Sobre los primeros, básicamente se observan tres lugares: los ríos, las propias comunidades indígenas y los mercados. Algunos de estos espacios aparecen sin agentes que canten o, en la mayoría, los niños y niñas que cantan justamente lo hacen ubicados ahí.

En relación con los lugares referidos en las letras de las canciones, existe una mayor variedad de escenarios que transitan desde el origen de la vida (el momento de creación del planeta o de los humanos) hasta los ríos, las ciudades, los bosques y las chacras.

<i>Parana</i>	<i>Omagua</i>	<i>Coquita Ampiri</i>	<i>Aparecimos</i>	<i>Kamatia</i>
<i>El río</i>	<i>El río Amazonas</i>	<i>El origen de la vida</i>	<i>El origen de la vida humana</i>	<i>El río</i>
<i>Los sueños</i>		<i>Lugar indefinido (que permite una conexión con el espíritu)</i>	<i>El bosque</i>	<i>El cuerpo de la mujer indígena</i>
<i>La selva</i>			<i>El origen del mundo</i>	<i>Lugar indefinido</i>
			<i>La chacra</i>	

			Algún lugar en la tierra	
			Los ríos	

Tabla 1. *Escenarios de disputa mencionados en las canciones*

Nota: Los escenarios aparecieron citados en las canciones analizadas para este estudio. Tomado de Radio Ucamara (2015, 2019).

Es importante observar que en todas las canciones los ríos son mencionados directamente o aparecen visualizados. Este modo o escenario es desde donde se ejercerán un conjunto de acciones y donde las ontologías aparecerán.

Un dato adicional es la constitución del cuerpo

de la mujer indígena como un escenario: en la canción *Kamatia*, donde únicamente cantan mujeres, ellas refieren que el cuerpo femenino es también un modo en el cual los sucesos pueden ser interpretados desde la presencia de distintas agencias.

4.2. Un inventario preliminar de actores humanos y no humanos

Si bien la fase dos del análisis corresponde a la identificación plena de todos los actantes

materiales o seres vivos (humanos y no humanos), para este trabajo únicamente se presentan las agencias presentadas.

<i>Parana</i>	<i>Omagua</i>	<i>Coquita Ampiri</i>	<i>Aparecimos</i>	<i>Kamatia</i>
<i>Todos</i>	<i>Padres</i>	<i>Mamá</i>	<i>Dios</i>	<i>Madre</i>
<i>Nosotros (los que cantan)</i>	<i>Abuelos</i>	<i>Jergón [Bothrops atrox]</i>	<i>Animales</i>	<i>Niños</i>
<i>Sirenas</i>	<i>Abuela</i>	<i>El creador</i>	<i>Ríos</i>	<i>Río</i>
<i>Delfines</i>	<i>Antepasados</i>	<i>Mujer</i>	<i>Espíritus</i>	<i>Suwa</i>
<i>Peces</i>		<i>Hombre</i>	<i>Joven</i>	<i>Árbol</i>
<i>Amigos</i>		<i>Carachupa [Dasypus novemcinctus]</i>	<i>Trueno</i>	<i>La gente</i>
<i>Abuelo</i>		<i>Achuri</i>	<i>Estrella</i>	<i>Plantas</i>

<i>Papá</i>		<i>Sajino</i>	<i>Sirena</i>	<i>Ipak</i>
<i>Bufeos</i>		<i>Majaz</i>	<i>Pescador</i>	<i>Suwa</i>
		<i>Venado colorado</i>	<i>Hermanos</i>	<i>Jaguar</i>
		<i>Sachavaca</i>		<i>Panguana</i>
		<i>Coto</i>		<i>Gavilán</i>
		<i>Animal</i>		<i>Mocahua</i>
		<i>Espíritu</i>		<i>Bugkui (diosa)</i>
		<i>La cocamera</i>		<i>Mujeres</i>
		<i>Zúngaro (Dios)</i>		<i>Tierra</i>

Tabla 2. *Seres humanos y no humanos mencionados en las canciones.* Nota: Los actores humanos y no humanos aparecieron citados en las canciones analizadas para este estudio. Tomado de Radio Ucamara (2015, 2019).

En las 5 canciones son presentados más de 50 agencias tanto humanas como no humanas. Mientras en algunos casos estas agencias son seres humanos tal como los conocemos: abuelos, padres, hermanos, madres y otros familiares; las agencias no humanas contemplan una amplia variedad: entre espíritus y dioses propios de cada grupo cultural que se hace presente en las canciones, hasta animales del contexto amazónico, e incluso la mención a seres como las sirenas.

Es relevante notar la presencia de agentes relacionados con plantas o árboles, con

fenómenos naturales tales como los truenos e incluso con una estrella y la propia tierra (en el sentido del espacio que actúa).

Todos los actores citados actúan y se relacionan en el amplio escenario descrito mediante los videos de youtube de Radio Ucamara. En ellos, así, no solo aparecen aquellos que tradicionalmente hemos entendido como actantes (humanos y animales categorizados como tales), sino que se les otorga agencia a otros seres que habitan o actúan sobre la Amazonía.

4.3. Las mediaciones indígenas

¿Cómo ocurren, finalmente, las mediaciones entre los agentes mencionados en los modos señalados? ¿Cómo se

relacionan e interactúan los dioses y los espíritus con los humanos y los no humanos?

¿Cómo el río y las plantas se conectan con los no humanos?



Figura 1
Posibilidades de mediaciones indígenas a través de una cinta de moebius
Nota: Elaboración propia a partir de los contenidos de Radio Ucamara (2015, 2019)

Para resolver a estas interrogantes se construyó una red preliminar con algunos relacionamientos notados en las canciones analizadas (Figura 1). Esta red se constituye como una propuesta para visualizar las posibilidades comunicativas del contexto indígenas Kukama Kukamiria, así como de otros pueblos indígenas que cantan y cuentan sus historias mediante la señal de Radio Ucamara.

Tal como se observa en la figura 1, las mediaciones posibles relacionan tanto a los agentes (4.2) como a los modos y escenarios narrados (4.1). De esta forma, las posibilidades de interacción no solo

trascienden la linealidad temporal (pasado, presente y futuro) sino que los propios espacios pueden conectar distintas agencias en un único momento.

En la canción Aparecimos, por ejemplo, se mencionan de manera consecutiva 2 modos de existencia: el bosque y los sueños. Es importante resaltar la soledad del sujeto porque, en la cosmología Kukama Kukamiria, el estar sin acompañamiento conlleva a que los espíritus y demás seres se conecten y busquen raptar a la persona. Así, quien camina solo en este bosque, rápidamente se queda dormido y comienza a soñar. Pasa de “estar en el bosque” a “estar en los sueños”

sin moverse del mismo espacio. Esta transformación de modo en el mismo lugar cambia el escenario y posibilitará que ahora se comunique con otros seres.

[...] camino por el bosque
solo
de hambre y miedo duermo
espíritus vienen a mis sueños
grito
de repente ante mis ojos
ríos y animales aparecen majestuosos
(transformó)
(Radio Ucamara, 2019)

En la misma canción, dos hermanos abandonados ven transformado su propio: pasaron de ser dos humanos viviendo en un escenario donde todos los perciben como humanos, a ser dos humanos con posicionamiento corpóreo de animales y donde en vez de hablar, emiten un sonido de ranas (craw crawl).

[...] hermanos abandonados
por su madre y por su padre
se convirtieron en animales
sin saber qué hacer
bajo la lluvia
con desesperación y cansancio
dijeron crawl crawl
(Radio Ucamara, 2019)

En la canción Parana, se hace referencia también al elemento onírico como un modo de existencia. Aquí, el agente no solo narra sus vivencias dentro del río (como ser viviente), sino que ratifica una posibilidad de comunicación: tiene un contacto hablado con una sirena. Además, indica que mantiene una relación familiar con los seres que habitan los ríos: así, indica que un delfín es su “tío”.

Una anotación adicional es observar que los sucesos de la realidad actual (en referencia a los derrames de petróleo ocurridos en la Amazonía peruana) no solo afectan el “no sueño” —entendido como el mundo que conocemos— sino afectan el otro modo de existencia —las vidas que están en los ríos—. Así, el sueño como modo de comunicación permite que los propios peces se comuniquen con quien canta la canción para trasladarle un pedido político: que paren los derrames de petróleo.

Anoche soñé que vivía en el río
que me hablaban las sirenas
y un delfín era mi tío
los peces me pedían
por favor cuida los ríos
quita ya esa mancha negra
que a mi mundo deja frío
(Radio Ucamara, 2019)

4.4. La propuesta teórica

Los análisis y esquemas propuestos sugieren que las posibilidades de mediación comunicativa son posibles no solo considerando las agencias humanas y no humanas (determinados tipos de animales), sino que también son plausibles con otros espíritus, ancestros y antepasados, incluso dioses y similares.

La comunicación indígena que visibiliza el pueblo Kukama Kukamiria y otros pueblos indígenas que cantan a través de los videos de Radio Ucamara deriva en tres puntos clave: primero, la comunicación es una capacidad de

relacionamiento e interacción entre 2 agencias o más; segundo, estas agencias (seres que hablan y se comunican) no están cargados directamente de una ontología humana —entendida desde una mirada occidental—, sino que incluyen a distintas ontologías entre humanas y no humanas que hacen parte de la cosmología amazónica de cada pueblo indígena ; tercero, las mediaciones comunicativas no ocurren en todos los espacios ni tiempos, sino que existe un conjunto de lugares para cada tipo de comunicación entre ontologías indígenas en cada modo de existencia en los que están habitan o se encuentran.

5. Conclusiones

Si bien la construcción de sentido sobre la comunicación ha considerado problematización desde una diversidad de ciencias y disciplinas científicas, el propio abordaje de la comunicación no ha culminado de interrogarse acerca de como la diversidad de pueblos indígenas ejerce la comunicación entre distintas ontologías. La validez de la pregunta de investigación sobre la posibilidad de la comunicación parece evitar la pregunta por la capacidad de agencia para comunicar.

En ese sentido, repensar desde los pueblos indígenas los procesos comunicativos

(pragmáticos) y construir sentido sobre estos modelos comunicativos deben contribuir a fortalecer el campo académico de la comunicación: la diversidad de experiencias comunicativas contribuirá a establecer los lineamientos para resolver las preguntas epistemológicas ya planteadas, además de permitir construir nuevas preguntas para el actual contexto.

Finalmente, es importante observar que las preguntas sobre las ontologías indígenas permiten también repensar las formas en las que la epistemología de la comunicación ha tomado en cuenta una mirada alternativa: los

propios senderos seguidos para la constitución del campo de la comunicación necesitan continuar bifurcándose para considerar a las otras formas de

6. Referencias bibliográficas

Bessire, L. y Bond, D. (2014). Ontological Anthropology and the Deferral of Critique. *American Ethnologist*, 41(3), 440-456. <https://doi.org/10.1111/amet.12083>

Correa, N. (2019). Pueblos Indígenas y Población afrodescendiente. 2030— *Alimentación, agricultura y desarrollo rural en América Latina y el Caribe*, 24. FAO.

De Sousa, B. (2018). Introducción a las Epistemologías del Sur. En Meneses, M. P., & Bidasaca, K. (coord.), *Epistemologías del Sur* (25 — 62).

Descola, P. (1992). Societies of Nature and the Nature of Society. En: Adam Kuper (ed.), *Conceptualizing Society* (pp. 107-26). Routledge.

Fuentes, R. (2015). *Centralidad y marginalidad de la comunicación y su estudio*. ITESO.

Fuentes, R. (1992). El estudio de la comunicación desde una perspectiva sociocultural en América Latina. *Diálogos de la Comunicación*, 32.

González, S. (2015). Antropología y el estudio de las ontologías a principios del siglo

comunicación que habían parecido no estar presentes o que no coincidían con los esquemas planteados.

XXI: sus problemas y desafíos para el análisis de la cultura. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, Epoca III, XXI*, 38-64

Karam, T. (2005). Una Introducción al Estudio de la Epistemología de la Comunicación desde la obra de Manuel Martín Serrano. *Cinta de Moebio. Revista de Epistemología de Ciencias Sociales*, (24), 253—264.

Krohling, C. (2019). La investigación científica: epistemología y marco conceptual en Rolando García. En Gonzalez, J. (Coord.), *¡No está muerto quién pelea! Homenaje a la obra de Rolando V. García Boutigue* (pp. 189—208). Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades.

Lemos, A. (2020). Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, (43), 54-66.

Lopes, M. (1999). La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. *Diálogos de la Comunicación*, 56, 13-27.

López, F. (1989). *Elementos para una crítica de la Comunicación*. Editorial Trillas.

Martín, M. (2014). *Teoría de la Comunicación*. Pablo de la Torriente Editorial

Meneses, M. y Bidaseca, K. (2018) (coord.). *As Epistemologias do Sul como expressão de lutas epistemológicas e ontológicas. Epistemologías del Sur* (11 —24).

Morín, E. (s.f.). Sobre la interdisciplinariedad.

Piaget, J. y García, R. ([1983] 2011). *Psicogênese e história das ciências*. Vozes.

Piñuel, J. y Lozano, C. (2006). Ensayo general sobre la comunicación. Paidós.

Porto, H. (2017). Epistemologias da Comunicação: diálogos transfronteiriços com outras pesquisas. *Revista UNINTER de Comunicação*, 5(9), 47-64.

Radio Ucamara (2015). Escuela Ikuari - Parana. [Archivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=seVYrt99DgQ>

Radio Ucamara (2019). Aparecimos. [Archivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=H4LgnrBagak>

_____. Kamatia - Videoclip. [Archivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=1zF9MQ2lcgo>

_____. Coquita Ampiri. [Archivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=FusOvgMAE6A&t=284s>

_____. Omagua. [Archivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=9X-SpTAXhwY>

Viveiros, E. (2004). Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, 2(1), 1.

El cuerpo como objeto de estudio de la comunicación. Hacia una teoría de la comunicación con bases corpo-afectivas.

O corpo como objeto de estudo da comunicação. Rumo a uma teoria da comunicação com bases corpo-afetivas.

Body as an object of study of communication. Towards a communication theory with body and affective bases.

Marta Rizo García

Resumen: El campo de la comunicación ha privilegiado el estudio de los medios de comunicación, y en mucha menor medida ha atendido procesos interpersonales. Quizás por ello no son muchas las reflexiones sobre el cuerpo desde la comunicación. Más allá de los estudios sobre comunicación interpersonal, o de las categorías referidas a la comunicación no verbal, es insuficiente la reflexión sobre la naturaleza corporal de la comunicación y sobre el cuerpo como medio de comunicación de los sujetos con el mundo. La ponencia presenta un balance general de la presencia del cuerpo como objeto de estudio de la comunicación en el ámbito académico iberoamericano, y plantea algunos retos para la investigación de la comunicación, cuyo objeto de estudio sigue siendo, en ocasiones, puesto en cuestión. Aunque históricamente el cuerpo y la corporalidad no hayan sido temas muy tomados en cuenta en la investigación en comunicación, su abordaje da lugar a temas de investigación sugerentes en la actual ecología comunicativa dominada, en cierto modo y en ciertos contextos, por la comunicación digital. Por ello, incorporar al cuerpo y la corporalidad como ejes temáticos en la reflexión sobre la comunicación enriquece en términos teóricos y empíricos el campo académico en cuestión.

Palabras Clave: Cuerpo, Comunicación, Campo Académico.

Abstract: Communication field has privileged the study of media, and to a much lesser extent has attended interpersonal processes. Perhaps that is why there are not many reflections on the body from communication. Beyond the studies on interpersonal communication, or the categories referred to non-verbal communication, reflection on the bodily nature of communication and on the body as a means of communication of subjects with the world is insufficient. The paper presents a general balance of the presence of the body as an object of study of communication in the Latin American academic field, and poses some challenges for the investigation of communication, whose object of study continues to be, on occasion, put in question. Although historically the body and corporality have not been very taken into account in communication research, its approach gives rise to suggestive research topics in the current communicative ecology dominated, in a certain way and in certain contexts, by digital communication. Therefore, incorporating body and corporality as thematic axes in the reflection on communication enriches in theoretical and empirical terms the academic field in question.

Key words: *Body, Communication, Academic field.*

Discusión teórica: comunicación, cuerpo y corporalidad.

La reflexión sobre el cuerpo es inherente a la reflexión sobre la comunicación humana. El intercambio de información, la construcción de significados y la producción de sentidos, los vínculos establecidos por medio de procesos comunicativos, los elementos no verbales presentes en la interacción cara a cara, entre otros muchos procesos que los sujetos viven

y experimentan cotidianamente, son producto del contacto entre dos o más cuerpos. Es tan obvia la relación que establecemos con y desde nuestros cuerpos, que muchas veces ésta pasa desapercibida en los trabajos académicos. Y el campo de la comunicación no es la excepción. De ahí que no sean muchas las aportaciones sobre el cuerpo realizadas desde este campo de conocimiento. Más allá de lo que suele afirmarse en estudios sobre

comunicación interpersonal, a partir de categorías referidas a la comunicación no verbal (tanto en su vertiente kinésica, que aborda la gestualidad y los movimientos corporales, como en su vertiente proxémica, relativa al uso del espacio), es poca, o sin duda insuficiente, la reflexión en torno a la naturaleza corporal de la comunicación humana, y en torno al cuerpo como vehículo para la comunicación e interacción humanas.

Es por tanto natural afirmar que investigar la comunicación no supone únicamente aproximarnos a los llamados medios de comunicación. Sin duda, los objetos de estudio de la comunicación trascienden a la comunicación mediada o mediática. Aquí retomamos lo dicho hace ya algunos años por Raúl Fuentes:

En el centro de nuestro objeto de estudio, la comunicación, no están los 'mensajes' o los 'contenidos' sino las relaciones, establecidas e investigadas a través de sus múltiples mediaciones, entre la producción de sentido y la identidad de los sujetos sociales en las más diversas prácticas socioculturales (Fuentes, 2008, p. 113).

Y el cuerpo, sin duda, puede ser considerado uno de los más importantes productores de sentido: "El cuerpo logra comunicar –y también captar– un 'algo' que

los discursos por sí solos no logran transmitir, justo porque nos lleva hacia el terreno de lo afectivo y lo sensorial" (Huffschmid, 2013, p. 117). Adentrarnos a la relación entre el cuerpo y los afectos daría para otro trabajo; aquí únicamente compartimos algunas miradas que dan cuenta del potencial comunicativo del cuerpo, como productor de sentidos y como receptáculo de significados en situaciones de comunicación cara a cara.

Antes de presentar el balance académico nos parece pertinente completar la reflexión teórica sobre el cuerpo a partir de la exposición de los aportes de dos autores: Erving Goffman y Pierre Bourdieu.

En Goffman, el ser humano en su corporalidad es un actor del escenario teatral que es la realidad de la vida cotidiana. El cuerpo porta sentido, provoca significaciones y, por sí mismo, significa. El cuerpo habla y habita la realidad. Nos presentamos ante otros por medio del cuerpo, de modo que las apariencias externas, con todos sus componentes, adquieren una importancia cabal por el significado social que les ha sido atribuido. Esta presentación ante los demás se da por medio de señales sobre todo no verbales, lo que Goffman denomina "glosario del cuerpo". Esta glosa corporal o externalización supone el "proceso mediante

el cual una persona utiliza claramente los gestos corporales para que se puedan deducir otros aspectos, no apreciables de otro modo de su situación" (Goffman, 1979, p. 30). Las glosas, por lo tanto, fungen como facilitadoras de las interpretaciones que cada sujeto en interacción quiere proyectar al otro (Sabido, 2013).

Los significados del cuerpo se construyen *in situ*. Dice Goffman que "las personas en interacción, definen la situación, ya que con sus cuerpos y sus gestos proporcionan cierta información y significan aquella que otorgan los demás, así como ponen en juego la que ya poseen" (Goffman, 1997, p. 13). El cuerpo es entonces el receptáculo de las relaciones entre cultura y personalidad, entre entorno y sujeto, pues los gestos corporales son una manifestación de la cultura y, como tales, pueden ser analizados sociológicamente, como son analizadas las instituciones y los hechos sociales. Como manifestaciones o expresiones de las culturas, las conductas corporales se estandarizan y generan obligatoriedad y asimilación.

Esta última idea da pie a introducir los aportes de Bourdieu a los estudios sobre el cuerpo. Para el sociólogo francés, los procesos de socialización moldean al cuerpo, lo disponen a actuar de una u otra forma. Algo

que pareciera individual y subjetivo, el cuerpo, aparece en la propuesta de Bourdieu como entretelado con lógicas sociales más complejas y estructurales. Las formas de percibir, sentir, hacer y pensar (lo que el autor denomina *habitus*) son in-corporadas, hechas cuerpo por y en los sujetos, dependiendo de sus condiciones sociales e individuales. Pensar el cuerpo desde Bourdieu implica "considerar al cuerpo como algo más que un objeto separado de una conciencia que piensa, sino como productor de un tipo particular de Sentido, un Sentido práctico" (Sabido, 2013, p. 39).

Los hábitos corporales no son individuales, sino que están siempre relacionados con las sociedades en las que vivimos. Estos actos operan, entonces, en el marco de una razón práctica que los orienta. El cuerpo produce un sentido práctico que hace posible que lo que hacemos con él dé cuenta de las sociedad en la que vivimos, de sus jerarquías, diferencias y categorizaciones. Antes que Bourdieu, ya Marcel Mauss (1991), con su propuesta de las técnicas corporales, había señalado que los modos de llevar el cuerpo, lo que hacemos con él, se relacionan con la edad, con el género y, en general, con todos los aspectos identitarios (internos y externos) de los sujetos; o dicho de otra forma,

las personas usan el cuerpo según la sociedad en la que han nacido.

El cuerpo permite observar lo social, y como condición básica de la experiencia, aprendemos a llevarlo, a sentirlo y a usarlo dependiendo de nuestras condiciones sociales e individuales. Recuperamos las palabras del propio Bourdieu:

La relación con el mundo es una relación de presencia en el mundo, de estar en el mundo, en el sentido de pertenecer al mundo, de estar poseído por él, en la que ni el agente ni el objeto se plantean como tales. El grado en el que se invierte el cuerpo en esta relación es, sin duda, uno de los determinantes principales del interés y la atención que se implican en él, y de la importancia –mensurable por su duración, su intensidad, etcétera– de las modificaciones corporales resultantes (...). Aprendemos por el cuerpo. El orden social se inscribe en los cuerpos a través de esta confrontación permanente, más o menos dramática, pero que siempre otorga un lugar destacado a la afectividad y, más precisamente, a las transacciones afectivas

con el entorno social (Bourdieu, 1999, p. 186).

En definitiva, el cuerpo, además de tener una naturaleza biológica, es social y simbólico, e implica la incorporación de hábitos, hexis corporales y capitales simbólicos que reproducen la lógica social, la estructura de la que el sujeto es parte.

La discusión sobre la relación cuerpo-comunicación debe tomar en cuenta, además, lo referido al Giro Afectivo en las Ciencias Sociales. Para Lara y Enciso (2014), se trata sobre todo de un giro hacia el cuerpo y en contra del privilegio del estudio del significado y el discurso. Esta propuesta debe, a nuestro entender, ser atendida también desde el campo académico de la comunicación, que no puede dejar de lado el terreno de lo emocional y lo senso-corporal, pues estas son dimensiones clave en las situaciones de comunicación, comprendidas como procesos de producción de sentido.

El cuerpo como objeto de estudio de la investigación en comunicación: un balance iberoamericano.

Realizar un balance académico en torno a la relación entre cuerpo y comunicación es algo complicado en un campo como el de la comunicación, que se ha caracterizado por

privilegiar el estudio de los medios por sobre cualquier otro fenómeno comunicativo. No obstante, y aunque pueda parecer paradójico, la propia naturaleza interdisciplinaria del

fenómeno comunicativo permite lecturas sociológicas, filosóficas, antropológicas, etc., que en algunos casos toman al cuerpo como objeto de reflexión, fundamentalmente teórica y en mucha menor medida resultado de análisis empíricos.

El ejercicio que presentamos en estas páginas es únicamente un apunte en torno a la presencia del cuerpo en los estudios sobre comunicación en el campo académico iberoamericano, con énfasis en el contexto mexicano. Para ello, realizamos una búsqueda en las memorias de los congresos del 2016 y 2018 de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) y de algunas de las últimas ediciones de los congresos de la Asociación Española de Investigadores de la Comunicación (AE-IC), por un lado, y en el Catálogo de Documentación en Ciencias de la Comunicación, que da cuenta de la producción académica mexicana, por el otro. Cabe mencionar que en ningún momento se busca que esta muestra documental sea estadísticamente representativa, puesto que únicamente queremos aportar algunos elementos clave que nos permitan indicar algunos de los caminos por donde transcurre la reflexión sobre la comunicación y el cuerpo en nuestro campo de conocimiento. Para

completar el estado de la cuestión, nos fijamos también en la presencia de abordajes comunicativos sobre el cuerpo en las ponencias presentadas dos de las tres ediciones del Encuentro Latinoamericano de Investigadores/as sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas, celebradas en 2012 y 2015 en Argentina y Colombia. Omitimos los trabajos presentados en la edición de 2018 en México porque aún no se encuentran publicadas las memorias.

Durante el congreso de ALAIC de 2016 se presentaron 16 trabajos que tienen al cuerpo como uno de los ejes (teóricos y/o empíricos) básicos. Encontramos ponencias sobre el cuerpo en los siguientes grupos: Discurso y Comunicación (3), Comunicación y Estudios Socioculturales (9), Comunicación Intercultural y Folkcomunicación (3) y Comunicación y Decolonialidad (1). En términos generales vemos que predominan trabajos empíricos sobre dos ejes temáticos básicos, el género y la sexualidad, y destaca la presencia de ponentes de Colombia, Brasil, Argentina, México y Perú.

Con respecto al congreso del año 2018, existen 23 trabajos que reflexionan en torno al cuerpo desde distintos puntos de vista y con distintos énfasis. Estos trabajos están divididos en ocho Grupos de Trabajo y un

Grupo de Investigación, aún no consolidado como grupo de trabajo. Con respecto a los grupos de trabajo, la distribución fue la siguiente: Comunicación Intercultural y folkcomunicación (1); Comunicación y Educación (1); Teoría y Metodología de la Investigación en comunicación (2); Comunicación y Estudios Socioculturales (2); Comunicación Publicitaria (2); Discurso y Comunicación (2); Comunicación y Ciudad (1) y Comunicación digital (1). Curiosamente, fue en el Grupo de Investigación (aun no consolidado como grupo de trabajo) donde se presentaron un mayor número de trabajos referidos al cuerpo y la corporalidad. Nos referimos al grupo dedicado a Comunicación, Género y Diversidad Sexual, que concentró 11 ponencias sobre el tema, la mayoría vinculadas con el cuerpo de la mujer y la violencia de género, tanto en productos mediáticos como en espacios públicos.

Concluimos el panorama sobre la presencia del cuerpo en la investigación en comunicación en América Latina con la referencia a las ponencias presentadas dos ediciones del Encuentro Latinoamericano de Investigadores/as sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas. El I Encuentro se celebró en Rosario, Argentina, en 2012. En dicho congreso se plantearon un total de 16

grupos de trabajo, ninguno de ellos dedicado explícitamente a la relación cuerpo-comunicación. No obstante, es posible encontrar algunas reflexiones relacionadas con la comunicación en varios de los trabajos que se presentaron. **En total, detectamos siete trabajos distribuidos en tres mesas distintas que, de forma más o menos directa, vinculan el cuerpo con la comunicación, en un sentido mediático o en un sentido estético-literario.**

En el II Encuentro, celebrado en Bogotá en octubre de 2015, sí hubo una mesa dedicada a "Cuerpo y Comunicación". En total fueron presentados 12 trabajos, tres teóricos y nueve empíricos. En cuanto a las ponencias teóricas, vemos que existe consenso en considerar al cuerpo como productor y receptor de significados, y los autores más mencionados para tales reflexiones son Goffman, Bourdieu y Merleau-Ponty; vemos, además, que existe una presencia más o menos equilibrada de abordajes sociológicos y filosóficos en la reflexión teórica sobre el cuerpo como ente comunicante; una tercera consideración es que los tres trabajos teóricos ponen énfasis en la necesidad de romper con la dicotomía mente-cuerpo; y por último, destaca también la presencia en dos trabajos del abordaje foucaultiano sobre el cuerpo, a partir de la noción de *cuerpos dóciles* que propuso el

autor. Con respecto a las ponencias que dan cuenta de investigaciones empíricas, vemos que predominan los análisis de las representaciones del cuerpo en medios como la fotografía, el cine, la prensa y la publicidad de alimentos; en segundo lugar, destaca la presencia de trabajos sobre la relación cuerpo-género-sexualidad, que abogan por la ruptura del esquema genérico binario y de la visión heteronormativa que existe sobre las vivencias de los cuerpos sexuados; por último, vemos también abordajes empíricos que relacionan cuerpo y comunicación en manifestaciones artísticas específicas como la danza y el baile.

Con respecto a la presencia del cuerpo en la investigación en comunicación en el Estado Español, optamos por revisar los trabajos presentados en los congresos de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC). Por el volumen de trabajos, haremos referencia únicamente a los congresos celebrados en 2008, 2010, 2016 y 2018, el último. Cabe mencionar como dato general que son realmente pocos los trabajos que tienen al cuerpo y la corporalidad como ejes de reflexión centrales. Más bien hemos encontrado referencias secundarias al cuerpo. Y nuevamente, vemos que el género y la sexualidad son los dos principales temas en

torno a los cuales aparecen reflexiones sobre el cuerpo y la comunicación. En 2008 encontramos tres trabajos empíricos en el grupo de Estudios del discurso; en el congreso de 2010 encontramos cuatro ponencias, una presentada en el grupo de teoría y métodos, una en el grupo de Estudios del discurso, y dos en el grupo de Estudios de Audiencia y Recepción; en el congreso celebrado en 2016, encontramos únicamente dos ponencias que abordan el cuerpo: la primera se presentó en el grupo de Género y Comunicación y la segunda fue expuesta en el grupo de Estudios sobre el Discurso; por último, en el congreso celebrado en 2018, encontramos un total de seis trabajos referidos al cuerpo: uno en el grupo de Estudios de Audiencia y Recepción, tres ponencias en el grupo de Estudios de Género y Comunicación, un trabajo en la sección temática de Historia de la Investigación en Comunicación y una intervención en la plenaria dedicada a Psicología de los medios y conocimiento.

En aras de ofrecer un balance escueto de lo hallado en torno a la presencia del cuerpo en la investigación en comunicación en América Latina y el Estado Español, se mencionan a continuación algunas consideraciones generales:

Predominan los trabajos empíricos, en detrimento de la reflexión teórica.

Algunos de los autores que más se repiten como referentes teórico-conceptuales de los trabajos son Foucault, Goffman, Butler y Le Bretón.

Muchos de los trabajos empíricos refieren, sobre todo en el campo español, a las representaciones del cuerpo en los medios, especialmente en la televisión (tanto ficción como no ficción, y con gran presencia de trabajos que abordan el discurso publicitario) y la publicidad.

El género y la sexualidad son dos ejes temáticos básicos tanto en América Latina como en el Estado Español.

Aspectos como la moda, la religión, la música –y otras manifestaciones artísticas– están más abordadas en el campo académico latinoamericano, con lo cual podemos afirmar que en la investigación de la comunicación española parece que aún se asocia investigar la comunicación con investigar los medios.

La idea anterior se plasma en el predominio de trabajos presentados en el GT Estudios del Discurso, en el caso de la AE-IC, mientras que en el caso latinoamericano vemos que la mayoría de ponencias se presentaron en el grupo de Comunicación y Estudios Socioculturales.

Las metodologías empleadas incluyen, en gran parte de los trabajos empíricos, análisis del discurso, análisis de contenido y métodos cualitativos dialógicos, tales como las entrevistas y los grupos de discusión.

Como ya comentamos al inicio de este trabajo, para la exploración de lo producido en México, nos basamos en el Catálogo de Documentación de Ciencias de la Comunicación. La búsqueda la realizamos en enero de 2020, obteniendo un total de 48 textos, sobre los cuales presentamos algunas consideraciones a continuación. Los textos abarcan un periodo de 25 años, de 1991 a 2018, y en una primera lectura vemos que predominan los ensayos teóricos y, en menor medida, los trabajos con abordaje empírico. Cabe mencionar, además, que se aprecia una presencia bastante notoria de autores como Foucault, Goffman y Bourdieu, y también vemos que algunos de los trabajos parten de una perspectiva semiótica y usan herramientas como el análisis del discurso. Para clasificar los textos que tomamos en cuenta, determinamos cinco áreas temáticas: 1) Artes y estética, con siete trabajos; 2) Cuerpo e identidades con 16 trabajos, divididos a su vez en los sub-temas género (13) y jóvenes (3); 3) Cuerpo-medios, con trabajos, a su vez divididos en los que abordan

los medios tradicionales (12) y los que se centran en los medios digitales (9); 4) Cuerpo-Interacción, con dos ponencias; 5) Nuevas lecturas (otros enfoques), también con dos ponencias.

A modo de síntesis de este breve panorama de la presencia del cuerpo en los estudios de comunicación en México, destacamos los siguientes elementos:

Predominan los estudios de corte sociocultural, muy por encima de trabajos de corte filosófico e interpretativo;

La noción de intersubjetividad es prácticamente inexistente en este conjunto de trabajos que abordan la relación entre el cuerpo y la comunicación;

Un apunte final: el cuerpo como elemento central para una teoría de la comunicación con bases corpo-afectivas.

La comunicación humana es comunicación desde el cuerpo, para el cuerpo y entre cuerpos. Somos conscientes de la existencia de los otros con quienes nos comunicamos porque tenemos conciencia perceptiva sobre nuestro cuerpo, y desde nuestro esquema corporal constituimos las imágenes que tenemos de los otros y somos capaces de

Destacan trabajos sobre el cuerpo de la mujer desde el enfoque de los estudios de género;

En las investigaciones empíricas sobre cuerpo y medios es notable el predominio de trabajos sobre las representaciones del cuerpo en medios como la televisión y el cine, a partir de estrategias metodológicas como el análisis del discurso.

Muchos de los trabajos empíricos sobre cuerpo y medios de comunicación tiene como eje transversal el enfoque de género, por lo que podemos decir que hay una veta de investigación bastante explorada en torno al cuerpo de la mujer en las diversas expresiones mediáticas.

interactuar con él. El cuerpo, por lo tanto, no solo recibe, sino que sobre todo crea y significa. El lenguaje sólo es posible si emana de los cuerpos vivientes y sintientes, y como tal, es la instancia que unifica al ser. Nuestra relación con el mundo, entonces, está dada por el cuerpo, de ahí que el cuerpo pueda ser considerado como el espacio universal, pues sin cuerpos no habría espacialidad. Por medio de nuestro cuerpo es que accedemos al mundo y, desde ese lugar, desde nuestro esquema corporal, nos comunicamos con

otros a quienes percibimos como semejantes y, simultáneamente, como diferentes, como otros.

"La sociedad es, ante todo y por encima de todo, una actividad corporal" (Collins, 2009, p. 56). Al cuerpo se le asignan sentidos –como hemos visto, en situaciones de comunicación cara a cara-, y simultáneamente, el cuerpo produce sentido, permite ver lo social, la estructura. El cuerpo, o el sujeto-cuerpo, diría Merleau-Ponty, es un cuerpo situado, es decir, construido histórica, social y culturalmente.

Los cuerpos ejercen toda su potencia significativa sobre los sujetos. Es desde los cuerpos que los seres humanos significan sus entornos, dotan de sentido a los otros seres, al espacio y al tiempo que habitan. No podemos, por tanto, comprendernos a nosotros mismos como cuerpos si no es a partir del despliegue significativo –y comunicativo- que desde nuestro esquema corporal emitimos hacia los otros. Y a la vez, no podemos comprender a nuestras sociedades si no es a través de lo que sobre ellas comunican nuestros cuerpos.

Ser cuerpo es ser-del-mundo. El cuerpo, entonces, es un donador de sentido: recibe significados y, simultáneamente, comunica sentidos. Sea como productor de sentidos o reflejo de lo social, como receptáculo de

significados en situaciones de interacción cara a cara, o como cuerpo-sujeto pensante del que emana la conciencia del sí mismo y de los otros, el cuerpo es nuestro principal vehículo de comunicación con el mundo. Por eso, muchas veces no lo concebimos como un fenómeno que puede ser analizado, pues desde él vemos, actuamos y somos. No tenemos cuerpos, somos cuerpo.

El campo de la comunicación no ha prestado suficiente atención al cuerpo como medio de comunicación del sujeto con el mundo. En la revisión presentada en estas páginas, echamos en falta aproximaciones de corte filosófico que, además, podrían nutrir los trabajos sobre la intersubjetividad y la comunicación. Siguen predominando, como ya vimos, y especialmente en el campo de la investigación española, análisis empíricos sobre la imagen del cuerpo en diferentes medios, bajo la mirada del enfoque de género y con énfasis en análisis de discursos televisivos, ficcionales, no ficcionales y publicitarios. Vemos, además, que son prácticamente inexistentes los ensayos teóricos que articulan cuerpo, comunicación e intersubjetividad. En este sentido, vemos que el cuerpo sigue siendo visto como objeto de análisis, y no se piensa suficientemente en su potencial comunicativo *per se*. El campo de la

comunicación intersubjetiva –uno de cuyos ejes temáticos centrales es, precisamente, el cuerpo- tiene entre sus retos realizar trabajos de corte empírico, que no sólo ayuden a fortalecer la reflexión sobre la puesta en escena de la intersubjetividad, sino que además, ofrezcan datos sobre las diferentes manifestaciones del cuerpo y la corporalidad en situaciones de comunicación concretas.

Como mencionamos al inicio, el Giro Afectivo en ciencias sociales pone énfasis en la presencia de elementos subjetivos como las emociones y los sentidos en las

reflexiones sobre lo social, y el cuerpo aparece como un elemento central. Consideramos que el campo académico de la comunicación no puede dar la espalda a estas reflexiones sobre lo emocional-afectivo-corporal, puesto que la producción de sentido, objeto de estudio básico de la investigación en comunicación, pasa por vehículos comunicativos que no sólo tienen que ver con los medios de difusión, sino también con los cuerpos, concebidos éstos como canales de emisión y recepción de significados y sentidos sobre los sujetos y sus entornos.

Referencias bibliográficas

Aguilar, Miguel Ángel; Soto Villagrán, Paula (coords.) (2013): *Cuerpos, espacios y emociones. Aproximaciones desde las ciencias sociales*, México: Miguel Ángel Porrúa y Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa.

Bourdieu, Pierre (1999): *Meditaciones pascalianas*, Barcelona: Anagrama.

Butler, Judith (2002): *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*, Buenos Aires: Paidós.

Collins, Randall (2009): *Cadenas de rituales de interacción*, Barcelona: Anthropos.

Fuentes Navarro, Raúl (2008): "La construcción de la comunidad académica de la comunicación en México y Latinoamérica (2000)". En Fuentes Navarro, Raúl (2008): *La comunicación desde una perspectiva sociocultural. Acercamientos y provocaciones 1997-2007*, Guadalajara: ITESO, pp. 101-114.

Goffman, Erving (1979): *Relaciones en público. Microestudios del orden público*, Madrid: Alianza Editorial.

Goffman, Erving (1997): *La presentación de la persona en la vida cotidiana*, Buenos Aires: Amorrortu.

Huffschmid, Anne (2013): "La otra materialidad: cuerpos y memoria en la vía pública". En Aguilar, Miguel Ángel; Soto Villagrán, Paula (coords.) (2013): *Cuerpos, espacios y emociones. Aproximaciones desde las ciencias sociales*, México: Miguel Ángel Porrúa y Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, pp. 111-138.

Lara, A. y Enciso, G. (2014): "Ciencia, Teoría Social y Cuerpo en el Giro Afectivo: Esferas de Articulación". En *Quaderns de Psicologia*, 16(2), pp. 7-25.
<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1172>

Mauss, Marcel [1934] (1991): "Técnicas y movimientos corporales", en Mauss, M. *Sociología y Antropología*, Madrid: Tecnos, pp. 337-356.

Sabido Ramos, Olga (2013): "Los retos del cuerpo en la investigación sociológica. Una reflexión teórico-metodológica". En Aguilar, Miguel Ángel; Soto Villagrán, Paula (coords.) (2013): *Cuerpos, espacios y emociones. Aproximaciones desde las ciencias sociales*, México: Miguel Ángel Porrúa y Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, pp. 19-54.

La enseñanza de las teorías de la comunicación: aspectos críticos y desafíos para la formación de las carreras de grado

O ensino das teorias da comunicação: aspectos críticos e desafios para a formação profissional

The teaching of communication theories: critical aspects and challenges for the formation of degree careers

Claudia Isabel Ortiz ¹¹³

Resumen:

Este trabajo presenta las reflexiones que surgieron en torno a la construcción de un espacio de formación destinado a docentes que se desempeñan en las asignaturas de las Teorías de la Comunicación.

Palabras Clave: Teorías de la Comunicación, Aspectos pedagógicos, formación profesional.

Abstract: This paper presents the reflections that arose around the construction of a training space for teachers in the subjects of communication theories.

Key words: Communication theories, pedagogical aspects, professional training.

¹¹³ Claudia Isabel Ortiz. Facultad de Ciencias de la Comunicación. Universidad Nacional de Córdoba, Magister en Comunicación y Cultura Contemporánea, Argentina, claudiaisabel.ortiz@gmail.com

- **Presentación del tema**

Las instancias de formulación de una propuesta de capacitación son fructíferas, pues, facilitan reconocer los aspectos críticos sobre temas que están naturalizados desde el hacer cotidiano de la práctica docente. En este caso, la enseñanza de los contenidos que conforman las asignaturas de las Teorías de la Comunicación en las carreras universitarias.

En el marco del ENACOM 2019 (organizado por la Federación Argentina de Carreras de Comunicación Social-FADECCOS-y la Facultad de Ciencias de la Comunicación de la UNC) se presentó el *Taller de Propuestas pedagógicas y articulaciones teórico-metodológicas en el campo de las teorías de la comunicación*¹¹⁴ orientado a docentes formados o en formación de las asignaturas denominadas Teorías de la Comunicación de las distintas carreras del campo de la formación en comunicación.

- **Objetivos de la ponencia:**

La presente comunicación tiene como objetivo analizar los criterios teóricos-

La actividad estuvo orientada a reflexionar sobre las herramientas para superar la mirada compartimentada de las teorías y sus perspectivas metodológicas. También, se analizaron algunos dispositivos prácticos para propiciar procesos críticos de enseñanza y aprendizaje.

A partir de esta experiencia y del interés manifestados por los/las participantes, se planteó elaborar una nueva propuesta para dar continuidad a los aspectos planteados a manera introductoria. Esta actividad se desarrollaría en los primeros meses del año 2020, sin embargo, en el contexto general de pandemia y de las medidas del aislamiento obligatorio se modificaron la dinámica de las actividades en la Facultad de Ciencias de la Comunicación (FCC) de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Por lo tanto, la presentación comentará los aspectos que se debatieron en el marco del taller realizado y que permitieron orientar la posibilidad de formalizar una propuesta de capacitación docente.

metodológicos para la elaboración de un espacio de capacitación docente orientado a profundizar en las prácticas enseñanza y

¹¹⁴ Este taller estuvo coordinado por la Dra. Gabriela Cicalese (UNSAM), Mgter. Marcela Sgammini (UNC-UNVM) y Mgter. Claudia I. Ortiz (UNC)

aprendizaje de las Teorías de la Comunicación. Se parte de los aspectos centrales de la experiencia del Taller realizado sobre *Propuestas pedagógicas y articulaciones teórico-metodológicas en el campo de las teorías de la comunicación* (ENACOM 2019). Estos resultados preliminares son la base para orientar la continuidad de una propuesta de formación.

En primer lugar, las docentes que participamos del diseño del Taller tenemos diferentes recorridos docentes y de investigación, así como, pertenencias institucionales. Hemos transitado la enseñanza de las teorías de la comunicación en la formación profesional de carreras inscriptas en el campo de la comunicación social y a partir de esa poliédrica experiencia, nos interrogamos sobre una serie de aspectos críticos surgidos de nuestras prácticas de enseñanza.

De esta manera, nuestra meta para orientar la creación de este espacio fue

propiciar instancias de intercambio y formación en la Didáctica de la Teoría de la Comunicación. Luego de la realización del Taller y teniendo en cuenta los temas debatidos, nos pareció relevante que las próximas capacitaciones nos brindaran la oportunidad de planificar instancias exploratorias o experimentales de herramientas didácticas y análisis de prácticas profesionales a partir de desarrollos teóricos que ofrecen las teorías de la comunicación. También, sería necesario plantear orientaciones para producir contenidos digitales para la enseñanza y aprendizaje de las Teorías de la Comunicación. En esta secuencia de diseño se pretende articular un proceso que facilite revisar las prácticas docentes y, a la vez, la producción de recursos didácticos que permitan mediar los procesos de enseñanza y aprendizaje en el campo de las Teorías de la Comunicación.

Puntos de partida para la discusión de la propuesta y aspectos metodológicos

En el marco de las carreras de comunicación el área de las Teorías de la

Comunicación se refiere a los conocimientos y saberes que vertebran la formación profesional. Aunque se puede relevar un panorama heterogéneo de las asignaturas que se engloban bajo dicha nominación. Por

este motivo, en el marco del ENACOM 2019 nos propusimos indagar en algunos interrogantes a considerar en el análisis de las prácticas de enseñanza y aprendizaje. Quienes participaron del espacio de taller provenían de carreras de comunicación de gestión pública y privada, también, de distintas pertenencias institucionales. El Taller contó con la presencia de más de 20 docentes y auxiliares. El análisis de su dinámica se presenta en esta ponencia sólo indicando algunos de los ejes del debate.

Partimos de unos interrogantes para analizar en pequeños grupos y luego, elaborar una síntesis. Estos aspectos servirían como base para la desarrollar una propuesta a poner en práctica el año siguiente (2020). Los interrogantes que utilizamos como disparadores se organizaron de la siguiente manera:

En primer lugar, desde la perspectiva de los estudiantes ¿las propuestas pedagógicas facilitan la comprensión de la complejidad o la interdisciplinariedad de los enfoques teóricos que abordamos?; en segundo lugar, como docentes ¿ubicamos las dimensiones (ideológicas, epistemológicas, etc) sobre las cuales focalizamos nuestros temas?; en tercer lugar, ¿se enfatizan los contextos, las biografías o las perspectivas teóricas?; en

cuarto lugar ¿cómo se establece la relación entre metodología y teoría? Y en quinto lugar, ¿Cómo y con cuáles estrategias pedagógicas actualizamos o problematizamos nuevos objetos o relaciones de conocimiento?

Durante el desarrollo del taller no pudimos abordar en profundidad estos interrogantes pero son útiles como guía para la planificación de una propuesta de formación permanente como la decidimos iniciar. A continuación, revisaremos los principales tópicos que se discutieron durante el taller.

La preparación de la actividad:

Cuando elaboramos este Taller fue importante identificar los aspectos teóricos, metodológicos y didácticos que emergían en nuestras prácticas docentes. Es decir, tomando en cuenta nuestros propios enfoques sobre los procesos de enseñanza y aprendizaje de las teorías de la comunicación. En este punto, nos interpelaron los perfiles de egreso de nuestras carreras y las estrategias didácticas orientadas a los procesos de apropiación o re apropiación de los saberes. En esa instancia nos interpeló un interrogante, tal como lo plantea Rizo (2014) “¿cómo generar una formación profesional clara y coherente, acorde con las particularidades del campo, que articule las diferentes vertientes de la comunicación, y que, en el mejor de los

casos, responda a las demandas formativas del actual escenario comunicativo?" (p. 13).

La respuesta se tensiona entre los variados campos que intervienen en la formación profesional y la compleja incidencia que tienen en cada marco institucional en el cual se imparten las carreras de comunicación social. Las ciencias sociales, humanas, del lenguaje o las perspectivas tecnológicas, entre otras, se arrojan a disputar cuál sería el eje para perfilar el terreno de la profesión de la comunicación social. Una y otras disputan sobre las el tipo de conocimiento y competencias necesarias, el más o menos carácter reflexivo o herramental necesario para el futuro del profesional en un escenario marcado por constantes transformaciones. En ese marco, ¿qué lugar poseen las teorías de la comunicación? En esta línea de planteos, es relevante recordar lo señalado por Fuentes Navarro (1999),

"El estatuto disciplinario de los estudios sobre la comunicación es, quizá, el tema crucial de debate sobre el pasado, el presente y, sobre todo el futuro de nuestro campo académico. En él confluyen los múltiples y complejos factores históricos que determinan su institucionalización, tanto en el plano cognoscitivo (saberes teórico metodológicos)

como en el social (haceres institucionalizados)". (pág.62)

En este punto, desde la práctica docente ¿cómo se construye ese ejercicio de la interdisciplinariedad?; ¿las modalidades de organización de los contenidos de las asignaturas facilitan el aprendizaje de estos procesos?; ¿cómo relacionar las dimensiones teóricas con los perfiles profesionales? Estas preocupaciones no se distancian de lo expresado por parte de Martín Serrano (2006),

"(...) la enseñanza teórica de la comunicación tiene utilidad práctica y no solo científica. Porque al contrario de lo que algunos creen, «teoría» no se contrapone a «práctica». Toda actividad socialmente organizada, incluida la práctica profesional de la comunicación, aplica alguna teoría, aunque no esté explícita o sea falsa.

Un planteamiento de la comunicación que teoriza, solo se opone a otro que instrumenta. Le desmonta y la relativiza, en la medida en que la teoría relaciona el uso profesional de los medios y las técnicas de la comunicación, con los fines que persigue esa mediación y con los efectos que genera. Es el momento de preguntarse por la metodología que capacite a docentes y a futuros profesionales de la comunicación, para dar el paso del saber al comprender." (Martín Serrano, 2006: p.6-7)

El cómo se transita ese “paso al saber comprender” es una dimensión recurrente desde la perspectiva docente. En el marco del debate del Taller estas cuestiones fueron retomadas. A continuación, se exponen algunos de estos temas.

Durante el desarrollo de la actividad:

Una de las cuestiones fue revisar las principales formas de organización de los contenidos para situar el debate sobre las teorías de la comunicación en torno a la especificidad del campo académico.

La dimensión cognoscitiva que atraviesa las posibles formas de articulación de los contenidos es un aspecto central para analizar las propuestas de organización de las teorías de la comunicación. Al revisar los programas de las asignaturas nos condujo a reconocer cómo se construyen ciertas trayectorias que legitiman temas y debates que emergen como dominantes o cómo otros son relegados del mismo escenario con escasos argumentos.

Entre las y los participantes se planteó como ejemplo, cómo las problemáticas de los estudios de la recepción fueron perdiendo espacio dentro de los programas, en esta última década. Si bien fue parte de las impresiones que manifestaron, lo crucial que tuvo el intercambio fue que apuntó a visibilizar

cómo operan estas selecciones y los fundamentos a fin de orientar las estrategias pedagógicas destinadas a estudiantes que se introducen en estos temas. Una vez más, queda claro que para la enseñanza de las Teorías de la Comunicación no se trata sólo de una cuestión de contenidos sino de las implicancias políticas que entrañan estas selecciones, visibilizaciones o invisibilizaciones. En algunos momentos históricos, la formulación de estos criterios puede ser más o menos clara y a veces, la pregunta que ronda es si sólo se trata de modas académicas. En todo caso, es una preocupación a la hora de encarar la definición de un programa de la asignatura.

El panorama que se compone, finalmente, es que los abordajes parecieran recortar ciertas dimensiones de las problemáticas de la comunicación y no existe unanimidad al respecto a qué tipo de perfiles profesionales se pretenden formar al tomar dichos criterios de selección.

Este tópico es significativo tanto para el ámbito del diseño curricular, de definición de los objetivos de conocimiento orientados a estudiantes nóveles y la planificación de los ejercicios prácticos orientados a la observación y análisis. La complejidad o diversidad temática que sustentan las

propuestas de los programas, se anudan a la triple condición de la comunicación: como fenómeno (objeto de estudio inter y multidisciplinario), campo profesional y campo académico. (Rizo García, 2014)

Vale la pena expresar que entre las y los docentes participantes del Taller existió la preocupación de cómo enseñar las teorías de la comunicación para que puedan ser apreciadas desde esa complejidad de campos y metodologías. Se reconoció la necesidad de tener presente los perfiles profesionales sobre los cuales se articulan los planes de estudios con la finalidad de reconocer que existen objetos teóricos y metodologías que pueden ser más específicos a dichas formulaciones. Los criterios de selección de enfoques, perspectivas o contenidos deberían orientarse por esos campos profesionales que se delinean a través de los perfiles.

Otro tema relevante fue caracterizar las estrategias pedagógicas desarrolladas para la comprensión de las Teorías de la comunicación. Partiendo de la existencia de diferentes propuestas englobadas dentro de esta definición, se constata una preocupación por la formación reflexiva y crítica que debería orientar las propuestas de las asignaturas. En esta dimensión, se

plantea el rol relevante que cumplen ciertas competencias como la lectura y escritura en el nivel de la educación superior. A su vez, considerar como punto de partida para la definición de las estrategias pedagógicas la diversidad de saberes que traen las/los estudiantes. Las y los estudiantes acceden a los estudios superiores, con un bagaje de competencias, en términos de alfabetización digital, que opera como disposición cultural previa para afrontar/enfrentar el ingreso y permanencia en la comunidad académica. Estamos ante la configuración de una nueva cosmovisión cultural y social que incide de manera radical en la percepción y comprensión del mundo en que estos jóvenes interactúan. Remite a nuevas maneras de intercambio simbólico, construcción de relaciones interpersonales, y acceso al conocimiento por parte de ellos. Desde la perspectiva docente y su planificación, estas son cuestiones críticas para la enseñanza de las Teorías de la Comunicación.

Durante el debate en el Taller, se plantearon varias posturas. Sin embargo, se evidenció la necesidad de generar prácticas pedagógicas que promuevan la construcción

de conocimientos situados o contextualizados. Esto no quiere decir que se reduzca el alcance de la reflexión teórica sino que amplíe las posibilidades epistemológicas que entraña la complejidad de la vida social. Esta conclusión preliminar se relaciona con la necesidad que las prácticas docentes en estos espacios curriculares se abran a propuestas que articulen cada vez más las acciones de la investigación y la extensión.

En muchos de los casos, el cuerpo docente que integra una asignatura de este tipo posee una importante trayectoria en ambos campos pero los resultados son parcialmente incorporados a las estrategias didácticas de la enseñanza y aprendizaje de las Teorías de la Comunicación. Al respecto es importante recordar lo que hace unos años atrás Jesús Martín Barbero (1990) expresaba:

“Se trata de una investigación que ayude a que la producción responda a demandas de comunicación que, aunque mediadas por la industria cultural, den expresión a necesidades colectivas y recojan matrices culturales de raigambre popular. Lo que exige transformar la docencia en un espacio de experimentación social: la apertura del trabajo académico a nuevos modos de

relación con la «vida real». Pues lo que torna «irreal», especulativo y estéril, al trabajo académico no es la distancia indispensable que requiere la producción de conocimientos sino la irrelevancia social de los problemas que se abordan y el formalismo de las soluciones tanto teóricas como prácticas. Entendemos entonces por experimentación social las estrategias de encuentro de la escuela con la realidad comunicacional del país y la región, esto es la articulación de la docencia y la investigación a proyectos de formulación de demandas sociales y de diseño de alternativas.” (Martín Barbero, 1990: p. s/n)

Estas cuestiones esbozadas nos abrieron la inquietud sobre la necesidad de analizar algún tipo de dispositivo de capacitación docente que permitiera recuperar estos datos preliminares que se problematizaron. El análisis de las actividades propuestas para el espacio de formación profundizará en los aspectos epistemológicos y cognoscitivos de los programas y actividades que los docentes de las asignaturas denominadas teorías de la comunicación. Especialmente, orientada a fundar algunos tópicos relacionados a líneas que orienten una perspectiva de la didáctica de la enseñanza de sobre temas.

Principales reflexiones

De la experiencia es importante considerar la densidad implicada en los temas que han sido expuestos de manera reducida en esta presentación. En primer lugar, las teorías de la comunicación no debieran considerarse como un campo de conocimientos sincréticos sino que existen distintas perspectivas, objetos, metodologías que merecen ser abordadas en sus especificidades y limitaciones. La comprensión de esos modelos teórico-metodológicos no se debe despojar de los valores que impregnan sus desarrollos. Para el abordaje crítico, es necesario considerarlos, compararlos, contraponerlos, elaborar conclusiones, en definitiva, someterlos al análisis.

En segundo lugar, en la mayoría de los casos, la docencia en la educación universitaria no necesariamente proviene de una formación pedagógica. Las trayectorias profesionales se cruzan con el campo pedagógico pero de ese cruce no necesariamente se derivan las prácticas docentes. La planificación curricular engloba diversas dimensiones que no están lo suficientemente reconocidas desde la perspectiva del docente que proviene de otros campos de prácticas profesionales. La puesta en marcha de un curriculum nos coloca frente

al desafío de volver la mirada sobre dichas prácticas con la finalidad de aprovechar los procesos de actualización de las Teorías de la Comunicación a partir de la relación de las funciones de la docencia, investigación y extensión. Este aspecto no es menor, pues, supone un paso para superar cualquier tipo de reduccionismo o determinismo de corto plazo.

En tercer lugar, la enseñanza de las Teorías de la Comunicación se relaciona con la definición de los perfiles de profesionales a los cuales apuntan la formulación de cada plan de estudio, en cada institución. Esta situación tiene un especial interés en términos de reflexionar cómo se construye epistemológicamente el conocimiento sobre la comunicación a partir de las propuestas de articulación entre disciplinas, abordajes metodológicos, competencias esperadas de la formación profesional en campos diversos (periodismo, publicidad, relaciones públicas, comunicación organizacional, entre otros) en cada plan de estudio. Las tensiones entre teoría, práctica y el ejercicio profesional no quedan del todo resueltos en las propuestas de los programas de las asignaturas.

A modo de cierre, basta recuperar la necesidad de mirar la formación docente y los espacios de capacitación con el horizonte que plantea Martín Barbero de *transformar la*

docencia en un espacio de experimentación social. Posiblemente, allí encontremos nuevos caminos para reflexionar sobre estas

tensiones. Seguramente, será una opción creativa y necesaria para la práctica docente.

Bibliografía

Campos, Á. C., y Lapiedra, E. S. (2013). Las teorías de la comunicación hoy: contexto histórico, cambios tecnológicos y nuevo estatuto epistemológico de la investigación comunicativa. In *Investigar la comunicación hoy. Revisión de políticas científicas y aportaciones metodológicas: Simposio Internacional sobre Política Científica en Comunicación* (pp. 959-970). Facultad de Ciencias Sociales, Jurídicas y de la Comunicación.

Fuentes-Navarro, R. (1999). La investigación de la comunicación en América Latina: condiciones y perspectivas para el siglo XXI.

Barbero, J. M. (1990). Teoría, investigación, producción en la enseñanza de la comunicación. *Diálogos de la Comunicación*, 28. Disponible en: <http://www.insumisos.com/httpdocs/articulos/Teoria%20de%20la%20comunicacion%20de%20Martin%20Barbero.pdf>

Martin Serrano, M. (2006). ¿Para qué sirve estudiar Teoría de la Comunicación? . Disponible en <http://www.ulima.edu.pe/revistas/contratexto/pdf/art2.pdf>.

Miège, B. (2010). Las competencias cognitivas implicadas en la enseñanza de las Teorías de la Comunicación. *Diálogos de la comunicación*, (80), 9.

Sánchez, L., & Campos, M. (2009). La teoría de la comunicación: diversidad teórica y fundamentación epistemológica. *Diálogos de la Comunicación*, (78), 24-38.

Piñuel-Raigada, J. L. (2010). La comunicación como objeto científico de estudio, campo de análisis y disciplina científica. *Contratexto*, (018), 67-107.

Rizo, M. (2014). El papel de las teorías de la comunicación en la construcción del campo académico de la comunicación. Reflexiones desde la historia, la epistemología y la pedagogía. *Correspondencias & Análisis*, (4), 239-258.

La articulación entre enseñanza e investigación en ámbitos interdisciplinarios: el caso de la Licenciatura en Comunicación en la FIC de Uruguay.

A articulação entre ensino e pesquisa em âmbitos interdisciplinares: o caso da Licenciatura em Comunicação na FIC do Uruguai.

The articulation between teaching and research in interdisciplinary fields: the case of the degree studies in Communication at the Information and Communication School (FIC) in Uruguay

Mario Barité ¹¹⁵

Resumen: Se analizan los aspectos interdisciplinarios de la investigación en comunicación, en especial respecto a su concreción en el Plan de Estudios 2012 de la Licenciatura en Comunicación, FIC, Uruguay.

Palabras Clave: Interdisciplinariedad, Comunicación, Enseñanza universitaria

Abstract: The interdisciplinary aspects of communication research are analyzed, in particular with regard to the implementation of the 2012 curriculum of the degree in Communication at the Information and Communication School (FIC), Uruguay

Key words: Interdisciplinarity, Communication, University education

¹¹⁵ Mario Barité. Facultad de Información y Comunicación, Universidad de la República. Doctor en Información Científica, Uruguay, mario.barité@fic.edu.uy.

1. Interdisciplina y comunicación

Desde diversas perspectivas se ha teorizado sobre la delimitación disciplinaria del campo de la comunicación, la caracterización de su objeto de estudio y sus métodos. Se ha intentado responder si la comunicación es una ciencia, un objeto de estudio o ambas cosas. Galindo (2005) acentúa que la comunicación ha dado nombre a muchos fenómenos y por ello se configura en un abordaje conceptual amplio y confuso. Propone establecer claramente qué es y qué no es la comunicación, para ir más allá de una noción general compartida. Asimismo reflexiona sobre la comunicación como una posible guía para la reconfiguración del método científico tradicional, y califica a la comunicología como una ciencia básica emergente que pone en común lo que nos configura como entidades socioculturales (Galindo, 2007).

Señala Bounnoux (1999) que el campo intelectual de la comunicación surge de una interrogante antropológica sobre los diversos modos de comunicarse, que en los años 60 se centró en el intercambio y la formalización de la lingüística, a través de los estudios de Barthes, Jakobson y Lévi-Strauss, y pone el énfasis en la necesaria integración de otras

disciplinas para el abordaje de los fenómenos comunicacionales.

Para Rizo (2009) la comunicación ha sido tradicionalmente un objeto de estudio abordado por disciplinas como la sociología, la psicología y la antropología. Reconoce que la comunicación no tiene la madurez de otras ciencias por la insuficiencia de fundamentación teórica, pero que es posible avanzar hacia una ciencia general de la comunicación, la comunicología, o bien construir una teoría general de la comunicación. Asimismo afirma que la delimitación del objeto de estudio de la comunicación no es claro, y señala que existe una discusión subyacente sobre el surgimiento inicial de la comunicación como profesión, que es abordada luego desde el campo científico.

El collar de vínculos mencionado más arriba podría ampliarse a los puentes existentes con la semiótica, la ciencia de la información y la publicidad, y permite aventurar que la comunicación tiene componentes y perfiles de pluri- e interdisciplinariedad, según los contextos en los que se expresa y aplica.

Para este trabajo se entiende a la comunicación como una disciplina científica con una estructura metodológica y un marco teórico en relación a un objeto de estudio amplio y complejo, que involucra aspectos multi- e interdisciplinarios. La comunicación implica el diálogo entre diversos campos del saber para su condición disciplinaria y requiere un abordaje epistemológico interdisciplinario, que configura su comprensión a través de diversas disciplinas pero desde un lugar específico (Arrueta, 2012).

Los ámbitos interdisciplinarios ofrecen rasgos típicos, identificables en la comunicación: i) Cierta grado de hibridación de métodos y de objetos de estudio, debido a la aproximación a un problema, mediante el aporte mancomunado de especialistas de diferentes áreas, ninguna de las cuales ofrece una solución suficiente por sí. ii) El conocimiento generado en forma interdisciplinaria se constituye en torno a un núcleo específico, lo que favorece variadas interacciones disciplinarias, el ensanchamiento y la permeabilidad de las fronteras entre las disciplinas, y la articulación de diferentes colectivos profesionales. iii) Las fronteras del dominio

interdisciplinario suelen ser difusas, por la yuxtaposición de lógicas históricas y metodologías disciplinarias, que provocan zonas grises, no siempre presentes en las disciplinas consolidadas. iv) Para producir y aplicar el conocimiento de fuente interdisciplinaria se requiere formar equipos de composición multidisciplinaria, que favorezcan la integración y la reunificación del conocimiento desmembrado por la restricción de las ópticas disciplinarias (Barité, 2006).

Interdisciplina es un concepto polisémico. Los enfoques varían en sus perspectivas filosóficas, epistemológicas, políticas e ideológicas. La revisión de literatura realizada en este trabajo permitió identificar definiciones que centran la cuestión interdisciplinaria en aspectos como un lenguaje común para la coproducción de conocimiento (Sutz 2015), la capacidad del sujeto individual o de un grupo para integrar conocimiento (Rugarcía 1997), el abordaje metodológico (Follari 2007), o bien como emergente de estudio de un objeto complejo (García 1994; Sotolongo y Delgado 2006).

Para Bougnoux (1999) abordar los fenómenos de la comunicación implica ingresar en territorios de otras disciplinas para vincularlos, integrarlos y relacionarlos

funcionalmente. Sutz (2015) afirma que la interdisciplina se logra a partir de un lenguaje común para la coproducción de conocimiento, lo cual reconoce un proceso donde cada individuo realiza su contribución.

Las propuestas de Follari (2007) y Rugarcía (1997) presentan una tensión entre sí, pues el primero centra la posibilidad de la interdisciplina en el surgimiento de una metodología específica, y refiere a la imposibilidad de concebir al sujeto como interdisciplinario. En cambio Rugarcía propone al sujeto individual -o a grupos de personas- como capaz(es) de integrar por sí mismo(as) las disciplinas.

García (1994), que reconoce el lugar metodológico, define a la interdisciplina en relación con el objeto a abordar como

2. La interdisciplina en la enseñanza de la comunicación.

El contexto institucional relacionado con el lugar que ocupa la comunicación en el sistema educativo y en el de investigación, permite reflexionar sobre la perspectiva interdisciplinaria de los estudios de la comunicación reconociendo su especificidad (Arrueta, 2012).

complejo. Sotolongo y Delgado (2006) agregan una característica al objeto definiéndolo como nuevo y distinto de aquel que podría ser delimitado y abordado por una disciplina específica.

Más allá de los diferentes posicionamientos conceptuales que se han resumido, este trabajo adhiere a una concepción generalista que considera: i) la aceptación de todos los abordajes, por ser todos ellos pertinentes en su contexto, así como complementarios y no excluyentes; y, ii) la participación de al menos dos disciplinas y la integración de las mismas, que supone un nivel de colaboración superior a la multidisciplinaria, que solo implicaría la sumatoria de disciplinas.

En este sentido ¿Qué consecuencias debería provocar la interdisciplinariedad de la comunicación en la enseñanza universitaria de la disciplina? La respuesta, compleja y controvertible, es afectada por: i) las políticas universitarias que pueden favorecer o entorpecer concepciones multi- e interdisciplinarias de la enseñanza y el aprendizaje; ii) la influencia que el fenómeno interdisciplinario tiene sobre el diseño de los currícula, para lo cual se toman en cuenta

aquí las tendencias más actuales de diseño curricular, tales como el enfoque pedagógico flexible que, según Díaz Villa (2002), podría trascender la tradicional organización curricular que ha fragmentado el conocimiento académico; iii) las estrategias didácticas que promueven la interacción entre espacios formativos y orientan a los docentes en sus prácticas; iv) el dominio tecnológico y las nuevas formas de interacción social con que cuentan las nuevas generaciones de estudiantes universitarios; v) los impactos sobre el ejercicio profesional y la retroalimentación hacia la enseñanza que conlleva.

Desde la perspectiva postulada en este trabajo, el diseño de planes de estudio debería incorporar contenidos que expresen la especificidad de los estudios de comunicación, y el potencial de los vínculos teóricos, metodológicos y aplicativos con otras disciplinas. Los planes deberían propiciar la incorporación de espacios formativos que incluyan los aspectos arriba señalados. Con relación a las consecuencias provocadas por la interdisciplinariedad en la enseñanza de la comunicación. Asimismo,

3. Objetivos

estos espacios deberían habilitar a experiencias de iniciación a la investigación y a la extensión.

Las disposiciones que se establezcan en los planes de estudio flexibles deben considerar la movilidad por otras carreras, los perfiles y los intereses de estudiantes y egresados (no presumidos desde una autoridad académica inapelable, sino explorados con ellos). Asimismo, las orientaciones pedagógicas y didácticas que faciliten a los estudiantes la integración de conocimientos, y constituirse ellos mismos en especialistas con cierto nivel de dominio sobre las áreas relacionadas, son necesarias para que la síntesis de la integración no sea un emergente posible sino una intención formativa expresa.

La enseñanza de la comunicación requiere entonces, en acuerdo con Follari (2007) que critica los planteos simplistas en torno del tema de la interdisciplina, un plan de estudios en el que esté prevista la integración disciplinaria y el modo de implementarla.

El objetivo de este trabajo es realizar una primera aproximación sobre la perspectiva

interdisciplinaria de la comunicación en la formalización y en la ejecución del Plan de Estudios (PE) 2012 de la Licenciatura en Comunicación (LC) de la Facultad de Información y Comunicación (FIC) de la Universidad de la República (Udelar). Se

4. Metodología

Se cumplió con las siguientes fases metodológicas:

Exploración teórica y conceptual sobre los aspectos interdisciplinarios de la comunicación, a través de una revisión de literatura centrada en autores latinoamericanos, con fuentes publicadas primordialmente en los últimos veinte años.

Compilación de un corpus documental integrado por el PE 2012 de la LC en la FIC, y los programas de las unidades curriculares que involucran, en sus contenidos y/o metodología, características relacionadas con

aspira a cumplir con una indagación de las estrategias didácticas en la enseñanza de los aspectos vinculados a la investigación, y se propone identificar experiencias de iniciación estudiantil a la investigación de la propuesta formativa con un enfoque pedagógico flexible.

la investigación, y que por ello acreditan como espacios formativos de iniciación, con el potencial de incorporar componentes interdisciplinarios.

Análisis de contenidos del corpus, a fin de relevar los distintos espacios formativos, generados para la implementación de las disposiciones pedagógicas del PE, que involucran al estudiante en procesos relacionados a la investigación académica.

Sistematización primaria de datos obtenidos.

5

. El plan de estudios 2012

El plan de estudios (PE) 2012 de la LC, (disponible en

http://fic.edu.uy/sites/default/files/inline-files/plan_estudios_2012_comunicacio%CC%

[81n_0_0.pdf](#)) no asume explícitamente la naturaleza científica de la comunicación. En cambio, refiere a lo largo de todo el texto, al fenómeno comunicacional. En varias instancias se propone una reflexión epistemológica sobre el área, y se establecen como competencias del egresado, analizar

crítica y propositivamente el fenómeno comunicacional, y desarrollar investigaciones en el campo de la comunicación (Licenciatura en Ciencias de la Comunicación, 2012).

Conforme a los postulados de la llamada Segunda Reforma Universitaria de la Udelar, se aprobó una nueva Ordenanza de Estudios de Grado que promovió la revisión de los planes de estudios en torno a la formación integral del estudiante (Udelar, 2014). En este marco, el PE de la LC se diseñó bajo un enfoque pedagógico flexible que propone al estudiante como protagonista de su proceso curricular y se centra en su formación integral. Así, se establecen objetivos en torno a la articulación de las tres funciones universitarias (enseñanza, investigación y extensión). Se incluyen además espacios formativos con características de prácticas preprofesionales y la participación en actividades de extensión e investigación, con énfasis en el desarrollo de destrezas y capacidades teóricas y metodológicas, con la correspondiente orientación didáctica docente.

Asimismo, el PE establece seis Orientaciones Curriculares (Audiovisual; Educativa y Comunitaria; Publicidad;

Periodismo; Comunicación Multimedia; Investigación el análisis de la comunicación), constituidas por itinerarios sugeridos, transversales a los módulos de contenidos, con actividades obligatorias y opcionales, que guían a los estudiantes en su opción profesional y/o académica en relación con sus intereses.

La adquisición de competencias y habilidades para el trabajo interdisciplinario en la formación de grado está permeada por las posibilidades que brindan las Orientaciones Curriculares mencionadas y por la articulación disciplinaria como un aspecto transversal en la formación en relación con el enfoque pedagógico flexible del PE.

Se advierte que en el PE la interdisciplina se menciona siete veces y se utiliza en su forma gramatical como un adjetivo, es decir, interdisciplinario. Las menciones son variadas y aparecen en la fundamentación (p. 4), entre los principios orientadores (p. 5), en las competencias de los egresados (p. 8), en los contenidos básicos del módulo profesional-integral (p.20), y, en las orientaciones curriculares (p.21).

Puede inferirse pues, que existe una intención formativa con la inclusión de la interdisciplina en la enseñanza aunque no se precisan las orientaciones pedagógicas para ello ni se consideran especialmente los aspectos señalados más arriba, respecto de las consecuencias provocadas por la

6. La iniciación a la investigación de los estudiantes

Como se ha dicho, el PE establece principios orientadores que enfatizan en la formación integral e incluye, entre otros, aspectos formativos relacionados con la interdisciplina y la iniciación de los estudiantes en el diseño y desarrollo de proyectos de extensión y de investigación. En lo que refiere a la investigación se identifican actividades curriculares que involucran la orientación docente. Ejemplo de ello son las 15 unidades curriculares que cuentan con características relacionadas con la investigación.

A partir de una lectura de sus programas se observa que las propuestas son dispares. Algunos proponen una iniciación incipiente, a través de una aproximación al proceso de producción de conocimiento o bien la

interdisciplinariedad para la enseñanza de la comunicación. Es interesante comprobar que las menciones sobre interdisciplinariedad refieren a la mayoría de los abordajes desde los cuales los autores conceptualizan y enfrentan las cuestiones interdisciplinarias.

aplicación de elementos teórico-metodológicos en ejercicios concretos. Otros ofrecen una inmersión más acentuada que implica el desarrollo e implementación de un proyecto de investigación. Respecto a la inclusión de la interdisciplina, solo tres de estas unidades curriculares hacen mención a ella, dos en los contenidos y otra en las referencias bibliográficas.

En una investigación reciente, sobre un estudio de caso de la FIC respecto de la inclusión de la interdisciplina en la enseñanza, se observa que la oferta programática de las carreras de la facultad no responde a la intención formativa interdisciplinaria propuesta en los planes de estudios (Parentelli, 2020).

Otras actividades que aún son experiencias excepcionales en su implementación, refieren a: a) la adscripción de estudiantes en líneas,

grupos o proyectos de investigación de docentes, para iniciarlos en la práctica académica en torno a la creación de conocimiento; b) la inclusión de estudiantes en espacios formativos denominados “créditos incrementales”, que suma créditos en una unidad curricular por la participación en una actividad adicional con características relacionadas con la investigación.

La realización de un trabajo final de grado de corte monográfico bajo tutoría, que resulte en una investigación sin que derive necesariamente en la producción de

conocimiento, es otra actividad curricular de iniciación. Aunque la monografía es una modalidad entre otras (también se puede optar por realizar una intervención o creación profesional), son muchos los que la eligen. Hasta el momento se defendieron 51 trabajos de grado y han egresado 89 estudiantes. A cuenta de un análisis más detallado, considerando solo los títulos, los docentes tutores y los tribunales designados para cada defensa, se infiere que la mayoría de los trabajos finales de grado responden a la modalidad de tipo monográfico.

7. Conclusiones

Hoy día la generación de nuevo conocimiento requiere perspectivas múltiples y enfoques holísticos que promuevan las mejores soluciones a las cuestiones de la realidad que exigen tratamiento científico. Esto sucede en el más amplio espectro de disciplinas (desde la Astronomía hasta las ciencias sociales), que perciben la necesidad de colaboraciones multi- o interdisciplinarias, tanto para sustentar nuevas teorías sobre el

origen del universo, como para identificar los efectos de culturas hegemónicas sobre culturas minoritarias.

La comunicación es igualmente alcanzada por estar inmersa en la misma cultura científica de colaboración e integración de conocimientos; y por su naturaleza se encuentra al servicio o en consideración de fenómenos o circunstancias donde otras áreas están directamente involucradas.

Se visualiza que existen distintos enfoques de la interdisciplina en la comunicación. Cada uno permite un desarrollo teórico y metodológico particular, y constituye un camino abierto para el desarrollo de la disciplina. Una perspectiva está directamente relacionada con los procesos de enseñanza universitaria de la comunicación, y la necesidad de que los planes de estudio, las mallas curriculares y los contenidos de las asignaturas se impregnen de los enfoques que puedan contener dinámicas interdisciplinarias.

En particular, el PE 2012 de la LC de la FIC ofrece explícita e implícitamente espacios y escenarios para que docentes y estudiantes discutan e integren contenidos interdisciplinarios, y para que haya ámbitos de participación estudiantil en grupos de investigación y en proyectos en curso. No obstante, los resultados concretos son todavía incipientes, y quizás están requiriendo nueva investigación.

Referencias

Arrueta, C. (2012). Discusiones acerca de la interdisciplina en comunicación: Aportes para la especificidad disciplinar. *Revista Pensar*.

La diversidad y la riqueza de la naturaleza interdisciplinaria de la comunicación pueden contribuir decisivamente en un ejercicio profesional calificado, actualizado y creativo.

Podrían generarse dispositivos para incluir, promover y evaluar el aspecto interdisciplinario de la comunicación en las propuestas formativas que acrediten como actividad de investigación. Así, se daría carnadura a propósitos y objetivos establecidos en el PE, que siempre están en riesgo de quedar anclados en la retórica de un discurso atractivo pero ineficaz.

Una línea a desarrollar podría involucrar una consulta a los docentes, sobre las estrategias didácticas más idóneas para lograr la iniciación estudiantil a la investigación, considerando el aspecto interdisciplinario de la comunicación.

Nota: El autor agradece la importante contribución de la Dra. Varenka Parentelli a este trabajo.

Epistemología y Ciencias Sociales, 7.
Recuperado de
<http://revistapensar.org/index.php/pensar/issue/view/7/showToc>

Barité, M. (2006). *La gestión de la terminología de áreas interdisciplinarias en unidades de información especializadas*. Ponencia presentada ante EDIBCIC, 2006, Marília, S.P.: UNESP.

Bougnoux, D. (1999). *Introducción a las Ciencias de la Comunicación*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Díaz Villa, M. (2002). Flexibilidad y Educación Superior en Colombia. *Serie Calidad de la Educación Superior*, no. 2. Recuperado de http://ue.fcien.edu.uy/archivos/FES_Colombi a.pdf

Follari, R. (2007). La interdisciplina en la docencia. *Polis: Revista Académica de la Universidad Bolivariana*, 16. Recuperado de <http://www.revistapolis.cl/polis%20nal/16/fol lari.htm>

Galindo, J. (2007). Comunicología y Epistemología: El tiempo y las dimensiones sistémicas de la información y la comunicación. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Época II, 26, 9-24. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/316/31602602.p df>

Galindo, J. (2005). Sobre comunicología y comunicometodología: Primera guía de apuntes sobre horizontes de lo posible. *Culturales*, 1(1), 7-28. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/694/6941010 2.pdf>

García, R. (1994). Interdisciplinariedad y sistemas complejos. En Leff, E. (comp.). *Ciencias sociales y formación ambiental*. Barcelona: Gedisa, UNAM.

Licenciatura en Ciencias de la Comunicación (2012). *Plan de Estudios: Licenciatura en comunicación: 2012*. Montevideo: Udelar, LICCOM. Recuperado de http://www.fic.edu.uy/sites/default/files/in line-files/plan_estudios_2012_comunicacio%CC% 81n_0.pdf

Parentelli, V. (2020). *La interdisciplina en la enseñanza de grado: El caso de la Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República* (Tesis doctoral). La Plata, Arg.: FHCE. Recuperado de <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/93341>

Rizo, M. (2009). La Comunicación ¿Ciencia u objeto de estudio? Apuntes para el debate. *Revista Question*, 1(23). Recuperado de <http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/887/788>

Rugarcía, A. (1997). La interdisciplinariedad: el reino de la confusión. *Revista de la Educación Superior*, 25(98). Recuperado de http://www.anuies.mx/servicios/p_anuies/publicaciones/revsup/res098/txt4.htm

Stolongo, P., Delgado, C. (2006). *La revolución contemporánea del saber y la complejidad social: hacia unas ciencias sociales de nuevo tipo*. Buenos Aires: CLACSO. Recuperado de <http://www.paginaspersonales.unam.mx/les/266/sotolongo.pdf>

Sutz, J. (2015) Prólogo. En Espacio Interdisciplinario de la Universidad de la República *Encuentros sobre la Interdisciplina* (pp. 11-15). Montevideo: Trilce.

Udelar = Universidad de la República, Uruguay (2014). *Ordenanza de estudios de grado y otros programas de formación terciaria: Normativas y pautas institucionales relacionadas*. Montevideo: Udelar, CSE. Disponible en: https://www.cse.udelar.edu.uy/wp-content/uploads/2013/12/documento_ordena_nza_de_grado_corregida_paginas_simples.pdf

,

Mídia e fronteiras: análise metodológica de teses e dissertações brasileiras entre os anos 2000 e 2015

Medios y fronteras: análisis metodológico de tesis y disertaciones brasileñas entre los años 2000 y 2015

Media and borders: methodological analysis of brazilian thesis and dissertations between the years 2000 and 2015

Thaís Leobeth¹¹⁶

Karla M. Muller¹¹⁷

Dulce H. Mazer¹¹⁸

Júlia Petraco Herzog¹¹⁹

Resumo: O texto enfoca aspectos metodológicos da pesquisa “Mídia e fronteiras: cartografia dos estudos no Brasil”. Identificamos métodos e técnicas usados nos 25 trabalhos. Analisamos a presença de autores e bibliografias e refletimos sobre sua contribuição nas investigações e em relação aos fenômenos estudados. O artigo aborda a diversidade de procedimentos nas pesquisas e suas inovações, apesar de incoerências metódicas e técnicas no *corpus*.

¹¹⁶ Thaís Leobeth, Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jornalista, Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil, thaisleobeth@gmail.com.

¹¹⁷ Karla Maria Müller, Dra. em Ciências da Comunicação, Profa. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Coordenadora da pesquisa “Mídia e Fronteiras: cartografia dos estudos no Brasil”, Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Unbral Fronteiras. Jornalista, Relações Públicas e Publicitária, Brasil. kmmuller@ufrgs.br

¹¹⁸ Dulce Mazer, Dra. em Comunicação e Informação, Membro do Grupo de Pesquisa Unbral Fronteiras, Jornalista, Brasil, mazer.dulce@gmail.com

¹¹⁹ Júlia Petraco Herzog, Graduanda em Relações Públicas (Fabico/UFRGS), Brasil, juliapherzog@gmail.com

Palavras Chave: Comunicação, Mídia e fronteiras, Metodologia de pesquisa, Unbral Fronteiras.

Resumen: El texto se centra en aspectos metodológicos de la investigación “Medios y fronteras: cartografía de estudios en Brasil”. Identificamos métodos y técnicas utilizados en los 25 trabajos. Analizamos la presencia de autores y bibliografías y reflexionamos sobre su contribución en las investigaciones y en relación con los fenómenos estudiados. El artículo aborda la diversidad de procedimientos en las investigaciones y sus innovaciones, a pesar de las inconsistencias metódicas y técnicas en el *corpus*.

Palabras Clave: Comunicación, Medios y fronteras, Metodología de investigación, Unbral Fronteiras.

Abstract: The text focuses on methodological aspects of the research “Media and borders: cartography of studies in Brazil”. We identified methods techniques used in the 25 works. We analyzed the presence of authors and bibliographies and we reflected on their contribution in the investigations and related to the studied phenomena. The article approaches the diversity of procedures in research and its innovations, despite methodical and technical inconsistencies in the *corpus*.

Key words: Communication, Media and borders, Research methodology, Unbral Fronteiras.

Tema e objetivo

As fronteiras internacionais recebem designações quase sempre pejorativas e discriminatórias especialmente na mídia,

consideradas como barreiras sanitárias, espaço de contrabando, tráfico e descaminho, como em Wagner (2003). Nos pautamos pelo conceito de zona de fronteira: “um espaço de interação, uma

paisagem específica, um espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças” (Machado et al., 2005, p. 95), de superação dos limites físicos e simbólicos.

O crescimento dos Estudos Fronteiriços no Campo da Comunicação nas últimas duas décadas (Müller, Leobeth, Strassburger, & Oliveira, 2017; Leobeth, 2018), o dinamismo das fronteiras e a diversificação de plataformas comunicacionais permitem avaliar o que vem sendo estudado sobre o cotidiano fronteiriço. Avançamos na pesquisa “Mídia e fronteiras: cartografia dos estudos no Brasil”, que tem mapeado teses e dissertações dos programas brasileiros de pós-graduação ligados às Ciências da Comunicação¹²⁰. Seguindo reflexões epistemológicas (Müller, Leobeth, & Mazer, 2018), buscamos compreender quais os principais enfoques metodológicos: identificamos métodos e técnicas empregados nos 25 trabalhos do *corpus*, analisando a presença de autores e bibliografias e refletindo sobre sua contribuição nas investigações e em relação aos fenômenos estudados. A

cartografia segue orientando o mapeamento e a análise do material coletado (Müller et al., 2018).

Caracterização do estudo e aportes teóricos

Sofremos de uma “insuficiência do trato teórico e epistemológico” (Lopes, 2005, p. 82) na pesquisa em Comunicação. A questão é igualmente frágil nos estudos de Mídia e Fronteiras, campo observado há mais de 20 anos (Müller, 2002; 2003; 2004).

O *corpus*, 15 dissertações e 10 teses defendidas entre 2000 e 2015¹²¹, foi extraído de portais de acesso aberto: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e Instituições de Ensino Superior (IES)¹²². Os trabalhos abordam Jornalismo, Cinema, Documentário, Mídia Impressa, Televisão, Rádio, Produção de Notícias, Ciberjornalismo, Hibridismo Cultural, Interculturalidade, Comunicação Organizacional, Informação, Representações Sociais, entre outros temas relacionados às fronteiras físicas (Raddatz,

¹²⁰ A lista completa das teses e dissertações que compõem o *corpus* pode ser encontrada no Portal Unbral Fronteiras, seção Projeto Mídia e Fronteiras. <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>

¹²¹ Consultar dados da pesquisa no Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras - Unbral Fronteiras

¹²² Além dos 45 Programas em Comunicação listados pela Compós (2016), foi adicionado outro encontrado pela Plataforma Sucupira.

2009) e/ou culturais (Pesavento, 2002). Tal diversidade já sugere que os métodos e técnicas acionados atendam às especificidades dos estudos. Isso porque o método investigativo configura o objeto científico, assim como o conhecimento produzido a partir dele (Bachelard, 2006).

Análise descritiva do corpus

Quase a totalidade dos trabalhos menciona métodos/técnicas no resumo e aponta o percurso metodológico na introdução ou em capítulos/seções reservadas a descrevê-lo. Apesar disso, ele parece ocupar um espaço obrigatório.

Há autores que confundem métodos e técnicas, denominando o mesmo processo de formas distintas, desconhecendo procedimentos, conceituações, ou não citando referências para as ferramentas empregadas. Encontramos, porém, detalhes interessantes, reflexões sobre o método retomadas nas considerações finais, ou contribuições próprias dos autores sobre como interpretar as referências, técnicas e métodos criados ou adaptados ao contexto do estudo. Veremos algumas contribuições e os descompassos para nossas inferências.

No conjunto dos detalhes encontrados, um texto apresenta a análise

Ao conceber o método de investigação e refletir sobre a metodologia, o pesquisador colabora para uma visão sistêmica do problema, atuando nas instâncias metódica e técnica, com base no que construiu epistemológica e teoricamente (Lopes, 2005), o que identificamos no *corpus* abaixo descrito.

filmica, não explicitando as técnicas de decomposição e recomposição empregadas (Borba, 2014). Outro denomina a teoria das representações como método (Fante, 2012), mas, apesar de não explicar seu uso na investigação, observamos que ela resulta no processo de significação, na análise. Por outro caminho, Gayoso (2013) define o método como o estabelecimento de um paradigma teórico e Raddatz (2009) emprega a Hermenêutica de Profundidade como método investigativo e analítico. Outro autor, além de citar procedimentos, explica a importância para a produção da tese (Dominguez, 2015). Embora faça referência repetidas vezes sobre a importância do método, Zamin (2012) menciona uma única vez a 'observação sistemática'. Seu texto não explicita detalhes entre o que pode ser compreendido no âmbito mais metódico, ou mais técnico para a análise de discursos. No entanto, compreende-se que se

trata da fragmentação e da recomposição textual.

A maioria dos trabalhos traz uma abordagem qualitativa, analisando minúcias de seus objetos. Embora este enfoque seja o mais evidente, alguns autores misturam métodos e técnicas qualitativos e quantitativos, ou evocam soluções quantitativas para qualificar suas análises. Pereira (2013) aponta resultados quantitativos na análise morfológica realizada segundo Kayser (1966 como citado em Pereira, 2013), ao *dissecar* "cada jornal, ou seja, verificar qual porcentagem a publicidade, as imagens, os títulos e os textos ocupam em cada periódico" (p. 62). A abordagem é quali-quantitativa, mescla não assumida no texto. A autora se refere algumas vezes a dados agrupados por ela, mas o movimento analítico é qualitativo, consideramos, uma orientação metódica que se assemelha à análise de conteúdo de Bardin (2011). Assim, quando o autor não afirmou a abordagem, nós a definimos, a fim de aprofundar a discussão.

Dominguez (2015), por exemplo, parece ter realizado uma análise qualitativa, embora não esteja declarada. Ele explicita apenas que a pesquisa "não é quantitativa" (p. 129). Como outros, Menine (2010) e Massela Lopes (2014) têm enfoques qualitativos sem mencioná-los. Já Oliveira (2005) fez uma análise de conteúdo

quantitativa, segundo Marconi e Lakatos (1999 como citado em Oliveira, 2005), mas que apresenta enfoque analítico qualitativo, uma abordagem mista afinal. A autora usa expressões como "medimos" e "hipótese comprovada" em afirmações que indicam quantidades e no contexto colaboraram para inferências notadamente qualitativas de um jornal, além de trazer as afirmações de Nogueira (1977 como citado em Oliveira, 2005) sobre a importância dos aspectos quali e quantitativos para a pesquisa social.

Métodos e técnicas são definidos e referenciados, ainda que de modo raso, como Menine (2010), em que o estudo de caso é mencionado apenas uma vez no texto e repetido no resumo. Há casos em que o procedimento é evidente, como em Santos (2002). Embora não relatado, a pesquisa é uma análise documental dos jornais A Crítica, Folha de São Paulo e O Liberal em 1999.

Em Zamin (2012), cartografia pode ser uma técnica de organização dos dados e um dos resultados da observação. A autora cita cartografia "do mundo" (p. 20), "que o Jornalismo constrói diariamente" (p. 32), "dos fluxos de cada diário" (p. 34), mas não explicita um conceito usado. Faz relação com autores da Geografia e, dessa abordagem, presumimos que a cartografia é tomada como mapa, sobretudo

pelos mapas resultantes da análise. Associa ainda a autores do Jornalismo que pensaram cartografia. Com base nos recursos teóricos e metodológicos identificados, a cartografia é o eixo, sendo, talvez, o método do trabalho.

Métodos e técnicas são citados na maioria dos trabalhos, em várias conjunturas. Surgem com alternância de função, como em Rocha (2014), que inicialmente define entrevista como técnica: "dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade" (Duarte, 2011, p. 64 como citado em Rocha, 2014, p. 22), mas, no parágrafo seguinte, como método.

Em se tratando de métodos e técnicas, formam o conjunto recorrente¹²³: entrevistas (18, incluindo as modalidades semi-estruturada e em profundidade), observação (13, considerando etnográfica, participante, sistemática), pesquisa bibliográfica (11), pesquisa documental (11), análise de conteúdo (9), estudo de caso (8), pesquisa de campo (6), análise de discurso (4), Hermenêutica de Profundidade (4) e pesquisa exploratória (4). Os demais¹²⁴ procedimentos foram relatados uma ou duas vezes, apenas. A figura 1 demonstra essa recorrência no *corpus*.

¹²³ Algumas nomenclaturas podem variar, mas, foram empregadas com o mesmo objetivo e, por isso, agrupadas.

¹²⁴ Foram empregados no corpus: análise fílmica, etnometodologia, gravação audiovisual, pesquisa social, análise do acontecimento jornalístico, análise em escala, análise morfológica, análise textual, cartografia, decomposição/recomposição fílmica, diário de campo, discussão epistemológica, análise do enquadramento jornalístico, escuta e edição fonográfica, estudo fenomenológico, fotografias como ilustração, fragmentação/recomposição (discursiva), grupo para discussão, Hipótese de Newsmaking, método comparativo, método da complexidade, metodologia das capacitações, modelo híbrido, seleção aleatória, visitas, netnografia, pesquisa histórica, pesquisa participante, proposição etnográfica, questionário, recepção, representações sociais, embora essas últimas sejam por nós consideradas correntes teóricas.

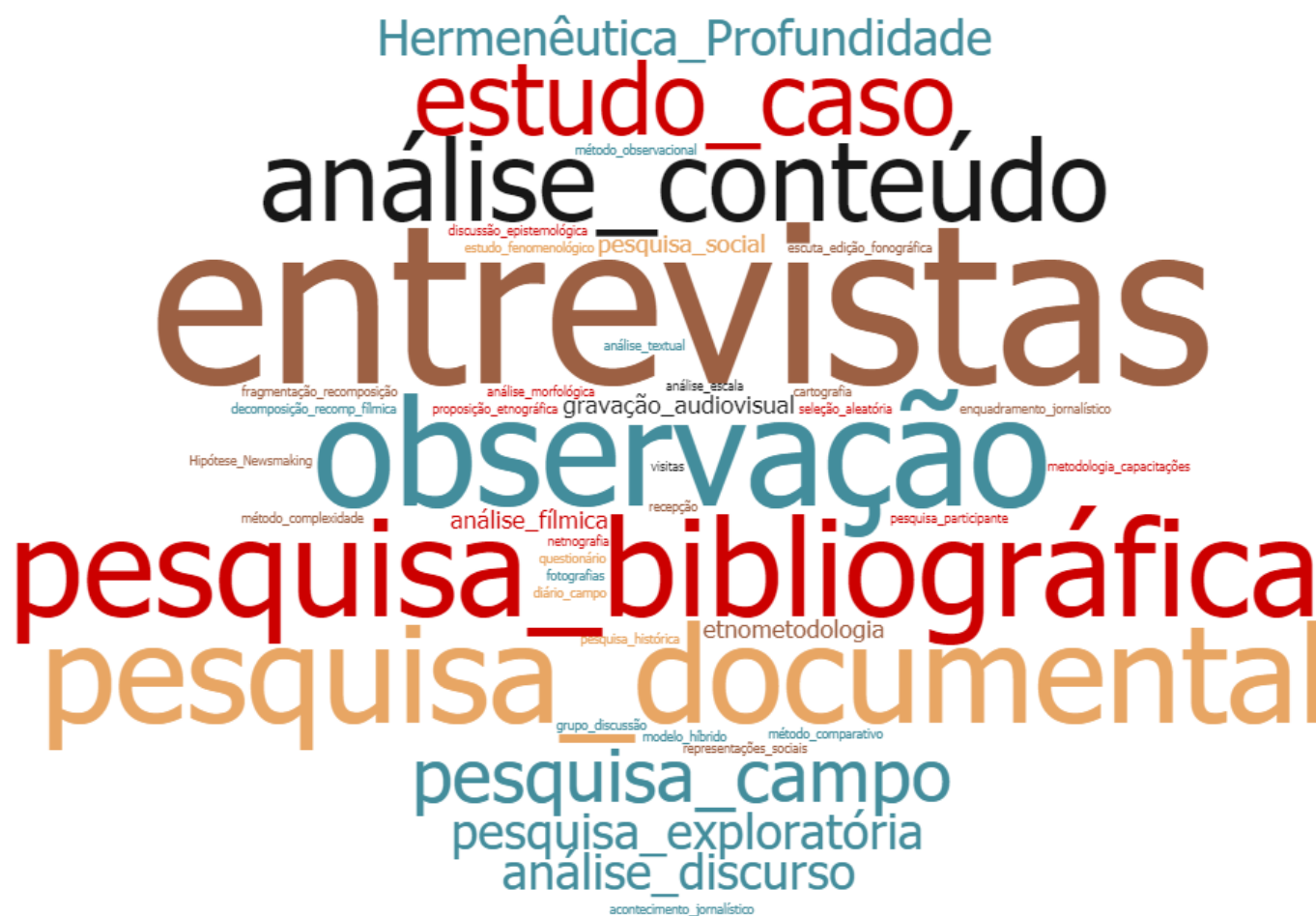


Figura 1. "Nuvem de palavras" com a recorrência de métodos e técnicas.

Soma-se o caráter interdisciplinar de algumas abordagens teórico-metodológicas empregadas, como Grimberg (2014), que evidencia potencialidades de áreas como: "o emergente campo da Geografia da Comunicação . . . " (p. 19). Outro trabalho enfatiza a contribuição da História ao estudar midiatização, identidade e memória sobre o estado do Acre, empregando pesquisas bibliográfica e documental (Lucena, 2014).

Algumas contribuições são próprias, seja por aproximar autores referenciados com um objeto novo, seja por empregar procedimentos no contexto estudado. Destacamos Borba (2014), para quem a análise fílmica é um método segundo Penafria (2009 como citado em Borba, 2014) para estudar o produto fílmico sem regras rígidas: "A partir da decomposição e recomposição do filme é possível buscar os elementos necessários (pp. 23-24)" para uma espécie de

reconstrução interpretativa com os elementos fílmicos. Já Brandalise (2011), para destacar o valor do contexto estudado, aproxima duas obras: Yin (2001), para quem o estudo de caso investiga um fenômeno em seu contexto real, cujas fronteiras entre fenômeno e contexto não são bem definidas; e Lüdke (1986 como citado em Brandalise, 2011, p. 19): que prioriza “a ênfase da interpretação contextual”.

Métodos e técnicas são empregados de modo reflexivo, bem como procedimento para o levantamento de dados, sendo que alguns são centrais e outros, apoio. Por vezes, emprega-se uma abordagem teórica que não foi elaborada originalmente como método, mas que se mostra pertinente ao exercício metodológico, como a teoria das representações sociais ou a recepção.

Em sua maioria, autores e bibliografias¹²⁵ são clássicos na Comunicação e

correspondem às referências para a metodologia agregada. Há singularidades, no entanto. As recorrências mostram que o método ou a técnica mais empregado no *corpus* não é necessariamente o mais referenciado. Entrevista é o instrumento mais recorrente, mas poucas referências são citadas (6 autores e 5 obras). A pesquisa bibliográfica (revisão ou levantamento), amplamente mencionada, é ainda menos referenciada, visto que o único autor citado é Stumpf (2010 como em Duarte & Barros, 2010). Em destaque estão: Bardin (2011) (6), Duarte e Barros (2006) (5), Yin (2001) (4), Thompson (2011) (4), Geertz (2008) (3), Gadet e Hak (1997) (3), Lopes (2005) (3), Bauer e Gaskell (2008) (3) e Richardson (1999) (3), como representado na figura 2. Os demais autores foram identificados apenas uma ou duas vezes e podem ser lidos em letras pequenas.

¹²⁵ Acesse o quadro com autores e obras citadas nas referências sobre metodologia, conforme gráfico da fig. 2: <https://drive.google.com/file/d/1urOqmUr0pX9-RE1GkUBCgViiVqkG9Vzl/view?usp=sharing>



Figura 2. “Nuvem de palavras” com recorrência de autores das referências sobre metodologia.

Em geral as referências identificadas não têm origem na Comunicação, mas “versam sobre o fazer científico de forma geral nas Ciências Humanas, Ciências Sociais, Filosofia, Administração, Medicina, Psicologia, entre outras” (Wottrich et al., 2019). Assim, tanto as sugestões de leitura das disciplinas de metodologia nos programas de pós-graduação (Wottrich et al., 2019), como a pesquisa bibliográfica realizada pelos alunos, conferem certos padrões às referências, observadas também no *corpus*, como conexões entre diferentes áreas do conhecimento. O levantamento levou-nos a um conjunto de 126 autores e 132 obras.

Entendemos que, embora haja carências, há um saber reconhecido e replicado no campo e que têm suprido as demandas no âmbito de pesquisas em mídia e fronteiras. Outra possibilidade é que, por corresponder a uma área em consolidação, os Estudos Fronteiriços da Comunicação mantiveram certa tradicionalidade no âmbito metodológico. Na medida em que o campo se fortalece e novos desafios comunicacionais surgem, é possível que o arranjo seja incrementado.

Assim como identificar métodos e técnicas, respectivos autores e bibliografias, consideramos a reflexão sobre escolhas e

apropriações ao final de teses e dissertações pertinente para a compreensão metodológica do *corpus*. Sendo assim, nove dos 25 trabalhos analisados retomam as contribuições da metodologia em suas considerações finais.

Dominguez é um dos autores cujos resultados refletem o método de análise de discurso empregado, perspectiva já bastante consolidada desde a qual os indícios discursivos evidenciam direções de sentido pois “auxiliam a montar o mosaico da questão da cobertura jornalística” (Dominguez, 2015, p. 200). Apesar da múltipla composição de métodos e técnicas, é a análise da formação discursiva que, para ele, produz sentido nas considerações acerca do trabalho jornalístico analisado na tese.

Grimberg (2014) observa a hierarquização e poder de influência dos veículos jornalísticos “no processo de construção das notícias em diferentes escalas.” (p. 15). Por isso, ao retomar as contribuições dos métodos, a pesquisadora entende que cada escala espacial (local, regional, nacional, global) cumpre um papel específico no processo comunicacional, uma incorporação inovadora, consideramos. As práticas jornalísticas mencionadas pela autora foram compreendidas por meio de entrevistas em

profundidade, bem como da avaliação das notícias, por critérios ancorados em Galtung e Ruge (1965 como citado em Grimberg, 2014) como Amplitude e Proximidade, e da “Hipótese do Newsmaking” (Wolf, 2012 e Traquina, 1999 e 2008 como citado em Grimberg, 2014).

Outros retomam as contribuições de modo superficial. As análises discursivas de Zamin (2012) permitiram “acessar e compreender os mecanismos da produção que conformaram o acontecimento estudado” (p. 249). Menine (2010) afirmou apenas que realizou “um desvio do modelo de análise textual fílmica, desenvolvida por Vanoye e Golliot-Lété, com as contribuições de Jacques Aumont, Jean Mitry e Michel Marie” (pp. 122-123), mas não indica os benefícios dessa incorporação.

Já Oliveira (2005), que buscou desenvolver uma perspectiva mais quantitativa da análise de conteúdo, considerou que as análises “confirmaram as hipóteses da autora quanto à incidência de notícias locais” (p. 148), contribuindo para uma compreensão contextual e qualitativa de seu objeto, a mídia impressa (A Gazeta do Iguazu) na tríplice fronteira, bem como para o entendimento de que alguns objetos sugerem um olhar mais construcionista.

Para um panorama da realidade fronteiriça na América Latina, Gayoso (2013) adotou e refletiu sobre a interdisciplinaridade como recurso metodológico. Ela inovou ao relatar narrativas historiográficas em relação a aspectos geográficos, valendo-se da observação etnográfica.

Zamin (2008) fez de seu capítulo final um compêndio de inferências para enxergar o que é geral, a partir do objeto específico, um “esforço de desenvolver proposições teóricas” (p. 184), apontando o que é “propriamente comunicacional” (Braga, 2007, p. 15) no estudo, o que acreditamos com Braga, deveria ser um esforço de toda tese. A autora faz do estudo de caso um verdadeiro modelo metodológico, segundo as perspectivas teóricas de Braga (2007) e Becker (1993 como citado em Zamin, 2008). Quanto às intervenções de análise discursiva, implicadas desde o título do trabalho, Zamin retoma que “servem à reconstrução do caso em sua singularidade, a partir da inserção do objeto

no contexto.” (p. 191), o que faz de modo exemplar.

Ota (2006) emprega a hermenêutica com a categorização de três variáveis – negociação, tensão e nós da região – aliando-as às informações jornalísticas coletadas e a entrevistas com os proprietários das emissoras, locutores e membros da comunidade, para inferir sobre a realidade nas emissoras de rádio binacionais. Embora não mencione hipóteses, o verbo “verificar” é acionado, sendo inclusive empregado em um objetivo da tese e retomado nas considerações finais. Rocha (2014) segue o mesmo caminho, concluindo que o método permite “comprovar a hipótese estabelecida inicialmente” (p. 129).

Todos os aspectos mencionados até aqui colaboram ao exercício de captação de resultados sobre apropriações de metodologia, métodos e técnicas na pesquisa de mídia e fronteiras e sua realidade no escopo da Comunicação e para o aprofundamento de seus objetos científicos.

Principais resultados

Descrevemos processos, explicitamos métodos e técnicas, bem como a densidade do

tratamento dos objetos científicos, observando também se os trabalhos retomaram contribuições da metodologia em suas considerações. Igualmente, identificamos abordagens como qualitativa, quantitativa ou mista, destacando considerações do *corpus*.

Embora os autores empreguem métodos e técnicas variados e relatem capítulos ou seções sobre o percurso da pesquisa, a contribuição metodológica para o conhecimento produzido não é destacada. Há desordem na descrição metódica e técnica, em nomenclaturas, até mesmo nos conceitos, entre processos metodológicos, métodos e técnicas, na enunciação, no planejamento, no encaminhamento e nas conclusões. Termos distintos são empregados quando o ferramental metodológico poderia ter uma designação específica. Observamos que, por vezes, trata-se do uso sem problematização ou na falta de entendimento da bibliografia. Igualmente, método e metodologia (reflexão sobre o método) são confundidos com etapas de investigação e o que pode ser entendido como metodologia, por vezes, trata-se apenas de descrição do método.

Apesar de alcançarem os objetivos propostos, alguns autores reservam à metodologia um espaço de mera formalidade.

Ademais, poucos trabalhos retomam questões metodológicas em suas considerações finais. Há os que se preocupam com descrições e informações contextuais e distraem-se na explicitação metodológica e sua bibliografia, para que o leitor apreenda o caminho percorrido. Outros, citam obras de metodologia na seção Referencial Bibliográfico, mas não as empregam no trabalho. Ou seja, o descuido pode estar no relato, não na apropriação, processos distintos e ambos custosos.

Embora algumas pesquisas sejam abertamente quantitativas, vemos que o caráter qualitativo está presente, indissociavelmente. Mesmo assim, é possível visualizarmos as orientações centrais do conjunto analisado na perspectiva de métodos hipotéticos e construcionistas, estes últimos desde os quais realidades são erigidas socialmente através da linguagem. Por um lado, sob influência de correntes Interacionistas, a maioria das investigações se pauta pelo contato do pesquisador com o objeto de estudo e seu contexto, especialmente em trabalhos com ênfase em dinâmicas de interação em fronteiras internacionais. Por outro, alguns olhares são direcionados por premissas, pré-definições, análise de dados, extraídos em perspectiva

objetiva, restringindo a subjetividade e o detalhamento no entendimento dos resultados.

Outro aspecto relevante é que, os primeiros trabalhos enfatizam um caráter exploratório da pesquisa de mídia e fronteiras, salientam o início de um percurso e o empenho na construção de um tema. Já a partir de 2010, mencionam certo amparo nas primeiras investigações e oscilam entre regularidades e singularidades nos indicativos metodológicos para novos interesses no tema, o que está ligado ao avanço temporal dos estudos.

Talvez por ser recomendada em disciplinas sobre metodologia, a bibliografia empregada no *corpus* seja conhecida no campo da Comunicação. Ela advém, no entanto, de outras áreas que, ainda assim, são tradicionais em nosso campo.

Alguns trabalhos trazem bibliografias e outras inovações no caminho inventivo da pesquisa. As contribuições mais recorrentes, quanto à origem, entre os autores citados vêm dos continentes americano e europeu, especialmente com brasileiros, franceses e estadunidenses, respectivamente. Enquanto área, correspondem a Ciências Sociais, Artes

(Cinema), Comunicação Social, Educação, Filosofia, Linguística, Psicologia. Assim, observamos certa regularidade no referencial e destacamos a emergente representatividade latino-americana e brasileira.

Em suma, embora um pouco caóticos, há diversidade de procedimentos nos estudos sobre mídia e fronteiras, e contribuição das fontes e referências do *corpus* para o desenvolvimento de problema, objetivos e na reflexão sobre objetos científicos, além do fortalecimento da produção acadêmica. De tal forma, foi possível analisar como jovens pesquisadores, ao traçarem seu percurso metodológico, buscam construir objetos científicos e empíricos, caracterizando esses trabalhos de modo que permitam a outros pesquisadores refletir sobre os fenômenos, meios, sujeitos e espaços fronteiriços estudados na perspectiva da Comunicação. Por fim, os objetos e meios analisados, bem como os sujeitos observados no *corpus* auxiliam a compreender o que é dito sobre a fronteira, tanto em caráter físico quanto cultural, como é dito e quais os principais agentes do processo comunicacional.

Os estudos que compõem o jovem campo da Comunicação foram se apropriando de

Considerações finais

métodos e técnicas de pesquisa já “tradicionais” em outras áreas científicas. Ajustes progressivos são fundamentais para que possamos compreender os fenômenos comunicacionais midiáticos, dando aos estudos um aporte teórico-metodológico adequado.

No Brasil, as pesquisas envolvendo a temática mídia e fronteiras estão amadurecendo. Um campo científico leva tempo para se solidificar perante a comunidade. Nesse cruzamento, as teses e dissertações, assim como artigos de eventos e periódicos, auxiliam no compartilhamento dos resultados obtidos em pesquisas, dando credibilidade ao campo e seus estudiosos. Neste sentido, a falta de solidez no tratamento metodológico coloca em risco uma trajetória que ainda busca se consolidar. Um sinal de alerta é aceso. Consideramos, porém, que a maioria dos problemas está mais na apropriação de leituras e na produção dos relatórios de pesquisa, que no caminho construtivo da investigação.

A metodologia extrapola o binômio método-técnica e dá conta de um amplo conjunto de processos e do exercício de circunscrição, implicando em etapas da investigação (exploração-coleta-descrição-análise-inferências), bem como em

aprofundamentos (reconhecimento do problema, formas de acercar-se dos objetos, reflexão sobre o objeto científico, considerações epistêmicas sobre o método e o campo de pesquisa etc) e na construção de conhecimento. Por um lado, são poucos os teóricos da Comunicação – especialmente brasileiros – que se dedicam especificamente à discussão da metodologia na área, ou mesmo a desenvolver métodos específicos para os fenômenos comunicacionais, como visto nas referências dos trabalhos analisados. Por outro, sabemos que os programas de pós-graduação enfrentam dificuldades para ministrar disciplinas voltadas para o ensino de métodos e técnicas de pesquisa com enfoque específico nos estudos comunicacionais.

Finalmente, há uma enormidade de fenômenos recorrentes na Comunicação que ainda nos provocam, exigindo investigação e dedicação para avançarmos, propondo novos formatos de pesquisa comunicacional, considerando seus agentes, instrumentos, efeitos e reflexos na sociedade atual. O desafio hoje é consolidar a pesquisa de Mídia e Fronteiras e ampliarmos a atenção aos instrumentos e abordagens nela empregados, incluindo, cada vez mais, acontecimentos

socioculturais mediados pela tecnologia, especialmente pelas mídias digitais.

REFERÊNCIAS

Bachelard, G. (2006). *A epistemologia*. Lisboa, Ed. 70.

Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bardin, Laurence. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo, Ed. 70.

Braga, J. L. (2007). Comunicação, disciplina indiciária. In *Anais eletrônicos Compós 16*. Curitiba, PR: UTP.

Duarte, J., & Barros, A. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas.

Gadet, F., & Hak, T. (1997). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editoria da Unicamp.

Geertz, C. (2008) *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Leobeth, T. (2018). *O rural na mídia impressa local fronteiriça: diferentes formas de abordagem*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e

Informação (PPGCOM), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Lopes, M. I. V. (2005). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Ed. Loyola, 8a. Ed.

Machado, L. O., Haesbaert, R., Ribeiro, L. P., Steiman, R., Peiter, & P., Novaes, A. (2005). *O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica*. In Território sem limites: estudos sobre fronteiras. Oliveira, T. C. M. de. (org). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, pp. 87-112.

Müller, K. M. (2002). *Práticas Comunicacionais em Espaços de Fronteira: Os Casos do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai*. In Martins, M. H. (org.) Fronteiras Culturais. Brasil. Uruguai. Argentina. Cotia, SP: Ateliê editorial. pp. 219-232.

Müller, K. M. (2003). *Mídia e fronteira: jornais locais em Uruguiana-Libres e Livramento-Rivera*. Tese, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS. Recuperado de <http://www.midiaefronteira.com.br>.

Müller, K. M. (2004). *A presença árabe-palestina na mídia impressa fronteiriça*. In

Oliveira, M.A.M. de. (org.). Guerras e Imigrações. Campo Grande: Editora UFMS, pp. 123-150.

Müller, K. M., Leobeth, T., Strassburger, T., & Oliveira, A. (2017). Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos Fronteirizos: pesquisas do campo da Comunicação – primeiras análises. *Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras*, 3, pp. 51-70.

Müller, K. M., Leobeth, T., & Mazer, D. (2018). Cartografia dos estudos de mídia e fronteiras no Brasil: contribuições epistemológicas do método. In: *Memórias do XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la comunicación*. Costa Rica: Universidad de Costa Rica, Centro de Investigación en Comunicación.

Pesavento, S. J. (2002). *Além das Fronteiras*. In Martins, M. H. (Org.) Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguaí-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial; pp. 35-39.

Raddatz, V. L. S. (2009). *Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global*. Tese, Programa de Pós-Graduação em

Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Recuperado em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15868>.

Richarson, R. J. (*et al.*). (1999) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas

Thompson, J. B. (2011). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Wagner, C. (2003). *País Bandido: crime tipo exportação*. Porto Alegre: Ed. Zero Hora.

Wottrich, L., Mazer, D., Monteiro, M. C. S., Fonseca, P. C. da., Silva, R. T. da., & Costa, S. M. da. (2019). A definição do problema e dos objetivos de pesquisa: reflexões sobre o fazer metodológico na Comunicação. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Belém, PA, 2 a 7/09/2019.

Yin, R. K. (2001) Estudo de caso. Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman.

Cruces iberoamericanos: Latinoamérica y su contribución al campo académico de la Comunicación en España. Un análisis a partir de las tesis doctorales (2007-2018)

Cruzes ibero-americanas: América Latina e sua contribuição para o campo acadêmico da comunicação na Espanha. Uma análise baseada nas teses de doutorado (2007-2018)

Ibero American Crossroads: Latin America and its contribution to the academic field of Communication in Spain. An analysis based on the doctoral theses (2007-2018)

Rainer Rubira García ¹²⁶

Carlos Lozano Ascencio ¹²⁷

Resumen: El trabajo aborda la presencia de Latinoamérica en la producción científica dentro del campo de la comunicación en España desde marco meta-analítico, en específico en relación con las tesis doctorales presentadas entre 2007 y 2018.

Palabras Clave: Comunicación, Latinoamérica, MapCom.

Abstract: This work deals with Latin America presence in the scientific production within the field of communication in Spain from a meta-analytic frame, specifically in relation to doctoral theses presented between 2007 and 2018.

Keywords: Communication, Latin America, Mapcom.

¹²⁶ Rainer Rubira García. Profesor Ayudante Doctor en Comunicación, Universidad Rey Juan Carlos, Doctor, España, rainer.rubira@urjc.es.

¹²⁷ Carlos Lozano Ascencio. Profesor Titular, Universidad Rey Juan Carlos, Doctor en Comunicación, España, carlos.lozano@urjc.es.

I. Introducción

El estudio propuesto busca llevar a cabo un meta-análisis sobre la evolución de la investigación en Comunicación en las tesis doctorales del campo académico de las Ciencias de la Comunicación en España presentadas entre 2007 y 2018 en relación con la presencia de Latinoamérica en dicha producción científica. Se busca determinar qué temáticas han predominado, así como caracterizar a los autores, su género, sus países y zonas geográficas de origen. Asimismo, la investigación indaga sobre los centros universitarios españoles con más presencia latinoamericana en el área disciplinar. A partir de un marco teórico sustentado en la propuesta de los campos de Pierre Bourdieu (Bourdieu, Passeron y Chamboredon, 1988) así como en las nociones de Kuhn (1971) y siguiendo un diseño meta-analítico esta investigación se basa en el principio de vigilancia epistemológica como forma de autocontrol y fuente de saber en sí misma. El estudio se enmarca en los

proyectos “El sistema de investigación en España sobre prácticas sociales de Comunicación: mapa de proyectos, grupos, líneas, objetos de estudio y métodos”, dirigido por los profesores José Luis Piñuel, Juan Javier Sánchez Carrión, Carmen Peñafiel, Bernardo Díaz Nosty y Javier Marzal Felici (MapCom, 2017) y “Mapas de la Investigación en Comunicación en las universidades españolas de 2007 a 2018”, coordinado por los profesores Carmen Caffarel Serra y Carlos Horacio Lozano Ascencio (MapCom, 2020).

Un análisis como el que aquí se propone parte de un diseño propio de la sociología de la ciencia. Mediante el análisis de contenido de la producción científica de las tesis doctorales del campo se pretende dilucidar la contribución y presencia de Latinoamérica en al área disciplinar en España. De acuerdo con los resultados obtenidos, predomina la investigación descriptiva y centrada en el concepto de información con un enfoque fundamentalmente periodístico.

Latinoamérica, en especial, México, Chile, Colombia y Brasil realizan una fuerte contribución a la producción científica española en Comunicación siendo, por tanto, difícil de ignorar los cruces iberoamericanos

II. Antecedentes y referencias teóricas

Los estudios de Comunicación tienen un carácter tardío en España en comparación con el resto de Europa, de Estados Unidos o incluso de América Latina. Es a partir de los años 70 sobre todo que se empieza a realizar investigación en esta área, fundamentalmente desde los espacios universitarios, a partir de la institucionalización de la enseñanza superior de carreras vinculadas al área disciplinar como ocurrió con el periodismo, por ejemplo.

El proceso fue muy similar al ocurrido en varios países latinoamericanos a partir de los informes de la CIESPAL y la apertura de las universidades a estudios que hasta ese momento se realizaban en escuelas de carácter profesional, en muchos casos vinculadas con los gremios respectivos. El comienzo de estudios superiores de Comunicación en el caso español, con

que se constatan en la configuración de un campo que plantea conexiones entre una orilla y otra del Atlántico, relevantes para entender la investigación dentro de nuestra disciplina.

titulaciones de Periodismo, Publicidad e Imagen, respectivamente, se dio en las Universidades de Navarra, la Complutense de Madrid, la Autónoma de Barcelona y la del País Vasco, todas públicas excepto la primera. La antigüedad de estos centros como agentes productores de conocimiento dentro del área explica la relevancia que todavía hoy tienen en la investigación comunicológica peninsular.

Desde los años 80 la presencia de centros universitarios con carreras del campo se va a multiplicar bajo la denominación de facultades de Ciencias de la Información o de Ciencias de la Comunicación, estas últimas mucho más frecuentes en la actualidad. Esto tuvo como consecuencia directa un incremento de la producción científica en el área bajo la forma de tesis doctorales, sobre todo, tal y como nos dice Jones en uno de sus textos seminales sobre el tema, al afirmar que más del 94% de las tesis entre 1960 y 1998 se defienden a partir de 1980 (Jones, 2000: 23).

Es precisamente Daniel E. Jones quien se sitúa como uno de los primeros autores en intentar una caracterización profunda del estado de la situación de la investigación de la Comunicación en España, con su trabajo de 1998 "Investigación sobre comunicación en España: evolución y perspectivas", publicado en Zer, de la Universidad del País Vasco, a solo dos años de su aparición como revista especializada en el área, una de las menos antiguas de hecho, porque le anteceden varias como la revista Comunicación y Sociedad (1988) de la Universidad de Navarra, la revista Telos (1985) de la Fundación Telefónica, o Anàlisi (1980) de la Universidad Autònoma de Barcelona, entre otras.

A partir de 1985 es evidente el auge e influencia de la investigación en Comunicación española que se extiende sobre todo hacia América Latina a través de autores como Manuel Martín Serrano, José Luis Piñuel, Miquel de Moragas, Miquel Rodrigo Alsina, entre otros. En especial, el trabajo sobre el concepto de mediación tiene una repercusión sobre autores latinoamericanos como Jesús Martín Barbero, Guillermo Orozco, entre otros muchos. A pesar de ese dinamismo, sin embargo, "lo cierto es que los

investigadores españoles de la comunicación no han dedicado demasiados esfuerzos a reflexionar sobre sus intereses de conocimiento y prácticas científicas, sobre los saberes y aportaciones que generan o sobre las carencias que puedan aquejarles. Aunque recientemente parece haber resurgido el interés por investigar la investigación, no abundan en el ámbito académico español este tipo de trabajos de revisión" (Martínez y Saperas, 2011).

Uno de los trabajos sobre la investigación española en Comunicación firmado por los profesores Carmen Caffarel, Félix Ortega y Juan Antonio Gaitán, del equipo MapCom "El sistema de investigación en España sobre prácticas sociales de Comunicación. Mapa de proyectos, grupos, líneas, objetos de estudio y métodos", (MapCom, 2017), nos dice sin embargo que el estudio de los espacios comunicacionales en línea es minoritario en relación con el de los objetos más tradicionales, lo cual resulta cuando menos sorprendente. El informe de los autores nos indica que "cabría esperar que los proyectos de investigación financiados aborasen más objetos de estudio en el ámbito de la Sociedad de la Información y el uso de los medios en Internet y las nuevas plataformas ya que el

futuro apunta hacia una hegemonía de ese consumo frente al convencional y debería ser un objetivo fundamental en los equipos de investigación en comunicación el desarrollar estudios prospectivos a este respecto en los próximos años" (Caffarel, Ortega y Gaitán, 2017: 224).

Es preciso destacar la labor de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, AE-IC, precedida por la Asociación de Investigadores en Comunicación del Estado Español, AICE, en el impulso de la reflexión sobre el estado de los estudios en el campo. Espacios de debate organizados por esta institución dedicados específicamente al asunto, como el Primer Congreso Nacional de Metodología de la Investigación en Comunicación y el Primer Simposio Nacional de Grupos Consolidados de Investigación en Comunicación, en abril de 2011 en la Universidad Rey Juan Carlos, o el Simposio Internacional sobre Política Científica en Comunicación con el título "Investigar la Comunicación hoy. Revisión de políticas científicas y aportaciones metodológicas", de 2013 en la Universidad de Valladolid (Pacheco, Vicente y González, 2013), además de los congresos habituales que permiten un intercambio periódico sobre

las tendencias temáticas, teóricas y metodológicas de la investigación comunicológica y que constituyen un motor de construcción de consensos sobre las mismas. Además de este trabajo fundamental de Jones (1998) podemos citar la existencia de otros textos sobre la investigación de la Comunicación en España de manera general, como son los de Beneyto (1969), bajo el régimen franquista, Equiza Escudero (1986), Caffarel, Domínguez y Romano (1989), Cáceres y Caffarel (1993), Urabayen (1994), además de los más recientes de Manuel Martínez Nicolás (2009, 2011, 2016), entre otros. No debemos dejar de mencionar las aportaciones de Piñuel, Lozano y Gaitán (2015); Lozano y Gaitán (2016); Caffarel, Piñuel, Lozano y Gaitán (2019) y Lozano, Gaitán, Caffarel y Piñuel (2020) que a raíz del proyecto MapCom (2017; 2020) han permitido una mejor comprensión de la situación del campo de la comunicación desde el punto de vista académico en España.

Como vemos el interés sobre la meta-investigación en España es evidente si consideramos el número de trabajos de este corte en los últimos años. Poco a poco se va consolidando pues esta auto-revisión de las tendencias de investigación dentro del área

disciplinar que puede ayudar a corregir problemas e impulsar el desarrollo del campo de estudios.

III. Metodología

Las maneras en que grupos específicos construyen la investigación como práctica social se apoya en la comprensión del discurso o doxa que generan los sujetos, en este caso agentes del campo académico. La deconstrucción de la doxa científica, propuesta del mexicano Raúl Fuentes Navarro tiene su basamento en la hermenéutica profunda, una estrategia de análisis creada por John B. Thompson.

La hermenéutica profunda y la vigilancia epistemológica en tanto marco metodológico general “pone de relieve el hecho de que el objeto de análisis es una construcción simbólica que requiere una interpretación. De aquí que debamos dar un papel central al proceso de interpretación, pues solo de esta manera podemos hacerle justicia al carácter distintivo del campo objeto” (Thompson, 1993: 299).

En resumen, esta investigación se enmarca en una perspectiva mixta, crítica e histórica,

respaldada por los principios de la vigilancia epistemológica, la perspectiva del meta-análisis y la teoría fundada.

Se ha procedido a realizar un análisis bibliométrico sobre las tesis doctorales durante el período 2007-2018. El sexenio 2007-2013 se ha estudiado al interior del proyecto I+D CSO2013-47933-C4 “El sistema de investigación en España sobre prácticas sociales de Comunicación: mapa de proyectos, grupos, líneas, objetos de estudio y métodos”, dirigido por los profesores José Luis Piñuel, Juan Javier Sánchez Carrión, entre otros. Durante ese tiempo la base de datos obtenida a nivel nacional arroja en total 977 tesis doctorales. Por otro lado, para el periodo 2014-2018, encontramos 1807 tesis como continuación del análisis anterior en el nuevo proyecto I+D+i PGC2018-093358-B-I00 “Mapas de la Investigación en Comunicación en las universidades españolas de 2007 a 2018”, coordinado por los profesores Carmen Caffarel Serra y Carlos Horacio Lozano Ascencio. En total, MapCom

ha registrado un total de 2784 tesis doctorales entre 2007 y 2018. En todo caso, los datos se encuentran disponibles en línea como parte de la política de transparencia y transferencia de resultados del proyecto en la web www.mapcom.es (Mapcom, 2020).

Aprovechando ese trabajo, los autores hemos fijado la mirada en aquellas tesis que en el título o en su ficha de resumen mostraba una referencia explícita hacia Latinoamérica, ya sea por el nombre del país, de alguna ciudad, de una región geográfica o un tema característico y propio de la realidad

latinoamericana. Se han encontrado 348 tesis doctorales en Comunicación, es decir, el 12,5% del total. El hecho de que una de cada ocho tesis doctorales defendidas en las universidades españolas se refiera a Latinoamérica abre una interesante línea en la investigación, que es el principal objetivo de este texto. No se trata precisamente de que los investigadores españoles noveles tengan un interés particular por abordar ese objeto de estudio, más bien se trata, en su inmensa mayoría, de investigadores latinoamericanos que defienden sus tesis doctorales en las universidades españolas.

IV. Resultados

Universidades

Las Tesis Doctorales en Comunicación relacionadas con Latinoamérica y que se han defendido entre 2007 y 2018 se han presentado, sobre todo, en la Universidad Complutense de Madrid (112) que se corresponde con el 32,2% del total, es decir, una de cada tres tesis doctorales relacionadas con Latinoamérica se ha defendido en este centro madrileño. Le sigue, muy de lejos la

Universidad Autónoma de Barcelona (44) que representa el 12,6%. En tercer lugar, aparece la Universidad de Sevilla (28) y en cuarto lugar está la Universidad de Málaga (26) que entre ambas suman 54, es decir el 15,5% del total.

Años

De los doce años analizados destaca el año dieciséis (86), es decir, una de cada cuatro tesis se defendió en ese año por una causa de la administración educativa española, en

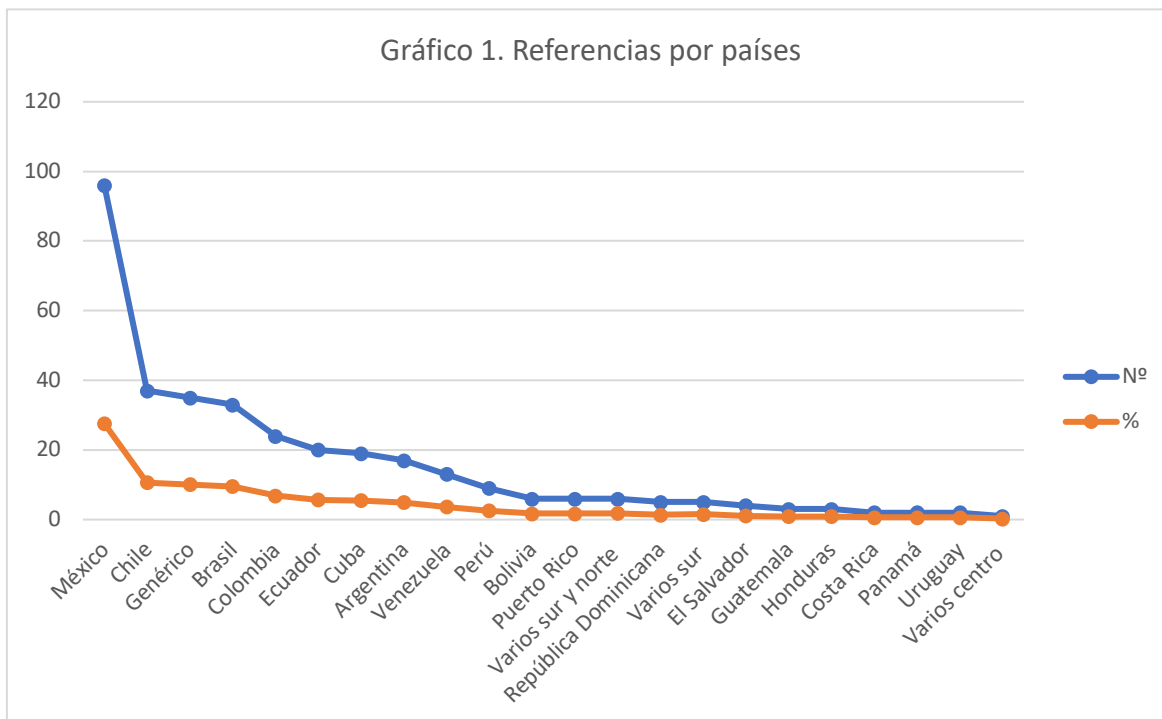
concreto, por la extinción de los planes antiguos de doctorado que causó en ese año un aluvión de lecturas. El cambio de la normativa que regulaba los cursos de doctorado en las universidades españolas (Plan Bolonia, RD. 99/2011 o “decreto Gabilondo”) limitó en 2011 a cinco años el plazo para presentar las tesis a los alumnos que ya hubieran iniciado estudios de doctorado regulados por legislaciones anteriores. La “avalancha” de tesis registradas en el año 2016, motivada por presiones administrativas, no académicas, disparó los números habituales de defensas en el ámbito de la comunicación. El efecto campana también afectó a las tesis doctorales relacionadas con Latinoamérica. Puede verse, en el gráfico, que la cúspide la representa el año 2016; después, el año 2017 (59) y el 2015 (39) son los siguientes en cantidad y luego, en un tercer nivel, están los años que van del 2010 al 2014 y el 2018 que se asemejan a la media (entre 20 y 30 tesis anuales).

Género

El número de autoras de tesis doctorales relacionadas con Latinoamérica es significativamente mayor (197) con respecto a los autores (151), en términos relativos se puede decir que las mujeres están trece puntos porcentuales por encima de los hombres. Esta diferencia es mucho mayor si comparamos los datos del MapCom tanto de 2017 y 2020 en su conjunto, dado que en ese plano las mujeres están por encima de los hombres tan solo seis puntos porcentuales.

Países y zonas geográficas referenciadas

Las tesis doctorales en Comunicación relacionadas con Latinoamérica y que se han presentado en una universidad española entre 2007 y 2018, véase gráfico a continuación, destacan a México (96) como el país más referenciado, seguido de Chile (37); en tercer lugar, aparece una referencia genérica a Latinoamérica con 35 tesis doctorales, Brasil aparece en cuarto lugar con 33.



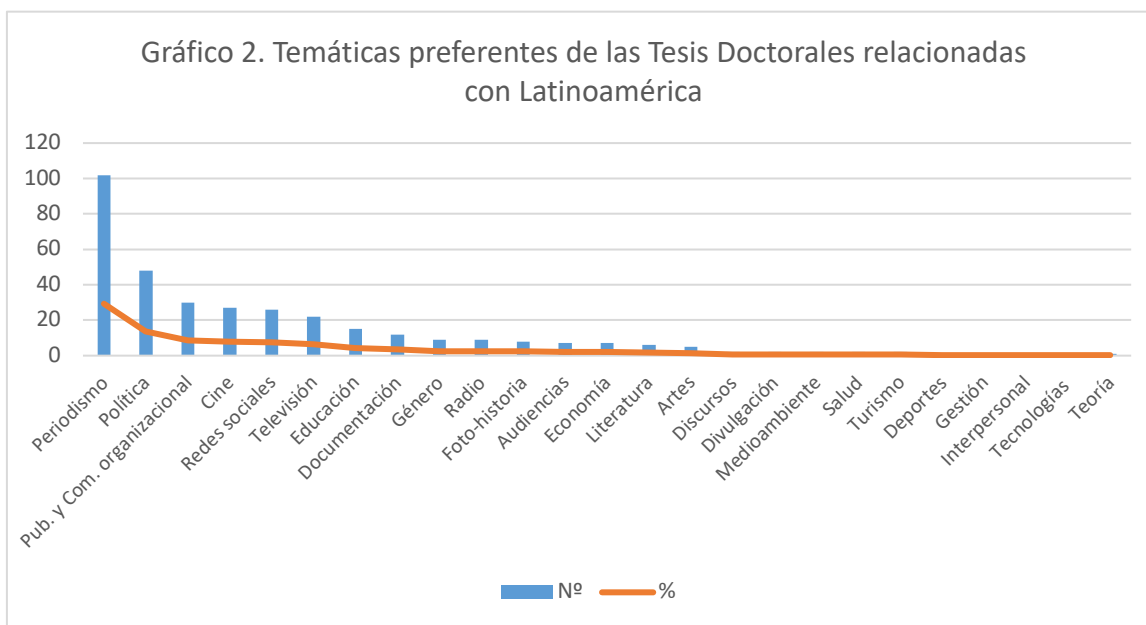
Fuente: Elaboración propia.

Si hablamos de las distintas zonas geográficas podemos observar que Sudamérica (166) cuenta con casi la mitad de las tesis doctorales (47,7%), esto se debe a la suma de los países sudamericanos; en segundo lugar, aparece Norteamérica (96) con un 27,6%; el tercer lugar es para las referencias genéricas a Latinoamérica (35) con un 10,1% y en cuarto lugar aparece el Caribe (30) con un 8,6%, sobre todo son los casos de las referencias directas a Cuba, Puerto Rico y República Dominicana.

Temáticas preferentes

Dentro de las temáticas preferentes de las tesis doctorales en Comunicación relacionadas con Latinoamérica, destacan las investigaciones relacionadas con el Periodismo (29,3%) como tema transversal, véase gráfico, es decir, como una modalidad temática que combina el abordaje de otros temas; la Política es el siguiente tema en ser utilizado (13,8%), seguido de la Publicidad y

Comunicación organizacional (8,3%), Cine (7,8%), Redes Sociales (7,8%) y Televisión (6,6%)

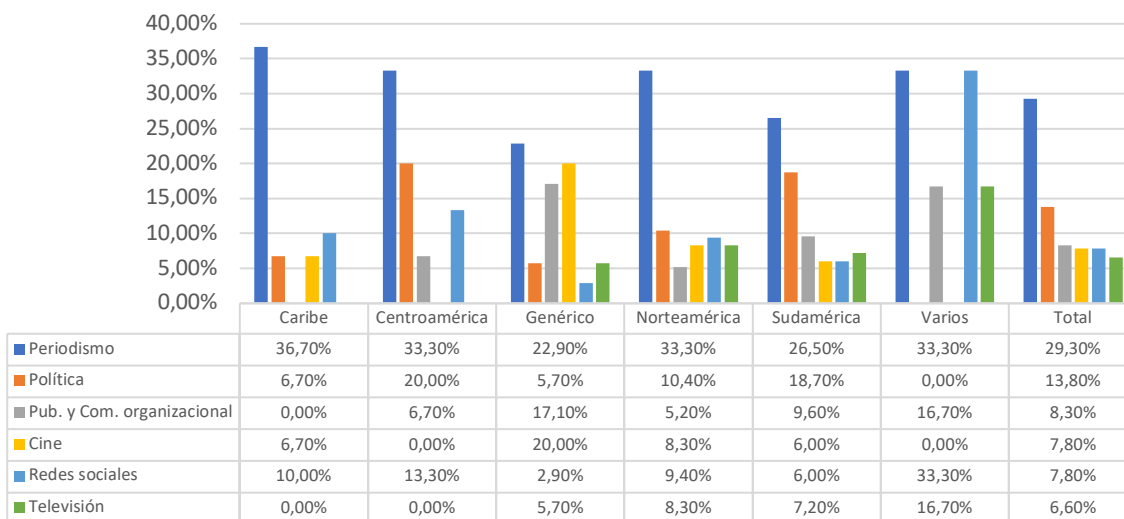


Fuente: Elaboración propia.

Si cruzamos las temáticas predominantes y las zonas geográficas como aparece en el gráfico siguiente, podemos ver que la temática del Periodismo sigue apareciendo como el tema más relevante, excepto cuando las referencias abarcan a dos o más países latinoamericanos en tal caso comparte el

predominio con las redes sociales. El caso de la política como temática predominante cambia en función de las zonas geográficas dado que en ni la región del Caribe ni cuando se refiere a Latinoamérica de forma genérica es el segundo tema en importancia.

Gráfico 3. Temáticas predominantes y zonas geográficas

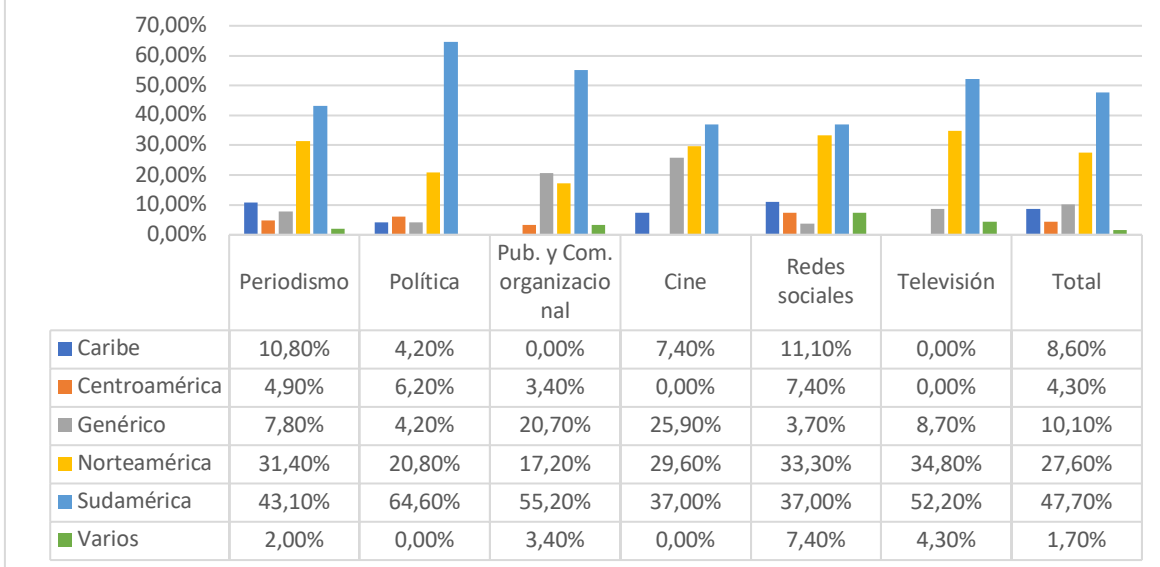


Fuente: Elaboración propia.

Hemos dicho que la región sudamericana es la que más referencia tiene en las tesis doctorales y eso se repite en cada una de las seis temáticas predominantes (periodismo, política, publicidad y comunicación organizacional, cine, redes sociales y televisión), véase gráfico correspondiente. No

obstante, vale la pena observar la gran diferencia que hay cuando la temática predominante es la política y se refiere a un país, ciudad, región, gobernante o tema de Sudamérica, en tal caso los asuntos políticos cobran mucha más importancia.

Gráfico 4. Zonas geográficas y temáticas predominantes



Fuente: Elaboración propia.

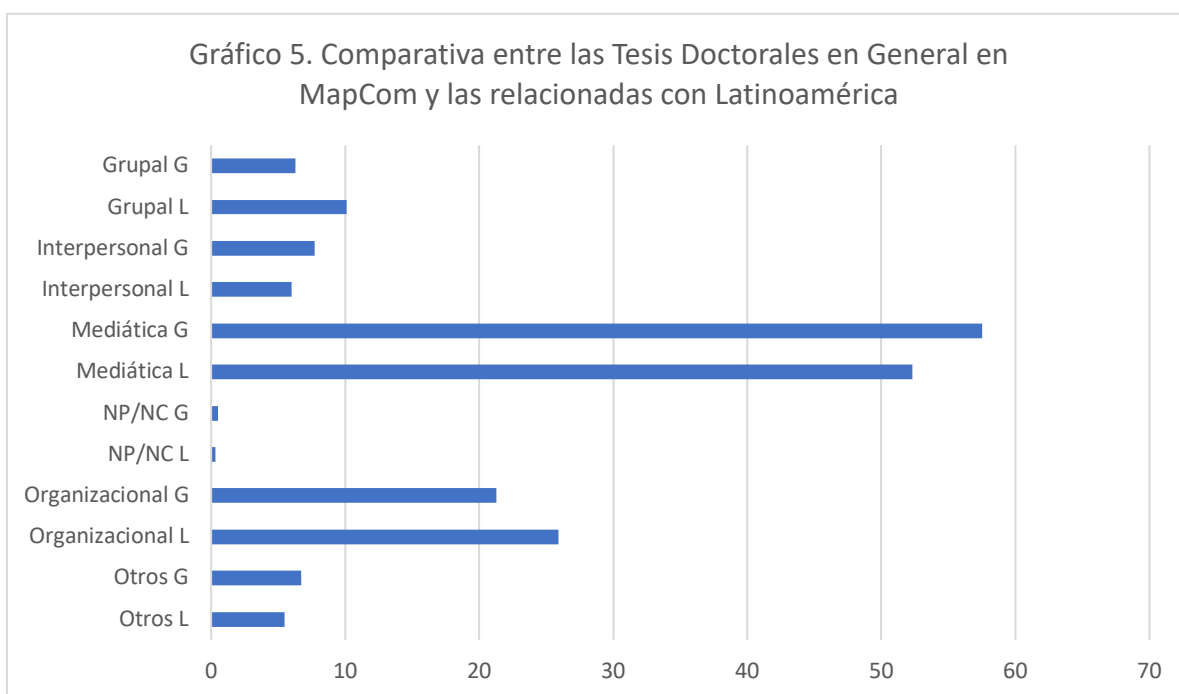
La construcción de los objetos de estudio: objetivos, campos predominantes, tipología objetos de estudio, localización y escenarios del objeto de estudio, técnicas y triangulaciones. En la construcción de los objetos de estudio, podemos decir que en poco más de la mitad de las tesis (52,3%) se analiza la comunicación mediática muy por encima de la comunicación organizacional (25,9%), de la comunicación grupal (10,1%) y de la comunicación interpersonal (6%). La explicación más probable es que la comunicación mediática es una modalidad instaurada en la mayoría de las investigaciones en España y que por lo mismo

dichas directrices se trasladan a los doctorandos.

El hecho de que la comunicación mediática predomine en estas investigaciones no significa que el resto de modalidades comunicativas no se analicen, sino que más bien reafirma un tipo de investigación convencionalizada que caracteriza a nuestro campo y que se verifica en las principales temáticas tanto de las comunicaciones a congresos, artículos en revistas indexadas y Proyectos de Investigación y desarrollo financiados por el Estado español. Sirva de ejemplo que en el proyecto general de MapCom que se analizan 2784 Tesis

Doctorales de 2007 a 2018 la comunicación mediática aparece en el 57,5% de los casos y la comunicación organizacional en el 21,3%.

En el gráfico puede verse la comparativa porcentual.



Fuente: Elaboración propia.

El hecho de que la mediática sea el tipo de comunicación predominante condiciona las siguientes variables del análisis:

Punto de partida o forma de abordar los objetos de estudio. El campo documental (análisis de documentos, visionados, contenidos, discursos, etc.), aparece en el 55,2% de las tesis analizadas, seguido de los campos programados (22,4%), es decir, situaciones experimentales creadas por los analistas (encuestas, entrevistas, grupos de

discusión, etc.); en tercer lugar, aparecen los campos naturales o no programados (17,8%) que son propias de aquellas situaciones en las que los analistas no intervienen en su creación o desarrollo (manifestaciones públicas, ruedas de prensa, etc.).

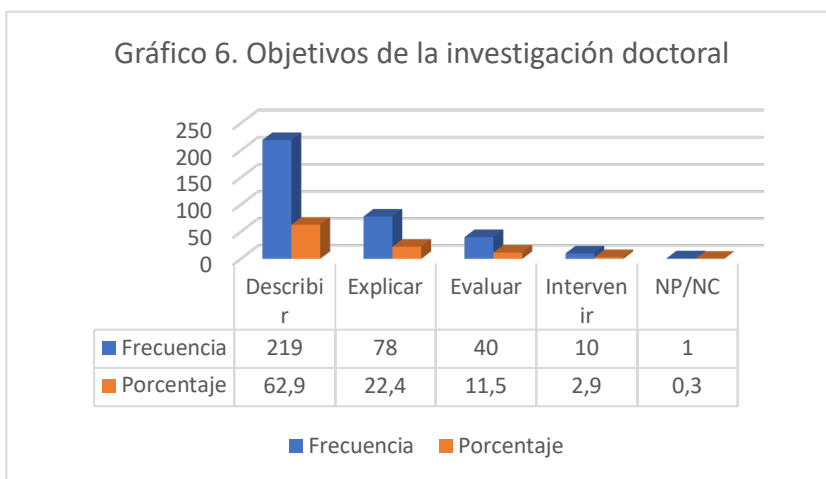
Localización (presencial o virtual) del objeto de estudio. Se muestra una impronta preferencia por analizar entidades solo presenciales (59,2%) frente al estudio de objetos cuya localización sea telemática (19,3%). El tercer puesto lo ocupan aquellas

investigaciones que alternan la presencialidad con la virtualidad (17%). Ahora bien, como es fácil entender que los estudios de los objetos virtuales no pueden surgir de la nada, sino que tienen su base y sus proyecciones en los objetos presenciales podemos agrupar las dos últimas categorías en una sola y estar en condiciones de afirmar que una de cada tres tesis (36,3%) construyen sus objetos de estudio apelando a entidades online ya sea de manera exclusiva o compartida con entidades presenciales.

Los escenarios de los objetos de estudio. Se refieren básicamente a los medios de comunicación (61,5%), en segundo lugar, estamos hablando de contextos de las propias organizaciones (22,1%) y, en tercer lugar, de los grupos sociales (7,8%).

Al analizar los objetivos de las investigaciones hemos descubierto que casi

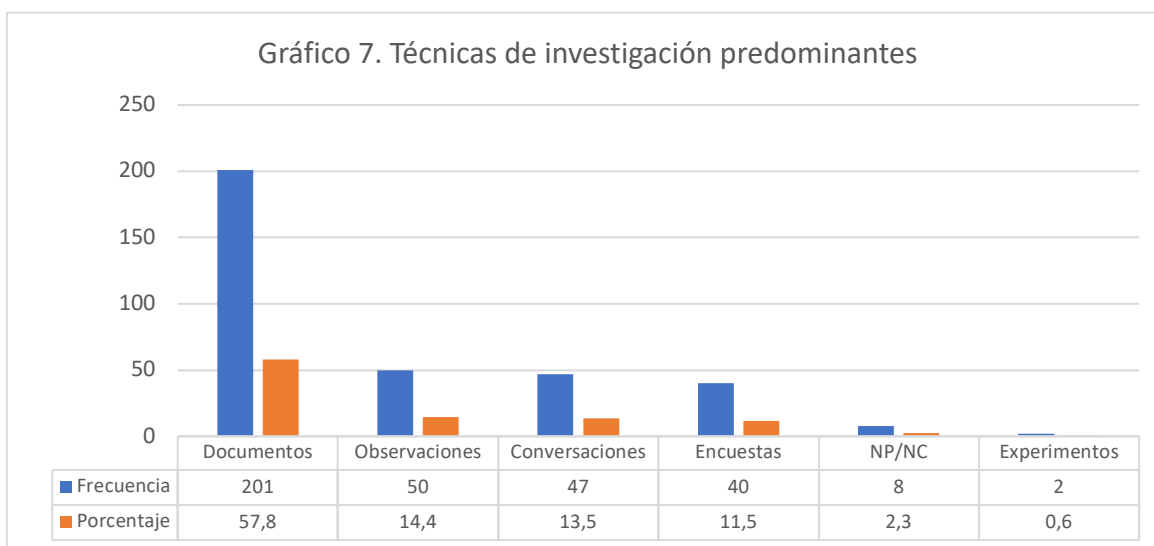
dos de cada tres tesis (62,9%) se plantean describir sus objetos de estudio, es decir, registrar, clasificar, catalogar o definir prácticas de comunicación; en segundo lugar, muy lejos del anterior, están las tesis que buscan explicar sus objetos de estudio (22,4%), esto es, analizar sus causas, sus efectos, sus correlaciones o su evolución apelando a modelos teóricos conocidos o proponiendo modelos nuevos; en tercer lugar, están las tesis que persiguen poner a prueba, contrastar, validar o evaluar modelos teóricos y/o metodológicos (11,5%); y, por último destaca, por su poca utilización, aquellas tesis que pretenden intervenir (2,9%) con metodologías creativas para incidir directamente en conductas personales o procesos sociales.



Fuente: Elaboración propia.

Con respecto a la metodología, en las tesis analizadas predomina los análisis de documentos (57,8%), es decir en torno a doscientas tesis se utiliza el Análisis de contenido (24,7%) como técnica predominante, seguido del análisis documental (18,4%) y, por último, el análisis del discurso (15,5%). En este sentido, las principales triangulaciones metodológicas se

suelen hacer con las mismas fuentes documentales (27,6%), en segundo lugar, aparecen las tesis que no suelen hacer ningún tipo de triangulación metodológica (24,4%) y también destaca, por su poca utilización, la triangulación metodológica con expertos (9,8%).



Fuente: Elaboración propia.

Muy lejos del análisis de documentos aparecen otras técnicas de investigación como las que se sustentan en las observaciones (sistemáticas o participantes), las técnicas de conversación (entrevistas, dinámicas y discusiones en grupo), encuestas (de opinión o de actitudes) y casi

imperceptible (solo dos casos) las técnicas experimentales.

V. Conclusiones

Una de cada ocho tesis doctorales en comunicación que se presentan en alguna

universidad española entre 2007 y 2018 tienen que ver con Latinoamérica y estas se diferencian del resto de tesis por su especificidad temática, es decir, por abordar asuntos muy concretos que definen a los países, a las sociedades, a los problemas y procesos sociales, así como a los personajes más característicos de esta región del mundo. Fuera de este rasgo temático hay pocas más diferencias. Por lo tanto, son muchas más las similitudes que las oposiciones de la investigación en Comunicación en España cuando se habla de Latinoamérica puesto que la forma de investigar, lógicamente, es como se investiga en las universidades españolas.

El predominio de las mujeres autoras de tesis doctorales en Comunicación (MapCom, 2017; 2020) es de seis puntos porcentuales más arriba que los hombres, sin embargo, las mujeres autoras de tesis doctorales en Comunicación que tienen que ver con Latinoamérica duplica su distancia con respecto a los hombres, trece puntos porcentuales por encima. Este dato en sí mismo no es relevante, pero sí apunta una variación significativa con respecto a las tendencias dominantes.

El hecho de que una de cada tres tesis doctorales en Comunicación se refieran a México constata las referencias predominantes en las que destacan temas como: campañas sobre racismo; discurso de la pobreza en la prensa escrita; exilio periodístico español de 1939; identidad cultural de los migrantes mexicanos en los Estados Unidos; manipulación informativa en relación a los feminicidios y secuestros de mujeres y niñas en Ciudad Juárez; mito de “la llorona”; narco-telenovelas: la construcción de nuevos estereotipos de mujer en la ficción televisiva; percepción social y autopercepción del periodista; representación de las mujeres en el cine mexicano; subcultura del narcotráfico en Tijuana; violencia en Chihuahua, etc.

Las tesis doctorales relacionadas con Norteamérica (México), Sudamérica (varios países) y Latinoamérica (referencia genérica) tienen como principal temática al Periodismo, sin embargo, la segunda temática predominante varía en cada caso: para las tesis relacionadas con Latinoamérica es el Cine, en tanto que para Sudamérica es la Política, en tanto que para México se reparte entre la Política, las Redes sociales y la Televisión.

Bibliografía

Beneyto, J. (1969). Repertorio de la información española: centros y especialistas españoles dedicados al estudio y la investigación de los medios de comunicación de masas. Madrid: Ministerio de Información y Turismo.

Bourdieu, P.; Passeron, J. C. y Chamboredon J. C. (1988). El oficio del sociólogo: presupuestos epistemológicos (11a. ed.). México D.F.: Siglo XXI.

Cáceres, M. D. y Caffarel, C (1993). La comunicación en España: planteamientos temáticos y metodológicos entre 1987 y 1990. En: La investigación en la comunicación, Madrid: AICE, 23-30.

Caffarel, C.; Domínguez, M. y Romano, V. (1989). El estado de la investigación de comunicación en España (1978-1987). CINCO, Nº 3, Madrid, AICE, 45-57.

_____.; Ortega, F.; Gaitán, J.A. (2017). Investigación en Comunicación en la universidad española en el período 2007-2014. El profesional de la información, v. 26,

n. 2, 218-227.
<https://doi.org/10.3145/epi.2017.mar.08>
[15/09/20].

_____.; Piñuel, J.L.; Lozano, C. & Gaitán, J.A. (2019). Base general de datos MapCom sobre Proyectos I+D y Tesis Doctorales realizados en España de 2007 a 2013, e-cienciaDatos, V1
<https://doi.org/10.21950/ZQRFFA> [15/09/20].

Equiza, P. (1986). Juan Beneyto, periodismo y universidad. Alicante: Caja de Ahorros Provincial.

Jones, D. E. (1998) Investigación sobre comunicación en España: evolución y perspectivas. ZER - Revista de Estudios de Comunicación Vol. 3, Núm. 5. Universidad del País Vasco.

_____. (2000). Investigación sobre comunicación en España: aproximación bibliométrica a las tesis doctorales (1926-1998). Barcelona: ComCat.

Kuhn, T. S. (1971). La estructura de las revoluciones científicas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.

Lozano, C. y Gaitán, J. (2016), "Vicisitudes de la investigación en comunicación en España en el sexenio 2009-2015". Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones", 9(2), 139-162. DOI: [dx.doi.org/10.12804/disertaciones](https://doi.org/10.12804/disertaciones) [15/09/20].

Lozano, C.; Gaitán, J. A.; Caffarel, C.; Piñuel, J. L. (2020). "Una década de investigación universitaria sobre Comunicación en España, 2007-2018". Profesional de la información, v. 29, n. 4, e290412. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.jul.12> [15/09/20].

MapCom I (2017). El sistema de investigación sobre prácticas sociales en Comunicación: mapa de proyectos, grupos, líneas, objetos de estudio y métodos. Proyecto I+D financiado por Ministerio de Economía y Competitividad, España. <http://www.mapcom.es/> [15/09/20].

MapCom II (2020). Mapas de la Investigación en Comunicación en las universidades españolas de 2007 a 2018. Proyecto I+D financiado por Ministerio de Economía y Competitividad, España. <http://www.mapcom.es/> [15/09/20].

Martínez, M. (2009). La investigación sobre comunicación en España. Evolución histórica y retos actuales. Revista Latina de Comunicación Social, n. 64, 1-14. <https://doi.org/10.4185/RLCS-64-2009-800-01-14> [15/09/20].

Martínez, M. y Saperas, E. (2011). La investigación sobre comunicación en España (1998- 2007). Análisis de los artículos publicados en revistas científicas. Revista Latina de Comunicación Social, n. 66, 101-129. <https://doi.org/10.4185/RLCS-66-2011-926-101-129> [15/09/20].

_____ (2016). Objetos de estudio y orientación metodológica de la reciente investigación sobre comunicación en España (2008-2014). Revista Latina de Comunicación Social, 71, 1 365-1 384. <http://www.revistalatinacs.org/071/paper/1150/70es.html> [15/09/20].

Pacheco, M.; Vicente, M. y González, T. (coord.) (2013). Investigar la Comunicación hoy. Revisión de políticas científicas y aportaciones metodológicas. Simposio Internacional sobre Política Científica en Comunicación. Universidad de Valladolid,

Facultad de Ciencias Sociales, Jurídicas y de la Comunicación.

Piñuel, J. L., Lozano, C. y Gaitán, J. A. (2015). "Propuesta de estudio para realizar un mapa de la investigación en comunicación en América Latina". *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación (ALAIIC)*, 22 (12), 44-54.

Real Decreto 99/2011, de 28 de enero, por el que se regulan las enseñanzas oficiales de doctorado. Ministerio de Educación, España «BOE» núm. 35, de 10 de febrero de 2011

Referencia: BOE-A-2011-2541.
<https://www.boe.es/buscar/pdf/2011/BOE-A-2011-2541-consolidado.pdf>. [15/09/20].

Thompson, J. B. (1993): *Ideología y Cultura Moderna. Teoría crítica social en la era de la comunicación de masas*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana.

Urabayen, M. (1994). *La investigación sobre comunicación social en España: panorama general. Cultura y comunicación social: América Latina y Europa ibérica*. Barcelona: CEDIC, 81-86.

ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC
UNIVERSIDAD PONTIFICIA BOLIVARIANA – UPB
2020